SEGUNDA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS
PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS de Portugal.

POR FR. LUIS CACEGAS

Da mesma Ordem, e Provincia, e Chronista della.

Reformada em Estilo, e ordem; e amplificada em successos, e particularidades

POR FR. LUIS DE SOUSA

Filho do Convento de Bemfica.

LISBOA

Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1767.

Á RAINHA
NOSSA SENHORA.

SENHORA.

ESTE que he o ſegundo volume na hiſtoria, he o primeiro na ventura. Hoje a logra na ouzadia, de que eu hoje me viſto pera o tributar à protecçaõ de Voſſa Mageſtade, em cujo ampa-

ro, e auſpicio ſe naõ atreverá, nem a eſquivala a enveja, nem a mordela a calumnia. Livre elle, e ſeguro com eſte ſeguro real, daquella eſquivança, e deſta mordacidade, entra aos reaes pés de Voſſa Mageſtade confiado, e ſahe delles prezumido, creſceriaõ ſuas preſunçoens a ſoberbas, ſe eſte vicio naõ encontrara, nem deſmentira as virtudes religioſas que nelle ſe trataõ, ainda que com eſtilo elegante, em argumento humilde; pois he a humildade monaſtica, o apoyo a toda a perfeiçaõ evangelica.

Naõ he, Senhora, a Voſſa Mageſtade dadiva, he divida; e divida por muitos direitos, todos procedidos de ſeu aſſumpto. He elle a hiſtoria de S. Domingos, particular do Reino de Portugal: por ſer da Ordem de S. Domingos, he todo, pois he ella toda de Voſſa Mageſtade porque ſendo Guſmaõ eſte ſanctiſſimo Patriarcha, eſtá vinculado ao natural ſangue de Voſſa Mageſtade com hum travado parenteſco, em que ſe competem tantos titulos de Regio, quantos ſeculos de antigo. Por ſer tambem hiſtoria particular do Reyno de Portugal, he tambem todo de Voſſa Mageſtade pollo Scetro Portugues que impunhou, meneado com huma regencia, aceitada com eſtranho valor, dimitida com ſingular deſapego, continuada com huma prudencia, tanto como acertada, ditoza digo, já por lograr, nas perigozas batalhas que V. Mageſtade emprendeo, taõ glorioſas vitorias, que fazendo pezares de tempo, e ſem dar lugar

ao

ao deſcuido, as eſcreve a fama, mais que em marmores, em diamantes, mais que em diamantes, em immortalidades: já pollos feliciſſimos deſpoſorios da Sereniſſima Infante, Rainha da grão Bretanha, por lograrem os animos naquelle Reyno Catholicos, deſafogo no trato das couſas concernentes à religiaõ Catholica, com huma porta aberta a mayores eſperanças. He finalmente eſte volume todo devido a Voſſa Mageſtade por ſer a materia, de que trata, hum trato eſpiritual de vidas ſantas, de que Voſſa Mageſtade ſe paga tanto, que nas tregoas que faz com as occupaçoens do eſtado, tem por dilicias o retiro pera ſe recrear neſta liçaõ.

E aſſi póde ſervir eſte livro a Voſſa Mageſtade, ou de fiador à vontade, ou de arrefens ao alivio, pois foy ſeu Author o Padre Fr. Luis de Souſa, taõ dilicioſo na penna, como auſtero na vida. Toda a gaſtou neſta Religiaõ; foy taõ penitente, que o matou, mais do que o mortificou, porque pareceo ſempre mais morto, que mortificado. Nunca o poderá eſtar quem lêr eſte livro, o qual no caſto das palavras, no culto da locuçaõ, no claro das ſentenças (he a clareza ligitima cultura) no proprio do Idioma, faz conhecer, e confeſſar na noſſa lingoa Portugueſa, huma mageſtade elequente, e huma eloquencia mageſtoſa, ſem pedir lizonjas aos hyperboles, nem temeridades às lizonjas. Nunca as fez, nem ſoube fazer o Author deſte livro, nem eu as faço offerecendoo ambos a Voſſa

Ma-

Mageſtade , a quem peço humilhado a ſeus reaes pés , ſeja ſervida permittir , que neſta minha acçaõ pera que naõ fique meu atrevimento queixoſo , fique meu animo diſculpado. Guarde Noſſo Senhor a peſſoa de Voſſa Mageſtade por feliciſſimos annos.

Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

PRO-

PROLOGO,

E VIDA DO AUTHOR.

HE esta segunda parte da Historia de S. Domingos particular do Reyno, e Conquistas de Portugal, parto posthumo do Padre Frey Luis de Sousa, sae à luz pera dar satisfaçaõ aos desejos que mostravaõ todos, os que o conheceraõ; e ainda os que sómente tiveraõ liçaõ de suas obras, de verem estampadas as que faltavaõ; e tambem por atalhar as queixas com que muitos ambiciosos deste thesouro escondido arguiaõ o descuido com que se avia a Religiaõ, em o ter tanto tempo sepultado, e quasi ja esquecido; e certo que parece foy providencia particular, que como thesouro de grande preço fossem dar os originais da propria letra do Author, no Mosteiro do Sacramento, como a porto seguro, aonde o achamos taõ guardado, como estimado das Religiosas por sua liçaõ, igualmente devota, e deleitosa pera naõ fazerem naufragio, como fizeraõ outras obras do mesmo Escritor.

E supposto sae à luz depois de sua morte, já nos fica liberdade, e nos corre juntamente obrigaçaõ de darmos huma breve noticia de seu nascimento, vida, e morte: pois naõ se póde negar que he divida de agradecimento, divulgarmos pollo mundo as qualidades, e virtudes de hum sujeito, posto que com humilde estilo, que com taõ nobre, e levantado methodo, à custa de tanto trabalho seu, honrou tanto a Religiaõ, e seus filhos com seus escritos. Alem de que como nesta segunda parte se trata do Convento de S. Domingos de Bemfica, e de seus filhos; e o P. F. Luis de Sousa

sa

ſa he filho , na profiſſaõ do meſmo Convento , fica eſte lugar devido a ſeu naſcimento , e virtudes. Ao naſcimento porque ſendo eſte taõ nobre como foy, fica realçando mais a reſoluçaõ com que ſe retirou do mundo, e fugio pera o ſagrado da religiaõ em cuja immunidade ficou livre de ſer preſo dos affectos delle , e dando luſtre muy notavel às heroicas virtudes que em ſua vida obrou : que quando a nobreza vem abraços com a virtude , naõ ſe pode negar , que lhe communica eſmaltes taõ viſtoſos , que muitos como envejoſos ſe movem , e reſolvem a ſeguilla.

As virtudes , e das virtudes , porque ſendo eſtas liçaõ viva , e animada , daõ nova alma , e tal vida à eſcritura que quem a lê , fica com os olhos da alma abertos pera ver que o acerto principal, e unico da vida he guiar os paſſos pollo caminho da virtude. Da morte finalmente , porque como foy placida por ter ſido acompanhada de boas confianças no Pay das miſericordias , fará enveja a muitos pera eſcolherem antes viver na Religiaõ com pobrezas , e trabalhos pera ter felicidades na morte ; que paſſar a vida no mundo com abundancias pera morrerem pobres de merecimentos, e com ſuſtos nas almas.

Começando pois pollo naſcimento, o Padre Frey Luis de Souſa , no mundo chamouſe Manoel de Souſa Coutinho, foy filho de Loupo de Souſa Coutinho, e de Dona Maria de Noronha, foy ſeu pay muy celebrado entre fidalgos do ſeu tempo, por ſeu grande valor , juizo , gravidade da peſſoa , prendas ſingulares , muita Philoſophia em ſaber viver , e ſaber retirarſe ; e ſobre tudo por ſer grande Chriſtaõ. O valor moſtrou na India , ſendo Governador della o grande Nuno da Cunha , nas heroicas obras que fez : mormente no cerco de Dio, em que ſe achou. O juizo , no governo com que foy Capitaõ na Mina ; e no provimento que levou , e ſoube diſtribuir aos lugares de Africa por mandado d'elRey Dom Sebaſtiaõ. A preſença , e gravidade da peſſoa era taõ digna de reſpeito , que obrigava a ſe comporem por ſy, todos os que o converſavaõ , e dizem que até o meſmo Rey ſe compunha quando fallava com elle , naõ era tanto artificio , quanto natural,

tinha

tinha grandes obrigaçoens à natureza, e por isso teve taõ poucas à fortuna: que de ordinario naõ se compadecem humas com outras; foy taõ Philosopho, que lhe chamaraõ o Cataõ Uticense de seu tempo, e assi sendo muito aplaudido por ser a gala da conversaçaõ, grande Latino, humanista, bastante antiquario, e historico, grande Poeta, como mostraraõ as memorias que deixou do Cerco de Dio, e da perdiçaõ de Manoel de Sousa de Sepulveda; huma, e outra cousa relatada em verso solto; e singular Matematico, como se vio em muitas obras suas. Sendo pois este, retirouse a Santarem, aonde soube em vida ensinar seus filhos, e mostrarse na morte bom Christaõ: morreo sem embaraços, porque em vida ajustou seu estado com suas rendas: escolheo pera seu jasigo a Capella mór do Salvador, Freguesia sua em Santarem.

Seu filho Manoel de Sousa Coutinho, se naõ herdou seu Morgado por ser o quinto filho na idade de seis que teve, foy herdeiro de suas prendas, imitando como bom filho a taõ bom pay. De pequeno foy logo mostrando o que despois veyo a ser; que de ordinario se mostra hum naõ sei que de bem naquelles, que Deos tem escolhido pera sy, que logo os dá a conhecer no modo, que nesta vida se permitte. Ajudou a boa criaçaõ ao bom natural, foy crecendo na Latinidade, na Poesia, nas noticias de historias, nas antiguidades, e no conhecimento de todas as cousas, no trato, nos termos, na discriçaõ, e na Philosophia Christãa, que parecia já nosso Cataõ em poucos annos, desejado, bem visto, e aplaudido de todos, por judicioso, entendido, e singular na conversaçaõ.

Naõ lhe faltou valor pera as armas: e assi levado deste na primavera de seus annos entrou por Noviço na Religiaõ de S. Joaõ do Hospital em Malta, mas Deos, que o tinha determinado pera outra, em que seus exercicios fossem muito differentes, e aventajados na perfeiçaõ, divertioo desta, e deulhe muito differente em hum bom ensayo de sofrimento, e paciencia, pera ir aprendendo por experiencia o que tinha alcançado polla liçaõ, nas mais desarrezoadas acçoens, e procedimentos injustos: e foy que antes de professar, o

cativaraõ os Turcos; e devia de naõ ser conhecido por noviço daquella taõ illustre, e valerosa Religiaõ; porque se o conheceraõ os Turcos, difficultosamente teria quartel, e com mayor difficuldade resgate; que assi o costumaõ usar, naõ só com os Freires da Religiaõ, mas ainda com os naturaes da Ilha de Malta, pollo grande odio que a todos tem, a respeito dos danos que recebem de seu valor, e braço nos recontros da guerra; assi os trataõ, quando os deixaõ vivos, com notavel desprezo, tormento, e tyranía, como quem deseja que se acabem aquellas vidas brevemente em seu poder: e assi boa escóla, e boas liçoens de máo tratamento, e de paciencia teve nesta vida, o tempo que lhe durou taõ duro cativeiro, Manoel de Sousa Coutinho; mas foy Deos servido que escapasse delle com resgate; naõ lhe foy possivel continuar o noviciado por razoens forçozas, veyose pera sua patria; que esta nunca esquece. Por vezes passou às Indias, Oriental, e Occidental, por causa de guerras, e de outros respeitos de honra, que a isso o moveraõ; mostrando sempre nas occasioens valor, e generosidade de Nobre, e de Portugues.

Posto na patria outra vez continuou seus exercicios costumados, honestos sempre, e de utilidade, até que veyo a se casar com D. Magdalena de Vilhena viuva de poucos annos de D. Joaõ de Portugal que ficou juntamente com seu pay D. Manoel de Portugal filho de D. Francisco de Portugal primeiro Conde do Vimiozo, na batalha de Alcacer em Africa, servindo, e seguindo a elRey D. Sebastiaõ. Com esta senhora esteve casado alguns annos, sem ter della mais que huma filha que falleceo de pouca idade; até que ambos de commum consentimento fizeraõ hum divorcio santo, e se meteraõ na Religiaõ.

Sobre o motivo proximo que tiveraõ pera huma resoluçaõ taõ notavel, ouvimos fallar variamente; porém tomando informaçaõ de pessoas que disso tinhaõ certa sciencia, achamos que foy o seguinte. Moravaõ na sua quinta de Almada, e succedeo, que estando ausente Manoel de Sousa Coutinho, visitou o Padre Fr. Jorge Coutinho seu irmaõ hum dia sua cunhada D. Magdale-

dalena ; eſtando ambos praticando , lhe derão recado que lhe queria fallar hum peregrino que vinha de fóra do Reyno. E mandado vir à ſua preſença diſſe : Senhora, ſou Portugués , fui por devação vizitar os lugares ſantos de Jeruſalem ; e querendome já voltar pera eſte Reyno me foy demandar hum homem Portugués , ſegundo ſe colhia de ſeu fallar, o qual depois de ſe informar de quem eu era , e como vinha pera Portugal, me encommendou que paſſaſſe por eſta villa ; e ſendo voſſa mercê viva lhe diſſeſſe , que ainda por lá vivia quem ſe lembrava de voſſa mercê. Iſto he o que me trouxe aqui. Ficou D. Magdalena ſuſpenſa , ouvindo eſte recado ; e perguntou, que eſtatura de corpo, que feiçoens , e que côr de roſto tinha o homem que dera aquelle recado ? O peregrino foy deſcrevendo todos os accidentes peſſoais aſſi como os tinha viſto com os olhos ; e tudo quadrava ao vivo á peſſoa de D. João de Portugal. Deu hum deſmayo a D. Magdalena de Vilhena ; o que vendo o Meſtre Fr. Jorge Coutinho levantouſe, e ſahio com o peregrino pera a ſalla de fóra , aonde avia muitos quadros , entre os quaes eſtava tambem o retrato de D. João de Portugal ; e diſſe ao peregrino : Se virdes a imagem daquelle homem, que vos deu o recado em Jeruſalem, conheceloeis ? reſpondeo que ſim : e correndo os olhos pellos quadros ſem demora, apontou pera o quadro de D. João de Portugal , dizendo, que o homem, que lhe fallara, todo ſe parecia com aquella imagem ; e com iſto ſe deſpedio.

Eſte foy o motivo que ouve pera ſe apartar Manoel de Souſa Coutinho de D. Magdalena de Vilhena, depois de viverem tantos annos tão bem caſados : porque chegando elle de fóra, ella lhe relatou tudo o que tinha paſſado com o peregrino , e o mais que tinha viſto ſeu irmão o M. Fr. Jorge : e aſſi que viſſe o que na materia ſe devia fazer. Não ſe ſuſpendeo , mas reſpondeo logo dizendo : Atégora, ſenhora , vivi em boa fé comvoſco ; e creo de vós que na meſma viveſtes comigo : porque fio de vós que não caſarieis outra vez, ſe não tivereis por certa a morte de voſſo primeiro eſpoſo D. João de Portugal ; porém ſe foy engano inculpavel , ou iſto he ordem de Deos pera eſcolhermos

melhor vida, desde logo pera sempre nos apartemos. Naõ daremos de nós boa conta a Deos, se he ordem sua; que estas sempre tem por alvo o que he mais perfeiçaõ: e nem ainda ao mundo, se ficarmos nelle apartados; o que mais convem, he fogir pera o sagrado da Religiaõ. Naõ fugiremos de todo ao mundo, se fugirmos pera onde possamos ver seus tratos, convem apartar delle de sórte, que nem nos veja mais, nem o vejamos. O caminho está franco; pois hum penhor que tivemos foy Deos servido de o levar pera sy em tenros annos; está no Ceo, assi o creo; pera lá nos chamaõ as saudades; a idade já nos desengana; a vaidade do mundo a vozes clama; a occasiaõ presente nos obriga; o exemplo dos Condes do Vimioso, que com santo divorcio se retiraraõ, elle pera o Convento de Bemfica, ella pera o do Sacramento, novo espelho de perfeiçaõ, exemplar escondido de virtudes, em tudo deleitoso jardim pera o Ceo, nos convida, e anima juntamente o seguir seus passos pollos mesmos caminhos: esta eleiçaõ parece necessaria, este emprego julgo por melhor.

Mal tinha acabado de fallar, com mais viva eloquencia, quando D. Magdalena se mostrou em tudo muy conforme, sem o minimo sinal de sentimento, porque lhe ditava o juizo interiormente, e a vontade abraçava tudo quanto estava ouvindo. Tinhaõ os Condes de Vimioso D. Luis de Portugal, e D. Joanna de Mendoça fundado naquelle tempo o Mosteiro do Sacramento, que ainda estava junto ao postigo do Arcebispo, abaixo de S. Vicente de fóra, aonde a Condessa professara; e o Conde estava em S. Domingos de Bemfica; seguiraõ ambos a mesma derrota, D. Magdalena tomou o habito no Sacramento, e Manoel de Sousa Coutinho em S. Domingos de Bemfica; e polla grande amizade que tinha com o Conde, até o nome de Manoel renunciou, e tomou o nome de Luis; ella se chamou Soror Magdalena das Chagas; e em quanto viveraõ naõ se viraõ mais, nem se fallaraõ, nem ainda se trataraõ por escrito.

Neste successo taõ estranho fizeraõ muitos juizo de huma supervivencia, em que fundaraõ grandes esperan-

peranças ; mas naõ me perſuado nos podemos acomodar com eſte parecer , que naõ he crivel que peſſoas de tal qualidade, juizo, e de tanta chriſtandade como tinhaõ, notoriamente chegaſſem a celebrar ſegundo matrimonio ſem a certeza da morte, que conforme a direito ſe requere: e aſſi ſómente ſe offerece, entre ſuſpenſaõ no caſo , ſe ſeria o peregrino do recado algum Anjo, ſuppoſto que a reſoluçaõ foy taõ admiravel que deixou hum raro exemplo ao mundo : e o bem eſpiritual, que a ambos ſe ſeguio , póde ſervir de eſpelho pera todos , que naõ he novo no mundo ſervir hum habito de peregrino de caçar caça de almas pera Deos, pois lemos que em trajos de peregrino ſe moſtrou Chriſto S. N. pera reduzir os dous que pera Emaus ſe retiravaõ, alheos do amor, por deſconfiados.

Tomou pois o P. Fr. Luis o habito , e profeſſou em dia do Naſcimento da Senhora, 8. de Septembro de 1614. nas mãos do P. M. Fr. Joaõ de Portugal que era Prior de Bemfica, e Vigairo tambem do Moſteiro do Sacramento : e a primeira couſa, que póde cauſar eſpanto , he que vindo taõ tarde à Religiaõ , naõ eſtranhou a gaiola da caſa dos noviços : aſſi ſe acomodou com os officios de humildade , com os exercicios de mortificaçaõ , e penitencia , com a continnaçaõ do Coro , e mais communidades , com a experiencia das obediencias no anno de approvaçaõ, e finalmente com a companhia , e converſaçaõ dos noviços , differentes na idade , e alguns tambem na condiçaõ, como ſe lhe naſcera a penugem neſte modo de viver : nem ſe deve julgar eſta ſociedade fraternal por couſa de pouca conſideraçaõ , porque niſto ſe moſtra mais ao manifeſto que as Religioens ſaõ couſas de Deos , porque ver o grande , e o pequeno, o nobre, e o humilde no mundo, o velho, e o moço, todos juntos no meſmo coro, na meſma meſa , na meſma converſaçaõ , trato, officios, e exercicios, he huma demonſtraçaõ particular da divina Providencia, que eſtá conſervando com uniaõ tantos ſujeitos taõ differentes. Aſſi parece que o quis moſtrar Deos na ſua Igreja pelo profeta Iſaias : Habitaráõ (diz o Profeta) juntamente o lobo , e o cordeiro, o leaõ com o novilho, animais, que por natureza

tem

tem oppoſiçaõ, ſem que ſe offendam huns aos outros, ſendo paſtoreados por hum moço de pouca idade: e neſta igualdade de naturezas, oppoſtas entre ſy, vemos reſplandecer a aſſiſtencia com que Deos aſſiſte a ſua Igreja. O meſmo em ſeu modo vemos na Religiaõ aonde o P. Fr. Luis, taõ brioſo no mundo em pontos de honra, que chegou a ſer Nero de ſua propria caſa, porque o naõ obrigaſſem a ſe tirar della; taõ ſujeito, humilde na Religiaõ, que ſendo o meſmo, moſtrava bem em ſua modeſtia, compoſiçaõ, e em ſeu ſofrimento, que já naõ era o que tinha ſido; e que aquella mudança fora verdadeira traça da maõ de Deos.

E naõ he menor argumento de admiraçaõ a perſeverança que ſempre teve em tudo, do dia em que tomou o habito, até o fim de ſua vida: a meſma pobreza, o meſmo rigor com ſua peſſoa, o meſmo finalmente em todas as virtudes, que naõ ſe póde negar que a perſeverança ſem alteraçaõ no trato, e no procedimento, he pedra de toque das virtudes: tinha huma tença groſſa em vida; tanto que entrou na Religiaõ, naõ ſoube, nem ſe quis aproveitar della pera couſa alguma, nem admittio nunca ter dinheiro em depoſito da Communidade, couſa que he permitida: o habito que lhe dava a Religiaõ, eſſe trazia em quanto ſe podia remendar; na cella naõ avia em que pôr olhos, cama de lãa ſem couſa que a cobriſſe, como eraõ tambem as tunicas de que uſava; hum tanho pera ſe ſentar, e niſto ſe reſumiaõ todas ſuas alfayas. Quis ſeguir niſto o exemplo do grande Meſtre Fr. Luis de Sotomayor, que nunca admitio na ſua cella outro aſſento, como tambem ſeguio o do Arcebiſpo Dom Fr. Bertholameu dos Martyres, porque naõ ſe contentava com jejuar os ſete meſes, e outros jejuns da Ordem no reſtante do anno, mas além diſto deixava ſempre meya porçaõ de tudo o que lhe davaõ no refeitorio, pera os pobres, porque naõ ſe dava por ſatisfeito com guardar as conſtituiçoens à riſca, como ſempre guardou em toda a idade; mas queria acrecentar de mais quanto podia. O meſmo era nas penitencias, nas diſciplinas, e no cilicio.

Fez continua guerra ao ocio, como quem entendia

dia bem quantos males naſcem da ocioſidade, e que na occupaçaõ continua conſiſte grande parte do livramento das tentaçoens, conforme o conſelho que S. Jeronymo deu ao Monge Ruſtico. E aſſi em quanto naõ teve a ſeu cargo eſcrever por ordem da obediencia, encarregouſe do officio de enfermeiro, em que moſtrou tal deſprezo de ſua peſſoa, e taõ rara humildade, que metia em confuſaõ, e edificava a quantos o viaõ, porque naõ ſó tratava dos medicamentos, e todo o mais neceſſario, de concertar, e alimpar a cella, e cama aos doentes; mas tambem ſe empregava nos mais humildes, e aſqueroſos miniſterios. Aſſiſtialhes ſempre aliviandoos com ſua converſaçaõ, que ſempre era ou com Deos, ou de Deos, como a de N. P. S. Domingos, ſem nunca ſe lhe ouvir palavra que pudeſſe offender, nem que ſe pudeſſe julgar por ocioſidade.

Na ſequella do Coro, e nas horas de oraçaõ era infalivel, mas naõ paſſava com a oraçaõ da Communidade; ſempre ficava mais tempo. E podemos dizer que a ſua oraçaõ era continua, naõ ſó por andar ſempre com jaculatorias na boca; mas porque de tudo quanto via, e ouvia, ſabia fazer eſcada pera ſubir com o penſamento a Deos, vendo ſempre as creaturas como meios pera conhecer a Deos, e aſſi fallava de tudo como couſa de Deos; paſſarinhos de Deos, hervas de Deos, habito de Deos, tudo finalmente na ſua boca era de Deos, porque naõ queria, nem entendia couſa ſem Deos. De N. Senhora era devotiſſimo, nunca faltava em rezar o Roſario, e outras devaçoens; mas o que dizia fallando com a Senhora, viſitando todos os dias ſeu altar, enternecia a quem eſtava junto delle, e o ouvia. A devaçaõ, que teve ao Santiſſimo Sacramento, foy notavel: naõ deixou nunca de dizer Miſſa, por mais occupaçoens, que tiveſſe; e diziaa com tal pauza, e demonſtraçoens de devaçaõ que edificava muito aos ouvintes. Finalmente em tudo o que fazia, e dizia, e ſó com aparecer edificava, porque parecia hum retrato de penitencia.

Na obediencia foy ſingular Religioſo, porque, como diſſe Santo Thomás a huns fidalgos Neapolitanos, que lhe notaraõ aceitar ir por companheiro de hum procura-

cura-

curador que o levava atropelado, porque caminhava depressa, e naõ sabia quem levava consigo: Toda a Religiaõ, disse o Santo, consiste na obediencia com que hum homem se sojeita a outro por amor de Deos, assim como Deos se veyo a sujeitar aos homens por amor dos mesmos homens. O P. Fr. Luis de Sousa naõ só obedeceo em tudo, mas com toda a vontade, e sem replicas, e tal vez deixou de replicar sendo a materia da obediencia tal, que no parecer dos que o viaõ, tinha direito, e obrigaçaõ de replicar, mas parece que tambem tinha sujeito o juizo, que he a obediencia mais custosa, e por isso de mais merecimento. Pelo que mal se lhe póde notar aceitar elle o cargo de escrever, ainda cousas que naõ eraõ da Religiaõ: que a hum Rey naõ se responde naõ; mais que nas materias que saõ contra Deos; mormente quando seos mandados nos saõ encarregados polos Prelados. E se em quem aceita com estas condiçoens ouvera culpa, com que se póde izentar della quem a pretende? Disse Santo Thomás no Opusculo da perfeiçaõ da charidade, que se póde aceitar hum Bispado, quando a necessidade da charidade o pede: como poderá hum Religioso deixar de aceitar huma occupaçaõ licita, util, e louvavel, quando a obediencia lho manda?

Naõ se póde izentar de emulaçaõ culpavel, quem notar ao P. Fr. Luis de aceitar escrever livros, quando elle foi naõ sómente izento de honras, mas taõ opposto a ellas, que naõ estudou Theologia na Ordem por naõ ser prégador, sendo que o fora muito insigne, pois tinha taõ grandes partes da natureza, e da arte, juntas com seu espiritu, e seu exemplo de vida; e por estas razoens naõ faltou quem lhe quis pôr culpa, porque naõ tratou de o ser, que nesta vida naõ ha escapar de censuras. *Spectaculum facti sumus mundo &c.* disse S. Paulo; mas o P. Fr. Luis jugava lanços adiantados em materia de humildade, e segurança; vio bem o que diz o mesmo S. Paulo, sendo S. Paulo, que receava ficar reprobo quando prégava aos outros. Considerava tambem que se fosse prégador, podiaõ os Religiosos, ou os Prelados querer que fosse Prelado, e verse em perplexidades; e assim achou que mais seguro caminho era,

sup-

ſuppoſto veyo tarde, deixar de ſer Prégador. E quem cuida em naõ ſer Prégador por naõ ter cargos, mal ſe lhe pódem fazer cargos de aceitar a occupaçaõ de eſcrever hiſtoria, por obediencia.

Obrigado deſta, comeſou a eſcrever, e fazer mais cruel guerra ao deſcanſo; porque ſendo o trabalho de revolver cartorios, e papeis velhos com os caracteres já taõ cegos que cegaõ quem paſſa os olhos por elles; teve neſte particular muito trabalho o P. Fr. Luis; e com tudo eſcrevia todos os dias ao menos tres folhas de papel por ſua propria maõ, e coſtumava a dizer como as acabava, que já tinha feita a tareſa daquelle dia. Podemos dizer, que morreo com a penna na maõ; porém naõ eſquecido das obrigaçoens de Religioſo, porque, naõ obſtante a obrigaçaõ, ſempre ſeguio o Coro, e mais communidades; até lhe dar a ultima doença: naõ foy neceſſario deſenganalo que morria, porque em toda a vida depois de Religioſo andou ſempre acompanhado deſte deſengano; e quem viveo conſiderando que o habito, que trazia, era huma mortalha, naõ tinha que temer horrores da morte, antes alegrarſe com ella, por ſer meio pera gozar de outra vida que naõ ſe acaba. Aparelhouſe, pedio, e recebeo todos os Sacramentos, pedindo mil perdoens do máo exemplo que dera, dizendo à volta diſto tantas couſas, e taõ conſideraveis, que era neceſſario fazer hum livro pera as relatar. Falleceo em Mayo de 1632. eſtá ſepultado no antecoro de Bemfica junto aos degráos do Coro.

Deixounos o Padre Fr. Luis de Souſa huma memoria de ſua Poeſia na deſcripçaõ da vida de noſſo Patriarcha S. Domingos, nos verſos taõ polidos, devotos, e ſentencioſos, que ſe vem no clauſtro do Convento de Lisboa. Em proſa compoz nos ultimos annos de ſua vida, a hiſtoria de D. Fr. Bertholameu dos Martyres Arcebiſpo de Braga Primaz das Heſpanhas, chamado de todos Arcebiſpo ſanto; eſta ſe eſtampou, ſendo ainda vivo, obra taõ digna de ſeu Author, como louvada, e eſtimada de todo mundo, particularmente dos Prelados da Igreja, que a lém como aranzel de ſeu governo, e de ſuas acçoens. Eſcreveo mais a Chronica de S. Domingos particular do Reyno, e Con-

quiſtas de Portugal, repartida em tres partes; e ultimamente por mando delRey Dom Filippe IV. de Caſtella, no tempo em que governava eſte Reyno, eſcreveo a Chronica delRey D. Joaõ o III. de Portugal em dous livros. Eſta pedio à Ordem depois de ſua morte, quem governava eſte Reyno por mandado do meſmo Rey, pera ſe dar ao prelo, deuſelhe; mas naõ ſe imprimio, nem ſe póde deſcobrir, por mais diligencias que pera iſſo ſe fizeraõ, depois da feliciſſima acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. N. S. Da Chronica de S. Domingos ſómente a primeira parte ſe eſtampou em vida do Author: agora ſae à luz eſta ſegunda, que começa no anno de 1392. e proſegue a hiſtoria até o anno de 1513. No diſcurſo deſte tempo ſe fundaraõ neſta Provincia oito Conventos de frades, e quatro Moſteiros de freiras; a ſaber, o Convento de Bemfica, o de Ceita, que deſpois ſe mudou pera Tangere; e o de Aveiro, Villa-Real, Azeitaõ, Abrantes, Pedrogaõ, e o da ſerra de Almeirim. Os Moſteiros de freiras ſaõ, o do Salvador em Lisboa, o de Jeſu em Aveiro, Santa Anna em Leiria, e o de N. S. da Saudaçaõ em Montemór o Novo.

Fundaraõſe os Conventos de Bemfica, Aveiro, Azeitaõ, Salvador, e Jeſu de Aveiro, pera recoletas, em que ſe guardaſſem as Conſtituiçoens à riſca, com obſervancia muy exacta, governados por hum Vigairo geral, feito por eleiçaõ dos meſmos reformados; com ſujeiçaõ porém em algumas couſas aos Provinciaes da Provincia. Durou eſta ſujeiçaõ até os annos de 1468, mas dahi por diante foraõ iſentos em tudo por Breve Apoſtolico, que pera iſſo ſe impetrou; e a experiencia moſtrou, que permaneceo a obſervancia em todo ſeu rigor, em quanto durou a ſeparaçaõ. E como o Autor neſta ſegunda parte encontrou logo com os rigores da reforma, couſa tanto de ſeu genio, por ſer emprego de ſua devaçaõ, e eſpirito, apurou mais o eſtillo; porque o movia o Amor da obſervancia, que quando o Amor obriga a fallar, os colloquios deleitaõ, as razoens convencem, e as doutrinas tem efficacia pera mover, e aſſi ſe moſtrou o Author neſta ſegunda parte Poeta em deleitar, Orador em perſuadir, e Philoſopho

em

em obrigar a compor a vida; que saõ as tres partes, em que se cifra a perfeiçaõ de hum historiador consummado. Naõ se excedeo a sy mesmo; porque em tudo se dibuxou a sy mesmo, porque tratou na Religiaõ de dibuxar em sy muito ao vivo tudo o que via, e lia dos outros; e assi ficou sendo o exemplar de sua escritura em tudo o que escreveo dos outros. Averá por bem o benevolo, e pio Leitor, que se lhe naõ peça perdaõ das faltas desta obra, mas antes alviçaras de lhe offerecer huma lisonja ao gosto dalma, e hum manjar deleitoso pera o espirito.

Vale.

LICEN-

LICENÇAS.

DO REVERENDISSIMO P. GERAL.

NOs Fr. Ioannes Baptista de Marinis Sacræ Theologiæ professor, Ordinisque Fratrum Prædicatorum humilis Magister Generalis, & servus. Tenore præsentium nostrique authoritate officij facimus licentiam P. Fr. Antonio de Incarnatione nostræ Provinciæ Portugalliæ, ut possit publicis typis mandare secundam, & tertiam partem Historiæ Provinciæ nostræ Portugalliæ compositæ á R. P. Fr. Ludovico de Souza ejusdem Provinciæ, servatis servandis. Datum Romæ in Conventu nostro Sanctæ Mariæ super Minervam die 25. Iunij. An. Domini 1650.

Fr. Ioannes Baptista de Marinis
Magister Ord.

Rta. fol. 19.

Fr. Bernardinus de Venetiis
Magr. & socius.

Approvaçaõ do M.R.P. Mestre Fr. Thomás Aranha.

DE ordem, e commissaõ do muito Reverendo Padre Fr. Bertholameu Ferreira Mestre em sancta Theologia, Prior Provincial da Ordem dos Prégadores nestes Reynos de Portugal, Consultor, e Qualificador do Sancto Officio, ly com particular, e trasordinario empenho de cuidado, e applicaçaõ este livro, que se intitula Segunda parte da Historia de S. Domingos particular do Reyno, e Conquistas de Portugal, composto pelo muito R. P. Fr. Luis de Souza.

E bem

E bem pude dizer com Seneca : *Accepi librum tuum, qui tanta dulcedine me tenuit, & traxit, vt illam sine ulla delectatione perlegerem.* Mas assi como o hia passando, me achava com o juizo roubado, e dividido a hum, per ambas as partes, bem sustentado problema : se era mayor a recreaçaõ, e alivio, se o proveito, que (na esphera, e no tanto de minha frieza, e falta de espiritu) de semelhante liçaõ recebia, e agasalhava? Que bem podia este nosso grande Chronista prometter tambem com Seneca : *Ego verò, quod & mihi, & tibi possit prodesse, scribam.* E porque assi como nos frontispicios, e fachadas de sumptuosos edificios se poem as armas, e emprezas de quem as fundou, e com custoza magnificencia fabricou, tambem na face, e prologos dos grandes livros, e insignes obras naõ lustraõ mal, nem como improprias desdizem (antes as vemos muy uzadas, e bem recebidas) as noticias, e relaçoens da vida, virtudes, e boas qualidades de seus compositores, e authores : pelo que me pareceo naõ só conveniente, mas louvavel, e meritorio fazer huma breve mençaõ no papel deste meu sentimento, e censura, de alguma das excellentes virtudes, e prendas do Padre Frey Luis de Sousa : advirtindo, que se ouver algum critico, que diga excedo eu nisto as leys, e ordem de Revedor, e Qualificador do livro, naõ poderá negarme farey hum muy grato obsequio à honra de minha sagrada Religiaõ, e à obrigaçaõ, que todos temos a hum sogeito, que tanto nos honrou : e outrosi à fraternal charidade, e boa correspondencia de animo, que eu sempre com elle tive com manifesta onzena de minhas melhoras, e dos sabidos interesses, que do seu trato, e amizade me resultavaõ.

Seneca Epist. 46.

Epist. 23.

As obras posthumas costumaõ desenterrar o nome de seu author pera a conservaçaõ da memoria (cuja falta, e perda no juizo, e cuidado dos vivos, he o primeiro dispendio, e effeito, que a morte faz, e traz consigo) mas este volume posthumo do Padre Frey Luis de Sousa, naõ só podia dar nova vida à sua fama, se a considerassemos jà diminuida, ou sepultada; senaõ que tambem está resuscitando suas virtudes pera o exemplo; mayormente nos que como irmãos seus lhe

de-

devemos emula, ſancta, e proveitoſa imitaçaõ. E ſe alguem ja diſcretamente diſſe que huma carta era retrato dalma, claro eſtá que mais copioſo, e vivo o poderá ſer todo inteiro hum livro.

Neſte temos primeiramente aquelle proprio, e grande valor, que ſendo ſecular o Padre Frey Luis de Souſa ſempre teve pera todas as pontualidades, e gentilezas humanas, com as guardas mudadas; e deſpois de entrar na Religiaõ pera todos os empregos, e luzimentos eſpirituaes, apoſtandoſe como verdadeiro, e eſſencial Religioſo a deſterrar da ſua alma affectos humanos, e tudo o que cheiraſſe a reſpeitos de carne, e ſangue; como provou bem, deixando tantos annos de ir ver a ſua querida prenda, a quem pola força do vinculo conjugal podia chamar: *dimidium animæ ſuæ*; com mais razaõ do que teve o outro Poeta pera pôr eſte nome ao amigo que navegava.

Na obſervancia da pobreza religioſa, deſpois que ſolemnemente a votou, ſe fez tamanho lugar, e ſe abalizou tanto, que eſtou lembrado de como, indo eu ao Convento de Bemfica, e entrando na ſua pobre cella, e vendoa tam limpa, deſenfeitada, e deſpejada de todo o ornato, e concerto (atè dos que religioſamente ſe permittem) lhe diſſe eu que aſſi como o outro Corteſaõ galantemente ſentira que a razaõ de ſerem os Poetas de ordinario muy pobres, era, porque punhaõ toda a prata, e ouro, e todos os diamantes, e perolas nos ſeus verſos, e aſſi os faziaõ, e traziaõ bem cheos de finiſſima pedraria, ficandoſe elles com as mãos de todo, e de tudo bem vazias. Entendia eu, que todo o cabedal, quadros, brincos, e peças daquelle ſeu eſtreito (ſe deſembaraçado) apoſento tinha elle treſladado aos livros, e volumes, que avia compoſto: por onde me naõ eſpantava de naõ achar alli mais, que dous humildes aſſentos de tanho, que mais ſerviaõ pera acodir à preciſa neceſſidade de naõ eſtar ſempre em pé, que ao deſcanço, e authoridade de eſtar bem ſentado; occorrendome neſte paſſo, quam eſtremadamente diſſe o Seneca: *Si ad naturam vives, nunquàm eris pauper: ſi ad opiniones, nunquàm eris diues: exiguum natura deſiderat, opinio immenſum.*

Seneca Epiſt. 16.

O

O ſeu incanſavel eſtudo, perpetua fadiga, anſias, e deſvelo em revolver papeis, deſempoar, e examinar cartorios, e ler os livros, que lhe pareciaõ neceſſarios pera a profiſſaõ da hiſtoria, vence todo o encarecimento; e quadralhe ajuſtadamente aquillo de Horacio: *Una fides optanda labores*; porque mal ſe podiaõ crer tam aturadas porfias, e continuado trabalho, nam perdoando nem de dia, nem de noite a todas as horas, que do ſeu officio divino, e outras occupaçoens mais importantes à ſua alma, lhe reſtavaõ: e neſta conformidade ſe queixava ſempre da falta do tempo; porque a verdade he que ſó quem o ſabe empregar bem, ſabe ſentir, e chorar a falta delle: e huma vez me referio o ditto daquelle Doutor da Univerſidade de Coimbra, que achando hum eſtudante diſcipulo ſeu encoſtado a huma das tendas dos livreiros d' Almedina com huns livrinhos nas maons, e perguntandolhe que fazia, reſponderalhe o diſcipulo: eſtou comprando eſtes livros pera paſſar o tempo, e que o Doutor lhe tornara entaõ: vós ſenhor comprais livros pera paſſar o tempo, e eu de melhor vontade comprara tempo pera paſſar livros: *Facilis jactura ſepulchri* diſſe là o Poeta, e eſtà bem advertido, mas naõ aſſi, *facilis jactura temporis*; antes como diſſe bem o Seneca: *Turpiſſima jactura illius eſt, quæ per negligentiam fit.* E pouco importa faltar ſepultura pera a corrupçaõ do corpo, e importa muito, e mais que muito, e em fim tudo, o naõ faltar tempo pera a ſalvaçaõ da alma.

Epiſt. 1.

E he na verdade deſordem bem digna de lagrimas o vermos que, ſendo o tempo a couſa, que ſómente temos de noſſo, e tudo o mais alheo: *Tempus enim* (diz o Seneca) *tantum noſtrum eſt; omnia aliena ſunt*; ſe ajaõ muitos homens no perdelo, e eſperdiçalo com tam laſtimoſa, e imprudente prodigalidade, ſendo o de que, com ſer unicamente noſſo, mayor pobreza, e falta padecemos. E bem moſtrava o noſſo Chroniſta (chorando, e poupando o tempo) ter muy preſente o parecer do Philoſopho: *Unius temporis honeſta eſt auaritia*; com ſer a avareza hum vicio, e peccado de ſua natureza vil, e afrontoſo, ſó do tempo podemos, e devemos ſer prudente, honrada, e glorioſamente avarentos.

Lib. de bo ni vita.

Mas

Mas ja parece fundamos a virtude de sua profunda humildade, posto que nam só pode disculpar minha tardança, mas apoyar meu esquecimento (se nelle caira) o suppor, e deixar por bem provada esta sua virtude, sómente com o titulo da sua primeira parte, que he o seguinte. Primeira parte da Historia de S. Domingos particular do Reyno, e Conquistas de Portugal, por Frey Luis Cacegas da mesma Ordem, e Provincia, e Chronista della. E a mesma renunciaçaõ do trabalho proprio, e confissaõ do merecimento alheo faz o Padre Frey Luis de Souza, larga, e generosa, confiada, e discretissimamente no capitulo septimo do quarto livro desta sua segunda parte, onde falla do muito Reverendo Padre Frey Luis Cacegas, a quem attribue, e encosta toda a substancia, trabalho, e merecimentos desta obra, sendo que nam achou em suas mãos, e poder mais, que huns desarrimados, e desarrumados fragmentos, e huns notados tam confusos, que seria igual trabalho o entendelos, e penetralos, e o darlhe a classica disposiçaõ, predicamento, e ordem, que he o que só pera sy toma o Padre Frey Luis de Sousa: sabendo, e vendo nós, que de huns como informes embrioens acrescentou, e poz tanto de sua casa, e de huns toscos, incultos, e remotos materiaes, que eraõ, como, *rudis indigestaque moles*, e de huma narraçaõ tanto de berço, e tam criança nos formou, e deu huma tam crescida, e gigante Chronica, como a que vemos.

Ceder voluntariamente a outrem em materias de entendimento, e defraudarse a sy proprio dos quilates, e applausos devidos a hum bom juizo, he fineza extrema de necessidade: porque assi a soberba, como a humildade nam tem por objecto os bens alheos, senam as cousas que saõ, ou se imaginaõ individualmente proprias, porque nem o soberbo se esuaece, incha, e estira de collo, com as excellencias, que tem, e qualifica por de outrem; nem o humilde, por desprezar bens alheos, se póde adquirir merecimentos proprios. E isto nos ensinou nosso Mestre Santo Thomas tambem, quando disse: *Quæ per humilitatem quilibet homo secundum illud, quod suum est, potest se subjicere proximo. Secundùm illud, quod suum est*, no que tem de sy, e de

D.Th. 2. 2. q 161. c. 1.

de seu, e em quanto seu exercita o humilde esta virtude. E como nenhuma cousa seja tam propriamente nossa; como he o nosso proprio entender, que por isso o nosso poeta Philosopho Francisco de Sà disse tanto à boca chea: *O entendimento, que he nosso, nam no lo querem deixar.* Desfazerse, e roubarse a sy proprio os louvores, e acclamaçoens de entendido, e sabio, e perfeito historiador em favor, e graça do Padre Frey Luis Cacegas, foy pôr o nosso Chronista o risco o mais alto, e lançar a barra o mais longe que podia ser nos verdadeiros lanços da humildade.

Acreditava tambem esta com ser o mais frequente termo, que na sua boca se achava, o de senhor, tratando por esta lingoagem atè as pessoas de plebea, e menor condiçaõ, como se (pois *ex abundantia cordis os loquitur*) de todos interiormente se reputasse escravo. Nos exercicios, e progressos humildes da Religiaõ se esmerou, e estremou tanto, que se prezava de ganhar no jogo das mais abatidas, e aviltadas occupaçoens da casa, nam só por ter melhores cartas, senam por jogar sempre como de maõ, sendo o primeiro, que com alegria, e diligencia nellas se achava, trazendonos com isto à memoria o que là disse o outro do grande Pompeo, quando o vio estarse lavando os pès a sy proprio naquella nào, que despois de vencido de Julio Cesar fugia delle pera o Egypto (como refere Plutarcho) *O generosis quàm præclara sunt omnia*, ou, *quàm decent omnia generosos*: caso, e sentença, que deveraõ trazer muy diante dos olhos todos, os que tendo sangue illustre se vem sogeitar às humildades (antes à mayor nobreza, e fidalguia) da Religiaõ. Sentia muito o louvaremno, e logo atalhava, e cortava o fio a todo genero de adulaçaõ, mudando o proposito, e fallando em outras materias. *Gravius est humili laudari* (disse divinamente Santo Ambrosio) *quàm superbo vituperari*. Sancto Agostinho: *Humilem esse, est nolle laudari*. S. Bernardo: *Humilitas, est excellentiæ contemptus.* E o grande Padre S. Gregorio: *Humilitas magna, acta laudabiliter celat*. E assi bem creo eu, que (a ser possivel là dessa gloria, onde o consideramos com toda a infallibilidade de moral, e christaã certeza) me esta-

Plutarch.

S. Ambr.

S. Aug.
S. Bern.
S. Greg.

ria estranhando, e reprehendendo estes meus discursos; posto que escassos, e estes tenraos, e desmayados, ámagos, com que ao argumento de seus louvores, e elogios me abalanço.

De tudo o que neste particular tenho praticado com seriosa, e a meu ver muito formal consequencia, recolho, que se neste Reyno se achar algum Chronista delle, que mais inadvertida, que madura, e fundamente pretenda arguir ao Padre Frey Luis de Sousa de pouco humilde; digo que tambem lhe será facil o *in scirpo nodum quærere*, ou accusar a Hercules, respondendo ao espanto, e pergunta de quem disse: *Et quis Herculem accusat?* E verdadeiramente nam sey como semelhante Author se possa livrar, e limar do achaque da enveja, que sempre foy mãy de malissimos discursos, e de muy frivolas, e desatadas consequencias. E com todas as que faz, ou fizer contra o nosso Chronista, nam avançarà mais, que o fazernos confessar, que ainda que o Padre Frey Luis de Sousa foy hum Alexandre no esforço, valentia, e liberalidade da historia: com tudo nam teve de Alexandre o ser mayor, que toda a humana enveja (como delle affirma Plutarcho) pois he força, que o reconheçamos com muita causa envejado, ao mesmo passo, que o vemos sem razaõ alguma reprehendido, e censurado.

Plutarch.

E se o Psalmista disse: *Mentita est iniquitas*, bem podemos aqui dizer, que *mentita est inuidia sibi.* Muy em discredito, e luzimento de sua grave pessoa discursou semelhante escriptor, fallando mal de hum morto, sem reparar em que tem tanto de facilidade, como de baixeza, e afronta, a Mouro morto dar grande lançada: salvo quando (como eu agora em mim vejo) obriga a necessidade de responder a huma grave, e evidente calumnia, que despois da morte do aggressor podera ainda viver pera prejuizo, e dano de alhea honra; e de contraminar, e rebater hum testemunho tam falso, como se levantou à cortesia, comedimento, prudencia, e modestia religiosa, com que o Padre Frey Luis de Sousa falla em todas as cousas, nam se esquecendo daquelle prudente conselho tambem de Seneca: *Præstat cum detrimento causæ, quàm inhoneste dicere.*

Re-

Reservo pera outra monsaõ mais capaz de nella se estender a penna, o satisfazer aos fundamentos, com que se persuadio, e soltar in individuo as razoens, com que se embaraçou, e atou o Chronista, de quem me queixo; e por certo que nos será mais facil, que *solvere Gordianum nodum.*

O genio, e talento do nosso Chronista pera a historia foi tam singular, e admiravel, que parece quiz o Ceo nelle ajuntar, e epilogar todas aquellas propriedades, e habilidades, que achamos repartidas, e divididas pelos antigos historiadores: e vem a ser aquella lisonja de Claudiano *diuisa per omnes cum cumulo collecta tenes*; porque no breve, e succinto do relatar vemos nelle outro Sallustio; no pezo, e grave das ponderaçoens outro Livio; no politico, e picante das sentenças, e aforismos outro Tacito; e na liberdade do dizer (posto que no nosso Chronista misturada, e temperada com hum cortesaõ retiro, ingenuo, e natural pejo) outro Suetonio.

E permittaseme tambem (e mais nam me dou a cuidar, que nisto me meto pelos arrabaldes da temeridade, ou de alguma precipitada vangloria, e complacencia) o comparallo, e conferillo com o grande Joaõ de Barros nosso Tito Livio Portuguez, Principe dos Chronistas, nam só de Portugal, mas de Hespanha toda; porque entre ambos noto huma quasi parallela conveniencia, e proporçaõ (e se se admittir alguma antelaçaõ, será muy pouco aventajada) pois fallando de ambos, podemos dizer que Joaõ de Barros *eripuit* a Frey Luis de Sousa *ne esset primus*; e Frey Luis de Sousa *eripuit* a Joaõ de Barros *ne esset solus.* E maravilhosamente convieraõ nos assumptos das conquistas, e descobrimento de Indias; porque se Joaõ de Barros se empregou no da nossa India temporal do Oriente, Frey Luis de Sousa nos descobre, e manifesta riquezas, Heroes, e illustres feitos desta India espiritual deste nosso Occidente, Provincia de Portugal. Foy este nosso Chronista muito visto, e versado nas que chamamos *amœniores litteras*, ou foy hum consummado humanista (termo de que outros usariaõ:) do que daõ claro testemunho as muitas humanidades, que nos seus livros toca,

 e as

e as varias fabulas de que, quando lhe vem a pelo, e a proposito, se aproveita.

A sua propriedade, e castidade nos termos do nosso idioma he prodigiosa, sendo a sua mayor cultura a das phrases, e proposiçoens inteiras, e nam das particulares palavras, e vocabulos; nos quais fugio (quanto lhe foy possivel) daquellas novas inventivas, e derivaçoens, que em alguns authores modernos vemos tam escuras, e tam duras, que muitas vezes daõ com o Leitor muito contra sua vontade *in tenebras plusquàm Cimmerias*; e para formarmos, e alcançarmos o conceito, *opus est Delio natatore*, e nos fazem dar vozes dizendo: *Dauus sum, non Dedipus.* O necessario no propor, e entabolar, a facilidade, agudeza, e circunspecçaõ no conjecturar, a copia no discorrer, a segurança, e formalidade, a verdade no allegar, a moderaçaõ no advertir, e amoestar, a vehemencia, e força no concluir, que observa nesta sua segunda parte, he tudo tam germanamente parecido a tudo o da primeira, que largamente desmentio o nosso Chronista, e emendou essa commua praga, e queixa, que corre contra os segundos partos, crendose, que as mais das vezes degeneraõ muito da perfeiçaõ dos primeiros: e quem tiver visto a sua primeira parte, e passar os olhos por quatro, ou sinco regras desta segunda, logo conhecerá seu author melhor, do que Apelles conheceo a Protogenes pela sutileza das suas linhas.

Eu sempre avaliei por hum dos grandes louvores deste nosso Chronista o costume que ha (segundo estou bem informado) em alguns Conventos da sagrada Religiaõ da Companhia de Jesu (fertilissimo seminario, e felicissima mãy de tanta multidaõ de filhos tam pios, e tam doctos) de se mandar ler no refeitorio por liçaõ ordinaria da mesa, o livro, que o nosso Chronista compos de vida, e obras daquelle grande, e sancto nosso Arcebispo de Braga, Primáz das Hespanhas Dom Frey Bertholameu dos Martyres; obra em que o author se excedeo a sy proprio, que he o mais gentil, e superior modo de encarecer semelhante livro, deixandonos com isto em duvida estes tam sabios, como religiosos Padres, se os obrigaõ a este acordo, e venera-

çaõ

çaõ as boas obras, e os muitos, e grandes beneficios, que da maõ daquelle excellente Prelado receberaõ, se a bondade, e peregrino estillo do livro, ou do seu historiador. Muitas, e grandes demonstraçoens de amor deve toda a Companhia ao nosso Sancto Arcebispo, e entre ellas o edificio daquelle seu Collegio de Braga, que será sempre hum firme, e abonado fiador das immortais graças, e eternas correspondencias de affecto, e devaçaõ, com que os filhos do grande Ignacio lhe nam faltaráõ; porem por outra parte, a elegancia, methodo, doutrina, e a todas as luzes absoluta, e acabada perfeiçaõ do livro, estaõ suspendendo o juizo, ácerca de qual dos dous motivos he mais poderoso.

Renovanos tambem o nosso Author com esta sua segunda parte naõ sómente os desejos, mas as esperanças de certa restituiçaõ, que se nos deve da Chronica, que compos do nosso grande Rey Dom Joaõ o III. de sabia memoria (por assi lho ordenarem imperiosamente de Castella) e a deixou tanto no fim, que segundo ouvi á alguns Religiosos, que o sabiaõ, sómente os dous ultimos capitulos faltavaõ. E nam temos na Provincia nem original, nem copia deste volume, e presumese estar na maõ de algum dos Grandes do Reyno, de cuja fidalguia, e christandade quizeramos nós esperar, nos mande ao menos por sua morte entregar este thesouro, pois com semelhante furto, e retençaõ delle se faz tam consideravel dano assi à honra, como à utilidade temporal desta Provincia. Quero que sirva de remate a estas minhas consideraçoens (com que tambem de alguma maneira se possa descontar, e aliviar o largo desta nossa censura) hum distico, que fez hum Noviço no Convento de Bemfica começando a mostrar seu bom engenho, que no successo, e continuaçaõ de seus estudos provou melhor: e podemos perdoar aos versinhos a aspereza, e o pouco suave, com que soaõ, pela muita alma, e subida hyperbole do Elogio, com que chamaõ ao Padre Frey Luis de Sousa, nam menos que o segundo Athlante (nam da Igreja Universal, como foy nosso Santissimo Pay, e Patriarcha S. Domingos) mas da nossa sagrada Religiaõ nos particulares templos de Portugal.

Summus Pontifex Innocentius III. vidit collabentem Lateranensem Basilicã à S. Dominico suis humeris sustineri.

Et

Et pater, & natus templum fulcivit vterque;
Sustinet ille humero, sustinet hic calamo.

Ao muito Reverendo Padre Mestre Frey Antonio da Encarnaçaõ Deputado do Santo Officio, e Vigairo das nossas muito religiosas Madres do Sacramento devemos nam vulgar agradecimento pelo zelo, com que se tem offerecido a correr com esta impressaõ; sendo o emendar os erros della, particularmente neste Reyno, hum nam pequeno enfado, e molestia; mas o muito Reverendo Padre Mestre Deputado se grangeará com este cuidado, e diligencia aquella gloria, e applausos, que no maneyo de graves, e importantes negocios saõ devidos à execuçaõ das cousas; da qual execuçaõ podemos dizer, que assi como he ultima, serve de coroa, e de hum como glorioso Epiphonema a tudo o que se tem composto, obrado, e trabalhado. Dos authores, que deixaraõ compostos, e acabados seus livros, e tomos, sem chegarem aos imprimir, se póde dizer que souberaõ pelejar, e conseguir suas victorias, mas nam souberaõ usar dellas; e he o que lá se disse de Annibal: *Vincere scis Annibal; victoria vti nescis.*

Gloriosamente vencedor partio desta vida o Padre Frey Luis de Sousa, deixandonos, como deixou, esta segunda, e terceira parte de sua Chronica; mas pelo mesmo caso, que as nam pode dar ao prelo, e estampa, nam pode, nem soube usar bem de sua propria victoria: porém agora o fará felicissimamente o muito Reverendo Padre Mestre Deputado. E se hum livro, e volume, em quanto nam sae a publica luz, e praça da estampa, he hum como cadaver da sciencia; a este corpo dará o fogo da vida (como outro Prometheo) com acçaõ nam digna de castigo, mas de mui justas graças.

Pelo que digo, como nam achei neste livro cousa alguma dissonante de nossa Sancta Fé Catholica, dogmas, e doutrina dos sagrados Concilios, sanctos Padres da Igreja, e particularmente do nosso Doutor Angelico Sancto Thomas, nem cousa, que repugne, e offenda à decencia, suavidade, e armonia dos bons costumes dos Fieis, nem à honra, e esplendor de nossa

sa-

ſagrada Religiaõ, que he o que principalmente, conforme noſſas ſagradas conſtituiçoens, e actas de Capitulos geraes, devemos attender, e reſpeitar na impreſſaõ dos noſſos livros; ſou de parecer, que nam ſó ſe lhe conceda a licença, que pede, mas ſe lhe mande, ſendo neceſſario, com perceito formal, que nam deſiſta de ſemelhante occupaçaõ, e empreza. *Sic ſentio, ſic cenſeo.* Neſte Convento de S. Domingos de Lisboa, 12 de Janeiro de 1662.

Fr. Thomas Aranha
Magiſter.

Approvaçaõ do M. Reverendo Padre Meſtre Frey Domingos de Sancto Thomas, Regente, e Lente de Prima da Univerſidade de S. Domingos de Lisboa, e Prègador de ſua Mageſtade.

O Padre Frey Luis de Souſa, Author deſte volume, o foy jà de outros dous; que rubricados de ſeu nome ſahiraõ a luz, e a deraõ immortalizada à vida do Sancto, e Primaz Arcebiſpo de Braga o ſenhor Dom Frey Bartholameu dos Martyres, e às vidas de muitos Religioſos, que neſta Provincia de Portugal na Ordem dos Prégadores floreceraõ em letras abalizadas, fructificáraõ em virtudes heroicas. O eſpanto, o applauſo, o goſto com que foraõ recebidos eſſes dous volumes primeiros, ſerve agora mais, que de cenſura, de elogio a eſte volume, no numero o terceiro, e na hiſtoria o ſegundo. He elle a ſegunda parte della, mas he o primeiro no puro da elegancia, e no apparo da penna; eſcreve a de ſeu eſcritor aqui tam apparada, tam apurada, tam fina, e tam ditoza, que pelo argumento convida à piedade dos devotos, e pela locuçaõ deſafia a curioſidade dos diſcretos. Nenhum haverá que noticiado da impreſſaõ deſte livro o nam buſque, o nam admire, ſó por ver que corre nelle o eſtillo corrente (chamalhe eſtillo medio a Rhetorica) tam deſafogado, tam proprio, e tam térſo, que nam ſó preſume competencias, mas logra victorias de grandíloquo. Nam corre

re o estillo aqui oũ rapido, ou violento; lento corre, e socegado, sem quebrar hyperbatos, sem forjar onomathopeias, se uzadas sempre, sempre ou filhas da ignorancia, ou acrédoras da puerilidade. Disse bem Seneca Epistola 75. que falla podre quem forceja pera fallar elegante: *Quis enim accurate loquitur, nisi qui vult putide loqui?* Saõ he, e casto o phrazeado deste livro, pois fallando elegante sem força, e corrente sem violencia, nam lhe impede correr sereno o ser elevado; outra vez disse Seneca Epistola 100. do estillo de Fabiano, o que eu digo do deste livro: *Electa verba sunt, non captata, nec huius sæculi more contra naturam suam posita, & inuersa; splendida tamen, quanuis sumantur e medio: sensus honestos, & magnificos habent; non coactos in sententiam, sed altius ductos.* Sam as palavras selectas nam forçadas, nem transpostas ao costume do polimento destas Eras; e de qualquer sorte que se tomem, e se pezem, sempre saõ luzidas, sempre significadoras de conceitos agudos, e sentidos magnificos; nam se constrangem estes no sentencioso, antes se deduzem do sobrelevado. Assi o disse Seneca daquelle livro; e sem mudar nem virgula o dissera, se lera este tomo. Achase aqui huma propriedade varia, huma variedade scientifica, huma sciencia encyclopedica. Achase aqui entre muitos desenganos hum só engano; engana fazendo cuidar que foraõ, ou borradores desta penna, ou ensayos desta lima, os Livios, os Cursios, os Tacitos, os Patérculos. Eu achei aqui tudo o que aqui se acha; e pera o achar, ly este tomo duas vezes, mandandome que o lesse huma, o nosso muito Reverendo Padre Provincial; mas quis eu estender a obediencia, por estender a doçura com que esta liçaõ engóda, e lisongea. Julguei quando o ly, e despois de o haver lido, julgo que nam só nam tropeça contra as verdades de nossa Fé, nem contra a pureza dos bons costumes, antes vai tam moldado, e anivelado com ella, e com elles, que abre apoyos firmes, e inflamma ardimentos nobres á virtude com innumeraveis exemplos, e retratos virtuosos. Julgo finalmente que logo logo se lhe passe a licença de estamparse, porque o tardar, ou faltar a estampa, será roubar hum thesouro de preciosidades, e

im-

impedir hum theatro de virtudes. Isto me parece. Em S. Domingos de Lisboa, 25 de Janeiro de 1662.

Fr. Domingos de S. Thomas.

FRey Bertholameu Ferreira Mestre em sancta Theologia, Consultor do Santo Officio, e Prior Provincial Apostolico da Ordem dos Prégadores nestes Reynos de Portugal, &c. Vistas as informaçoens dos Padres Mestres, a quem commetti o exame da segunda parte da historia do nosso Padre S. Domingos da Provincia de Portugal, composta pelo Padre Frey Luis de Sousa; dou licença ao Padre Mestre Frey Antonio da Encarnaçaõ Deputado do Sancto Officio, e Vigairo do Mosteiro do Sacramento, pera que a possa imprimir, sendo approvada pelo Santo Officio, e pella Mesa do Paço. Lisboa, no Convento de S. Domingos, em 30 de Janeiro de 1662.

Fr. Bertholameu Ferreira,
Prior Provincial.

Do Santo Officio.

Approvaçaõ do M. R. P. D. Fr. Francisco Brandaõ.

VI esta segunda parte da historia da sagrada Religiaõ Dominicana, particular deste Reyno de Portugal, reformada em estilo pelo Reverendo Padre Frey Luis de Sousa, e me pareceo mais reformada, e polida que a primeira, e tam provída de documentos exemplares, que sem encontrar cousa, que offenda a nossa sancta Fé, e bons costumes, servirá de incitamento pera que em tudo se reformem, e affervorem. Em nossa Senhora do Desterro, 8 de Junho de 1662.

Fr. Francisco Brandaõ
Chronista mór.

VI por mandado de V. S. a ſegunda parte da Hiſtoria de S. Domingos, Author o Padre Frey Luis de Souſa: nella nam achei couſa contra noſſa ſancta Fé, e bons cuſtumes, antes repito o que Seneca Epiſt. 45. diſſe: *Indulgentiæ ſcio iſtud eſſe donum judicij.* Que o remeterſeme por V. S. eſta Chronica, foy mais favor, pera que eu a leſſe, que neceſſidade de juizo meu, pera que a approvaſſe. V. S. lhe póde dar licença pera que ſaya a luz. Lisboa, em o Convento da Santiſſima Trindade em 3. de Julho de 1662. *Sub cenſura.*

O Preſentado Fr. Felipe da Rocha.

VIſtas as informaçoens, pode-ſe imprimir eſte livro, cujo titulo he ſegunda parte da Hiſtoria de S. Domingos, Author o Padre Frey Luis de Souſa: e impreſſa tornará ao Conſelho pera ſe conferir com o original, e ſe dar licença pera correr, e ſem ella nam correrá. Lisboa, 7 de Julho de 1662.

Pacheco. Souſa. Rocha. Alvaro Soares de Caſtro. Magalhaẽs de Meneſes.

Do Ordinario.

POde-ſe imprimir. Lisboa, 17 de Julho de 1662.

F. Biſpo de Targa.

Do Desembargo do Paço.

Approvaçaõ do Doutor Ayres Falcaõ Pereyra, Guarda mór da Torre do Tombo.

SENHOR.

POr mandado de V. Mageſtade vi eſta ſegunda parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular deſte Reyno, e ſuas Conquiſtas; e nella naõ achei couſa, por onde ſe poſſa negar a licença que ſe pede pera ſe imprimir; antes me parece obra muito pera ſahir a luz: porque de mais das noticias, que nella ſe achaõ dos principios, e fundaçoens de muitos Conventos, e moſteiros deſta ſagrada Religiaõ, contém hum exemplar de grandes virtudes de muitos Religioſos, e Religioſas, que uelles floreceraõ, de cujo exemplo, e vida, e religiaõ, he juſto que ſe nam perca a memoria para ſerem imitados. Lisboa, 20 de Outubro de 1662.

Ayres Falcaõ Pereira.

POde-ſe imprimir, viſtas as licenças do Ordinario, Santo Officio: e impreſſo tornará à Meſa pera ſe taixar; e ſem iſſo nam correrá. Lisboa, 26 de Outubro de 1662.

Moura T. P. Monteiro. Souſa. Sylva.

LICENÇA.
Da Real Meza Censoria.

POdem correr todos os quatro Tomos desta Historia. Meza, 21 de Julho de 1768.

Arcebispo Regedor P.

Gama.

Coelho. Vasconcellos. Pereira.

PROTESTO.

SUPPOSTO que o Santissimo Padre Urbano VIII. Papa, fez hum decreto com conselho da sagrada Congregaçaõ do Santo Officio em 13 de Março de 1625, e o confirmou em 5 de Julho de 1634, em que prohibio que se naõ pudessem imprimir livros alguns de homens que passaraõ desta vida mortal celebres em santidade, ou com fama de martyres; nem outrosi que contenhaõ feitos, milagres, revelaçoens, ou mercês algumas, como recebidas de Deos por intercessaõ dos taes varoens insignes, sem preceder conhecimento, e approvaçoens do Ordinario: contudo em 5 de Julho de 1631 declarou o mesmo Pontifice que se naõ imprimissem elogios de Santo, ou Beato absolutamente que caem sobre a pessoa, porém que se podiaõ imprimir as cousas concernentes a seus costumes, e à opiniaõ que delles houve, com protesto de que as tais cousas nam tem authoridade alguma da Igreja Romana, mas sómente a fé do Author, que o relatar. Por tanto protesto em nome do Author desta Segunda parte da Chronica da Ordem de S. Domingos, particular da Provincia de Portugal, composta pelo Padre Frey Luis de Sousa da mesma Ordem, que tudo, quanto nella se contém, sómente se relata com authoridade humana, conforme a mente, e declaraçaõ do Summo Pontifice, para edificaçaõ dos Fieis que a lerem, nam como cousas appro-

provadas por autoridade da Santa Igreja Romana, ou da Sé Apostolica. Em S. Domingos de Lisboa, o primeiro de Outubro de 1661.

Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

SEGUNDA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS
PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.
LIVRO PRIMEIRO.

CAPITULO I.

Do estado em que se achava a Religiaõ de S. Domingos no Reyno de Portugal.

NTRA com boa estrea de nome, e successos no primeiro lugar desta segunda parte de nossa historia hum Mosteiro de Religiosas, illustre por mysteriosas por antiguidades, e pelo titulo que tem do Salvador. Valhanos sua divina graça, pera que a possamos levar ao cabo com o que resta da Provincia. Corria o Anno de 1392. Reynava em Portugal elRey Dom Joaõ o primeiro deste nome; e seguindo animosamente o curso de suas victorias, hia por huma parte reduzindo por amor, ou conquistando por armas, os lugares, que ainda sustentavaõ a voz de seus contrarios: e por outra mandava correr com diligencia á grande maquina que em seu animo tinha concebido da casa de Deos, e que já procedia no lugar da Batalha, como deixamos contado no livro sexto, e ultimo da primeira parte desta Historia. Assi succedia prosperamente o negocio da guerra; porque hia de mistura com taes cuidados: que para serem de mais merecimento, naõ paravaõ só na fabrica começada por voto; mas passavaõ a outros lugares, e outras obras, todas de augmento do Culto Divino, e honra do mesmo Senhor. Das que tocaõ á Religiaõ de

1392.

de S. Domingos, e a nosso intento; he primeira em tempo, a que propuzemos do Mosteiro do Salvador, casa notavel por seus principios, e por casos admiraveis dos annos adiante: que por serem tais deraõ occasiaõ a se fazer livro della, e de taõ boa escritura, que nos pudera forrar o trabalho desta; senaõ correra por conta nossa darmoslhe tambem memoria. Mas antes de entrarmos na relaçaõ della, parece que será conveniente, para clareza do que se disser, como isto he Historia da Provincia darmos noticia do estado, que em tal tempo tinha a mesma Provincia no governo temporal, e espiritual, e será brevemente.

Madre Sor Maria do Baptista, hist. do Salvador.

Começando pelo temporal. Durava na Igreja Catholica a grande perturbaçaõ, e Cisma, que por tempo de quarenta annos affligio a Christandade com lastimosas calamidades. Começara no anno de 1378. por morte do Papa Gregorio Undecimo. Succedera a Gregorio com legitima, e verdadeira eleiçaõ Urbano Sexto: e a Urbano, Bonifacio Nono. Vivia Bonifacio correndo o anno de 1392. Anno que tomamos por fundamento, e principio do que temos para escrever nesta segunda parte, proseguindo na ordem, que começamos na primeira, e era reconhecido, e obedecido por legitimo successor de S. Pedro, em Italia, e por toda Alemanha, e Ungria, e Inglaterra: e a estas Provincias acompanhava, e seguia o Reyno de Portugal. Todos os mais Reynos, e Reys de Espanhas, que entaõ eraõ tres; de Castella, Aragaõ, e Navarra, como de França davaõ obediencia ao Antipapa Clemente, que em França residia. A mesma divisaõ em que estava a Igreja, corria tambem na Ordem de S. Domingos, e isto aconteceo a todas as mais Religioens. Tinhamos hum Mestre Geral em Italia, que acompanhava o verdadeiro Pontifice. Era o grande Mestre Frey Raymundo de Capua, que os Escritores daquella idade nos daõ a conhecer pollo officio, que hum tempo fez de confessor da nossa Seraphica Sancta Catherina de Sena. Tanto poder tem a verdadeira virtude, que deu nome ao confessor a confessada. Havia outro Geral em companhia do Antipapa Clemente, seguido, e obedecido dos Frades de França, e de todos os mais Reynos de Espanha que tinhaõ a voz de Clemente. Seguiaõ os membros, como he costume a suas cabeças. A mesma divisaõ, que havia de Pontifices na Igreja, e de Geraes nas Ordens se achava nas provincias dellas entre os Frades. A de Castella, que comprehendia entaõ os Conventos de Portugal, como seu Rey era de parte do intruzo Pontifice hyase tambem traz elle, com seu Provincial, que os Escritores Castelhanos naõ daõ noticia quem por este tempo fosse, que he falta notavel. Mas os Religiosos Portugueses, que com todo o Reyno, e seu Rey reconheciaõ por verdadeiro Papa a Urbano, e a seu successor Bonifacio levantaraõ a obediencia ao Provincial de Castella, naõ havendo por Prelado, quem desconhecia ao que o era legitimo da Igreja. E por naõ ficarem sem Pastor, que os governasse, introduziraõ hum novo genero de

1378.

1392.

gover-

governo. Elegeraõ entre ſy huma cabeça, com titulo de Vigario Geral, immediato ao Meſtre Geral da Ordem, que acompanhava a Urbano, e deſpois a Bonifacio verdadeiros Poſtores da Igreja Romana. E eſta foy a primeira origem da ſeparaçaõ, que pouco deſpois fizeraõ, conſtituindoſe em Provincia por ſy. Para o que tambem deu occaſiaõ a diviſaõ de animos, que a guerra tinha criado entre os Reys, e vaſſallos de hum, e outro Reyno, como ao diante ſe dirá. Donde naſceo, que por eſte tempo, em eſpaço quaſi de trinta annos, naõ achamos memoria de nenhum Provincial, que viſitaſſe, ou juntaſſe capitulo em Conventos de Portugal, havendo muitas eſcrituras, e lembranças, que fazem mençaõ de Vigairos Gerais, que governavaõ a Religiaõ, e religioſos deſte Reyno. Eſtes achamos, que ſe intitulavaõ Vigairos Gerais de Portugal, e alguns eſtendiaõ mais o titulo, e chamavaõſe Vigairos Gerais de Eſpanha. Como foy Frey Lopo de Lisboa, que ſe aſſina em huma, que vimos, Prior de S. Domingos de Lisboa, e Vigairo Geral da Provincia de Eſpanha. Fazia conta a meu ver, que como elle ſó em todos os Conventos de Eſpanha, por meyo do Geral, que reſidia em Italia, ſeguia o verdadeiro Paſtor da Igreja Catholica, com os religioſos, que em Portugal tinha a ſeu cargo: pelo meſmo caſo ficava tambem ſendo nella verdadeiro, e ſupremo Prelado da Ordem, com mais rezaõ, e milhor titulo, que os que obedeciaõ ao intruzo, e Ciſmatico, e tal era entaõ o governo temporal de noſſa Religiaõ neſte Reyno.

Quanto ao Eſpiritual, reynava em toda, e por todas as mais Religioens, o feyo monſtro da Clauſtra. E como he ordinario, que a erva má creſce, e arreiga, e ſe faz ſenhora do campo, com o meſmo tempo, que para as boas he contrario, aſſi com as diſcordias da Igreja, e dos Reys, e Reynos creſcia eſte Monſtro, e aſſombrava a terra com liberdades, e devaſſidaõ. Deralhe principio huma grande peſte (e naõ he de eſpantar, que de tal mãy naſceſſe tal filho) que pollos annos do Senhor de 1348. correo toda a redondeza da terra, com tanta furia, e rigor, que aſſirmaõ os Eſcritores, matou de dez partes dos viventes, as nove. Aſſi ouve lugares inteiros aſſolados, geraçoens acabadas de todo, infinitas fazendas, e herdades deſertas, e ſem dono. E quanto as Religioens, ſuccedeo em muitos Conventos naõ ficar nem hum ſó frade com vida. Acompanhouſe a peſte de apertadas eſterilidades de todos os fruitos da terra, cauſadas parte de grandes, e continuadas invernadas, que naõ davaõ lugar a ſe fazerem as ſementeiras: parte da falta, e doenças dos que as haviaõ de fazer. Ajudandoſe aſſi as calamidades humas ás outras, como a porfia. Seguioas outra tempeſtade geral de miſerias nos povos, que eſcaparaõ com vida: e foy hum taõ grande medo da morte, que todo o cuidado, e emprego de todos era buſcar meyos de boa vida, alegre, e folgada, entregandoſe a mimos, delicias, e paſſatempos. E como acontece a conva-

1348.

Sufato Caſtel franco Chron. da Ordem f. 73. & 74. Fr. Anton de Sena Chron. da Ord. fol. 185. Leand. l. 1. c. 23. Caſtilho p. 2. l. 1. c. 3. 9. & l. 2. c. 12. Ilheſcas Hiſt. pont. p. 2. c. 4.

convalecente de longa, e perigoſa enfermidade, que tudo o enfaſtia, de tudo ſe offende, taõ mimoſo fica, taõ deſcontentadiſſo, e mao de ſervir, como ſe tornara aos annos da idade pueril: aſſi fugiaõ todos a tudo o que era trabalho corporal, ou cuidado do eſpirito. De filhos de tal gente, e de tal criaçaõ, começandoſe a povoar de novo os Conventos, encheraõſe da meſma froxidaõ, e preguiça. Qualquer piqueno accidente fazia renovar a memoria do mal antigo, e o medo delle obrigava os bons eſpiritus, que nunca faltaraõ alguns em tanta pobreza, e em condecender com a fraqueza, e miſeria dos puſillanimes: e por muito que deſejavaõ acudir ao dezemparo eſpiritual, naõ ſe atreviaõ a uzar da força, que viaõ ſer neceſſaria, humas vezes deſconfiando dos ſujeitos vidrentos, e para pouco: outras com medo de lhes faltar quem aturaſſe nos Moſteitos, que eſtavaõ Ermos. Aſſi ſe perdeo o rigor, e entrou em ſeu lugar vida deſcançada, ſolta, e livre. Chamaraõlhe os que a conſideravaõ, Clauſtra. Nome a meu parecer inventado da ſutileza cortezam, pella figura que os Rhetoricos chamaõ Antifraſis, que he ſignificar a cauſa por ſeu contrario: viſto como a palavra Clauſtra, de ſua natureza eſtá ſignificando encerramento, fecho, e aperto: que he o meſmo, que entaõ faltava, ajudado do pouco valor, que em todo eſtado havia: e tal era a vida, e o eſpirito no geral das religioens deſta idade. E com tudo ao Pay dellas, Deos immortal, immortais graças devemos. Porque em tamanho deſemparo, nunca deixaraõ de ter grande eſtima diante dos Principes ſeculares, e Eccleſiaſticos. Quem perſuadirá iſto hoje aos que ſe prezaõ de mal contentes, e agudos calumniadores delles? quando ſe quizermos fazer comparaçaõ de tempos a tempos, eſtaõ neſta era jardins freſquiſſimos, e bem guardados, os que de ſecos, e abertos naquella antiga ſe perdiaõ; eraõ Principes ſanctos, e prudentes, e eraõ Pays. Por ſanctos olhavaõ os defeitos humanos ſem malicia: faziaõlhe laſtima, naõ rayva, e achavaõ em ſeus animos piedade, naõ ſó perdaõ. E aſſi naõ podiaõ acabar conſigo deixar de prezar, e amar as caſas de Deos, e aos moradores dellas. Por prudentes, notavaõ, que entre eſſas plantas, ou mal creſcidas, por fraqueza, ou murchas, e deſmayadas por falta de eſpirito, produzia o Senhor algumas taõ freſcas, taõ verdes, e copadas, que eraõ em fermoſura Cedros do Libano, em riqueza de fruito fertiles Oliveiras, quero dizer Santos abalizados, que aſſombravaõ o mundo com virtudes, como logo iremos apontando: e puderamos ajuntar bom numero das Provincias de fóra, ſenaõ fora de obrigaçaõ alheya. Em fim como Pays conſideravaõ, que todas tornariaõ em ſi, como lhes naõ faltaſſe maõ amiga de bom agricultor.

Pſalm.

Eſtes dous principios cheyos de charidade chriſtam, que foraõ amor das religioens em geral, e hum dezejo vivo de as ver adiantadas em eſpirito, e ſanctidade, tinhaõ no peito de elRey Dom Joaõ primeiro dos que entre nós reynaraõ deſte nome, altos fundamentos lançados. De

manei-

maneira, que a elle podemos referir todas as boas venturas, que em vida, e morte logrou: as quais foraõ tantas, que se aventajou nellas a todos os Principes de seu tempo, e quasi a todos seus antecessores, e successores. Destes principios procedeo a magnificencia, e liberalidade, com que levantou, e enriqueceo o famoso Convento da Batalha, que nos deu remate a primeira parte desta Historia: e dos mesmos nasceo procurar em quanto vida teve, que por todo seu Reyno se edificassem muytos outros Sanctuarios ora, animando, e favorecendo os devotos: ora ajudando, e despendendo largamente da fazenda Real: dos quais iremos apontando os que pertencerem á Ordem de S. Domingos, cuja he esta escritura: segundo a conta, e conjunçaõ dos annos em que cada hum começou. Para o que de presente temos entre mãos, do Mosteiro de Freiras do Salvador deu ElRey o Padroado da mesma Igreja, que era da Coroa Real, e ajuntou outras graças, e favores para bem da obra, com que o fundador, que foy Dom Joaõ Estevens Bispo do Porto, que pouco despois subio a Arcepispo de Lisboa, e Cardeal da Roma, lhe veyo dar principio no anno de 1392. pollos meyos, e modo que no seguinte capitulo veremos.

1392.

CAPITLO II.

Da origem, e antiguidade, da Igreja do Salvador da Cidade de Lisboa, e do primeiro Recolhimento, que nella ouve de mulheres virtuosas.

Temos nesta Igreja huma fermosa, e devotissima antigualha. Historia certa, e autentica, e igualmente deleitosa para todo bom espirito. E porque naõ ha duvida, que foy causa originaria do primeiro edificio da Igreja, e do segundo do Mosteiro, parece que será rezaõ começarmos por ella: pera que toda a narraçaõ leve a ordem, e clareza devida. Despois que o famoso Rey Dom Afonso Henriques ganhou Lisboa aos Mouros, tomandoa por assalto, em fim de largo, e porfiado cerco: succedeo passados alguns annos (naõ consta precisamente quantos) que sahindo á caça, hum fidalgo principal dos que nella ficaraõ, entrou pollo valle, em que agora vemos a Igreja, que naquelle tempo era todo huma mata serrada de arvoredo silvestre, entresachado de groça, e descomposta penedia, e foy sua boa ventura, que rompendo, e passando ao mais espesso delle chegou a dar com huma fermosa palmeira do pé da qual se levantava huma grande Cruz arrimada ao tronco della. No meyo da Cruz hum bem proporcionado vulto de corpo humano: pés, e mãos encravados, rosto defunto, e caído, a cabeça coroada de hum tescido de muitos espinhos. Bem he de crer, que faria terror a vista subita, e o lugar solitario. Mas trocouse logo em devaçaõ,

fazen-

fazendo lembrança no peito christaõ, aquella postura lastimosa, da causa porque assi se deixou, e quis tratar; quem era Senhor da terra, e Ceo. Cresceo com a devaçaõ a confiança, para chegar, e considerar o que via. Pareciallhe tal representaçaõ, digna de estar collocada sobre hum rico altar, quando nota com espanto, que naõ faltara em lho dar a natureza. Tinhalhe composto como serva humilde, que acode a reconhecer a seu Autor, com o que póde, e como póde, huma estendida meza de favos de mel, que rodeavaõ com perfeita arquitectura de altar o pè da Cruz, e palmeira, obra ao parecer mais do Ceo, que da terra sendo o ministerio de Abelhas, que como se foraõ criaturas racionais, assi o proseguiaõ deligentes, instando, e continuando a qual mais podia. Rico caçador com tal achado, e feito em seu pensamento outro Samsaõ, quis ver se offerecia o estranho sitio mais, que notar. Começava com suas mãos a desmontar alguma parte do mato em sinal de veneraçaõ, que era o mais, que entaõ podia fazer; senaõ quando apparece novo thezouro. Descobre huma Imagem da sagrada Virgem Mãy, pejados suavemente os braços com outra do Menino Jesus. Costuma o Ceo revelar semelhantes secretos a espiritos indignos delles. Assi he de crer, que saberia o bom fidalgo festejar este, dandose mil parabens em sua alma por taõ ditosa caça. Escondeunos tudo a antiguidade, ou o descuido dos homens, e juntamente seu nome, que he mais de sentir. Sò nos consta, que deu volta apressadamente pera a Cidade, naõ pondo em parabolas o achado, mas enchendoa de alvoroço, e alegria com a relaçaõ delle. Naõ tardou o povo devoto em se juntar todo no lugar, e agasalhar em breves dias as sanctas Imagens. Quebraraõ penedos, cortaraõ arvores, roçouse o mato: e ficando sò a palmeira por memoria levantaraõlhe huma Ermida pequena em corpo, e fabrica, segundo a pobreza daquelle tempo: e deraõlhe vocaçaõ de S. Salvador da Mata. Seguiraõ logo milagres famosos, e muitos ensinou a devaçaõ, e a necessidade levar por casa dos enfermos, ora a coroa dos espinhos, ora a terra da cova em que estivera cravado o pè da Cruz. Era tal o beneficio, que todos sentiraõ, que acrescentando a devaçaõ da Cidade, chamou com a fama romagens, e concurso de fòra. E o Bispo levado de sancto zelo, ouve que fazia aggravo à sua Catredal em consentir estar fòra della tal riqueza: e determinou passar o Crucifixo à Sè; e sem duvida o fizera, senaõ interviera caso milagroso, que o tolheo, e passou assi. Aprazado o dia pera a tresladaçaõ, juntouse o povo, desceuse a Cruz do Altar, guiaraõ pera a porta da ermida os que a levavaõ. Ao sair naõ ouve modo, nem arte pera a passarem: naõ que se tornasse immovel, ou demasiado pesada, senaõ por meyo mais estranho, que foi vencendo sempre a porta, e as traças dos que a pretendiaõ passar: com quanto naõ deixaraõ nenhuma por tentar. Obrigado o Prelado da estranheza do successo, ouveo por manifestaçaõ da vontade Divina. E naõ sò desistio da pretençaõ, mas procurou

Jud. C.

Jud. C.

curou acrescentar, e honrar a Ermida; e como crescia o povo, e vezinhança, deulhe o titulo de Freguesia. Continuaraõ no mesmo animo os successores. Levantaraõna em Priorado, applicandolhe pera sustentaçaõ de Prior, e Beneficiados, os dous terços dos dizimos da Igreja de Nossa Senhora do Emparo do lugar de Bemfica, e alargaraõna em edificio, inda que naõ falta quem affirme que este augmento de pedra, e cal, pobre todavia, e humilde foy de mandado, e despesa Real.

Esta foy a origem da fabrica da Igreja do Salvador, e a occasiaõ do nome, na qual naõ ha que disputar, nem armar duvidas. Porque de todas nos tira o que sabemos de muitas Imagens antigas, em varias partes achadas, despois da perdiçaõ de Espanha, assi como as terras se hiaõ livrando do jugo dos Mouros. Em Portugal temos muitas da Virgem Benditissima; varias em nome, e successos de como foraõ achadas. Todas grandes em milagres, e misericordias pera com os homens. Huma junto a Peniche com titulo de Nazareth, que foy deposito do mesmo Rey Rodrigo ultimo dos Godos. Outra em terras de Viseu, que chamaõ da Lapa. Duas mais vezinhas, e quasi entre nós, com titulo da Luz, e do Cabo, celebre he junto à Cidade do Porto por antiguidade, e milagres o devotissimo Cruxifixo de Bouces: e o de Burgos nas montanhas. Muy famosas em Castella a Senhora de Guadalupe, e a de Penha de França: e em Catalunha a de Monsarrate. Entravaõ os Barbaros conquistando as terras, e assolando com raiva do mesmo

Fr. Bern. de Brito, Mon. Lus.

Mafamede, tudo o que era sagrado. O povo catholico, que nem entre os peccados da prosperidade, nem no meyo das miserias, que de presente o cercavaõ tinha perdido a fé, naõ se atrevia a largar de si as sagradas Imagens, que venerava: huns pera as guardarem pera milhor tempo, se Deos o désse: ou pera morrerem abraçados com ellas, se dos inimigos fossem alcançados. Outros cheyos de boa esperança, que se lembraria de sua misericordia o mesmo Senhor, que por entaõ viaõ justamente irado, ou as escondiaõ nas entranhas da terra: ou as fiavaõ das matas, e cavernas dos montes, e rochedos: entregandoas assi à Divina providencia, que as guardasse, como fez a estas de Lisboa. Sabido este principio, agora diremos qual foy o do Mosteiro.

Com o primeiro titulo, que a Ermida teve de Freguesia pera gasalhado da vezinhança, e arrebalde, que a devaçaõ começou a juntar no valle, naõ faltaraõ animos pios, que julgando por obra sancta dar algum genero de recolhimento aos muitos peregrinos, que acudiaõ de longe a visitar as sanctas Imagens, levantaraõ junto à Igreja, pera os agasalhar, huns aposentinhos terreos, que naõ sendo em seus principios mais, que humas pequenas cellas, foraõ pouco despois morada de algumas boas mulheres, que guiadas de grande espiritu, souberaõ inventar Ermo no meyo do povoado, entaipandose na estreiteza dellas, à imitaçaõ de huma Pelagia em Jerusalem: despedidas pera sempre de todo consorcio da gente, fizeraõ conta

ta de viver só para Deos, e pera sy. Naõ deixaraõ em cada huma mais, que huma estreita fresta, ou seteira, que lhes serviaõ de luz, e ar, e de tomar o necessario pera a vida corporal, e espiritual. Fez espanto a determinaçaõ, deulhes reputaçaõ a constancia: juntoulhes companheiras huma, e outra cousa. Mas como de obra, que teve fracos principios, naõ ficou memoria dos nomes, nem calidade das pessoas, que nella entraraõ, nem dos annos em que a comessaraõ. Só por conveniencias podemos ir rastejando o tempo; e faço conta, que devia ser o mesmo, em que começou em Santarem semelhante vida a nossa Elvira Duranda, de quem escrevemos na primeira parte desta Historia: ou incitandoa, ou sendo incitadas della, pollos annos do Senhor de 1240. em vida do Santo Frey Gil. Correndo os tempos vieraõ a se conformar tambem com as reclusas de Santarem. O que me confirma mais na conjectura, que faço da primeira imitaçaõ, e do tempo em que deraõ o principio a tal vida; porque se juntaraõ, como ellas em communidade. Mas naõ foy esta mudança parte, pera remittirem nada do primeiro rigor, em todos os mais pontos da vida. Antes com o exemplo, e a vista humas das outras se espertavaõ, e affervoravaõ mais na virtude. Achamos nas lembranças antigas, que naõ era a vida, que faziaõ menos estreita, que aquellas, com que nos espantaõ os Escritores dos Anachoretas da Scithia. Porque vivendo juntas, tal era o silencio, que guardavaõ, tanta a separaçaõ de conversaçaõ, e trato, que quasi naõ diffiria de quando cada huma estava reclusa por sy. Estando entre gente, e na Cidade, assi dependiaõ da Providencia Divina, como se moraraõ no coraçaõ do deserto. Porque nem pediaõ, nem buscavaõ o necessario pera sustentaçaõ da vida, nem por sy, nem por interposta pessoa. Do que a charidade dos fieis trazia por esmola a huma pequena roda, que pera isso servia, tomavaõ o que bastava pera aquelle dia temperadamente. O que parecia sobejo, ou o naõ aceitavaõ, ou o repartiaõ logo entre os pobres de fóra. Por maneira que por nenhum caso haviaõ de guardar, nem grangear nada de hum dia pera outro, armandose sanctamente de viva fé, ou pera esperarem só de Deos a sustentaçaõ, como as Aves do ar, e animais do monte; ou pera padecerem mais, se assi fosse seu serviço. O vestido era hum pouco de saco, ou burel por fóra, e o mesmo a rays das carnes. Pera cama naõ havia na saude mais, que cortiças nuas; na doença era mimo huma pouca de carqueja. Pera cabiceiras, parece, que arriscamos o credito da Historia, se dissermos o que nos referem as memorias, donde tiramos esta (tem grande fé a singeleza, e a verdade dos Antigos) affirmaõ que eraõ pedras. Assi naõ fará maravilha tudo o que sobre tais fundamentos se disser. Que se verdade, como he, que engorda, e enriquece o espiritu das faltas, e pobrezas do corpo, bem se deixa ver qual seria o fervor das almas, onde a carne andava taõ tiranizada em cama, mesa, e vestido, que saõ as cousas em que o mundo faz mais em-

P. 1. l. 2. c. 22. & c. 5. c. 20.
1240.

empregos de mimo, e favor. Seguramente podiaõ dizer com S. Paulo. *Conuersatio nostra in cœlis est.* Na terra vivemos, mas o nosso trato todo he no Ceo. Deu o Senhor alguns sinais de as ter nesta conta, com successos em que quis mostrar quanto vigiaõ seus Divinos olhos sobre a pobreza virtuosa. Cresciaõ em numero, e começavaõ a viver apertadas. Dezejavaõ alargar o sitio, porque tambem havia novas requerentes pera entrarem na clausura. Mas espantavaas a copia, e grossura dos penedos, de que todo o sitio estava empachado. Que até aos officiais de Alvenaria metia medo o que gastaria de tempo, e trabalho, desfazer, e gastar os que bastassem pera estender hum pouco mais o sancto Recolhimento. Andando neste cuidado, aconteceo, que levantandose huma manham, acharaõ repentinamente limpa, e despejada de toda a penedia, tanta parte do sitio, que com ellas partia, quanto pera sua determinaçaõ tinhaõ dezenhado, e era sufficiente. Por maneira, que podemos dizer, que foraõ Anjos, os que aprainaraõ os caminhos, e compuseraõ, como gastadores, a praça, que avia de occupar o Mosteiro do Salvador, e porque naõ pareça a ninguem, que foy obra de pouca sustancia, he de saber, que ainda hoje na clausura presente estaõ vivos, e inteiros alguns penedos, que daõ assaz pejo, hum no choro debaixo, outro na casa do Hospicio. Cercouse logo o lugar com alegria, e bençoens juntas com espanto do povo. Receberaõ mais companheiras, e entre ellas, consta, que foraõ algumas de grande calidade. Mas nem ainda com isso, nem com a estranheza do caso referido, ouve quem nos deixasse mais clareza dellas, que o nome de huma, que chamaõ Dona Catherina, e dizem, que era de sangue Real.

Ad Philip. cap. 3.

Faz muito ao caso pera manter a virtude em seu ponto o favor, e bafo dos Reys. Moveo tambem o Ceo o animo de huma Raynha antiga deste Reyno, pera se dar por remedio, e emparo das emparedadas. Que este nome lhes ficou desda primeira reclusaõ, e lhes durou até que o favor della lho foy trocando em outro. Chamavalhe a Raynha, as suas Beatas. Suas pollo amor que lhes tinha: Beatas, polla muita virtude, que seguiaõ; e porque as Raynhas, que foraõ succedendo, continuaraõ em lhes fazer bem, e merces, continuou o povo em as nomear por Beatas da Raynha.

CAPITULO III.

Do principio, e rezaõ, que ouve pera se fundar nesta Igreja Mosteiro da Ordem de S. Domingos: e quem foy o fundador.

A Devaçaõ das sanctas Imagens, o augmento da Ermida, e o bom nome das Beatas obrigou a hum valído d'elRey Dom Fernando unico deste nome em Portugal, escolher sepultura entre ellas. Chamavase Joaõ Esteves; foy Alcaide mór de Lisboa, cargo, que sempre andou em pessoas de grande calidade: e com elRey Dom Fernando teve tanto lugar, que veyo a perder o nome da pia, no povo, e naõ era conhecido por outro senaõ, pollo da valia:

chamavaõlhe o Privado. Mas naõ era menos ſizudo, que privado: porque naõ perdeo a memoria do Ceo, polla valia do mundo. Quando mais viva eſtava a gloria da privança, lembrouſe da ſepultura, e levantou neſta caſa huma bem ornada, mas moderada Capella. Digo moderada: porque ſendolhe facil entaõ (como tudo obedece aos validos) tomar pera ſy a Capella mór, e fabricalla a ſeu modo, ſatisfezſe com ficar em lugar menos principal: e eſte dotou de toda ſua fazenda, que pera os tempos de entaõ era muita, e boa. Por ſua morte ſuccedeo na poſſe da Capella, e na continuaçaõ do edificio della (porque a povoou primeiro, que a acabaſſe) Affonſo Eſteves ſeu irmaõ, e nella jazem ambos. De Affonſo Eſteves foy filho Joaõ Eſteves, eſte ſendo moço, e criandoſe com o Meſtre de Avis, que deſpois ſuccedeo no Reyno a elRey Dom Fernando ſeu irmaõ, continuou em ſeu ſerviço, companheiro fiel em todos os trabalhos, e tranſes da guerra, que muitos annos durou neſte Reyno. Mas paſſadas as alteraçoens, e dando Deos paz, determinouſe em ſeguir o caminho da Igreja, e das letras, que hum tempo eſtúdara. Porem naõ conſentio elRey Dom Joaõ, como conhecia ſeu valor, que viveſſe ocioſo. Dandolhe alguns bens, e dignidades Eccleſiaſticas, empregouo em negocios ſeus particulares, e do Reyno. E achamos, que foy duas vezes a Roma, por eſta conta. Do que elRey ſe ouve por taõ ſervido delle, que tornando, lhe deu o Biſpado do Porto, e deſpois o paſſou a couſas mayores. No meyo das occupaçoens, e ſerviço Real, trazia o bom Prelado diante dos olhos a hora da morte, e hia traçando em ſeu penſamento, como honraria o lugar, que fazia conta havia de poſſuir nella, com ſeu Pay, e tyo na Igreja do Salvador. E julgando, que por nenhum meyo lhe poderia dar mais luſtre, que fundando huma caſa de religiaõ: para o que achava meyo caminho andado, ou quaſi tudo feito, no recolhimento das Beatas: deu conta de ſeus dezenhos a elRey. E achou nelle naõ ſó goſto da obra, como quem todas as do Culto Divino ſobre maneira eſtimava, mas favor, e ajuda. Porque deſde logo lhe fez merce do Padroado da Igreja, que era da Coroa. E pera que naõ ouveſſe contradiçaõ da parte do Prelado da Catredral de Lisboa, fezlhe manifeſtaçaõ de ſua vontade Real, o que foy baſtante pera que liberalmente cedeſe logo de todo o direito que podia ter, ou pretender nella. No meſmo tempo, e a paſſo igual hia o Biſpo Dom Joaõ Eſteves negociando em Roma, por ſeus agentes, o que cumpria pera o efeito da fundaçaõ do Moſteiro. E em Portugal fazia o meſmo peſſoalmente. Lá com o Pontifice, e Geral da Ordem: cá com elRey. O que ſe vê nas datas dos Breves, e proviſoens em huma, e outra Corte deſpachadas: das quais juntaremos alguns pedaços, quanto baſtem pera certeza, e teſtemunho do tempo, e faculdades, e favores, com que o Moſteiro teve principio. Do Summo Pontifice Bonifacio Nono alcançou licença ampliſſima pera o fundar na regra, e conſtituiçoens

tuiçoens da Ordem dos Prégadores: e pera lhe annexar todas as rendas do Prior, e Beneficiados da Igreja; assi como fossem vagando por morte de cada hum. O nosso Geral, que era, como temos dito, o Mestre Frey Raymundo de Capua, e assistia em Roma com o mesmo Pontifice Bonifacio, durando a força da Cisma. Aceitou o Mosteiro, e deu sua commissaõ pera os Prelados da Ordem em Portugal o admitirem em seu governo, e juntamente consentirem no ponto, que o Bispo pedia, e de poder ajuntar alguns Estatutos de sua pia tençaõ, aos que a regra professa. As palavras da Provisaõ, que elRey passou sobre o Padroado saõ as seguintes.

E Nós vendo o que nos assi dizia, e pedia Dom Joaõ Bispo do Porto, de nosso Conselho, e considerando os muitos estremados serviços, que nós a estes Reynos recebemos do dito Bispo, e especialmente, como duas vezes, pondo seu corpo em aventura, foy por nosso Embaixador à Corte de Roma, aderensar nossos feitos, e negocios, que nos muito cumpriaõ: e os aderensou, segundo a nós faziaõ mister; e outro sy del entendemos receber ao diante. E querendolhe nós conhecer, e galardoar com merces: o que cada hum Rey he teudo de fazer áquelles que bem servem: temos por bem, e de nosso proprio movimento, e certa sciencia, poder absoluto, lhe damos, e doamos, e lhe fazemos livre, e pura doaçaõ entre vivos valedoura, deste dia pera todo sempre, pera el, e pera todos seus herdeiros, e pera aquel, ou aquellas, a que o el der, ou leixar, como suso dito he, do apadroado da dita nossa Igreja de S. Salvador da dita Cidade de Lisboa.

Esta provisaõ mostra ser feita, e assinada em Leiria ao primeiro de Julho da era de Cesar (que ainda naõ era de todo acabado o costume de contar por ella) de 1429. que responde ao Anno de Nosso Senhor Jesu Christo de 1391.

1391.

O Breve foy expedido em Roma aos 27. de Fevereiro do mesmo Anno de 1391. Porque declara que se passou no segundo de seu Pontificado, que pollo que sabemos do tempo de sua eleiçaõ, vem a ser este ao justo. Começa. *Ad ea quæ Diuini cultus augmentum, &c.* As clausulas, que servem a nosso proposito saõ as seguintes.

N Os igitur, qui Diuinum cultum temporibus nostris augere intensis desiderijs affectamus, hujusmodi supplicationibus inclinati, fraternitati tuæ authorita-

tem nostram, parochialis Ecclesiæ Sancti Saluatoris Vlisbonensis erigendi in Monasterium: & postquam erectum fuerit, Priorissam, & condecentem Monialium numerum ordinandi, & instituendi. Quæ quidem Priorissa, & moniales sub cura, & secundum instituta Fratrum Ordinis Prædicatorum viuere debeant. Ac etiam portiones prædictas, cum omnibus juribus, & pertinentijs suis, eidem Monasterio, postquam erectum fuerit, ut præfertur, vniendi, incorporandi, & annectendi. Ita quod cedentibus, vel decedentibus Rectore, & portionarijs prædictis, aut Ecclesiam, & portiones easdem, aliás quo modo libet dimittentibus, liceat Priorissæ, & conuentui ejusdem Monasterij Ecclesiam, & portiones prædictas, & earum corporalem possessionem libere apprehendere, ac licite retinere, diæcesani loci, vel cujuslibet alterius licentia minime requisita. Et quæ circa præmissa opportuna, seu necessaria fuerint, faciendi, statuendi, ac ordinandi plenam, & liberam tenore præsentium licentiam elargimur.

Naõ damos a traduçaõ destas clausulas, porque já deixamos atras especificada a substancia dellas. Cerra o Breve com huma particularidade essencial, que he remeterse na concessaõ ao beneplacito, e consentimento d'el-Rey, dizendo. *Dummodo ad id Regis accedat assensus.*

CAPITULO IV.

Dá o Bispo Dom Joaõ Esteves principio á fundaçaõ do Mosteiro. Aceitase pollos Religiosos de S. Domingos pera a Ordem; recebem as Beatas o habito da maõ do Prior de Lisboa.

ACHamos nas memorias antigas, que tanto que o Bispo teve negociado, e juntos todos os papeis, e licenças, e mais cousas que apontamos, foy em pessoa ao Recolhimento: e propos ás Beatas com huma larga, e devota prática toda sua determinaçaõ, e o que pera bom effeito della tinha procurado, e alcançado no Ecclesiastico, e secular, mas eu naõ me persuado, nem he rezaõ, que se crea, que materia de tanto peso, e tratada nas Cortes de Roma, e Portugal, com tanta differença de pessoas, como temos visto, podia ser secreta, nem ainda preceder, nem começarse, sem ser primeiro muito particularmente communicada, a quem havia ser a parte mais essencial nella, que eraõ as Beatas, e precedendo seu consentimento: confirmase este discurso, com sabermos, que foy grande parte pera conclusaõ da obra, e das particularidades, que nella concorreraõ, a diligencia, e agencia do Mestre Frey Vicente de Lisboa Provincial, e Inquisidor de toda Espanha: como ao diante o veremos em sua vi-

vida, quando chegarmos com a historia ao Convento de Bemfica. O que se deve entender he, que o Bispo fez com formalidade, e toda publicidade agora, o que dantes estava tratado, e concertado em particular. De qualquer maneira, que o negocio passasse, excede todo o encarecimento o alvoroço, e alegria, com que se escreve, que as sanctas femeas receberaõ a nova, ou estimandoa, como comprimento do que esperavaõ, e já andava em prática; ou festejandoa como bem repentino, e naõ cuidado, que costuma dar mais gosto. Eraõ por todas vinte, e huma: governavaas huma, cujo nome era Margaida Annes, ou Dona Margaida Joaõ, como lhe chama outra memoria. Prostaõse todas por terra em sinal que o faziaõ aos pés do Bispo, pera lhos beijar; naõ havia lingoas, que declarassem bastantemente o gozo das almas, trocaõse as vozes em lagrimas, e com tanta abundancia, que obrigaraõ ao Bispo, e os que o acompanhavaõ a seguillas com muitas. Foy a resoluçaõ ficar dia aprazado, pera receberem o habito.

Despediose o Bispo pera sua casa cheyo de consolaçaõ, e alegria, e ellas com a mesma caminharaõ em communidade pera diante do sancto Crucifixo; dandolhe graças polla grande misericordia, que usava com suas servas, em querer, e ordenar com divina traça, que o fossem por voto, as que já o eraõ por determinaçaõ, e vontade: e na companhia de taõ sancto, e bemaventurado avogado, padroeiro, e Pay, como era o grande Patriarcha S. Domingos: servidaõ de verdadeira liberdade, carcere, e cadeas ditosas pera meyo de reynar. Por tal julgavaõ, e com tais nomes engrandeciaõ o estado offerecido. E por remate convocavaõ todos os choros dos Anjos, todos os Sanctos, e almas bemaventuradas, que as ajudassem a dar dignos louvores a quem tanto queria honrar indignas criaturas. Esta era sua principal, e continua occupaçaõ em quanto tardava o dia que o Bispo sinalara. E o Bispo entre tanto mandou levantar algumas officinas no Recolhimento, e fazer compor outras cousas, pera ficar o Mosteiro com toda deffencia, e perfeiçaõ.

Chegado o prazo, que foy huma quarta feira, vespora de Santo Andre, vinte, e nove de Novembro, Anno de 1392. achouse o Bispo na Igreja acompanhado de muitos fidalgos, parentes, e amigos seus, e devotos da Ordem: e juntamente do Padre Frey Lopo de Lisboa, Prior de S. Domingos da Cidade, que governava os Conventos da Ordem em Portugal, e porque seguia o Gerál Frey Raymundo de Capua, que estava com o verdadeiro Pontifice em Roma (como atras tocamos) se nomeava Vigairo Geral de Espanha. Eraõ mais presentes o Mestre Frey Vicente de Lisboa, Prégador, e Confessor d'elRey Dom Joaõ, que fora Provincial, e Inquisidor de toda Espanha, antes da guerra dos Reys. E com elles os Padres Frey Vasco, e Frey Affonso, que as memorias chamaõ Doutores; e o Padre Frey Bertholameu da Azãbuja, e outros. Acudio grande parte da nobreza, e povo da Ci-

1392.

Cidade, obrigado da novidade. Appareceraõ logo na grade do choro, corrida huma cortina, as futuras noviças, cheas de religiosa modestia, e devaçaõ, e o Bispo pondo os olhos nos Religiosos, começou assi. A rezaõ, que todos temos de venerar, e honrar as sagradas memorias, que este Sanctuario, em que estamos, encerra em sy, como he geral pera os mais, assi fica sendo pera mim dobrada, pollo deposito, que nelle tenho de hum pay, e tyo; pessoas de taõ grandes partes, e merecimentos, como todos sabem. Esta me tem obrigado de muitos tempos atraz, a dezejar acrescentallo, e ennobrecello a todo meu poder. A traça pera o fazer, me descubrio o exemplo, e prova da virtude destas irmãs. A ellas confesso, que a devo; traça he em que todos os presentes ficamos de ganho. Ellas com a consolaçaõ, que tanto ha procuraraõ, como he boa testemunha vossa Reverencia Padre Frey Vicente, de servirem a Deos em verdadeira Religiaõ. Eu em as ter por mercieiras acrescentando o Culto Divino; que he a obrigaçaõ em que nos poem o estado, que Deos nos tem dado de Principes de sua Igreja; e tais saõ todos os Bispos. E a Ordem de S. Domingos, em governar hum Mosteiro, começado por gente taõ religiosa, que será sem duvida outro S. Xisto de Roma: pera resuscitar com elle neste Reyno, e nesta Ordem, aquella antiga observancia, que as guerras de Espanha, e as perturbaçoens da sancta Igreja, nestes cançados tempos, trazem taõ abatida. A este fim tenho trabalhado muito, e alcançado o necessario. Resta só pera perfeiçaõ de tudo saber de V. R. Padre Vigairo Geral, se he contente de aceitar o governo deste Mosteiro pera sua Ordem, na conformidade dos despachos, que lhe tenho mostrado do Reverendissimo Geral. Parou o Bispo, esperando a reposta; e respondendo o Vigairo, que de boa vontade recebia o Mosteiro à obediencia, e uniaõ da Ordem, pellas mesmas rezoens, que sua Senhoria apontara, e pollo gosto, que mostrava delle, acrescentou o Bispo, que lhe fazia a saber, que pollo Breve do Pontifice tinha faculdade, para ajuntar alguns Estatutos particulares de sua devaçaõ, aos da Regra de S. Domingos, pera se guardarem naquelle Mosteiro. Mas que fiasse delle, naõ seriaõ pesados, nem máos de levar. E dando noticia de alguns, disse, que os naõ declarava logo todos; porque queria, que o discurso dos annos lhe fosse descubrindo, se seriaõ tanto a proposito, e pera conservaçaõ da Religiaõ, como desejava, e imaginava. E por tanto, queria que lhe ficasse inteira, e salva, a authoridade que lhe davaõ as letras Apostolicas, pera serem recebidos, e obedecidos, a todo o tempo, que os propuzesse. Tinha o Bispo dado tantos penhores de verdadeiro amigo da Ordem, e de Varaõ prudente, e Religioso, que o Vigairo Geral, e Padres, que o acompanhavaõ, naõ fizeraõ duvida em nada.

Mandou logo ler em alta voz o Breve do Papa, que continha as licenças, que atraz referimos. Leose a Provisaõ d'elRey, em que

que lhe dava o Padroado da Igreja, pera o mesmo effeito. E apoz ellas as letras de consentimento do Bispo de Lisboa; e sendo tudo lido, e entendido, levantou a voz, e disse, que pollo direito, e authoridade, que os tais despachos lhe davaõ, elle Dom Joaõ Esteves Bispo da Cidade do Porto fazia doaçaõ perpetua a Ordem de S. Domingos da Igreja do Salvador, pera effeito de ser Mosteiro seu, e lhe applicava, unia, e encorporava pera sua sustentaçaõ todas as rendas della, e as da Igreja de Nossa Senhora do Emparo do lugar de Bemfica sua annexa, no termo da Cidade: assi como as fossem largando por morte, ou cesseõ voluntaria, o Prior, e Beneficiados que de presente as possuiaõ, com declaraçaõ, que o que faltasse pera congrua sustentaçaõ da communidade, elle o supriria de sua casa. E mandou de tudo fazer hum assento em publica forma, que he o seguinte.

ANno Domini millesimo, tercentesimo, nonagesimo secundo, Dominus Ioannes Episcopus Portuensis, authoritate Apostolica, & ex consensu Domini Ioannis, Dei gratia, Regis Portugalliæ, & Algarbiorum, erexit Ecclesiam parochialem Sancti Salvatoris civitatis Vlixbonensis, in Monasterium sororum Ordinis Prædicatorum.

A traducçaõ he. Dom Joaõ Bispo do Porto levantou em Mosteiro de Freiras da Ordem dos Prégadores, a Igreja, e Freguesia de S. Salvador da Cidade de Lisboa, por authoridade, que pera isso teve da Sé Apostolica, e consentimento d'elRey Dom Joaõ por graça de Deos, Rey de Portugal.

Passado este auto, começou o Vigairo Geral, como Prior, que era de S. Domingos de Lisboa, a entender no que estava á sua conta. Primeiramente foy especificando por extenso a todas as noviças em commum os rigores da Ordem de S. Domingos, o peixe por mantimento quotidiano, e continuo de toda a vida, o jejum de sete mezes: as vigias na hora, que mais quebrantaõ, que he a da meya noite: choro, e oraçaõ perpetua; lam desamoravel, e seca em cama, e vestido, e até a rays das carnes; com desterro perpetuo de todo genero de linho, ou outro lenço. E o que pesa mais que tudo, sogeiçaõ do entendimento, e quebrantamento da vontade, em clausura sem termo, e sem esperança de nunca mais tornar ao mundo. Tudo contradiçoens da natureza, sacrificio perpetuo, sempre contrario á vida, ao gosto, á saude, e sem outro limite mais que o da morte. Ajuntou em resoluçaõ o Vigairo, que visse bem cada huma, com que animo apparecia naquelle acto: se vinhaõ voluntarias, ou constrangidas, se traziaõ bem medidas suas forças com o trabalho a que se offereciaõ: com tempo se declarassem, e naõ tomassem peso, que fosse occasiaõ de mayor dano

no: visto como tanto he mais perigosa a queda, quanto he mais alto, e mais perfeito o lugar, donde se cae. Estava todo o secular encolhido, e mudo, e ao parecer cheyo de medo com a relaçaõ das austeridades pollo Vigairo referidas. Mas era muy differente o animo das reclusas. Tamanha alegria se enxergava no rosto, e olhos de todas, com a representaçaõ temerosa das asperezas, e difficuldades, que nem a podia encobrir a modestia natural, nem acquirida polla Religiaõ: e tanto mostravaõ estimallas, como se já descubriraõ nellas huns principios da celestial gloria. Do que foy bom testemunho, que quando começou a fazer perguntas a cada huma em particular, que foy logo apoz esta pratica, segundo ordenaõ as constituiçoens, naõ ouve nenhuma, que deixasse de responder com grande viveza, que por merce grande, e misericordia do Ceo tinhaõ, viver, e morrer no habito do glorioso S. Domingos. Arrematou o Prior com pedir a Deos, désse prospero, e sancto fim ao que sanctamente tinha sua Divina Magestade começado: e dando de sua maõ o habito á Regente Margaida Annes, mandoulhe, que ella fosse vestindo as subditas. E os frades entre tanto foraõ entoando o Hymno. *Veni Sancte Spiritus*, *&c.* que sendo por sy devotissimo, quando neste passo se canta, naõ ha peito taõ de ferro, que senaõ sinta aballar, e compungir, e tornar de cera. Assi foy acompanhado de lagrimas gerais de todo o auditorio em quanto durou: notando cada hum os varios effeitos, que obrava nas noviças; porque humas se abraçavaõ com aquelle pano grosseiro, e aspero, que era pouco menos, que saco: outras o punhaõ sobre os olhos, e e sobre a cabeça, como se faz ao que muito se preza: todas se davaõ pressa a se ver vestidas nelle. Nomeoulhes o Prior por Prelada a mesma, que até entaõ as governara: e por confessor, e Mestre na nova vída o Padre Frey Rodrigo de Setuval, pessoa abalizada em virtude, e qual convinha pera tal escolla, e o Bispo o encarregou logo de algumas obras de pedra, e cal, que mais queria fazer pera inteira commodidade das Religiosas.

CAPITULO V.

Professaõ as Noviças. Elegem Preladas, e officiaes das portas adentro. Recebemse algumas donzellas ao habito. Dase conta da estreiteza da vida, que faziaõ.

DEsfezse a junta com bençoens do povo. E era o contentamento de todos os presentes tal, que faziaõ duvidar quais eraõ os que nelle tinhaõ mayor parte. Alegravase o povo de ver tamanho valor em filhas de sua Cidade, que animosamente se obrigassem, como a carcere perpetuo; quando as mais Religiosas do Reyno viviaõ com liberdade de andar pollas casas dos pays, e parentes. Os frades porque abominavaõ a claustra, e já entaõ procuravaõ ardentemente reduzir a observancia antiga, naõ se fartavaõ de dar graças a Deos, por verem começar este bem em Portugal, polla Ordem de S. Domin-

mingos. O Bispo estimava ver com seus olhos concluida huma obra verdadeiramente heroica, e que muito dezejara. Mas o certo he, que as noviças se aventajavaõ a todos. Porque seu gozo era fundado em certeza de bens soberanos, e proprios, e nas promessas de hum Deos, que nenhuma obra boa, nem huma lagrima, nem hum suspiro deixou nunca sem sua paga, e grande paga. Mostraraõ logo esta verdade no fervor com que entraraõ pollo anno do noviciado, e com que o acabaraõ, que foy hum excesso grande em todas as partes de sua obrigaçaõ. Parecia quererem com a oraçaõ, com as vigias, com os jejuns, e mais rigores fazer força ao anno, que abreviasse o curso ordinario, e as chegasse ao ponto de se verem professas. Porque pera o que deviaõ ao estado de Noviças, era assaz o que faziaõ antes de entrarem nelle. Com taõ boa provaçaõ, chegado o fim do anno, professaraõ todas nas mãos do Prior Frey Lopo de Lisboa, com os extremos da devaçaõ, e alegria espiritual, que facilmente se podem julgar do que fica contado. Esperouse pera este auto, e pera boa estrea delle o dia do glorioso Nascimento de Nosso Redemptor, que foy fim do anno de 1393. pera se receberem no mesmo dia sinco Noviças ao habito, numero fermoso, e pronostico sancto, á honra das Chagas preciosas do mesmo Senhor primeiro Padroeiro, e Autor da casa. Ordenoulhes logo, que pera tudo correr pollos termos da Religiaõ fizessem entre sy livre eleiçaõ de Prioressa. Sahio eleita a Madre Sor Margaida Annes, ou Dona Margaida Joaõ, que era a mesma, que ficou presidindo ás Noviças, e primeiro fora Regente, inda que as memorias o naõ dizem declaradamente. Sendo confirmada nomeou em Suprioressa a Madre Sor Margaida Domingues, de cujas partes faremos ao diante mayor mençaõ. E o Prior a confirmou logo. Seguiose provizaõ dos cargos, e das officiaes, que he costume da Ordem haver das portas a dentro pera bom serviço, e concerto de tudo.

1393.

Apoz este concerto, começou a correr o da Religiaõ com toda a pontualidade de hum bem apontado relogio. Grandes cousas se contaõ daquelles sanctos principios: em que nos naõ podemos deter, pollo muito, que temos, que escrever de toda a Provincia: e porque na môr parte dos rigores da Ordem achavaõ estas Madres menos difficuldades, que naquelles, em que se tinhaõ criado. Costumavaõ antigamente os Mestres de dançar pera criarem ligeireza, e agilidade nos dicipulos, solarlhe os çapatos de pranchas de chumbo. Adéstrados com o peso, era grande o despejo, e soltura, com que despois corriaõ, e saltavaõ, livres delle. Podemos affirmar, que aconteceo o mesmo ás nossas Madres. Naõ sómente as naõ cansava o jejum aturado da Ordem; pollo costume, que tinhaõ de grandes abstinencias: antes se escreve, que havia algumas, que estendiaõ a nossa quaresma de sete mezes, a anno inteiro: e outras, que a faziaõ continua de sinco annos, e o que mais faz pasmar, que o fim de huma era principio de outra, ajuntando mui-

muitos dias de paõ, e agoa entre anno. Da pobreza naõ mudaraõ nada, uzando do mesmo extremo, que atras dissemos de naõ deixar das portas adentro cousa de sustentaçaõ de hum dia pera outro. Todas de sua pobre pitança haviaõ de ter infallivelmente por convidado hum pobre da porta: e se este acertava de faltar, naõ faltava guarda inviolavel do que deixavaõ, pera se dar no dia seguinte, como deposito de fazenda, que já em seu animo era alheya. Grandes louvores davaõ a Deos, quando viraõ as camas da Ordem, que o Bispo mandou. Pollas cortiças nuas, e pedras das cabeceiras, acharaõse com xergoens de palha, honrados com mantas de Alentejo, que se bem eraõ desabrigadas, e leves, ficavaõ sendo na comparaçaõ da pobreza passada, mimo notavel. As tunicas de estamenha, inda que basta, e seca, achavaõ por delicia, porque as livravaõ do burel, a que estavaõ acostumadas. Assi lhes parecia, que, por muito, que trabalhassem, a mais as obrigava, quem taõ bom trato, e tanto favor lhes fazia. Os toucados eraõ pano de linho grosso. Nos pés naõ havia cortiça, nem pera saude, nem pera suprir deffeitos da natureza. Com seculares nenhum trato. Na oraçaõ, nas vigias, nas mortificaçoens do silencio, e disciplinas, naõ aviaõ, que satisfaziaõ, só com o que manda a Regra. No choro havia tanto cuidado, que acudir era sempre antes das horas, e do sinal do sino. O assistir huma modestia, e quietaçaõ do Ceo: e igual o espiritu, a pausa, e a deleitaçaõ no cantar os louvores Divinos. He constante tradiçaõ na casa, que nunca entraraõ as Noviças, que naõ achassem já candeas acesas, livros abertos, e registados, candieiro posto. E desta procedeo outra; que foy dizerse, que vinhaõ as almas sanctas das defunctas, ou cantar primeiro, ou ajudar suas irmãs vivas: ou que eraõ Anjos, que desciaõ do Ceo ao mesmo effeito. E bem se póde cuidar, fazendo conjectura de alguns casos, que deste, e d'outros Mosteiros ao diante contaremos, que naõ podiaõ faltar Anjos onde tudo era sanctidade. Que se lemos de S. Raymundo Frade nosso, gue lhe acontecia muitas vezes espertallo o seu Anjo da guarda, pera cantar os louvores do Senhor: e se o Apostolo encomenda ás mulheres composiçaõ de trajos nas Igrejas, respeito dos Anjos, que alli assistem: que duvida póde haver, de acudirem a acompanhar nos louvores Divinos almas cheyas de composiçaõ de virtudes? A nenhuma, que tivesse officio, izentava o trabalho delle das horas do choro, por mais cançado, que fosse, e todos o eraõ de muito trabalho. Porque da clausura pera dentro naõ havia naquelles principios servidoras. Todas o eraõ de sy mesmas, e da Communidade, e com tanto gosto, e humildade, que as mais velhas lançavaõ maõ do serviço mais abatido, sem dar dispensaçaõ aos annos, nem á authoridade. E tal foy o principio da vida deste Mosteiro, em que muitos annos perseverou com pouca differença. E tal o achava a sancta Raynha Inglesa Dona Felipa, que o Duque de Lencastro seu pay trouxe a este Reyno pera mulher d'elRey Dom

Ad.

Joaõ

Joaõ Primeiro. Casamento felicissimo, que encheo este Reyno de sanctos, e valerosos Principes. Achamos escrito della, que visitava como sancta estas Madres com particular gosto: e festejava a simplicidade, e pobreza, com que a recebiaõ, fazendolhe estrado Real de hum de seus enxergoens, cuberto de huma manta, que nenhuma differença tinha das do dormitorio, mais que em ser das menos uzadas.

Mas he muy fraca a disposiçaõ das mulheres, por robusta, que em algumas se ache, pera levar a Regra Dominica em todo seu rigor, quanto mais sendo acrescentada com novas cargas. A cabo de poucos annos foraõ opprimidas de varios generos de infirmidades; de sórte, que humas acabaraõ depressa a vida. Outras a impossibilitaraõ dando em ethicas, e andavaõ poucas em pé. Os medicos, que a tudo querem achar causas naturais, davaõ a culpa ao peixe continuado, á complexaõ feminina muito contrario: e tambem a calidade do sitio da casa, valle fundo, e por estremo humido. Mas a verdade era, que os exercicios sanctos aturados com gosto, e devaçaõ, enganavaõ os espiritus, sem se entender o mal, senaõ despois de incapazes de remedio. Desejaraõ os Prelados dar algum meyo, pera senaõ perder obra taõ bem começada. Porém he mal antigo, acudirse devagar a faltas commuas, por grandes, que sejaõ. Despois de quarenta annos, reynando elRey Dom Duarte, se tratou dous meyos, que deraõ algum alivio. Foy o primeiro moderar a reza, que além de ser muita em cantidade, e continuaçaõ, era o espiritu daquelle bom tempo taõ affervorado, que todas as horas, e até as das ferias se cantavaõ: do que daõ testemunho, além da tradiçaõ, os livros do choro antigos, e manuaes das cantoras, em que se achaõ apontadas em solfa as Antifonas, e Responsorios feriaes, como os dos dias mayores. Desta moderaçaõ consta que foy Autor o Mestre Frey Joaõ de S. Estevaõ confessor da Raynha Dona Leonor mulher d'elRey Dom Duarte, e Vigairo Geral, que entaõ era da Observancia. O segundo remedio esteve em se introduzir comerem alguns dias da somana carne. Suplicouse ao Pontifice em Roma, e impetrouse a dispensaçaõ, por diligencia do dito Padre. E ainda que nos principios ouve grande resistencia de parte da communidade, que naõ queria consentir se trocasse o rigor em que a casa fora fundada: começouse a executar, e ficou em costume. E com tudo em alguns dias de festas, e devaçoens particulares, naõ se pode acabar com as Madres, que admittissem tal comida. E resistindo nelles constantemenee, succedeo logo hum caso, que as confirmou em sua determinaçaõ; caso bem de notar, e digno de se escrever. De tempo immemorial se faz nesta casa solemne festa á honra das Chagas preciosas do Redemptor, na primeira sesta feira, despois das oitavas de sua gloriosa Ascençaõ: e por Breve Apostolico particular se canta Officio, e Missa das Chagas. E pera mais solemnidade honrase a vespora com abstinencia. Nenhuma Freira come carne em tal dia.

dia. Succedeo hum anno, que por ser quinta feira, dia dispençado na nova licença, e ultimo do Oitavario de taõ grande solemnidade: e tambem, porque andavaõ fracas algumas Religiosas, mandou a Prioressa (ficou em memoria que se chamava a Madre Breytes Annes) que se désse carne: e proveo que se trouxesse á quarta feira. Posesse no fogo á quinta. Começando a cozer, notou huma Madre, que tinha a cargo entender com a cozinha, que vinha a onda da fervura envolta com humas cousas feyas, que tinhaõ feiçaõ de bichos. Naõ o podendo crer tentoua com huma colher, e vio que eraõ verdadeiros bichos. Chamou outras Freiras, porque senaõ fiava de seus olhos; nenhuma duvidou de o serem. E fez mais pasmo, que tirados por muitas vezes huns traz outros; sempre a fervura trazia outros de novo: e era tanto o numero delles, que fazia persuadir, que naõ havia na panella outra cousa, e claramente se via naõ ser a cousa natural Pera mulheres bem criadas, e naõ nascidas nos montes, hum só bastara pera fugirem de tal comida, quanto mais pera as enfastiar. Foraõse attonitas á Prelada, e consideradas todas as particularidades, que se podiaõ ponderar no caso, julgavaõ por permissaõ Divina, e aviso certo, de que agradava no Ceo o bom costume, e que desta casa senaõ esquecia o Senhor della. Mas isto saõ cousas menos antigas: e convem tornarmos com a Historia, ás que saõ mais chegadas aos annos primeiros da casa, em que acharemos outras, que com evidencia descobrem favor, e amor do Ceo pera com ella.

CAPITULO VI.

De duas mysteriosas visoens que ouve neste Mosteiro despois de dado á Ordem. Dasse conta das rendas que o Bispo lhe deixou, e dos suffragios que nelle ordenou.

POucos annos eraõ passados despois de assentado o Mosteiro, quando levantandose huma noite algumas daquellas sanctas, e primeiras Madres, antes das horas de Matinas, segundo era costume de muitas; assi pera as anticiparem com aparelho de espiritu; como tambem pera que estivessem os livros, e tudo o mais aponto, quando soasse a meya noite. Eis que achaõ tudo feito, quanto vinhaõ fazer, candieiro posto, livros abertos, e o que foy mais, vélas naõ só acesas, mas de maneira ardidas, que mostravaõ haver muito espaço, que ardiaõ. Notaraõ com espanto tudo, e como naõ acharaõ outra nenhuma Freira no choro, pareceolhes novidade mysteriosa. Mas naõ sendo facil a gente sancta em cuidar milagres, mostrou o dia seguinte cousa, que as obrigou a crer, que o ouvera. E foy assi, que espertando na mesma noite huma pobre mulher, vezinha da Igreja, vio tanta luz nas portas, que se persuadio ser menhã: levantouse á pressa, tomou seu cantaro pera hir á fonte. Eis que pondo os pés na rua, vê aberta a Igreja; sente dentro musica, e vê luzes. Convidada da occasiaõ, quis fazer oraçaõ, e achou, que se cantava huma

huma Missa, officiada com toda solemnidade de vozes, e festa. Assistindo a ella até se acabar, vio que por remate sahiaõ os Sacerdotes acompanhados de muita gente, em huma comprida procissaõ, na qual notava variedade de trajos, e cores: huns que vestiaõ branco, outros carmesi, outros verde, e todos levavaõ cirios acesos: e dando volta á Igreja hiaõ sinalando cruzes pollos cantos della. Seguio a procissaõ hum espaço. Mas lembrada do serviço, que tinha pera fazer, tornava pera a Igreja embusca do cantaro, com que entrara; senaõ quando, como se fora cousa de sonho, desaparece a procissaõ, vê a Igreja fechada, achase sem o seu cantaro, e sem mais luz, que a da lua, que por muita, e clara, a fizera levantar, e sair de casa, antes de tempo; este testemunho por ser de mulher simpres, e de boa vida; e se achar polla menham o cantaro dentro da Igreja, visto de muito povo, acrescentou a presunçaõ de ser cousa sobrenatural o que as Freiras tinhaõ visto na mesma noite no seu choro. Juntavase a distinçaõ das cores, que a simplicidade da vezinha recontava, sem atinar na significaçaõ, e pessoas, que as vestiaõ, que mostravaõ serem Virgens, Martyres, e Confessores, segundo o costume, que a Igreja sagrada, allumiada pollo Espiritu Sancto, guarda em se ataviar em suas festas. Este successo, e visaõ devia dar principio a duas tradiçoens recebidas nesta casa por todas as moradoras della, e authorizada com antiguidade de muitos annos: huma, que atraz dissemos, de virem os Anjos assistir, e cantar naquelle choro; a outra, que foy sagrada a Igreja naõ por mysterio de homens, senaõ de Anjos.

Mas naõ faltaõ outros fundamentos de mayor certeza; dos quais he muy provado hum, que se vio na sancta Reliquia, que estas madres tem do verdadeiro Lenho da Cruz de Christo. Foy dadiva com que o Bispo, que tudo o que era de preço buscava, e queria pera ellas, enriqueceo o Mosteiro: guardavase entre aquellas Madres, pobres de tudo, senaõ de devaçaõ, e espiritu, em hum Almario da Sancristia, bem fechado: mas na verdade, com menos dessencia da que se devia a tal thesouro. Eis que huma noite, levantandose a communidade a suas matinas, e caminhando pera o coro, fere nos olhos de todas huma grande claridade, que sahia da porta da Sancristia com rayos taõ ardentes, e espantosos, que parecia se abrasava em fogo. Aberta a porta viraõ que procediaõ do Almario da sancta reliquia: e ouve algumas madres, que affirmaraõ ouvirem vozes de celestial armonia, prostradas por terra em graças, e louvores da grande merce, que recebiaõ naquella approvaçaõ, que o Senhor dava á sua sancta reliquia, deraõse por obrigadas, naõ só amoestadas a buscarem modo, pera a terem com mais veneraçaõ, senaõ fosse com toda a que deviaõ. Ordenaraõ hum Altar no Choro, e nelle hum Sacrario, em que a recolheraõ. E arde diante, desde entaõ, huma alampada perpetua: e até pera a chave do Sacrario fizeraõ caixa em que se guarda com

cui

cuidado, e curiosidade.

Junto com o alimento de devaçaõ, e espiritu, acudio o Bispo com o corporal, dezejando, que estivessem as Freiras, nesta parte, taõ bem providas, que nenhum outro cuidado tivessem mais, que o do Ceo, e da salvaçaõ. Fora senhor da villa de Salvaterra de Magos em Riba-Tejo Affonso Esteves pay do Bispo, e de tudo o que a Coroa Real possohia na Igreja de S. Paulo da mesma villa, que era a quarta parte dos dizimos grossos, e meudos, a ella pertencentes. Por morte de Affonso Esteves fez elRey D. Joaõ primeiro merce ao Bispo desta renda, tomando pera a Coroa o senhorio do lugar; e e della lhe mandou passar huma muy ampla, e honrada Doaçaõ. Esta transferio o Bispo no Mosteiro pera sua sustentaçaõ, assi como a ouve d'elRey: e poz obrigaçaõ por ella ás Religiosas, porque se veja o valor, e agradecido animo deste Varaõ, de cantarem em todas as festas, que a Igreja celebra de N. Senhora, no dia antes de cada huma, huma Missa solemne da mesma festa, polla vida dos Reys D. Joaõ, e Dona Felipa, e de seus filhos: a qual despois de suas mortes ficasse por suas almas; juntando entaõ mais hum officio de defunctos ás vesperas, e matinas. E porque naõ ficasse sem algum suffragio quem lhes fora meyo de taõ boa renda, ordenou que despois de seu fallecimento lhe rezassem no dia delle, hum Anniversario perpetuo, e outro polla alma de seu Pay no dia em que fallecera. Assentadas estas cousas, como era letrado, e queria firmeza em tudo, alcançou d'elRey, que lhe ratificasse a doaçaõ, naõ só na pessoa delle Bispo, mas tambem em favor do Mosteiro: e assi o declara a Carta, que elRey lhe mandou passar. Mas isto foy nos principios da Casa. Passados poucos annos, lhe dobrou a renda; o que he bem, fique desde logo declarado pera naõ tornarmos a esta materia. Subio o Bispo da Igreja do Porto á de Coimbra; e como em sua pessoa cabia toda a cousa grande, passou pouco despois á Metropolitana de Lisboa. Possuindo esta, juntou hum dia Cabido, que foy aos 5 de Outubro do Anno de N. S. Jesu Christo de 1405. e propoz, naõ o gosto, que tinha do que era obra de suas mãos; senaõ a pura verdade da grande perfeiçaõ, com que se vivia no seu Mosteiro do Salvador. E porque sendo esta favorecida, cresceria mais, e seria milhor servido aquelle Senhor, a quem todos serviaõ, tinha em pensamento, e estimaria, que se conformassem com elle, largar ás Freiras o que a Sé possuhia nas Igrejas em que já tinhaõ grande parte. Foylhes logo trazendo á memoria, o que atraz temos tocado, que por Breves Apostolicos, e licenças Reays, e do mesmo Cabido em tempos atraz tinha pera ellas alcançado: assi na mesma Igreja do Salvador, e em sua annexa do lugar de Bemfica; como na de S. Paulo de Salvaterra: e ajuntou, que seria obra gloriosa, e digna de taõ illustre Cabido, obrigar aquellas Madres a serem perpetuas mercyeiras de cada hum delles, e daquella sancta Sé, com lhes largar a terça Pontifical, que tinhaõ na Igreja do Sal-

1405.

Salvador, e de Noſſa Senhora do Emparo do lugar de Bemfica: e a quarta parte da de S. Paulo de Salvaterra. Concederaõ todos ſem faltar nenhum, como em obra do Eſpiritu Sancto. Paſſaraõſe letras, confirmouas o Pontifice Alexandre Quinto eſtando em Bolonha, no primeiro Anno de ſeu Pontificado, e no do Senhor de 1409. por Fevereiro. As cauſas, que o Breve traz pera a confirmaçaõ, ſaõ as meſmas, com que o Cabido ſe obrigou ao conſentimento, ouvindoas de boca do Arcebiſpo. E porque a todos devia ſer notoria a verdade dellas, naõ ſerá rezaõ ficarem fóra deſta eſcritura. Diz aſſi o latim. *Et quia Monaſterij jam dicti fama, ac vitæ odor Angelicæ, in multis hujus Regni partibus fuit, & eſt mirabiliter circunfuſus, &c.* Como dizendo, que fazia a graça polla fama, que corria do Moſteiro, e pollo cheiro da vida Angelica, que nelle ſe fazia, que era tal, que polla môr parte do Reyno ſe tinha com eſpanto derramado, &c.

1409.

Mas naõ ha negocio tam bem fundado, que o engenho da malicia humana naõ contramíne. Ficando o Moſteiro com as duas quartas partes dos dizimos de Salvaterra, de ſeu ſe eſtava, que por muitas Igrejas, que de novo ouveſſe na villa, em todas havia de gozar das meſmas duas quartas partes, pollo primeiro direito, que nas Freiras tinhaõ transferido elRey, e o Cabido da Sé. Aſſi paſſados muitos annos, e ſuccedendo edificarſe de novo na villa a Igreja de S. Antonio, acudiraõ logo as Madres a pedir as partes, que ſem nenhuma duvida lhe tocavaõ nella, e juntamente o Padroado, que tambem lhes pertencia. Porém acharaõ dura contradiçaõ; parte em hum fidalgo poderoſo, que correndo os tempos, veyo a ſer ſenhor da villa, e parte nos Miniſtros do Arcebiſpo, e Cabido. E com tudo a força da juſtiça lhes deu duas ſentenças contra taõ fortes adverſarios, a hum Moſteiro de mulheres fracas, e deſemparadas. Foy a primeira neſte Reyno, e a ſegunda em Roma. Paſſaraõſe longos annos, e nelles grandes debates; até que no Anno de 1550. ſendo Arcebiſpo Dom Fernando de Vaſconcellos, e ſenhor da villa Dom Fradique Manoel, que a vendia (como vendeo) ao Infante Dom Luis, ſe vieraõ a compor com as Freiras, em que ficando com ellas ametade da terça Pontifical da Igreja da contenda cedeſſem todo o mais direito, que pretendiaõ. Era Prioreſſa a Madre Dona Margayda de Mello. Aceitou o que lhe quizeraõ dar, por naõ arriſcar a juſtiça certa, litigando longe da caſa, e com dous Principes; hum da Igreja, que era o Arcebiſpo; outro ſecular, que era o Infante Dom Luis, que polla compra da villa ſuccedia no direito de Dom Fradique. Celebrouſe a Eſcritura em oito dias do mez de Outubro do meſmo Anno. Foy Eſcrivaõ Manoel Faleyro Notario Apoſtolico.

CAPI-

CAPITULO VII.

Dos Estatutos, que o Bispo ajuntou aos da Ordem, e de algumas obrigaçoens que mais poz.

A Traz contamos, como no dia, que as Madres professaraõ, lhes declarou o Bispo, como tinha authoridade do Summo Pontifice pera acrescentar alguns Estatutos, que convenientes lhe parecessem aos da Regra de S. Domingos; e logo prometeo, que naõ seriaõ muito pezados, nem fóra dos limites da prudencia: e por tanto reservava a faculdade, que as letras Apostolicas lhe davaõ, pera quando fosse tempo de se declarar. Passados quatro annos, se veyo a resolver. Em outro tal dia, como o em que as Madres foraõ recebidas ao sancto habito, que foy huma vespera de S. Andre (devia de ser devoto deste Sancto) do Anno de 1396. veyo á Igreja, e em presença do Prior, e Vigairo Geral Frey Lopo de Lisboa, e do Mestre Frey Vicente, e do Padre Frey Martinho Vigairo do Mosteiro, que as memorias chamaõ Prior (titulo que entaõ usavaõ os que agora chamamos Vigairos) e chamadas as Madres todas, mandou lêr hum papel, que trazia escrito em lingua Latina, no qual havia muitos capitulos. E lido cada hum, elle o declarava. Saõ as palavras hum retrato do animo, e entendimento de quem as diz: mas nenhum he mais vivo, que as que se dizem per escrito. Porque a voz, que sae repentina, como he do primeiro movimento, naõ traz muitas vezes o peso, e substancia, com que a consideraçaõ as digere, quando com a pena se vaõ no papel assentando. Taõ acertados eraõ, e tanto em favor da Religiaõ, que naõ só foraõ aceitados dos Frades, e Freiras, mas por todos, e todas louvados. Naõ he possivel especificarmos todos; vista a brevidade, que vamos procurando. Mas por honra do Autor delles, e do valor das que os aceitaraõ, pera os manter, e cumprir, daremos noticia de alguns. Foy hum, que em nenhum tempo se comeria carne na Communidade: e só quando ouvesse necessidade precisa de doença forçosa, se comesse em particular com o resguardo, e pollo modo, que a Regra concede. Outro foy, que naõ usariaõ nunca linho em tunicas, nem em leytos. Mas naõ posso deixar de refirir as mesmas palavras do Bispo em outros dous, cuja substancia he, naõ possuir cousa propria, e naõ ter trato com seculares; saõ as palavras do primeiro gravissimas, e temerosas, e que em todas as Religioens haviaõ de ser lidas, e executadas, e dizem assi. *Statuentes, vt quæcunque soror reperta fuerit aliquid appropriare voce, vel opere, à cæteris sicut excommunicata vitetur: nec in morte inter alias, sed extra cæmiterium sepeliatur: & ad perditionem cum Saphyra, & Anania vadat.* Quasi dizendo, que qualquer Freira, que for achada possuindo alguma cousa como propria, naõ só em realidade, mas ainda que naõ seja mais, que de palavra, pollo mesmo caso, como escomungada, seja evitada em vida, do trato, e comercio

1396.

comercio das outras: e na morte naõ tenha com ellas sepultura, mas fique fóra do Cemiterio commum; e sua alma vá condenada com as de Safira, e Annanias. No segundo ponto, despois de dar licença, que possaõ entrar na Clausura os Reys, e Infantes seus filhos, ajunta, que sejaõ filhos legitimos: e despois acrescenta. *Priorissa, et quælibet Soror velata facie loquatur prædictis Dominis.* Quer dizer. A estes Senhores, a Prioressa, e qualquer outra Freira falle com o rosto cuberto. Entendido fica o que disporia com gente de menos porte, quem assi se acautelava com pessoas Reays. Muitos louvores devemos a estas Madres; porque aceitando com facilidade tais encargos, sabiaõ naõ estarem fundados com menos obrigaçaõ, e pena que huma excommunhaõ Papal.

Act.

Succederaõ a estes outros muito bem assombrados, e cheyos de piedade. Que em nenhum tempo deixariaõ a Regra, nem o habito de S. Domingos. Que naõ passasse nunca o numero das Religiosas de quarenta professas, e dez Noviças, prevenindo sabiamente, naõ se impossibilitar a sustentaçaõ, com gente demasiada, que hoje dá trabalho em muitos Mosteiros. Que seriaõ obrigadas desdas vesperas da Primeira Dominga da Quaresma, até o sabbado da somana Sancta a rezar o officio das angustias da Virgem Nossa Senhora, que foy composto pollo Papa Joaõ Vigessimo Segundo, com titulo: *de Compassione Virginis*: e na primeira sesta feira despois da Pascoa lhe fariaõ festa com Missa solemne, e prégaçaõ; e a reza de sua Consolaçaõ, e prazeres: e todos os mais dias, até o sabbado despois de Pentecoste, lhe rezariaõ o mesmo officio. Mas porque lhe pareceo a carga grande, alivioulhes o trabalho por duas maneiras. Primeira, libertandoas por estes dias da obrigaçaõ do officio pequeno da Virgem, que he ordinario da Regra: segunda, sinallandolhes em premio, como pera collaçaõ, ou merenda daquelles dias, cento, e sincoenta livras em dinheiro, as quais manda que se entreguem á Prioressa, e Freiras: com està palavra, *pro vino collationis.* A força da significaçaõ he, pera vinho da collaçaõ. E porque fallou em vinho, e aquella contia de livras lhe pagava sua mãy, por rezaõ de certa vinha, e assenhas, que possuhia em vida, e por sua morte aviaõ de tornar ao Morgado, e Capella: ajunta, e manda, que o Administrador, quando esta fazenda lhe vier, dê ao Mosteiro em lugar das livras sincoenta, e dous almudes de vinho.

Mas como estas obrigaçoens eraõ de portas adentro, e ficavaõ quasi em segredo, naõ quis que faltasse, onde tanto bem tinha feito, hum reconhecimento publico, que pera seus successores fosse de honra, e pera elle servisse de memoria; e ordenou, e obrigou a Communidade, que no primeiro Domingo de cada mez, lhe mandasse huma pitança inteira de tudo o que em tal dia se désse no refeitorio por jantar a cada Religiosa, fazendo conta, que o tinhaõ por seu convidado. Este estilo guardassem pollo tempo em diante, com quem despois de seus dias lhe succedesse no

Padroado da Casa. E assi dura atéagora, sem nunca se perder. Mas porque a experiencia nos ensina, que todos os Estados, que os homens buscaõ de perpetuar sua fama, saõ menos firmes, que os dos livros, rezaõ será ficar neste viva a memoria de quem a soube merecer a Deos, e á Ordem de S. Domingos: falloemos brevemente no seguinte Capitulo.

CAPITULO VIII.

Dasse conta da vida, e morte de Dom João Esteves, e dos cargos, e dignidades porque passou até alcançar a de Cardeal da Sancta Igreja de Roma.

JOaõ, e Affonso Esteves foraõ irmãos, e criados ambos em casa dos Reys Dom Pedro, e Dom Fernando Pay, e Filho, ambos unicos deste nome em Portugal, e nella merceraõ por suas boas partes, e calidades, as honras, e merces, que delles elRey Dom Joaõ seu successor no Reyno alcançaraõ. O primeiro a Alcaidaria mór de Lisboa, como atraz tocamos, com muita, e boa fazenda. O segundo o Senhorio de Salvaterra de Magos. E ainda que o valor pessoal devia ser muita parte pera lhes grangeár estes bens, de crer he, que naõ sería sem fundamento de clareza de sangue. O que se colhe do testamento, que fez Dom Joaõ Esteves, quando se partia terceira vez a Roma, despois do Arcebispo de Lisboa, que tivemos em nossa maõ: no qual encomendando a elRey os parentes, que deixava no Reyno, lhe faz lembrança, que seus mayores haviaõ sido do serviço d'elRey Dom Dinis, que entaõ era já boa antiguidade. O lugar de seu nascimento naõ duvidamos, que foy a villa da Azambuja. Porque no mesmo testamento ordena Dom Joaõ, que se faça na Igreja della hum arco, e sepultura, em que se recolhaõ as ossadas de parentes, que alli nomea; e que tenhaõ memoria, e suffragios perpetuos: donde fica claro, que teve occasiaõ o apellido, com que alguns o nomeaõ de Azambuja. Dos dous irmãos falleceo o primeiro, que era Alcaide mór de Lisboa, sem geraçaõ; e succedeo em sua herança dos bens patrimoniais o segundo, que era Affonso Esteves senhor de Salvaterra. De Affonso Esteves foy filho Joaõ Esteves, que he o Bispo do Porto Dom Joaõ Esteves, de que tratamos, herdeiro, e successor por seu pay, da Capella, e Morgado, que o tyo fundára no Salvador, como deixamos contado. Do Bispo tinha elRey Dom Joaõ tanta satisfaçaõ, que tudo lhe parecia pouco pera elle. Vagando o Bispado de Coimbra, e pouco despois o Arcebispado de Lisboa, successivamente lhe foy dando ambas as Igrejas. E foy o segundo Arcebispo que Lisboa teve. Succedeo despois convocar Concilio o Papa Gregorio Duodecimo pera a Cidade de Pisa em Italia, com dezejo de achar remedio algum pera o mal do Scisma, que durava. Foy a elle o Arcebispo Dom Joaõ Esteves por dous titulos; hum como Prelado Metropolitano, e que seguia, e obedecia ao verdadeiro successor de S. Pedro; com todo o Reyno de Portugal: outro como Embaixador de seu

Platina de vitis Pontificum.

seu Rey, que tambem reconhecia o Pontifice; e esta foy a terceira jornada que fez a terras de Italia com taõ bom successo em hida, e estada, e com tais obras, que honrou a sy, e a sua Patria. Despois de assistir no Concilio, que foy no Anno de 1409. e tendo recebido o Capello de Cardeal, que o Pontifice Joaõ Vigessimo Tercio lhe deu á instancia d'elRey Dom Joaõ, como nos constou por hum assento do livro dos Anniversarios da sancta Sé de Evora, que diz assi. E a preces do Senhor Rey o Papa Joanne XXIII. o fez Cardeal de Lisboa, e teve o Arcebispado, e encomenda; e foy feito Cardeal a tres dias de Junho da era de M CCCCXLIX. respondelhe o Anno de Christo 1411. caminhou pera Jerusalem visitar os lugares sanctos, memorias de nossa Redempçaõ; tanto mais pio, e mais devoto, quanto mais honrado. Concluida prosperamente a sancta Romaria, voltou a Italia, e antes de sair della deixou levantadas duas memorias, dignas de hum Principe. Huma em Bolonha, em veneraçaõ de nosso Patriarca S. Domingos: de que os Antigos nos deixaraõ noticia com hum termo escuro, e confuso (naõ devia ser quererem encubrila) dizendo, que solemnizou a sepultura do Sancto. Póde ser que foy, como se prezava de seu devoto, ornar sua capella, e sepultura, com novos Marmores, e fabrica melhorada, e mais rica: visto, como todo outro feitio era menos digno da tal dignidade. A outra foy em Roma onde edificou hum convento de Monges de S. Jeronymo. Devia ser obrigado da devaçaõ, que

1409.

1411.

lhe faria sua memoria quando se achou no Portal de Belem, de que o Sancto se fez perpetuo morador, trocando por aquella humilde pobreza as delicias, e grandezas de Roma. De Italia pera se tornar ao Reyno tentou hum grande rodeyo, atravessando muitas terras; e passando a Frandes. O que cremos, que seria por visitar a Duqueza Dona Isabel, filha d'elRey Dom Joaõ, casada com o Duque Felipe de Borgonha, e tambem por se desviar de terras de Espanha. Começava a descançar de taõ longas jornadas, e peregrinaçaõ, na villa de Burges da Provincia, e Condado de Frandes, fazendo conta, que estava já como á vista das prayas, e áres de Lisboa. Aqui foy salteado de forte doença, que ajudada dos trabalhos passados, e da idade crescida, o enterrou brevemente, em 23. de Janeiro de 1415. segundo Onuphrio.

1415. Onufrio Panuino no l. 1. dos Cardeais.

Tinha o Arcebispo, como taõ prudente, feito solemne testamento ao tempo que partio do Reyno. Nelle, como adevinhando que naõ avia de tornar, declara a determinaçaõ, que levava de passar á Terra Sancta: e particulariza o que queria se fizesse em suas exequias, e na trazida de seu corpo a Portugal. Nomeando por testamenteiro o Dayáõ da Sé de Coimbra; ordenalhe, que sepulte seus ossos na Capella de seu tyo, e em final, que naõ queria mais, que sepultura raza, aponta em huma campa, que em tempos atraz tinha mandado trazer de Frandes. Notavel humildade, que podendo, como Metropolitano, e taõ grande bemfeitor tomar a Igreja toda (que nenhuma con-

tradiçaõ achara então) naõ quis mais que hum canto della, e ainda ahy furtou o corpo aos fauſtos de marmores, e moymentos levantados, que o mundo eſtima. Da adminiſtraçaõ do Padroado, e Morgado, porque naõ tinha herdeiro forçado, diſpoem com o meſmo juizo. E manda, que ſucceda nelle hum ſobrinho ſeu por nome Alvaro filho de Pedro Franciſco de Tavora, pondolhe obrigaçaõ, que ſeja morador em terras de Eſtremadura. Fazia conta como diſcreto, que as Caſas nobres, ſe vivem longe da Corte, facilmente ſe apagaõ, ou eſcurecem; e logo chama outro, em caſo, que o Alvaro naõ viva na Provincia apontada. Ultimamente fez huma clauſula de grande honra pera o Moſteiro, e ſegurança pacifica da conſervaçaõ de ſua memoria. Porque declara, que ſuccedendo em algum tempo faltarlhe direito, e legitimo ſucceſſor, a Prioreſſa, que for no Moſteiro do Salvador, nomeyé nelle hum parente da linha de ſeu Tyo, ou de ſeu Pay, qual milhor lhe parecer. E eſſe tal o haja, e poſſua.

Vieraõ os oſſos de Frandes: e como eſtava taõ freſca a memoria dos beneficios recebidos, naõ ouveraõ as Madres, que correſpondiaõ a ſua obrigaçaõ, ſe os deixaſſem no ſitio, que o teſtamento aponta. Acontece no mundo aver homens, que nem a morte baſta pera lhes trocar os eſtilos da vida. Peregrinou muito vivendo: naõ acabaraõ de ſoſſegar ſeus oſſos morrendo. Navegaraõ de Burges pera Liſboa. Em Lisboa foraõ recebidos na Igreja do Salvador. Da Igreja paſſaraõ ao Choro, e nelle andaraõ alguns annos em depoſito, e em fim tornaraõ pera a Igreja, onde foraõ collocados na Capella mór em ſitio alto, e decente na parede, á parte do Evangelho com a letra ſeguinte.

AQui jaz o muito honrado Senhor Dom Joaõ Eſteves Arcebiſpo de Lisboa, e Cardeal de Roma, Varaõ ſabedor, e virtuoſo. Em Bolonha ſolemnizou a ſepultura de S. Domingos. Em Roma fundou o Moſteiro de S. Jeronymo: e em Lisboa eſte, em que ſe mandou ſepultar.

Mas ainda aqui naõ tiveraõ repouzo. Correraõ os annos, que em tudo cauſaõ mudanças; acabaraõ aquellas Religioſas antigas, que tinhaõ tratado, e conhecido o Cardeal, e gozado de ſua liberalidade, e providencia, como de outro Joſeph os Egypcios. Entrou huma Prelada zeloſa, ou de melhorar ſua Igreja, ou de que ſe cumpriſſe a ultima vontade do defuncto, no enterro, que em ſua vida eſcolhera, e declarara. Requereo em juizo o cumprimento do teſtamento, e deſpejo da Capella mór. Sobejava juſtiça ás Madres no que era puro direito, e riguroſo das leys eſcritas: faltavalhes, ou naõ tinhaõ nenhuma (pera inquietarem taõ honrado defuncto) em outro direito, que naõ anda eſcrito: he ſeu nome Equidade, Rezaõ, e Cortezia: porque ſe bem faltava a preſença de quem lhes fora

Gen.

ra fundador da Casa, e Autor da vida, e sustentação: viviaõ, e eraõ presentes aos olhos todos seus beneficios: e sua successaõ naõ estava diminuida da primeira nobreza; mas antes acrescentada; porque havia muitos annos, que tinha entrado, e se contentava em hum ramo do apellido de Noronhas: Apellido, que tem por Autores dous Reys. Hum Dom Henrique de Castella; e outro Dom Fernando de Portugal, dos quais foy filho, e genro hum Conde de Gigion, Senhor de Noruenha, autor delle, e de grandes Casas neste Reyno. Correo a causa, prevaleceo o direito dos livros. Sentenciouse, que os ossos peregrinassem de novo, e largassem o posto de quasi duzentos annos possuido: era isto já no Anno de 1608. possuindo o Padroado, e o Morgado Dom Marcos de Noronha. Mas entaõ descobriraõ as Madres a verdade, e singeleza de animo, que as obrigava ao letigio. Porquè posto de parte o rigor da sentença, tomaraõ hum meyo digno de sua muita Religiaõ, e nobreza. Que foy, libertando a sua Capella mór, tresladarem o corpo do Cardeal pera o Choro alto; o que se fez com toda a pompa, e apparato a tal titulo devido. Porque se levantou hum tumulo no meyo da Igreja sobre hum estrado alto com seus degraos, acompanhado de muita cera em tocheiras, e castiçais de prata: e sobre o tumulo se assentou o caixaõ que estava na Capella mór, cuberto de hum pano de brocado; e a Communidade de nosso Convento de Lisboa, que foy chamada, lhe cantou hum officio solemne. O qual acabado, levaraõ o caixaõ em procissaõ á Portaria, onde o receberaõ todas as Religiosas juntas; e o puseraõ no choro. O lugar, que aqui tem o Cardeal, he na parede da parte do Evangelho sobre todas as cadeiras, em huma caixa forrada de setim carmesi, encerrada em outra de bom marmore, e assentada sobre dous leoens do mesmo: e por sima hum painel em que se vê hum Cardeal pintado a oleo debaixo de hum docel. Dizem as madres, que se acharaõ no caixaõ velho duas ossadas inteiras, e distinctas, cozidas cada huma em seu pano linho grosso, e que huma dellas tinha hum cheiro suave, como de barro novo. Naõ se podendo alcançar, qual era o do Cardeal, foraõ ambas envoltas, e cozidas de novo em toalhas de Olanda, e encerradas separadamente no caixaõ novo. O que julgamos he, que juntaria o testamenteiro com os ossos do Cardeal os de seu Tyo Joaõ Esteves, visto como merecia por instituidor da Capella, e morgado a mesma honra, que o Cardeal por Fundador, e Padroeiro. Ficaraõ mostrando as Religiosas nestes officios de piedade ao Cardeal amor, e ao successor respeito. Porque, se lhe tiraraõ o lugar mais nobre, e naõ seu, tambem lhe deraõ outro quasi igual, e naõ consentiraõ, que ficasse no mais humilde, e proprio. Assi o declara hum letreiro, que fica sobre a grade baixa do choro da banda de fóra, com pouca differença do que deixamos referido da Capella mór. Nelle advirto ao Leytor, que o Anno de sua morte foy o de 1415. como aponta Onu-

Caribay.

1608.

1415.

Onuph. Pan. ver.

Onufrio Panuino Veronense, no livro dos Cardeays; e consta por memorias da sancta Sé de Lisboa, que neste Anno era Vigairo Geral pollo Cardeal, Rafael Perestrello, Vigairo de S. Marinho. E advirto mais, que o appellido, que lhe dá, chamandolhe Dom Joaõ Esteves Privado, he cousa, que em nenhuma escritura antiga se acha; nem o Arcebispo uzou em nenhum tempo: porque tal nome daõ alguns Chronistas antigos sómente ao Tyo Joaõ Esteves, pera o darem a conhecer polla valia, que teve com os Reys Dom Pedro, e Dom Fernando. Mas he tempo de tornarmos á nossa principal obrigaçaõ, de que nos divertio o agradecimento.

Chron. delRey D. Pedro c. 12. & 27.

CAPITULO IX.

Da reformaçaõ que ouve no edificio do Mosteiro, e Igreja. E como se deu Capella particular ao sancto Crucifixo: e do que succedeo em duas tresladaçoens que delle se fizeraõ.

MErecia este Mosteiro hum sitio muito estendido, e grande, pera inteira deffencia, e veneraçaõ das sanctas Imagens, de que he Custodia. Mas já temos visto como foy obra do mesmo Deos, que o naõ desemparassem por estreito, nem por pobre. Assi se contentaraõ as madres primeiras, e suas successoras do aperto delle, ainda que muito á custa de sua vida, e saude; dandolhe composiçaõ, e largueza quanto o lugar, e os tempos sofriaõ. Foy primeiro principio desbaratar a estreiteza das cellinhas das antigas emparedadas, estendellas em officinas, e lançarlhe por sima seu Dormitorio, por fugir á humidade do baixo. Rodeavaõ as animosas reclusas todo o pateo, que hoje he Crasta, com seus aposentinhos, como grutas, ou covís, e tinhaõ entre si a Palmeira, que fora arrimo, e guarda do sancto Crucifixo, como successoras das que antigamente com o officio de seus favos lhe mantinhaõ Altar, e com o natural susurro lhe cantavaõ louvores. E dura inda hoje a memoria, que foy passando por tradiçaõ das velhas, do lugar dellas, e dos nomes de algumas daquellas bemaventuradas, que as habitavaõ. Apontase em hum canto, a que foy morada de huma Maria de Teive, e outra defronte do Refeitorio, cuja morada, dizem, que a deixou por testamento a huma sobrinha sua. O testamento se guarda no Cartorio, e parece feito na era de 1303. que responde ao Anno do Redemptor de 1265. A Palmeira se conservou longos annos. Engrossou, e subio a grande altura, até que de velhice veyo a abrir huma grande fenda de alto abaixo. E porque no combate dos ventos mostrava já fraqueza, e se temeo que poderia cair com dano do Dormitorio, foy cortada pollo pé, no Anno de 1604. Mas naõ quis o Senhor, que se perdesse a memoria do sitio, e arvore, que tantos annos dera agasalhado, e sombra a sua sancta Imagem. Estava o pé della no mesmo lugar, tronco já seco, e sem proveito: e nunca acabado de arrancar. Porque de tempos muito atrazados o cercavaõ azulejos, ou pera cuberta

1265.

1604.

ta das rayzes, que estas arvores costumaõ lançar muito á flor da terra, ou pera ornato da Claustra, em que estava. Veyo a ser Prioressa pollos annos de 1617. huma Madre de bom entendimento, e cuidadosa do bem da Religiaõ: fez vir de fóra o anno seguinte outra Palmeira nova, e mandoua despor no mesmo circuito, que abraçaõ os azulejos, arrimada ao tronco velho. Foy confiança sancta, e pensamento taõ acertado, que pareceo dado do Ceo: assi porque prendeo logo, sendo prantada quasi no Ar, e quasi sem terra; como porque no mesmo dia, e hora, e no mesmo lugar se vio cousa, que muito o callificou, que adiante contaremos. A nova pranta vay em sete annos, quando isto escrevemos, que cresce fresca, e verde, e faz crescer consigo a memoria da passada, e das maravilhas, que acompanhou, e juntamente o nome de quem por este modo a soube renovar, nome que já fica sabido, pois apontamos annos.

1617.

Crescendo o Mosteiro, foy grande o cuidado com que as Madres viviaõ da veneraçaõ, e devaçaõ das sanctas Imagens, como as tinhaõ por primeiras, e originais fundadoras delle. Na primeira reformaçaõ de importancia, que se fez na Igreja, que segundo parece, pollo que logo veremos, foy no Anno de 1405. julgouse que acrescentaria reverencia ao sancto Crucifixo, ficar hum pouco afastado do trato, e olhos da gente: e foy subido ao alto do cruzeiro, sobre o arco da Capella mór, mas sem mais concerto, que arrimado á parede sobre huma taboa. Ficou a Coroa na sacristia das Madres recolhida, pera commodidade de quando era pedida dos enfermos; como atraz dissemos. Passados largos annos, fez a devaçaõ outro discurso. Pareceo, que o estar assi desacompanhado, e pobre de ornato, intibiava o affecto, e criava descuido, e pouca estima: tratouse, que estivesse com mais authoridade. Veyo a executarse o pensamento no Anno de 1590. Fizeraõ os devotos lavrar hum nicho de fina pedraria vermelha no mesmo sitio; mas foraõ taõ pouco advertidos os officiais no tomar das medidas (como he facil de enganar a perspectiva nas distancias, e lugares altos) que ao tempo da collocaçaõ acharaõ, que ficara estreito, e curto. E foy tal a confusaõ do erro, que os fez cahir em outro peor, que o primeiro; porque julgaraõ por menos mal cortar polla madeira da Cruz, que alargar o nicho com poucas pedras. Cortaraõse do pé da Cruz mais de três palmos; e de cada braço mais de palmo, e meyo; grande desacordo! grande inadvertencia! Descubrio a vista de perto cousas, que muito espantaraõ, e juntamente edificaraõ. Edificou o feitio da Cruz. Porque mostrava antiguidade muy alta em duas cousas: Huma, em estar o corpo pregado, como está, com quatro cravos; outra em rematarem todas as quatro pontas da Cruz, em fórma de flor de lys: que era o costume, que a primitiva Igreja tinha em todas as que se lavravaõ, ou pintavaõ. Chamaõse as Cruzes deste lavor, floridas, ou florenciadas. Causou espanto huma consideraçaõ, fundada na materia do corpo do Crucifixo. Porque

Sor Maria do Bautista Autora do livro que anda da fundaçaõ desta Casa.

1405.

1590.

Cassameus de glo. mundi p. 1. Concl. 75. f. 30.

que se vio ser vazio, e occo por dentro, e composto de huma junta de pannos, armados sobre forma, e cubertos por maõ, e officio de Pintor de gesso, e tintas; e sendo huma cousa, e outra sujeita a corrupçaõ; mormente passando de quatro centos annos, que estava exposta a todas as injurias do tempo, quando foy achado (que muitos mais se contaõ da primeira entrada dos Mouros em Espanha, que succedeo no Anno de 713. até a restituiçaõ de Lisboa feita por elRey Dom Affonso Henriques no Anno de 1148.) Naõ parecia poder ser sem mysterio a fortaleza do pano, que era muita, e a frescura das tintas, e cores, que nenhum dano representavaõ, nem quasi differença da primeira maõ. Mas toda a admiraçaõ vence o que agora diremos. Foy esta Imagem tirada da Cruz duas vezes, huma, quando se passou pera o Nicho, que acabamos de contar; outra, quando foy collocada na Capella em que hoje está, e de ambas foy recolhida entre as Madres por alguns mezes: He cousa sabida, que se juntaraõ seis homens, pera a levarem dentro; e com ser da compostura, que temos dito, affirmaraõ todos, tinha taõ excessivo peso, que naõ sintiraõ mayor, se fora de hum grande corpo humano, daquella hora defuncto. E porque em tudo ouvesse maravilha, achouse a madeira da Cruz ao serrar dura, e ferrenha, e juntamente taõ verde (que faz contradiçaõ) como se naquella hora fora cortada do mato. Fez devaçaõ a medida do corpo, que ao justo respondia á do Sancto Sudario, que anda polla christandade.

1148.

Na primeira destas duas tresladaçoens, ouve hum novo achado de muita estima, que foy huma boceta de madeira, que estava ao pé do Crucifixo, e dentro tinha hum envoltorio de pano de linho, cozido com linhas: e sobre elle huma letra, que formalmente continha o seguinte. Estas reliquias se puzeraõ aqui na era de Nosso Senhor Jesu Christo de 1405. no mez de Mayo. E he de saber, que o pano estava taõ alvo, e novo, como se do dia atraz fora aly posto: e as linhas taõ rijas, que de novas naõ faziaõ differença; sendo assi, que por boa conta, huma, e outra cousa tinha de residencia naquelle lugar cento, e noventa annos. Aberto o envoltorio, achouse cada reliquia em seu papel dobrado, e com seu rotulo, que declarava o que era. Dos nomes, e qualidades, naõ ficou memoria. Do anno em que se puzeraõ fica entendido, que se deviaõ pôr neste sitio no tempo em que nelle se collocou o sancto Crucifixo. E que tudo foy obra da devaçaõ do Arcebispo.

1405.

Despois de cousas taõ raras, vistas, e palpadas, naõ parecerá demasia contar outra, que anda em tradiçaõ entre as Religiosas, avida dellas, por taõ certa, e provada, como as que mais o saõ, fundandose em a receberem de algumas velhas sanctas, e taõ antigas em annos, que quasi foraõ testemunhas de vista. Porque he certo, que naõ ha muitos havia no Mosteiro algumas de cem, e cento e quinze annos de idade, com perfeito juizo, e inteira memoria. Tanto poder tem o tempo bem occupado, e entregue a cuidados san-

sanctos? A fé do que dissermos fique com suas Authoras, que eu se as escrevo, he por naõ faltar em nenhuma das cousas mysteriosas da Casa; e porque a damos com titulo de tradicçaõ humana, que naõ obriga a ninguem, por muita força, que tenha. O caso foy, que estando huma tarde no choro em oraçaõ huma Religiosa, e com os olhos no Crucifixo, que estava no cruzeiro, sobre o arco da Capella mór, appareceo na Igreja hum homem por represéntaçaõ, de idade, disposiçaõ, e trajo, muito veneravel: barba branca, e crescida, rosto bem afigurado, grande calva, roupas largas, pés descalços: e com os joelhos em terra, e olhos na sancta Imagem, batia devotamente nos peitos com huma pedra, e com voz clara, e intelligivel, dizia as palavras seguintes. Bem te vio quem te lavrou. E passado algum espaço, e bom, voltou pera o choro, e disse como respondendo ao dezejo de quem o escutava, que estava claro naõ ser outro, senaõ de saber quem era; eu sou huma das testemunhas, que haõ de vir em serviço deste Senhor no dia do grande Juizo. Bemaventuradas sois as que gozais do fruito desta arvore; e o seraõ as que vos succederem, se conservarem a innocencia, que possuis. Eraõ horas, que a Igreja estava cerrada: e se a entrada foy milagrosa, por entrar a portas fechadas, naõ o foy menos a sahida; porque fazendo huma profunda inclinaçaõ ao Santissimo Sacramento desappareceo. Caso era pera fazer terror por suas circunstancias. Mas a gente daquelle tempo de nada se espantava. Era gente sancta; e ordinario hé naõ temer, quem naõ deve.

A segunda, e ultima tresladaçaõ se fez no Anno de 1604. Achavase a Communidade com poder, e largueza, e com Prelada devota, e curiosa; determinou fabricar de novo a Igreja, e logo tratou de emendar os descuidos passados, no que tocava ao sancto Crucifixo; edificoulhe nova, e particular Capella com perfeita, e bem entendida architectura: e nella o recolheo, pondoo no lugar onde primeiro estivera hum painel da Ascençaõ.

1604.

CAPITULO X.

Dasse conta do sitio, e lugar, em que estaõ as outras duas Imagens. Contaõse huns estranhos successos, que nellas se viraõ.

DAs duas Imagens da Senhora, e do Minino se fez divisaõ em tempos muito atraz. Com a da Mãy se honrou a Capella dos Padroeiros, que com nome improprio, mas naõ sem fundamento, se chama, muitos annos ha, do Cardeal. A do Minino recolheraõ as Religiosas entre sy, e chamaõlhe o Rey Salvador. Temno posto no choro em hum nicho de pedraria ricamente lavrado, com sua alampada diante, que sempre arde. Aqui he venerado de todas com particular devaçaõ; porque naõ ha nenhuma, que se lhe naõ confesse obrigada, por muitos beneficios.

De ambas estas Imagens, se contaõ casos extraordinarios, e muito averiguados, e certos, e todos de mysterio, e devaçaõ,

pera animos pios. O Minino se leva aos enfermos de casa, e de fóra: e temse notado, que aquelles, a quem o Senhor he servido de dar saude, logo aliviaõ, e melhoraõ com sua vista, e visita, com sinais notaveis: e aos que haõ de morrer se abrevia o prazo, pera sahirem da pena, recebendo favor, huns, e outros. Mas faz grande maravilha, que sendo esta Imagem taõ antiga, que passa de oito centos annos; que foy fabricada; como se prova de haver mais de quatro centos, que foy achada pollo caçador, e outros 400. que esteve ao sol, e a chuva na mata, onde se achou (como atraz mostrámos) até hoje naõ descorou o polimento da primeira maõ, nem desbotaraõ as tintas, nem a madeira sente dano da antiguidade, como vemos em outras, que por muito, que estejaõ resguardadas, como saõ de madeira, dentro em sy criaõ quem as come, e acabada. E qualquer pintura, só com o discurso do tempo, sem serem necessarias inclemencias do Ceo, perde o lustre, e a fineza das cores, se deslava. Porém toda a admiraçaõ cessa á vista de caso mayor, que agora diremos. Succedeo cahirlhe hum dia sobre hum pé huma cousa pesada, por descuido de quem a tinha na maõ, pera serviço da mesma Imagem. Assi se magoou, e sentio o lugar, como se tivera vida, e alma. Porque logo se cubrio de huma nodoa vermelha, e fez sinal de manifesta inchaçaõ, e assi foy visto, e notado de todo o Convento.

Mas porque naõ pasmemos de tal acontecimento, e entendamos, que todas estas tres Imagens saõ milagrosas, e amadas do Ceo, e de quem nellas se nos quiz representar: quasi o mesmo se vio naõ ha muitos annos, na Imagem da Senhora por differente termo, e com differente instrumento; e passou assi. Festejavase na Igreja o sancto dia da Purificaçaõ, puzeraõlhe na maõ huma véla acesa. Foy continuando a Missa, e prégaçaõ, e acabou sem haver quem se lembrasse de tirar, ou apagar a véla. Gastouse até o fogo chegar á maõ. Entaõ parou, e se apagou por sy: notaraõse duas cousas, e ambas de assaz mysterio, pollos que despois acudiraõ, inda que acudiraõ tarde: primeira, naõ se abrasar a Imagem; e por ella o altar, e retabolo (por ser tudo madeira seca, e velha) e tambem a Igreja, como pudera succeder: segunda acharse a maõ da Senhora, naõ só assombrada do fogo, mas empolada, e notavelmente inchada, como se fora humana, e viva. Que foy verdadeiro testemunho, de ser tudo obra do Ceo, e deverse áquella maõ, naõ passar o fogo adiante. Era este caso antigo: mas perseveravaõ os sinais, com cordial consolaçaõ dos que os viraõ, e sabiaõ a causa. Entrando o Anno de 1568. ouve huns devotos, que quizeraõ mudar a postura da Imagem, e mudandoa foy taõ indiscreta a devaçaõ, que cubriraõ, e compuzeraõ por maõ de pintor, o que assi descomposto, e sinalado do fogo, tinha graça, e mysterio, e fazia devaçaõ. Naõ ha palavras, que encareçaõ bastantemente o sentimento, e lagrimas, que custou áquellas madres a inadvertencia: tal foy a

1568.

dor,

dor, que perdendose os sinais do fogo, com a pintura, fez que ficassem de novo esculpidos nos coraçoens de todos per memoria, como de antes estavaõ por devaçaõ.

Naõ he cousa nova mostrar o Senhor semelhantes maravilhas em imagens suas, e dos seus Sanctos. He hum meyo de avivar, e animar a fé, e de consolar os que vivemos della: e juntamente mostrarnos, que se serve, e agrada de o venerarmos nas sanctas Imagens, pera a confuzaõ dos Hereges, que neste ponto fazem miseraveis desatinos. Em Espanha sabemos de muitas. Apontaremos só duas muito averiguadas, e certas. Huma em Castella de tempos antigos; outra neste Reyno, e nesta Cidade, succedida de fresco, e quasi entre nossas mãos. A de Castella he na Cathedral da Cidade de Osma. Ha nella hum Crucifixo de grande antiguidade, e veneraçaõ do povo. Succedeo cairlhe sobre a cabeça huma pedra, que o sacristaõ desacordadamente tirava a hum gallo, que se tinha posto na Cruz. Assi lhe abrio ferida, e assi correo sangue della, como se dera na cabeça do mesmo sacristaõ, que bem o merecia pollo desacato de tirar pedra com tal risco. Foy tanto o sangue, que chegou a banhar a toalha, com que o corpo estava singido. Publicouse o caso, fez terror, e ficou tomado por fé de escrivaõ. Apontase que aconteceo em 21. de Dezembro do Anno de 1272. O de Lisboa foy no Anno de 1623. He Mosteiro de Freiras de S. Francisco no arrabalde da Cidade, hum que chamaõ da Esperança, insigne por virtude, e nobreza dos sujeitos, que nelle servem a Deos: obra; e memoria da Raynha Dona Catherina mulher d'elRey Dom Joaõ III. Tem as madres consigo da clausura pera dentro huma Imagem da sagrada Virgem Mãy, que veneraõ com o titulo de sua limpissima Conceiçaõ: e avida por milagrosa, por varios casos, e muitos beneficios, que por sua intercessaõ recebem do Senhor, e a ella referem. Huma sesta feira, vinte, e seis de Mayo, despois de vesperas, passando por ella huma Religiosa moça, e muito nobre, e que de ordinario he enferma, ao tempo, que lhe poz os olhos, pera com elles, e com sua inclinaçaõ lhe fazer a devida reverencia, devisou, que tinha a testa aljofarada, e crespa de humas gotas grossas, como de orvalho sobre rosas, ou açucenas: e parando hum pouco, vio que se soltavaõ, e desciaõ pollo rosto abaixo. Attonita com tal vista buscou as parentas, deulhes conta. Acudiraõ ellas, e chamaraõ outras Madres, e juntas notaraõ, que assi como se desfaziaõ humas gotas, hiaõ brotando outras, e crescendo, e despedindo tanta agoa, que alguma hia em fio até o chaõ: outra se embebia (he a Imagem vestida) em hum gorjal de volante, que tinha posto. Juntouse a Communidade fazendo a estranheza do que os olhos taõ publicamente viaõ, varios effeitos nos animos: em huns, medo, porque lhes parecia certo sinal de afflicçaõ, e angustia de quem rogava com efficacia, e naõ alcançava: em outros piedade, e compaixaõ. E era voz de todas, muitas vezes repetida, Miseri-

1623.

cordia, Misericordia: acompanhando aquella agoa mysteriosa, com outra natural, que dos coraçoens estillava pollos olhos. Durou esta maravilha sem cessar, tanto tempo, que o ouve pera se dar aviso ao Padre Guardiaõ do Convento de S. Francisco, e ao Padre Ministro, que nelle se achava. Vieraõ, e trouxeraõ consigo outros Padres, e hum Notario Apostolico, que a caso encontraraõ, e foraõ todos taõ boas testemunhas, que ouve hum Padre, que vendo o gorjal todo banhado, e com o peso da agoa que em sy tinha, inclinado, e cahido, chegou a apertalo com as mãos, e recolheo, espremendoo, quantidade daquelle humor em hum lenço. Consideroufe, que durou o effeito boas tres horas: e fez novo pavor, ficar o rosto todo trocado, e o lugar, donde nasciaõ as gotas, notavelmente descorado, e pallido. Tambem se notou, que naõ podia ser obra natural da tinta, e oleos, que com a quentura do tempo costumaõ correr. Porque ainda que era fim de Mayo, corria o tempo fresco, e sem calma, e foy o veraõ taõ frio, e chuvoso, que fez deter as novidades mais do ordinario. De outro semelhante suor ouvimos dizer, que foy visto no vulto de pedra da Raynha Dona Isabel, que por excellencia, e por lhe ser devido, por suas virtudes, achamos a Raynha Sancta, e hoje o he. Cubria este vulto sua sepultura no Mosteiro de S. Clara de Coimbra. Foy a conjunçaõ, a perda d'elRey Dom Sebastiaõ em Africa, perda pera todas as idades, digna de lagrimas. E esta lembrança fez o presente mais temeroso, em quem de hum, e outro teve noticia. Mas tornemos a nossa historia, e á Imagem da nossa Igreja, que ainda nos dara occasiaõ de naõ menos espanto.

Tinha tomado posse da Imagem da Senhora o Altar, e Capella do Pay, e Tyo do Cardeal: posse taõ assentada com annos, e costume, que quando era nomeada no povo, e entre as Madres, naõ se ouvia outro titulo, senaõ Nossa Senhora do Cardeal. Mas alguns annos despois se vio cousa, que lhe deu novo nome. Havia no Mosteiro huma Religiosa de muito espiritu, e oraçaõ, que era continua em lhe fazer particulares devaçoens. Estando hum dia no choro, e encomendandose a ella com fervor, tanto se engolfou na oraçaõ, que chegou a estado de lhe parecer, que de cançada se vencia do sono, e neste ponto via, que a mesma Senhora a espertava, pera que proseguisse em sua devaçaõ, e lhe dizia (podemos crer, que era paga do fervor, com que a devota orava) meu nome naõ he o que vós outras me dais do Cardeal, senaõ dos Remedios, dizeo assi. Levantouse cheya de espiritual alegria, fundando em tal aviso favoravel despacho á suas petiçoens, e remedio geral da terra. Pois quem tal titulo publicava, claramente se ficava penhorando, e obrigando a acudir a todos. Deu conta á Prelada, publicouse a nova invocaçaõ acreditada com a virtude da messageira. Ficoulhe desde entaõ, e naõ só á Imagem, mas tambem á Capella, que dantes, e em sua primeira fundaçaõ, era do Espiritu Sancto.

CAPI-

CAPITULO XI.

De huma Imagem, que de novo foy achada no mesmo sitio do Mosteiro, e de outra que lhe veyo de fóra, com algumas particularidades de consideraçaõ.

REpartidas assi as sanctas Imagens, parecia, que ficavaõ as Religiosas defraudadas em parte do direito, que nellas tinhaõ, pois possuindo o lugar em que foraõ achadas, careciaõ da posse de duas dellas: e podiaõ dizer, que eraõ mais do povo, que suas. Acudio a Divina Bondade a consolar suas servas neste ponto, por hum modo suavissimo, e muito seu. E foy assi, que abrindose huns alicesses, pera alargar a casa, logo despois de dada a ordem, se achou huma imagem da Senhora, cuja traça he, estar assentadaem huma tripessa, dando o peito ao Minino Jesu. O feitio bem proporcionado, o geito, quanto póde ser devoto, o tamanho pouco mais de dous palmos, e meyo. E porque senaõ duvide de ter igual antiguidade com o sancto Crucifixo, he composta dos mesmos materiaes de pano, e pintura, que delle dissemos. Temna as Religiosas no dormitorio com sua alampada, e luz perpetua, e ás vezes com tres, e quatro. A devaçaõ com que a veneraõ, e servem, he de grande extremo. Porque a huma voz affirmaõ, que em todas suas petiçoens lhes alcança bom despacho, em todos os trabalhos consolaçaõ; e contaõ neste argumento alguns successos milagrosos. Ao que se ajunta affirmarem muitas, que todas as vezes, que a buscaõ, e lhe offerecem seus Rosarios, enxergaõ nella, que troca o sembrante; segundo a qualidade dos Mysterios, que á sua vista vaõ considerando: já sereno, e rizonho, nos alegres: já cahido, e magoado nos tristes. Naõ teve atégora particular vocaçaõ; inda que lhe fazem festa no dia dos Prazeres. Porem no mesmo dia, mez, e anno, em que isto, que vamos escrevendo, aos 14. de Março de 1624. se vio tal successo, que bem a podemos chamar por elle, Nossa Senhora do Milagre, e foy, que pegandose fogo no Altar, em que está, taõ subito, e pouco sentido, que ardeo tudo o que havia nelle desdo frontal, toalhas, e cortinas, até o manto, que a Senhora cubria, e huma toalhinha, que tinha na cabeça, e ficando as paredes feyamente tisnadas da força da labareda, e fumaça: com tudo a Imagem naõ padeceo nenhum dano; nem ficou nella sinal de fogo, sendo da materia, que temos dito, muy prompta pera se abrasar, a respeito da compostura, e antiguidade, e do oleo das tintas, que a cobrem.

1624.

Mas naõ foy menor a piedade com que o Senhor foy servido remediar a falta, que tambem podiaõ sentir da vezinhança antiga do sancto Crucifixo. E esta quiz guardar pera a idade presente, como indicio certo, que naõ está diminuida no Mosteiro a Religiaõ, e sanctidade antiga. He caso muito de notar pollas circunstancias, e particularidades, que nelle concorreraõ. E era por Mayo do Anno de 1618. Entendia a Prelada em fazer de novo o Refeitorio.

1618.

torio. Dezejava alguma couſa que aſſentaſſe bem, com o remate, ſobre o portal, que a merecia por bem lavrado, e boa pedraria. Eis que entrando a ver a obra, no meſmo dia, e hora, que acabava de aſſiſtir com a Communidade ao deſpor da Palmeira nova, que atraz diſſemos, huma ſeſta feira, trinta de Mayo: chegaſe hum dos officiaes, e offerecelhe hum pedaço de marmore, em que eſtava entalhado hum Crucifixo, alegando, que por obra prima, e perfeita eſcultura, podia honrar a cella de huma Prelada. Naõ fazia ſinal de o aceitar a Prioreſſa; mas hum pintor, que era preſente, conſiderado o feitio, lembroulhe, que o naõ largaſſe: e ſe o naõ quizeſſe pera a cella, foſſe pera authoriſar com elle o portal. O dito do pintor, como de homem entendido na arte, e a neceſſidade do remate, obrigaraõ a Prelada a olhar com curioſidade a Eſcultura: e ella, e todas as que chegaraõ a vella, foraõ advertindo, que naquella obra meuda tinha grande ſemelhança com o ſancto Crucifixo da Igreja. Affeiçoadas já ao que viaõ, e naõ pouco admiradas, paſſaraõ a inquirir, quem fora o Eſcultor. E naõ admirou menos o que ſimpleſmente contou o official. Dizia, que trabalhando dous annos atraz, em certa obra de cantaria junto a S. Clara, com outros companheiros, ſe chegara a elles hum homem pobre, em habito, e ſembrante eſtrangeiro, e pedira que lhe deſſem, que fazer: logo tomara entre mãos huma pedra toſca, e aparelhandoa brevemente, eſculpira nella o Crucifixo, que viaõ, no qual alem do bom lavor, notara duas couſas, que ambas, e cada huma dellas o deixaraõ entaõ aſſombrado. Primeira, acabar dentro de tres horas de trabalho, huma obra, que pera a perfeiçaõ em que eſtava, e luſtre que tinha, requeria eſpaço de hum mez. Segunda, lavrala com ferramentas groſſas; porque naõ tinhaõ á maõ outras: ſendo aſſi, que pera a miudeza do feitio, convinha as mais delicadas, e ſutis, que a arte uza. Ouviraõ as Religioſas tudo com grande attençaõ: e conſiderando já myſterio na pedra, polla conjunçaõ, e hora em que Deos a trazia, que era a meſma em que a Palmeira ſe deſpunha, alegremente, e com devaçaõ a receberaõ, e fizeraõ acommodar ſobre o portal: no qual aſſentada, fica á viſta, e defronte da nova pranta. He a pedra do tamanho de hum grande ladrilho, e quaſi quadrada. O Crucifixo eſtá lavrado de meyo relevo, e naõ he mayor, que hum palmo. Por eſte modo tiveraõ no meſmo dia, e quaſi no meſmo lugar principio de myſterioſa renovaçaõ, aſſi a antiguidade do Crucifixo da Igreja, como a da Palmeira, que tantos annos lhe fizera ſombra, e companhia.

CAPI-

CAPITULO XII.

Apontaõse algumas particularidades, que descobrem a reputaçaõ, em que estava o Mosteiro diante do Rey, e do povo, e dasse conta do muito, que algumas vezes padeceraõ as Religiosas por naõ largar a obediencia, e sujeiçaõ da Ordem.

MAs he tempo de passarmos a cousas de outro genero, e naõ menos antigas; de que tambem resulta credito, e honra desta Casa. Sendo fallecido o Cardeal, e naõ chegando as rendas do Mosteiro a se poderem fazer todas as obras de pedra, e cal, que convinhaõ pera bom gasalhado das Freiras, que cresciaõ em numero: a Raynha D. Leonor mulher d'elRey Dom Duarte, Princesa de altas virtudes, polla affeiçaõ que tinha á Ordem, como filha, e néta de Reys Aragoneses (era seu Pay Dom Fernando Primeiro) que todos se presaraõ de devotos della; tomou á sua conta edificar tudo o que dentro faltava, e á custa de suas rendas poz a casa em perfeiçaõ. Daqui nasceo, que a Infante Dona Catherina sua filha, sendo morto Dom Carlos Principe de Navarra, com quem a tinha desposada elRey D. Affonso Quinto seu irmaõ, tratou de se recolher neste Mosteiro, como em casa, senaõ feita, ao menos aperfeiçoada por sua mãy. Assi foy nella moradora muitos annos: e estando segunda vez concertada pera cazar em Inglaterra com elRey Duarte Quarto, deste nome, adoeceo, e passou a melhores vodas morrendo: e foy enterrada na Crasta junto ao Refeitorio, e a huma capellinha de S. Anna, onde se lhe poz hum fermoso marmore por campa, com huma pequena pedra vermelha na cabeceira, entalhada de letras, que declaravaõ seu nome, das casas em que morreo vivendo, e do sitio, que occupou na morte. Dura a memoria por tradiçaõ nas Freiras, chamandose ainda hoje, as casas o Paço; e conhecendose o lugar da sepultura pollo que cubria a campa, que naõ havia outra em toda a Crasta, e nella durou muitos annos. Ha descuido ordinario na nossa Religiaõ em conservar as memorias antigas, julgase por ambiçaõ, e vangloria, o procurallas, he herança dos Padres antigos, de que muitas vezes me tenho queixado. Culpa lhe chamo, naõ só descuido; que por ventura he causa de ficarem enterradas, e sem luz muita cousas, que nos puderaõ honrar muito está escritura, e todo o Reyno. Daqui nasceo, que quando no Anno de 1530. se fez o refeitorio, que entaõ chamaraõ novo, e se ladrilharaõ as crastas, se lançou fóra a pedra vermelha, que em sy tinha o letreiro, e conservava o nome. Parece, que naõ dizia bem com o lavor do ladrilho, e despois no de 1595. tornando-se a ladrilhar de novo, lançaraõ tambem fóra a campa. E o pior he, que andando na Sacristia hum calix de taõ boa obra, que era chamado o Calix rico, e fora dadiva da mesma Princesa, que nos fazia lembrança della com huma letra no pé, e tres targetas de sua devaçaõ, e armas (eraõ as armas as do Reyno, em huma, e nas duas,

1530.

1595.

duas, a figura de S. Joaõ Evangelista em huma, e na outra a de S. Luis Bispo com seus nomes, e insignias) tambem este foy traz a pedra, e campa, desfazendose tudo com pouca advertencia, ou muita ignorancia. Com tudo inda hoje vivem religiosas, que se lembraõ entrar nesta clausura a Infante Dona Maria ultima filha d'elRey Dom Manoel, e unica da Raynha Dona Leonor, que despois o foy de França, deterse em rezar sobre a sepultura, e darlhes noticia da pouca ventura, que tivera quem nella jazia. Pollo que, inda que o tempo vay acabando tantos testemunhos: e faz nova confusaõ vermos em S. Eloy Capolla, e tumulo em nome desta Senhora levantado, o certo he, que aqui viveo, e morreo, e nunca seus ossos desempararaõ a terra deste Mosteiro, que huma vez a cubrio. Dom Jorge da Costa Arcebispo de Lisboa, e Cardeal, como varaõ generoso, e agradecido á criaçaõ, que em sua casa recebera, e tambem, como testamenteiro lhe levantou o tumulo, e fizera a tresladaçaõ, se lho naõ tolheraõ encontros, e successos, que o levaraõ do Reyno pera Roma, com mais pressa do que cuidou. Naõ lhe tiraraõ estes, conservar toda a vida sua memoria, e nome, trazendo por empreza sobre suas armas huma roda de S. Catherina.

Segue a esta antiguidade, outra que naõ he de menos honra pera esta Casa: vindo de Berberia as reliquias do santo Infante Dom Fernando, como escrevemos na primeira parte desta Historia: e sendo recebidas em Lisboa por elRey Dom Affonso Quinto, e por toda a Cidade com todo o clero, e Religiosos della, veyo a procissaõ parar neste Mosteiro, e nella ficaraõ depositadas, até que se passaraõ pera o seu moymento do Convento Real da Batalha. Havendo tantos Sanctuarios na Cidade, nenhum pareceo mais digno de agasalhar hum Sancto, que o que era de Sanctas povoado. Bom sinal, de que o entendia elRey assi.

Mas temos outros muitos de Provizoens, e Cartas de privilegios, graças, e izençoens, que todos os Reys foraõ passando a esta Casa, e a seus servidores, e familiares: nas quais o prologo, e causa principal de as concederem he a grande religiaõ, com que nella se vivia: e por essa rezaõ queriaõ, que fosse respeitada até nas pessoas dos criados, e procuradores. Fora cousa muy larga se as ouveramos de apontar todas: e por desnecessarias pera a Historia, as escusamos. Polla mesma causa deixamos tambem hum Breve, em que o Papa Bonifacio Nono a honrou: no qual concede ás Religiosas todos os privilegios, immunidades, liberdades, graças, e indultos, até entaõ concedidos polla Sé Apostolica, a todas, e quaisquer casas da Ordem. Este foy passado dous annos despois do Mosteiro fundado, e aceitado polla Ordem no de 1394. no quinto de seu Pontificado. Começa. *Sacræ nostræ religionis, sub qua deuotum, & sedulum exhibetis Domino famulatum, promeretur honestas, &c.*

1394.

Sobre todas estas cousas, nenhuma tem grangeado mais credito, e honra, a estas Madres, que huma fineza de constancia,

com

com que ſe mantiveraõ no rigor da obſervancia regular, que huma vez profeſſaraõ: ſendo naõ ſó convidadas, pera a deixarem, e viverem na liberdade da Clauſtra, que naquelles tempos era mais coſtume, que vicio. Mas padecendo polla ſuſtentar bravos combates de Prelados ſeculares, Prelados ricos, nóbres, ambicioſos, e muito poderoſos, e favorecidos dos Reys, e do povo. Diremos dous ſómente: pois dous teſtemunhos em toda materia, fazem baſtante prova. Foy o primeiro em tempo d'el-Rey Dom Affonſo Quinto, e intentado por hum Arcebiſpo de Lisboa, o nome D. Affonſo. Eſte Prelado, julgando, que ſeria credito, e honra ſua governar gente taõ reformada, uzou de todos os meyos de brandura, rogos, e grangería, em geral, e particular com as Religioſas. Deſpois que experimentou, que lhe naõ valiaõ; converteo a brandura, em ira; os rogos, em força; e armandoſe de ſecreto com hum Breve em todo ſubrepticio do Papa Pio II. deu bataria ao Moſteiro á viſta de toda a cidade: e porque faltava atrevimento aos que levava conſigo, temendo, e tremendo os ſeculares; elle meſmo ſe fes miniſtro da violencia. Puzeraõ as mãos ſagradas, ferro, e machados nas portas ſanctas, abre, fende, rompe, arromba, e penetra a ſancta clauſura: e naõ ſendo menos deſtemperado de palavras, que de obra, traz vozes indignas, e feyas, que ſoltou, fulminou temeroſas cenſuras. Eſtavaõ as pobres Religioſas deſemparadas de todo o favor da terra: porque os Frades naõ tinhaõ animo contra tamanho poder. Mos o do Ceo foy tanto por ellas, que ſoportando com valor a tempeſtade, o meſmo Pontifice lhes acudio no ſexto Anno de ſeu Pontificado, que veyo a cahir no de Chriſto de 1463. com hum Breve, que revoga o que tinha dado ao Arcebiſpo, e com palavras ſanctas, e dignas de Principe, confeſſa, que fora enganado, e que ſempre o ſeraõ todos os Principes, que em materias de peſo ſe fiarem de informaçoens, que naõ forem muy fundadas, e certas: ſaõ muito dignas de andarem neſtes eſcritos, e muito mais na memoria dos Reys, e Senhores, que olhaõ, e ſe governaõ ordinariamente por ocolos de entendimentos alheyos: dizem aſſi: *Romanus Pontifex Iuſtitiæ præcipuus conſeruator, & author, cum naturam ſortiatur humanam, quandoque figmentis fallitur, & importunitatibus petentium concedit, aliàs deneganda quæ poſtea veritate comperta, etiam ſuadente iuſtitia ad debitum ſtatum reducit.* E mais abaixo reconta as deſcompoſturas, que apontamos, dizendo, *Tamen ipſe Archiepiſcopus ad horam veſperarum, perſonaliter, non ſine hominum ſtrepitu, ipſis literis, eiſdem Monialibus per eum debite non inſinuatis, ad dictum Monaſterium acceſſit, illius clauſuram violenta potentia, cum fractione illius portæ, ad quam manus proprias appoſuit, intrauit: quaſdam ex eiſdem monialibus injurijs affecit, & quibuſdam vim, & certis alijs ex eis carcerum minas intulit, & in illarum bono propoſito turbauit, claues, quas abunde receperat, cuidam perſonæ laicæ conſignauit, &c.*

1463.

Ficaraõ livres por entaõ, mas naõ lhes valeo pera eſcuzarem

outra taõ forte, ou mayor perseguiçaõ, nos annos adiante: na qual se bem faltou violencia de mãos, sobejou toda a que podia aver de agencia, e negociaçaõ. Era o Arcebispo Dom Martim Vaz da Costa, irmaõ do Cardeal D. Jorge da Costa, como homem sagaz, e muito activo; levou o negocio por termos ordinarios de justiça, pretendendo sugeitalas ao Ordinario, e tomar pera sy toda a jurisdiçaõ, e superioridade, que a Ordem de S. Domingos tinha no Mosteiro; e porque teve huma sentença contra sy no Reyno, pronunciada pollo Chantre da Sé de Evora, Juiz deputado na causa pollo Summo Pontifice, fez com manha, e poder, avocar os autos a Roma, avendo, que a grandeza do gasto espantaria as Religiosas de maneira, que desemparassem a causa. Porem achou nellas tanto brio, e constancia, que litigaraõ naquella Corte tres annos, e alcançaraõ contra elle tres sentenças conformes, huma traz outra, e foy a ultima no Anno de 1514. que foy segundo do Pontificado de Leaõ Decimo.

1514.

CAPITULO XIII.

Em que se apontaõ os nomes das Religiosas, que deraõ principio ao Mosteiro: conta-se hum estranho caso, que a huma dellas succedeo.

NEnhuma Republica do mundo subio nunca a hum grande grao de reputaçaõ, ou fosse em valor de animo, e braço na guerra, ou em gloria de bom governo na paz, que naõ criasse particulares homens insignes nas mesmas virtudes. Aquella junta de Cidadoens unidos, e conformes em procurar huma felice, e alegre vivenda na terra, que tem por patria (que esta he a ventura das bem governadas Communidades, e o fim dos bons governadores) mal póde de sy brotar tays effeitos, se nos particulares ouver falta de prudencia, esforço, e brio, e das mais virtudes, que delles saõ produzidoras. Naõ he necessario pedirmos sémpre exemplos a Roma, e Lacedemonia, que largamente nos póde confirmar este Discurso, no tempo, que foraõ crescendo, e despois se mantiveraõ contra poderosos inimigos. Em casa os temos. Que mal pudera elRey Dom Affonso Henriques primeiro Rey de Portugal estender, e levantar em Reyno o pequeno torraõ, que tinha herdado do Conde D. Henrique seu Pay, se o esforço de valerosos vassallos o naõ fizera vencedor de muitos Reys Mouros, pera lhes ganhar o que injustamente desta terra possuhiaõ muitos annos havia, e despois lhe naõ sustentara o nome, e Coroa Real, a pezar de grandes inimigos, e contra seu proprio ansangue. Em tempos mais perigosos manteve no Reyno a elRey Dom Joaõ Primeiro o braço, e conselho de poucos, mas animosos companheiros; cuja cabeça foy aquelle Rayo de guerra Dom Nuno Alvares Pereira. E aos netos deste se deve a conquista do Oriente, as armadas vencidas de Mouros, e Mamelucos, as fortalezas defendidas contra o poder do Gram Turco, e de muitos Reys conjurados. Assi estou vendo, que a suavidade, e fragrancia do bom cheiro da fama, e virtudes, que

sahia

ſahia deſte Moſteiro, e ſe derramava por todo o Reyno, e chegava até Roma, procedendo unido daquelle ſancto ajuntamento tinha ſua origem, e principio em cada huma das moradoras delle, como hum caudaloſo Rio, que ſe compoem de varias fontes. Deſtas fontes ſerá bem, que inquiramos, e apontemos a virtude particular de cada huma, quero dizer, tudo o que pudermos alcançar das em que cada hum dos ſugeitos, que povoaraõ eſte Moſteiro, ſe fizeraõ inſignes, e eſtimadas. Mas he magoa ſem remedio, e dor ſem conſolaçaõ, de que já noutra parte nos temos queixado; que parece fizeraõ conjuraçaõ os que tinhaõ obrigaçaõ de eſcrever, com a gente ſancta daquelle tempo, que quanto foſſe nella a virtude mais creſcida, tanto foſſe nelles mayor o ſilencio. Eraõ noſſos mayores de animo grande: tudo o que hoje nos eſpanta tinhaõ por pouco. Daqui vem, que ficando deſte Convento no Geral, huma grande voz clara, e ſonoroſa dos eſtremos com que ſe eſmerava no ſerviço de Deos, as particularidades eſtaõ quaſi acabadas, e ſe algumas ficaraõ inteiras, ſaõ como humas cifras. Porem tais cifras, que pera com bons juizos devem fazer baſtante prova das couſas mayores, que em ſuas trevas nos enterrou a envejoſa antiguidade, que tudo desbarata, e acaba. Algumas iremos deſcubrindo, e acompanhandoas com as modernas de que ha mais noticia.

Mas demos primeiro lugar áquellas vinte, e huma Noviças, que tomando todas juntamente o habito, e juntamente profeſſando, deraõ glorioſo principio a eſte Moſteiro. Dellas, e de ſeu modo de vida, antes, e deſpois de profeſſas, temos dito tanto em geral, que ainda, que digamos nada em particular, ficaõ baſtantemente habilitadas, pera entrarem no numero das muy inſignes Religioſas deſta Provincia, e de toda a Ordem. E polla meſma rezaõ julgo, que devemos contar com ellas as ſinco, que juntas começaraõ ſer noviças no meſmo dia, que as 21. profeſſaraõ: do que as faz dignas, a ſanctidade da eſcolla, e o animo com que a buſcaraõ. Porque aſſi como na Milicia temporal he grande honra de hum ſoldado poder dizer, que o foy de hum capitaõ famoſo; ou que ſe achou em huma batalha inſigne, ou cerco arriſcado, ſem ſabermos delle mayores feitos: da meſma maneira neſta eſpiritual devemos dar grande lugar de fama, e nome ás diſcipulas, que com tais meſtras veſtiraõ, e exercitaraõ as primeiras armas da Religiaõ. Contadas todas juntas fazem numero de vinte e ſeis; das quais naõ achamos nomeadas mais que dezanove no aſſento, que o Biſpo mandou fazer, quando lhes deu os Eſtatutos novos, que foy quatro annos deſpois, no de 1396. Deſtas diremos os nomes, ſentindo faltaremnos neſte livro os outros, pequena falta pera ellas, pois naõ devem faltar no Celeſtial, e da vida. Nomes ſaõ todos, naõ ſó pouco ambicioſos em titulo, mas muy populares, e humildes, pera eſtimarmos mais o alto grao, que teraõ diante daquelle Senhor, que com o mais fraco da terra ſabe confundir o mais forte della.

1396.

Saõ os seguintes. Margayda Annes Prioressa, que em huma memoria anda nomeada Dona Margayda Joaõ; mas erradamente, porque seguio quem a escreveo, a latinidade do assento, no qual o Notario lhe dá por certa loa de senhora, que a memoria faz titulo de Dona. E o de Joaõ, polla respondencia verdadeira do Annes portuguez. A segunda he Margayda Domingues, Suprioressa, cujo nome tambem anda errado em algumas memorias modernas, que lhe chamaõ Margayda Dias, sendo o que achamos nos originais Domingues. As outras saõ Ines Martins. Catherina Vicente, Ines Annes, Ines Vasques, Ines Lourenço, Gracia Vasques, Anna Fernandes, Breytis Annes, Margayda Martins a Moça, Anna Pires, Barbora Rodrigues, Anna Vicente, e Anna Pirez a Moça, Leanor Lourenço, Breytis Lourenço, Florença, Affonso, e Breytes Annes de S. Thome.

A Madre Prioressa Margayda Annes tem por sy a prerogativa de naõ quererem as subditas perder seu governo, nem em tempo de Beatas, nem despois, que ella, e todas eraõ iguais no Estado de noviças, nem ultimamente, quando despois de professas a fizeraõ sua Prioressa com eleiçaõ Canonica. Grandes merecimentos deviaõ concorrer em tal sujeito, pois em tanta diversidade de votos, e tempos, sempre pareceo merecedora do primeiro lugar.

Da Prelada menor temos hum caso tal, que parecia bastante pera a canonizar por sancta. Os rigores da Ordem em que trabalhava por se adiantar, e dar exemplo a todas (verdadeiro exemplo de quem preside) juntos com muita idade, vieraõ a lhe causar humas vertigens, ou vagados, que passavaõ a mal caduco. Porque a derribavaõ, e privavaõ de todos os sentidos. Succedeo hum dia, que sendo vista sobre tarde na crasta arrimada ao bocal do posso com seu Rosario na maõ rezando: quando foy noite, e hora de se recolherem as Religiosas em seus leytos: faltou ella só de toda a Communidade. Deu cuidado a tardança, por ser de quem ganhava a todas em acudir ás obrigaçoens da Religiaõ: foy buscada, revolveuse o Mosteiro, parou o negocio em pranto, e desconsolaçaõ geral; porque ninguem podia fazer juizo, que naõ fosse em discredito da pessoa, e affronta da Casa. Passada assi a noite; eis que amanhecendo, começa a soar huma voz de grande alvoroço, que era apparecida a Suprioressa. Juntase o Convento. Era a Madre Catherina Arraiz a que o affirmava, dizendo, que estava no posso da Crasta, e que lhe fallara debaixo, chegando ella a tirar agoa. Mal se faz de crer, o que se naõ cuida, nem espera. Com tudo naõ ouve nenhuma, que naõ corresse a certificarse com os olhos, do que naõ criaõ aos ouvidos. Vem a pobre velha, e ouvem que fallava, e pedia, que a livrassem daquelle lago, affirmando, que estava sam, e sem danno; fezse dilligencia, foy tirada, e posta em salvo. E espantou, naõ só por livre do perigo da agoa, como outro Daniel dos dentes, e unhas dos Leoês: mas polla verem taõ sem lezaõ, que nem final trazia da agoa, em que a viraõ, e estivera huma noite inteira.

teira. Assi trazia a roupa enxuta, e os soccos, que entaõ uzavaõ, seccos, como se no dormitorio com suas irmãs a passara. Preguntada pollo desastre, contava, que estando sobre o bocal do posso, lhe dera o seu vagado, e quando tornara em sy, se achara na agoa, sem saber como; mas que tudo fora hum, espertar com o golpe da queda, e ver junto de sy huma Senhora mais bella, que as estrellas, vestida de hum fino azul, cor do Ceo: hum Minino bellissimo nos braços: a qual até aquella hora a acompanhara, e lhe dissera, que quem a livrara do perigo da queda, e da agoa, tambem a pudera pôr fóra della, e do posso; mas que o naõ fazia, porque seria mais gloria de Deos, e de suas maravilhas, ser achada no estado em que estava. Falleceo esta Religiosa no Anno de 1450. em idade de mais de 80. annos.

1450.

CAPITULO XIV.

De outras Religiosas, que por varios caminhos alcançaraõ nome e reputaçaõ de santas.

A Madre Sor Catherina Arraiz.

COmessemos por duas subditas, e companheiras da Madre Catherina Domingues, ambas semelhantes a ella nos nomes, e na devaçaõ: seja a primeira, a que o foy em alegrar a Casa, quando deu novas, que fallava no posso. Digo a Madre Sor Catherina Arraiz; esta Religiosa, sobre as mais virtudes, que em geral temos apontado de todas, tinhase entregue a hum particular cuidado, e devaçaõ de fazer bem pollas Almas do Purgatorio. Dizem que naõ teve nunca cama pera poder descançar, offerecendo a Deos esta penitencia, e affliçaõ por ellas. De tudo o que comia deixava sempre alguma parte, pera dar com a mesma tençaõ aos pobres; e ficou em lembrança, que pedio hum dia por grande favor ao Provincial, que visitava a casa, lhe désse licença, pera que, succedendo naõ vir á porta quem lhe levasse o que guardava da mesa; pudesse sem escrupulo reservallo, pera o dar no dia seguinte. Tanto a ouro, e fio se pesava naquella bendita idade o ponto de naõ possuir nada. Havendo tudo por pouco; e dezejando fazer mais por aquellas Almas sanctas, e tambem polla sua, ensinoulhe a charidade, que seria merecimento, tirar todas as menhãs tanta agoa do posso da crasta, que bastasse pera o gasto da casa aquelle dia. Assi o cumprio em quanto teve forças, sem faltar dia. E daqui nasceo ser ella a primeira, que vio no posso a Supriouressa, como atraz fica contado. Naõ encurtaõ, antes estendem a vida os exercicios sanctos, por custosos que sejaõ. Viveo longos annos, veyo a faltarlhe com elles o vigor da natureza. Cahio em cama tolhida de pés, e mãos. Neste estado mantinha a vida, quando hum dia estando toda a Communidade no Refeitorio á mesa primeira soaraõ altas vozes pollo dormitorio, repetindo apressadamente, Credo, Credo, costume he santo de nossa Ordem, quando se entende, que entra em artigo de morte qualquer Religioso, convocaremse os saõs com este final huns aos outros, pera acudirem com oraçoens ao ne-

neceſſitado. Fez medo o ſinal, como he de crer: mas eſpantaraõ mais as vozes. Porque eſtando aly todo o Moſteiro junto, naõ podiaõ entender, quem as dava. Acudiraõ todas as mais, que de paſſo ao tom que ouviraõ: e foraõ dar com a ſancta Velha, que eſtava entrada em hum accidente mortal: e aliviada com a viſta, e conſolaçaõ de ſuas irmãs, teve lugar pera receber o mayor dos Sacramentos, e hirſe pera o Ceo em paz; que foy no Anno de 1445. ſinco annos primeiro, que a ſua Supprioreſſa, a qual lhe antepuzemos por Prelada. E advirto, que foy vicio da impreſſaõ o anno, que lhe dá o livrinho, que anda deſta Caſa. Naõ ouve Religioſa, que duvidaſſe, que as Almas ſanctas, por quem tanto fizera, em quanto pode trabalhar lhe acudiraõ no ultimo aperto, com as vozes, que diſſemos. Permiſſaõ Divina pera paga de charidade, eſpertamento della, e bom exemplo de noſſa frieza.

1445.

Por differente maneira achou o meſmo agradecimento nas Almas fieis a Madre Sor Catherina Ribeira. Tudo quanto fazia de virtude, e quanto orava, applicava por ellas; e fazia, e orava muito em particular, naõ paſſava dia, que naõ tiveſſem della hum officio de nove liçoens, rezado diante do Sanctiſſimo Sacramento: e ſempre andava pedindo oraçoens pera ellas. E era lingoagem ſua ordinaria, que as Almas ſanctas, deſpois de livres de pena, naõ podiaõ eſquecerſe de quem lhes fizeſſe bem: porque naõ ha ſanctidade ſem agradecimento: e eu, acreſcentava, naõ quero mais das que tanto ſirvo, ſenaõ que me acompanhem na hora da morte. Continuando neſta occupaçaõ, veyo adoecer de huma enfermidade ordinaria, e ao parecer muito leve. Confeſſouſe logo, e commungou no principio della, como he coſtume da Religiaõ: mas paſſava ſem fazer caſo do mal. Eis que hum dia no meyo deſte deſcuido, ſahindo a Communidade do choro, foy ſentido hum roydo, como ſuſurro de abelhas, taõ creſcido, e extraordinario, que enchia tudo de rumor, e juntamente de eſpanto. Foraõ ſeguindo as Religioſas humas traz outras, pera onde ſoava mais, e levouas o ſom á enfermaria: onde entrando acharaõ a Madre Catherina Ribeira em ſeu leito, cuberta de ſuores de morte; ſinais, que pediaõ apreſſado ſoccorro: e viraõ juntamente todo o Ar, e o alto da caſa cuberto de nuvens de Abelhas, tantas, taõ juntas, e apinhoadas, como ſe foraõ muitos enxames juntos. Começaraõ logo o officio da agonia, e as Abelhas ſempre creſcendo, e engroſſando em numero. Acabaraõ o officio; mas pareceo, que naõ acabava a vida. Tomaraõ entaõ o Cantico de Abacuch. *Domine audiui*, *&c.* (coſtume das velhas antigas, que ainda hoje naõ he perdido, ſe a vida dura deſpois do officio) procedendo nelle, quando chegaraõ ao verſo, *Operuit cælos gloria ejus*, *&c.* abrio a Madre os olhos; e tudo foy hum, eſpirar ella, e deſaparecerem as Abelhas. Saõ eſtes animais aquelles, em cuja vida, e officio, e governo moſtra a Providencia Divina mayores myſterios, que em nenhum outro do campo. Aſſi foy opiniaõ das Religioſas,

A Madre Sor Catherina Ribeira.

que

que naquelle extraordinario concurso quis significar o cuidado, que as Almas fieis teriaõ daquella, que toda a vida se empregara em lhes procurar alivio de penas, e refrigerio do fogo. E desde entaõ (corria o Anno de 1514. e era Prioressa a Madre Dona Leonor de Albuquerque) ficou em costume rezaremse cada dia humas nove liçoens pollas Almas, diante do Santictissimo Sacramento. E por naõ haver confusaõ, estorvandose humas horas com outras, mandaõse rezar por duas noviças, em quanto a Communidade canta Prima.

1514.

A Madre Sor Joanna da Conceiçaõ.

A dous espiritus de tanta devaçaõ, e com effeitos taõ peregrinos, boa junta faria huma extraordinaria humildade, e mortificaçaõ com successos tambem raros, e quasi da mesma era. Esta temos na Madre Sor Joanna da Conceiçaõ. Vivia no mundo, entrada já em dias, com nome de Dona Joanna de Figueiredo, cercada de tudo o que nelle se canoniza (digamolo assi) por boa ventura, muita riqueza, marido illustre, e do melhor do Reyno, e huma mesa rodeada de filhos. Vida ao parecer cheya de gostos; mas naõ pera hum entendimento, que sabia penetrar o centro das cousas. E com ajuda da graça do Ceo, conhecia, que tudo o melhor da terra, era naõ só vaidade, mas tambem afflicçaõ de espiritu, era ouro falso, e alquimiado, luz de crepusculo, sol, que trasmonta, sem ter mais de bem, que huma pomposa apparencia, lustrosa de fóra, mas acompanhada por dentro de milhares de miserias. E como disse hum Antigo: *Gloria mixta malis*, &c. A contas tambem lançadas, succedeo tirarlhe Deos o marido: tinha já neste tempo huma filha recolhida pera Freira no Mosteiro de Jesu de Setuval. Fez logo conta de se hir pera ella. Acudiraõ os parentes do marido, gente de authoridade, e poderosa, estranhandolhe a determinaçaõ: diziaõ, que em nenhum tempo tivera mais obrigaçaõ de estar no mundo. Porque, se té entaõ fizera obrigaçaõ, e officio de mãy, agora convinha fazello de mãy, e mais de pay: trabalho dobrado; mas dobrado merecimento, e mayor sacrificio. Deu mostras, que se convencia. Porem no mesmo tempo se contratou em segredo, com o Salvador: e quando os parentes menos cuidaraõ, estava vestida no habito de S. Domingos. Aqui cresceraõ de novo as queixas: humas de filhos mayores, que já tinha, que com serem homens, naõ queriaõ perder o governo de tal mãy. Outras dos pequenos, que com lagrimas, e desconsolaçaõ, mostravaõ haviaõ inda mister criaçaõ, e bafo maternal. Mas naõ ouve força, que a dobrasse: antes resistio a tudo com tal constancia, que succedendo no fim do anno de provaçaõ, chegar hum dos filhos a estado de se lhe temer sentença de morte em hum caso, pollo qual estava em apertada prisaõ; e juntandose os parentes a pedirlhe quizesse acudir á causa, só com apparecer diante d'elRey; que isso seria meyo certo de salvaçaõ pera o prezo: respondeo varonilmente, que naõ entrara no Mosteiro, pera sahir mais delle, por nenhum acontecimento: se seu filho tinha culpa, tambem seria servi-

Eccles.

Statius lib. 6. Thebayd.

serviço de Deos, que a pagasse. De tal resoluçaõ, bom juizo se póde fazer, qual seria a vida. Foy o primeiro fundamento hum profundo alicesse de humildade, escolhendo sempre, e lançando maõ dos mais abatidos ministerios da Casa. O segundo, foy armarse com grande animo pera hum estranho peso de penitencias. Pera poder conseguir estes fins mais dezembargadamente, naõ quiz passar do estado de humilde conversa. E nelle começou a proceder de maneira, que os rigores ordinarios da Casa, com serem grandes, lhe ficavaõ, como em passatempo. He tormento novo pera o Inferno, e seus moradores, huma conversaõ resoluta, e verdadeira: como pera os Anjos occasiaõ de festa. Viose isto em Sor Joanna; porque no dia que seguio ao de sua profissaõ, a horas, que as Religiosas se vestiaõ pera matinas, foraõ ouvidas de toda Communidade, junto de seu leyto, humas vozes medonhas de pranto formado, que nos eccos, e confusaõ, accusavaõ manifestamente autores infernais. Mas parece, que foy hum modo de se convocarem contra ella todos os espiritus malignos. Porque se vio, que desde aquella hora, começou a padecer huma cruel guerra de tentaçoens. Foy a primeira huma estranha illusaõ, com que o pay da falsidade procurou enganalla, acompanhandoa a toda a hora com huma luz, que ella só via. Pagens tivera de tocha, e fora servida, agora que naõ queria mais que servir, vendo diante de sy o que por Deos engeitara, conheceo donde nascia o mimo, naõ fazia caso delle.

Matth.

Viose o inimigo descuberto, mudou estyllo. Armouse de toucas, e composiçaõ de Freira honrada, e fazendose respeitar por pessoa de credito, começa a pôr em pratica desatinos nunca vistos, nem ouvidos, que applicava a differentes Madres da mesma Casa, e fazendose mulher de segredo, affirmavaos com juramento. Logo acrescentava, que tudo o que alli via de oraçaõ, de mortificaçaõ, e penitencias, eraõ biocos de virtude falsa. E que onde assi se vivia, tempo perdido era seguir beatarias, e singularidades. O certo era descançar tambem, e levar boa vida. Naõ cria nada a nova professa, mas desconsolavase muito, e desviandose quanto podia, de quem assi fallava, da casa em que vivia, sem saber com quem o havia, offereciase a pagar por todas com muitas disciplinas, que a essa conta tomava, e muitos jejuns de paõ, e agoa. Mas parecendolhe, que nestas obras arbitrarias andava emparelhada com ellas a vontade propria, que as governava; e por isso seriaõ menos meritorias, buscou huma amiga fiel, e em horas a proposito entravaõ em huma casa da enfermaria: alli se fazia atar a huma columna, que em meyo della estava, e ficando nua até a sinta, se mandava disciplinar sem piedade, até correr o sangue. E por remate lançava sobre as chagas huma tunica de burel, que nunca d'outras uzou. O que na verdade era segunda disciplina, mais cruel, e cheya de sentimento, que a primeira dos açoutes. Depois de composta, sem tomar hora de repouso, caminhava pera o choro, e passava em oraçaõ até

até matinas. Aſſombraſe o Demonio com as penitencias, e vigias ſanctas dos fieys, como o dizia S. Antaõ no Ermo a ſeus diſcipulos: aſſi ſe valia Sor Joanna contra elle nas noites: gaſtando deſpois os dias inteiros em ſervir as enfermas, que foy officio, que muitos annos, e com grande charidade exercitou. Mas logo o Inimigo hia mudando figuras, e uzando de novas ſiladas. Perſeguioa muitos dias com medos vãos, humas vezes, rodeandolhe o leyto com eſquadroens de demonios, em habito de miniſtros de juſtiça, varas, chuças, alabardas, como que a queriaõ prender, e levar do Moſteiro: outras vezes por outros modos. Porem vendo, que em quanto fazia, ſe bem lhe dava muito que ſentir, eraõ mayores os ganhos, que tinha de merecimento, tirou a maſcara, começa guerra deſcuberta. Poemſelhe hum dia viſivelmente diante, começa a interreirar hum monte de blasfemias, primeiro com graças, e chocarrices ſobre o nome, que tomara da Conceiçaõ; logo com argumentos, e conſequencias, atrevendoſe o maldito a armar duvidas na pureza celeſtial da Mãy Sagrada de Deos. Era a bataria penoſiſſima, faziaa mais penoſa a viſta, e deſpejo de Lucifer. Chegava a gritar de affligida, e em vozes altas por argumento de fé, dizerlhe, que mentia como falſo, e enganador. Acudia deſpois a ſeu confeſſor, davalhe conta de tudo; valiaſe dos Divinos Sacramentos: mas a batalha naõ ceſſava. Foy conſelho do medico Eſpiritual, que ſe valeſſe contra as blasfemias, do meyo, e favor da meſma Senhora, em cuja offença eraõ, e contra os medos, do ſancto Apoſtolo Bertholameu.

Em cabo de muitos dias, foy o Senhor ſervido de ſe apiedar de ſua ſerva. Continuava na devaçaõ aconſelhada, e nos ſanctos exercicios que temos dito. Eis que huma noite ſoa hum deſacoſtumado eſtrondo, e ſente com elle fecharſe huma porta, e correr o ferrolho. E logo ouve huma voz, que dizia. Já naõ ſahireis mais daqui; parece, que foy mandamento divino contra os infernais perſeguidores. Porque deſde aquelle ponto ficou gozando de huma paz perpetua d'alma, e livre totalmente delles. Bemventurado o trabalho, que ſendo temporal, naõ rende menos, que huma eternidade de gloria. Tinhaa Sor Joanna já quaſi á viſta, porque a longa idade, e o bom ſerviço lhe promettiaõ, que eſtava perto: mas davalhe pena huma néta, que conſigo tinha: polla qual, ou que tiveſſe conceito, que naõ perſeveraria na Religiaõ; ou que ſeu pay, morrendo ella, lhe trocaria o eſtado, fazia oraçaõ continua pedindo a Deos lhe déſſe o eſpoſo, que hum Sancto antigo (foy S. Hylario) alcançou pera huma filha, que amava. Era a moça filha natural de hum dos filhos, que deixara no mundo; recolheraa conſigo huvia alguns annos, o ſangue, a criaçaõ, e a companhia fizeraõ amor. Foy ouvida ſua petiçaõ. Adoeceo ella, adoece a néta. Aggravouſe o mal em ambas, e a paſſos iguais, e vieraõ a acabar em hum meſmo dia, e quaſi na meſma hora, ſem haver mais, que duas horas de differença. A néta primeiro, e ella

ella despois. He cousa muito antiga, naõ ficou em memoria o anno; só ficou recebido de maõ, em maõ, por cousa muito sabida, e certa, que na noite antes appareceo sobre o Mosteiro huma taõ grande claridade, que sendo vista dos moradores da porta do Sol, sitio que fica a cavaleiro do Convento, julgaraõ, que naõ podia ser menos, que a reverberaçaõ de algum grande fogo, que andasse ateado dentro. E huma vezinha da mesma porta, que era lavandeira das Freiras, vendo, e ouvindo o mesmo, foy a todo correr á Portaria, bateo, e chamou, e gritou, dando novas do que vira, e de seu medo.

CAPITULO XV.

Das Madres, Sor Jeronyma de Calvos, Sor Luisa Bautista; e Sor Margayda de Mello.

COmo quem foge das ondas do Mundo, pera o sossego, e paz segura da Religiaõ, nenhum outro fim deve ter diante dos olhos, senaõ a posse daquellas eternas moradas, que o Senhor promete a quem o busca: Obrigado fica por rezaõ, e entendimento, empregar todo o cabedal de suas forças por chegar a tamanho bem. Levadas deste pensamento as Religiosas deste Mosteiro, achavaõ, que importaria muito pera segurança da jornada, e do partido, arrematar a vida com huma morte dilatada, e conhecida, inda que penosa, e cançada: em que o conhecimento rendesse verdadeira contriçaõ de culpas: a pena ficasse por satisfaçaõ, e parte de purgatorio. Isto nos consta, que foy pedido por muitas a Deos, e alcançado com oraçoens. E ficou taõ assentado entre ellas o dezejo, e petiçaõ de tal genero de morte, que se tinha por favor, e merce do Ceo, quando se alcançava. E ainda hoje se tem por cousa muy nova, faltarem no Mosteiro as doenças, que o causaõ, que saõ, tisica, e etiguidade. Ardendo estava em febres desta qualidade a Madre Sor Jeronyma de Calvos, extinuada, e consumida dellas. Tinha o que pedira, quanto á doença, e sofriaa com grande animo: esperava pollo fim pera inteiro cumprimento da petiçaõ. Entrou hum dia o medico, declaroulhe que era chegado. Assi se alvoroçou, e alegrou, como pudera fazer no mundo com certeza de vida, quem muito a dezejara. Mas custoulhe esta alegria huma grande perturbaçaõ. Porque o inimigo commum de nosso bem, envejoso de tal espiritu, tanto que entrou em artigos de morte, procurou vingarse della a todo seu poder. E tentandoa variamente, ultimamente descubrio sua figura, e tomou por occasiaõ de nova malicia, ver junto da enferma dous Crucifixos, hum que era do seu Oratorio, e outro que a Communidade trouxera ao receber da Sancta Unçaõ. E começoulhe a propor com boca infernal, que acertadamente estavaõ alli aquellas duas Imagens, porque dous eraõ os Deoses, que por ella haviaõ padecido na Cruz. Entendeuse a blasfemia polla efficacia dos meneyos, que fazia, e pollo que dizia, respondendo com vehemencia, e afflicçaõ, pera onde estavaõ os Crucifixos. Eraõ as palavras: Creyo, e confesso,

Vni-

Vnicum Dominum Dominum nostrum Jesum Christum. Foy batalha pera mayor coroa ; porque tirado hum dos Crucifixos , acudiolhe o Senhor com huma taõ grande consolaçaõ , que tresbordava pollo rosto , com extraordinarios sinais de alegria. Obrigadas as Religiosas do que viaõ , naõ puderaõ deixar de perguntarlhe polla causa. E ella respondia , como me naõ hey de alegrar , Madres , se vejo diante de mim aquella Senhora , que he alegria do Ceo , e da terra. E logo chamando por huma amiga sua , que estava presente , Sor Leanor , dizia , agora he tempo : pedi , pedi. Era o caso , que esta Religiosa pollo discurso da enfirmidade , lhe fazia instancias , que se lembrasse della , quando se visse diante da Virgem Soberana. Acudio Sor Leanor , preguntandolhe a que parte estava , e ella respondia , que estava encostada á Madre Sor Ines da Conceiçaõ. Prostraraõse entaõ todas por terra , entoando o verso : *Maria mater gratiæ , mater misericordiæ : tu nos ab hoste protege , e hora mortis suscipe.* Repetiraõno muitas vezes , até que a bendita alma , desemparado o corpo , se foy traz quem a viera buscar : pollos annos do Senhor de 1540. Affirmava despois Sor Leanor , que alcançara , o que alli pedira , ajudada das oraçoens da defuncta.

1540.

Sor Luisa Bautista. 1552.

Com semelhante favor honrou a mesma Senhora 12. annos adiante , na de 1552. outra Religiosa desta Casa. Estava penando em paroxismos de morte a Madre Sor Luisa Bautista , conhecida por grande , e particular devota sua. Senaõ quando se troca subitamente a sombra da morte , que já lhe cubria o rosto , em jubilos de prazer , e gozo , e levantando a voz , Madres , dizia , façaõ lugar , que vem a Raynha dos Ceos. Debruçavaõse todas até o chaõ com a devida reverencia , quando a doente tornandose a assombrar de nova tristeza , desconsoladamente affirmava , que a Senhora se fora , polla vinda de duas Madres , que entaõ entravaõ. Era o caso , que vinhaõ desgostadas huma com outra , e fallando alto , e com paixaõ , e assi entraraõ. Naõ assiste a Mãy da Caridade , onde acha desavença , e espiritu de ira. Cahiraõ na conta as desavindas , abraçaraõse , e pediraõse perdaõ huma a outra , e todas juntas á Virgem Sagrada. Alegrase de novo a enferma : e dando com a boa sombra occasiaõ de ser perguntada affirmava , que a Senhora tornara a entrar , acompanhada da gloriosa Magdalena , e de muitas Virgens sanctas , todas ricamente ataviadas , e de varias cores. Estendiase a devaçaõ a querer saber mais. Atalhou a enferma , dizendo , que a naõ detivessem com perguntas : que convinha seguir aquella sancta companhia , que tinha que fazer em outra parte : e espirou logo. Pareceo a todas , que era isto irem buscar alguma alma , que devia estar de partida. E estando com cuidado de quem seria , soubese logo , que na mesma hora fallecera em casa de Jeronymo Pires Cotaõ , nobre , e virtuoso vezinho do Mosteiro , hum mancebo , que no ponto , que se hia despedindo da vida , acompanhado da mulher do mesmo Jeronymo Pires , e de outras pessoas , lhes pedira , que fizessem aga-

agasalhado a huma senhora de Real presença, que o vinha visitar, acompanhada de huma Freira Dominica. Chamavase o defuncto Bernardo de Crasto. Criarao Jeronymo Pires, como a filho, e tal era a criaçaõ daquelle tempo, que andando no meyo do trafego da cidade, e da Corte, e na força da idade verde, conservava tanta pureza de alma, que mereceo a celestial visita: e pera que fosse crida ordenou o Senhor, que assi sabe honrar os seus, que lhe precedesse o testemunho do Mosteiro. Mas pera que espante menos, he de saber, que o mancebo servia actualmente o Infante D. Luis; cuja casa era academia de sabios, e corte de virtudes, e elle gloria dos Principes de seu tempo. Alcançamos esta informaçaõ na parte em que falla o livrinho, que anda impresso da fundaçaõ do Mosteiro de hum sobrinho do mesmo Jeronymo Pires, que nos affirmou ouvilla referir aos que foraõ presentes. Chamava-se Francisco Pires Cotaõ pessoa de grande credito, e virtude, que por tal morreo occupado no serviço d'el-Rey, em officio de muita confiança.

Quasi pollo mesmo modo quis o Pay das misericordias galardoar com publicos favores o bom serviço, e longos annos da Madre Sor Margayda de Mello, sendo nesta Casa terceira vez Prioressa. Era illustre em sangue, mas muito mais em virtudes. Estas eraõ causa de ser buscada pera Prelada, todas as vezes que lhe cabia. Adoeceo gravemente, e foy o remate da doença, e da vida hum purgatorio, que muito espantou, e encheo de medo as Religiosas. Sinco dias continuos esteve como crucificada, sem fallar, nem ouvir, nem ter mais sinais de vida, que atroar a casa, e lastimar a todos com huns gemidos taõ profundos, e sentidos, que claramente se via nascerem de dores que padecia sem medida. Pasmadas, e compungidas todas de ver assi acabar huma criatura, que tinhaõ por innocentissima. Acudio o bom Jesu polla honra, e credito de sua Esposa, com hum notavel testemunho de quem ella era. Porque no ponto, que a acabaraõ de ungir, e entrou em morrer, descubrio aos olhos de huma honrada, e virtuosa matrona, vezinha do Mosteiro, huma larga procissaõ sobre elle de Freiras da Ordem, e algumas conhecidas suas, e mortas de pouco na mesma Casa, que seguiaõ o Senhor vestido em manto Carmesi, e na maõ hum fermoso guiaõ da Cruz, como se pinta na resurreiçaõ, e entoavaõ o Cantico. *Benedictus Dominus Deus Israel, &c.* e no mesmo tempo, e hora, aconteceo, que a affligida Madre abrio os olhos, como quem acorda de profunda extasis. E começou o mesmo Cantico. *Benedictus Dominus Deus, &c.* com clara, e quieta pronunciaçaõ, e acabado o primeiro verso, espirou. Succedeo esta morte no mesmo dia da festa de Corpus, Anno 1563. Authorizouse o testemunho, tanto com a virtude da defuncta, e circunstancia do successo, e conjunçaõ delle, como com as qualidades, que temos dito, de quem o deu; chamavase Maria Ribeira, e tinha huma filha Freira na Casa.

1563.

CAPI-

CAPITULO XVI.

Da Madre Sor Ines da Aſſumpçaõ.

Sor Ines da Aſſumpçaõ.

OItenta annos de idade contava a Madre Sor Ines da Aſſumpçaõ, quando trocou a vida mortal polla eterna no de 1574. Annos taõ bem gaſtados, que a reconheceraõ por mãy, e meſtra, todas as mais eſſenciais Religioſas deſta Caſa, e ainda hoje ſe referem a ella algumas devaçoens particulares, que de ſeu tempo ficaraõ em uzo. O officio, em que entendeo a mòr parte da vida, foy de Meſtra de Noviças. E ſendo cargo, que requere, e pede tantos requiſitos, pera ſe fazer com perfeiçaõ, que raramente ſe acha em muitas provincias huma peſſoa, que os tenha, nella ſe juntaraõ de maneira, que por todos os Moſteiros, e por todas as Religioens pudera ſer eſpelho, e modello de huma perfeita meſtra. Conſelhos, e boa doutrina, por toda parte ſe achaõ; exemplo, e obras, he couſa rara. E quando ha quem junte dizer, e fazer, ou naõ he em todas as virtudes, ou vay com miſtura de imperfeiçoens. Só na Madre Sor Ines quiz Deos ajuntar, e em ſupremo grao, tudo o que convinha pera bem, e fundadamente enſinar. Se mandava a ſuas Noviças compor o roſto, abaixar os olhos, moderar o riſo, temperar a lingoa, aſſentar o paſſo: tal compoſiçaõ guardava conſigo, que em nenhuma hora ſe via nella couſa contraria do que aconſelhava. De ſorte, que a mais compoſta da caſa, olhando pera ella, achava que emendar em ſy, como ſe ſe vira a hum eſpelho muy claro. Contaſe de ſeu tempo, que baſtava apparecer Sor Ines em qualquer lugar, pera ſe recolherem as Religioſas, como ſe fora Prelada: e ſuſpenderem a pratica, ſe fallavaõ, como diante de outro Job. Mas porque o aſſento exterior (que he primeiro Alfabeto da Religiaõ) e todas as mais virtudes, ſe naõ tem ſua raiz no coraçaõ, duraõ pouco, e cahem depreſſa, como couſa empreſtada, poſtiça, e naõ propria: Aſſi as ſabia enſinar, que ſe enxergava nas diſcipulas, trazeremnas eſculpidas no centro d'alma: era taõ penitente, que naõ perdendo nenhum jejum da Regra, todas as veſperas das feſtas de Noſſo Senhor, e Noſſa Senhora paſſava a paõ, e agoa; e o meſmo fazia nas de alguns Sanctos, e todas as que eraõ de Communhaõ. E a eſte modo eraõ as diſciplinas, e rigores de ſua vida. A humildade era extraordinaria. Porque ſendo Supprioreſſa, e Meſtra, e velha, lançava maõ de todos os ſerviços mais humildes da caſa. Mas o que mais eſpanta he, que tendo tantas partes, e dezejando as Religioſas fazella Prioreſſa, ſempre as deſviou, e ſe deſviou de o ſer. E ſuccedendo hum anno ſahir eleyta com todos os votos, e com grande alvoroço da Communidade, deſaſſombradamente reſpondeo, que naõ era pera ella tal cargo: e ſe lhe fizeſſem força, do Ceo viria remedio, que a livraſſe. Fundavaſe em hum profundo conhecimento proprio, com que ſe perſuadia naõ ſer pera governo. E aſſi aconteceo, que o Provincial caſſou a eleyçaõ. Era Provincial o

Iob.

Pa-

Padre Mestre Frey Luis de Granada, e o Anno de 1560. como varaõ sabio, e taõ espiritual, quis, que naõ perdesse o Mosteiro tal Mestra, nem a Mestra a consolaçaõ de permanecer em sua humildade. Por estes meyos sabia aquelle espiritu negocear. Sua vida era andar sempre unida com Deos por amor, e oraçaõ continua. E tal sabor achava nella, que nenhuma outra cousa queria na terra. Ordinariamente em se tangendo o primeiro de Matinas, estava no choro: e nelle ficava até Prima. A hora de Prima, se era Mestra, chamava as Noviças, e dizialhes com grande espiritu, que fossem vestir a Senhora, era sua lingoagem, que lhe dariaõ por chapins o Cantico gradual, por vestido as horas de seu Officio pequeno, e por manto o sancto Rosario. Hiase com todas diante da Imagem de Nossa Senhora do dormitorio; com quem tinha particular devaçaõ: e no espaço, que havia entre o primeiro, e segundo sinal de Prima, fazia rezar o Cantico (que chamava os chapins) com tal pausa, e taõ devotamente, que era causa de grande edificaçaõ: e como em toda a Communidade era geral a devaçaõ da sancta Imagem, começaraõ muitas Madres a acompanhalla, e desde entaõ ficou em uzo rezarse com vélas acesas, e grande solemnidade: principalmente nas festas da Virgem em que assiste sempre a mór parte da Communidade. Devese este costume sancto á Madre Sor Ines, que alem de o deixar fundado com seu espiritu, e com a continuaçaõ dos longos annos, que viveo; huma visaõ, que teve, o imprimio mais nos animos de todas: e foy assi. Querendo hum Anno celebrar a festa gloriosa da Assumpçaõ da Virgem (cujo nome tinha) com tudo o que podia, que era acrescentar ao jejum de paõ, e agoa da vespera, vigia de toda a noite, e reza dobrada, chamou huma amiga por nome Sor Joanna de Jesu, e juntas no choro começaraõ Matinas rezando a versos. Naõ tinhaõ acabado o primeiro nocturno, quando Sor Ines deixou de responder, e encostou a cabeça. Pareceo á companheira, que era força do sono de quem andava cançada, e sempre falta delle. Nem quis espertalla, nem parar com a reza. E foy continuando até entrar por segundas vesperas. Neste passo tornou sobre sy, arrependida de a naõ ter acordado; e fazendo conta de lhe encubrir como passara adiante, chamou por ella. Tornou Sor Ines com hum grande suspiro, e mostras de desgosto, seguidas de palavras formais. Nunca já terei outra hora como esta. Replicou a companheira, que acabassem o officio, que pera dormir naõ faltariaõ horas. E ella desconsolada: naõ seraõ, dizia, como a que perdi. Como Sor Joanna a tinha em grande conta, pareceulhe, que havia mysterio naquella desconsolaçaõ; perguntoulhe polla causa. E Sor Ines, naõ sofrendo a amizade encubrilla, ou querendo Deos, que ficasse publica, pera consolaçaõ de animos pios, começou a contar com singeleza, que enlevada com todas as potencias na soberana gloria da solemnidade, que tinhaõ presente, se fora vencendo daquelle leve sono, ou semelhança de sono: no qual se lhe

lhe reprefentara a Virgem gloriofa fobre hum riquiffimo Throno: e logo huma comprida prociffaõ de Anjos, e Patriarchas, e outro grande numero de fanctos, que a demandavaõ, cantando fuaviffimamente feus louvores com o Hymno. *Digna laude Angelorum*, *&c.* E quando chegavaõ perto, fe hiaõ humilhando com profundas inclinaçoens. E parecialhe, que como em dia de triumpho, e merces, cada fancto chegava a pedir pera feus devotos. A mageftade da Senhora, a gloria de tal vifta, a melodia da mufica enchia tudo de gozo, e recreaçaõ. E fó eu, acrefcentava, em alegria taõ geral, eftava defconfolada; por me ver longe de tal companhia, vendo, e conhecendo nella algumas amigas, que noutros tempos nos acompanharaõ, e viveraõ nefta Cafa. Mas a Virgem piadofiffima me chamava, e dizia, que me naõ agaftaffe, que tambem era filha, e tambem teria alli meu lugar. Nefte ponto me chamaftes, e cortaftes o fio ao mayor deleyte, que pera mim já póde haver nefta vida mortal: perderaõ os ouvidos huma armonia, que os tinha trafportados, e inda agora me foaõ os eccos nelles, com tal fuavidade, que a naõ perderáõ pera em quanto eu viver. Tiraftes a eftes olhos, alem daquelle objecto foberano da Virgem, de quem os Anjos recebem honra, e gloria, outra vifta, em que eftavaõ com grande confolaçaõ empregados. E foy, que no fitio, que fazia affento aos pés da Senhora, pareciaõ efcritos com letras de ouro, e guarnecidos de pedraria, os noffos quinze Pfalmos graduaes, que cada dia lhe cantamos. E deleitandome eu na vifta da obra, e guarniçaõ, ouvi que me diziaõ, que eu, e minhas noviças ajudaramos aquelle lavor. Efte bem me tolheftes, e forame melhor acabar nelle, que acordar fem elle. Da narraçaõ, e difcurfo do fonho, e do affecto com que Sor Ines o referia, ficou a companheira julgando, que fora mais revelaçaõ, que fonho: e logo vio coufa com que de todo fe acabou de certificar. E foy, que dizendolhe continuaffem a reza começada, e apontando no Pfalmo, em que a tomara o fono, tornou Sor Ines: Effe he o em que ambas hiamos, mas o em que vós hides, he o fegundo das fegundas vefperas. E no fegundo verfo, *Sit nomen Domini*, *&c.* E era tanto ao jufto, que naõ podia fer dormir quem affi notava.

Tanto que rezaraõ, paffou Sor Joanna a huma curiofidade muito pofta em rezaõ; como Sor Ines fez tantos encarecimentos da mufica, que ouvira, e como fe lhe imprimira na memoria; perguntoulhe, fe teria lembrança da toada do Hymno, que os Anjos, e Sanctos cantaraõ, pois dizia, que era o mefmo do Mofteiro. *Digna laude Angelorum*, *&c.* E fe lha faberia dar pera a apontarem em folfa. Eraõ ambas deftras no canto. Mas Sor Joanna com grande ventagem. De maneira lha foube dar, que logo a apontou; e por ella fe ficou cantando no Mofteiro. He toada engrafada, e devota, e como de tal Capella, e por tal anda apontada no livrinho da fundaçaõ da Cafa, e o Hymno com ella. Ninguem duvidou, que fora efte fonho

Da Fundaçaõ do Salvador l. c.

sonho daquelles, que o Senhor costuma dar a seus amados, quando os quer consolar com a vista de huns longes da herança, que lhes tem guardada. Confirmavase isto com o testemunho que dera Sor Jeronyma de Calvos estando em passamento, quando perguntada, onde via a Virgem, respondeo, que estava encostada em Sor Ines da Assumpçaõ (como atraz contamos) que he a mesma de quem agora escrevemos. Mas naõ se provava menos com o discurso de sua vida, em que tudo era sanctidade; e com tudo, ainda no fim da carreira a honrou a Senhora com ultimo, e grande favor, pera principio dos eternos, que lhe estavaõ guardados. Jazia em cama consumida, e doente dos muitos annos, mais, que de outro mal; porque o que de presente tinha, naõ se havia por mortal, nem apressado. Amanhecendo hum dia, pedio com efficacia, que lhe dessem a sancta Unçaõ. Pareceo ás Enfermeiras, segundo o estado em que estava, que era muito anticipar, e que se devia esperar conselho de Medico. Mas ella mandou requerer á Prelada, que lhe naõ tardassem, alegando, que a Virgem do dormitorio estivera com ella, antes d'amanhecer, e lhe mandara, que a pedisse. Naõ havia mister testemunho de fóra a verdade de Sor Ines. Porem ouveo pera gloria da Senhora, e honra de sua serva. Aconteceo passar antemanham pollo Altar da Senhora huma Religiosa de grande credito, e vio que naõ estava nelle. Do que ficando sobresaltada, e temendo, se poderia ser furtada, foy correndo o Convento com queixas. Seguiose a poz a Unçaõ o transito da sancta Velha, que confirmou a verdade de ambas.

CAPITULO XVII.

Das Madres, Sor Maria Bautista, Sor Isabel do Presepio, Sor Catherina da Cruz, Sor Margayda do Espiritu Sancto.

SE ouvermos de fazer memoria de todas as Religiosas, que neste Mosteiro se fizeraõ estimar por credito de grandes virtudes: e de cada huma ouvermos de dizer por extenso o que se conta, será necessario crescer tanto esta escritura, que naõ possamos acudir á obrigaçaõ em que estamos aos mais Conventos da Provincia. Ajuntase, que como os exercicios Monasticos saõ quasi os mesmos em todas, tememos enfastiar o Leytor com cousas repetidas. Por todas estas rezoens hiremos encurtando a narraçaõ, e tratando só daquellas, que com casos, particularmente notaveis, nos derem motivo de escrever com advertencia, que naõ diremos nenhum, senaõ de pessoa grande, e calificada virtude. E fique entendido, que tal he a de que tratamos, sem nova repetiçaõ de particularidades; que na verdade casos raros, poucas vezes se encontraõ, senaõ onde ha estribos de valor muy solidos.

Com tal presuposto começaremos polla Madre Sor Maria Bautista. Esta Madre sobre o fundamento dito, era devota do Sancto do seu nome com notavel excesso: se ha excesso em servir, e honrar a Deos em seus ser-

A Madre Sor Maria Bautista

servos. Amava os devotos do Bautista, como a irmãos. Ao Sancto venerava com oraçoens continuas, e até o nomeallo era com reverencia, e amor; em fim tudo quanto podia ajuntar despendia em lhe celebrar suas festas. Vindo hum dia a sentirse indisposta, pareceo bem levaremna á Enfermaria, e ainda que o mal naõ ameaçava perigo, foy logo confessada, segundo o costume da Religiaõ. Na menham seguinte foy chamada a Enfermeira por huma Madre antiga, e de muito credito na Casa, e perguntada como estava a enferma, respondeo, que a deixava bem, porque vinha do seu leyto, e a achara dormindo. Replicou a velha. Vede, irmã, naõ seja esse dormir pera acordar na ultima resurreiçaõ dos mortos. E naõ o digo sem causa. Porque em casa ha pessoa, cujos sonhos ás vezes sahem certos: e eu sey, que sonhou esta noite, que Sor Maria morria. Tornou a Enfermeira, tentou a que tinha por sam, e adormecida, e achou, que estava morta. Caso foy, que deu nova reputaçaõ de sanctidade igualmente a sam, e a defuncta. Porque o sonho mostrou ser verdadeira revelaçaõ no successo: e o discurso della descubrio, que naõ estava a defuncta esquecida no Ceo. Representouselhe á velha, que da parte do Oriente, demandava este Mosteiro huma comprida procissaõ de gente vistosa em pompa, e trajo, parte com palmas nas mãos, parte com alampadas acesas, toda resplandecendo em luz, e claridade. E no couce huma veneravel figura de homem, que excedia toda a companhia em fermosura de atavio, e magestade de sembrante; e dezejando saber quem seria, foylhe dito, que era S. Joaõ Bautista, que com aquelle acompanhamento, que todo era de sanctos, e sanctas, vinha buscar huma sua devota enferma, pera lhe ministrar o Viatico, e Unçaõ, e levalla consigo; como em cousa taõ extravagante passou a curiosidade das Religiosas, a tentarem os lugares em que he ordinario poremse os sagrados oleos; e affirmaraõ muitas, que estavaõ sinalados, e humidos da Unçaõ, pera inteiro cumprimento da revelaçaõ da velha, e confirmaçaõ da sanctidade da defuncta; e premio de sua devaçaõ. Chamavase a velha Sor Jeronyma do Presepio, de que adiante falaremos; e a defuncta filha de Luis Teixeira Lobo, e de Dona Catherina Leytoa. Foy seu fallecimento em oito de Setembro de 1581.

1581.

A Madre Sor Isabel do Presepio.

Da Madre Sor Isabel do Presepio ha muitas vivas hoje, que se lembraõ; seguio hum taõ aturado recolhimento, e amor do cantinho da sua cella, que em trinta annos, naõ foy nunca vista noutra parte, salvo no Choro, e Refeitorio. O que lhe rendeo este genero de vida, declarou o tempo por hum estranho modo. Passados tantos annos despois de enterrada, que pareceo podia sem perigo de corrupçaõ, abrirse a sua cova, pera se dar sepultura nella a outra Religiosa: sendo aberta, tal suavidade de cheiro lançou de sy, que espantou, e consolou todo o Mosteiro. Mas o que mais admiraçaõ causou, foy, que cuidando achar ossos secos, se achou o corpo inteiro, e os habitos taõ saõs, como se daquella hora,

ra, fora com quem os vestia dados a terra. Falleceo esta Madre no Anno de 1595. em 23 de Julho.

1595.

A Madre Sor Catherina da Cruz. 1597.

Naõ fez menos maravilha, o que se vio na sepultura da Madre Sor Catherina da Cruz. Era fallecida do Anno de 1597. Passado algum tempo ouve occasiaõ de se abrir. Tanto que se começou a bulir a terra, recendeo por toda a casa huma taõ estranha fragancia de cheiros, como se se queimaraõ muitas pastilhas, ou ferveraõ juntas muitas caçoulas. Saõ vivas hoje muitas Religiosas, que sendo testemunhas da vida destas duas, tambem o foraõ da honra, que o Senhor quis dar á memoria de ambas. Mas em Sor Catherina quis o mesmo Senhor honrar tambem sua sagrada Mãy, e consolar os devotos de seu sancto Rosario. Porque revolvendo o coveiro os ossos secos, e descarnados achou na cana do braço envolto hum Rosario, com que todas se lembravaõ, que fora dada á terra. E viose, que estava saõ, e a infiadura, que era de seda azul, com taõ boa cor, e taõ rija, como se do dia atraz se sepultara. Deraõse graças ao Rey da Gloria; tornando á memoria algumas particularidades da devaçaõ, que esta Madre tinha ao sancto Rosario, e á Senhora delle. Entre as quais era huma, que nunca ninguem fallou com ella, que a primeira palavra, que de sua boca se ouvia, naõ fosse, *Ave Maria*, *Mater gratiæ*.

A Madre Sor Margayda do Espiritu Sancto.

Bem dirá com a sanctidade mossiça destas tres Madres, galardoada com premios taõ altos, como acabamos de contar, huma sancta innocencia de outra, galardoada com premios de innocente, mas tambem do Ceo. He historia deleytosa, e que nos está convidando a eternos louvores da bondade, e misericordia de nosso bom Deos. Tomou o habito nesta Casa Sor Margaida do Espiritu Sancto, e quadravalhe bem o nome em tudo; porque era margarita, ou perola alvissima, na pureza d'alma, e em todas as virtudes hum espiritu raro, e tal, que acontecendo ficar orfam de pay, e mãy, despois de noviça, e entendendose que naõ tinha competente dote pera poder professar: todavia consentiraõ as Religiosas, que se lhe fizesse profissaõ; só pollo grande conceito, que tinhaõ de sua bondade. Passara o Anno de provaçaõ em todo o rigor da Ordem, e sem dispensaçoens, governada com a severidade da grande Mestra Sor Ines da Assumpçaõ, de quem atraz escrevemos. No mesmo dia da profissaõ fallou a Mestra com ella em particular, encareceulhe a merce, que o Divino Esposo lhe fizera em a receber por esposa, pera que a soubesse estimar toda a vida. E acrescentou, que como ella tambem de sua parte offerecera muito, dando a vida, e a liberdade, em sacrificio, que a Deos muito agrada; soubesse que era tempo de pedir muito, a quem podia tudo. Era Sor Margayda, como temos dito, simples mais que pomba, e de serpente naõ tinha nada. Respondeo alegre, e singelamente, que pollo ter assi entendido, lhe pedira tres cousas. E fora a primeira, que quando a levasse desta vida, naõ passasse pollo Purgatorio; porque teria por grande pena naõ ver logo a Deos.

Em

Em ſegundo lugar pedira, que lhe déſſe duas vaſquinhas. Porque bem ſabia elle, que de duas, que tinha, ſe lhe queimara huma ſervindo na coſinha; e a outra andava taõ repaſſada de nodas, que naõ havia ſabaõ, que a fizeſſe alva. A terceira petiçaõ fora, que tiraſſe á Madre Prioreſſa humas fortes ſezoens, que padecia, pois lhe fizera tanto favor, que ſe lhe levantara da cama pera lhe fazer profiſſaõ. Feſtejou a ſancta meſtra a ſimplicidade dos requerimentos, eſtimando, como obra do Eſpiritu Sancto, de quem tinha o nome, a lembrança do que tocava á ſalvaçaõ. E juntandoſe ſobre tarde com a Prioreſſa, e Communidade, alegroua com a hiſtoria, que foy recebida de todas por graça; ſenaõ ſó da Prioreſſa, que de ſizo affirmou, tinha já cumprimento do que tocava a ſua doença: porque era paſſada a hora da ſezaõ, e ſe ſentia taõ bem, que ſe dava por ſam. E ſe a profeſſa naõ ouveſſe por outra via as váſquinhas, deſde alli prometia darlhas. No dia ſeguinte chamaraõ a Roda. Era rodeira a Madre Sor Branca das Chagas. Vio hum homem mancebo, ao parecer, como deſpois contava, de vinte e ſinco annos, o geito, e trajo de eſtrangeiro, o veſtido roxo, e comprido, os pés deſcalços, mas airoſo, e gentilhomem. Perguntado, que queria, diſſe, que fallar á profeſſa do dia atraz, e darlhe hum recado, que trazia. Perguntado quem era, reſpondeo, que a profeſſa o ſabia. Tornou a Rodeira, dizendo, que naõ baſtava ſabello Sor Margayda; que tambem o havia de ſaber a Madre Prioreſſa: quanto mais, que naõ era coſtume virem á Roda as Freiras moças, e menos as profeſſas de pouco: que lhe déſſe o recado, ou ſe foſſe embora. Rioſe o mancebo, e fez logo ambas as couſas. Poz na Roda hum pedaço de pano, dizendo, que era pera a profeſſa nova, e virou as coſtas. Vendo a Rodeira, que ſe hia, fez iſtancia por ſaber quem mandava o pano, e recebeo a meſma repoſta, que dera primeiro, que a profeſſa o ſabia, e naõ parou mais. Foyſe a Rodeira á Prioreſſa com o pano. Vioſe que era Eſcarlatim branco fino. Requerida Sor Margayda, que diceſſe quem lhe mandava aquelle pano. Reſpondeo com a ſua ſimplicidade, e boca cheya de riſo, que quem lho havia de mandar ſe naõ ſeu Eſpoſo, pera fazer as váſquinhas, que na profiſſaõ lhe pedira. Criou eſta repoſta nova curioſidade em quantas ſe achavaõ preſentes, pera chegarem ao cabo com caſo taõ novo. Porque olhado o pano era do ordinario, que as Freiras uſavaõ em váſquinhas, e medido, tinha ſeis covados em que havia ao juſto duas váſquinhas. Correm a Roda, chamaõ pollos que eſtavaõ de fóra, que naõ eraõ poucos, perguntaõ pollo mancebo, daõ os ſinais que a Rodeira notara. Aqui foy o paſmar: porque todos a huma voz affirmavaõ, que tal homem naõ viraõ de ſeus olhos, nem dentro, nem fóra da Portaria. Aſſi honra o Senhor a ſancta innocencia. Porque como ſe paga muito de coraçoens ſingellos, parece que ſe deleyta em tratar com elles, ao modo, e pollos meſmos termos, que faz hum Pay amoroſo com hum filho mi-

nino, e mimoso, acomodando áquella idade obras, e palavras, e até geitos, E meneyos puerys. E quem assi o fez no que menos importava, de crer he, que no substancial da salvaçaõ lhe manteria milhor o cumprimento de sua petiçaõ, conforme a sua Divina sentença. *Qui in paruo fidelis est, erit in magno.* Porque sabemos, que Sor Margayda procedeo até o fim da vida, com obras dignas da simplicidade da profissaõ, e acabou sanctamente, recebidos todos os Sacramentos por Janeiro do anno de 1598. e ficou em memoria, que era filha de Fernaõ Borges, e de Dona Genebra de Brito; e o successo referido com sua profissaõ, foy no de 1547. sendo Prioressa a Madre Sor Margayda de Mello, e Provincial o Mestre Frey Francisco de Bovadilha.

Matth.

1598.

1597.

CAPITULO XVIII.

Das Madres Sor Jeronyma do Presepio: Sor Guiomar de Sancto Agostinho; e Sor Antonia de S. Paulo.

NAõ passaraõ dous mezes inteiros entre a morte da innocente Sor Margayda, e a muy penitente, e pacientissima Sor Jeronyma do Presepio, que aqui tem seu lugar. Porque Sor Margayda acabou por Janeiro de 1598 como fica apontado, e Sor Jeronyma em sete de Março do mesmo anno. Sabemos desta Madre, que em quanto viveo, teve por costume levantarse ás duas horas despois da meya noite, caminhar pera o choro, e quando delle sahia, hiase pollos lugares em que as Constituiçoens obrigaõ a silencio, procurando com vivo zelo, que senaõ quebrasse. Pera poder aturar esta vida, tinha grande remedio no leyto, que a agasalhava. Porque o colchaõ era taõ singello, e mal provido de lam, que nenhuma substancia havia nelle, nem mais, que nome de colchaõ; e pera que ainda assi fosse menos o alivio da jazida, tinha semeada de pedaços grossos de páos, e ladrilhos, a taboa, que o recebia. E as mantas, que o cubriaõ, eraõ de hum pano basto, e seco, pouco aventejado de burel. E sendo muitas vezes doente, de eresipula, e febres agudas, nem melhorava de cama, nem deixava de seguir as Communidades. Como tinha o nome do Presepio, era devotissima do Redemptor nelle. E os treze dias, que ha desdo Nascimento até a vinda dos Reys, era o choro sua continua morada, dia, e noite, acompanhandoo com rios de lagrimas, como se com elle se achara no Portal de Belem; e o mesmo fazia na somana Sancta, vigiando as duas noites de sesta, e sabbado da Paixaõ até a Resurreiçaõ. Sentio a natureza, inda que robusta, o peso do trabalho. Geroufelhe hum Cancro sobre os peitos de grande martyrio: e sendo taõ terrivel o mal, andou hum anno, e meyo sem acabar consigo largar hum só dia os rigores costumados. Quando foy pera a Enfermaria, onde a levaraõ á pura força, levava já huma chaga aberta taõ podre, e asquerosa, que naõ havia criatura, que lhe pudesse ter o rosto direito. E ella estava taõ paciente, que naõ só senaõ queixava, mas acontecia acharemna

1598.

as Religiosas, que a visitavaõ, com as mãos juntas, e levantadas ao Ceo, dando graças a Deos. E algumas vezes, que a força do muito, que padecia, a obrigava a dezejar a morte, dizia, como outro S. Martinho; muito dezejo, meu Deos, chegar a vervos. Mas se vós sois servido, que se dilate este inferno de dores, e tormento, naõ refuso o trabalho. Cumprase vossa sancta vontade. E todavia, quando soube que o medico mandava, que a ungissem, foy tamanho seu prazer, que partio com elle dos mimos, que tinha de doente. E entrou em morrer com tanto animo, que acompanhou a Communidade no officio da Agonia, e Ladainha, como se fora huma das mais sãas; e o que mais espantou, foy, que acabado o officio pedio a huma Madre, que lhe lesse alguma cousa devota, e começando a Madre a Paixaõ, disse, que naõ haveria tempo pera tanto: que lesse antes os Hymnos de Nossa Senhora. Foylhos rezando; e quando chegou ao verso, que diz. *Vt videntes Iesum semper collætemur*, foyse com elle. Era esta Madre a que teve a revelaçaõ da morte de Sor Maria Bautista, e irmã de Sor Isabel do Presepio, de quem atraz escrevemos.

A Madre Sor Guiomar de S. Agosti.

A Madre Sor Guiomar de S. Agostinho filha de Gonçalo Mendes de Menezes, entrou neste Mosteiro de idade de seis annos; e como se criou entre os fervores da devaçaõ do Sanctissimo Sacramento, que nelle saõ ordinarios, como logo diremos, e que entaõ eraõ mais vivos: foy bebendo com os annos aquelle espiritu; e cresceo tanto no amor, e veneraçaõ da divina Hostia, que todas as vezes, que se achava diante della, naõ eraõ seus olhos menos, que duas grossas fontes de lagrimas. E naõ cuide ninguem, que he isto genero de encarecimento, tanta era a agoa, que naõ lhe bastavaõ lenços, nem toalhas, corria até o chaõ, e regavao de sorte, que por ella era conhecido o seu lugar. Vivas estaõ muitas Religiosas, que viraõ o que digo, e o contaõ hoje, e por seu testemunho o escrevo. E com tudo, peço aos que saõ de duro affecto em chorar, e polla mesma rezaõ, mais duros em crer, que naõ deponhaõ o escrupulo, até fazerem por sy nova informaçaõ. He o Divino Espiritu fonte viva de fogo eterno, que ateado naquella alma, por consideraçaõ de sua bondade, e da infinita misericordia, com que quiz ficar comnosco até o fim do mundo, por modos, e meyos taõ amorosos, levantava nella incendios, que derretiaõ, e faziaõ estillar pollos olhos o coraçaõ, com huma suave, e voluntaria chuva. E tal era neste passo a aprehensaõ de todas as potencias da alma, que passando della ao corpo, como he ordinario, opprimiaõ, e faziaõ força aos membros, e humanidade, com tal violencia, que a vieraõ a secar, e mirrar: e aos dez annos de professa étyca confirmada. Aqui espantava mais a abundancia do humor em hum corpo, que já naõ era mais, que huma notomia, e armaçaõ de ossos. Parecia obra, e dom celestial, e mostrouse, que o era no fim da vida, tendo recebido o sagrado Pasto por Viatico: e vivendo todavia alguns dias mais, tor-

nou

nou com instancia, e pedio, que lho tornassem a ministrar, pera satisfazer a seu Amor, e poder sofrer a dilaçaõ, que lhe fazia a vida, em se hir lograr delle, face, a face. Naõ se atrevia a Prelada em consentir tal, porque a demasiada fraqueza, a tinha reduzido a termos, que era forçado pera naõ acabar de espirar acudiremlhe por momentos com apistos, e substancias. Todavia instando, e movendo todas a piedade com as saudades, que tinha do bom Senhor, foylhe respondido huma tarde, que se se atrevesse a passar sem tomar nenhuma cousa da meya noite até polla menham, em tal caso teria licença, e a consolaçaõ, que dezejava. Alegrouse com a promessa, animouse com a esperança, e foy o Senhor servido, que póde passar desdas dez horas da noite, até as seis do dia seguinte, em que commungou com hum extremo de espiritual alegria. Mas naõ se acabava de despedir aquella, morrendo a cada passo. Foylhe durando a vida em conjunçaõ, que entrava a somana Sancta, e tornou a entrar em novos dezejos de ver o Senhor á quinta feira na Igreja. Instou, requereo, chorou, porque a levassem ao Choro. Porem naõ se atreveraõ as Madres a bullir com ella, temendo, que lhes espirasse entre as mãos. Estava queixosa, e triste, senaõ quando se troca subitamente em alegre, consolada, e rizonha. Dizendo ás que entravaõ a vela, que fizessem reverencia ao Santissimo Sacramento, que alli estava, e apontava o lugar, e modo com que estava; e porque algumas faziaõ duvida, affligiase, e dizia. Como póde ser, Madres, que naõ vejaõ a fermosura daquella sagrada Hostia? bemdito sejais meu bom Senhor, que assi quizestes consolar esta pobre criatura com vossa Omnipotencia. Durou inda até ultima oitava da Paschoa, tres dias de Abril de 1603. e sempre tanto em sy, que na Ladaynha do officio da Agonia, quando a Communidade dizia, *ora pro ea*, respondia ella, *ora pro me*.

1603.

A Madre Sor Antonia de S. Paulo.

Com semelhante visaõ, e a mesma companhia acabou sua carreira a Madre Sor Antonia de S. Paulo, passados 30. dias, aos quatro de Mayo do mesmo Anno de 1603. Confesso, que dezejei deixar correr a pena no que temos, que dizer della. Porque sendo o fim das Historias Ecclesiasticas, naõ só dar memoria aos bons sujeitos defunctos, mas tambem doutrina com elles aos que vivem, e a quantos ao diante as lerem, sem duvida fora emprego de proveito, pollas muitas, e grandes partes de perfeiçaõ, que nesta Madre concorreraõ; mas visto, como convem abreviar, pera podermos abranger ao muito que nos resta da Provincia, offereço ao Leytor a boa vontade, e em poucas regras o que merecia muito papel. Em tres virtudes se avantejou Sor Antonia, com excessos notaveis. Humildade, pobreza, e oraçaõ. Era a sua humildade no officio de Mestra de Noviças, que fez quinze annos continuos, naõ persuadir, nem mandar nenhuma cousa de palavra, que primeiro naõ ensinasse por obra, inda que fosse em exercicios muy abatidos, a tudo se humilhava. As moças ensinava a ler, e escrever,

1603.

crever, e cantar, e entender o Ordinario, e ceremonias da Ordem, com huma eſtranha paciencia. E podendoo fazer por maõ alheya, e livrarſe do trabalho, que he desbaſtar aquella primeira rudeza, naõ queria, que deveſſem o enſino a outrem, e até com as mininas fazia o meſmo officio, com huma brandura, e entranhas de mãy, mais que de meſtra. Fazendolhe o Convento força em huma eleyçaõ de todos os votos com que ficou Prioreſſa, aſſi ſentio verſe obedecida, e reſpeitada, que lhe ſervio o cargo de ſe prover de letras Apoſtolicas, pera nunca mais entrar em outro. Mal ſe acha em mandar, quem tem feito habito, e goſto de obedecer, e ſervir. Mandando, e obedecendo, ſempre ſe eſmerou em ſer pobre. Nunca teve tença: nunca depoſito, tendo irmãos Commendadores de S. Joaõ, ricos, e amigos. Sendo eleyta Prioreſſa mandoulhe hum delles quantia de cem mil reis em peças de prata, e ouro: tomoulhe tudo, dizendo, que aceitaria a liberalidade, ſe foſſe pera acudir ao ſerviço da Communidade, naõ ao ſeu particular; porque naõ havia miſter ouro, nem prata, quem ſe contentava de veſtir ſaco, e comer em pratos de pao. Na ſua cella naõ havia couſa de valia. Huma barra ordinaria, com hum colchaõ quaſi vazio, e hum meyo cubertor em que ficava como amortalhada, quando ſe cubria, e em tal cama dormia ſempre veſtida. Habito ſe lhe naõ ſoube nunca, ſenaõ velho, e remendado: porque buſcava, e achava traças, pera trocar o novo, com quem lhe dava o velho, e o uzado, com quem lho dava remendado. Aſſi exercitava juntamente humildade com pobreza. O meſmo lhe acontecia no poſſe da cella: ſe lhe parecia, que alguma Religioſa eſtava peor agazalha, convidavaa com a ſua: e aſſi a obrigava com rogos, como ſe na troca ficara de ganho. Couſa foy averiguada em toda a Communidade, que nunca ouve quem lhe viſſe comer a reçaõ do Refeitorio, nem por feſta, nem nos outros dias. Buſcava a quem a dar, e contentavaſe com alguma pouca couſa, do que ſe dava aos pobres da porta, que era quaſi ſempre paõ, e caldo, ſem mais. Perpetuo, e aſperrimo jejum. Sua oraçaõ era continua, e aturada mais, do que ſe póde encarecer. Pera as horas do Choro ſempre ſe adiantou aos ſinos, e com tal pontualidade, que nunca ſe achou, que fizeſſe venia, por acudir tarde. E com tudo dobrava deſpois todo o officio, e ajuntava hum Pſalteiro inteiro cada dia: pera ſuprir tanta reza cortava pollo ſono, levantandoſe de ordinario á huma deſpois da meya noite, e a eſta hora, ou a qualquer outra, que acordava, tinha por coſtume, ſem paſſar noite alguma, darſe huma grande bofetada, em lembrança, e reverencia das que recebeo o bom Jeſu em ſua ſagrada Paixaõ, e ajuntava as palavras de ſua repoſta. *Si male locutus ſum, teſtimonium perhibe de malo*; ſerviaõlhe pera encurtar o ſono, a fraca mantença, que uſava. Porque alem de ſer taõ pouco em ſubſtancia o que comia, e ordinario, como atraz diſſemos, jejuava a paõ, e agoa todas as ſeſtas feiras do anno,

e o paõ naõ havia de ſer alvo, nem mole, buſcavao naõ ſó duro, ſeco, e negro, mas tambem ſe o achava bolorento, e pera inteira mortificaçaõ acompanhava tal jejum com tres circunſtancias de grande merecimento, que eraõ, diſciplina riguroſa, inviolavel ſilencio, e particular oraçaõ. Tambem jejuava a paõ, e agoa todas as veſperas das feſtas de Noſſo Senhor, e de noſſa Senhora, e dos Apoſtolos, e Santos da Ordem. E os dias de ſua mayor devaçaõ feſtejava, com manter nelles ſilencio; o meſmo fazia na ſomana Sancta, paſſando as duas noites de ſeſta, e ſabbado, até a Reſurreiçaõ em vigia, e oraçaõ continua. No que tinha por companheira a Madre Sor Jeronyma do Preſepio, como atraz contamos. No tempo de Prelada era taõ zeloſa da obſervancia, e taõ inteira na guarda della, que nenhum defeito deixava paſſar, ſem a pena, e ſatisfaçaõ das Conſtituiçoens. Se via alguma Religioſa mais curioſamente toucada do ordinario: aſſi ſe benzia della, aſſi gritava pollo nome de Jeſu, como ſe vira o Diabo: e perguntada polla cauſa, affirmava, que o via em tais cabeças. Aborreciaſe muito dos negocios temporais, largavaos todos á Suprioreſſa: e ſô vigiava, e aſſiſtia nos que tocavaõ ao eſpiritual, dizendo ſempre, que pera o eſpiritual ſe ordenaraõ os Moſteiros: ſe eſte andaſſe direito, e em ſeu ponto, Deos acudiria pollo temporal: e quando ouveſſe de haver quebras, mais valia ſofrellas na fazenda, que no concerto da Religiaõ. Quando o Senhor foy ſervido dar remate a ſeus trabalhos, adoeceo de febres, que a tiveraõ alguns mezes na cama. Aqui reſplandeceo ſua paciencia, ſofrendoas com tanta paz, e ſilencio, que ſe lhe naõ ouvia palavra; ſenaõ a que naõ podia eſcuſar. Todo ſeu trato era com Deos, por meyo de alta contemplaçaõ. Tendo recebido todos os ſacramentos, e eſperando polla hora, que lhe havia de deſatar as prizoens da carne, entrou em huma eſtranha quietaçaõ, eſtranha, e nova pera em tal paſſo: e pedia ás amigas, que lhe naõ fallaſſem, que a inquietavaõ. Do que ficando eſpantadas, affirmoulhes, que eſtava alli preſente o Sanctiſſimo Sacramento, que convinha eſtarem com reverencia, e ſem praticas. Acreditou a viſaõ, de que ſó ella foy teſtemunha, tanto ſua vida paſſada, como a conjunçaõ, que era de morte. E verſe, que eſtava em todo ſeu perfeito juizo. Aſſi acabou na viſta, e braços do Divino Eſpoſo. E podemos dizer, como outro Moyſes. *In oſculo Domini.* Gen. E aconteceo, que ſendo ſeu roſto naõ ſó pallido, e denegrido toda a vida, do muito trabalho, que levava, mas hum retrato da morte, quando acabou de eſpirar, ficou claro, fermoſo, e bem corado, como quem repreſentava a luz da gloria, que a eſperava. Honraraõ as Religioſas ſua ſepultura, como de ſancta, com campa, e letra, que dizia aſſi: *Aqui jaz a Madre Sor Antonia de S. Paulo, Prioreſſa, que foy deſte Convento: cuja vida, e penitencia foy de muito exemplo: Falleceo a 4. de Mayo de* 1603. Eſta memoria durou mais de vinte annos, até que ſe lageou o ſitio todo de pedraria de cores.

cores. Entaõ lhe aconteceo a mesma desgraça, que teve a da Infanta D. Catherina nesta mesma Casa, como atraz contamos.

CAPITULO XIX.

Das Madres Sor Mariana de Jesus; Sor Leanor do Rosario, e Sor Catherina das Chagas.

COm as tres Religiosas, que o titulo deste Capitulo offerece, daremos fim ao que achamos em lembranca das que povoaraõ esta Casa. Tem sua Historia muita estranheza polla qualidade dos successos, que nella veremos, e he juntamente muito verdadeira (que he o que mais se estima nas que espantaõ) porque todas tres viviaõ ha menos de quinze annos; e no tempo que a vamos escrevendo, vivem tantas Madres das que as conversaraõ, e trataraõ, que quasi tem por testemunhas todo o Mosteiro.

A Madre Sor Marianna de Jesu.

A Madre Sor Mariana de Jesu, primeiro nomeada, tinha dezoito annos de idade, e hum, e meyo de profissaõ, quando a chamou a morte por meyo de huma larga doença, que veyo a parar em hum sobimento de sangue á garganta taõ furioso, que repentinamente lha cerrou, e impidio de maneira, que nem huma gota de agoa podia passar, e o fallar lhe custava muito trabalho. Mandaraõ os medicos, que tratasse dos remedios da alma, desesperados dos da vida. Era a enferma hum bemdito espiritu, e devotissima do Sanctissimo Sacramento. Confessouse, e viose ungir, e viase acabar, e chorar das amigas: mas naõ se podia persuadir, que havia de consentir o Divino Esposo, que entrasse no trago da morte, sem a consolaçaõ de seu sancto Corpo em Viatico, e soccorro de tal jornada. Passaraõ dous dias provandose varios remedios, e sem afroxar o mal com nenhum. Quando amanheceo o terceiro, torna sobre sy cheya de novo esforço, e animo: chama huma irmã sua, tambem Religiosa, que a acompanhava: mandalhe que diga á Prioressa, que o Senhor era servido de a levar daquelle mal, mas naõ sem a misericordia de receber seu sancto Corpo. Sem embargo do aperto da garganta, que por sancta charidade lho faça ministrar logo. Fez espanto a facilidade com que fallava, tanto na certeza da morte, como na confiança de poder passar o Viatico: e perguntada, donde lhe nascia? contou, que pouco antes entrara alli huma Freira, que naõ conhecera, e a certificara de huma, e outra cousa. Mais cuidado deu quem poderia ser a Freira desconhecida, pera quem conhecia todas. Perguntada pollos sinais, conformavaõ todos em ser Sor Guiomar de S. Agostinho, fallecida dez annos atraz. E vereficaraõse mais com outra informaçaõ, que deu ao Confessor. Pasmavaõ todas como se atrevera a fallar com ella sem medo; e a doente respondia, que a vira taõ alva, e taõ gentil mulher, que naõ só lhe naõ fizera pavor, mas lhe communicara alento, e alegria. Cumpriose pontualmente a revelaçaõ; porque donde d'antes naõ podia passar, nem agoa: commungou com facilidade de sam. E porque se visse, que era obra do Ceo, em acabando de com-

communngar, tornou a garganta ao aperto primeiro, com que se affogava. E pouco despois se foy em paz pera o Ceo em 26. de Março de 1613. Era esta Religiosa filha de Dom Antonio de Noronha.

1613.

A Madre Sor Leanor do Rosario. 1614.

Com differente aviso, mas tambem do Ceo, se ouve por desenganada da vida, logo no anno seguinte de 1614. a Madre Sor Leanor do Rosario, filha do Doutor Joaõ Luis Affonso, e de Dona Marcella de Mesquita, nascida na cidade do Porto, e bautisada na Sé della. Representouselhe hum dia, pollas oito horas da manhã, estando na cella, que via hum ajuntamento de gente, de que sahia huma confusa armonia de vozes, que parecia cantavaõ o officio, e oraçoens, com que na Ordem se lançaõ á terra os que sepultamos: e mais distinctamente ouvia o Responso *Antequam nascerer*, *&c.* Ficando assombrada na primeira vista, valeose de considerar, que estava com boa saude, lançou fóra o medo. Mas adoecendo dous dias despois, logo se deu por morta, e assi o publicou, como se tivera certeza, e revelaçaõ. E na verdade cousas se juntaraõ no discurso da doença, que a fizeraõ parecer provada, e certa, por mais que as Religiosas attribuhiaõ tudo a malencolia, e força de imaginaçaõ. Foy a doença huma gota artética, que a jarretou de pés, e mãos, martyrisando a com dores, e a poz em estado, que qualquer movimento, por leve que fosse, e até tomar huma colher de caldo, lhe era tormento intoleravel. Andava em idade de vinte, e oito annos, e tinha passado os dez em huma santa continuaçaõ de todos os exercicios rigurosos da Religiaõ, e com grande opiniaõ de virtude nos olhos de toda a Communidade. Aggravouse o mal, pareceo que morria quando chegou o sancto dia da Ascensaõ. E como he tempo, em que este Mosteiro anda todo occupado, e revolto, nos apparatos com que no Domingo seguinte celebra a festa do Sanctissimo Sacramento por particular privilegio (como adiante largamente diremos) temiaõ algumas Madres, que sua morte lhes poderia descompor, ou embaraçar a solemnidade. Entendeo a Freira o receyo: chamouas, e affirmoulhes (e foy segunda revelaçaõ, ou proficia) que naõ tinhaõ de que tomar pena, porque sua morte naõ seria senaõ (foraõ palavras suas) despois de nascer o sol tres vezes. Assi passou aquelle dia, e a festa, e o sabbado, crescendo as dores sem medida, e esperando só na ultima hora o remedio dellas. Quando veyo ao Domingo, que se contavaõ onze dias de Mayo, as quatro da manham, naõ cessando o tormento das dores, e consolandoas com as da paixaõ do Redemptor, que huma Madre lhe lia, e ella ouvia com atençaõ, e devaçaõ de sancta: eis que subitamente se trespassa toda, como de paroxismo de morte, fica sem cor, e sem falla, e em estado, que pareceo, que espirava. Mas naõ tardou em tornar, e logo levantando a voz, começou a pronunciar com grande affliçaõ, porem clara, e distinctamente as palavras seguintes. Acudaõ, acudaõ, naõ sabem o que vay. Arde o mundo. Dous homens levaõ o Sanctissimo Sacramento do Altar.

Pessaõ misericordia. Imaginaraõ as Religiosas, que lhes lembrava, que pedissem por ella, misericordia, como he costume da Casa, ao espirar de quem morre. Responderaõ a este ponto, naõ entendendo os outros: que ainda naõ era tempo. E ella com mayor energia tornou, dizendo: Sim he tempo, pessaõ a Deos misericordia por todos, que está muy irado, e seja logo, logo; naõ cuidem, que he tresvalio; que Deos me manda, que diga tudo isto; e repetia muitas vezes: Arde o mundo, arde o mundo. Era terceira revelaçaõ, e as companheiras taõ longe de a entenderem, que ouveraõ tudo por desatino de quem se finava. Mas ella torcendo as mãos, e apertandoas sobre o rosto, com geito, e mostras de grave sentimento, dizia: Já o levaraõ: e respondendolhe huma, que sy levavaõ, e com grande festa; porque a via, que fallava da procissaõ, que começava a sahir com extraordinaria festa: tornou, dizendo desconsoladamente. Naõ vay elle por certo com festas. E logo levantando os olhos a hum Crucifixo, que tinha diante, começou a fazer huma muy clara, e advertida confissaõ dos mysterios da fé Catholica, e por remate tornou a repetir brádando, as palavras primeiras. Arde o mundo, e ajuntava. Mandame Deos, que o diga. Proseguindoas com tanta efficacia, e continuaçaõ, que as Freiras de cançadas, de a ouvir, lhe disseraõ, que a Prioressa mandava, que se callasse. Mas ella perseverava, e dizia, que naõ havia callar, quando Deos mandava fallar. E pedindo, que lhe chamassem a Prioressa; quando a teve diante, disselhe em presença de todas, que dous homens levavaõ furtado o Sanctissimo Sacramento: e avisoua em segredo de outras cousas, em que ella naõ advertio, nem quiz fazer caso de nenhuma, julgando todas por desvarios da enfermidade, sem embargo, que a doente se affirmava, que eraõ verdades, e naõ delirios. Passado isto, entrou sobre tarde a morrer. E pera prova de serem verdadeiras as tres revelaçoens apontadas, podemos dizer, que ouve quarta. Porque avisou as Enfermeiras, que havia logo de perder a falla, mas naõ o juizo: que estivessem advertidas em lhe acudirem, até acabar, com o Sanctissimo nome de Jesu. E verificouse, porque tolhendoselhe a falla, ficou tanto em sy, que todas as vezes, que lhe diziaõ o sancto Nome, fazia com gesto, e olhos, sinais de reverencia, e assi se foy a elle no mesmo dia. E foy dada á terra a segunda feira na propria hora em que vira, e ouvira o ajuntamento, e musica funeral, que atraz dissemos. A revelaçaõ mayor, que entaõ naõ foy crida, nem entendida, se averiguou, e confirmou dentro de poucos dias, com gravissimo sentimento da Cidade, e de todo o Reyno, publicando-se o atrevido insulto, e nefario sacrilegio, com que no mesmo dia, e hora, que a defuncta o revelou, foy furtada do Sacrario da Sé do Porto a Custodia do Sanctissimo Sacramento com todas as sagradas Hostias, que nella havia. E como em tal caso fez o ladraõ infiel de sua parte toda a injuria, que pode ao Redemptor, reno-

vando com a descortesia, e atrevimento, as que noutro tempo lhe tinhaõ feito os Judeos na Carne mortal; ouvese o Misericordiosissimo Senhor com este Mosteiro, e com a sancta Donzella filha delle em seu nome, como se costuma haver no mundo hum amigo com outro, que muito ama, communicandolhe sua afronta, e suas magoas. Grande, e soberana honra desta Casa, grande, e evidentissimo sinal, de que se agrada do serviço, que nella lhe fazem suas moradoras, e entaõ actualmente lhe faziaõ. Assi procuraraõ logo as Religiosas authentica a revelaçaõ diante do Ordinario, e ficou provada com sentença, e autos publicos, que será rezaõ guardaremse, como estromento de honra, e nobreza. Affrontaste sacrilego, e mais que infiel ladraõ hum Reyno inteiro, que naõ tem mayor bem, que a pureza da fé, que por todas as idades professou: e que por se prezar de fiel, tem por armas as Chagas do mesmo Salvador. Affrontaste mais huma illustre Cidade, que se preza de ter dado o nome a este Reyno; porque em ley de cortezia, a affronta, que qualquer hospede recebe em casa alheya, mais he do dono da pouzada, que do proprio, que a recebe. Por onde a mesma ley nos está obrigando a todos os Portuguezes, e a ella a naõ ter hora de gosto, nem descanso, até tomarmos de ty, quem quer que sejas, inteira vingança. Poder tem o hospede; que despois de morrer pollos homens, taõ francamente fia delles, que se offerece a todos como lyrio do campo, e nao quer suas Igrejas guardadas com guardas, como praças militares; pera vingar a sua, e nossa injuria: assi como a revelou no lugar onde o estavamos venerando, e servindo. Mas a malicia desta está pedindo, que desejemos lavar as mãos em seu sangue, sem esperar fogo á vinganças do Ceo; mas he tempo de tornarmos á nossa Historia.

A Madre Sor Catherina das Chagas.

A Madre Sor Catherina das Chagas, era taõ compassiva, e charidosa, sobre outras sanctas calidades em que se sinalava, que tudo quanto podia haver, dava aos pobres. No Dezembro em que acabou o anno de 1618. aconteceulhe ouvir de noite huma voz magoada, e triste, de hum pobre, que se queixava, que perecia de frio. Era isto na rua, que corre por baixo dos arcos, que estaõ junto do Choro: taõ penetrada ficou de piedade, que se foy á Prioressa, e pediolhe licença pera remediar aquelle necessitado com o seu cubertor. Negoulha ella com prudencia, e com a regra de Theologia, que a Charidade bem ordenada começa polla propria pessoa: que se ella naõ tinha mais, que hum cubertor, em que ley cabia dallo, e ficar sem abrigo na força do inverno, e de grandes frios? quanto mais, que ao pobre naõ faltaria outro remedio, e ella naõ tinha quem lhe désse outro cubertor. Detevese Sor Catherina, vendo se podia dobrar a Prioressa, que naõ tinha por menos branda; e em fim conhecendo nella, que sentia sua pena, e a do pobre, propos em partido, que lhe deixasse dar ametade do cubertor. E dizem, que ajuntou estas palavras: Porque Madre Prioressa, este já me naõ ha de servir mais, que no pre-

1618.

sente

sente inverno, e pera taõ pouco tempo, ametade, que me fique, he assaz. Naõ se atreveo a Prioressa a encontrar tanto fervor; e ella cheya de alegria partio logo o cubertor em dous, como S. Martinho a capa: e em amanhecendo fez cubrir o pobre. Temos hum Deos taõ liberal, e grandioso, que nenhuma obra boa deixa sem paga; e as que saõ taõ extraordinarias, nunca lhes alonga o premio. Passados alguns dias despois da Paschoa do anno de 1619. entrou esta Madre na cella da Prioressa, e disselhe, que podia buscar alguma Freira em seu lugar: porque lhe fazia a saber, que muito depressa despejaria o que alli occupava, e começoulhe a communicar cousas de sua consciencia, e por remate lhe contou, que na entrada da Quaresma tivera hum sonho, em que vira huma comprida procissaõ de muita, e varia gente, rica, e pomposamente vestida, que passava, cantando com vozes de celestial melodia o Hymno. *Æterne Rex altissime, &c.* E levava entre sy huma Freira defuncta: e parecendolhe contradiçaõ roupas de festa, e cantos de gloria com mortuorio, perguntara, quem era a Freira, e lhe fora respondido, que Sor Catherina das Chagas. Assombroume, acrescentava, o pavor de me ouvir nomear por morta, e com elle espertei. Mas a fermosura do espectaculo, que vy, e a suavidade da musica, que ouvi, me assentou na memoria de maneira, que nunca mais me sahyo della, nem posso cuidar, que fosse sonho dos ordinarios, o que assi me tem penetrado. Juntaõse a isto outras cousas de tempo atraz, e todas juntas tiro, que sem duvida estou no cabo: e muito cedo hey de acabar. Despediose a Prioressa sem fazer caso do aviso, porque a via com perfeita saude, e que naõ sofria falaremlhe em visoens; porque sem as crer lhe faziaõ medo. Porem ella fez sua profecia, ou malencolia taõ verdadeira, que aos quinze dias despois desta pratica, adoeceo, e veyo a acabar na vespera da Ascençaõ, e no ponto, que no Choro se começava a cantar o Hymno, que no sonho ouvira. *Æterne Rex altissime, &c.* E na verdade com morte de sancta, e merecedora da companhia, que vira no sonho, estava morrendo, e dizia, rindo, á Prioressa: Já agora nossa Madre naõ poderá deixar de me dar credito.

1619.

CAPITULO XX.

Da grande, e particular devaçaõ com que neste Mosteiro he servido o Sanctissimo Sacramento, e das causas, e motivos, que lhe deraõ principio.

NA grande, e geral calamidade de Peste com que Deos Nosso Senhor foy servido castigar este Reyno no anno de 1569. coube a Lisboa a mayor parte, porque em menos de dous annos, que nella durou; se affirma, que levou mais de setenta mil almas. Naõ ficou cousa viva, que naõ derribasse o mal, ou naõ assombrasse o medo. Naõ havia casa em tamanha cidade, que naõ penetrasse a morte; em fim, como em declarada corrupçaõ de Ar, padecia tudo; e como em fogo do Ceo, naõ valia arte, nem cautela, nem remedio

1569.

medio pera escapar. E pudera-se temer ruina geral, e assolamento de todo o povo, se com tempo senaõ valera dos pés huma grande parte. Despejaraõse os Mosteiros quasi todos. Fugiraõ pera os montes os ricos, e senhores de grandes familias, em demanda de Ares mais puros; só o Mosteiro do Salvador em tamanho diluvio de males, foy a Arca de Noe, que perecendo o mundo salvou os que nella se acharaõ. Foy a Sarça de Moyses, que sercada de fogo naõ ardeo; quiz o Senhor mostrar, que de todo o mal da cidade, elle era o Autor, e a causa, como o disse em tempos antigos por hum Profeta. Quiz que vissemos, que elle era o guarda, e tinha de sua maõ este Monte Sion. Manifesto sinal, que se manda castigos por peccados, era aqui perfeitamente servido. Os meyos, e modos diremos brevemente, inda que fora justo, naõ encurtar rezoens humanas, onde as misericordias Divinas se estenderaõ com grande largueza. Como passava de quarenta annos, que Lisboa naõ vira semelhante praga, ouve nos principios muita ignorancia na cura, e pouca cautella na guarda, e separaçaõ dos enfermos, que foy o mesmo, que ajuntar lenha a grande incendio; e dar occasiaõ a se penetrar tudo da contagiaõ. Quanto aos Mosteiros, naõ se apressaraõ os Prelados em dar licença pera despejarem, ou fazendo conta de sustentarem a clausura em todo acontecimento, ou esperando melhoria no mal. Entre tanto cresceo o fogo taõ desenfreadamente, que deraõ por acabado tudo, e como em caso desesperado, publicaraõ liberdade geral, pera todos os Religiosos, e Religiosas, que quizessem sahir pera casa de pays, e parentes. Havia neste Mosteiro poucas menos de setenta mulheres das portas adentro, entre Religiosas, e servidoras. As mais andavaõ enfrascadas no mal. Porque humas communicavaõ com as mulheres do serviço da Casa (como era forçado pera o provimento de fóra, e sustentaçaõ quotidiana) que sabidamente, ou andavaõ já tocadas delle, ou tinhaõ enfermos do mesmo entre sy. Outras tinhaõ recolhido em suas cellas fato inficionado de parentes, auzentados já com dano, e doença. O bairro, como he valle fundo, e humido, ardia em peste. Neste estado estavaõ as cousas, e havia já permissaõ pera se hirem as que tivessem commodo, quando a Prioressa começou com grande animo a pôr em pratica, que naõ ouvesse quem por medo de mal incerto de casa, se arriscasse ao certo das descommodidades dos montes, do aborrecimento dos parentes, da força do sol, e dos mais sitios, que tambem mata. Quanto mais, que pois até entaõ com tanto trato, e occasioens de fato, e gente inficionada, Deos as conservava em saudade, deviaõ ter por certo, que por meyo das sanctas imagens daquelle Sanctuario, se as naõ desemparassem, lha manteria com sua Omnipotencia. Chamavase a Prioressa Sor Felipa da Anunciaçaõ: era mulher de grande espiritu: e este parece, que foy do Ceo. Porque como tal infundio em todas confiança, e resoluçaõ de morrerem alli a pé quedo, antes

Gen.

Ier.

tes

tes que fazer mudança. Produzio logo a sancta determinaçaõ hum conselho tambem sancto. Trataraõ de pedir a Deos hum protector, que diante de sua Divina Magestade avogasse por todas: e assentaraõ, que todas, e cada huma das Religiosas apontasse os nomes dos sanctos, e sanctas de sua devaçaõ, e postos cada hum em seu escrito, o que por sorte lhes sahisse, esse ouvessem lhes mandava o Senhor pera Padroeiro. Aprazouse dia, deuse o cargo de fazer os escritos a huma Religiosa de conhecida virtude (ficou em memoria seu nome, chamavase Sor Joanna de S. Pedro) foy grande o alvoroço, grande o cuidado, com que todas esperavaõ o padroeiro, dezejando cada huma, que fosse o seu sancto. Juntas no Choro, na menham do dia assentado, despois de encomendarem a Nosso Senhor com particular oraçaõ, e naõ sem lagrimas, o effeito presente: comessou a Prioressa a entoar o Hymno do Espiritu Sancto: *Veni creator Spiritus*, que segundo todas estavaõ devotas, e da tribulaçaõ geral affligidas, foy mais pranteado, que cantado. Chamouse logo huma minina de seis annos, que se criava pera Freira, de nome Maria, e sobre nome da Piedade, circunstancias bem acommodadas pera o que se pretendia. E posta em meyo huma boceta com os escritos, que a Prioressa huma, e muitas vezes, revolveo, e baralhou, mandaraõlhe que tirasse hum: tirado, e lido, achouse, que dizia, Sanctissimo Sacramento: alegrou o nome a todas polla boa estrea. Mas como a tençaõ era buscar sancto, que lhes valesse com o Senhor dos sanctos, e nenhuma dera tal nome, ficaraõ espantadas, e descontentes da Escrivam passar a ordem que fora dada: porem ella as espantou mais com o que logo referio, affirmando, que na mesma noite despois de ter feito os escritos, e começando a repousar, fora espertada, sem saber como, nem de quem, e ouvira, que lhe diziaõ, que entre os bilhetes dos sanctos, lançasse hum com o nome do Santissimo Sacramento; e julgando a cousa por effeito do sono, fora segunda vez acordada com a mesma representaçaõ, e aviso. E naõ dando tambem por esta, lhe quebraraõ da terceira o sono: e entaõ senaõ atrevera a resistir, e por se quietar, e dormir escrevera o que alli viaõ. Era pessoa de tanto credito a escrivam, que juntandose o successo ao que contava, puderaõ com rezaõ quietar a Communidade. Mas ouve muitas, que insistiraõ na primeira determinaçaõ, e allegavaõ, que quando o Rey estava irado, e offendido, era nova offensa, e dezacato requerer o culpado cara a cara: e só ficava negociar por meyo de validos. Assi foy acordo geral, que a minima tirasse nova sorte. Aqui me faz duvida o que achamos no livrinho, que anda escrito desta Casa, que attribue a inadvertencia, tornar a entrar a mesma sorte, e escrito com as dos Sanctos; sendo assi, que pera o naõ quererem admittir, era demasiado descuido entre tanta gente, e tantos olhos: e pollo menos, se succedeo huma vez, naõ se póde crer, que segundasse: pois nos diz, que sahio tambem em terceira sorte: o que sinto he,

l. 2. c. 1.

he, que naõ ouve erro: mas que foy conselho, e muy acertado conselho, deixallo hir na confiança, e verdade da Escrivam; ou que era milagroso o que sahio. De qualquer maneira, que fosse, o certo he, que a minina foy segunda vez á boceta, e se tornou a achar o mesmo nome do Sanctissimo Sacramento. E porque inda a humildade senaõ atrevia com tanto bem, foy mandado á innocentinha, que provasse a maõ terceira vez. E foy o Senhor servido, que terceira vez sahisse a sorte. Entaõ naõ ouve, senaõ prostrar por terra com lagrimas de alegria, e com graças naõ só de esperança, mas de certeza de saude, considerando qne o fidelissimo Esposo as naõ queria fiar de outra protecçaõ, senaõ da sua: no que as confirmava mais a porfia com que tanto lhe tinhaõ resistido. Em fim como em gente, que já tratava de merce recebida, e paga della, sahio de entre todas hum voto em nome das presentes, e de suas successoras, de celebrarem todos os annos *in perpetuum*, com a mayor, e mais solemne festa, que pudessem, a memoria desta merce que tinhaõ por verdadeiro milagre. E pera comessarem desde logo com algum final de agradecimento, assentaraõ dizerlhe a sua Antiphona. *O sacrum conuiuium*, *&c.* no fim de todas as horas Canonicas, que se rezarem em Communidade. E nunca mais até hoje se perdeo o costume. Mostrou logo o Senhor seu soberano patrocinio em varios casos. Huma veleira, que comprava, e trazia pera o Mosteiro o necessario, andava ferida do mal; e com chagas abertas: hia, e vinha, por toda a cidade, e quando trazia alguma cousa, que naõ cabia polla Roda, abriaselhe a porta: alli fazia a entrega, fallava, e communicava com quem achava; e andando o contagio taõ pernicioso, que qualquer Ar fazia effeito de fogo, e polvora, ferindo, e matando tudo junto, aqui nunca danou. Mas isto naõ era nada em comparaçaõ do que se segue. Entraraõ dentro huns trabalhadores a fender lenha; deuselhes de jantar: parecia gente sam: mas chegando huns gatos a aproveitarse dos sobejos, testemunharaõ o contrario, cahindo logo á vista mortos. Da mesma maneira aconteceo recolherse das portas adentro alguma roupa, de pessoas sabidamente mortas do mal; que he o mayor perigo, que ha nelle: e tomarem as Religiosas muitas vezes nos braços mininos de peito, filhos das servidoras vezinhas, que ardiaõ em febre, e pouco despois ou morriaõ, ou pareciaõ cubertos de postemas pestilenciais. Ultimamente aconteceo, que a huma Madre antiga na idade, e estimada por religiaõ (chamavase Sor Francisca de Jesu) se representou dormindo, que via sobre o alto da Palmeira hum Anjo em acto, que ameaçava descarregar sobre o Mosteiro huma espada que tinha nas mãos nua, e notava, que se lhe opunha hum Sancto, que pollas insignias conhecia ser S. Vicente Martyr, que lhe dizia: aqui naõ, que pedem misericordia; e o Anjo respondia, naõ se escusa; e dava sinco golpes por fóra da Clausura. Contou a Madre a visaõ concebendo della grande medo; e viose logo,

logo, que fora mais verdade que sonho, porque amanheceraõ hum dia feridas juntamente sinco pessoas, dentro no pateo da roda, entre as mulheres, que serviaõ de fóra, com as quais, sem poder alser communicava de contino todo o Mosteiro, e todas sinco acabaraõ em breve. Desta visaõ teve origem o costume, que inda hoje dura de pedirem todas misericordia tres vezes em voz alta, ao tempo que o Sacerdote levanta o Senhor nas Missas conventuaes de cada dia: e com tudo, de nenhum destes comercios resultou dentro nenhum pequeno assombramento do mal. E assi passaraõ no primeiro, e mayor trabalho.

Passado o impeto da doença, purificado o Ar, e tornando o bem da saude esquecida, naõ ouve esquecimento do voto entre as Madres. Antes trataraõ logo da execuçaõ delle, e pera qae a festa que fizessem lustrasse mais, era opiniaõ escolher hum dia de veraõ, e sancto, e livre de outras festas. Andando em duvida qual lhes estaria melhor, e naõ se resolvendo, succedeo caso, que as fez determinar. Estavaõ á Prima, na Dominga, que cahe entre as oytavas da Ascençaõ, quando vieraõ á roda certos homens, e sendo hora que estava fechada; porque naõ he costume abrirse, senaõ despois de Prima: tocaraõ a campainha huma vez, e outra, e taõ importunamente, que a Suprioressa acudio em pessoa por lhe parecer, que seria cousa de necessidade. Perguntou que queriaõ, disseraõ que eraõ musicos de charamella: se as Madres quizessem officiar a Missa daquelle dia com solemnidade, folgariaõ de as servir por sua devaçaõ, e sem nenhum estipendio. Avisada a Prioressa, pareceo que tinhaõ meya festa feita; manda que se ordene tudo o que convinha da casa. Cantase a Missa solemnissimamente, os ministros fizeraõ seu officio com tanta satisfaçaõ, que toda a Communidade julgou, que mereciaõ bom premio. Mas foy caso estranho, que sendo buscados acabada a Missa, pera se lhes satisfazer a charidade, pollo menos com bom jantar, naõ foraõ achados, e feitas muitas diligencias, naõ ouve quem désse rezaõ delles. Daqui nasceo, que consideradas as circunstancias, pareceo o negocio mais mysterioso, que accidental: e como o Senhor tinha mostrado tantos outros, e semelhantes em favor da Casa, foy assento ficar este Domingo dedicado ao voto.

CAPITULO XXI.

Da constancia com que as Religiosas sustentaraõ sua clausura nos medos, e perigos da segunda, e terceira contagiaõ geral, á conta da protecçaõ do Sanctissimo Sacramento: e da celebre confraria, que entre sy lhe instituiraõ, e sustentaraõ.

COmeçou a segunda peste no anno de 1579. mais cruel, que a primeira, naõ polos effeitos, e força da corrupçaõ dos elementos; mas por succeder sobre chaga fresca da perda do Rey, e do melhor do Reyno em Africa: e sobre a que se esperava de discordias nas pretençoens da successaõ, que já se litigava. Franquearaõ os Prelados Dominicos com tempo as sahidas dos Mosteiros, pera todas

1579.

das as Religiosas, que tivessem gasalhado conveniente, assombrados alem da doença, com o medo da guerra, e exercito estrangeiro, que se esperava, e entrou logo no anno seguinte. Mas naõ ouve nehuma neste, a quem paçasse polla imaginaçaõ desfazer a sancta companhia. Tinha deixado o mal primeiro no povo alguma doutrina de remedios, e defensivos contra o Ar. Acudiraõ as Religiosas aos seus antigos, e mais certos da devaçaõ do Divino Protector, pondo nelle toda sua confiança. Foy primeiro, que avendose de dar o Santissimo Sacramento por Viatico a huma Freira doente de enfermidade ordinaria, alcançaraõ da Prioressa, que se dicesse pera o effeito Missa dentro, e levassem o Senhor pollas Crastas em procissaõ. Fizeraõ huma, e outra cousa com toda a mayor festa, e solemnidade, que a miseria dos tempos consentia; e o que faltou de brocados, e télas pera armarem as Crastas; porque naõ havia quem emprestasse nada, supriraõ os ramos verdes, com flores, e hervas cheirosas, e com se empregarem todas em lavarem por suas mãos o chaõ, por onde o Senhor havia de passar: e em lugar de danças, e invençoens festivaes, acompanharaõna com toda a musica de vozes, e instrumentos, que na Casa havia. Despois desta procissaõ, foraõ fazendo entre sy outras todos os dias sem ficar nenhum; levando no coraçaõ por amor o Senhor, que naõ podiaõ levar por obra em sua Custodia. E cantando a boca seus Hymnos. No Choro a todas as horas Canonicas por fim de cada hora faziaõ sua memoria, pedindo muito a miude misericordia, com brádo geral; e replicado tres vezes: que no ponto fazia notavel abalo, e devaçaõ. E ardiaõ continuas tres alampadas diante do seu Altar. Com estes meyos, e sem outros defensivos da terra, em que o povo se desvellava, foy o Senhor servido conservalas em perfeita saude.

Celebravase por toda a terra com louvores o valor com que se tinhaõ sustentado primeira, e segunda vez, contra o apetite de ver as casas dos pays, e parentes, correr as Igrejas, e lugares publicos da cidade, lograr a largueza de quintas, bosques, e fontes. Engrandeciase a misericordia Divina, pollas livrar do fogo da contagiaõ em tempo, que nenhum outro Mosteiro se gabou de semelhante ventura. Obrigou isto as Religiosas a dezejarem fazer mais alguma cousa em serviço de seu sancto Protector. Considerando, que pois as merces, com que as aventajara a toda a terra, foraõ publicas, era tambem rezaõ, que as graças, que pollo voto lhe davaõ cada anno, naõ fossem só de portas adentro, e como á surda, e ás escuras; com tal presuposto foraõ tratando de levantar entre sy huma confraria ao modo dos seculares, com seus Estatutos, e leys; de que seria a principal, fazerse huma solemne procissaõ cada anno pollas ruas, em roda do Mosteiro, levando nella o Senhor com toda a mayor pompa, e aparato, que fosse possivel: e haveria numero de officiaes, e mordomas, que a procurassem, e estas naõ passariaõ de seis; nem haveria dellas outra eleyçaõ, senaõ por sortes,

tes, em memoria do bom successo, que por fortes viera do Ceo á Casa. Passaraõ tempos, veyo a executarse o acordo, e foy a primeira procissaõ no anno de 1585. com extraordinaria magnificencia celebrada, e igual alegria das que a sorte elegeo. Assi foy continuando nos annos seguintes com augmento da solemnidade, e devaçaõ: e estimando as Religiosas a sorte de chegarem ao serviço sancto, em tanto gráo, que naõ só entaõ, mas inda hoje de muitas, ou das mais, he sobornada (ditosa ambiçaõ) com oraçoens de todo o anno.

1585.

Naõ eraõ cumpridos vinte annos despois do segundo castigo, quando no anno de 1598. tornaraõ a cahir sobre esta cidade setas de nova contagiaõ, taõ importuna, e continuada, que parecia havia de ficar perpetua. Em alguns bairros foy mais violenta, que noutros. Neste do Salvador, se accendeo tanto, que deu mostras de Ar corrupto. Tantas foraõ as mortes, que as Religiosas chegaraõ a ver por seus olhos, e quasi tocaraõ com as mãos, tantas a lastimas, que cada hora ouviaõ, que as mesmas, que noutro tempo se tinhaõ mostrado columnas de constancia, vieraõ a pôr em practica deixar a Casa. Cobria sua fraqueza, e desconfiança hum pretexto de compaixaõ, e lastima das miserias, que viaõ nos proximos: affirmavaõ, que era bastante veneno, pera lhes acabar as vidas, quando o naõ fizesse a peste. E na verdade tais eraõ, que a peitos muy varonís podiaõ matar de pasmo, naõ só assombrar de medo. A compradora, que trazia pera casa tudo, o de que nella se vivia, andou ferida do mal tres dias, sem nunca fazer differença no serviço, nem em mais resguardo no trato com as Religiosas; antes communicava todas na roda, e na porta. A mesma pegou o mal a hum minino, que criava: e porque os effeitos, que nelle obrava, eraõ de morte, naõ cahindo as Freiras no que era; antes presumindo que seria olhado, ou quebranto (mal que corre muito na idáde tenra) tomaraõno polla roda; tiveraõno muitas nos braços com charidade, animandoo, e fazendolhe tomar pedra basar. Descubriose o que era a poucas horas, fallecendo o minino, e confessando a mãy sua culpa, e a doença de ambos. Dentro no pateo da roda se ferio, e morreo hum moço: e o amo, porque havia vigilancia na cidade em separar os sãos dos doentes, e levar pera fóra os inficionados, assoalhar o fato, e muitas vezes queimallo, temendo o rigor, procurou enterrallo de noite, e com segredo, e assi enfrascado entrou pollo Mosteiro no dia seguinte a hum serviço necessario dentro. Hum clerigo, que na freguesia fazia officio de Vigairo, se achou ferido em sesta feira de Endoenças no mesmo tempo, que entendia nos sanctos officios. E porque se sentio com forças continuou no serviço até dia de Paschoa; e teve atrevimento pera se encubrir, e entregar ás Madres os ornamentos em que estivera revestido, sem lhes fazer nenhuma advertencia. A Igreja era hum hospital, porque a vista das Religiosas estava cheya de enfermos, que vinhaõ buscar os remedios da

1598.

da alma, e moſtravaõ bem claro, na afflicçaõ, e deſmayo dos geſtos, o mal, que lhes penetrava os corpos: e pera com o povo eſtava o bairro em opiniaõ do mais corrupto da cidade: em tal maneira, que ſendo chamado hum medico dos que curavaõ enfermidades ordinarias, pera huma que havia no Moſteiro, ſe eſcuſou de hir com medo da fama, que corria; e hum que aceitou a viſita, ſoubeſe logo, que indifferentemente curava todo genero de mal, por força de intereſſe: e foy peor caſo, que o ſangrador, que levou, ſe valeo, com enfermas de catarros ſanguinhos, da meſma lanceta, com que acabava de ſangrar feridos de peſte: e ambos entraraõ, ſem preceder aviſo, nem cautella. Tantas couſas juntas traziaõ o Moſteiro aſſombrado com medo; e ſendo propoſtas ao Prelado delle, que he o Prior de Lisboa, naõ duvidou dar ſua licença, com nova ordem, que as que ſe quizeſſem ſahir, foſſem providas polla Communidade do neceſſario, pera té Sanctarem onde ſe recolheriaõ juntas no noſſo Moſteiro de S. Domingos das Donas. Aceitouſe dia. Porem o Senhor, que ſe pudera dar por offendido deſta deſconfiança, viſto como de todos os perigos referidos naõ reſultara dano nenhum, uzou de nova miſericordia com as deſanimadas, por huma parte trocandolhes a vontade de fazer mudança em melhor conſelho; e por outra, ordenando (ſem ſe ſaber, que cauſa, ou rezaõ ouvera) que o Prelado lhes mandaſſe revogar a licença com notificaçaõ, que della naõ uzaſſem. Eſta revogaçaõ junta com a troca, que já havia de animos, moſtrou ſer obra do Ceo, em huma valeroſa reſoluçaõ, com que todas ſe animaraõ contra o medo, e tornaraõ com fervor a ſuas devaçoens, e ſerviço de ſeu ſancto Protector. Ordenaraõlhe logo huma vigia continua, em que todas ſe revezavaõ; e era como *laus perennis.* Eſta ſe uza inda hoje, com taboa, que ſe faz della, polla Cantora, como pera os mais officios do Choro, ſem reſerva de nenhuma, comeſſando polla Prioreſſa, e correndo por todas. Ajuntou a Prelada outras devaçoens. Foy a primeira mandar medir o circuito do Moſteiro, e fazer hum Rolo de cera do comprimento, que ardia contino. Foy outra, que todas as vezes, que o Sanctiſſimo Sacramento ſahia da Igreja pera os enfermos, que era muito a miude, mandava juntar no Choro a Communidade; e fazendo conta, que o hiaõ acompanhando, continuavaõ muſica ſolemne dos Hymnos da ſua feſta, até ſe tornar a recolher, e por remate pediaõ com brados miſericordia. E eſta foy Deos ſervido, que alcançaraõ em tres occaſioens differentes, e taõ perigoſas, ſem nunca ſentirem nenhum mal das portas adentro.

E porque pera prova de qualquer negocio importante baſtaõ, ſegundo eſtá eſcrito, dous, ou tres teſtemunhos, ficava parecendo hum genero de ingratidaõ naõ ſe publicar por milagroſo o caſo das ſortes, que deu principio a taõ provados favores como eſta Caſa recebeo do Ceo. Entrando o Anno de 1616. procuraraõ as Madres authenticallo, em forma de direito, diante do Illuſtriſſimo Senhor Dom Miguel

1616.

Miguel de Castro, Arcebispo, e tiveraõ sentença por elle assinada, que se guarda no Cartorio, Escrivaõ Fernaõ Luis Notario Apostolico, que se pudesse prégar, como milagre celestial, e soberano.

CAPITULO XXII.

De outros particulares casos em que se notou o grande favor, que a devaçaõ do Sanctissimo Sacramento tem rendido a este Mosteiro: referemse alguns exercicios sanctos, que as Religiosas delle uzaõ em commum.

MAs tambem receyo parecer ingrato a este Senhor, se, por dezejo de abreviar, deixar de ajuntar aqui dous successos em que elle foy servido mostrar, que naõ ama menos o edificio material desta Casa, do que estimou no mesmo tempo a saude das moradoras delle. Poucos annos eraõ passados despois da ultima calamidade das pestes, quando huma noite acordou as Religiosas huma groça fumaça, acompanhada de estrallos, e labaredas de fogo, que ardia dentro em huma cella do Dormitorio. Acudiraõ todas, e em todas era o terror tamanho, que nenhuma tinha acordo, nem animo pera acudir aos remedios necessarios de abrir o Dormitorio, buscar agoa, ou tratar de atalhar o fogo. Esquecendo tudo, lembrou sô chamar pollo Divino Protector, e voz em grita pedirlhe remedio pera as paredes mortas, como noutro tempo o dera ás vivas. Saõ as celas, ou leytos deste Mosteiro divididos com humas cortinas de encerado. Rompeo huma Religiosa, que teve mais animo por huma parte. Viose andar o fogo taõ senhor de tudo, que subia já ao forro, e a dona da cella (era huma Freira velha) estava taõ entregue no sabor do sono, que como outro Jonas, nenhuma fé dava do perigo de sua vida, nem de huma tempestade de gritos, que sobre ella davaõ as companheiras. Neste passo a que rompera a divisaõ, entrou polla cella, e sem outro reparo, nem defensivo, mais que dizer em alta voz, Sanctissimo Sacramento apagai este fogo, começou a tirar, e apartar tudo o que ainda estava livre delle. E o fogo, como se estivera obrigado a obedecer á voz da Freira, parou logo; sendo a materia das cellas cera, e lenço, em que andava ateado, e a do forro, que já tocava, bordo velho, e seco, tudo cousas muy dispostas pera o receber, e alimentar. He muito de notar pera louvarmos ao Senhor, que ardendo as mantas da cama, como totalmente arderaõ, se achou entre a cinza dellas huma nomina em que a Freira tinha hum escudete vermelho com a figura de hum Caliz, e Hostia de papel, que a mesma trazia consigo em reverencia do Sanctissimo Sacramento, e juntamente hum retalho da capa de nosso Padre S. Domingos: foy isto no anno de 1603.

1603.

Passados despois dez annos, no de 1613. correo o Mosteiro outro semelhante perigo, de que foy livre por manifesto favor do mesmo Senhor. Era vespera da Ascençaõ. Andava huma Religiosa occupada toda a tarde, e parte da noite em varrer, e concertar as Crastas, pera a prociſſaõ

ciſſaõ ordinaria, que ſe faz todas as quintas feiras (como atraz tocamos) á honra do Sanctiſſimo Sacramento. Recolheoſe cançada ao leyto: e pera acabar de rezar o que lhe faltava do officio Divino, poz hum rolo aceſo á cabeceira. O trabalho, e a reza fizeraõ ſono, e de maneira foy vencida delle, que ſem dar acordo de nada, ſe gaſtou o rolo, e o fogo pegou no traviſſeiro: e lavrando por elle deſpedia taõ grande nuvem de fumo, que a força, que fazia na reſpiraçaõ ás Religioſas, que dormiaõ, eſpertou a todas, e polla copia delle atinaraõ com o fogo, que ainda naõ tinha tomado força, nem ſe deſcubria. Aberta a cella, viraõ couſa de nova maravilha, ardia o fogo á roda da cabeça, e roſto da que dormia. E ſendo baſtante ſó pera a afogar a fumaça, quanto mais a labareda, que a rodeava, nem huma couſa, nem outra lhe fazia dano, nem tirava o ſono. Dormia deſcançada á conta do Senhor, em cujo ſerviço canſara. Elle foy o que a livrou, e que guardou a caſa: E pera que ſe enxergaſſe, que tudo era obra ſua, abrazandoſe o traviſſeiro em que tinha a cabeça, naõ ſe atreveo o fogo com o vêo preto, inſignia da Religiaõ, que tinha poſto, e parte ficava eſtendido ſobre a cama. Eſtes, e outros ſucceſſos tem dado confiança a eſta Communidade pera geral, e particularmente em todo o aperto, aſſi corporal, como eſpiritual naõ ſaber, nem querer buſcar outro valedor; como vemos, que acontece a minino tenro, e mimoſo, que em qualquer dor, ou temor, a primeira voz que lhe vem á boca, o primeiro ſuſpiro que lhe ſahe do peito, he chamando, e buſcando a mãy, por muito longe que eſteja. A iſto parece que tira hum coſtume muito devoto, com que na Miſſa conventual de cada dia, quando ſe levanta a ſagrada Hoſtia, deſpois de levantarem todas as que ſe achaõ no Choro, a voz pedindo tres vezes miſericordia, vaõ entoando o verſo. *Tantum ergo Sacramentum*; e ſe alguma vez o deixaõ he em feſtas grandes, que por mais ſolemnidade ſaõ naquelle paſſo acompanhadas de canto particular concernente a ellas, e com muſica de varios inſtrumentos.

Ultimamente remataraõ ſua devaçaõ com lhe lavrarem de novo, e muy ſumptuoſo edificio a capella mór, deſpois que tiveraõ ſentença contra os ſucceſſores do Cardeal: e a deraõ a Franciſco Barreto de Lyma, que foy Védor da Caſa d'elRey Dom Felipe Primeiro de Portugal, e a Dona Iſabel de Lyma ſua mulher pera ſeu jazigo, e nella eſtaõ ſepultados. E pera mayor veneraçaõ do Senhor procuraraõ que ſe ſagraſſe o Altar com toda a ſolemnidade do Ceremonial Romano: o que fez o Reverendiſſimo Senhor Biſpo da China Dom Frey Joaõ da Piedade, Religioſo de S. Domingos em 15. de Outubro do anno de 1617. com grande feſta, e pompa. E deſde entaõ ficaraõ ordenadas duas devaçoens novas em ſerviço do Santiſſimo Sacramento, e ambas muito notaveis. A primeira fazeremlhe feſta ſolemne no dia deſta dedicaçaõ, como em dia de Corpus, e com oitavario; pera o que ſe proveraõ de licença da Sé

1617.

Sé Apostolica. A segunda he cantarem huma solemnissima Missa cada huma das sinco quintas feiras, que ha da Paschoa até a Dominga, em que lhe fazem sua festa mayor: e em cada huma dellas está o Senhor desencerrado, e patente pera mais devaçaõ.

Porque nos naõ fique por dizer nenhum dos sanctos exercicios que nesta Casa se continuaõ com devaçaõ, e exemplo, he de saber, que desdo anno da peste grande, que por primeira, e mayor tem inda hoje este nome, fazem as Religiosas huma devota procissaõ pollas Crastas no dia da gloriosa Assumpçaõ da Virgem Nossa Senhora, levantandose a ella á meya noite, acompanhandoa com repique de sinos, e toda a musica da Casa, e he ainda em graças de ficarem salvas daquelle grande mal. Porque teve principio em outra, que entaõ fizeraõ no mesmo dia, e horas da meya noite, da qual se conta hum estranho caso, e que naõ parece carecer de mysterio. Referilloemos brevemente. Tinhaõ recolhido na Crasta hum grande numero de boys, e vacas, mandado vir dos montes por conselho de medicos, que affirmavaõ era seu halito poderoso pera purificar o Ar; e hum genero de antidoto contra o mal. Quando foy a hora da procissaõ, notouse, que todos aquelles animaes irracionais, sem ficar nenhum, acudiraõ a cerrar o couce della, naõ sendo chamados, nem guiados, postos em ordem de dous em dous; e como se tiveraõ uso, e razaõ, e discurso, acompanharaõ as Religiosas até a porta do Choro. Alli humilhandose, com inclinaçaõ das cabeças, fizeraõ volta pera a sua estancia. Cousa he que senaõ póde contar sem espanto, nem affirmar sem testemunhas. Poucos annos ha, que viviaõ ainda tres Madres de grande credito, que o livrinho impresso nomeya, que viraõ, e contavaõ o que temos escrito. Eraõ Sor Guiomar da Encarnaçaõ, Sor Joanna da Ascençaõ, e Sor Maria dos Fieys de Deos.

Por tradiçaõ antiga se conta, e está recebido entre estas Madres, que a primeira representaçaõ, que se fez na cidade, do glorioso Nascimento do Filho de Deos no seu Presepio de Belem, foy, e teve origem nesta Casa, dando occasiaõ a isso huma devota visaõ de huma Madre, a qual fez logo pintar o que nella vira, e no primeiro dia de Natal seguinte mandou levantar no meyo da Igreja hum edificio arremedado da porta, da cova, e portal de Belem, com figuras, que representavaõ o que alli obrou a misericordia Divina, acompanhadas da sua pintura. Fez tudo devaçaõ na terra, continuou a fabrica do Presepio nesta Igreja pollos annos adiante. Continuando sempre o paynel da visaõ nelle, e dizem, que a esta conta começou a devaçaõ com que a confraria dos Clerigos pobres vem todos os annos pollas oitavas do Natal cantar huma Missa nesta Igreja, e daqui se começaraõ a fazer por outras Igrejas os Presepios, que hoje se fazem em quasi todas.

Naõ he pera esquecer a prontidaõ, e cuidado com que as Religiosas acodem todas sem differença, Professas, e Noviças, ao Choro na hora, que cerran-

randose o dia, fazem os finos o final, que o povo chama das Ave Marias. Aquelle humilhar, e orar, que os seculares fazem em todo o lugar, que o ouvem, vaõ ellas a toda a pressa fazer ao Choro; naõ se contentando com menos, que celebrar com musica, e oraçaõ de Communidade a memoria daquella celestial saudaçaõ, que deu principio a todo nosso bem.

Restanos pera cerrar este Capitulo, e com elle tudo o que ha, que dizer da Casa, dar conta de duas antiguidades, que naõ merecem ficar em silencio. Huma he, que nos principios da fundaçaõ do Mosteiro de Jesu de Aveiro, passaraõ pera elle duas Religiosas deste, que a fundadora muito estimou (como veremos quando chegarmos aos annos de sua fundaçaõ) e naõ he de receber a rezaõ, que aponta de sua hida a Historia, que anda escrita de maõ; porque diz, que as lançou de sy a Communidade do Salvador por naõ quererem consentir com ella em levantar a obediencia ao Vigairo dos Conventos Observantes. E porque isto he fallar de Mosteiro alheyo, e de quem sabemos, pollo que fica atraz, que pugnou sempre por seguir a Observancia, e seus Prelados, naõ he rezaõ darmoslhe credito nesta parte; demoslho na que toca ao seu, do qual affirma, que recebeo as duas Madres por serem antigas, e muito virtuosas (saõ palavras formais da Historia) com muito amor, e boa vontade: e hum pouco adiante diz, que Maria Rafael, huma dellas, foy eleyta em Vigaira do Choro, e Inese Annes, que era a outra, em mestra de Noviças.

A outra antiguidade, que prometemos, he rezarem estas Madres pollo mez de Outubro com particular officio, e solemnidade, de Sancta Victoria virgem, e martyr espanhola da cidade de Cordova, e irmam de S. Asciscio tambem martyr. Nas liçoens da reza se contaõ rigurosissimos tormentos, que a virgem passou, e juntamente famosos milagres, que o Senhor quiz obrar por sua serva. Humas vezes livrandoa dos tormentos, outras consolandoa nelles. Metida em hum forno ardendo, foy livre por Anjos. Lançada com pesos no Rio, passeou sobre as agoas; cercada de outro fogo em praça publica, ficou sem dano, abrazando a força delle mil quinhentos, e sessenta Gentios, que estavaõ á roda festejando o martyrio. Cortaraõlhe os peitos, sahio leyte em lugar de sangue. Arrancaraõlhe a lingoa, cuspioa no rosto do Tyrano Dion. Ultimamente acabou asséteada. E conta S. Jeronymo em seu kalendario, que sendo enterrada á borda do Rio, e onde era a desembarcaçaõ continua, produzia aquelle torraõ fermosas flores, com ser pisado a toda a hora, e trilhado dos pés de todos; alem de outras maravilhas de milagres, que nelle se viaõ. Naõ pudemos alcançar, que rezaõ tiveraõ estas Religiosas pera festejarem esta Sancta. A tradiçaõ, como em cousa a que senaõ sabe principio certo, he, que em seu dia fez Deos huma particular merce a esta Casa, sem constar como, nem quando, nem qual foy.

O numero das Religiosas, que hoje sustenta a Casa, he de oiten-

oitenta com Noviças, e Conversas, alem de muitas servidoras leygas, com que se achaõ das portas adentro com cem mulheres. Cresceo tanto sobre a taxa do primeiro fundador: porque deu occasiaõ a isso o crescimento, que tambem ouve nas rendas, que he muito aventajado ao que possuhiaõ em seus principios.

Fim do primeiro Livro.

SEGUNDA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS, PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.

LIVRO SEGUNDO.

CAPITULO I.

Do principio, e fundaçaõ do Real Convento de Bemfica.

PASSAVA já de quarenta annos, que o pernicioso monstro da Claustra entrara nas Religioens: e como filho que fora de Peste, naõ cessava de fazer effeitos, conforme a raiz donde procedera; introduzindo cada dia novas relaxaçoens, e tantos abusos no commum dellas, que se conta do grande Valenciano S. Vicente Ferrera, Sancto que no meyo destas nevoas veyo allumiar o mundo, como claro Sol, que se pudera acontecer tornar nosso Padre S. Domingos á terra por nenhum caso conhecera sua Ordem. Fomentava as miserias a discordia, que corria na Igreja Catholica desdo anno de 1378. Mantendo França hum Papa scismatico, contra o verdadeiro successor de S. Pedro, que em Italia residia. Estavaõ dividos os Reys, e Principes seculares nas opinioens, como atraz largamente contamos: e tal divisaõ redundava em dano de tudo, pollo muito, que depende do bafo, e favor dos Reys. Neste estado nos acudio o Senhor (como sempre faz nos mayores desemparos) dando espiritu, e valor a hum Frey Conrado de Prussia, de nascimento Alemaõ, que juntando consigo trinta companheiros (como noutro tempo fez S. Bernardo) se determinou em reduzir a vivenda relaxada, a toda a perfeiçaõ, e rigor antigo. Foy isto por junto dos annos do Senhor de 1390. Chegou a nova ao Geral Frey Raymundo de Capua, que em Roma residia. Alegre com ella passoulhe huma Paten-

1390.

te de grandes favores. E julgando, que deſte principio poderia ter remedio, e levantarſe a cahida obſervancia, pollos mais membros da Ordem: deſpachou ſemelhantes Patentes por todas as terras de ſua obediencia, ſervindoſe da obra de Frey Conrado pera exemplo, e ajuntando os meſmos favores pera outras Provincias, com encomendar aos Prelados, que procuraſſem levantar em cada huma, ſe quer hum ſó Convento reformado, inda que naõ foſſe de mayor numero, que doze Frades: e por aqui ſe deixa bem entender a grande baixa que tinha dado a Religiaõ em calidade, e cantidade de ſujeitos: pois ſenaõ eſtendia a confiança do Meſtre Geral, a eſperar mayor numero em cada Provincia. Confirmou logo eſte aſſento por authoridade Apoſtolica do Papa Bonifacio Nono legitimo ſucceſſor de Urbano Sexto, e por eſta via verdadeiro Paſtor da Igreja. Tudo iſto colligimos do Breve da confirmaçaõ, que ao diante irá tresladado.

Vivia neſte tempo em Portugal o Meſtre Frey Vicente de Lisboa peſſoa de grandes partes de virtudes, e letras; que por ſerem tays, deſpois de ter adminiſtrado os cargos de Provincial de todos os Conventos de Caſtella, e Portugal, e Inquiſidor de toda Eſpanha, aſſiſtia neſte Reyno por Confeſſor, e Prégador d'elRey Dom Joaõ. Tem grande força os bons exemplos com todo o genero de gente, quanto mais com quem por ſy ama, e eſtima o bem. Encheoſe de zelo, quando chegou a ver as letras do Padre Geral. Começou a tratar com alguns Religioſos de boa tençaõ, e tentar outros, rogava, e perſuadia, e dizia, que já que os Alemaens tinhaõ ganhado por maõ, ſendo primeiros em obra taõ acertada, de que lhes tinha aſſaz inveja, naõ deviaõ eſperar os Portuguezes, que outra gente, ſenaõ elles, tiveſſem a honra de ſegundos. Quanto mais, que adiantados lhes ficariaõ com qualquer pequeno Convento, que povoaſſem; pois por boa conta, mais ſeria de eſtimar, de ſete Conventos que ſó Portugal tinha (naõ havia entaõ mais) reduziremſe á eſtreiteza antiga dez, ou doze Frades: que em taõ larga Provincia, como era a de Teutonia, juntaremſe trinta no meſmo propoſito. Inſtava Frey Vicente na materia em todos ſeus ſermoens, e a todo propoſito: aconſelhava de ſecreto aos amigos, e em publico aos que via bem inclinados. E eſta foy a occaſiaõ (pera obrigar a todos com hum bom principio) em que meteo as vélas de ſua eloquencia, porque as Beatas do Salvador ſe conformaſſem todas em aceitar, e executar ſem nenhuma diſpenſaçaõ a Regra de S. Domingos, como fizeraõ: e o Biſpo do Porto ſe déſſe preſſa na ſancta determinaçaõ, que tinha de fundar o Moſteiro, como atraz fica contado.

A obra deſte Moſteiro, aſſi como alegrou a terra com as partes, que entaõ faziaõ mais medo aos puſilanimes, de clauſura, de jejuns, de pobreza, e oraçaõ perpetua: ſervio tambem de compungir, e confundir a muitos, vendo tal determinaçaõ em mulheres fracas. Naõ ſó tentada, com fervor, mas proſeguida com valor, e continuada com ale-

alegria, e forças. Aproveitavaſe o meſtre do exemplo pera novas exhortaçoens. Mas havia fortes contraſtes da parte dos Frades. Porque a huns tinha cativos a liberdade de reſidir por caſas de irmãos, e amigos, tanto, ou mais tempo, que nos conventos: outros o máo coſtume de maneyar dinheiro, e fazenda de pays, e parentes, que ſendo alheya, ou a logravaõ como propria, ou ſe deleytavaõ em a paſſar pollas mãos: miſeravel eſpecie de cobiça! Bem lhe acertou com o nome quem na chamou ſerviço de idolos. Outros muitos amigos de ſy, naõ ſofriaõ haver de paſſar do linho, e olanda mimoſa, a lam, e eſtamenha ſeca, e mordente; do colchaõ molle, e amigo da natureza, ao enxergaõ duro, e frio; do gaſalhado, e brandura do lençol, ao deſamor, e aſpereza do ſaco, ou burel. E com tudo inda eſtes ſe deixavaõ penetrar da boa rezaõ, conhecendo o beneficio, que fariaõ á Ordem, e a ſuas almas, ſe pudeſſem acabar conſigo deſenredaremſe das imperfeiçoens da Clauſtra: formavaõ bons propoſitos, mas vacillando naõ acabavaõ de executar nenhum. Conheciaõ o bem pera o eſtimar, naõ pera o ſeguir. Porem havia outros protervos, e duros, que naõ ſó naõ admittiaõ fallarſelhes em caminho de perfeiçaõ; mas como ſe a Clauſtra fora mãy da Religiaõ, e naõ madraſta, como era, aſſi forjavaõ razoens pera a abonar, e aos que a encontravaõ, offender, e ainda calumniar. Diziaõ que era genero de afronta pera o Reyno, e pera os Frades fazer differenças de vida, de tratamento, e nomes: que a differença de nomes criaria logo diſcordia, bandos, odios, como a de Guelfos, e Gibellinos em Italia; que foſſe cada hum ſancto, e reformado quanto quizeſſe dentro de ſua cella, ſem levantar novidades em commum. Que neſſa vida froxa, neſſa que chamavaõ monſtruoſa Clauſtra, havia particulares, homens inſignes em ſanctidade, e luziaõ mais na differença dos coſtumes: que deixaſſem caminhar os fracos por ſeus paſſos ordinarios: que tambem chegariaõ ao fim da carreira, andando pouco a pouco: como os que agora ſe matavaõ por correr, e já podia ſer, naõ por mais valentes, ſenaõ por mais ambicioſos: deixandoſe hir traz o vento de huma honrinha vam, pretendida com o povo, e com o Rey. Daqui paſſavaõ a termos mais aſperos. Chamavaõ hypocreſia á piedade, grangeria ſecreta pera intereſſes de dignidades, e prelacias, ao rigor publicado: tudo pretençaõ da terra, nada de Amor do Ceo. E em fim chegaraõ acondenar de pouco prudente a tençaõ ſabia, e ſancta do Geral. Mas pouco ſabe dos caminhos de Deos, quem deſconfia nas tempeſtades de ſeu ſerviço, por grandes que ſejaõ. Era Frey Vicente ſancto, e muito prudente; como ſancto, entendia, que convinha perſeverar. Pedindo a Deos o remedio, de quem vem todo o bem: e naõ deſiſtindo de apertar com os homens por meyo da palavra Divina, que he eſpada de fogo; como prudente, conſiderava que todas eſtas hondas de contrariedades, e razoens enfeitadas naſciaõ de huma ſó rays: que era cuidarem os fracos, e froxos, que

que reduzindose alguns á vida perfeita, seriaõ notados diante do povo, por homens de animo vil, e baixo, e indignos do habito de S. Domingos todos os que de fóra ficassem. Assi naõ se espantava com nenhuma contradiçaõ da terra; fazia conta que era a causa de Deos; elle na hora, que fosse servido, tornaria de cera os penedos daquelles coraçoens. Aos sacrificios, e oraçoens continuas, ajuntava mortificaçoens de jejuns, e disciplinas. Em fim naõ foy desprezada no Ceo sua confiança. Passados alguns annos, em que mereceo muito com os dezejos, como outro Daniel; e com a negociaçaõ continua, e muito mais com o sofrimento das tachas que ouvia de sua pessoa, e dos máos nomes que entre os mesmos Frades se punhaõ a suas diligencias: deulhe Deos companheiros quantos pareciaõ necessarios pera comessar a dezejada empreza, que pollo menos deviaõ ser doze, em conformidade do que o Geral encomendava. O numero certo naõ ficou em lembrança. Mas a junta delles descubrio nova difficuldade, que era do lugar em que haviaõ de começar sua reformaçaõ. Porque os Religiosos, que estavaõ senhores dos Conventos, faziaõse fortes nelles, tanto Prelados, como subditos: e quando lhe naõ podiaõ tirar a gente, e os sujeitos, que já tinha consigo, queriaõ ver se podiaõ desbaratar a obra, com lhe tomarem os lugares. Cousa parecia factivel despejarse hum Convento de sete, que havia no Reyno, e largarse pera a nova pranta. Mas estava taõ odioso o nome da observancia entre o commum dos Frades, taõ senhora de todos a largueza, e sabor da Claustra, que com ser o Mestre Frey Vicente muito estimado do Rey da terra pollos cargos, que tinha, e muito mais do Rey dos Ceos, por suas virtudes, nenhuma cousa acabava com elles.

Daniel.

Corria já o anno de 1399. e eraõ passados alguns mezes. Quiz o Senhor mostrar a Frey Vicente, que queria pera sy a honra de lhe dar Casa, como fora a de lhe dar os companheiros: e na calidade della se enxergou logo, que era dadiva sua. Contentarase o Frade com achar huma pobre quinta, e qualquer gasalhado, por estreito que fosse, pera se encerrar com os animosos amigos: e nisso trabalhava, julgando, que naõ convinha comessar em povoado. Andando nestes cuidados, deu conta de sy, e delles ao Insigne Doutor, e grande devoto de nossa Ordem, Joaõ das Regras, que na graça d'elRey possuhia grande lugar. E assentaraõ, que pois o lugar havia de ser solitario, e naõ reparava em gasalhado curto, pedisse a elRey huma casa de recreaçaõ antiga, que tinha junto do lugar de Bemfica; sitio por fontes, e frescura deleytoso: e por afastado do concurso da cidade, quanto bastava pera a quietaçaõ do espiritu, que pretendia. Pedio o Frade, ajudou o valído, naõ esperou o bom Rey ser rogado, deua de boa vontade, e depressa, na hora que lhe foy significado o intento. Foy isto trazer pera sua casa, como outro David, a Arca do Senhor, pera lhe crescerem os bens nella. E ficaraõ correndo por sua conta, na hora que deu este sitio, tres Conventos

1399.

Reg. c.

tos de S. Domingos em Portugal. Batalha, Salvador, Bemfica. Porque ainda, que no do Salvador naõ tinha tanta parte, como nos dous, todavia obrava nelle ſeu favor o que neſtes o poder. Foy logo paſſada Proviſaõ aos Frades da merce. Lançallaemos no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO II.

Em que ſe contém a carta da merce, que elRey fez da caſa, e outra Proviſaõ de importancia. Tomaõ os Religioſos poſſe. Daſſe conta da pobreza, e rigor em que viviaõ, e como foy nomeado por Prelado o Meſtre Frey Vicente.

A Proviſaõ, que elRey mandou paſſar aos Religioſos, tirada de ſeu original, que ſe guarda no Convento, diz aſſi.

D*Om Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, &c. A quantos eſta minha Carta virem fazemos ſaber, que nós por Amor de Deos, e a rogo do Doutor Joaõ das Regras do noſſo Conſelho: damos, e doamos, e fazemos livre, e pura doaçaõ deſte dia pera todo ſempre á Ordem de S. Domingos dos noſſos Paços de Bemfica, a par da cidade de Lisboa, com todos ſeus pumares, hortas, entradas, e ſabidas, pera ſe fazer delles hum Moſteiro, e eſtarem aby Frades a ſerviço de Deos. E porem mandamos a todas noſſas Juſtiças, Almoxarifes, e Eſcrivaens, Officiaes, e Peſſoas, que eſto ouverem de ver por qualquer maneira, que entreguem, e deixem haver a dita Ordem os ditos Paços, com todos ſeus pumares, e hortas, e entradas, e ſabidas, e nom lhe ponhaõ, nem conſintaõ ſobre ello pôr embargo nenhum, em nenhuma guiſa que ſeja, por quanto nós lhe fazemos delles doaçaõ, como dito he, e mais firmemente que ſer póde, nom embargando quaeſquer leys, direitos, e outras quaeſquer couſas, que contra eſta doaçaõ ſejaõ, ou a contradigaõ, cá nós queremos, e mandamos: que naõ hajaõ em ello lugar, nem lhe poſſaõ empecer. Antes mandamos, que ſeja firme, e valedoura pera todo ſempre: e ſe aqui falece por ſer mais firme, outra alguma couſa; nós a havemos aqui por poſta, e repetida. E eſta doaçaõ lhe fazemos, como dito he, com eſta condiçon, que nos ditos Paços ſe faça o dito Moſteiro de S. Domingos, ou outros Oratorios em que eſtem ſempre, continuadamente fraires. E ſe ſe iſto aſſi naõ fizer,*

fizer, que os ditos Paços fiquem desembargados á Coroa do Reyno; e outro sy, que por esta doaçaõ, que assi fizemos, a dita Ordem nom possa ganhar mais direito nenhum no nosreguengo, sobre que os ditos Paços son fundados. E que quando nós, ou nossos filhos, e herdeiros por hy formos, possamos hy pousar, onde al naõ façaõ. Dada na dita cidade de Lisboa 22. dias de Mayo, elRey o mandou. Gonçalo Caldeira a fez, era de M.CCCC. XXXBII. annos (responde ao anno de Christo de 1399. *) ElRey.*

Naõ tardou Frey Vicente em dar principio ao novo Convento mais dias, que os que passaraõ de 22. de Mayo, em que elRey assinou a Carta, até 29. do mesmo. Que facil he de abalar quem pouco possue? Alfayas de pobres naõ saõ custosas de perder, quanto mais de mudar. Tinha mandado tomar posse da Casa: passouse logo a ella com os companheiros: e por ser dia celebre, e fermoso; porque cahio no mesmo a festa de Corpus Christi, consagroua nelle, dizendo a primeira Missa. Quem foraõ os companheiros, e quais, dezejei, e procurei muito averiguar, tanto por honra delles, como pera gosto dos curiosos. Mas nisto nos começaõ dar materia, e naõ leve, de queixa estes primeiros reformadores, e reformados; que fora rezaõ, seremno menos na sancta modestia de se nos encubrirem. De hum só sabemos o nome ao certo. Foy este o Padre Frey Diogo Gonçalves Belleagoa, e ficou em memoria; porque lhe cahio em sorte tomar posse do sitio em nome de todos. Por conveniencias, e conjecturas, que em cousas taõ antigas he forçado seguir, achey o nome de outros companheiros: delle, e delles diremos ao diante alguma cousa.

Da vida que faziaõ, como estiveraõ juntos na Casa Nova, naõ ha pera que especificar particularidades. Era gente apostada a trazer ao mundo a primeira forma, e feitio da Regra de S. Domingos, que isto promete o nome de reformaçaõ: e tinhaõ por olheiros, ou apontadores, até dos argueiros de seus procedimentos, todos os do mesmo habito, que faltandolhes animo pera os acompanharem, eraõ sobejos na curiosidade de inquirir, e penetrar a vida que seguiaõ: sem dizer mais, fica dito tudo. Mas naõ se póde calar hum grande argumento do estremo da pobreza em que viviaõ. Acontecendo amanhecerem muitos dias sem haver em casa provisaõ de paõ pera o jantar, nem remedio pera o comprar, mandava o Prior colher do pumar ou fruita, se a havia, ou laranjas, que nunca faltavaõ, enfeitavaas com flores, ou ramos verdes: fazia presente a hum vezinho, qual primeiro se lhe offerecia á memoria: e com este sinal, que o era da falta, que se padecia, naõ havia nenhum, que deixasse de acudir, quando assi era requerido, com retorno bastante pera a necessidade. A horta supria de ordinario com suas hervas; pollo que podia dar a

praça, e a ribeira; os lavradores devotos com o paõ. Assi passavaõ pobremente, mas com grande alegria de espiritu, e era igual descuido no temporal; porque quando succedia haver abundancia no Convento, ou de cousas de doentes, ou de outro provimento, com que em algumas conjunçoens do anno era soccorrido de gente pia da cidade, viase nelle huma botica aberta pera todos os vezinhos, sem lembrança, que podia faltar pera os de casa. Condiçaõ he da pobreza ser liberal: a dos Sanctos tem mais ventagens, porque daõ do que ganhaõ com trabalho, e suor de seu rosto. He muito de notar hum Alvara, que achamos no Cartorio desta Casa; pollo qual o mesmo Rey, que deu, manda que das colheres do Convento, que forem vender á cidade, senaõ leve siza, nem direito algum pera a Coroa. Claro sinal da pobreza, e que trabalhavaõ os Frades de mãos, e que eraõ taõ bons de contentar, que faziaõ deste emprego ajuda de sustentaçaõ. Naõ tenho por menos indicio do aperto, com que estes Padres viviaõ, duas cousas, que agora diremos. He a primeira, que quando tinhaõ falta de vestido, ou calçado, mandavaõ dar conta della ao governo da Camara da cidade; e naõ se enganava a sancta confiança; porque aquelle Magistrado fazia tanta estima dos novos mercieyros (que tal he o officio de todos os Religiosos nas Republicas) que nem consentia, que empregassem seu cuidado mais, que em oraçoens; nem queria, que se valessem d'outrem. E logo os proviaõ. A segunda colhemos de hum papel, que achamos no Cartorio. He de saber, que escrevendose nelle em lingoa latina o dia, mez, e anno, em que esta Casa foy aceitada pera a Ordem; e devendo ser a tal diligencia, pera se esculpir em alguma pedra, pera memoria, como he ordinario: naõ parece hoje em todo o Convento, tal memoria, nem tal inscripçaõ. E foy Deos servido, em final, que naõ tinha, por muy culpavel o descuido, que durasse o papel duzentos, e vinte tantos annos, pera se passar a esta Chronica; onde será de mais dura, que se fora gravado em bronze; e diz assi.

ISTUD Monasterium fuit per victoriosissimum Dominum Regem Ioannem nostro Ordini concessum XXII. Maij an. Domini M. CCCXIX. ad preces Reuerendorum Patrum, Domini scilicet Ioannis de Regulis in vtroque jure Doctoris, & Fratris Vincentij scientia, vita & honestate Magistri praeclarissimi: & fuit receptum per Fratres nostri Ordinis, ac Deo dicatum XXIX. die praefati mensis Maij. in festo Corporis Christi, eodem anno Æra Caesaris. M.cccc.xxxxvij.

Responde em vulgar.

ESte Mosteiro foy dado a nossa Ordem pollo muito invencivel Senhor, elRey Dom Joaõ aos vinte dous dias do mez de Mayo do anno do senhor de 1399. a rogo dos Reverendos Padres o Senhor Joaõ das Regras Doutor em ambos os Direitos, e Frey Vicente esclarecido Mestre em letras, e virtudes, e foy aceitado pollos Frades da Ordem, e a Deos consagrado aos 29. do mesmo mez, e anno na festa de Corpus Christi, correndo a era de Cesar em M. cccc xxx. vij. annos.

Passou brevemente a Italia, e Roma o aviso do novo Convento. Despachou o Reverendissimo Geral sua Patente ao Mestre Frey Vicente com ordem, que fosse cabeça da reformaçaõ, de que fora Autor, e gozasse titulo de Vigairo seu, sem dependencia de outro nenhum Prelado, e de tal preminencia em nome, e obra uzaraõ despois os que no cargo lhe succederaõ: só com esta differença, que como ouve mais Conventos do mesmo Instituto, humas vezes se chamavaõ Vigairos da Observancia, outras Vigairos da Congregaçaõ reformada. E com tudo sempre foraõ eleytos, e nomeados pollos Gerais. E isto durou até certo tempo, em que pareceo que deviaõ correr por eleyçaõ ao modo dos Provinciais, como ao diante em seu lugar veremos.

Mas a vida solitaria, e sancta dos pobres, e humildes Frades, assi como dava occasiaõ aos bons vezinhos de louvarem a Deos, e exercitarem com elles charidade, e virtude, fazia effeitos contrarios na gente roim, de que sempre he mayor o numero. Acontecia hora quebraremlhe os canos das fontes, por escusarem o trabalho de levar seus gados a beber ao longe; ora escalaremlhe os muros, darem saco na fruita, e hortaliça, fiados na pouca defeza, e sancto descuido, que havia da parte dos Religiosos. Sofriaõ elles por acto de humildade, e merecimento. Porem naõ faltaraõ seculares zelosos, que fizeraõ queixa a elRey, e foraõ meyo de que lhe passasse huma Provisaõ de grande favor: polla qual se se deixa bem ver a boa conta em que elRey tinha a nova pranta: e he a seguinte.

DOm Joaõ polla graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve. A quantos esta Carta virem fazemos saber, que nós querendo fazer graça, e merce ao Mosteiro, e Frades de S. Domingos de Bemfica: por esmolla: temos por bem, e tomamos o dito Mosteiro, e os Frades delle,

 e to-

e todas hortas, agoas, e todos outros seus bens, e cousas, sob nossa guarda, e encommenda, e sob nosso defendimento. E porem mandamos, e defendemos, que naõ seja nenhum taõ ousado, de qualquer estado, e condiçaõ, que seja, que ao dito Mosteiro, e fontes, nem a outras nenhumas suas cousas, façaõ nenhum mal, nem sem rezaõ, nem outro nenhum desaguizado, em nenhuma guisa, que seja, nem lhe tomem outra nenhuma cousa, nem quebrem contra seus talantes as agoas, que som, ou forem do dito Mosteiro: nem lhes tomem outra nenhuma cousa do seu por força contra seus talantes: sobpena de pagarem a nós os nossos encoutos de seis mil soldos, que mandamos, que paguem para nós, qualquer que lhes a dita agoa, ou outra alguma cousa de seu tomarem. Os quais encoutos mandamos ao nosso Almoxarife da cidade de Lisboa, que recade, e receba pera nós: e ao Escrivaõ do dito officio, que os ponha sobre elle em receita sobpena de nolos pagarem de suas casas em tresdobro. E em caso que lhe alguem contra ello vá, ou queira hir, mandamos a nossas justiças, que lho naõ consintaõ, e lhe alcem dello força, e lhe façaõ correger o mal, e dano, que lhes assi for feito; e o estranhem áquelles que lho fizerem, ou fazer quizerem. E em guisa, que sejamos nós certos, que o dito Mosteiro, e seus Frades, e a dita agoa, e suas cousas saõ por nós defezas, e emparadas. Senaõ sejaõ certas as justiças, que em ello forem negligentes, sendo pera ello requeridos, que por seus bens lhe faremos correger, e pagar o mal, e dano, que em o Mosteiro, e nas cousas delle for feito, e de mais lho estranharemos gravemente, assi como aquelles, que nem cumprem, nem guardaõ mandados de seu Rey, e Senhor: onde huns, e outros alnaõ façades. Dada em a cidade de Lisboa aos 29. dias de Outubro. ElRey o mandou por Alvaro Pires Escollar juis de seus feitos, que isto mandou livrar, era de M. cccc. xxx. vij. (responde aos annos de Christo 1399.)

Mas parece obrigaçaõ fazermos huma breve relaçaõ antes de passarmos mais adiante do sitio, e assento desta Casa: pera os que a naõ viraõ; respeitando a ser ella a primeira de toda a Espanha, que resuscitou a antiga observancia, quando de todo estava cahida; e a Claustra mais reynava, e na grande reformaçaõ que no tempo presente, por merce de Deos, se guar-

da nesta Provincia, ainda se atreveo a intentar hum novo genero de recolleiçaõ, ou restringimento pera mais rigor: que nosso Reverendissimo Padre Geral o Mestre Frey Serafino Sicco Papiense nella instituhio, e será no Capitulo seguinte.

CAPITULO III.

Descrevese o Convento de Bemfica.

Porque naõ pareça estranho aos Leytores gastarmos tempo, e papel em descripçaõ de huma pobre Casa, e falta das grandezas, e mysterio de architecturas, com que outra nos ocupou, e desculpou: Façolhes saber, que tenho exemplo em dous grandes Santos, que foraõ o devotissimo Bernardo, e mais atraz o grande Basilio, e ambos occupados em nos porem diante dos olhos, naõ sumptuosidades de edificios, porque nenhuns havia onde viviaõ: senaõ riquezas naturaes do Ermo, debuxadas com termos quasi poeticos: E tanta brandura, que fazendo musica nos ouvidos, e criando na alma dezejos de fugir do povoado, acendem fogo de saudades do Ceo. Imitaremos os Sanctos na tençaõ, na obra naõ póde ser. A huma piquena legoa da cidade, polla estrada que corre pera Sintra, pouco desviado della pera a parte do Poente, fica como escondido, e furtado, a communicaçaõ da gente hum pequeno vale, que sendo naturalmente aprasivel, por frescura de fontes, e arvoredo, mereceo, ao que se póde crer, o nome que tem de Bemfica. E daqui o devia tomar hum pequeno lugar, que pouco adiante se vê. Fazem o vale dous outeiros deziguais em corpo: Hum humilde, que servindo só de lhe encubrir a vista da estrada que dissemos, naõ lha tolhe a de muitos que ao longe fazem dilatado Orizonte. O outro levanta muito, estendendose polla parte donde o sol se poem de Inverno, e vay rodeando contra o Sul, de maneira que ameaça querer fechar o vale, e hir serrar com o monte contrario: tolhe a determinaçaõ hum Rio, que atravessa o vale, faz garganta por entre ambos pera inviar seu tributo ao mar. He o Rio pobre de agoas, e quasi sem nome de veraõ; mas groço, e soberbo de inverno, de sorte, que indignado contra o jugo de duas pontes, que no vale o senhoreaõ, lança muitas vezes por sima sua corrente: e despois que daqui sahe, vay fazendo abaixo assenhas de bom serviço. Na ladeira do monte mayor, está situado o Convento, e della se estende com sua cerca até hir beber no Rio. De huma, e outra parte correm quintas, que cercaõ os outeiros, e vale em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural: todas ricas de bosques, e pumares, e cercadas de suas vinhas, com que a mór parte do anno mantém o vale huma frescura, e verdura perpetua. Fica o Convento senhoreando todas com a capacidade, e mais grandeza, e como pagandolhes com sua sombra o ornamento, que recebe da companhia, e boa vezinhança dellas.

Mal se comparaõ as cousas pequenas com as grandes; mas se he licito fazerse, guardando a ca-

a cada huma ſua proporçaõ, quizera comparar a humildade de Bemfica em Portugal, com a grandeza de Claraval em França. E acho em ambas eſtas caſas muitas conveniencias que me obrigaõ. Se tratamos do eſpiritu, bem conformaõ em ſe dar nellas principio á reformaçaõ da Ordem, que os filhos profeſſavaõ: e em comeſſarem com huma extraordinaria pobreza, pendendo ſó de Deos, e quaſi nada dos homens. Teve Claraval bençaõ de dar muitos, e grandes ſanctos, como caſa grande, e famoſa. Naõ criou menos Bemfica em ſeu tamanho (como pequena, e pobre) nem em virtude, nem em numero, como naõ façamos comparaçaõ com o altiſſimo monte de ſanctidade Bernardo. Poſſuhe Bemfica hum particular condaõ do Ceo (ſofraſeme o termo proprio Portugues) em virtude, e merito dos que aqui viveraõ, e hoje tem ſuas cinzas, que ninguem entra por eſtes Clauſtros, que ſenaõ ſinta abalar de hum certo affecto de devaçaõ, a que parece eſtaõ convidando até as paredes mudas; aſſi o ſintio, e publicou o bom eſpiritu do noſſo Geral Juſtiniano ſabio avaliador, como noutras partes temos moſtrado, das couſas que vio neſta Provincia, dizendo. *En domus vndique redolens ſanctitatem.* O meſmo creyo que deve acontecer aos que entraõ em Claraval, por meritos de S. Bernardo.

P. 1. l. c. & l. c.

Deſcendo ao material deſtas caſas, concordando ambas em eſtarem afaſtadas do povoado differença faz naõ pequena eſtar Claraval aſſentada em hum campo raſo: e Bemfica arrimada a hum monte, e pendurada delle em parte. Claraval ſervida do Rio Alva em todas ſuas officinas: Bemfica ſem nenhum proveito no ſerviço do ſeu Rio. Mas concertaõ eſtas dezigualdades com fazer cá o monte, o meſmo que lá faz o campo: cá as agoas, que em groſſas fontes brotaõ do monte, o meſmo, que lá as copioſas, que leva o Alva. Se o campo chaõ ſerve pera ſe aproveitar o Convento da corrente do Rio, e o trazer como á maõ viſitando, e regando a caſa toda, e cada officina por ſy: A altura do monte com ſuas entranhas prenhes de ricas fontes, manda cá hum Rio pera cada officina: e tanto com mais graça, quanto vindo a agoa cuberta, e por canos occultos, engana os olhos, e faz crer, que aly a deu a natureza. Onde ſe vê borbulhar da terra, e onde mais ſerve, tantas ſaõ as fontes, quantas as officinas. O ſacerdote quando vencendo o ſol na madrugada ſe levanta a ſaudar, e offerecer ſacrificio ao Divino ſol de juſtiça, acha na ſacriſtia hum rio de agoa viva, com que purificar mãos, e roſto naõ menos, que por quatro bicas offerecida: os que vaõ ao Refeitorio, achaõ defronte delle, e no meyo do Clauſtro, outro rio, e outra agoa; he hum fermoſo tanque de boa pedraria, lavrado, em quadro: no meyo delle hum grande prato de fino jaſpe, que criaõ os montes vezinhos: naõ tem os Reys mayor delicia; ſobre o prato, a quem ſenaõ contenta com o tanque, lança agoa ás mãos, hum minino que ſe vê no meyo, ſervindolhe de gumil huma cornucopia, com que eſtá abraçado, feita por tal arte, que eſtando

boca

boca arriba, lança igualmente a agoa por toda, que por vir repartida, e eſpalhada cahe goteando, e repreſenta ſemear lagrimas, ou derremar aljofres. E como he grande, fazem as bordas, que voltaõ, ſombreiro ao minino, e he de ver hum geito gracioſo, que o eſcultor lhe deu por eſtar nú, de que arrecea molharſe. Quem demanda a portaria acha de fóra hum grande tanque, que tem ſempre cheyo pera ſerviço do povo, huma groſſa vea que ſahe do meyo delle. Quem paſſa da porta encontra logo dentro com outra fonte entre flores, e hervas cheiroſas entre ſidreiras, limoeiros, e larangeiras. Debuxaõ aqui as hervas com arte, e lavor a terra, que as cria, e das arvores humas veſtem as paredes em roda, trepando arruinadas, e apertadas com ellas: outras obrigadas com arte a naõ paſſar de huma curta medida, ſervem ao chaõ de o dividir, e arruar, e as hervas, e boninas de lhe fazer agradavel guarda, e juntamente inveja: cérca, e guarda com ſeus ramos eſtreitamente travados, e tecidos entre ſy: inveja com grandes fruitos pendentes, d'ouro quando maduros, de prata, quando em flor. Até com o miniſtro da pobre cozinha, foy liberal o monte. Tambem tem ſua agoa, que lhe enche as pias de ſeu ſerviço, e forra o trabalho de a buſcar mais longe. Se Claraval tem fermoſos viveiros de peixe no ſeu Rio, pera proveito, e recreaçaõ: os meſmos tem Bemfica: e naõ em huma ſó parte, nem com hum ſó genero de recreaçaõ, e o que mais he de eſtimar dentro da caſa: porque paſſado o Clauſtro, quem buſca a horta do Convento dá a poucos paſſos em huma praça empedrada, que ficando na parte mais alta, e como a mea ladeira da cerca, deſcobre grande parte do vale. Aqui ſahem os Religioſos a gozar o freſco da tarde em o veraõ, e o ſoalheiro de inverno, deſpois que deixaõ o refeitorio. Porque alem da viſta deſabafada, e larga pera fóra, tem na meſma praça de huma parte huma gracioſa fonte, e da outra hum eſpaçoſo tanque; que cada couſa per ſy alegra, e deleita os olhos. A fonte ſe faz em hum arco, que formado de bruteſcos varios, e viſtoſos, arremeda huma gruta natural. Dentro parece aſſentado hum grande, e bem proporcionado ſatyro, imitando com propriedade os que finge a poeſia. Em toda ſua figura moſtra em roſto rizonho, e alegre huma ſimplicidade montanheza, com que eſtá convidando a beber de huma concha natural, que tem apertada com o braço, e maõ eſquerda, da qual ſahe hum fermoſo torno de agoa: e juntamente com a direita acode como arrependido a cobrilla; e faz geito de a querer retirar, dando com huma, e negando com outra. A agoa he quanto póde ſer excellente, e de huma qualidade propria das que naſcem nas ſerras, fria, e deſnevada na mayor força do ſol do Eſtyo: temperada no inverno, como hum banho. Acompanhaõ a gruta de hum, e outro lado em igual diſtancia dous groſſos, e altos pilaſtroens, que ſendo feitos de boa cantaria pera eſtribo de huma abobada, a que ſe arrimaõ, foy a natureza cubrillos de huma Era muito eſpeſſa,

peſſa, e viçoſa, que ſubindo por elles até a môr altura, aſſi eſconde, e ſenhorea a pedraria, que faz parecer foraõ fundados, mais pera honra da fonte, que ſegurança do edificio: aſſi ajuda a natureza a arte, e o accidental ao bem cuidado. E porque entre gente, que profeſſa letras, he bem, que nem nos ſatyros ſe ache rudeza, faz lembrança eſte noſſo a quem folga de o ver com hum verſo latino entalhado em pedaços de marmore negro, que correm a vida, e os annos ſem parar, nem tornar atraz, ao modo daquelle licor, que lhe ſahe das mãos. Advertencia de ſabio, naõ de ruſtico: que agoas, e annos, ſe ſenaõ aproveitaõ com bons empregos, perdidos ſaõ, e pouco de eſtimar. Cahe a agoa, por naõ pejar a praça, em hum pequeno tanque, e deixandoo cheyo, ſomeſe nelle, e vay por baixo da terra, fazer outra fonte na boca de hum leaõ. He de ver aquelle roſto fero cuberto de guedelhas creſpas, e medonhas, que ameaçaõ ſangue, e morte, feito miniſtro de manſas agoas. Verdadeiro poder, e ſymbolo da Religiaõ, que a manſa Leoens, e faz Satyros doutos. Eſtas agoas recebe o lago que aſima dizemos: o qual da parte da praça fica a face da terra, dividido ſó com hum baixo parapeito: e cria no grande fundo, e largura que tem, muito peixe, taõ domeſtico já com a continuaçaõ, que acode ás mãos dos Religigioſos, e ás migalhas, que cada hum lhe guarda, como a pitança certa, e ſua: e vindo em cardumes litigaõ, quaſi em eſquadroens, ſobre o paſto: que neſta materia nenhum elemento carece de contendas. O lago como fica em parte alta, e ſempre ſe vay refazendo de agoa freſca, da boca do Leaõ, alem de conſervar aſſi o peixe, ſerve o Convento em varios uſos. Faz lavanderia pera os habitos, e roupa de todos, deſaguando parte em grandes pias de huma officina cuberta, e contigua, parte em outras da caſa de Noviços, que he vezinha pera o meſmo effeito: e a tempos de cea regar os pumares, e laranjais, e em fim corre até ajudar a pobreza do Rio.

Dá entrada na horta, e pumares huma comprida rua; da parte do muro cobrem as paredes a eſpaços creſcidas gieſtas com ſuas flores amarellas, entreſachadas de roſas, em humas partes brancas, noutras encarnadas; e acompanhaõ os baixos violetas humildes, e goivos de todas cores. Da banda da horta reſpondem arvores ſilveſtres verdes, e altas, caſadas com parreiras, e com ſeus ramos, e fruitos gracioſamente enfeitadas. Fazem toucas as voltas, e freſcura das parras; colares de pedraria as uvas, ſegundo os tempos, e as cores dellas: já topazios, já rubis, primeiro eſmeraldas. Daqui ſe vai deſcendo á horta por diverſas partes, ſempre por entre arvoredo hum de fruito, outro ſilveſtre: mas o ſilveſtre taõ copado, e freſco, que nenhuma enveja tem ao fructifero; antes, como queixoſo do muito, que ſe eſtima o proveito, ſe junta a huma parte da horta; ſaõ o mais hollayas, e loureiros, e tomando companhia de hum eſpeſſo ſylvado de moſqueta, ſe enreda, e tece com ella de ſorte, que ameaça tolher

tolher a entrada de huma graciosa estancia que aqui ha, aos que a buscaõ. He retrato de huma camara subterranea, a que se desce por alguns degraos. A fabrica em quadro perfeito, assentos em roda encostados a huma rede de ladrilho, que vestem eras, entravaõ mosquetas. No meyo hum bocal de posso quadrado de boa pedraria, que cheyo d'agoa até lançar por fóra, mostra ser fonte viva, ou posso de agoas vivas, polla que em continuo movimento está crescendo, e cursando. Dos quatro cantos do bocal se levantaõ colunas de marmore, que sustentaõ no alto huma mea laranja de perfeita abobada pera emparo da agoa, como o faz a ramada do arvoredo a toda a camara, que aqui he taõ sombrio, e denso, que naõ só lhe tolhe o sol, quando mais sóbe, e arde; mas quasi o Ceo. Assi nos tempos, que a natureza esperta as lingoas das aves, a louvar com mais armonia o Criador, he quasi morada continua das que por mais musicas saõ conhecidas. E he tradiçaõ, que juntandose nellas huns seculares de boas vozes, e começando a cantar ao som de instrumentos bem acordados, acudiraõ as que se tinhaõ por senhoras do sitio, a desafiar a melodia humana, e arteficial, com a sua natural. E isto com tamanha porfia, que vencidas as vozes dos homens naõ cansaraõ as pobres avezinhas de seguir as violas, que ficaraõ suprindo por elles; e huma se deixou levar tanto do impeto, e affecto de cantar, que veyo a desfalecer, e á vista de todos cahio em terra sem alento, como dizendo, que antes queria perder o bem da vida, que a honra de perseverar cantando. Mereceo esta estancia ser estimada de hum Infante de Portugal, que foy Cardeal, e Rey. E porque no estado de Cardeal continuava, em a ver, e honrar, ficoulhe o nome de fonte do Cardeal. Tambem ha quem affirma, que o merece polla ventagem que o Cardeal achava no licor, e porque a essa conta o mandou assi compor.

Assi como está por baixa, e soterrada, e pollo bosque, que a esconde se faz estimar: ha outra, que tem tambem sua graça na falta de todo artificio. He huma vea de agoa que sahe no meyo da horta, por huma telha ordinaria, e formando logo hum profundo tanque, que tambem cria muito pescado, rega dous estendidos talhoens de horta, em que recrea os olhos a diversidade das hortaliças, o concerto, e disposiçaõ de todas, misturandose muitas hervas cheirosas, e flores varias, com o que serve pera o refeitorio: com seus passeos, e ruas, que as dividem. E saõ barras da divisaõ, ou sidreiras, ou limoeiros, ou murtas, e craveiros, ou tudo junto.

Mas naõ será rezaõ deixarmos em silencio outra fonte que em seu genero, e estranheza, compete com as boas calidades destas duas.

Desta maneira podemos bem dizer, que fazem aqui as fontes todos os serviços, e feitios, que em Claraval faz o Rio Alva; e se huma só fonte, de que lá bebe o Mosteiro, he louvada de ser visitada dos primeiros rayos do sol, quando se levanta (qualidade importante das boas agoas) esta

esta prerogativa se vê em todas as de Bemfica: porque todas tem sua origem no monte de Ponente, a que o Convento se arrima, e ficaõ nascendo com o rosto no sol da manham.

O natural de agoas, e bosques tinha a Casa, quando el-Rey fez a merce á Ordem: o arteficial foraõ fabricando os Frades, e devotos, e ajudando os Reys, que sempre della mostraraõ gosto, e tiveraõ particular cuidado. A Igreja em seus principios foy fabrica de pouca substancia, acrescentouse correndo os annos, mas como obrá feita a pedaços, e com defeitos claros de architectura envelheceo depressa, e chegou a ameassar ruina no tempo que isto escreviamos. O que obrigou os Frades a redificalla de proposito, e com tanto animo, sendo os tempos assaz apertados, que o que já hoje está feito, mostrá que será obra perfeitissima, sendo acabada. Das memorias antigas, que nella havia, diremos em outro lugar: eraõ os Religiosos poucos quando comessaraõ a reformaçaõ; e a casa tambem curta, inda que Real, contentavaõse de hum dormitorio terreo. Foy mostrando o tempo, que era em demazia humido, e pouco sadio, pera onde a comida era peixe continuo. Levantouse, mas tambem pobremente, e trocouse no que agora he casa de Noviços. Naõ he pera esquecer o que se conta daquelle primeiro, e mais humilde. Affirmaõ os Antigos, que todas as vezes, que havia de morrer algum Frade, havia nelle sinais manifestos, sentindose golpes, e rumor de maõ invisivel, as mais vezes em tres partes distinctas; era sentença irrevogavel de morte vezinha a terceira. Cessou este prodigio com a mudança; e seguramente podemos crer, que cessou hum grande bem, e indicio de perfeiçaõ daquelles primeiros moradores. Naõ espantaõ novas de morte aos que andaõ compostos, e aparelhados, e que na Religiaõ naõ buscaõ mais, que bem morrer. Onde falta o aparelho, aqui sobejaõ medos. E se a morte subita he o mayor mal de todos, grande misericordia era do Senhor o aviso antecipado. Cresceo a Casa em renda depois que pareceo necessario na Ordem possuhiremse bens de rays. Com a renda cresceo o numero dos Frades, e foy forçado alargar a vivenda. Lançouse primeiro huma grande sala com janellas rasgadas sobre o jardim da portaria, e outra no eyrado, que cahe sobre o mesmo. Logo do meyo della hum estendido, e espaçoso Dormitorio, que corre contra o Nordeste, até ficar quasi sobre o Rio: o forro de estuque, e em forma, que arremeda huma bem lavrada abobada, cellas grandes, e bem forradas; portaes, e janellas de pedraria. Obra toda ayrosa, e bem traçada, se naõ fizera vista de fóra, como de huma manga estirada, e despegada do mais edificio; de que nasce ser frio, e desabrigado do inverno. Pagase este mal com algumas commodidades no restante do anno, que saõ viverse nelle sem sentir calma na mayor força do Estyo: e naõ tendo mais, que tres degraos de subida da parte do edificio antigo, e da Igreja, fica em tanta altura, que descobre, gosa, e senhorea todo o vale em

em roda; e como cortou pollo bosque, e pumares, deleytase a vista na frescura, o olfato no cheiro dos laranjaes, o ouvido no canto das Aves, que ficaõ taõ vezinhas, que ás vezes se afigura, ou serem hospedes os Roxinois, ou quererem fazer officio de espertadores com os Religiosos pera os louvores Divinos; ao pé da janella do topo inventou a curiosidade hum genero de recreaçaõ, que pudera ter muito de proveito, se as leys da casa o permittiraõ. He hum viveiro de muitos coelhos: servem de vista, naõ de pasto. Porque o Refeitorio naõ admitte aqui carne em nenhum tempo. A obra do Dormitorio seguio outra tambem importante, que foy a da sacristia, e he huma das fermosas, e bem acabadas casas, que tem a Provincia por grande, e alta, e bem cuberta, e servida de huma fonte, que nella corre sobre prato de jaspe; como atraz tocamos. Mas temonos detido muito, tornemos á nossa Historia.

CAPITULO IV.

Parte o Mestre Frey Vicente de Lisboa pera Roma, por mandado d'elRey. Succede em seu cargo o Mestre Frey Vicente de Portugal; tresladase o Breve, que trouxe do Capitulo pertencente á observancia.

GOvernava o Mestre Frey Vicente de Lisboa o seu Mosteirinho com paz, e alegria de espiritu. Mas naõ lhe durou anno inteiro esta quietaçaõ. Faz mal a muita gente o prestar pera muito. Conhecia elRey Dom Joaõ seu grande talento: offereceraõse negocios de peso em Roma: naõ os quis fiar d'outrem, despachouo a elle. Naõ ha memoria de quem por entaõ ficasse em seu lugar. Só achamos, que celebrandose Capitulo geral de eleyçaõ em Odene, terra da Histria do Patriarchado de Aquileya, em que sahio eleyto Mestre Geral, por falecimento do B. Frey Raymundo de Capua, o Padre Mestre Frey Thomas de Fermo 24. Gerais em numero dos nossos, foy presente a elle hum Frey Vicente de Portugal com titulo de Vigairo do Mestre Geral: do qual naõ consta se fazia este officio em todos os Conventos de Portugal, ou só no da reformaçaõ de Bemfica, e podese cuidar que lhe pertencia só este: visto como achandose no Capitulo fez tresladar em publica forma o Breve de que atraz fallamos, como concernente a cousa sua propria: o qual tirado de verbo ad verbum de seu original, que se guarda no Cartorio de Bemfica he o seguinte. E escusaremos o trabalho de o dar traduzido; visto como nos Capitulos atraz temos dado noticia bastante de toda a sustancia delle.

IN Christi nomine. Amen. Hoc est exemplum cujusdam Bullæ Sanctissimi in Christo Patris, & Domini nostri Domini Bonifacij, diuina prouidentia Papæ Noni, cujus

jus vera Bulla plumbea, more Romanæ *Curiæ cum filis sericis rubri, & crocei coloris bullatæ, non vitiatæ, nec cancellatæ, nec in aliqua parte sua suspectæ, sed omni prorsus vitio, & suspicione carentis, per me Petrum Bonum Notarium infra scriptum, á suo vero, & authentico originali sumptum, & transumptum, cujus tenor de verbo ad verbum sequitur, & est talis. Bonifacius Episcopus seruus seruorum Dei, ad perpetuam rei memoriam. Apostolicæ sedis benignitas, personas sub religionis obseruantia assiduo studio piæ vitæ vacantes, ex eorum, ac aliorum conamine, Deo lucrifacere cupientes, congruo fauore prosequitur: ac his, quæ ad eorum pium desiderium consequendum provide facta sint, & illibata permaneant, libenter adhibet solicitudinis suæ partes. Dudum siquidem pro parte dilecti filij Raymundi Magistri Ordinis fratrum Prædicatorum nobis exposito, quod dudum, cum ipse suum Ordinem visitaret, repererat inter extera, multos Frates ejusdem Ordinis deuotionis feruore accensos, & desiderantes regularem obseruantiam, per B. Dominicum, & alios antiquos Fratres ejusdem Ordinis ordinatam seruare: & quod ipse considerans, quod dictorum fratrum desiderium salua conscientia impedire non poterat, nec debebat: imo firmiter putaret se reum coram Deo, nisi eos adjuuaret, & promoueret ad perfectionem hujusmodi, eorum desiderij tam laudabilis, per dilectum filium Fr. Conradum de Prusia, ejusdem Ordinis professorem, virum vtique vitæ commendabilis, ac famæ laudabilis in partibus Alemaniæ incepti, qui prædictos Fratres, vt præfertur, sic desiderantes in prouincia Theutoniæ, secundum consuetudinem dicti Ordinis, inceperant congregare, & jam in loco dicti Ordinis sito in Columbriæ Basiliensis diæcesis, circa triginta Fratres congregauerant, quibus idem Magister dictum Conradum præposuerat, qui constitutiones dicti Ordinis integraliter obseruabant cum effectu; & ideo prædicationi Verbi Dei, & exemplo B. Dominici virtuosè insistebant, quod de tota patria circunstante, concurrebant homines ad audiendam doctrinam eorum, quam factis etiam virtuosè informabant: quodque ipse Raymundus, qui, vt asserebat, ipsum ordinem per decem annos, & vltra gubernauerat,*

proponens hoc idem facere, seu ordinare in qualibet prouincia dicti Ordinis: videlicet, quod in qualibet ex dictis prouincijs esset vnus locus dicti Ordinis, in quo regularis obseruantia dicti Ordinis, secundum statuta B. Dominici prædicti, seruaretur, juxta tenorem prædictarum constitutionum, de multorum fratrum ejusdem ordinis consilio, & assensu, tam authoritate officij sui, quam Generalis capituli dicti ordinis, tunc vltimo celebrati sibi commissa, per suas certi tenoris literas ordinauerat, statuera, decreuerat, & mandauerat, quod infra annum á notitia literarum suarum, hujusmodi Priores, Prouinciales, seu Præsidentes, & eorum quilibet in sua prouintia ordinarent, & taliter facerent, quod in sua prouincia esset vnus locus deputatus ad hujusmodi obseruantiam regularem: in quo possent ad minus viuere duodecim fratres Ordinis prædicti, qui dictas constitutiones conseruarent, prout in dictis literis continetur: & pro parte ipsius nobis supplicato, vt ordinationem, statutum, decretum, & mandatum hujusmodi, & quæcunque inde sequuta rata habere, & grata; illaque authoritate Apostolica confirmare, de benignitate Apostolica dignaremur. Nos ipsius Magistri in hac parte supplicationibus inclinati, ordinationem, statutum, Decretum, & mandatum, prædicta, ac omnina, & singula in prædictis literis contenta, quorum tenorem nostris literis, & præsentibus inseri fecimus, rata habentes & grata, illa per easdem nostras literas confirmamus, & ipsarum literarum patrocinio communimus, prout in nostris inde confectis literis plenius continetur. Cum autem, sicut nuper accepimus, non nulli Fratres ejusdem Ordinis, salutis æternæ immemores, ac Dei timore postposito, nolentes intelligere vt bene agant, & secum alios trahere in præcipitium satagentes; quamuis ordinationem, statutum, Decretum, & mandatum hujusmodi per se obseruare desidia, & inertia non velint, neque curent: veruntamen eam obseruari ab alijs non permittant; & nonnullos Fratres ipsius ordinis deuotos, volentes prædictam obseruationem debitè obseruare, multis friuolis, & exquisitis coloribus, ab hujusmodi eorum laudabili proposito, in hac parte damnabiliter retrahunt, & passim remouere conantur, ac impediunt,

quan-

quantum in eis est, quo minus ordinatio, statutum, decretum, & mandatum, prædicta, debitum sortiantur effectum: & nihilominus se jactant, quod vtique ordinabunt, & procurabunt pro posse, ordinationem, statutum, decretum, & mandatum prædicta, etiam in generali istius Ordinis Capitulo in festo Penthecostes proxime futuro celebrando, per diffinitores ipsius capituli juxta dicti Ordinis morem facere reuocari, in suarum animarum periculum, ac in contemptum seais Apostolicæ, & scandalum plurimorum. Nos, quorum interest hujusmodi prauis conatibus, euidenter ad perniciem tendentibus, salubriter congruis remedijs obuiare, cupientes ne morbus factus Chronicus fomenta postremò despiciat medicinæ, omnibus, & singulis diffinitoribus, juxta hujusmodi morem ordinis præfati, tam præsentibus, quam futuris, ac etiam quibuslibet Patribus ipsius Ordinis, & alijs cujuscunque status, gradus, ordinis, vel conditionis existant, districte, & sub excommunicationis pæna, quam contrarium facientes, authoritate Apostolica incurrere volumus, ipso facto inhibemus expresse, ne aliquem professorem ipsius Ordinis, ob frugem melioris vitæ, hujusmodi obseruationem regularem supradictam, prout permittitur, sic proindé, sicque salutifere ordinatam, obseruare volentem, perpetuis futuris temporibus, aliquatenus publicé, vel occultè, directe, vel indirecte, ac quouis quæsito colore impediant per se, vel alium, seu alios, aut ab hujusmodi laudabili proposito, scilicet, obseruantiæ hujusmodi retrahant, seu impedire, vel retrahi faciant, vel procurent quouis modo: nec ordinationem, statutum, & mandatum prædicta, maxime cum ad eos non pertineat, ausu temerario reuocent: seu etiam contra ea aliquid attentent, aut attentare præsumant: sed ea potius, & quæcunque alia ad augmentum plurium conuentuum, in quibus etiam hujusmodi obseruantia seruetur, per ipsum Magistrum forsan ordinanda, concernentia, si non virtutis amore per se ad obseruantiam hujusmodi forsitan inclinentur, nec sint apti; saltem permittant æquanimiter, vt expedit, per alios Fratres dicti Ordinis obseruari; ac ipsos Fratres eandem obseruantiam obseruantes, & obseruare volentes, juxta illud, quod in potestate hominis non sit, qui spiritu

ritu Dei ducuntur, in ejusmodi eorum laudabili proposito confoueant potius, & confirment, si Diuinam, & nostram gratiæ offensionem desiderant euitare. Nos enim ex nunc irritum decernimus, & inane, si secus super his, á quoquam quauis authoritate, scienter, vel ignoranter attentatum forsitan est hactenus, vel imposterum contigerit attentari, nihilominus contra transgressores inhibitionis nostræ hujusmodi, si expedierit, grauius processuri. Tenor vero dictarum literarum ipsius Magistri sequitur, & est talis. Vniuersis, & singulis Prioribus Prouincialibus, seu Præsidentibus, in quibuscunque prouincijs, tam præsentibus, quam futuris ordinis fratrum Prædicatorum, Fr. Raymundus ejusdem ordinis humilis Magister, & seruus salutem & Christum Dominum efficaciter imitari: quantò insufficientiorem ad regimen tanti ordinis me conspicio, tanto magis necessitatum video ad laborandum solicite pro ipsius Ordinis reformatione pariter, & augmento. Sane cum reformationis vocabulum proprie dicat primæ formæ resumptionem, nullam viam inuenio meliorem ipsum ordinem reformandi, quam si oculis mentis respiciamus ad petram vnde præcisi sumus, & ad cauernam laci, de qua processimus, ad Abraham scilicet multarum gentium Patrem Beatum Dominicum, qui virtute spiritus genuit nos; & ad Saram, videlicet sacram Religionem per sanctos Patres ordinatam, quæ peperit nos. His diligenter attentis juxta gratiam mihi datam, & dum ordinem visitarem inuentis quampluribus Fratribus, qui feruenter desiderant reduci ad primam formam obseruantiæ regularis per Beatissimum Patrem nostrum Dominicum inchoatam, & per sanctos successores ejus postmodum confirmatam, post longi temporis deliberationem, multiplicem habitam collationem cum Fratribus magis timentibus Deum, decreui omnino tam pro inceptione reformationis totalis, quam pro satisfactione sancti desiderij fratrum supradictorum, taliter ordinare, quod in qualibet prouincia supradicti Ordinis sit ad minus vnus conuentus, in quo regularis obseruantia teneatur ad vnguem, juxta nostrarum constitutionum tenorem, & formam. Quamobrem de multorum fratrum Deum timentium, & religionem nostram feruenter diligentium, non tan-

tantum consilio, & assensu, sed instantia, & supplicatione feruenti, omni modo, & via, quibus melius possum, tam authoritate officij mei, quam Capituli Generalis vltimò celebrati mihi concessa, ordino, statuo, & decerno, ac nihilominus cuilibet vestrum præcipio in virtute promissæ obedientiæ, & spiritus Sancti, per quem filij Dei aguntur, & congregantur, quatenus infra annum à notitia præsentium, quilibet vestrum ordinet, & taliter faciat in prouincia sua, quod sit vnus conuentus deputatus ad obseruantiam regularem, in quo possint viuere ad minus duodecim fratres, & deinde fratres voluntarios ad dictam obseruantiam ibidem assignet, vsque ad numerum prætaxatum, vel amplius, si tot ei Deus dederit inuenire: sin autem, illos, quos inuenerit, assignet in dicto conuentu, in quo seruetur ad vnguem, vt est dictum, tenor constitutionum nostrarum, & obseruantiæ regularis, sicut in ipsis constitutionibus prouinciarum nostrarum per me ad hanc regularem obseruantiam congregatos, & eorum Præsidentes, per me deputatos, nullo modo molestare, aut quomodolibet præsumatis impedire: imo ipsos adjuuetis, & foueatis, ac in sancto proposito confirmetis juxta gratiam vobis datam. Cæterum quicunque vestrum, quod absit, ex notabili negligentia, vel, quod deterius est, ex proposito dicto meo præcepto inobediens fuerit, post annum superius prætaxatum, ab officio Prioratus, si fuerit Prouincialis, Prior, aut Vicarius, si fuerit Vicarius Prouinciæ, absolutum in pænam, & inhabilitatum per decem annos, ad illud officium resumendum, quem, vel quos dicti præcepti mei trasgressorem, vol transgressores, ex nunc prout ex tunc, & ex tunc prout ex nunc, modo, quod supra dictum est, absoluo, & inhabilito præsentium per tenorem. In quorum omnium testimonium præsentes patentes literas fieri feci, & sigillo nostri Ordinis muniri. Datum Romæ anno Domini milesimo, trecentesimo nonagesimo, die prima mensis Nouembris. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ inhibitionis, constitutionis, & voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Siquis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri, & Pauli Apostolorum

tolorum ejus se nouerit incursurum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum Kalend. Decembris, pontificatus nostri anno quinto.

1401. *In Christi nomine. Amen. Anno natiuitatis ejusdem Millesimo, quadragentesimo primo, Indictione vndecima, die lunæ, penultimo Maij, ectum Vtini Aquilegiensis Diæcesis in domo habitationis Venerabilis, & sapientis Viri Domini Iacobi de Giscardis de Arpino, egregij decretorum doctoris Canonici Aquilegiensis, Reuerendissimi in Christo Patris, & domini, dom Antonij Dei gratia Aquilegiensis dignissimi Patriarchæ; in spiritualibus Uicarij Generalis, præsentibus nobilibus, egregijs, & prouidis Uiris Ser, Articho de Brugueira Uittæ de portilijs, Ser Muschino de la Ture de Vtino, Ser Ioannis Susannæ notario quondam Ser Odolici Susannæ notario de Utino Cancellariæ præfati Domini Domini Patriarchæ. Iacobo Roncono de Ronconis de Vtino, & Meulichino filio. Ser Ioannis de Atens notarij in ciuitate Histria habitante. Testibus ad hoc conuocatis specialiter, & rogatis, & alijs: ibique coram memorato Domino Iacobo Vicario prælibati Domini nostri Patriarchæ Aquilegiensis pro tribunali pro præsenti actu sedente, ego Petrus Bonus quondam Ser veritatis de Ioseppis de Verona publicus Imperiali authoritate notarius Vtini habitans spiritualis Curiæ Patriarchalis Aquilegiensis scriba, supra scriptum exemplum per me á sua vera originali autentica Bulla non vitiata, non corrupta, nec in aliqua sui parte suspecta, sed omni prorsus vitio, & suspitione carenti, ad petitionem, & instantiam venerandi, & religiosi Uiri Domini fratris Vincentij de Portugalliæ Diæcesis Ulixbonensis Magistri sacræ paginæ, Uicarij Magistri Ordinis fratrum Prædicatorum sumptum, & transsumptum in præsentia ante dictorum testium, & notariorum infra scriptorum per me lectum fuit, & vna cum eisdem notarijs diligenter, & fideliter auscultatum, prælibato Domino Iacobo ibidem, vt supra, pro tribunali sedente; & quia per ipsum Dominum Iacobum vicarium, vna cum infra scriptis Francisco Macorio, & Iacobo notarijs publicis, atque mecum, repertum fuit ipsum exemplum cum eodem suo authentico origi-*

originali per omnia concordare : ideo ipse Dominus Iacobus Uicarius , vt eidem exemplo , tanquam præfato suo vero , & authentico originali , decreto adhibeatur plena fides , suam , & sui Uicariatus , officij authoritatem interponit , pariter , & decretum , mandans ante dictis notarijs , & mihi , vt nos eidem subscribere deberemus , & sui Vicariatus sigilli appensione muniretur ad perpetuam fidem , & memoriam prædictorum.

Com todas as solemnidades, que o Notario Petro Bono aponta, está concertado este treslado: e saõ tres os Notarios, que alem do Petro Bono puseraõ nelle seus sinais publicos, que saõ humas rubricas de formas differentes ao modo que as fazem neste Reyno os Tabaliaens. E porque tudo o que contém faz muito ao caso pera honra, e quietaçaõ dos que residimos em casas, que professaõ a reformaçaõ antiga, e nos dá perfeita noticia do que era dezejada de nossos mayores; naõ peço perdaõ do papel, e tempo, que nella empregamos.

CAPITULO V.

Da vida, e morte, e sepultura do Padre Mestre Frey Vicente de Lisboa.

CArga de negocios grandes sobre idade crescida, e mudança de Ares com vida pouco mimosa ordinariamente abreviaõ o curso da vida, inda em sujeitos muy robustos. Naõ soube resistir o Mestre Frey Vicente á vontade de seu Rey, e enganando com o espiritu, e bom animo as forças já quebradas, fez sua jornada. Mas a poucos mezes foy salteado de infirmidade, que o consumio, e passou em breve ás moradas eternas. Assi sendo o primeiro seguidor da resuscitada observancia em Portugal, foy tambem o primeiro que della levou o premio, fallecendo á menos de dous annos despois de fundada; e por tanto fica por muitos titulos merecendo primeiro lugar entre todos os companheiros, e filhos deste Convento, e lho daremos no presente Capitulo. Foy Frey Vicente natural de Lisboa, nascido, e criado na freguezia de S. Nicolao, e pelo que se pode colligir de seu nascimento, de gente humilde. Acompanhava a sua mãy na hora do parto huma vezinha mulher pya; mas igualmente simples, e de pouco saber. Esta sendo o parto trabalhozo, e tal, que veyo a criança quasi morta, quiz fazer o officio, que em necessidade he permitido ás comadres: e a occasiaõ amoestava. Acudiolhe com o material da agoa do bautismo: mas a forma foy defectuosa, e como de quem ignorava o principal, differente da que uza a sancta Madre Igreja. Convaleceo o minino, cresceo, fezse Frade, estudou, teve nome nas letras, e fama na prégaçaõ. Contava já annos sobre trinta na idade, e por boa conta naõ deviaõ ser poucos; quando o trouxe sua devaçaõ, ou boa ventura a querer ser ouvido na freguezia em

Chron. de S. Domingos da provincia de Aragaõ l. 2. c. 19.

que nascera. Prégou com alegria, e applauso dos conhecidos, e amigos, entre os quais se chegou a elle huma velha, que amontoando bençoens, disse pera os que com outras tantas o acompanhavaõ, que tinha mais auçaõ que todos pera lhas dar: porque o Padre prégador naõ só lhe nascera nas mãos, mas fora por ellas bautizado. Historia he muito celebre, e com geral, e antiga tradiçaõ confirmada nesta Provincia, e por tal escrita de alguns Authores: hum dos quais he o devotissimo Padre Fr. Luis de Granada no seu Symbolo da fé. Naõ sabemos, que sentio Frey Vicente na lingoagem, ou simplicidade da velha, ou que lhe revelou naquella hora o Espiritu: parou, e de proposito perguntou á boa madrinha, pollo que lhe ouvira, e com que palavras o fizera. E ella affirmou, ratificandose huma vez, e outra com singeleza, e alegria, que por suas mãos o bautisara, e as palavras foraõ: eu te bautizo, e te encomendo a Deos, e a nossa Senhora. Era Frey Vicente naõ só letrado, mas dotado tambem de agudo juizo, e grande Religioso; naõ guardou pera mais longe averiguar tudo, o que tocava pera materia taõ importante: perguntoulhe se soubera, ou ouvira dizer, que quando despois o levaraõ á Igreja a receber os sanctos Oleos fora bautizado pollo Parrocho. Affirmando ella, que tal diligencia senaõ fizera em confiança da que por suas mãos passara, deu graças a Deos, pollo beneficio de tal revelaçaõ: e fazendo todas as diligencias, que moralmente pareceraõ necessarias pera segurança da consciencia, se fez bautizar, e crismar sub conditione, e a cautella: e fez de novo profissaõ, e se ordenou de todas as ordens sacras. Naõ permittio o Senhor que ficasse frustrada a tençaõ da piadosa femea, que a elle, e a sua Mãy sagrada encomendara o afilhado. E elle como quem tal valia tinha no Ceo foy procedendo com tanta virtude, que sem outro favor mais, que della, subio a tudo o mais, que na Religiaõ se podia alcançar. Despois de Leytor, e Mestre em Theologia, chegou a ser Provincial de todos os Conventos de Castella, e Portugal, que entaõ andavaõ juntos, e faziaõ huma só Provincia, antes da Cisma, que pouco ha contamos, e juntamente foy Inquisidor geral de toda Espanha. Entrando a guerra, e divisaõ de animos nos Reys, e Reynos de Castella, e Portugal, a elle se attribue o conselho, que o governo da Cidade tomou em fazer voto de tirar os abusos Gentilicos, que duravaõ no Reyno, como em outra parte temos contado, de lançar sortes, furtar agoas, carpir defunctos: elle fez trocar em sanctas, e devotas procissoens as profanidades, que o povo mantinha de festejar certos dias do anno por titulo recebido da Idolatria, com outros maos costumes, que em fim por sua industria ficaraõ desterrados do Reyno. E como o arrancar vicios he disposiçaõ pera prantar virtudes, instituhio, e deu principio ás procissoens da quinta feira da semana Sancta, que hoje estaõ á conta das Irmandades da Misericordia, nunca dantes uzadas. E por lhe naõ ficar nada por fazer pera augmento

Fr. Luis de Granada no sym bolo da fé p. 2. c. 27. parag. 15.

P. 1. l. c. desta Chr.

de devaçaõ dos ſeculares, impetrou do Papa Bonifacio Nono huma Bulla pera todas as peſſoas que aſſiſtiſſem, ou déſſem eſmollas nos noſſos Capitulos Provinciaes com todas, e as meſmas indulgencias, que a Sé Apoſtolica tinha concedido á caſa de noſſa Senhora da Porciuncula. Naſciaõ eſtes bons effeitos de ſer muito dado aos ſanctos exercicios de Oraçaõ, e penitencias, a que juntava hum cuidado incanſavel de ajudar, e alumiar o mundo, compondo livros de ſancta doutrina. O que tudo o fazia amado do povo, e taõ eſtimado d'elRey Dom Joaõ, que ſobre a honra de ſeu confeſſor, e prégador, ſe ajudava delle em todas as materias, que ſe offereciaõ de importancia: porque era ſabio em diſcorrer, e aconſelhar: e como ſancto livre, e deſenganado em dizer o que ſentia. Aſſi eſtando já em idade, que mais requeria repouzo, que o manejar negocios, e fóra da Patria, inda entaõ naõ quis occupar outrem, nos que atraz diſſemos ſe offereceraõ em Roma, e na jornada acabou ſeus dias.

Fr. Antonio de Sena na ſua Chr. f. 214

Grande queixa tenho dos deſcuidos daquella idade. Ficando em memoria o dia de ſeu fallecimento, que foy a 5. de Janeiro de 1401. perdeoſe a do lugar; e ſendo certo, que em vida, e morte confirmou o Senhor com milagres ſua ſanctidade, nem hum ſó nos deixaraõ apontado noſſos antepaſſados; e conſtando, que eſcreveo livros, naõ temos hoje nenhum; mas nem ſeus oſſos tiveramos, ſe os merecimentos de ſua ſancta vida, e o bom ſerviço da joanada naõ obrigaraõ o meſmo Rey aos mandar vir, donde foy ſua morte. Agradecimento, e galardaõ de grande Principe. Paſſados alguns annos mandou hum fidalgo de ſua caſa por nome Pedro Rodrigues de Moura, que os trouxeſſe a eſte Reyno, pera ſe quer na morte deſcanſarem na patria, e na Caſa, e Convento, que a Deos dedicaraõ, quando tinhaõ vida. Foy Pedro Rodrigues ao effeito acompanhado de dous Religioſos de Bemfica, trouxeos a Liſboa, teveos em ſua caſa recolhidos com ſegredo até que elRey deu ordem pera trazerem ao ſeu Moſteiro, com a pompa que era devida a quem tinha por ſancto. E foy aſſi, que em certo dia mandou que foſſem poſtos no caminho do Convento, em hum lugar diſtante delle hum bom eſpaço: e aly fez que ſe juntaſſe a Camara da cidade, com todos os miniſtros do governo della, e da juſtiça do Reyno; e o Cabido da Sé, e toda a nobreza da Corte. E com tal acompanhamento, ſendo levados em hombros dos ſeus Frades, e ſeguidos de muito povo, que acudio á ſolemnidade, e fama do Sancto, ſe meteraõ no Convento. Ficou em memoria, que dous Religioſos, que governaraõ eſta pompa, ſe chamavaõ Frey Rodrigo, e Frey Martinho, que por boa conta deviaõ ſer os meſmos, que em companhia de Pedro Rodrigues de Moura haviaõ hido buſcar as ſanctas reliquias. E naõ he pera eſquecer por honra dellas, e da opiniaõ em que Frey Vicente eſtá na de ſancto, hum requerimento juridico, que em dia taõ ſolemne, e em meyo de tanta gente, ſe atreveo a fazer Frey Martinho de Cintra Prior

1401.

do nosso Convento de S. Domingos de Lisboa. Allegando com graves, e efficazes palavras, que aquellas reliquias, sem embargo, que as acompanhava por lho elRey mandar ao Mosteiro de Bemfica, pertenciaõ legitimamente ao de Lisboa, que elle Frey Martinho governava, e cujos subditos aly vinhaõ por honra, e decoro da Religiaõ; por quanto Frey Vicente tomara nelle o habito, e nelle professara. E melhor titulo era o de filho, e subdito pera pertencer a Lisboa, que o de pay, e fundador de Bemfica. Dura inda hoje no Cartorio hum treslado authentico deste auto, tomado por fé de Tabaliaõ, a quem o Prior pedio o treslado, requereo deposito, e protestou por custas, perdas, e danos. E naõ damos a copia, porque he largo, e convem hirmos encurtando leytura.

Recolhido o corpo no Convento lavrouse hum tumulo de pedra, e entalhado nelle hum letreiro, que declara suas virtudes, pollo estylo, e lingoagem daquelle tempo; e se subio, e embebeo no alto da parede do cruzeiro, onde o vimos muitos annos, fronteiro do Altar de S. Sebastiaõ, que tinha seu sitio sahindo do Choro sobre a maõ esquerda. O que a letra continha he o seguinte.

AQui jaz Frey Vicente de sancta memoria Frade da Ordem dos Prégadores, e Mestre em Theologia, Varaõ muy excellentissimo em sciencia, e virtudes, cujas obras reluziraõ ante Deos, e os homens: porque por elle foraõ destruidas as obras do Diabo, e as heregias, os errores, e idolatrias em esta Cidade, e em outras partes do Reyno: e convertidas em procissoens, e em outros serviços de Deos, e proveito das almas: e inda por elle foraõ compostas muitas obras de livros muy excellentes, tambem pera prégar, como pera disputar. Esclareceo por milagres na vida, na morte, e despois da morte. Fundou dous Mosteiros da observancia regular da predicta Ordem, hum em Lisboa, convem a saber, o das Freiras do Salvador, e este. Obijt autem anno Domini 1405. *Vigilia Epiphaniæ.*

Ainda que nos queixamos de naõ haver noticia de nenhum milagre deste sancto Varaõ: sendo assi, que conforma a tradiçaõ geral da Provincia com o que o marmore da sepultura refere, he cousa certa, que bullindose haverá setenta annos com ella por certa occasiaõ, lançou de sy taõ suave cheiro, que passou a fragrancia a toda a Igreja, e até ao Claustro. Prova bem clara de que nos naõ engana a tradiçaõ, nem a pedra: pois qualquer grande milagre fica vencido deste. Por reliqua sua, e argumento da pobreza em que vivia, se guarda, e estima

tima hoje hum copo, que lhe servia na meza, e nos caminhos: he de pao, pobre no feitio, e na sorte da madeira. Guardase no deposito do Convento com tres chaves como peça rica, pera vergonha dos soberbos do mundo, e boa doutrina dos Religiosos. Anda com elle huma memoria em pergaminho, que mostra ser da mesma idade com duas regras latinas, que o declaraõ, e dizem assi. *Hic est scyphus Egregij Patris, & fratris Vincentij fundatoris hujus Monasterij, sanctitate, & scientia præclarissimi.*

CAPITULO VI.

Dos Padres Frey Diogo Gonçalves Belleagoa, e Frey Joaõ de Moura, e outros, que foraõ os primeiros seguidores da observancia.

O Padre Frey Diogo Gonçalves Belleagoa foy dos primeiros, e principais companheiros do sancto Frey Vicente: e como atraz fica dito, o que tomou posse da Casa, tanto que elRey a deu á Ordem. Era velho, e letrado, e grande zelador da perfeita Observancia, morando ainda na Claustra: quando se vio em parte, onde o nome da vida lhe punha mayor obrigaçaõ, determinou responder a ella, e aventejarse a sy mesmo. Ninguem era mais humilde, ninguem mais charidoso, espantava com penitencia, e dava raro exemplo com a devaçaõ, e oraçaõ. Mas sentio a idade cansada com os annos o peso acrescentado: e tendo cumpridos onze naquella sancta milicia, foy receber em milhor vida a coroa de bom soldado. Ultimo dia do mez de Agosto de 1410. Tal era a opiniaõ, que com seus irmãos tinha ganhado, e em toda a Religiaõ, que sendo primeiro sepultado no Cemiterio commum, ouveraõ, que se lhe fazia aggravo em ficar nelle: e poucos annos despois o passaraõ ao mesmo moymento de seu Prelado, e companheiro Frey Vicente: onde vimos as reliquias de ambos juntas no moymento, quando se desfez a Igreja velha, mas separadas no lugar; e naõ sendo possivel certeficarnos quais eraõ do Prelado, e quais do subdito, tirounos da duvida, vermos a huma parte todas as peças de huma ossada inteira sem faltar nenhuma, e na outra faltarem muitas. Assi fizemos juizo, que as que tinhaõ falta eraõ as de Frey Vicente, que como de Sancto, e vindas de longe, ouve ao parecer devaçaõ, e occasiaõ pera chegarem deminuidas. Por baixo do moymento corria a letra de Frey Diogo em outra pedra, e dizia assi.

1410.

AQui jaz Frey Diogo Gonçalves Belleagoa Frade da Ordem dos Prégadores; Varaõ approvado em sciencia, e costumes, grato ante Deos por merecimentos, e ante os homens por bons exemplos. Este foy o primeiro Padre, e padroeiro, que corporalmente povoou este Mosteiro, e perseverou em elle até a morte em muita pendençia, e ma-

e maçeramento da carne. Obitus ejus fuit anno Domini 1410. ultimo mensis Augusti.

1410.

Mostra esta letra no estillo, e na forma, e feitio dos caracteres tanta semelhança com a de Frey Vicente, que naõ duvidamos serem ambas em hum mesmo tempo esculpidas. E porque em tudo ouvesse conformidade de parte dos successores, tambem ouve cuidado de se guardar o copo do Padre Frey Diogo, que he peça em tudo semelhante á do companheiro, e em ter tambem sua letra: cujo treslado merece ficar nestes escritos pera testemunho da reputaçaõ em que seu dono estava. E he a que se segue.

HIc est scyphus deuotissimi Patris, zelatoris præcipui nostræ sacræ Religionis hujus conuentus, scilicet, Fratris Didaci Belleagoa, vita, conuersatione mirabilis, humilitate insignis.

Responde em vulgar.

ESte he o copo do devotissimo Padre, e zelador principal de nossa sagrada Religiaõ deste Convento, o Padre Frey Diogo Belleagoa, admiravel em toda sua vida, e trato, e na humildade insigne.

A poz este companheiro de Frey Vicente entraõ tres, cujos nomes colligimos do que fica contado, que saõ Frey Vicente de Portugal, que achamos em Odene, tirando a copia da Bulla do Papa Bonifacio Nono em favor da reformaçaõ, por Mayo do anno de 1401. sinco mezes despois de falecido o Mestre Frey Vicente de Lisboa, e delle naõ sabemos mais, que chamarse Vigairo do Geral, e podia ser hir por companheiro do Mestre Frey Vicente de Lisboa, e nomeallo lá o Padre Geral por seu Vigairo da observancia; o que se deixa entender do cuidado com que requereo, e trouxe pera Bemfica a Bulla, que atraz fica lançada. Nos outros dous temos menos, que duvidar, porque saõ os mesmos, que se acharaõ com as reliquias do sancto Mestre, e Prelado, quando vinhaõ com o triumpho, que temos contado, pera o seu Convento de Bemfica: e consta dos papeis antigos, que hoje temos vivos, que a elles, como a pessoas muito principais do Convento, foy feito o requerimento de Frey Martinho de Cintra Prior de S. Domingos de Lisboa, e pódese crer, que seriaõ os mesmos, que foraõ buscallos em companhia de Pedro Rodrigues de Moura.

Quinto companheiro desta reformaçaõ nos descubrio a Chronica d'elRey Dom Affonso Quinto de Portugal. Saõ de notar as palavras: por isso iraõ pontualmente como nella se lêm.

A Raynha

Chron. de maõ d'el-Rey D. Affonso V. l. 1.

A Raynha Dona Leanor mulher d'elRey Dom Duarte era muy devota, e de muy religiosa vida: porque despois de morto seu marido, e ainda cremos que antes, continuadamente tragia cilicio, e jazia em cubertas de burel, poendo sua carne em grande aspereza, e havia singular devaçaõ em S. Domingos: e ainda alguns tem, que elRey Dom Henrique seu Avó, que era daquella linhagem, e polla devaçaõ, que neste Sancto tinha, havia grande conversaçaõ com alguns Frades da observancia daquella Ordem: entre os quais era hum Frey Joaõ de Moura, que estava em hum Oratorio, que se chama Bemfica. Este homem era o que muitas vezes a confessava; e ou pera se confessar, ou pera outra cousa espiritual, que lhe delle compria, mandava ella por elle: porque era já velho, e ainda quasi cego: pero muy entendido em toda boa, e sancta doutrina.

Atéqui saõ palavras da Historia. E he de saber, que fallecendo elRey Dom Duarte em Thomar apressadamente, como amava muito á Raynha sua mulher, e ella por suas grandes partes o merecia, deixou declarado, que ficasse criando seus filhos, que eraõ de tenra idade, e juntamente governando o Reyno. Era a Raynha filha d'elRey Dom Fernando Primeiro de Aragaõ, que foy Infante de Castella, e chamado nella o Infante de Antequera, e ainda que sancta, e prudente, mulher muito moça. Havia no Reyno tres Infantes cunhados seus todos de madura idade, e de grande valor. Juntos em Cortes com os estados, naõ ouve quem aprovasse o assento d'elRey defuncto; salvo alguns homens, que estando em credito com a Raynha, pretendiaõ ter maõ nos negocios, e governo, e por esta via adiantar suas casas, e valia: e com os olhos em sy, mais que no bem publico, e ainda no particular da Raynha, eraõ conselheiros ambiciosos, e instavaõ com ella, que naõ desistisse do governo, nem da confiança, que seu marido della fizera: e se os Infantes quizessem uzar de força, animosamenre lhes fizesse rosto, defendendo sua causa com a justiça, que tinha, que Deos naõ desempararia, e com muitas, e boas gentes, muitos, e bons criados, que no Reyno estavaõ por ella: e para mais atemorizar os Infantes, se passasse logo a Castella, com que se faria respeitar de maneira, que a seu pesar lhe obedecessem. Inclinavase a Raynha aos pareceres destes; porque naõ cahia na tençaõ de que sahiaõ; e porque todavia a lisongeavaõ dezejos occultos de mandar, taõ occultos, que lhe pareciaõ puro zelo, que tal he a capa com que acomete, e vence até os sanctos a féra pessima da ambiçaõ. E todavia como

mo era muito christam, naõ se quiz resolver, sem dar conta de tudo a seu confessor Frey Joaõ de Moura. Chamouo, communicoulhe o estado das cousas, pediolhe conselho. Era Frey Joaõ dos olhos corporais quasi cego; mas sobejavalhe nos d'alma agudeza de vista pera alcançar, que em se sahir do Reyno, e naõ aceitar os partidos, que os Infantes lhe offereciaõ, fazia contra o Reyno, e contra sy: contra o Reyno, porque o metia em guerras, e levantamentos, que de força haviaõ de ser causa de grandes males; e quando lhe acontecesse vencer, todos os proveitos da victoria haviaõ de ser daquelles, que lha dessem, com muita perda, e damno do Reyno, que mostrava, e tinha obrigaçaõ amar. Contra sy: porque passandose a Castella, perdia por sua vontade tudo o que os Infantes lhe offereciaõ, e huma mulher prudente devia dezejar; que era criar, e doutrinar, e ver crescer seus filhos, servida com todo o estado Real, excepto o peso de entender com o governo da Republica: quanto mais, que naõ só era engano, mas desatino, cuidar que os Reys de Castella, nem outro nenhum Potentado, haviaõ de tomar cuidados, e emprender guerras só pollo respeito particular della: e assi lhe aconteceria perder pera sempre a vista dos filhos, que gerara, desterrarse por seu gosto da terra, que a amava, pera achar nas alheyas magoas, e desesperaçaõ. Ha muitas pessoas, que pedem conselho mais pera ouvir, que pera seguir: mais pera sanear suas determinaçoens, que pera se obrigarem ás alheyas, por boas, e acertadas, que sejaõ. Tal mostrou o successo, que fora a consulta da Raynha. Passouse a Castella, e experimentou brevemente com seu dano, que o bom discurso do Confessor, naõ fora só discurso, senaõ tambem prophecia: acabaraõlhe a vida desgostos, e malencolias: porque naõ achou quem polla remediar quizesse dar hum passo. Este era o juizo de Frey Joaõ de Moura: e delle naõ sabemos outra cousa. Como o Chronista diz, que era velho; e a hida da Raynha pera Castella foy pollos annos de Christo de 1438. porque elRey Dom Duarte seu marido falleceo por Setembro de 1437., entendido fica, que foy dos primeiros seguidores da Observancia, e polla mesma rezaõ dos primeiros companheiros do sancto Mestre Frey Vicente de Lisboa.

1438.

1437.

CAPITULO VII.

Dos muy antigos Padres, Frey Mendo, e Mestre Frey Lourenço, e Frey Fernando de Braga: e do irmaõ leygo Frey Pedro Galego, filhos deste Convento.

PRetenderaõ nossos antepassados (e perfeitamente o alcançaraõ) que antes os tivessemos por descuidados, e froxos em nos dar noticia da perfeiçaõ, com que nesta casa começou, e floreceo por longos annos o verdadeiro rigor da Observancia, que naõ por agudos, e ambiciosos assoalhadores das virtudes dos particulares: cousa, que em certo modo tornava em louvor proprio; e mantiveraõ taõ constante silencio, que enterraraõ comsigo tudo o bom,

bom, que aquella idade dourada da reſuſcitada reformaçaõ produzio, que ſem duvida foy muito. Dá bom teſtemunho o que acabamos de contar da Chronica d'elRey Dom Affonſo Quinto: que ſe ella nos naõ valera, em trevas nos ficara hum tal eſpiritu, como o de Frey Joaõ de Moura: e as meſmas nos eſconderaõ outros dous grandes Conventuaes deſta Caſa, ſe lhes naõ dera luz hum ſancto Sacerdote Eſcritor da muy religioſa Congregaçaõ dos Clerigos reformados de S. Joaõ Evangeliſta, que em Lisboa conhece o povo pollo nome do Convento de Sancto Eloy em que vivem, e algum Hiſtoriador noſſo, ſe contentou ſignificallos polla cor, que veſtem, chamandolhes Frades Azuys. Eſcreveo eſte Sacerdote os principios daquella Congregaçaõ no anno de 1468. e o nome com que por humildade ſe nos dá a conhecer he Paulo, Sacerdote de Chriſto. O livro eſcrito de maõ ſe guarda no Moſteiro de Villar de Frades. O que delle faz a noſſo propopoſito he, que tratando dos primeiros annos, e mocidade do fundador Meſtre Joaõ, que deſpois foy Biſpo de Lamego. Attribue os principios, e augmento das grandes virtudes, com que na mayor idade reſplandeceo, ao trato, e continuaçaõ, que tinha com os Religioſos de Bemfica. Porem as proprias palavras, ſaõ as ſeguintes. Polla qual rezaõ muito a miude hia viſitar huma outra caſa da Virgem Maria, que he dita Bemfica, e eſtá mais arredada da Cidade apices huma legoa, em a qual ſe fundava hum Moſteiro de S. Domingos; porque até aquelle tempo eraõ Paços d'elRey: onde eſtavaõ dous ſervos de Deos de grande vida, SS. Frey Mendo, e Frey Joaõ de Moura. E mais abaixo diz aſſi. Pois a eſtes ſe começou a chegar o devoto mancebo, que já começava a ſer: o qual aſſi como creſcia em idade, muito mais creſcia em virtudes, e devaçaõ. E ſendo elle muito edificado do modo, e vida daquelles ſervos de Deos, ouve com elles muy ſingular familiaridade, &c. He grande parte pera hum homem ſer ſancto, tratar com ſanctos. Daqui veyo inflammarſe tanto em dezejos de deixar o mundo, e ſacrificarſe com Chriſto nos trabalhos da Religiaõ, que deſappareceo hum dia da caſa de ſeus pays, e entrando em Bemfica pedio com inſtancia lhe deſſem logo o habito, que já naõ era em ſua maõ viver huma hora abzente daquelle Senhor, a quem de todo coraçaõ ſe tinha, muito havia, dedicado. Era Meſtre Joaõ filho de gente honrada, e rica, e filho unico em ſua caſa, e collaço de leyte de Dom Joaõ de Caſtro hum dos grandes ſenhores do Reyno. Ficaraõ os Frades ſobreſaltados, e duvidoſos do que fariaõ. Obrigavaos a bondade do ſogeito, fazialhes medo a certeza, que tinhaõ de lho haverem de tirar á força com o poder de Dom Joaõ. Pediaõ ao moço, que ſe ſoffreſſe, e guardaſſe a ſancta determinaçaõ pera mais idade, e melhor tempo: que pois eſtava certo da vontade dos Frades, como elles o eſtavaõ de ſua conſtancia, pouco ſe perdia em ſuſpender a entrada, até com maduro conſelho, e com beneplacito de todos ſe executar. Mal ſe deixa ven-

1468.

L. 1. c. 5. do Padre Paulo.

vencer hum espiritu resoluto: instava, chorava, pedia misericordia, quando sentem á portaria gente junta com armas, grita, e assuada. Entendido o que era, naõ ouve que fazer, senaõ entregallo a seu pay, e parentes: com que foy o corpo, ficando a alma no Mosteiro. Ficou o devoto mancebo sentido do successo; mas nada trocado, nem arrependido do intento; e offerecendo a Deos aquella desconsolaçaõ deu lugar ao tempo, e á paixaõ dos pays. E porque lhe tinha assentado na alma aquelle genero de vida, e fiava de Deos lhe daria meyo, e ordem pera algum dia sem desgosto dos seus a seguir, determinouse em estudar de proposito pera melhor servir despois a Religiaõ. Como estudava com fim sancto, e naõ deixava o trato, e familiaridade dos seus Frades, adiantava maravilhosamente nas letras, e na virtude. Tomou o grao de Mestre em Artes: e porque naquelle tempo era estudo dos nobres a Medicina, deuse a ella, seguindo o gosto dos Pays, que o queriaõ empregado em profissaõ de gosto, honra, e proveito; e parece que naõ estava esquecido o exemplo do Sancto Frey Gil de Sanctarem, cujo primeiro estudo foy este. Sendo muito nobre, e muito rico, chegou Mestre Joaõ a se doctorar nesta sciencia, e a ser Lente della com tanto nome, que o Infante Dom Duarte Principe, e herdeiro do Reyno, lhe deu titulo de seu medico, ainda em vida d'elRey Dom Joaõ seu Pay. Mas pera mostrar quaõ altas raizes tinha lançado em seu peito a doutrina, que em Bemfica recebera, e que do Mundo naõ queria nada, tomou Ordens Sacras, e fezse Sacerdote. Já neste tempo tinha o Senhor communicado á sua alma hum grande dezejo de ver reformado o Estado Clerical secular: e achando alguns Sacerdotes de bom espiritu, tratava com elles o sancto dezenho, e hiaos dispondo pera o seguirem. Porem, ou fosse que por humildade arreceasse o peso da obra; ou que tivesse por mais conveniente tratar só de sua alma, que das alheyas: tornou a entender em tomar o habito de S. Domingos, e professar no seu amado canto de Bemfica. Deste pensamento, diz a Historia, que o divertiraõ os companheiros, affirmando, que de todo perderia o fruito de sua pia tençaõ, tanto que se sogeitasse a arbitrio alheyo. Assi se ficou no Mundo, quanto á profissaõ, mas quanto ao espiritu taõ religioso, e taõ penitente, e austero, como quem mais o era em Bemfica: aonde se hia muitas vezes, e sua mór delicia era gastar com os Frades todas as horas, e dias, que tinha de seu, como quem se havia por verdadeiro filho da Casa no amor, e devaçaõ: o que se affirma mostrou por muitas vias, ajudandoa com sua authoridade, e credito no espiritual, e temporal, dentro, e fóra. No espiritual consolando os affligidos com sanctas amoestaçoens, e no temporal acudindolhes com sua fazenda, como era casa nova, e pobre, e fazendo, que lhe acudissem os Principes, e Senhores do Reyno, que todos o amavaõ, e estimavaõ grandemente. Isto he o que achamos na Historia do sancto Varaõ Mestre Joaõ, per-

Cap. 6. do l. do Padre Paulo.

pertencente ao Mosteiro de Bemfica. Mas se he verdade, que a gloria do discipulo pertence em grande parte ao Mestre que o criou, e doutrinou, muito devemos estimar os filhos desta Casa terse criado no leyte della hum espiritu taõ perfeito, e que Deos tinha escolhido pera fundador de taõ sancta religiaõ.

De mais dos dous Padres, Frey Mendo, e Frey Joaõ de Moura, nos dá noticia o mesmo Escritor Paulo d'outro Padre de Bemfica, quando escreve a vida do Padre Baptista primeiro; e saõ taes suas palavras. Foy requerido de muitos Frades de entrar em suas Religioens, assi dos Jeronymos, como dos Dominicos, assi Claustrais, como da Observancia: com os quais elle havia gram conversaçaõ, por causa do Mestre Lourenço Frade da dita Ordem, homem profundissimo em sciencia, de que elle ouvira, principalmente Grammatica, e Theologia, &c. Como em Lisboa naõ havia outro Convento de Frades da Observancia mais, que Bemfica, bem se deixa entender, que era nosso, este Mestre Lourenço, e bastantemente ficaõ encarecidas suas partes, com o que delle diz o Escritor Paulo.

O mesmo P. Paulo c. 12.

Segue a estes com novo intervallo de annos o Padre Frey Fernando de Braga, de que já nos daõ noticia as memorias desta Provincia, e as de Espanha. Pedio elRey D. Fernando Catholico, reynando em Castella, ao Reverendissimo Geral reformadores pera a Provincia Dominicana de Espanha. Mandoulhe o Geral huma Patente confirmada com authoridade Apostolica do Pontifice Alexandre VI. dirigida ao Padre Frey Pedro Dias, Vigairo Geral, que entaõ era da Observancia, e já de mais Conventos, como ao diante o dirá a Historia. Em virtude della nomeou o Vigairo, pera reformador, em primeiro lugar ao Padre Frey Joaõ Dias Presentado em sancta Theologia (Bacharel era a lingoagem d'entaõ) e a poz e[illegible]e Padre sinalou outros quatro pera companheiros do trabalho; todos moradores deste Convento de Bemfica, e hum delles filho, que era o Padre Frey Fernando de Braga. Naõ se póde deixar de sentir tal inveja do tempo, ou tal descuido dos homens, ficando em memoria o nome de hum, perderse de tres, que pois pera tal ministerio foraõ escolhidos, havendo já outros Mosteiros observantes, força he que creamos deviaõ ser pessoas de grande conta na Religiaõ. Assistio Frey Fernando com seus companheiros no ministerio a que foraõ chamados: e procedendo todos com satisfaçaõ do Rey, que os buscou, e da Provincia que reformaraõ; só Frey Fernando offereceo a Deos ficar desterrado, e fóra de sua Patria: Sacrificio naõ pequeno pera homem Portuguez, pollo excesso, com que todos amamos este nosso torraõ: e he de saber, que ficou sem cargo, nem mando, nem outra superioridade. Affinouse primeiro em S. Pedro Martyr de Toledo: e pouco despois, buscou Convento mais retirado, onde ganhasse, com ser pouco conhecido, ser tambem menos respeitado. Chamase de Sancta Catherina hum que a Ordem tem na Vera de Plazenzia: teve novas, que havia nelle grande exerci-

cio de Oraçaõ, assistindo os Religiosos diante do Sanctissimo Sacramento com tal continuaçaõ, que em nenhuma hora do dia, nem da noite, ficava desacompanhado. Foyse a elle com muito gosto: e como tinha grande fervor de espiritu, pagouse tanto daquella vida, que se affirma, que nunca mais deu hum passo fóra da Clausura, senaõ em communidade. Nunca comeo carne, senaõ por grave doença, e em fim aqui acabou sanctamente. Contavaõ os Conventuaes, que o bom velho, ou polla falta de sono, que acompanha a velhice, quando sobejaõ annos, ou por devaçaõ, tomou á sua conta o officio de espertar ás Matinas; e correndo as cellas (parece que naõ havia na casa sino) chamava cada Religioso com estas palavras. Meu filho vinde ás Matinas de Nosso Senhor.

Mas naõ foy taõ avaro o tempo com hum Irmaõ converso daquella idade, como com os tres companheiros de Frey Fernando de Braga: sinal que era homem de muito preço. Chamavase Frey Pedro Galego. Despois de fazer os officios da Communidade, que tinha á sua conta, com cuidado, e perfeiçaõ; as horas, que lhe restavaõ, dava todas a huma aturada, e devota oraçaõ, que sempre acompanhava com lagrimas, e disciplinas: lagrimas de devaçaõ, e amor a todo tempo: disciplinas de rigor no silencio da noite, quando os membros cansados do trabalho do dia mais necessidade tinhaõ de repouso. E sendo tal pera consigo, era com todos brando, e mavioso, e cheyo de charidade. Pagavalhe o Senhor fiel, e benignissimo com mimos, e favores de filho querido: e foy hum revelarlhe o dia, e hora em que havia de chegar ao fim da vida mortal, e entrar em pósse da eterna. Disseo muito tempo antes aos Frades, e succedeo ao certo.

CAPITULO VIII.

Do Beato Frey Bernardo Arnao de Rivo, que vulgarmente se chama Frey Arnao.

Guilherme Arnao foy hum illustre Cavaleiro Ingrez, que, vindo a este Reyno a Raynha Dona Felipa, com seu pay o Duque de Lencastre a cazar com elRey D. Joaõ o Primeiro, trazia a cargo o governo de sua casa, como seu Vedor, ou Mordomo mór. Por morte da Raynha acostouse com o Infante Dom Pedro seu filho segundo, que muito o estimava, por achar nelle valor de animo, junto com grande prudencia, e conselho; e por tal o honrou, e adiantou em fazenda, despois que teve o governo do Reyno, na menor idade d'elRey Dom Affonso Quinto seu sobrinho, que ficou minino por morte d'elRey Dom Duarte seu Irmaõ. E deulhe a Villa de Sarnache dos Alhos com as terras de Almalaguez, e Sovereiro. Mas custaraõlhe caro estas honras (como he ordinario) a Guilherme Arnao; porque obrigado dellas naõ pode acabar consigo o animo honrado, e agradecido, deixar de o seguir no infelice successo, que indignamente chamaraõ naquella idade Batalha da Alferroubeira: e nelle acabou com seu Senhor, e amigo. Ficaraõlhe dous filhos, Lançarote, e Bernardo.

Parte 2. l. 2. Convento de Bemfica.

nardo. Lançarote, que era mais velho, inda que perdeo as terras do Pay, que foraõ por sua morte confiscadas, achou em Coimbra casamento rico, e honrado, com huma filha de Joaõ Pagem: e delle procedem os deste apellido Arnao, em Portugal. E achamos nos que antes de nós escreveraõ, que tinhaõ estes Irmãos sua descendencia dos Condes de Aro, ou Arondel em Inglaterra, e que a essa conta trazia o Pay por armas quatro Leoens negros em campo de prata, com seu elmo serrado. Naõ me culpe ninguem da miudeza com que nos occupamos neste Estrangeiro, que rezaõ he ficar vivo, e celebre nas memorias da Religiaõ, quem lhe deu hum filho taõ sancto, como foy Bernardo. Vio Bernardo a paga, que o mundo dera a seu valeroso Pay: estava em idade madura; buscou a Deos com discurso, e conselho (ditoso discurso, e ditoso conselho, que nunca se acha, senaõ he do Senhor bafejado) consagrouse a elle no habito de S. Domingos em Bemfica. Começou a vida por aspereza de penitencias, remindo assi o tempo, que lhe tinhaõ levado as vaydades da vida passada. O leyto, em que descansava na cella, eraõ huns feixes de vides: a cabeceira huma pedra: e pera fazer escada, com que subisse depressa ao alto monte da perfeiçaõ, juntava com os rigores corporais huma profunda humildade de coraçaõ, e hum fogo ardente de charidade. Assi era continuo nos mais humildes serviços da casa; tendo por verdadeira nobreza empregarse nelles: e com tanta alegria os exercitava, que muitas vezes lhe acontecia fazer o officio de hortelaõ, e apertar a enxada, como se nascera pera ella. Acudir aos pobres, que á portaria vinhaõ buscar o remedio, era toda sua deleytaçaõ: e por isso senaõ cansava com o officio de porteiro, fazendo outros. O tempo que lhe sobejava destes exercicios, dava todo a Deos em oraçaõ, e naõ só entre dia, mas a mayor parte da noite. Assi foraõ seus passos taõ ligeiros em subir a huma grande, e verdadeira sanctidade, que se contaõ delle maravilhas prodigiosas. Algumas diremos, que saõ publicas, e muy provadas, e andaõ já de muitos annos em escrito: com que ficaremos forrando dar noticia mais miuda dos principios de sua vida. Visto como naõ ha meyo, que melhor descubra as qualidades de qualquer arvore, que os fruitos, que della procedem.

Costumava dizer Missa no Altar de Jesus, que entaõ era o que despois foy de S. Roque, encostado ao Choro da banda do Evangelho, e celebravaa sempre com infinitas lagrimas, e tal se lhe tornava o semblante nesta hora, que mostrava claro reverberavaõ nelle resplandores da luz eterna. Nos principios padecia no meyo da Missa extasis sobrenaturais, que lhe duravaõ grande espaço, arrebatados ao Ceo todos os sentidos, e perdido todo o movimento natural, e até o da respiraçaõ. Diziaõ os ignorantes dos effeitos do espiritu, quando em tal estado o viaõ, que durmia em pé: e naõ faltava quem o comparasse a Grou. Acudio o Senhor a manifestar, que era o sono celestial, e qual elle costuma dar aos servos, que mui-

muito ama. Quaſi nunca dizia Miſſa, que naõ ficaſſe levantado da terra á viſta do povo todo, tres, e mais palmos em alto. Os meſmos raptos lhe ſuccediaõ de ordinario nas horas, que tomava pera oraçaõ, que eraõ todas as que tinha livres das occupaçoens, e ſerviço da Communidade, como á Noa, e completas, e principalmente deſpois das Matinas: e a poſtura era quaſi ſempre em pé: e ainda que as memorias, donde tiramos eſta, apontaõ que tal poſtura era a fim de eſtar mais eſperto; eu me perſuado, que a tençaõ principal devia ſer pera reſiſtir quanto pudeſſe aos raptos, que levantandoo ſempre no Ar, e a olhos, e face de todos, lhe rendiaõ gloria de Sancto; de que muito ſe entreſtecia: porque em ſeu conceito ſe condenava, e havia pollo mayor peccador, que lograva a luz do ſol. Mas o Sol Divino, como ſempre reſplandece com mayores luzes nas almas, que mais fazem por ſe eſcurecer, e aniquilar por humildade, entaõ mais ao vivo uzava de ſeus poderes, vencia todas as reſiſtencias, e a pouco eſpaço de oraçaõ faziao ficar levantado, e pendurado no Ar, aſſi direito, como orava, que parecia huma eſtatua, ou corpo fantaſtico. No que eſtá bem provado o que eſcreve hum Autor moderno bem eſpiritual, que eſtes actos Anagogicos, e de Amor unitivo, o ſinal, que trazem de procederem da maõ de Deos, he naõ ficar de nenhuma maneira ſenhor de ſy quem alcança a boa ventura de os experimentar; e ſe ouver quem diga, que achandoſe nelles, fica todavia com poder, e forças, pera os encurtar, ou eſtender: ou que antes de os poſſuir, poſſa por virtude propria alcançallos, e deſpois de alcançados deſpedillos a ſeu arbitrio: ſeguramente lhe podemos dizer, que nunca ſentio, nem gozou tal mercê.

Fr. Alonſo de Medina l. da oraçaõ c. 13. e 14.

Buſcou Frey Bernardo outro meyo de fugir á gloria do Mundo, já que o naõ podia fazer ao impeto do eſpiritu: determinou furtarſe aos olhos da gente, fechavaſe na cella: aly portas trancadas ſe entregava todo ao Divino Amor, ſubindo com a contemplaçaõ, e affecto ſobre todos os choros dos Anjos: e tanto com mayores jubilos da alma, quanto lhe parecia, que eſtava mais eſcondido. Porem o Senhor pagandoſe muito do animo de ſeu ſervo, tomava occaſiaõ delle, pera fazer mais publica ſua ſanctidade. Acontecia, quando aſſi eſtava encerrado na cella, ſahirem della tays rayos, e reſplandores, que viſtos de noite parecia aos que paſſavaõ perto, que ſe abraſava com fogo; e viſtos de dia, que naõ podia ſer couſa da terra, ſenaõ celeſtial, tal genero de luz. E aſſi naõ ficava menos celebrado por eſta via, que pollos raptos: e com tudo ainda Deos quiz pôr mais na praça os merecimentos de ſeu ſervo. Coſtumaraõ ſempre os Reys viſitar a eſta Caſa: ora com a occaſiaõ da paſſagem pera Cintra: ora convidados da freſcura do ſitio, e obrigados principalmente do amor, que todos tiveraõ a eſta Religiaõ: amor, que ſendo nelles igual pera com todas as Religioens da Igreja; e como de Pays prudentes, que naõ querem fazer differença entre os filhos, por eſcuſarem os deſgoſtos, que da deſigualdade procedem:

cedem : com tudo pera com a de S. Domingos mostraraõ sempre huma muito aventajada benignidade. Possivel he, que obrasse parte destes effeitos o sangue, que sabidamente tinhaõ deste sancto. Reynava neste tempo Dom Joaõ o segundo : Principe, que despois que passou da verdura, e azedo da mocidade, e foy entrando em dias, e idade madura, vencida huma grande tempestade de desgostos, que com seu proprio sangue teve, dos quais foy boa parte ser naturalmente inclinado á desconfiança, facil nas sospeitas, acre, e acelerado nas execuçoens : passou a hum termo de vida taõ entregue a Deos, e aos exercicios de seu amor, que a boca cheya o podemos nomear por sancto. Como tal he cousa sabida, que tinha particular gosto em se retirar alguns dias do anno a este Convento, quando os negocios lhe davaõ lugar ; e se acontecia ficar de noite, aposentavase em huma casa, cujo sitio era o mesmo, que agora toma a porta da Igreja. Era a Igreja muito mais curta entaõ : e como foy crescendo a pedaços, e com parecer aos Frades, que algum dia teria devida proporçaõ (dia que já hoje por grande mercê de Deos gozamos, porque se vay redificando com singular architectura) sempre ficou pobre em fabrica. Tinha o aposento d'elRey sua Tribuna contra a Capella mór, que sendo tambem entaõ muito curta, e estreita (porque a que vemos hoje he obra moderna) fazia tudo mais pequeno, e quasi, como hum oratorio, como he o nome que tem nas Chronicas daquelle tempo. Daqui assistia elRey muitas noites a Matinas, procurando naõ ser visto, nem sentido dos Religiosos : antes acompanhando a devaçaõ, que nelles via, com outra muito cordial sua. E de crer he, que como Varaõ espiritual, e costumado, segundo lemos delle, a obras de penitencia, e rigor, naõ faltaria nellas, onde tudo o convidava. Viaos buscar os cantinhos pera orar cada hum a seu modo : huns prostrados por terra, que parecia quereremse sumir no centro della por humildade, outros em pé com braços estendidos, e olhos ao Ceo, como que queriaõ voar a elle. E naõ ha duvida, que em todos voavaõ as almas, só em Frey Arnao voava tambem o peso mortal do corpo, que se hia apoz o espiritu, como atraz dissemos. Era Frey Arnao continuo em orar diante do Sanctissimo Sacramento despois de Matinas. Ficara huma noite só na Igreja despois dellas : começava a temperar a viola do espiritu, pera lograr aquella hora, convidado da quietaçaõ, e escuridade nocturna, e de se ver só ante seu Senhor : parecialhe que podia dizer : *Inueni quem diligit anima mea, tenui eum, nec dimittam.* Achey meu Divino Esposo, achey aquelle summo bem, que minha alma só ama, e só merece ser amado, lanceime a seus pés, ferreime com elles, naõ haverá força do Ceo, nem poder da terra, que me faça largallos. Hiase assi dispondo ; senaõ quando estalla a alampada, que ardia diante do Sanctissimo Sacramento, e lhe ficava perto : tinem os pedaços do vidro no prato, perdese a luz na agoa, fica tudo em trevas. Qual fosse a occasiaõ do

Chron. d'elRey D. Affonso V.

Resende na sua Chron.

do deſaſtre, naõ conſta, podendo ſer a caſo, ou por obra de Satanas, perturbador em quanto pode dos bons eſpiritus. O que ſabemos de certo he, que acertou elRey de eſtar neſta conjunçaõ no Convento, e naquella hora ſe achou na Tribuna, ou pera orar tambem, ou pera notar como orava o Sancto: e vio, e ſentio, e notou o que temos dito: e ouvio logo hum magoado ſuſpiro, ſeguido de huma ſó palavra, que foy. Ah Senhor! Foy palavra de quem ſentia ficar a Igreja ſem luz; porque ſegundo a pobreza do tempo, nem devia haver outra nella, nem na caſa outro vidro, nem outro fogo, nem remedio facil de o acender. Mas eſtá o benigniſſimo Deos ſempre taõ perto dos que o amaõ, e buſcaõ, e chamaõ de todo coraçaõ, que immediatamente, e ſem haver tempo pera Frey Arnao dar hum paſſo, vio elRey donde eſtava luz nova, clara, e fermoſa, nova alampada, inteira, e reſplandecente, por eſtranho, e repentino milagre reformada: e o meſmo Rey foy o que o contou, e publicou aos Frades: Que naõ quiz o Senhor dar menos honrado teſtemunho, que o de hum Rey, quando a hum ſó gemido do ſervo humilde faz huma maravilha, em que ha muitas maravilhas juntas, reduzindo a primeira forma, e inteireza, vaſo eſpedaçado, tornando a recolher, e compor o liquor eſparzido, e confuſo, e criando nova luz, tudo couſas fóra do curſo natural das couſas. Em qualquer caſo ſabemos, que val o teſtemunho ſingular do Rey por muitos teſtemunhos: porem logo contaremos outros, que paſſaraõ a olhos de muitos, e naõ eſpantaraõ menos. Será no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO IX.

De outras maravilhas, que o Senhor foy ſervido obrar por mãos, e merecimentos de Frey Bernardo.

DAva Deos virtude ás mãos de Frey Bernardo, como a ſuas vozes, e oraçaõ; porque ſe o fervor da oraçaõ fazia força ao Ceo na Igreja, o trabalho das mãos lha fazia tambem em tudo, o que com ellas tocava. Tanta era ſua charidade, que quando ſahia moido, e deſvelado, de eſtar toda a noite em pé orando, amanhecia na horta com a enxada na maõ, pera ter com que recrear ſeus irmãos do trabalho daquella agricultura. Chegara a neceſſidade da Caſa, e a continuaçaõ de ſuprir as faltas com a hortaliça, a tirar tanto pollo que eſtava prantado, que vindo huma menham á horta, achoua em eſtado de naõ ter huma erva verde pera a cozinha, nem pera o refeitorio. Magoado Frey Bernardo do que via, começa a toda a preſſa a ſemear couves, e rabãos. Entendiaõ as mãos na obra, o coraçaõ eſtava com ſeu Deos. Naõ pedia nada, porque ſe tinha por indigno de alcançar. Propunha ſómente a falta: e a hum meſmo tempo penetrava ſua oraçaõ o Ceo: e deſciaõ de ſeus olhos rios de agoa ſobre a terra. Como naõ fructificaria milagres horta ſemeada com oraçoens, e regada com lagrimas? Tornou ſobre tarde a rever o trabalho

balho da menham: acha (caso prodigioso, e nunca visto) couves grossas, e grandes, rabãos crescidos, e perfeitos: entra pollo Convento carregado, passmaõ os Frades, naõ daõ credito aos olhos, nem consentem, que falte Aristoteles de sua Philosophia: *Nil naturale in instanti*. Nenhuma cousa natural se faz sem discurso, e processo de tempo: e he contra natureza darse obra em instante. Inda que tinhaõ visto no Sancto outras cousas milagrosas, esta julgaõ que excede a todas: correm a horta, por ver se achaõ nella hortaliça semelhante, ou se viera de fóra a que tinhaõ visto. Aqui foy o pasmar de novo, que vem canteiros cheyos da mesma hortaliça, e em igual corpo, e proporçaõ, onde na tarde atraz era tudo terra herma, e seca, e em que polla manham viraõ começar a sementeira. Entaõ naõ ouve que fazer, senaõ celebrar, e engrandecer o milagre, louvar o poder Divino.

Mas naõ pararaõ aqui os mimos, que o Senhor fazia a este seu amado. Muito adiante passaraõ em numero, e qualidade, naõ deixaremos nenhum dos que á nossa noticia chegaraõ. Era porteiro, e tinha a cargo a repartiçaõ dos pedaços do paõ, que os Religiosos vaõ deixando como em deposito, pera os que saõ irmãos na pobreza forçada, aos que a seguimos voluntaria. Repartia com gosto, e com largueza: que era o naõ reservar nada por providencia; porque ha gente, que encobre escaceza com capa de querer abranger a outros, e ficaõ em pé necessidades presentes, e certas, á conta das futuras, e duvidosas: Frey Bernardo via o que havia pera os seus convidados; e como nunca saõ muito ricos os sobejos da pobreza, empregava tudo nos que achava presentes, sem reservar nem huma só fatia de paõ. Mas eis que hum dia tendo procedido a este modo, e despejado os almarios, apparecem dous pobres, que se vinhaõ convidar, e com representaçaõ, que haviaõ bem mister o convite. Abrazouse em charidade: era tarde pera buscarem remedio em outra parte: aly naõ havia nada. Que faria? Cerra sua porta, corre ao refeitorio, pede soccorro ao procurador. Responde o procurador com o que era pura verdade, que naquelle jantar ficara varrida a arca do paõ; e que, se Deos o naõ trouxesse de novo, naõ havia pera a noite nem hum bocado. Instou Frey Bernardo, naõ por lhe parecer a reposta astucia de homem tenaz, ou invençaõ de negar (que os sanctos naõ julgaõ mal de ninguem) senaõ persuadido do grande affecto da piedade, e confiança que tinha em Deos: que todavia quizesse buscar, e ver, se achava alguma cousa, com que consolar os novos hospedes. Antes, disse, o procurador, porque vejais que fallo verdade, tomay esta chave, ou vamos ambos: vereis tudo, dareis fé a vossos olhos, pois a naõ dais a meu dito. Chegaõ juntos, abre o procurador a arca, e juntamente fica attonito, e sem saber formar palavra, porque a vê cheya de paõ, sendo assi, que poucas horas antes a deixara de todo vazia: e naõ corrido de ser acolhido em mentira taõ proveitosa, publicou o milagre por

obra nascida de sancta confiança, e charidade de Frey Bernardo.

Outro dia sahia do Refeitorio contra a portaria, com a aba do escapulario feita alforge de muitos pedaços de paõ, e com passos apressados, como quem levava riqueza (erao esta pera a sua condiçaõ) e ou fosse que o Prelado tivesse posto taxa naquelle genero ne esmolla, ou ordenado outra hora pera ella, ou que Fr. Bernardo fosse com seu fervor de espiritu considerando, que saõ flores offerecidas a Deos, as migalhas, que damos aos pobres; dando de rosto hum com o outro, levantou o Prelado a voz, como que colhia o subdito com furtos nas mãos, e perguntou, que levava: sem receber alteraçaõ, naõ fez mais o porteiro, que dizer trago rosas, e estendendo o escapulario alegrarlhe os olhos, e espantallo, com as mais bellas, e mais frescas rosas, que nunca no mesmo sitio criara amoroso Abril: sendo assi que foy o successo em dias de hum frio, e destemperado Dezembro.

Acontecia muitas vezes fazeremse horas de jantar, e naõ haver paõ em casa: acertava de vir á noticia do Sancto; caminhava pera o choro, prostravase em oraçaõ. Andava quasi a par com a petiçaõ o remedio; acudia o mantimento na mesma hora, donde, e quando menos era esperado.

Estes casos, e outros lhe tinhaõ acquirido nome de sancto com grandes, e pequenos: el-Rey D. Joaõ segundo, por seu respeito folgou de fazer mercê a este Convento de huma boa fazenda, que possue, junto á villa da Eiriceira, que chamaõ os Casais de Ilhas, e rendem quasi vinte moyos de paõ: e polla mesma rezaõ continuava mais com os Frades. A Raynha D. Leonor lhe tinha tanta devaçaõ, que todas as vezes que o via, o tratava, e honrava como a grande Sancto; e estimou alcançar delle, porque neste tempo era já muito velho, que huma vez cada anno a visitasse: e em todo tempo foy nelle cousa muy rara apparecer fóra do Convento.

Os doentes, que o conheciaõ, se lhe encomendavaõ: e era com taõ bom successo, que Rodrigo Affonso da Autouguia senhor de Bellas, e instituidor daquelle morgado, naõ se contentou com menos, que mandallo retratar em hum paynel do retabolo da capella que aly tem. Foy a causa, que estando apertado de huma perigosa doença, e sentenceado á morte pollos medicos, que tinhaõ desconfiado delle, mandou huma manham, que fossem correndo a visitar o Sancto, e pedirlhe soccorro diante de Deos. Era conjunçaõ, que sahia pera celebrar: prometeo lembrança, e foy ella tal, que quando o messageiro tornou a casa, estava o doente naõ só melhorado, mas inteiramente saõ, ou pera melhor dizer resuscitado: e fezse pintar tambem a sy, posto de joelhos aos pés do Sancto, como dandolhe graças da saude.

Entre cousas tamanhas, naõ parece menor a que agora diremos: e será a ultima de sua vida, por abreviarmos. Assistia hum dia a humas completas com toda a Communidade: eis que a poucos versos do primeiro Psalmo,

O Bispo de Monopoli na Chron. da Ordem p. 3. l. 1. c. 89.

mo, soaõ apressadamente as taboas, que servem de espertar o Convento. He instrumento, que todas as vezes, que fóra de horas se ouve, causa torvaçaõ: porque he final de morte em algum de casa. Foraõ sahindo os Religiosos todos hum traz outro apressuradamente: sô Fr. Bernardo, nem ouvio o rumor das taboas, nem vio sahir os Frades. Taõ enlevado estava no que resava, e no Senhor que louvava (ditoso trasportamento) que naõ deu fé de nada: e assi naõ fez movimento, nem deixou de continuar o Psalmo. Passada a necessidade, que tinha levado os Frades: que fora hum paroxismo de hum enfermo, que por parecer termo de acabar, dera occasiaõ ao Enfermeiro tocar as taboas, foraõ tornando pera começarem de novo suas completas: mas postos na porta do choro, ouvem Frey Bernardo, que entoava o versiculo. *In manus tuas Domine*, *&c.* e hia proseguindo como se tivera o choro cheyo de Frades, que respondessem. Naõ se espantaraõ por entaõ, parecendolhes, que era força do espiritu de Frey Bernardo, que como andava sempre absorto em amores Divinos, morava sua alma mais no Ceo, que amava, que no corpo, que animava. Differaõ suas Completas. E toda via ouve huns curiosos que lhe perguntaraõ despois, que queria dizer em homem sisudo, ficarse no choro, quando todos despejaraõ; e já que ficara, hir cantando só. Respondeo quanto ao primeiro, que facilmente lhe foy crido, por ser conhecido o enlevamento perpetuo de seu espiritu, que naõ vira sahir os Frades: e quanto ao segundo, affirmava, que nunca deixara de ver o Choro cheyo, nem lhe faltara companhia, e reposta em todos os versos dos Psalmos, até o ponto que de novo entoaraõ. Era a virtude, e verdade de Fr. Bernardo taõ provada, que naõ ouve ninguem, que duvidasse do que dizia: e fazendo reflexaõ, e discurso no que podia ser, assentavaõ que o Pay Omnipotente Deos de todo o criado, que em todo lugar faz Corte, e se acompanha de milhares, e milhares de espiritus Angelicos, mandara aos que aly lhe assistiaõ, que mantivessem Choro a Fr. Bernardo, e suprissem a falta de seus irmãos. Sinal claro, que a resa deste seu servo era muito agradavel diante do Divino acatamento: e final certo que temos comnosco nas Igrejas, onde está Christo Sacramentado, exercitos de Anjos, que como humildes ministros a seu Rey, assi lhe fazem Corte, e perpetua assistencia. Pollo que desde entaõ pera cá ficou assentado, e corrente nesta Provincia, que todas as vezes que o thuribulario encençasse o Choro, como se usa nas festas, fizesse igualmente, e sem distinçaõ a todas as cadeiras a mesma cerimonia, dando por certo, que nas em que faltaõ Religiosos, assistem Anjos. E isto se segue, sem embargo do que dispoem o nosso Ordinario, que he terse respeito sómente ás que estaõ occupadas de Religiosos, e naõ ás outras.

Era entrado o anno de 1502. e Frey Bernardo andava taõ consumido da muita idade, que era como milagre poderse ter em pé: porque se he verdade, como achamos

mos em algumas memorias, que naõ só era já nascido, quando seu pay veyo de Inglaterra com a Raynha Dona Felipa, mas que o acompanhou na jornada, de força havemos de confessar, que, por muito minino que viesse, passava neste tempo de cento, e quinze annos. Neste passo dezejo dar graças a Deos em brados, que soem pollo mundo todo, pollo grande cuidado, que tem dos seus até no temporal. Naõ abrevia os annos a vida da Religiaõ, por austera, e aspera que seja: a froxa, e deliciosa he a que os corrompe, encurta, e acaba. Em dous de Mayo vespera da Sancta Cruz livrou o Senhor a seu servo Fr. Bernardo Arnao de taõ longa, e cansada vida, longa de dias, cançada de penitencias. Foy enterrado no Capitulo: como era amado de todos, despois que desappareceo aos olhos entaõ se enxergou mais quanto o estimavaõ. Havia grande concurso de gente a sua sepultura de todo o estado, e sexo; e o que cada hum sentia em sy de bem com as oraçoens, que lhe fazia, era causa de ser mais buscado, e mais visitado morto, que quando o tinhamos vivo. Assi pareceo aos Religiosos, que se devia a esta devaçaõ darlhe, mayor copia do Sancto, passandoo pera a Igreja: o que tambem seria meyo de ficar com a honra que sua sanctidade merecia. Veyo a ter effeito este pensamento no anno de 1516. Abriose no corpo da Igreja na parede fronteira á Capella, e Altar de Jesu, huma concavidade capaz de hum pequeno Archete, que se fabricou nella, com feiçaõ de tumulo, ornado por diante de huma taboa de bom marmore, e cuberto de outro a feiçaõ de tumulo: aqui se passaraõ os ossos sanctos, assistindo a Communidade a celebrar o acto com toda a pompa possivel. Ao passar estavaõ alguns Religiosos com toalhas, purificandoos da terra: e era o cheiro, que delles sahia, taõ vivo, e taõ suave, que vencia todos os ambares do mundo. E ouvimos a Frades velhos, que contava o Doutor Diogo de Lemos, que na Missa da tresladaçaõ foy Diacono, e tambem ajudou a tirar da terra as sanctas reliquias, que mais de dous mezes lhe ficara nas mãos a mesma fragrancia. E assi o refere o Mestre Frey Antonio de Sena na Chronica geral da Ordem. Foy o respeito desta collocaçaõ quererem os Padres conformarse com a lembrança, que havia da continuaçaõ com que o Sancto celebrava diante do sancto Crucifixo, quando estava no Altar, que agora he de S. Roque. A letra, que se esculpio na face da pedra, diz assi.

1516.

Chron. da Ord. f. 281. An. 1500.

AQui jaz Frey Arnao da Ordem dos Prégadores, verdadeiro Religioso, que por toda esta terra deixou singular cheiro de sanctidade. Falleceo a 2. de Mayo de 1502. *annos.*

Deste tempo ficou em memoria, que adoecendo de huma esquinencia, julgada dos medicos por mortal, Ruy Mendes de

de Vaſconcellos ſenhor do Pedrogaõ grande, e de Figueiró dos vinhos: e tendo a garganta taõ cerrada, que nenhuma couſa podia paſſar, e ſobre tudo padecendo graviſſimas dores, com que ſe dava por morto, tomou por ultima medicina o que pudera matar mais depreſſa: deixa a cama, e a caſa abrigada, meteſe em humas andas, toma conſigo quem lhe contava as virtudes do Sancto, que era hum ſobrinho do meſmo; caminha pera Bemfica, buſca a pedra fria depoſitaria de ſuas reliquias: chega a ella o roſto, e o peſcoço, pedelhe ſua interceſſaõ, e valia com Deos. Acudiraõ os Religioſos á Igreja, quando ſouberaõ quem era, pera o acompanharem. Divertioſe com elles em practica, e pareceolhe que ſe deſcuidara hum pouco do mal que trazia, ou o mal delle: e tornando ſobre ſy, foyſe achando taõ deſafogado, e taõ outro do que viera, que ſe atreveo a entrar com os Frades no Refeitorio: e com entrar ſó por devaçaõ, e ſem fazer conta de comer, porque naõ eſperava poder levar nada, foy Deos ſervido creſcer tanto a melhoria, que diſſe logo ao Prior, que ſem duvida o ſancto fizera milagre por elle, porque ſe ſentia ſaõ: e em teſtemunho comeo deſpejadamente do que havia no Refeitorio quem nos dous dias antes fazia taõ pouca conta da vida, que a cada momento ſe dava por enterrado. Dizem que deſpedindoſe dos Religioſos, lhes pedio affectuoſamente, que trataſſem da canoniſaçaõ de quem aſſi ſabia remediar males mortais, prometendo ajudalla com huma muito groſſa eſmolla.

CAPITULO X.

Do Doutor Frey Antonio Freyre.

O Padre Meſtre Frey Antonio Freyre, que achamos nomeado com titulo de Doutor ao uzo antigo, ſendo de idade de dez annos, era já entaõ devoto de Noſſa Senhora, porque lhe diziaõ ſeus pays, que naſcera em hum dia de feſta ſua. Teve hum ſonho, que ſegundo o ſucceſſo bem podemos chamar revelaçaõ. Parecialhe que via a Virgem Sanctiſſima veſtida de reſplandores eternos, e que lhe dizia, que entraſſe na Ordem de S. Domingos. Diſpoſſe logo a obedecer como a chamamento Divino: e com goſto dobrado, porque tinha já na Ordem dous irmãos. E daqui em diante com os olhos ſempre na Senhora, que delle tivera tal cuidado, todos os actos importantes, que na vida fez, procurou que foſſem em feſtas, e dias ſinalados ſeus, offerecendoſelhe ſempre de novo pollo meyo delles. Pedindo o ſancto habito, foylhe mandado dar no Convento da Batalha. Quando o ouve de veſtir traçou as couſas de maneira, que foy em huma feſta da Senhora. Do anno de provaçaõ paſſou huma parte naquelle Convento, e outra neſte de Bemfica, e em fim fez aqui ſua profiſſaõ. E por eſta cauſa tratamos delle, como de filho de Bemfica. Mas a mudança dos Conventos, naõ lhe tirou eſperar dia feſtival da Virgem pera profeſſar: e o meſmo fez deſpois, quando ouve de dizer miſſa nova. Naõ temos Eſcritura, que nos diga os meyos com que comeſſou ſua vida; e como

como procedeo em noviço; mas podemos fazer boa conjectura pollo que ſabemos de como viveo na mayor idade, que na verde, aſſi como huma boa criaçaõ aſſegura bom proceſſo no tempo adiante, aſſi o bom proceſſo da mayor idade, he certo indicio de bem lançados fundamentos no tempo atraz. Sabemos de Frey Antonio deſpois de entrado em annos mayores, que nunca uzou de lenço em tunicas, trazendoas ſempre de aſpera eſtamenha. Nunca comeo carne, comia pouco, dormia menos, e pera mais tyranizar eſta parte principal, e neceſſaria da vida humana, que he o ſono, dormia veſtido, e todas as noites infallivelmente, des que anoitecia até polla menham, tomava ſinco riguroſas, e vagaroſas diſciplinas, á honra das ſinco precioſas Chagas do bom Jeſus. E tinha feito tal habito, e goſto deſta penitencia, que nem caminhando por eſtalagens, e gaſalhados eſtreitos, era em ſua maõ deixalla. Como a naõ fazia por vamgloria, ſenaõ ſó com os olhos em Deos, davalhe pouco dos juizos, que o mundo podia fazer. Com eſtas ajudas, e com a de hum bom juizo, e habilidade natural, de que era dotado, adiantou muito nas letras, e ſubio ao gráo de Doutor, e a grande nome na prégaçaõ: deſpois que foy Sacerdote, nunca lhe paſſava dia ſem dizer ſua Miſſa; que celebrava precedendo ſempre confiſſaõ, e bom eſpaço de oraçaõ. E como levava tal aparelho, faziaõ eſpanto os eſtremos de devaçaõ com que aſſiſtia a ella. Tantas eraõ as lagrimas, que ſeus olhos vertiaõ des que começava a conſagrar, até conſumir, que os Corporaes naõ ficavaõ em eſtado de poder celebrar outrem com elles. Na devaçaõ de Noſſa Senhora creſceo grandemente com os annos, e a do ſeu Roſario eſtimava tanto, que ſempre trazia hum ao peſcoço, e ſobre o capello. Como ſahio das eſcollas, e começou a ſer ouvida ſua prégaçaõ em Lisboa, acodialhe a terra toda: e muitos annos prégou a elRey Dom Joaõ em Lisboa, e Evora, ouvido ſempre com grande aceitaçaõ. Entrado em dias, quiz a Ordem aproveitarſe de ſeu exemplo, e bom governo. Foy eleyto muitas vezes em Prior, huma de Coimbra, outra no Porto, outra em Bemfica, tres em Evora, e pollo tempo em diante, chegou a ſer tres vezes Vigairo Geral da Provincia. Mas antes diſto ſendo eleyto Biſpo de Portalegre: Dom Juliaõ Dalva Capellaõ da Raynha Dona Catherina, que com ella viera de Caſtella, dezejoſo o Prelado de aproveitar ſuas ovelhas, naõ achou melhor meyo, que levar conſigo a Frey Antonio. Tanto ſoube fazer, que o obrigou a reſidir com elle dous annos, em que fez notavel fruito por toda a terra, prégando incanſavelmente por todas as villas, e aldeas, ſem deixar nenhuma, e fundando em todas as confrarias do nome de Deos, contra juramentos, e blasfemias: em que naquelles tempos tinha introduzido o inferno geral devaſſidaõ. Aſſi ſe affirma, que tirou muitos abuſos, ſuperſtiçoens, e ignorancias, com que a Dioceſi ficou, naõ ſó melhorada, mas trocada em outra. Só Frey Antonio naõ fez nunca mudança em ſeu modo de vida. Contaſe

taſe por maravilha, que com comer quotidianamente á meza do Biſpo, nunca já mais perdeo o eſtylo ſancto dos Clauſtros de S. Domingos de naõ tocar carne. Faltava muitas vezes o peixe na meza Biſpal por aſpereza do tempo, e por eſtar longe o mar, mas naõ faltava em Frey Antonio ſeu bom coſtume. Grangeoulhe eſte genero, e conſtancia de vida tanto nome, que elRey Dom Joaõ ſe confeſſou algumas vezes com elle, e mandou ao Principe Dom Joaõ ſeu filho, que fizeſſe o meſmo. E contava ſeu grande valído, e grande ſabio, o Conde da Caſtanheira, que ſe ouvera Frey Antonio com elle, como Varaõ verdadeiramente Apoſtolico: dizendolhe com liberdade algumas couſas muito importantes ao ſerviço de Deos, e bem do Reyno: e que ſentindo em elRey tençaõ de lhe querer dar o titulo, e honra de ſeu confeſſor, elle meſmo com bom termo o deſviou diſſo.

Chegando a ter cumpridos ſeſſenta, e quatro annos, hum mais ſobre o Critico, que tanta, e boa gente tem tirado ao mundo, annos bem occupados, e bem trabalhados todos, recolheoſe no Convento de Lisboa: naõ a deſcançar, como pudera pretender, mas pera morrer. Ordinario he nas couſas naturais ſer mais apreſſado, e mais violento o movimento das que buſcaõ o Centro, quando eſtaõ mais perto delle, e dobrar forças ao remeiro o goſto de ver o porto. Aſſi aconteceo a Frey Antonio: Jubilado eſtava por muitas razoens; nenhuma quiz, que lhe valeſſe. Esforçouſe no cabo pera trabalhar mais. Vinte ſeis annos lhe tardou a morte, deſpois que fez conta que a tinha á porta; e a vinha receber em Lisboa: e tal vida fez nelles, que he bem de eſpantar, como a pode aturar tantos: muitos a vimos com os olhos, e por iſſo naõ paſmamos della: ſendo certo, que ſe de algum muito antigo Anacoreta no la contaraõ, nos aſſombrara. Todas as noites, ſem faltar nenhuma, tomava as ſuas ſinco diſciplinas, como atraz diſſemos: todas ſe levantava á meya noite, e aſſiſtia nas Matinas de Noſſa Senhora, e nellas por ſua devaçaõ fazia o officio, que ordinariamente ſe dá a hum Irmaõ moço de caſa dos Noviços, que he dizer hum verſo, e a Communidade toda reſponder, e reſpondendo, e alternando outro. Quando eraõ quatro horas da manham no veraõ, e ſinco no inverno, eſtava levantado; e dizia a Miſſa d'Alva, no altar de Jeſu, onde ſempre celebrava: e no cabo da vida, hum anno, e meyo, antes do fim acreſcentou canto de Ciſne: que foy fazer ſempre huma practica deſpois de Miſſa, na qual tudo era eſpiritu, e fervor do Ceo. Aſſi ſe enchia a Igreja: porque do mais afaſtado da cidade acudia muito povo a edificarſe com o que viaõ nelle, e com o que lhe ouviaõ. Daqui ſe hia pera a cella, e deſſa naõ ſahia ſenaõ era pera o Choro, e lugares da Communidade, ou a ver algum Frade doente. Na cidade naõ viſitou nunca ninguem, ſenaõ em alguma extrema neceſſidade, ou por negocio muy forçado de charidade. Antes de hir a jantar rezava hum officio inteiro de defunctos, e iſto era tarefa de cada dia em

que

que nunca faltava. O resto do dia passava em oração, e estudo: esta forma de vida continuou todos os vinte seis annos sem della discrepar hum ponto; até dous dias antes da morte. Ajudavao huma muy robusta disposição de que era dotado, não sendo nunca doente, nem sentindo dores. Dos que as tinhão, ou padecião doenças, ou outros trabalhos, se compadecia muito: consolavaos com charidade, e lembravalhes o dito de S. Gregorio. *Mala, quæ nos hic premunt, ad Deum ire compellunt.* Quasi dizendo, os males, que nesta vida nos perseguem, são meyos de buscarmos a Deos: e se a isto nos forção boas venturas são, e não males; e acrescentava. *Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei*: que pera tanto bem, como he reynar com Deos, justo he, e necessario, que nos custe muita tribulação, e muito trabalho. Mas logo tornava sobre sy; humas vezes dando graças a Deos polla saude, e boa disposição, que lograva, até na ultima velhice, onde tudo costuma ser labor, e dolor: outras enchiase de medo, e tristeza, porque avia, que como a fraco, e pera pouco lhe perdova Deos a perseguição de doenças, de que tantos se queixavão, e dizia consigo. Que ha de ser deste peccador? vida tão longa, e tão poucas dores? repartindo o Senhor tantas entre seus servos, a ti nenhuma? Medo tenho, que he pera mayor mal. Assi se queixava o bom velho, e dezejando acompanhar seus proximos nos trabalhos, com tomar parte nelles: quando veyo o mayor de todos, que foy da peste geral, e grande do anno de 569. que abrasou esta cidade: quando não havia peito izento de medo, quando todos fogião: então animosamente se deixou ficar na cidade, e no Convento. E fez de sua vida a Deos voluntario sacrificio em serviço do povo affligido. Tão desassombrado entrava polla casa da saude (este era o nome do Hospital da peste) e por entre hum numero infinito de homens, e mulheres, que ardendo na miseravel contagião esperavão a morte, como se nelles nenhum mal ouvera. Consolava huns, animava outros: ajudava a bem morrer os que hião acabando: visitava os nossos Religiosos, que naquelle purgatorio erão então os primeiros enfermeiros; e como se virão hum Anjo do Ceo, assi se alegravão com elle. Era tempo de grande tormenta, e tribulação, tempo de ganhar o Ceo. Assi o ganharão nesta conjunção muitos homens ricos, abrindo as bolsas por seu conselho, e repartindo groças esmolas, de que elle foy fiel, prudente, e cuidadoso despenseiro. Mas como não seria bom repartidor do alheyo, quem tudo o seu soube dar por Deos? São os livros entre todas as alfayas, a que com mais rezão se ama de quem sabe conhecer o preço das que merecem ser estimadas. Alguns annos antes da peste fora corredor, e messageiro della neste Reyno huma universal esterilidade de todos os fruitos, que causou apertada fome. Era peste dos pobres: porque triunfando os ricos, e dando a suas riquezas as graças de seu remedio, só os pobres padecião de muitas maneiras, já na falta da sua sustentação propria, já

1569

na

na dor de ver perecer a mulher, e estallar o filho. Que faria Frey Antonio neste passo? possuhia huma copiosa livraria, dadiva, que fora do Bispo D. Juliaõ d' Alva, acrescentada com a liberalidade de Jorge da Sylva, fidalgo muito rico: e igualmente largo de condiçaõ, e seu amigo: foyse hum dia ao Prelado, e propoz assi. Tenho, Padre, muitos livros, e muito bons: e ou porque seu dono he já acabado, ou porque todos, e tudo pára nisto, estaõ feitos mantimentos da traça, das aranhas, e do caruncho: melhor será, que o sejaõ dos pobres de Christo, que andaõ por essas ruas cahindo com fome. Mantenhaõ aos pobres, postos na praça em venda, antes que aos bichos estando nas estantes ociosos. Deu o Prelado licença, vendeo todos, ficandose só com alguns de devaçaõ, remedeou muitas necessidades.

1575. Entrou o anno de 1575. e elle andava ao justo nos noventa de sua idade: mas como se tivera ametade menos, assi continuava com todos os exercicios, que atraz temos dito, sem faltar ponto: e todavia fallava muitas vezes na morte, ou porque a esperava por horas, ou porque a naõ temia: e dizia, que se Deos lhe ouvesse de cumprir seus dezejos, e o que em suas oraçoens pedia, naõ queria deixar o mundo com doença comprida, e morte dilatada, como he ordinario nos que morrem de velhice: no que affirmava naõ se ter respeito a sy, nem a seu trabalho, senaõ só, considerando a pena, e carga, que daõ nas Communidades doenças largas com trabalho igual dos que as curaõ, e dos mesmos que as padecem. Até neste particular quiz o Senhor conceder com a tençaõ pia de seu servo: adoeceo aos sinco de Mayo deste anno huma quinta feira, acabou ao Domingo, que se contavaõ oito: dia em que no Convento se fazia a festa de Sancta Catherina de Sena. Foy doença de moço, colica com inflammaçaõ, e dores agudas, e taõ vehementes, que em tres dias o consumiraõ. Mas naõ se póde passar depressa polla paciencia, e bom termo com que nesta afflicçaõ se ouve. Edificaõ sempre as palavras, e obras dos Varoens exemplares: mas as do fim da vida parece que trazem fogo, e o pegaõ nas almas. Na mór força das dores repetia sempre o dito do Apostolo. *Non sunt condignæ passiones hujus sæculi ad futuram gloriam, quæ reuelabitur in nobis.* Como se dissera, nenhum peso de tribulaçoens da vida presente, póde chegar a merecer o bem da gloria que nos espera. Parece, que se lhe descubriaõ já os Orizontes della, ou que fallava com experiencia, como taõ espiritual. Era o mal de fogo, causava securas, abrasavase com sede. Acudiaõlhe os enfermeiros com agoa cozida, ordenada pollos medicos pera temperar a furia do ardor sem dano; e elle tomandoa, dizia devotamente. Fel, e vinagre achastes vós meu doce Jesu na vossa sede, que por salvar peccadores padecestes, e eu sendo o mayor desses mesmos peccadores, acho na minha quem me acode com agoa medicinal, e boa. *O Domine saluum me fac, quoniam ego seruus tuus sum*: salvaime bom Senhor, que ainda que máo, sou servo vosso, e vós a salvar viestes, e naõ a julgar.

Naõ havia quem duvidasse ser tal doença de chamamento final, e o bom velho o teve por taõ certo, que no primeiro assalto do mal, pedio logo que lhe dessem o sancto Viatico, pera com tal soccorro entrar com esforço na temerosa jornada. Fez officio de Parrocho o Provincial, e perguntandolhe, como he costume, se cria, que estava debaixo daquelles accidentes, e representaçao de paõ o verdadeiro corpo de Nosso Senhor Jesu Christo, Deos, e homem verdadeiro; alegre, e prontamente, e com abundancia de devotas lagrimas, respondeo. *Nihil est aliud, quod verius credi possit.* Naõ ha cousa nenhuma, que com mais verdade se possa, e deva crer. Conseguintemente requereo o Sacramento da Unçaõ: e lembrandolhe o Padre Provincial, quando lho ministrou, que pedisse perdaõ a todos os Padres: acudio com grande humildade com estas palavras. Si peço, e tenho muitas razoens de lho pedir. Pareceo, que as mantas em que jazia, acenderiaõ mais a inflammaçaõ: lançaraõlhe huns lençois de estopa pouco mais amorosos, que o saco das mantas: sofreos, como quem já naõ sentia bem, nem mal; e serviraõlhe dous dias em noventa annos de vida. Entrando em artigo de morte fez huma breve practica a huns irmãozinhos noviços, que o acompanhavaõ. Lembravalhes que deviaõ muito a Deos elles, e todos aquelles que ao estado da religiaõ vinhaõ em tal idade: meninos em annos, e naõ abocanhados do mundo em vicios. Que isto valeria aos nossos sanctos canonizados, pera o grande bem, que de todos se contava, que foy naõ cometerem nunca peccado mortal: que a vida larga, e a curta, era tudo huma vaidade, e sombra. Pois pera os noventa annos, como pera os vinte havia huma febre, que levava á sepultura: e só dava consolaçaõ na ultima hora o tempo bem vivido nos claustros da Religiaõ, e o serviço de nosso Senhor, como experimentariaõ, quando chegassem a verse a braços com aquelle temeroso passo em que o viaõ. Acabou taõ longa vida sem lhe faltar dente na boca, nem sentir outra nenhuma quebra nos sentidos, das que a velhice costuma executar nelles: que he o mesmo, que de S. Agostinho se escreve. E tambem podemos inferir, naõ do que fallou morrendo, senaõ de como procedeo vivendo, que foy hum dos que, sem mortalmente tropeçar, passou sua carreira. Jorge da Sylva seu amigo lhe honrou a sepultura com campa, e letreiro, e os Religiosos todos com lagrimas, e saudades, principalmente, quando despois de morto, se acharaõ juntos nas primeiras Matinas de N. Senhora, e ouviraõ differente voz daquella, que de tantos annos seguiaõ, e conheciaõ. Tal foy o sentimento, que atou as linguas em geral, e quasi naõ ouve quem respondesse aos versos. Consolaraõse muitos com guardar peças suas, como reliquias de preço.

CAPI-

CAPITULO XI.

Dos Padres Frey Lopo da Corda, Frey Diogo de Lemos, e Frey Antonio d'Azevedo, e do Irmaõ Leygo, Frey Reginaldo de Sancta Maria.

FRey Lopo da Corda se quiz chamar na Religiaõ hum famoso Doutor em Canones, que despois de ter dado a melhor idade ao mundo, e servindo longos annos o officio de Desembargador dos aggravos na casa, e corte da Supplicaçaõ, soube acolherse a sagrado na velhice, e rematar huma larga vida com muita sanctidade. A causa de tomar tal nome naõ pudemos averiguar. Parece, que devia ser devaçaõ do Serafico Francisco, seguindo no nome o que naõ fazia na Ordem. Contase delle, que de conformidade, e como em conjuraçaõ (ditoso conjurar) tomou o habito neste Convento de Bemfica com hum sobrinho, que tinha, e hum criado que o servia, e ficou em memoria, que era notavel o fruito, que sua prégaçaõ fazia em toda esta vezinhança, respondendo o espiritu, com que fallava no pulpito, ao com que buscara a Deos no habito.

Por perfeito Varaõ celebraõ as lembranças deste Convento outro Doutor em melhor sciencia, que he a sancta Theologia. Chamavase Frey Diogo de Lemos, e foy o mesmo de quem atraz escrevemos, que deu testemunho da sanctidade de Frey Arnao, com o cheiro, que lhe ficou nas mãos, só de passarem por ellas os ossos sanctos. E bem podemos crer, que senaõ pega tanto o cheiro dos sanctos, senaõ em mãos, que o merecem por pureza, e sanctidade. Sobre as virtudes particulares deste Padre, deulhe fama, e nome hum livro, que compoz da vida de nosso Padre S. Domingos, illustrado de doutrina, e conceitos concernentes á vida religiosa, deduzidos todos dos exemplos do mesmo Sancto, que imprimio no anno de 1525. e dedicou á Madre Dona Joanna da Sylva primeira Prioressa, e fundadora do religiosissimo Mosteiro da Anunciada de Lisboa, e a Raynha Dona Leanor terceira, e ultima mulher d'elRey Dom Manoel, que pouco despois foy Raynha de França, mandou fazer o gasto da Impressaõ.

1525.

Adiante na 3. p. l. 1. c. 4.

Filho deste Convento foy o Padre Frey Antonio de Azevedo, de quem ao diante faremos mais larga mençaõ, quando em particular tratarmos do serviço, que a nossa Ordem fez a todo o Reyno no mal da peste, que por tres distinctas vezes gravissimamente o afligio: porque elle foy o primeiro, que se offereceo, e deu a vida por remediar os enfermos do hospital publico, que se fez fóra da cidade com nome de casa da Saude, tomando sobre sy toda a administraçaõ delle, temporal, e espiritual: e porque a carga era mayor, do que podiaõ levar forças humanas, sendo o numero dos enfermos infinito, acabou a vida dentro de poucas semanas; vencido mais da força do trabalho, que tomava, em acudir a todos com os remedios de corpo, e alma, que do mal da contagiaõ. Acompanha a tres muy religiosos Padres, ricos de nome, e letras, hum muy religioso

Adiante p. 3. l. 6. c.

so Irmaõ Leygo, pobre, e desconhecido em tudo o mais; mas criado com elles nos mesmos Claustros. Taõ desconhecido, que se affirma delle, que em quarenta annos, que aqui resídio, nunca pedio licença pera sahir de Casa, nunca dormio fóra della. Quer Plutarcho, que a boa, e honrada mãy de familias naõ tenha nome, nem seja conhecida mais, que de suas portas adentro. Aqui parem todos seus cuidados: daqui naõ faya sua fama: porque aquella, que prudente, e virtuosamente soube governar sua familia, naõ tem pera que buscar mais honra, que a que ganha, parecendo bem áquelles com quem vive; e sendo estimada dos que rege, e manda. Esta reclusaõ amava Frey Reginaldo de Sancta Maria, que tal era o nome do nosso Leygo. Mas os fins eraõ muy differentes. Sabia que o melhor cossolete do professor da milicia Monastica contra os tiros do inimigo Infernal, he a clausura. Sabia o que já disse hum bom velho Portuguez, que nunca tornara pera casa taõ honrado, como sahira della: assi o requerimento ordinario, com que importunava os Prelados, era que o naõ mandassem nunca fóra. Ajuntavase fazer elle só todos os officios do governo temporal daquella Communidade, que hoje fazem muitos: era cilleyreiro, adegueiro, refeitoreiro, procurador, enfermeiro, e em fim cosinheiro, e vinha a ser força por esta via, o que polla de seu espiritu era gosto: estando no Convento acudia a todos estes officios, e a todos dava expediente: naõ só sem dar pena a ninguem, nem a significar por obra, nem palavra (como hoje vemos muitos, que com pouco trabalho logo abafaõ, e perdem o tino) mas com muito sossego. E o que he mais de espantar, e estimar, tinha tempo pera muitas horas de oraçaõ, sem se lhe enxergar falta em nenhuma de tantas obrigaçoens. A muito abrange o tempo, se o queremos empregar bem: e se a vontade anda prompta, sempre ha lugar pera darmos a Deos sua parte. Levantavase Frey Reginaldo ante manham, corria suas officinas, ordenava, compunha, e aviava tudo o que convinha em cada huma: quando começavaõ as missas na Igreja, já estava em oraçaõ em huma pequena tribuna, que da varanda das Crastas cahia sobre o Cruzeiro, defronte do Altar de S. Roque, que entaõ era de Jesu. Aqui com os joelhos nús sobre o ladrilho se deixava estar, até que o arrancavaõ as horas de acudir aos serviços, que tinha á sua conta. E na verdade arrancado hia, e tirado á força: porque todo o momento, que sem dano da Communidade se podia furtar a elles, logo tornava ao mesmo posto com tanta diligencia, e gosto, que nenhuma bem apontada agulha de marear busca com mais ligeireza o pólo do Norte, a que o segredo natural invisivelmente obriga, e move a pedra com que o Piloto a seva. Isto era de dia; o mesmo fazia de noite, sem quasi tomar hora pera repouso: e tal era a continuaçaõ, que vieraõ os ladrilhos a sentilla, e accusalla, imprimindo em sua dureza as rodas dos joelhos. Naõ me atrevera a ser escritor de cousa taõ prodigiosa, se naõ conheceramos,

Plut.

ceramos, e trataramos religiosos de grande credito, que foraõ testemunhas de vista. Deviaõ aquelles joelhos ter trocado a natureza da carne, e osso, em callos de pedra, como acontece, e assi fazer força ao barro do ladrilho: se naõ quizemos dizer, que concorria aqui o poder Divino com milagre seu pera exemplo nosso: querendo que fosse publico quanto estimava a oraçaõ de seu Servo, como sabemos, que acontecia á nossa Sancta Ines de Monte Pulciano, que qualquer lugar em que punha os joelhos pera orar, logo dava sinays do que agradava nos Ceos sua oraçaõ, criando subitamente fermozas flores. Assi o celebra a Igreja na oraçaõ de sua festa: e porque naõ espante a maravilha nos ladrilhos, acreditallaemos com outras, que os Prelados affirmavaõ naõ menos espantosas. Diziaõ que era fóra do natural o muito tempo que durava qualquer provisaõ, que debaixo de sua chave entrava. Lançaraõ contas, huma, e muitas vezes, e averiguavaõ, que tudo o que se lhe entregava cresscia a olhos vistos; sendo assi, que nunca ouve Prelado, por muy liberal, nem subdito, por desbaratado que fosse, que lhe notasse escaceza, ou demasiada providencia, que he a capa dos avaros, pera com os Religiosos. Ajuntava-se a isto ser practica commum entre elles, que em tudo, o que por suas mãos passava, ou fosse a pobre comida, que guizava na cozinha, ou a fruita que repartia pera a meza, se achava novo sabor, e gosto. Obrava aqui a tençaõ com que servia: porque se lhe representava em cada Religioso, e

Legenda de S. Ines de Monte Pulc.

assi o dizia, a mesma pessoa de N. P. S. Domingos: e com o mesmo gosto, cuidado, concerto, e limpeza, preparava, repartia, e ministrava pera o mais pequenino da Casa, que se fora pera o mesmo Sancto. Mas que faria com os pobres, que Christo nos deixou por retrato seu, e em seu lugar, quem assi procedia com os de casa? Naõ era menos diligente, nem menos charidoso ministro seu. Viase no cuidado que tinha de que senaõ esfriasse, nem perdesse sazaõ a parte que os Padres lhes deixavaõ da meza, fazia chegalla ao fogo, em quanto se dilatava o levarlha á porta: e quando em tempo de fruita, hya antes do sol apanhar pera o Refeitorio, naõ se esquecia de fazer cabaz particular pera a porta. Escusadas diligencias pera os frios da fome da Portaria, comida quente, e fruita fresca, colhida antemanham, e aljofarada com o orvalho da noite: porem naõ escusada, pera huma verdadeira charidade, na qual naõ sabia perder lanço. E se este he de estimar, naõ agradará menos o que logo diremos. Como repartia por sua maõ a fruita, pondo no lugar de cada Religioso sua porçaõ, sempre a que punha no do Padre Mestre Frey Francisco de Bovadilha, era notavelmente aventajada em qualidade, e quantidade. Morava o Mestre, muitos annos havia, neste Convento, despois, que se perfilhara nelle, como ao diante o dirá a Historia, e seguia huma grande constancia na guarda dos rigores, e austeridades da Regra; e entre outras passeando a miude polla horta, e pumares, nunca se soube delle, que

que lançasse maõ de pera, nem ginja, nem outra fruita pera trazer pera a cella. Contentavase com deleytar os olhos na vista: o sabor guardava pera o Refeitorio. Como Frey Reginaldo o sabia, fazia obra de justiça distributiva, naõ só de piedade; e a quem lhe arguhia a differença dava justa, e sancta reposta, que o pumar, e horta, eraõ hum grande prato em que comiaõ os Frades daquella Communidade. Que assi como, comendo tres, ou quatro companheiros em hum prato, seria havido por rustico, e grosseiro o que comesse assodadamente, e com toda a maõ, quando os mais procedessem com repouzo, e temperança: da mesma maneira, quem espreitava tempo, e occasiaõ, e se aproveitava della, pera se fazer senhor do melhor da horta, e do pumar, cometia huma especie de tyrannia, e como latrocinio de tudo o que mais levava, alem do que por boa conta lhe pertencia, sobre cometer vileza, e fazer descortezia a seus irmãos. E porque o bom Padre, nem ainda o que justamente podia tomar, queria dever a suas mãos, ficava merecendo achar nas alheyas, e nas delle Refeitoreiro semelhante respeito.

Vieraõ em fim a render aquella humanidade, inda que robusta, e dura de natureza, tantos trabalhos juntos, e continuos: porque bastando elles sós pera a derribarem, acompanhavaos com grandes mortificaçoens de crueis disciplinas, quasi de cada noite, e estreitas abstinencias em todo tempo. Sentiose desfalecer, e acabar, quiz ver se com tomar humas ferias de alivio podia tornar sobre sy, e servir com forças novas: pudera tomalas no seu mesmo Mosteiro: naõ se atreveo a viver huma hora ocioso, onde toda a vida trabalhara: pedio que lhas dessem no Convento de S. Paulo de Almada, que entaõ nascia na Ordem. Foyse a elle, descansou do trabalho de servir, mas naõ o de continuar o da Oraçaõ, e penitencias: e como a fraqueza nascia tambem de peso de annos, e defeito da natureza, a cabo de dez mezes passou a melhor vida.

CAPITULO XII.

Dos Padres Frey Jeronymo, e Frey Fernando de Tavora irmãos, e tirados ambos da Ordem pera Bispos.

SEguem dous irmãos filhos da villa de Santarem por sangue, e nascimento: e deste Convento por criaçaõ, e profissao: e ambos Bispos por merecimentos pessoays de virtudes, e letras. Seu pay foy Fernaõ Cardoso, taõ conhecido, e estimado na Corte d'elRey D. Joaõ Terceiro por excellencias de aviso, e ditos agudos, que fallando delle com alguns velhos mo nomearaõ pollo grande Fernaõ Cardoso. Tinha profundissimo aviso pera conhecer, e julgar polla vista as naturezas dos homens, com quem tratava: e com tanto engenho sabia achar, e descubrir a cada hum sem semelhante, hora entre cousas animadas, hora inanimadas, que sempre espantava com a propriedade da comparaçaõ, e deleytava igualmente com a novidade, e agudeza dos termos com que se declarava. Lembrado estou ver em maõ de

de hum Cortezaõ velho, e muito avisado algumas comparaçoens destas postas em escrito, e bem estimadas polla memoria de seu Auctor. Foy de geraçaõ nobre, e por tal casou em Sanctarem com Felipa de Brito, senhora principal irmãa de Manoel Serraõ de Brito, da qual teve muitos filhos: e foraõ, terceiro, e quarto Jeronymo de Brito, e Fernaõ Cardoso, que tomaraõ o habito neste Convento, e tiveraõ a boa ventura de serem discipulos nelle do grande espiritu de Dom Frey Bertholameu dos Martyres Arcebispo de Braga, sendo aqui Prior antes de sua eleyçaõ em Arcebispo. Do Jeronymo dizem, que o Cardeal Dom Henrique lhe mandou que fosse Frade, e porque honrou o dia de sua entrada com sua presença, agradecido o moço trocou o nome da pia em Henrique, e o da geraçaõ em S. Jeronymo, e chamouse Frey Henrique de S. Jeronymo. O Fernando contando muitos appellidos honrados na linha de sua mãy, e querendo esconderse ao mundo, pollo muito que seu pay era conhecido nelle, deixou o Cardoso, e chamouse de Tavora: e foy causa, que por Tavoras fossem despois muito conhecidos ambos os irmãos. Mas he grande a miseria da vida, grande a pressa com que tudo nella corre ao fim. Havendo na casa de Felipa de Brito sinco irmãos, e duas irmãs, e na de Manoel Serraõ de Brito seu irmaõ muitos herdeiros, está hoje quasi acabada esta geraçaõ, e só della vemos o Doutor Luis da Sylva de Brito Prior da Igreja do Sancto Milagre em Santarem, neto de Manoel Serraõ de Brito, por Dona Joanna de Brito, que foy sua mãy, e filha de Domingos Guedes pessoa bem conhecida em Santarem por muitas, e boas qualidades.

Mas tornando aos dous Frades, he de saber, que como á competencia foraõ ambos dando boa conta da criaçaõ, e do sangue, ambos de grande habilidade nas letras, de grande exemplo na Religiaõ, e como tais alcançaraõ nella bons lugares. Foy natural em ambos huma inclinaçaõ á pintura, que se fora ajudada com trabalho, e arte, os pudera fazer taõ insignes, como os grandes, que celebra a antiguidade. De hum, e outro nos ficaraõ memorias neste Convento, e no de Evora, que despois de tantos annos daõ todavia grande testemunho do espiritu, e da maõ. As daqui saõ humas seis figuras grandes, que vemos na casa das horas; obra da maõ de Frey Fernando, e pintura a fresco, como em casa pobre; as de Evora fez Frey Henrique, querendo, que ficasse aly memoria sua, como seu irmaõ deixara em Bemfica; mas pera forrar tempo, porque era Prior, e muito occupado, tomou á sua conta os rostos das figuras, e ajudouse pera os corpos de hum pintor de fama, que vivia em Badajos, que mandou vir a Evora, chamado Morales. Saõ tres payneis do retabolo do Altar mór. O do meyo he hum retrato da transfiguraçaõ de Christo: nos dos lados, se vê no direito huma figura da gloriosa Virgem Mãy: no outro a do S. Bautista; tudo figuras inteiras, e grandes, e de tanto espiritu cada huma, que as podemos dar por obra dos mais famosos

mosos Antigos: porque se alguma sua enganou a simplicidade de animais brutos, esta move, e enleva maravilhosamente os entendimentos humanos. Das mesmas mãos he, e os mesmos effeitos faz hum Ecce Homo do Capitulo.

De Frey Fernando se conta, que era taõ filho de seu pay na graça, e suavidade na lingoagem, que sendo Mestre de Noviços em Lisboa, deixavaõ muitos Religiosos sua quietaçaõ, por hirem ouvir as practicas, que fazia a proposito de algum exemplo, que mandava propor a qualquer daquelles subditos. Em materia subita, e nao cuidada encantava a agudeza dos conceitos que lhe acudiaõ, os trocados, as dependencias, as dirivaçoens, com que persuadia o que queria, e deleitava sobre maneira os ouvintes: sendo tal no officio de Prégador, naõ era menos na conversaçaõ, e trato commum: onde elle fallava, era musica que levava traz sy tudo. Assi tinha grandes, e poderosos amigos, que vagando o Bispado do Funchal da Ilha da Madeira, o proposeraõ, e lhe foy dado, e elle consagrado no primeiro anno do Provincial Frey Estevaõ Leytaõ. Foy culpado de receyos de passar o mar, sendo a passagem breve, e pouco arriscada, e em fim veyo a renunciar a dignidade, e passou o resto da vida recolhido no Convento de Azeitaõ. Falleceo pouco antes da jornada de Africa, tendolhe elRey Dom Sebastiaõ dado o cargo de seu Esmoler, esperandose que o levantasse a cousas mayores. Antes de acabar mandou significar ao Prior de Bemfica, que acudisse a lançar maõ de tudo o que tinha, como fazenda de filho desta Casa.

Frey Henrique era irmaõ mais velho, tinha servido bem a Ordem, e acompanhado ao sancto Arcebispo Dom Frey Bertholameu dos Martyres seu Mestre, e Prelado antigo, na jornada que fez ao sancto Concilio; onde se fez estimar com credito, e honra da Religiaõ, como o temos escrito na vida do mesmo Arcebispo, que imprimimos em Viana no anno de *1619.* e em fim estava actualmente governando o nosso Convento de S. Domingos de Evora, de que era Prior, quando Deos o quiz igualar tambem na Mitra, como tinha feito no mais, com seu irmaõ: e foy chamado pera Bispo da cidade de Sancta Cruz de Cochim na India. Era entrado o anno de *566.* governava inda a Provincia o Padre Frey Estevaõ Leytaõ, e o Reyno elRey Dom Sebastiaõ. Embarcouse Frey Henrique com grande animo: e como tinha procurado retratar em sy o espiritu Apostolico, e virtudes de seu Mestre, tal conta deu de tudo no cargo, que vagando a Cadeira de Goa Metropoli, e principal do Oriente, o mandou elRey passar a ella: e ficou igualando, ou vencendo com mayor dignidade a dianteira, que seu irmaõ mais moço lhe tomara na promoçaõ. Tanto que entrou em Goa, e fez sua visita da cidade, e ilha, tratou logo de reconhecer pessoalmente todas as terras de sua Dioçesi. He o estado, que os Portuguezes possuem no Oriente, muy estendido polla costa, e prayas do mar; estreito, e curto pollo Sertaõ, e quasi sem mais dominio nelle, que quanto

1566.

to lhes val o respeito das boas cidades, e fortalezas, que sustentaõ, que saõ polla mayor parte sobre o mar. Assi he necessario ao bom Prelado andar sempre embarcado, e experimentar sobre os perigos da terra, tambem os das agoas: embarcou, e desembarcou tantas vezes, quantas eraõ as cidades de sua jurisdiçaõ: porque nenhuma deixou de ver, e com muita atençaõ, e miudeza visitar: obrigandoo a isso, alem de seu espirito, as muitas miserias, que padecem os enfermos, quando saõ curados de longe. Grandemente quebranta a inquietaçaõ do navegar, a quem he criado no sossego dos Claustros: que será lidar com huma tormenta de ventos furiosos, e mares crusados, onde até os que cursaõ a navegaçaõ por officio perdem as cores, e desmayaõ com medo? que será encontrar com inimigos armados? ver arder o mar em fogo, e trovoens de artelharia? e logo tingirse em sangue, e achar martyrio sem o buscar? De tudo isto vio, e experimentou o Arcebispo muito nesta primeira visita: mas inda foy o Senhor servido, que achasse mais mal, e mais perigos na terra. Foy a ultima cidade, que visitou, a de Chaul: dista polla costa sessenta legoas da Metropoli contra o Norte: he cidade grande, fermosa, e rica: costumaõ ser as que tem semelhantes qualidades, grandes mattas de vicios. Afiou a lingoagem nos sermoens, reprehendeo gravemente os peccados, em publico, e em secreto: castigou os que achou comprehendidos com rigor, e sem medo, á imitaçaõ de seu grande Mestre D. Frey Bertholameu: este exemplo sem elle tal cuidar o fez Martyr. Passou o caso assi. Sentiose hum castigado, sendoo por ventura menos do que suas culpas mereciaõ; determinou vingarse: offereceolhe a rayva o meyo do veneno, de que he taõ copioso todo o Oriente, que mata muitos mais com elle em segredo, que a guerra em publico, e saõ muitos mais os mortos, que os remediados com as suas bazares, abadas, unicornios, cocos de Maldiva, e outros antidotos sem numero, de que se jacta. Jantou hum dia alegremente, e em casa sem sospeita. Aqui lhe armou o inimigo, com tal segredo, e dissimulaçaõ, que nem o dono da pouzada pode nunca antes, nem despois rastejar o artefício: e soube tam bem temperar a peçonha, e o modo de a dar, que naõ foy entendida, sendo mastigada, e comida: nem foy conhecida a semente da morte que levava, senaõ despois que os effeitos a descobriraõ, effeitos taõ acelerados, que naõ passaraõ da mesma noite. Foraõ dous os colhidos na treiçaõ, que só eraõ os buscados: hum o Arcebispo, o outro seu companheiro. Este resistio ao mal, como robusto, que era de forças, e idade; e ajudado de muitos antidotos, com que se lhe acudio, sustentou a vida: o sancto Arcebispo era entrado em dias, e fraco de compreiçaõ, naõ lhe valeo nenhum remedio, e acabou logo: deuselhe sepultura alta conforme a sua dignidade na Igreja Matriz da mesma cidade em hum moymento, que hoje se vê junto ao Altar de Nossa Senhora do Rosario, embebido

na parede: porque se naõ duvidasse, que fora a morte de refinado toxico, deu ella bastante sinal no que ficou vivo, sahindo com a força dos besoarticos, e da boa natureza á superficie da carne, e fazendolhe trocar couro, e cabello.

CAPITULO XIII.

Vida do Padre Mestre Frey Francisco de Bovadilha.

SEis annos havia, que residiaõ nesta Provincia os Padres Castelhanos, que elRey D. Joaõ o Terceiro mandara vir pera reformadores della. Fazia Officio de Vigairo Geral do Reverendissimo, e Provincial nosso, o Mestre Frey Jeronymo de Padilha. Era Prior de Lisboa Frey Christoval de Valbuena, quando no anno de 1543. entrou pollo Convento o Padre Mestre Frey Francisco de Bovadilha, pessoa de nome na Provincia de Espanha, por letras, e nobreza de sangue. Fez espanto sua vinda, porque despois de ter lido muitos annos, fora Prior em algumas Casas, e huma dellas fora Piedrahitta: e a isto ajuntava ser filho dos Condes de Punhaõ Rostro: e sabiase, que naõ fora dos apontados d'elRey: com tudo juntandose com os Padres seus naturais, que deviaõ ser conhecidos, e amigos, assentou ficar na Provincia, e no mesmo anno se perfilhou nella, e no Convento de Bemfica. Por cujo respeito nos toca fazer delle memoria. A causa desta resoluçaõ, e de sua vinda, se referia a negocio particular seu, que dizem passou desta maneira. Fallecera o Conde irmaõ de Frey Francisco, e sem embargo de deixar herdeiro, e filho legitimo, ouve hum irmaõ do defuncto, que pretendeo introduzirse no estado, e desapossar o sobrinho: tinha Dom Pedrarias de Bovadilha, que assi se chamava o thio, grande força de valias: o sobrinho nenhuma, sobre pouca idade, se naõ era a piedade de Frey Francisco, que sendo irmaõ de hum, e thio do outro, sentio a crueza do irmaõ, e dezejava o remedio do sobrinho. Levantouse grande fogo de letigios: e viase claramente soçobrar a justiça vencida do poder, e favores. Neste passo se valeo o moço de hum rescrito de Roma, com Breve do Pontifice avocatorio da causa pera a Sé Apostolica, como ultimo remedio. Mas foy principio de nova, e mayor difficuldade: porque alcançado o Breve naõ havia Notario, que se atrevesse a publicallo: ou fosse por parecer em parte contrario á jurisdiçaõ real, ou por ser contra Dom Pedrarias homem assomado, e fero de condiçaõ. Vendo Frey Francisco, que da publicaçaõ do Breve pendia todo o bem do sobrinho, fez conta de perder por elle, e irmaõ, Patria, e quietaçaõ: e tudo foy hum, publicar o Breve, e passarse a Portugal. Devia ser obra muito sancta, e justa: porque nasceo della entrar o Padre Frey Francisco com taõ bom pé neste Reyno, que alcançou na terra alheya tudo o que, se fora muito ambicioso, pudera dezejar na propria: e sendo assi, que entre muitos chamados, he costume haver poucos escolhidos, elle sem ser chamado, foy escolhido, e buscado pera cargos, e honras.

A

A primeira lhe deu logo o Convento em que se perfilhou, fazendoo seu Prior por Mayo de 1544. Era o Padre Frey Francisco do habito, e profissaõ do muy reformado Convento de S. Gines de Talaveira, e bem o mostrou na observancia, com que começou a proceder neste primeiro governo, que foy a mesma, que se lhe vio guardar toda a vida. Estamenha continua, sem admittir linho, continuaçaõ do Refeitorio, sem consentir crescimento, nem differença do que se dava em geral na Communidade. Vestido, cama, cella, tudo pobre com extremo, mas com limpeza, e conserto. Na hora mais pesada do choro, que he a de Matinas, naõ havia faltar, nem consentir, que ouvesse descuido na pausa, e attençaõ, e devaçaõ do cantar: e enxergavaselhe particular gosto na assistencia de todo o mais officio Divino. Em secreto he cousa certa, que se lhe naõ passava noite sem tomar disciplina: e sendo consigo sempre austero, e no comer muito abstinente, era muy facil em se acommodar (que he grande prova de virtude mocissa) com as necessidades dos subditos. Este cargo lhe durou pouco tempo: porque succedeo elegeremno por seu Prior os Religiosos de S. Domingos de Lisboa, por fim do anno de 1544. ficando o cargo vago pollo deixar o Padre Frey Christoval de Valbuena, que succedeo em Provincial, e Vigairo Geral ao Mestre Frey Jeronymo de Padilha, fallecido por Agosto do mesmo anno. Mas tambem no segundo Priorado foy de pouca dura, dandose tanta pressa a buscallo as honras da Ordem, que antes de cumpridos dous annos desta dignidade, se vio posto na mayor da Provincia, que era Vigairo Geral do Reverendissimo, e pouco despois eleyto Provincial: porque elRey Dom Joaõ tendo conhecido suas partes, e querendo acautelarse pera o que podia succeder, fez escolha de sua pessoa pera o governo da Provincia, e ouve pera isso provimento secreto do Padre Geral, que tinha em sua maõ. Succedeo logo morrer o Provincial Valbuena, antes de cumpridos dous annos de seu cargo, por Setembro de 46. e quando a Provincia cuidou tornar ao governo dos naturais, mandou elRey a Frey Francisco huma Patente do Geral em que o fazia seu Vigairo nella. Aceitada a Patente polla Provincia, e o cargo por Frey Francisco, convocou Capitulo pera Lisboa: juntaraõse os Eleytores na entrada do anno seguinte de 1547., e sahio eleyto Vigairo Geral na Dominga entre entre as oitavas da Epiphania, e pouco despois confirmado em Provincial. Assi veyo a succeder, caso bem raro, que tres Padres de Provincia estranha, successivamente, e sem se meter natural, em meyo, entrassem em Priores de Lisboa: e os mesmos, hum traz outro sahissem pera Vigairos da Provincia, e fossem Provinciaes. Naõ faltou resistencia, e contradicçaõ ao Eleyto, de parte dos naturais, que todavia dezejavaõ governo Portuguez: porque havia muitos sogeitos na Provincia de merecimento, e valor. Mas tinhase persuadido elRey D. Joaõ, que nenhuma cousa convinha mais pera cortar o fio ás parcialida-

1544.

1544.

1546.

1547.

des, e se conservar melhor o rigor Monastico, que ser mandada por homens independentes nella, sem parente, nem obrigaçaõ, nem pretençaõ: e naõ espanta pouco, que achando na mesma conjunçaõ na Ordem muitas pessoas notaveis por letras, e grande talento, que tirava pera seu serviço, e escolhia pera Bispos, e pastores de Provincias muy estendidas, e numero infinito de almas, descubrindo nisto que amava a Religiaõ, e tinha boa opiniaõ, e conceito dos Religiosos: com tudo seguia sua determinaçaõ em naõ consentir, que por entaõ governassem os seus. Começou seu cargo Frey Francisco: e se boas mostras tinha dado de verdadeiro observante no tempo de Prior, despois de Vigairo, e Provincial, naõ afroxou nada no rigor da vida: antes vendose em lugar, que ficava alvo de mais tiros, e de mais olhos espelho, guardou huma invensivel constancia, e no governo procedeo com muita prudencia, conselho, e cautella, e grande gravidade junta com brandura. Em seu tempo tiveraõ notavel favor as boas habilidades: porque como era grande letrado, assi zelava o bem dos estudos. Delle achamos, que foy hum dos homens de seu tempo, que com mais applauso foy ouvido nas escollas, assi da Ordem, como seculares, por agudeza de engenho claro, e sutil, que ajudava com graça natural de huma gravidade desassombrada, e despejo grave, partes que o faziaõ grandemente bem visto. Em seus escritos era sentencioso, e resoluto, e com clareza breve. Assi como favorecia os bons engenhos polla inclinaçaõ das letras, da mesma maneira achavaõ nelle pay todos os virtuosos, pollo muito que amava a virtude. Elle foy o que deu principio á Congregaçaõ, que a Ordem tem na India, mandando pera fundadores della, no anno de 1548. que foy o segundo de seu cargo, doze Religiosos debaixo do governo do Padre Frey Diogo Bermudes, como adiante se dirá, quando chegarmos com a Historia a este tempo. No fim do quarto anno, que foy entrado já o de 1551. passou a Salamanca a assistir em hum Capitulo geral, que aly celebrou o Mestre da Ordem Frey Francisco Romeo. Concluidos seus quatro annos com louvor de hum inteiro, e acertado governo, recolheuse com gosto ao seu Convento, a tratar só consigo, e de sy. Mas naõ val deliberaçaõ propria, por justa, e sancta que seja, a quem huma vez se desapropriou até da vontade, e alvedrio, e tudo a Deos consagrou. Eraõ passados longos vinte annos, elle velho, e a seu parecer, enterrado no esquecimento dos homens, quando de novo foy buscado, e eleyto segunda vez em Provincial. Succedeo o negocio desta maneira. Juntouse Capitulo Provincial de eleyçaõ no Convento de Santarem, passada Paschoa do anno de 1571. acabava seu tempo de Provincial o Mestre Frey Francisco Foreiro: sahio eleyto do primeiro banco o Padre Mestre Frey Manoel da Veiga, mas naõ teve a eleyçaõ effeito: porque o Cardeal Infante Dom Henrique, que fazia officio de Inquisidor Geral no Reyno, e juntamente tinha commissaõ, e poderes do nosso

1548.

1551.

1571.

noſſo Reverendiſſimo pera em ſemelhantes caſos, aviſou aos Capitulares, que do eleyto havia mais neceſſidade no Tribunal do Sancto Officio da Inquiſiçaõ de Lisboa, em que eſtava occupado, que no ſerviço da Ordem, onde naõ faltavaõ homens; e que por tanto ceſſava a eleyçaõ. Naõ ouve lugar de replica: procedeoſe a ſegunda eleyçaõ, e achouſe eleyto o Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha. Acceitou o cargo com toda a repugnancia, que he de crer de homem livre de ambiçaõ, carregado de annos, e que ſó entendia com ſua alma. Dizem, que no meſmo dia notou cartas pera Roma, em que com toda inſtancia pedia ao Meſtre Geral Frey Serafino Caballi, naõ confirmaſſe ſua eleyçaõ; e aos amigos, e conhecidos lhe alcançaſſem eſta graça: porem o Padre Geral, naõ ſó a confirmou, porque o tinha bem conhecido; mas louvandoa, animouo com boas razoens pera o trabalho. E todavia naõ deſiſtindo do requerimento, alcançou abſolviçaõ antes de cumpridos os quatro annos á inſtancia da Raynha Dona Catherina, que como era velha, e entendia em fazer ſeu teſtamento, queria o Meſtre, que tambem era ſeu confeſſor, deſembaraçado de toda outra occupaçaõ.

CAPITULO XIV.

Proſegue a vida do Padre Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha.

FOy o Meſtre ſempre reſpeitado dos Reys deſte Reyno, e de todos os Principes, e Senhores, que alcançou nelle, muito eſtimado, e encarregado de negocios de importancia, que ſendo muitos, e varios, de todos ſabia dar ſatisfaçaõ, e reſponder ao conceito, que delle ſe tinha: porque procedia em todos com muito tento, e cautella; e pera os levar ao fim, que pretendia, tinha huma facilidade, e deſtreza natural, que lhe deſcubria, e fazia acertar os meyos, e concluſaõ. A Raynha Dona Catherina querendo ordenar ſeu teſtamento, poz em ſua maõ tudo o que convinha pera deſcargo de ſua alma, e mandou que a elle acudiſſem todos os que achaſſem deverlhes ella alguma couſa: e neſtas materias chegaraõ a noſſas mãos alguns papeis eſcritos da letra do Padre, que teſtemunhaõ bem a miudeza, e cuidado com que lhe perſuadira deſcarregar a conſciencia, fazendo eſcrupulo a quem era Raynha, e muito religioſa, de naõ cortar todos os gaſtos ſuperfluos, e ainda encurtar alguns neceſſarios pera eſcuzar deixar dividas na morte, que os ſucceſſores naõ pagaõ cá; e na outra vida he duramente executado quem as leva ſem ſatisfaçaõ da parte: caſos ſe contaõ, que lhe aconteceraõ fazendo eſte officio, que acreditaõ aſſaz ſua virtude, e inteireza, Naõ nos podemos deter nelles: diremos hum ſó, que o meſ-

o mesmo Padre contava por graça, naõ lhe faltando substancia. Pretendia certo homem nobre da Raynha, satisfaçaõ de hum serviço antigo. Tratou de informar o Padre; e porque a informaçaõ fosse melhor entendida, antecipoua com hum prezente de cousas, que a seu parecer naõ mereciaõ engeitadas: offereceoas confiadamente. Respondeo o Padre com crimeza, que se queria ser ouvido, se tornassem os criados com tudo o que traziaõ. Era o requerente matreyro: determinou encerlhe os olhos, pois se defendiaõ as mãos: pediolhe, que se quer a vista naõ negasse a hum mimo pobre, e de pouca valia, que bem se podia acceitar em final de amor de quem hia pedir. Serrandose o Padre com a mesma constancia ao segundo tiro, naõ faltou o requerente com o terceiro. Perguntoulhe se havia de dizer Missa: e que tem v. m. que fazer com a minha Missa? Queria, tornou elle, ver a meu Senhor Jesu Christo em mãos taõ limpas. Contava despois o Mestre, espantado do muito, que todo o homem sabe pera os negocios do mundo, que naõ no vencendo as veras, ficara peitado da zombaria. Naõ nos consta se foy nesta conjunçaõ, se alguns annos antes, a liçaõ de Cazos, e Collegio de pobres Clerigos, que esta mesma Senhora, segundo temos em outra parte escrito, fundou na Igreja de Nossa Senhora da Escada, hermida do Convento de S. Domingos; mas de pessoas de credito ouvimos, que huma, e outra cousa nasceo da traça, e conselho do Padre Frey Francisco.

P. 1. l. 3. c. 40. desta Chron.

Delle se servio tambem o Cardeal Infante Dom Henrique. Era Legado da Sé Apostolica neste Reyno: quiz ordenar visita dos Frades da Ordem de Christo, que vivem em Communidade no Convento de Thomar, caza muito populosa, e rica. Naõ lhe pareceo que tinha no Reyno pessoa mais a proposito; e foy tal a eleyçaõ, que cumprindo com a obrigaçaõ de hum inteiro Juiz, e Religioso Visitador, satisfez a quem o mandou, e dos visitados ficou taõ amado, como se de cada hum fora Pay.

Passados muitos annos, succedeo a ruina do Reyno com a infelice jornada de Africa: tomou o Setro elRey Dom Henrique, obrigava tudo ao grande espiritu de Frey Francisco a entender só com Deos, e naõ cuidar em nada fóra dos Claustros: quando de novo se vio inquietado por differentes vias, e em fim tirado á força delles. Deraõlhe primeira guerra pessoas de grande authoridade, quais eraõ os Procuradores, que elRey Dom Felippe Segundo de Castella, que despois foy Primeiro de Portugal, enviou a este Reyno, a requerer seu direito na successaõ delle, diante do Cardeal Henrique, que reynava. Apertaraõ confiadamente com elle, como com natural, e nobre; pediraõlhe os ajudasse na pretençaõ, visto o longo trato, e conhecimento, que da gente principal tinha, por todos os lugares grandes do Reyno: e bem se deixa entender, que naõ esqueceriaõ promessas de honras, que nelle cabiaõ, e da parte do Rey era facil o cumprimento. Respondeo com isençaõ, e liberdade a huma, e outra cousa, e com huma só reposta:

posta : que naõ era materia pera Frades , entender , nem fallar em successaõ de Reyno , se naõ fosse encommendandoa a Deos no canto da sua cella , e no altar : que isto fazia , e faria : outra cousa naõ quizessem delle. Mas foy mais pesado o segundo desassocego. Era entrado o anno de 580. partiase pera Roma , eleyto poucos mezes antes em Provincial , o Mestre Frey Antonio de Sousa (que despois vimos Bispo de Viseu) pera hir assistir em Capitulo geral , convocado pera eleyçaõ do novo Geral , por ser fallecido em Sevilha por Novembro de 1579. o Reverendissimo Frey Serafino Caballi. Considerou , que pera em tempos revoltos naõ podia deixar a Provincia melhor emparada , que entregandoa em mãos de Frey Francisco : por outra parte tinha por certo , que por via de rogo naõ aceitaria o cargo : uzou de artefício , pozse a caminho , e nelle , antes de sahir do Reyno , lhe despachou Patente de Vigairo Geral , com preceito , que aceitasse : e medio o tempo de maneira , que se quizesse replicar , o achasse já a replica fóra da Provincia. Entendeo Frey Francisco o lanço : acceitou com humildade , e grande desgosto , vendose posto em cerco com a obediencia , e auzencia juntamente de quem lha punha : e como dezejava , que todos os Frades fossem de seu humor em se naõ embaraçarem nas materias do Reyno ; despachou hum preceito por toda a Provincia , tolhendo aos Religiosos todo genero de practica dellas : preceito ao parecer injusto pera os que eraõ letrados , e intoleravel de guardar pera o povo dos Frades : que se todavia permanecera , escusara a muitos de grandes trabalhos : mas cessou brevemente , porque os Governadores , que ficaraõ por morte d'elRey D. Henrique , mandaraõ significar a Fr. Francisco , que devia largar o cargo ; que naõ convinha quando havia Pretensores estrangeiros á Coroa , presidir quem o era em Provincia de tanta qualidade , como a de S. Domingos : ouvido o recado , passouse logo a Evora , e naquelle Convento fez sua renunciaçaõ.

1580.

Tornou Frey Francisco neste Convento a seu modo de viver antigo , quando entrou na cidade o fogo da peste , que ardia em Lisboa , e por outras partes do Reyno : chamavaõlhe a segunda , a differença da grande , e primeira do anno de 1569. soltouse com tanta furia , que em poucos dias naõ havia caza livre de mortes , e desconsolaçaõ. Era Arcebispo Dom Theotonio de Bragança , e foy providencia Divina , que o fosse por naõ ficar a terra assolada : acudio ás ovelhas , naõ só como pay , visto como em tais occasioens fogem os pays dos filhos : acudio como Sancto , e como Principe , com pessoa , conselho , fazenda , e magnificencia no espiritual , e temporal , de sorte , que naõ faltando nada do que a terra podia dar , nem aos enfermos , nem aos sãos , fazia mais toleravel o açoute do Ceo. Sobre isto andava pollas ruas , e praças publicas , animando , e consolando a todos com sua presença. Vendo o Mestre por seus olhos , e notando tudo com admiraçaõ , considerava quanto dano faria naquelle povo a per-

1569.

da

da de tal Prelado, se acontecesse faltar em tal tempo, andando (como andava) taõ arriscado. O primeiro emprego, que fez de sua eloquencia, e do respeito que o mesmo Prelado lhe tinha, que era muito, foy, hirse a sua casa, persuadillo, e acabar com elle, que se sahisse da cidade; e porque se visse a boa tençaõ, com que dava o conselho, tomou pera sy o contrario, recolhendose no Convento em que já era entrada a contagiaõ, e tantos Frades feridos, que só os mortos foraõ nove; aqui resplandeceo seu esforço, e animo: era enfermaria dos apestados a casa dos Noviços: andava entre elles sem nenhum pavor, consolava, e animava sãos, e enfermos: e como tinha grande entendimento, e authoridade, e juntamente grande charidade, com o saber dava ordens pera o necessario da cura, e preservaçaõ do mal; e com as entranhas piadosas assistia pessoalmente aos mais trabalhados, ministrandolhes por suas mãos os Sacramentos, exhortandoos a bem morrer, e despois acompanhandoos á sepultura.

Fez todavia grande impressaõ nos Religiosos sãos, e enfermos, hum taõ novo exemplo de piedade, e taõ resoluto desprezo da vida. Pareceo a todos, que estavaõ obrigados a conservar tal espiritu, e procurar livrallo de perigos taõ manifestos. Fizeraõlhe instancia, que os deixasse, e poupasse huma vida dignissima de longos annos, pera bem, e honra da Religiaõ: pois estava certo, que naõ poderia durar em huma casa já meyo assolada. Foy a força verdadeira, entendeo elle o bom animo: dizem, que consentio na hida; vieraõ cavalgaduras pera elle, e outro companheiro. Ao pôr o pé no estribo foy cousa de mysterio: moveuse duvida com o Almocreve em materia de preço, e ponto taõ leve, que nem pera tempo de bonança, e muita saude era consideravel. Descompozse o homem, arrebatou as bestas, e sem haver cousa, que o quietasse, desappareceo: tratouse de buscar outras: mas o Mestre, ou arrependido de ter mostrado fraqueza, ou por ventura julgando, que fora obra do Ceo o desconcerto, e que o chamava em Evora o fim de seus trabalhos, naõ consentio, que em sua hida se fallasse mais: tevese por clara misericordia de Deos este successo, entre os mesmos, que lhe persuadiaõ, e negociavaõ a fugida, pollo muito que lhes valeo despois sua prezença em outras mortes, e trabalhos, que logo sobrevieraõ. Mas em fim a elle custoulhe a vida: levando á cova hum Religioso, tornou do acompanhamento com o mal do que acabava de enterrar. Como era velho, naõ ouve no sogeito força pera resistir: recebidos com devaçaõ todos os Sacramentos, acabou em paz. Muitos annos adiante veyo a ser Prior deste Convento o Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, que despois foy Inquisidor de Lisboa, e agora he meritissimo Bispo de Viseu: pera se naõ perder a memoria de tal Varaõ, e honrar a sua, mandou gravar no marmore, que cobre sua sepultura, a letra seguinte. *Magister Fr. Franciscus de Bouadilha hujus, quondam Prouintiæ bis Prior Pro-*

Prouincialis, regulari obseruantia, & in Deum pietate commemorandus H. S. E. querendo significar: Aqui jas o Mestre Frey Francisco de Bovadilha, por observancia regular, e amor de Deos digno de eterna memoria. Mas naõ se contentava de lembrança taõ modesta o grande Dom Theotonio de Bragança: como sabia muito delle, todas as vezes, que entrava no Convento polla Crasta, buscava sua sepultura no Capitulo, pedia hysope, rezavalhe seu responso: e hum dia muito festejado na Casa (era de S. Pedro Martyr) havendo nella grande concurso de povo, quiz ouvir Missa no mesmo lugar do Capitulo: e achando nelle o seu sitial cuberto de flores, colheo todas com ambas as mãos, e foyas lançar sobre a sepultura do Mestre, dizendo, como fazia todas as vezes, que fallava com Frades nossos: este foy verdadeiro filho de S. Domingos.

CAPITULO XV.

Dos Padres Mestres Fr. Gaspar Leytaõ, e Frey Manoel Coelho, e do Padre Fr. Sebastiaõ de Goes.

DE tres filhos deste Convento nos resta por dizer, que variamente, e cada hum por sua via lhe grangearaõ honra, e credito. Foraõ todos tres contemporaneos: diremos delles conforme ao tempo em que cada hum desfez a companhia. Assi será primeiro Frey Sebastiaõ de Goes, que a deixou primeiro, fallecendo no anno de 1597. Este Padre antes de vir ao habito foy famoso Cirurgiaõ: levado de esperanças de honra, e fazenda, se offereceo a curar a cidade na primeira, mayor, e mais temerosa peste do anno de 1569. trabalhou muito, fez insignes curas. Ao colher do fruito das merces prometidas, que largamente cumpriraõ por huma parte elRey, e por outra a cidade, a todos os mais Cirurgioens, Medicos, e Barbeiros, que tinhaõ cursado no mesmo perigo, tomou novo conselho o nosso Cirurgiaõ. Fora companheiro dos nossos Frades Frey Isidro Altamirano, e Frey Belchior de Monsancto, e dos mais, que no principio do mal tomaraõ a cargo acudir com visita, e cura a algumas Freguezias, como ao diante se contará mais largamente. Notou nelles o muito que trabalhavaõ, como se arriscavaõ com valor, e sem medo, onde a morte andava taõ barata, e prestes: e isto só com os olhos em Deos. Considerou em sy, que andava nos mesmos, e mayores riscos: mas com a mira em premios humanos; enchiase de inveja delles, e de vergonha, e dó de sy. Estes, dizia, arrebataõse num momento á gloria eterna, pera que o homem foy criado, porque outro fim naõ tem no que trabalhaõ; e eu que ande no mesmo fogo, e em mayores perigos, por alcançar huma honra vam do mundo, ou mais quatro reis de renda, que acabaõ com a vida? Melhores contas convem fazer, a quem naõ tem inda o siso perdido. Guardouo Deos no meyo das mortes, e da tempestade; assi como lhe inspirou o sancto intento: passada ella, quando os outros andavaõ á pressa, huns tirando portarias de tenças, e moyos de renda: outros enfei-

1597.

1569.

tandose com habitos de Christo, e Sanctiago, já em seda, e escarlata bordados, já em ouro esmaltados: appareceo elle no Mosteiro de Bemfica, requerendo huma mortalha; que he o habito de S. Domingos; e logo envolto nella com grande alegria de sua alma, e igual edificaçaõ do Rey, que lhe sabia o nome, e da cidade, e povo, que o amava. Aqui viveo até o anno, que dissemos, de 1597. e acabou sua carreira no mez de Mayo com grande sentimento, e saudade de todo este contorno, a quem acudia com charidade nos cazos de cirurgia, e medicina, e com tanta diligencia, como se de cada casa estivera assalariado.

1597.

Succede o Padre Mestre Frey Gaspar Leytaõ, que falleceo treze annos despois por Agosto de 611. merecedor desta memoria por muitos titulos. Foy eminente letrado: leo quasi vinte annos Theologia no Convento de Lisboa: foy Prior do mesmo Convento, e escolhido por elRey Dom Felipe Primeiro de Portugal, pera prégador de sua Capella, e logo pera Provincial pollo Capitulo de eleyçaõ, que se juntou em Bemfica por Abril de 1591. pera se dar successor ao Presentado Frey Diogo Ramires, que tinha acabado seu tempo: e sendo pollo mesmo Rey nomeado pera Bispo de Sanctiago Ilha do Cabo Verde, e despois por duas distinctas vezes da famosa cidade de Malaca, que de torraõ de Ouro teve o nome entre os Antigos, chamada delles Aurea Chersonessus; animosamente resistio á tentaçaõ da honra, da renda, e da grandeza: e podemos dizer, que recusou tres Mitras, inda que a memoria de sua sepultura naõ aponte mais, que duas. Fora discipulo nesta Casa do grande Primás Dom Frey Bertholameu dos Martyres, cómo noutra parte escrevemos: tinhalhe assentado na alma aquella doutrina sancta, e hum grande medo de perder a paz do espiritu, em que só se acha verdadeira alegria. Vio executada pollo Mestre a fugida do mundo, e com espanto dos homens, desprezada grossa renda, senhorio de grande Cidade, e titulo Primacial de Espanha, temeo parecer indigno discipulo, se naõ fosse verdadeiro imitador. A mesma escolla, e ás mesmas liçoens podemos attribuir hum raro cuidado, com que este Padre vivia de sua consciencia. Contase, que dez annos antes da morte, nenhuma noite se recolheo pera a cela sem se purificar de novo com o banho sancto do Sacramento da confissaõ; final do verdadeiro conhecimento de Deos, e verdadeiro temor seu, que he principio do soberano saber. De quem assi vivia, superfluo fica tudo o que mais se póde dizer; mas naõ deixaremos em silencio, que despois que foy Provincial seus quatro annos, sendo convidado, e instado por seus amigos, que tinha muitos, pera tornar á mesma Cadeira, chammente engeitou a honra, affirmando, que nem esta, nem outra nenhuma aceitaria na Ordem, nem fóra della: falleceo em Lisboa, está enterrado no Capitulo.

1611.

Na Vida de D. Frey Berthol. dos Mar. tyr. Arc. de Braga. l. 2. c.

Terceiro companheiro, e estimado filho deste Convento, foy o Padre Mestre Frey Manoel Coelho: despois de ler Theologia

gia longos annos no Convento da Batalha, vindo a Lisboa foy admittido pollo tribunal da Sancta Inquiſiçaõ a Conſultor delle, e Calificador dos livros; e paſſado pouco tempo nomeado por Prégador da Capella Real; e em hum, e outro lugar, deu muita ſatisfaçaõ de ſy: porque juntava com a liçaõ continua dos livros ſagrados bom entendimento, e graça natural. Por eſtas, e outras boas qualidades, que nelle concorriaõ, celebrandoſe Capitulo de eleyçaõ em Lisboa por Abril do anno de 1603. foy eſcolhido pera Provincial, e he de ſaber, que neſta eleyçaõ tinha já per ſy o muy religioſo, e pyo juizo d'elRey Dom Felippe Segundo de Portugal, que dezejando, como ſempre, a paz, e bom governo deſta Ordem, o tinha mandado propor aos Capitulares em companhia de outros dous bem dignos ſogeitos, que eraõ os Meſtres Frey Antonio Tarrique, e Frey Joaõ de Valadares. Vio eſte Padre nos ſeus quatro annos buſcados na Ordem, e tirados della com grande honra pera Biſpos, tres Religioſos. Foy o primeiro o Padre Frey Antonio de S. Eſtevaõ, que já era Prégador d'elRey, e de grande nome no Pulpito, ao qual ſe deu o Biſpado de Congo, e Angola na Ethiopia Occidental. O ſegundo Frey Joaõ da Piedade provido na Igreja da Cidade de Macáo na China, que no tempo que iſto eſcreviamos vivia em Lisboa, renunciada a dignidade deſpois de a ter ſervido alguns annos. Terceiro, Frey Antonio Valente, que animoſamente paſſou a Torrida Zona ſervir a Igreja de S. Thomé, em ſua Ilha. O primeiro, e terceiro, filhos do Convento de Lisboa, como em outra parte tocamos: o ſegundo de Azeitaõ: e ſe iſto foy gloria da Ordem, e do Prelado, naõ deixaremos em ſilencio, que vio tambem em ſeu tempo, e no ſeu Convento de Lisboa hum Arcebiſpo dos Conventos, e chriſtandade, que de antiquiſſimos tempos fundou a noſſa Ordem em Armenia: ſeu nome Frey Bautiſta Fridoni, a cauſa da vinda dar obediencia ao Romano Pontifice, que o honrou com ſagraçaõ, e pallio.

P. 1. l. 3. c. 36. deſta Chron.

Na entrada do anno de 1605. celebrou ſolemniſſimo Capitulo geral em Valhedolid em Caſtella o noſſo Reverendiſſimo Frey Jeronymo Xavier; aſſiſtindo elRey Dom Felippe Segundo nelle com toda ſua Corte, acudio de Portugal o noſſo Provincial, deixando por Vigairo da Provincia o Padre Frey Joaõ da Cruz, que era Prior de Lisboa, levou por companheiro ao Meſtre Frey Sebaſtiaõ da Aſcenſaõ, que deſpois foy Biſpo do Cabo Verde, e prégou em hum dos dias mais ſolemnes, ſendo ouvinte elRey, e tudo o que havia de bom, e grande na Corte. Tornando ao Reyno, e continuando com o cuidado no ſerviço do Sancto Officio, fez elRey Dom Felippe mercê á Ordem de hum lugar perpetuo nos Tribunais ſupremos delle nos Reynos de Eſpanha. Era iſto pollos annos de 1615. como o Padre Frey Manoel eſtava taõ benemerito do Tribunal, com muitos annos de ſerviço delle, e da Capella Real no miniſterio da prégaçaõ, foy nomeado pollo Inquiſidor Geral, a quem ſó toca a eſcolha dos ſogeitos: e ficou com titulo do Con-

1615.

Conselho de Sua Magestade, e do Geral, e Supremo da Sancta Inquisiçaõ: logo no anno de 617. passou a Evora com cargo de Visitador do Tribunal do mesmo Officio Sancto, que aly assiste, no qual se governou com muita inteireza, e prudencia. He o salario dos Inquisidores quatro centos mil reis por anno: tinha o Padre Frey Manoel mais sincoenta de Prégador d'elRey: punha elle tudo, como verdadeiro pobre, nas mãos de seus Prelados, e elles respeitando ao suor de quem o ganhava, deixavaõlhe por cortezia grande parte pera despender a seu arbitrio. Desta sabemos, que fazia muitas esmollas, guardando sempre na sua cella, e gasto de sua pessoa religiosa moderaçaõ. Falleceo por fim do anno de 1620. recebidos todos os Sacramentos.

1617.

CAPITULO XVI.

Do Padre Mestre Frey Joaõ de Valadares, fallecido neste Convento, e do Padre Frey Fernando da Cruz.

SIntome obrigado a contar entre os filhos de Bemfica, o Padre Mestre Frey Joaõ de Valadares, porque nos mereceo por direito da sepultura, que he filiaçaõ, e affinaçaõ do Ceo, o que lhe faltou pollas leys da terra, e da Provincia. Obra foy do Senhor de tudo, pera que naõ ficasse fóra destas memorias. Em breve escritura apertaremos huma longa vida; porque se naõ queixem os filhos de fazermos mais honra aos perfilhados. Nasceo este Padre em Guimaraens; foraõ seus pays Joaõ de Valadares letrado jurista, e Brittes Lopes de Carvalho, ambos nobres: criouse, e estudou Gramatica em Lisboa; porque o pay servia a elRey de Juiz da fazenda, cargo de honra, e confiança. Affeiçoouse á Ordem desde minino, fizeraõlhe caminho pera ser recebido nella, a inclinaçaõ, o sangue, a viveza de engenho, que já mostrava: professou cumpridos 16. annos em 17. de Outubro de 1563. estudou Artes no Convento de Lisboa, na Religiaõ, e Noviciado teve por Mestre o Padre Frey Fernando de Tavora, que despois foy Bispo do Funchal. Descubrio habilidade com o exercicio de sorte, que vindo a este Reyno o nosso Geral Justiniano sabio avaliador de tudo, julgou ouvindoo, que daria homem insigne se fosse experimentar o mal, e o bem, por terras alheyas, como diz o Sabio, afastado dos mimos da propria: e deixoulhe licença pera se hir a Lovayna, ou Paris. Estavaõ começadas a corromper da heregia as terras de França, e Frandes, e trocaraõlhe os Padres da Provincia este favor em outro mayor, que foy mandaremno ao Collegio de Coimbra antes de ter Ordens: onde entrou em 5. de Outubro de 1567. e foraõ companheiros Frey Bernardino, e Frey Lopo, ambos de Carnide, Frey Paulo Foreiro, e Frey Estevaõ Caveira em tempo, que se naõ dava se naõ a homens feitos, e com estudos acabados, porque succedera estar cerrado alguns annos respeito das obras, que se faziaõ. De Coimbra foy mandado por Leytor de Casos a Elvas; de Elvas por Lente de Artes á Batalha, e despois de Theologia. Era ami-

go dos livros, tanto como habil, fezse estimar pollo melhor engenho da Provincia, e por tal chamado a Lisboa: leo com tanto nome, que o mandaraõ os Padres da Provincia de novo a Coimbra pera se formar polla Universidade, e declaradamente pera substituir na Cadeira de Prima ao Padre Frey Antonio de S. Domingos, que a lia: foraõ os Autos de fama, o gráo só de Bacharel. Testemunhava naõ ha muitos annos de huma cousa, e outra, o Doutor Gabriel da Costa insigne Catredatico.

Passado algum tempo caminhou pera Roma ao Capitulo de eleyçaõ do Geral, que instava, nomeado por Eleytor em companhia do Mestre Frey Gonçalo da Sylva Diffinidor. O lugar alto fez luzir a tocha, o concurso avivou o engenho, cresceo em reputaçaõ, argumentando, e defendendo Conclusoens; a uzo de Coimbra, de poucas regras; mas muitas questoens: em que teve por ouvintes, naõ só letrados religiosos, e seculares, mas tambem Cardeais dos sinalados em letras. Aqui lhe aconteceo hum caso digno de grande louvor: sendo eleyto em Geral o Mestre Xisto Fabri, mandoulhe o Cardeal Protector certo Decreto do Pontifice, tocante aos Mosteiros das Freiras: tal opiniaõ tinha com elle o Padre Valadares, que foy o primeiro com quem o consultou, e sendo de parecer, que se o Papa naõ revogasse o Decreto, largasse a Ordem os Mosteiros, mandoulhe que fosse disputar a materia diante do Protector. Tais foraõ suas razoens; taõ doutas, taõ avizadas, e efficazes, que o Decreto se revogou com gloria sua, e grande gosto do Geral, que logo o fez Mestre, naõ tendo quarenta annos de idade.

Tornando a Portugal foy feito Prior de Bemfica: era conjunçaõ que abalava o mundo a fingida sanctidade de Sor Maria da Comceiçaõ da Anunciada, e como se fora cousa fatal, levava tudo traz sy. Quizse valer delle contra algumas queixas, que se começavaõ a levantar contra as suas chagas entre as Freiras: dissélhe o Mestre com liberdade, e charidade Apostolica, que sendo assi, que segundo S. Thomas, havia dous generos de escandalo, hum pharisaico, e soberbo, outro fraco, e humilde; que este humilde, que era o das Freiras, estava obrigada a atalhar; sogeitandose ás mais escrupulosas diligencias, que com ella quizessem fazer: e se lhe custasse dor, e martyrio, como temia, tudo importava menos, que o bem das almas. O mesmo disse ao Geral Xisto Fabri, que por este tempo veyo a Portugal: e foy o mesmo, que apontarlhe com o dedo a falsidade, que despois appareceo.

Foy despois Prior da Batalha, e antes de acabar foy chamado, e eleyto de Lisboa. A esta eleyçaõ resistio com força: mas ouve de obedecer a outra força mayor da obediencia, acompanhada de carta, e rogos do grande Arcebispo Dom Miguel de Castro. Corria o letigio das precedencias com S. Agostinho, Carmo, e Trindade, como adiante se fará larga mençaõ. Pareceo na Provincia, que convinha hir huma pessoa de muita conta a elRey, e que naõ havia nenhuma mais a proposito, que o

Prior.

Prior. Pozse a caminho, e foy de muito effeito a jornada: porque se juntou com suas letras, e industria o muito conhecimento, que elRey tinha delle, desdo tempo, que tornando de Roma estivera em Madrid.

Tornando a Lisboa, espantava o gosto com que todos os Conventos o queriaõ por Prelado: foyo de Sanctarem, e duas vezes do Collegio de Coimbra, e ultimamente chamado, e eleyto de novo pollos Padres de Bemfica, e despois pollos de Almada. Já se naõ pode acabar com elle, que aceitasse o cargo; mas agora será bem, que saibamos, que havia neste Padre pera ser taõ buscado: porque como por toda parte se achaõ condiçoens de vulgo, que segue mais opiniaõ, que juizo: mais parcialidade, e companhia, que boa razaõ: acontece muitas vezes abraçarse o Peyor, darse de maõ ao que mais merece, como lemos dos Ostracismos de Athenas, donde se desterrava hum Aristides justo, e ficava hum Alcibiades dissoluto. Teve Frey Joaõ partes taõ raras, e taõ fóra do commum do mundo, e desta idade, que, se nascera em Republica de Barbaros, fora muito estimado, quanto mais vivendo entre gente de bons entendimentos. Se o quizermos diffinir em poucas palavras, ponhamos diante hum Cataõ: taõ amigo era do rigor antigo, da moderaçaõ, da pobreza, das boas leys; taõ livre em seus pareceres, taõ independente de opiniaõ, taõ izento de ambiçaõ, e condiçaõ. Nunca por seu interesse seguio partido, ou acostou a mayor poder: nem ainda quiz ser seguido: com o primeiro desagradava, e confundia os poderosos: com o segundo espantava a todos. Tanto que se offereciaõ eleyçoens, e via, como sempre, inclinaçaõ a sua parte; a primeira voz que se lhe ouvia era, que se tratasse do mais digno; e delle se fizesse conta, como de homem morto, e pera ser havido por tal pera todo cargo, pedio, e alcançou licença do Geral, que ninguem o pudesse obrigar. Ordinario he agradar o brio, e valor alheyo até aos mesmos, que por cativos, e baixos de animo, naõ tem nada (tal he o poder da virtude) assi era Frey Joaõ havido por modello de hum verdadeiro Religioso: louvado de todos, imitado de poucos, e de alguus desamado: porque era taõ constante no que huma vez determinava, que se fazia julgar por teimoso, e ao modo do mesmo Cataõ, a toda a hora tinha a lingoa prompta pera reprehender, em presentes, e passados, o que seu zelo lhe dictava, com tanta energia, que ás vezes parecia mais gosto, e soltura de dizer, que liberdade religiosa; mais mormuraçaõ, que reprehençaõ: o que naõ he possivel crerse de homem, que trazia como elle, registada a vida com todas as regras de virtude, honestidade, recolhimento, estudo: acudir com cuidado ao choro, e a horas da meya noite, ainda despois de dispensado: naõ querer mais pasto, que o do refeitorio: em deposito commum nem real, nem nome seu: Missa cada dia com tal continuaçaõ, e gosto, que a disse até no dia em que morreo: com tal espiritu, e devaçaõ, que a muitas pessoas de conta ouvimos dizer, que

qua-

quasi sempre era com lagrimas.

Estas partes, que por raras tresbordavaõ por fóra dos Claustros, e eraõ sabidas de muitos, lhe grangearaõ ser eleyto pera cousas grandes no peito dos Reys, e ministros mayores. Frey Diogo de Chaves Confessor d'elRey Dom Felippe Primeiro de Portugal lhe offereceo o cargo de Inquisidor da India, e dizia delle, que naõ vira homem mais idoneo pera confessor de hum grande Monarcha. O Bispo Capellaõ mór Dom Jorge de Attaide tratou com elle fazello Prior mór de Palmella. O Bispo de Coimbra Dom Affonso de Castello-Branco, sendo Viso-Rey deste Reyno, o chamou da parte d'elRey Dom Felippe Segundo pera Bispo de Malaca no Oriente: de todos se escuzou com razoens humildes. Dignas saõ de memoria, pera ensino, e castigo de huns indignos, e atrevidos, que com afouteza se abalançaõ a pedir, e aceitar cargos, que naõ entendem, nem merecem. Ao Confessor disse, que pera julgar vidas, honras, e fazendas, como se fazia na Inquisiçaõ, convinhaõ tanto, como as letras, annos de experiencia daquelle Tribunal, que elle naõ tinha; ao Bispo Viso-Rey, respondeo com S. Thomás, que o ministerio Episcopal era hum Mestrado de perfeiçaõ: o ser Frade era ser discipulo della; que se elle em sua consciencia se naõ achava inda bom discipulo, como se atreveria a aceitar ser Mestre?

De huma só cousa podemos culpar este Padre, que sendo suas letras, quais sabemos, a sua vida bem complessionada, tanto, como larga, nenhum fruito nos deixou dellas: e sabia bem, que só com naõ deixar passar a vida em silencio, nos differensamos os homens dos animais brutos. Mas se naõ escreveo, naõ vivia de todo ocioso; porque os Reys, em quanto teve forças, o tiveraõ sempre occupado em juntas, e negocios do Reyno, importantes; e de todos os senhores Grandes, e nobres da terra, era buscado pera conselho, podemos dizer, como hum oraculo: porque juntava com a sua Theologia conhecimento mais que meaõ de outras muitas sciencias, e huma tenacissima memoria, que nunca perdeo; partes que o faziaõ outro Nestor em fallar bem, e referir successos antigos.

Viveo tambem como Nestor longos annos, pagandolhe Deos com muitos, e robustos no mundo, a constancia com que delle naõ quiz nunca nada. Polla conta, que nos dava no mez de Outubro, em que falleceo, era entrado em oitenta annos; e he de notar, que nasceo em Outubro, em Outubro tomou o sancto habito, e fez profissaõ, e em Outubro veyo a acabar. E se he dita pera quem morre huma doença breve, livre de accidentes, de dores, e de trabalhos; parece, que lha deu Deos tal em paga de virtudes; porque em 30. de Outubro de 626., havendo sinco mezes, que residia em Bemfica por gosto da Casa, e amor que lhe tinha o Prelado, e tendonos dito, que nelle tinha entrado em oitenta annos: foy Deos servido levallo pera sy com huma morte muito pera dezejar, e envejar de quieta, e bem assombrada. Tinha dito Missa polla menham, jantado com

boa

boa graça, mas temperadamente, como sempre, repousado despois hum pouco; quando foy ás tres horas, estando em conversaçaõ sentio revolverselhe o estamago; sobreveyolhe hum vomito, com que ficou muito abalado. Como andava taõ sobre aviso, que cada hora esperava lhe batesse o Senhor á porta, recolheuse, e deitouse. Chegou o Prior, disselhe o que convinha Padre Prior, respondeo, muito tempo ha me aparelho pera este chamamento, que me parece he chegado: mas porque a velhice extrema, e meu descuido, me tem tirado fazer penitencia, peço a V. R. me dê algum merecimento, reprendendome, como meu Prelado: Missa disse polla menham com pensamentos, como me acontece há muitos dias, que podia ser a ultima: agora estou prompto pera o mais, que V. R. ordenar. Tratouse dos Sacramentos, e confessouse; e disse o confessor, que fora geralmente. Confissaõ bendita, que sendo de 80. annos de vida, naõ passou de meya hora: entraraõ dores com vehemencia, que lhe fizeraõ crer eraõ de morte, recebeas com impeto de lagrimas, e com as devotas palavras de Agostinho. *Hic vre, hic seca, hic non parcas, vt in æternum parcas.* Pedio juntamente, que lhe lessem hum passo do Concilio Tridentino, apontou a sessaõ, e o Capitulo onde se diz, que temos taõ bom Deos, que naõ só recebe em satisfaçaõ de culpas a penitencia, que cada hum faz, ou por vontade, ou por mandado do Confessor: mas tambem os castigos temporais, que Deos nos dá, se os levamos com paciencia. Ouvioas, e referioas com devaçaõ, e virouse sobre o lado esquerdo; pareceo, que quietava: tratandose do ultimo soccorro da sancta Unçaõ, porque o receyo do vomito obrigou a naõ fallar noutra cousa: pareceo a quietaçaõ demasiada, chamaraõ por elle, achouse, que era passado; que de taõ fracos vinculos pende a vida humana: todavia espantou a pressa, porque gozava de huma disposiçaõ pera invejar, ainda em menos annos. Naõ uzava bordaõ, nem ocolos pera lêr, serviaõlhe pera olhar ao longe; todos os mais sentidos promptos, e prestes. A naõ lhe faltarem dentes, que de todo o tinhaõ desemparado, era fermosa velhice; poucos mezes antes de fallecer o vimos huma manham passear descalço sobre o ladrilho, cousa que em hum moço parecera temeridade. Foy enterrado no antechoro, ao longo da cazinha, que serve de despejos da sacristia: o Padre Presentado Frey Joaõ de Vasconcellos Prior lhe mandou pôr na cabeceira huma pequena pedra, conformandose com o espiritu do defuncto, mais que com seu merecimento, que declara o nome, com mez, e anno do transito. Este breve tratado suprirá por mayor marmore.

Tambem naõ he rezaõ deixarmos em silencio a vida do Padre Frey Fernando da Cruz filho deste Convento; porque se nos tempos antigos ouve nelle baroens taõ assinalados na virtude, tambem nos tempos modernos naõ faltaraõ. Hum destes foy o Padre Frey Fernando da Cruz, que em secular se chamava D. Fernandalvares de Castro, Baraõ muy estimado, e respeitado de todo o estado de gen-

gente, por sua grande virtude, nobreza, e prudencia, regeitando muitas vezes cargos honrosos em que os Reys o occupavaõ, contentandose somentes com servir a Deos; porque por espaço de mais de vinte annos guardava a regra de S. Domingos com a mayor perfeiçaõ, que hum secular póde guardar, comendo sempre peixe, jejuando sete mezes desde dia de Sancta Cruz, que he a 14. de Setembro, té dia de Paschoa de flores: as sextas feiras de todo o anno, vestindo lam sobre a carne, rezando o officio Divino, e outras abstinencias, e austeridades, que fazia: e quem desta maneira procedia em secular, com mais perfeiçaõ obraria sendo Religioso, donde o caminho he mais acommodado pera salvarse. Entrado na Religiaõ, os annos, que viveo nella, foy com notavel exemplo; porque sendo já de muita idade, naõ faltava em o Choro, assi de noite, como de dia, nem nas mais communidades: era grande o amor, e charidade, que tinha a todos, principalmente aos enfermos. Com os pobres uzava de grande piedade, e misericordia, dandolhes muitas esmolas, e buscandoas sempre pera ter que dar, de maneira, que nenhum chegava a elle, que se fosse desemparado do remedio.

CAPITULO XVII.

Em que se dá razaõ de algumas antiguidades, que ha no Convento.

EM casa moderna, como esta he, que passa pouco de duzentos annos, naõ póde haver grandes antigualhas: todavia as que forem de tanta idade, como ella, já merecem memoria, e honra, por lhe cahirem em proporçaõ. Diremos algumas das mais notaveis: seja a primeira a veneravel figura do nosso Padre S. Domingos, veneravel, naõ por riqueza de materia, nem primores da esculturа, mas por devaçaõ de todo o grande povo de Lisboa, que pollo mez de Mayo despeja a cidade pollo vir buscar, e offerecerlhe suas oraçoens: e ainda que em materia de romarias tem muito poder o costume, ou a companhia, ou a imitaçaõ, naõ póde ser tanta a constancia em aturar esta, sem haver causa, que a sustente: quero dizer sem os que a continuaõ sentirem algum beneficio no que pretendem com ella. He este Sancto hum dos 17. que chamamos auxiliadores, e pera todas as necessidades da vida grande valedor diante de Deos. Mas aqui particularmente he buscado dos que esperaõ por parentes, ou amigos abzentes, e que andaõ sobre as agoas do mar: e dizem, que começou a devaçaõ no mesmo tempo, que a Imagem entrou no Convento, referindoa ao successo, que diremos. Partia pera Alemanha certo mercador, quando os Frades começavaõ a povoar a casa. Assentou elRey D. Joaõ com elle, que lhe fizesse lavrar naquellas partes em fino Alabastro huma imagem do Sancto pera a dar aos Frades. Naõ foy descuidado o mercador: fez a imagem, e embarcouse com ella. Na viagem levantouse tormenta, e foy o perigo tal, que os que mandavaõ a via se deraõ por perdidos,

tratando cada hum dos remedios da alma, mais que do governo da embarcaçaõ. Neſte eſtado foy inſtincto do Ceo, lembrarſe o mercador da peça, que trazia. Cheyo de animo, e confiança, deu viſta della aos companheiros; exhortouos a ſe encomendarem ao Sancto: esforçouſe a devaçaõ com a neceſſidade: moſtrou o Senhor, que a interceſſaõ de ſeu ſervo dava vida, e ſalvaçaõ aos affligidos; porque num momento ceſſou a furia dos ventos, abrandou o mar, e correraõ com bonança até tomarem a barra de Lisboa, e entrarem no Rio. Celebrouſe o ſucceſſo como verdadeiro milagre; e tanto, que ſoou na cidade, como ſua vida, e ſubſtancia pende de navegaçoens, obrigou o povo a eſtimar, e buſcar a Imagem; e porque conſtou, que valera aos navegantes, que a traziaõ em hum Domingo de Mayo, dura a romagem em tais dias. A figura he pequena, o ſitio pouco atilado: e pera menos policia de barba, e circilho dourado, pollo qual he conhecida, e nomeada no vulgo: tem ſeu aſſento no altar do Roſario em hum nicho dourado, que fica aos pés da Senhora. He ponto de conſiderar, e digno de ficar em lembrança, que dando de ordinario ſemelhantes concurſos occaſiaõ a brigas, e deſcompoſturas, naõ ha quem ſe lembre ver nunca neſte nenhuma.

Outra Imagem ſe vê ſobre o arco da abobeda da Portaria, a que dá fama huma tradiçaõ (certeza naõ ha) que a inviou pera eſta caſa o noſſo grande ſancto Arcebiſpo de Florença Sancto Antonino, repreſenta hum Frade, que no geito, crime, e efficaz de olhos, e roſto, e maõ levantada eſtá prégando. A materia parece eſpecie de perſolana, e daquella maſſa de que em Veneza ſe faz a louça vidrada fina: porque o roſto he todo vidrado, e muito alvo; e ſó o campo, em que eſtá relevado, tira a azul, e fica nelle a modo de hum Camafeo: mas de taõ perfeito lavor, no que toca a vazaõ da eſcultura, que iſſo nos obrigou a fazer mençaõ della. Tambem he de louvar a compoſiçaõ do vidro, e barro: porque eſtando muitos annos há neſte lugar expoſta a todas as injurias dos tempos, e contra o vento ſueſte, donde mais força de agoas lança o inverno: naõ apparece nella ſinal de damno. Fazendo juizo de que Sancto da Ordem poſſa repreſentar, parece que nenhum outro, ſe naõ S. Vicente Ferrer, noſſo Frade Valenciano, que no tempo, que eſta Caſa começou, eſclarecia com maravilhas de prégaçaõ, e milagres: e com eſta tradiçaõ concerta outra, que anda na Provincia, que o meſmo Sancto Arcebiſpo nos mandou de Italia a fermoſa reliquia, que aqui poſſuhimos de hum dedo do Angelico Doutor Sancto Thomás. Eſtá metido em hum viril de criſtal laurado a modo de pyramide com ſeus engaſtes, pedeſtal, e remates de prata dourada: a groſſura do oſſo, e comprimento moſtraõ ſer polegar da maõ.

Por Varaõ inſigne, grande bemfeitor, e devoto da Religiaõ de S. Domingos, nos merece memoria, e agradecimento neſtes eſcritos o Doutor Joaõ de Aregas (e naõ das Regras, como erradamente lhe chamaõ

alguns) devemoslhe, alem dos beneficios, que por sua via recebemos, de duas casas, que elRey Dom Joaõ Primeiro, a quem servio, e de quem foy estimado, e amado, deu à Ordem, querer ficar entre nós, por morte, podendo ter lugar primeiro, e principal entre seus illustres descendentes, cuja casa grandemente acrescentou: porque elRey Dom Joaõ tanto que começou a ter quietaçaõ no Reyno, como os grandes merecimentos de Joaõ de Aregas o obrigavaõ a dezejar fazerlhe merce, e honra, a que primeiro lhe fez, foy cazallo em Coimbra com Dona Leanor da Cunha, filha herdeira de Martim Vazques da Cunha; que nas alteraçoens do Reyno, e guerras daquelle tempo, seguira as partes de Castella, e passandose a ella, foy lá Conde de Valença de Campos: e por este casamento deu elRey a Dona Leanor as terras, e fazenda, que o pay por tal auzencia tinha perdido; que eraõ as Villas de Lourinham, e Cascaes, e o morgado de S. Mattheus em Lisboa, com outros muitos bens, e rendas: e de tudo foy herdeira Dona Branca da Cunha filha unica, que d'entre ambos nasceo: a qual cazando com Dom Affonso, que chamaraõ de Cascaes, bastardo do Infante Dom Joaõ, que foy filho d'elRey D. Pedro de Portugal, e de Dona Ines de Castro, ouve delle huma só filha por nome Dona Isabel, que casou com Dom Alvaro de Castro, primeiro Conde de Monsanto: e por este modo veyo a lograr a casa de Monsanto a fazenda, e trabalhos do insigne Baraõ Joaõ de Aregas, que vindo a fallecer no anno de 1404. se mandou sepultar neste Convento. He a sepultura huma grande caixa de marmore, assentada sobre quatro leoens, lavrada em torno de escudos de armas, quarteados em aspa, e nos campos alto, e baixo, em cada hum sua Cruz floreada da feiçaõ das da Ordem de Avis: e nos campos de cada lado huma serpe com azas ameaçando pera fóra: na lagea, que a cobre, está o defuncto entalhado de relevo, vestido em roupas largas, e barrete posto, insignias de letrado: mas acompanhado tambem das de cavaleiro, que saõ seu estoque á ilharga: as mãos juntas sobre o peito, como quem faz oraçaõ: aos pés hum grande libreo com sua coleira de tachoens, e lavores arremedados, assentado sobre pés, e mãos em acto de vegia. Faz orla ao tampaõ huma letra, que contém o seguinte. *Aqui jaz Joaõ da Regas Cavaleiro Doutor em Leys, privado d'elRey Dom Joaõ fundador deste Mosteiro, finou tres dias do mez de Mayo era de* 1442. (*responde ao anno do Senhor* 1404.) o sitio desta caixa foy sempre no corpo da Igreja, e no meyo della: porque se compadecia com o lugar, que entaõ tinha a porta principal, que era a hum lado, e naõ defronte do Altar mór, como agora está. Ao trocar da porta, pareceo, que impedia a entrada, e sahida do povo: e que se naõ perdia nada do respeito devido a tal pessoa, se ficasse desviada hum pouco sobre a maõ esquerda. Fezse a saber a quem tocava: naõ ouve duvida: afastouse, e assi ficou. Mas naõ faltaõ hoje juizos ambiciosos, que medindo os espiritus grandes antigos pollos miudos, e interesseiros

1404.

1442.
1404.

seiros d'agora, fazem espanto de Joaõ da Regas naõ occupar com sua sepultura o melhor da Igreja; que era a Capella mór; ao que se responde com duas razoens, fundadas ambas em hum animo grandioso, qual era o seu. Primeira, que foy costume dos Varoens famosos da mais alta antiguidade, mandarem assentar seus moymentos fóra das Igrejas nos porticos dellas. O que começando em respeito de humildade christam, veyo a ficar em uzo de grandeza, como bem se collige do testamento de Dom Affonso Sanches senhor de Albuquerque, Medilhim, filho d'elRey Dom Dinis, que mandandose sepultar no seu Convento de Sancta Clara de Villa do Conde, por elle fundado, e dotado; declara, que seja fóra da Igreja; e dá por razaõ naõ ser conveniente estar o servo taõ honrado, como seu Senhor. E naõ falta quem affirme, que as sepulturas dos Reys Dom Affonso Henriques, e Dom Sancho seu filho estiveraõ muitos annos fóra da porta de sua Igreja de Sancta Cruz de Coimbra: e o mesmo acho, que aconteceo algum tempo a esta de Joaõ de Aregas, por relaçaõ de hum Religioso muito velho, e bem visto nas antiguidades de nossos Conventos; o que tambem se deixa entender da estreiteza, que a Igreja tinha, quando elle falleceo, que nem entaõ, nem muitos annos despois, era mais, que hum pequeno Oratorio. A segunda rezaõ he de crer, que foy, porque como por seu meyo alcançamos d'elRey a Casa, recearia, que cuidasse o mundo, se pagava na dadiva alheya, do emprego de sua valia. Assi, nem quiz lugar, com que desse pejo á Casa, nem nos obrigou com nenhum suffragio, contentandose só de mostrar o amor, que tinha á Ordem, e a confiança, que fazia dos animos honrados, e agradecidos della.

Desta affeiçaõ foraõ imitadores, correndo os annos, muitos de seus descendentes, dos quais, alem de tres distinctas sepulturas, que achamos na Igreja velha arrimadas ás grades do Choro, com nomes, e armas destes fidalgos, Dom Alvaro de Castro, filho de Dom Fernando de Castro, que foy Governador da casa do Civel, embarcandose com elRey Dom Sebastiaõ na infelice jornada de Africa, onde com elle acabou, naõ se contentou com menos, que obrigar a este Convento em huma boa porçaõ o melhor de sua fazenda, que foy o grande assento de casas, e jardins, que possuhia em Lisboa junto a Sancta Martha, acrescentando obrigaçaõ, e gosto, que em falta de legitimos, e direitos successores de sua linha, fique ao Convento sem passar a transversais: e juntamente edificou logo, e ornou pera jazigo seu, e delles a Capella do Capitulo novo, vezinho ao antechoro.

A mesma tençaõ teve outro Dom Alvaro de Castro do mesmo sangue, e descendencia, e filho do famoso Governador da India Dom Joaõ de Castro, que na Igreja, que se derrubou, tinha lavrado huma boa Capella, com tençaõ de passar a ella os ossos de seu Pay, que saõ os que hoje vemos na do parente em hum tumulo cuberto de veludo

ludo negro sobre estrado da mesma guarnição.

Não he possivel seguirmos todas as memorias, que ha de Capellas, e enterros nobres, porque seria estender demaziado esta escritura, que he feita a outro fim. Mas não será rezão ficar em silencio Gil Vazques de Altero por sobrinho do grande Condestable Dom Nuno Alvares Pereira filho de sua irmã Ines Alvares Pereira, que escolhendo sepultura nesta Casa, deixou pera sustentação dos Religiosos huma boa fazenda de vinhas, que são as que cercão a quintinha de recreação, que temos sobre o vale de Nossa Senhora da Luz. Por bemfeitor assentou o Convento lavrarlhe Capella na Igreja velha com Missa quotidiana, e altar privelegiado, e sua campa no meyo.

CAPITULO XVIII.

Das memorias, que neste Convento permanecem dos Reys, e de como lhe foy doada a Ermida de Nossa Senhora do Cabo de Espichel.

BEm será, que cerremos o que ha que dizer deste Convento com as memorias, que os Reys forão nelle deixando successivamente. Assi como elRey Dom João Primeiro deu o casco da casa aos Frades, no estado em que a Coroa o possuhia: vindo a reynar outro Dom João, que foy segundo do nome, e bisneto do Primeiro, acudio á sustentação delle com huma boa fazenda, que chamão a quinta de Ilhas, junto á villa da Eiriceira. Fora esta quinta do Conde de Penamacor, Dom Lopo de Albuquerque, e de sua mulher Dona Leonor de Noronha. Vendeose em Almoeda á instancia de hum Affonso Gonçalves d' Alcanhaens, por dividas, que o Conde lhe devia; e mandou elRey tomala no mesmo preço, em que foy arrematada, pera fazer mercê della aos Frades; e na Carta, que lhes mandou passar, diz que a dá por sua devação, e descargos: mas com tanta liberalidade, que valendo perto de vinte moyos de renda, declara, que seja pera vestiaria, e sustentação de quatro Frades, sem lhes pôr obrigação nenhuma. Foy feita a merce em Março de 1487. e como quem não ignorava os desemparos das Communidades, logo no anno seguinte a mandou atombar juridicamente: e assi nos deu junto fazenda, e tombo: e fica sendo a parte mais substancial do que a Casa possue, e com que alimenta de ordinario trinta, e sinco Religiosos, e ás vezes mais.

1487.

Não passarão muitos annos, que ajuntou elRey Dom Manoel outra memoria digna de sua grande piedade. Forão duas Missas cantadas aos Anjos cada semana, e a tenção declaradamente em favor dos navegantes, como proseguia os descobrimentos da India; outras tantas mandou juntamente cantar em outros dous Mosteiros nossos, Azeitão, e Almeirim, consignada a esmola de todas na esmollaria Real: e como a tenção sancta era, alem do suffragio, ajudar a viver os Religiosos, vindo elRey Dom Felippe o Primeiro a este Reyno, e sendo advertido, que a esmolla, como muito antiga, era igualmente curta, e tenue pera

o tem-

o tempo presente, mandou asubir a quantia, que hoje se dá, que he de vinte mil, e oito centos reis a cada Mosteiro.

Tambem a Raynha Dona Catherina quiz que ficasse seu nome nesta Casa por hum modo muito sancto. Tinha huma fermosa Cruz de prata, que incluhia em sy outra do sancto Lenho da Vera Cruz, pedaço muito consideravel: tinha tambem huma cabeça de Sancta Cecilia, huma das onze mil Virgens, que juntas em hum dia, deraõ o sangue pollo Esposo Sagrado. Deunos huma cousa, e outra, foy o meyo o Padre Frey Francisco de Bovadilha. O nome de Cecilia me faz duvida, mas está escrito no mesmo casco da sancta cáveira: e devemos fé a quem assi a deu: ao redor faz o engaste tres nichos em que estaõ ossos de Sancta Anna, e dos Martyres S. Cosmo, e S. Severo; com seus rotulos em cada nicho: os engastes saõ grandes, e bem lavrados, todos de prata, e dourados, e com seus pedestaes altos do mesmo, pera quando se poem no Altar.

Como isto saõ testemunhos da boa opiniaõ, que os Reys tinhaõ do Convento, e moradores delle, e por Reays ficaõ mayores de toda exceiçaõ, escusado fora juntar outros: mas naõ me atrevo a deixar fóra destes escritos o juizo de hum fidalgo muito honrado, e muito cavaleiro, dado por huma escritura publica, cujo treslado lançaremos aqui de verbo ad verbum: porque forrandonos de mayor relaçaõ, ordinariamente reluz nas palavras toscas, e mal polidas da antiguidade huma certa pureza, que faz grande estribo á verdade, e diz assi.

A Quantos esta Carta de dotamento, e perpetua doaçaõ virem; eu Diogo Mendes de Vasconcellos cavalleiro comendador de Coimbra, e de Ourique, faço saber, que eu vendo, e consirando da discriçaõ, e bondade, e bom viver dos frades de S. Domingos de Bemfica: e vendo eu como os ditos frades vivem em conservancia, e guardaõ toda sua regra, e os modos de sua Ordem, e se trabalhaõ de acrescentarem em serviço de Deos, e de Sancta Maria sua madre, dezejaõ de haver lugares honestos, e apartados, om que elles, e os que poz elles vierem á dita Ordem, o Senhor Deos podessem servir, e louvar. E porem vendo eu todo esto: e vendo que a hermida, e logar, e limite de Sancta Maria da Pedra de Mua, que he no cabo de Espichel, termo de Cezimbra, que he bom, e honesto, logar qera em elle viverem, e estarem os Frades da dita Ordem, de bom, e honesto viver: dou, e outorgo aos ditos Frades de Bemfica perpetuamente pera sempre a dita hermida, e logar, e direito delle, e seu lemite com todolos hon-

honramentos, e direitos, e pertenças, que a dita hermida há, e lhe pertencem, e podem pertencer ao diante pera ſempre, por qualquer guiza que ſejaõ, que a ella venhaõ, que os ditos frades hajaõ tudo pera ſy livremente, e ſem contenda, pera ſoportamento, e corregimento da dita hermida, e logar. Aos quais frades dou, e outorgo todalas couſas que ditas ſom, polla guiſa, que ſuſodito he, e tiro de mim, e leixo todo ſenhorio, e poſſe, e propriedade, e direito, que eu hey, e tenho no dito logar, e hermida, e offrendas, e couſas ſuſo ditas: e dou, e ponho tudo em poſſe, e ſenhorio dos ditos frades hora preſentes, e dos que pollo tempo veerem, que tudo hajaõ pera ſempre, e izentamente com eſta condiçom, que os frades da dita Ordem, que no dito logar eſtiverem, tenhaõ aquelle bom modo de viver, pera ſempre, que hora tem, e teverem os frades do Moſteiro de Bemfica: e que outro nenhum Provincial naõ haja dever em o dito logar, e frades delle pera os vizitar, ſalvo o que for Prior, e Vigairo de Bemfica: os quais com ſeu Convento ſejaõ regedores, e governadores dos frades, que eſtiverem em a dita hermida, e logar. E ſe algumas clauſulas de direito, e verbas de razom aqui falecem pera eſta eſcritura, e doaçaõ mais firme ſer, eu as hey aqui por poſtas, e expreſſamente nomeadas, e declaradas, e por iſto ſer firme, e eſtas couſas nom virem em duvidas por tempo, dey eſta minha Carta de firme doaçaõ, e dotamento, com outorgamento de todalas couſas, que ditas ſom aos ditos frades; aſſinada por mim, e feita por Affonſo Martins Tabaliaõ, a que a eu mandey fazer, teſtemunhas deſte Joanne Annes Prior de Sancta Maria de Cezimbra, e Gonçallo Vazques, e Joanne Annes clerigos, e raçoeiros della, e Gonçallo Lourenço Procurador do Conſelho, e Diogo Affonſo, e Ruy Vicente taballiaens da dita villa: e Pedro de Carvalho, e Eſteves, e Affonſe Annes Romeu, e Rodrigo Affonſo, e Lope Diz, e outros homens bons da dita villa, que eſto aſſinaráõ. Feita em Cezimbra dezoito dias de Novembro, Affonſo Martins Tabaliaõ o fez, era do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1428. annos. 1428.

Saibaõ quantos eſte inſtromento virem, que na era do

Naſ-

Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil quatro centos, e vinte nove annos, vinte sinco dias do mez de Julho em Cezimbra, e em caza da Vereaçaõ, sendo ahy Lope Diz, e Rodrigo Affonso juizes da dita villa, e Lourenço Martins Calvo, e Alvaro Annes Sintraõ, e Affonso Annes Tamarinho Vereadores, e Gonçallo Lourenço Procurador do Conselho, e Joanne Annes raçoeiro da dita villa, e Gonçallo Vazques, e Joanne Annes, raçoeiros em ella mesma: Fernaõ Dalvares, e Affonse Annes Romeu: e Pedro Carvalho, e Estevaõ Estevens, e Luis Peres, e Alvaro Domingues, e Ruy Vicente, e Fernaõ Rodrigues, e Diogo Affonso tabaliaens, e outros muitos homens bons da dita villa, e termo, que em a dita vereaçaõ estavaõ: aos sobreditos em vereaçaõ foy mostrada esta Carta destoutra parte escrita, e vista por elles por parte do Conselho, outorgaraõ todalas cousas, que em a dita Carta som conteudas: e disserom, que se os ditos frades em a dita hermida, e logar estevessem, que todolos moradores desta terra, e comarca, e termo os ajudariaõ a soportar, e correger o dito logar por serviço do Senhor Deos, e que lhes prazia muito de sua vinda, e estada. E de como esto outorgaron, e lhes aprouve, Estevaõ Estevens, escudeiro vassallo d'elRey morador na dita villa pedio assi dello hum estromento: e o Procurador do Conselho outro tal com o theor da dita Carta, pera jazer na Arca do Conselho: e os ditos juizes, e officiaes lhas mandaraõ dar. Testemunhas os sobreditos, e Gonçallo Diz, e Alvaro Affonso Brinto, e Diogo Lopes filho de Rodrigo Affonso, e outros: e eu Affonso Martins Tabaliaõ geral por elRey em certos logares da correiçom dantre Tejo, e Odiana, que a este presente fuy, com as ditas testemunhas, e este Estromento escrevy, e aqui meu sinal fiz, que tal he.

ADDI-

ADDICAÕ
A' FUNDAÇAÕ DO CONVENTO
DE
S. DOMINGOS
DE BEMFICA

Descreveſe o edificio da Igreja, e mais obras, que fez de novo o Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos no Convento de Bemfica.

DEſcreveo o Author neſta Segunda Parte a Igreja, e Convento de Bemfica no eſtado em que d'antes eſtava; mas como ao preſente eſtá a Igreja, e a mayor parte do Convento taõ mudado, e tanto mais aperfeiçoado, do que foy em tempo atrazado; aſſi com as obras que nelle fez o Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, como tambem com a magnificencia da Capella, e mais obras, que mandou fabricar o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro, pera jazigo ſeu, e de ſeus aſcendentes, parece mate forçado relatar o eſtado em que ao preſente eſtaõ, porque naõ pareça a quem ler a deſcripçaõ, e vir as obras, que naõ diz huma couſa com a outra, e tambem pera que fique em memoria a mudança, o Author della, e o tempo em que foy feita. Bem vejo que naõ vinha fóra de maõ, antes era muy proprio eſte lugar pera ſe relatarem as couſas do Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, pois ſe deſcrevem ſuas obras; mas como ſua vida, e morte foy taõ notavel na eſtimaçaõ commua de todos: aquella por ſer dourada de tantas virtudes, como heroicas; eſta por ſer taõ glorioſa, e acompanhada de tantas maravilhas; reſervaſe a relaçaõ dellas pera mayor Tratado, em que tambem ſe poſſaõ deſcrever outras muitas obras, em que nos deixou ſuas memorias eterniſadas, pollo que ſó trataremos das que tocaõ a eſte lugar.

Foraõ bons de contentar os noſſos Antigos, fabricavaõ com pouco cuſto ſuas obras, naõ tratavaõ de recrear com apparencias, nem cançavaõ os Architectos com raſcunhos; pagavaõſe de huma ſancta ſimplicidade, e com ella ſerviaõ muy conten-

tes. Tais eraõ os edificios desta Casa; Igreja simples, e com pouco custo, mas devota; pouco correspondente em obra, e artefício: he o tempo gastador, e descobridor dos bens da vida, dandonos manifesto desengano de sua pouca duraçaõ: de sorte que nem fortes marmores lhe fazem resistencia. Mal podiaõ já as humildes paredes da Igreja soportar o continuado impeto de seus tiros; e assi envelhecidas dos rigores ameaçavaõ por muitas partes tal ruina, que era necessario acodirlhe com brevidade, por naõ arriscar o edificio a mayor dano.

Corria o anno de 1623. acabava de Prior de Bemfica o Mestre Frey Manoel Telles, illustre por sangue, letras, e virtude, que despois governou a Provincia, como Provincial, que foy della, donde foy tirado pera Arcebispo Primás do Oriente, onde naõ chegou por lho atalhar a morte na viagem: trataváõ os Religiosos moradores entaõ no Convento, de elleger novo Prelado; dezejavaõ, que fosse em tudo qual convinha pera naõ deixar afroxar hum ponto o rigor da observancia, e crescer muito nas obras necessarias: fizeraõ entre sy suas conferencias religiosas, até que foraõ descubrir entre as eschoIas hum sujeito, que por todas as partes era adequado pera o cargo por se achar nelle tudo o que se podia dezejar: foy este o Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, que actualmente estava lendo Theologia no Convento de S. Domingos de Lisboa, com igual satisfaçaõ de todos em tudo: entraõ em Capitulo, elegemno Prior sem contradiçaõ alguma, antes com demonstraçoens de boa vontade, pondo em duvida se aceitaria: e naõ se enganavaõ em duvidar; porque o Padre Mestre, que entaõ era sómente Presentado, fez toda a repugnancia, que se permitte em hum subdito, allegando por sua parte muitas, e boas rezoens, concernentes á Religiaõ; naõ sendo menos efficazes as que os Religiosos acumulavaõ pera o tirarem da Cadeira pera Prelado de hum Convento da reforma; meteóse a obediencia de pormeyo; atalhou as contendas, obrigouo, que aceitasse; naõ ouve mais boquejar, tomou o caminho pera Bemfica Apostolicamente, tomou posse com tanto gosto dos subditos, que se davaõ os parabens huns aos outros de terem feito tal eleyçaõ, e os successos mostraraõ, que naõ se tinhaõ enganado: e parece, que foy ordem particular do Ceo, que fosse restaurador desta Casa o Padre Mestre, que despois foy Provincial da Provincia, Prégador da Capella Real, e do Conselho Supremo do Sancto Officio, pera ter proporçaõ com o primeiro fundador, o Mestre Frey Vicente de Lisboa, Prégador tambem d'el-Rey, Provincial na Religiaõ, e Inquisidor geral de toda Espanha.

Tanto que tomou posse do Convento o novo Prior, tomaraõ delle posse os cuidados: naõ foy menor o que logo lhe entrou de fazer nova Igreja; porque o requeria assi o estado da antiga; e tambem, porque a fervorosa devaçaõ que tinha pera as cousas do culto Divino, naõ no deixava parar em emprender a obra. Entra em conselho dos mais velhos,

velhos, sem o qual naõ podia fazer nada, acha contradiçaõ em alguns, que considerando as poucas posses do Convento, contentavaõse com algum reparo possivel, sem derrubar por terra a Igreja antiga, movendoos tambem a isso o amor, que tinhaõ áquellas paredes velhas, tacitas testemunhas das rigurosas disciplinas, das fervorosas oraçoens, das lagrimas, e suspiros ao Ceo, que por tantos annos se tinhaõ continuado naquella pobre caza de Oraçaõ, que por pobre incitava mais aos ditos exercicios. Mas como no Prior sobejava valor, e naõ faltava confiança na providencia Divina, allegou taõ vivas razoens por parte desta, que reduzio a seu parecer os que se mostravaõ mais incredulos de sortir effeito o novo intento. Tinha o Prior alguma sciencia de architectura, consulta os peritos na arte, visita com alguns delles os templos de Lisboa, notando as perfeiçoens, e as faltas que nelles se descobrissem, pera se imitarem humas, e pera fugir das outras, apresentaõse, e cotejaõse varias plantas, tomaõ assumpto na fabrica, manda derrubar todo o corpo, e cruseiro da Igreja velha, ficando só em pé o Choro, e Sacristia, aquella, nobre jazigo dos Botelhos, esta, novo descanso dos possuidores da nobre Casa de Bellas.

Tratouse logo de lançar a primeira pedra ao novo templo; communicou o Prior seu desenho ao Capellaõ mór da Capella Real, que naquelle tempo era Dom Joaõ da Sylva, da illustrissima Casa de Portalegre; offerecese de boa vontade pera aquella fundaçaõ, aprasase o dia, que foy o dedicado á festa dos Sanctos Principes da Igreja, Pedro, e Paulo; leva comsigo toda a musica Real; á fama de tanta solemnidade acodem os vezinhos de perto, e de longe, concorrem os parentes do Author da obra, levando em companhia outra muita nobreza: celebra o Capellaõ mór Missa, prégou o Padre Prior; e no fim de tudo deitouse a primeira pedra, com a solemnidade que a Igreja pera isso ordenou: naõ continha o letreiro della mais, que a memoria do tempo do Summo Pontifice, Emperador, e do Rey, que governava este Reyno; naõ vay aqui a copia delle, porque se perdeo, como muitas cousas se perdem: foy isto na era 1624 no dia de Julho apontado: poem logo as mãos á obra, com tanto valor, que em poucos annos se desconheceo o Convento do estado em que estava, porque mudou a portaria, fazendo pera ella huma fermosa caza: fez novo Claustro, novo Refeitorio, com todas as mais officinas necessarias, novo Capitulo, e Igreja nova, cuja descripçaõ he a seguinte.

Descreve-se a Igreja.

Está a Igreja nova do Convento de Bemfica no mesmo sitio em que ficava a antiga, he fabricada de huma nave, em forma de huma perfeita Cruz, como a arte, fundada no mysterio ensina, crescem as paredes, fechaõse as abobadas, rematase a obra no meyo do Cruseiro com hum taõ alteroso Zimborio, que estando a fabrica em hum vale, fica competindo na altura com os montes vezinhos. Saõ as paredes grossos muros, por todas as partes guarnecidas de pedraria

ria bornida, e sobre os cunhais cerca a Igreja huma bem sahida, e pomposa simalha, donde nascem as voltas de quatro arcos, em cujas cabeças faz circulo outra que dá principio ao levantado Zimborio: occupaõ as paredes frestas rasgadas, e abrigadas com vidraças christalinas, com que o templo fica muito claro. Saõ as Capellas desta Igreja por todas nove: a saber, seis no corpo da Igreja, duas nos braços do Cruzeiro, e ultimamente a Capella mór. As mais tem respondencia entre sy, no sitio, na macenaria dos retabolos, sómente differem em serem differentes as Imagens, que nelles estaõ, humas de vulto, outras pintadas em quadro; mas todas trazidas de fóra do Reyno, pollo Padre Mestre, por serem feitas pollos mais insignes artifices de Europa.

Entrando polla porta á maõ direita, he a primeira Capella dedicada aos Sanctos Auxiliadores, dezasete em numero, singulares na perogativa de se alcançar do Senhor tudo, quanto se pede por sua intercessaõ; bastante interesse pera naõ haver Igreja sem estes Sanctos; e com tudo esta he a unica Capella, que vimos a estes Sanctos dedicada; tem esta indulgencia plenaria annual na Dominga despois da festa dos Sanctos. Responde a esta outra Capella da maõ esquerda, cujo titulo he da prodigiosa Imagem, que a Raynha do Ceo trouxe á terra, de seu servo, filho, e Apostolo, nosso Patriarcha S. Domingos, chamase commummente do Soriano, tomando o nome do lugar, em que a maravilha succedeo: está a Senhora acompanhada das duas protectoras de nossa Religiaõ, a insigne Martyr, e Doutora Catherina, e o exemplo de penitencia, incendio de amor, e Apostola dos Apostolos a Magdalena; descobrese tal afabilidade na Senhora em dar ao Filho o retrato do Pay celestial; e no Religioso tal suspençaõ, com alegria juntamente, que vendo os melhores pintores de Lisboa este quadro pera fazer outro, que se lhe tinha encomendado, confessaraõ (e he muito pera crer quando o confessaõ) que naõ se atreviaõ a copiar outra por ella com a mesma perfeiçaõ, e sombras.

A segunda Capella em ordem, he do Espiritu Sancto, em que he muito pera considerar a admiraçaõ com que se representaõ os sagrados Apostolos, recebendo o fogo Divino; mas com singularidade admiravel se vê o Evangelista, fenix de Amor, encostado sobre hum livro, que lhe cahio da maõ, abrindoselhe as folhas com propriedade taõ enganosa, que quando este quadro chegou de fóra, desenrolandoo o Pintor pera ver o que era, e tirando as folhas do papel que trazia pera resguardo da pintura, remeteo com a maõ a huma folha do livro pintado, cuidando, que era tambem papel posto de fóra: já naõ temos que nos admirar com as uvas com que as Aves se enganaraõ, nem ainda da toalha com que outro Pintor se enganou. A esta segunda Capella responde outra da Assumpçaõ da Senhora, aonde se vê taõ grande multidaõ de Anjos, occupados todos em festejar a Raynha do Ceo, por Mãy de Deos, cada qual occupado em seu exercicio, que com diffi-

difficuldade ſe pódem numerar.

A terceira Capella do corpo da Igreja, he da glorioſa Transfiguraçaõ, he huma admiraçaõ ver a arte com que nos moſtra o Senhor cheyo de gloria, dadas as ſombras taõ ſutilmente nos veſtidos, que ſem fazer algum eſcuro, deſcobre a clareza das ſagradas roupas, de que o Sancto velho Pedro, que levado da ſua viveza, trata de porfiar em ver contra o impedimento da propria viſta, pera o que ſe ajuda do braço, fazendo delle abrigo aos rayos da luz, que reverbera, pera eſpecular a gloria de ſeu Meſtre. Reſponde a eſta Capella a ultima do corpo da Igreja, em que ſe repreſenta a deſcida do Senhor a libertar as Almas dos Sanctos Patriarchas; admira a fermoſura do Senhor, a grande alegria dos Cativos com ſua viſta, a confuſaõ dos moradores infernais, com as portas deitadas por terra, ſahindo livre o primeiro Propagador do genero humano com ſeus deſcendentes, alegres todos por ver já cumpridas as eſperanças, que tantos annos os tinhaõ affligido. Aſſi que eſtes quadros, como á porfia, ſe eſtaõ realçando huns aos outros: fazem guarda a eſtas capellas grades bem torneadas de páo ſancto, com ſeus remates de bronze, que continuando, fechaõ todo o cruſeiro, e ſobre ellas nos cantos de huma, e outra parte, fazem ſacada dous peitoris lavrados de pedra branca, ſobre que eſtribaõ dous proporcionados pulpitos marchetados, com ſombreiros ſobre poſtos da meſma obra.

Entrando no Cruſeiro, vemos nos topos duas Capellas mais alteroſas, fazendo roſto, e competencia huma a outra, lavradas ambas com o meſmo debuxo de macenaria entalhada; levantaõſe quatro colunas, que emparelhadas de duas em duas, ſuſtentaõ hum ayroſo fronteſpicio de flores, e varios bruteſcos: abreſe no meyo de toda eſta obra hum grandioſo nicho, cercado pollo interior de reſalteados florins do meſmo talhe: ſendo eſtas Capellas no feitio as meſmas, differem nas Imagens, que occupaõ os nichos: ſaõ ambas de vulto, que ſervem de pintura mais ao vivo; e confiadamente podemos dizer, ſeraõ as melhores de toda Europa, como confeſſaõ todos os que chegaõ a adoralas, naõ ſe ſabendo apartar de ſua preſença.

Tem da parte da Epiſtola huma Imagem da Senhora do Roſario, de eſtatura natural, cauſa admiraçaõ ſua fermoſura, hum roſto mageſtoſo, e alegre, em forma que obriga a reſpeito, acende em amor, e devaçaõ: eſtá com os olhos na querida prenda, que tem ſobre a maõ eſquerda, dando com a direita o Roſario a ſeus devotos: he muito pera ver o Minino Deos todo embebido na piadoſa Mãy, com huma acçaõ pueril, todo riſonho, fugindolhe com huma flor: veſte a Senhora tunica branca, ſemeada de flores de ouro, e cobrea manto azul com rica bordadura tambem de ouro, ao pincel; ſaõ tais as dobras, e meneyos deſtes veſtidos, que ouve quem ſe enganou por vezes, julgando por ſeda o que he pura madeira: piſa a Senhora huma nuvem cuberta de hum tropel de Serafins, e remataſe embaixo com huma bem traçada peanha: neſte Altar eſtá a milagroſa

ſa Imagem de noſſo Padre S. Domingos, taõ celebrada de todos, que commummente lhe chamaõ da Barba dourada; e foy acertado pera ella eſte lugar, porque ſendo eſta Senhora ſempre ſeu abrigo, juſto era que tambem agora o foſſe.

Reſponde na Capella fronteira, outra Imagem do Senhor Jeſu, da meſma eſtatura, e maõ, couſa devotiſſima, e excellente; tem os braços cravados ao alto, eſtá com os olhos no Ceo, como intercedendo á ſeu Eterno Pay pollos homens, no meyo de tantas dores: moſtra aquelle divino roſto eclypſado com huma ancia taõ naſcida da Alma, que naõ ha olhos enxutos de quem a conſidèra: ver a fermoſura daquelles ſagrados membros, aquelle corpo taõ bem organizado, com eſtar matiſado de crueis vergoens, fica taõ agradavel á viſta, que leva apoz ſy, e enleva os coraçoens de todos, por duros que ſejaõ. Vieraõ eſtas imagens, e outras duas, que veremos no Altar mór, do Reyno de Caſtella, feitas por hum inſigne official; e por tal chamado áquella Corte, Portuguez, natural do Porto; mereçe eterna lembrança, por unico, e honra dos engenhos Portuguezes. Em reſpondencia da Imagem do noſſo Padre S. Domingos ſe poz neſte Altar outra do Seraphico Padre S. Franciſco, que por ſeguir em vida o Senhor com ſua Cruz, teve tambem em vida por premio as Chagas.

Entremos na Capella mór com advertencia, que temos muito que ver, e admirar, huma obra taõ ſingular na perfeiçaõ, que compete com as melhores de Portugal, e levalhe em muitas couſas grande ventagem.

Subindo tres degráos do cruſeiro, ſe deſcobre o pavimento matiſado de hum xadrez de pedras pretas, e brancas: daqui ſe ſobem outros tres degráos ao Altar, que fica ſeparado do retabolo, quanto dá lugar a huma franca via Sacra: he o Altar de huma pedra branca, embutida de varios jaſpes negros, e vermelhos, com ſeu banco em ſima de hum prolongado tambem vermelho, lavrado com boa arte, pera ſerviço dos caſtiçais, e mais ornato. Detraz das pontas deſte Altar, afaſtado delle quanto cabe a via que diſſemos, comeſſa a obra do retabolo ſobre oito alteroſos pedeſtais de jaſpe vermelho, bornidos, e perfilados com diamante em cada face, e largas molduras; ficaõ quatro a huma banda, e quatro a outra, poſtos em quadro, de ſorte, que daõ pollo meyo de cada huma baſtante ſerventia: ſobre elle ſe levantaõ oito alteroſas colunas, que vaõ receber huma fermoſa ſimalha, ſobre a qual ſe levantaõ dous nichos, hum de cada parte, nos quais eſtaõ duas valentes Imagens, que ſaõ as que prometemos dizer, feitas, e vindas da meſma parte, que as outras: he a da maõ direita de noſſo Patriarca S. Domingos, de eſtatura natural, por eſtremo fermoſo, e devoto: eſtá lançando a bençaõ a ſeus filhos, que de contino pollo diſcurſo do dia, e da noite lha vem tomar: tem na outra maõ Cruz de Patriarcha, e ao pé o ſeu coſtumado companheiro com ſua diviſa na boca: a outra Imagem que correſponde a eſta, he do glorioſo S.

S. Pedro Martyr, que como Inquisidor, o Author da obra, naõ quiz ficar sem elle, pois lhe succedia no officio: he da mesma estatura, rosto penitente, olhos no Ceo, e na maõ sua real insignia, Palma com tres Coroas, symbolo das tres, que na gloria está gozando. Entre estes dous nichos dá volta hum fermoso arco, que faz assento de cada parte sobre duas das colunas interiores, e vay fazendo volta até as outras duas da outra banda. Sobre o fecho do arco corre outra mais extensa, e brincada simalha, que tomando toda a largura, se vay unir com a da pedraria da Capella: daqui se levanta hum prolongado quadro da mesma maõ, que os passados: contém este quadro hum agradavel Presepio, em que está a Senhora descubrindo o Minino Jesu aos rusticos hospedes, que admirados com hum alegre temor, mostraõ seu affecto ao fruito do Ceo, nascido em sua ditosa terra: he muito pera ver o Sancto Esposo, como enleado, e cuidadoso entre tanto desabrigo, e pobreza: apparecem multidoens Angelicas, que vem adorar, e reconhecer seu Deos Minino.

Acompanhaõ este quadro das ilhargas dous quartoens, que comessando debaixo, se vaõ desenrolando até pegar na ultima guarniçaõ, de que nasce huma arteficiosa concha, que faz principio ao retabolo; acompanhada de varios, e alegres brutescos com folhagens, e ultimos remates: toda esta obra he fermosa por esculturа, e traça: e pera declaramos bem de todo, he necessario voltar aos primeiros pedestais de jaspe, e veremos entre elles, detraz do Altar, huma grandiosa peanha, que occupa todo o centro, do mesmo jaspe, e feitio da mais obra: mas difere sómente em o corpo oitavado prolongado, fazendo mais larga face a Igreja, e Choro, que detraz fica: sobre esta peanha sobem oito ayrosas methas, que comessando em retrosidos quartoens, continuaõ em meyos corpos de humas alegres figuras, que com as cabeças sustentaõ o primeiro, e mayor corpo do Sacrario, em que se conserva o Divino deposito: cercamno oito colunas no mesmo estylo oitavado, entre as quais se abrem nichos com varios Sanctos da Ordem, tirando só a face dianteira, aonde fica a porta do Sacrario no meyo de huma taria de varios Serafins, e talha: corresponde no mesmo tamanho a outra face que fica pera o Choro, aonde se mostra hum paynel de meyo relevo, que contém a adoraçaõ dos Sanctos Magos, em que a perfeiçaõ, e miudeza das figuras faz inveja ao mais delicado pinsel: rematase esta primeira peça com oito lindos remates, que divisaõ os oito cantos: de entre elles sahem outras oito colunas mais pequenas, que bem lavradas a farpaõ, fazem huma descuberta charola, e nella huma figura, que a occupa, abraçada com huma Cruz; mostranos ser a Fé, virtude principal pera o conhecimento deste Senhor Sacramentado, suprindo a falta dos sentidos humanos: coroaõ em torno esta charola outros oito remates, naõ menos galantes, que os passados, seguindo a mesma ordem que dissemos: no meyo destes nasce a ultima peça mais peque-

pequena, taõ bem oitavada, rodeada de varias methas, e flores, que daõ lugar a dous nichos, hum pera a Igreja, em que está a figura da Esperança, com sua divisa da anchora; ouro pera a parte do Choro, em que se recolhe a figura da Charidade, occupada com huns mininos innocentes.

Finalmente sobre esta ultima peça arremata hum globo, cercado de huns quartoens, que vaõ receber o pé de huma Cruz entalhada ao viez, cujos remates nas pontas saõ flores de Liz, muy proporcionadas com a mais obra. Saõ notaveis finalmente as miudezas destas folhas, a perfeiçaõ dos passarinhos, huns com as azinhas abertas, outros picando em os delicados ramos: o sutil das figurinhas, muitas, e varias: e sobre tudo admira o sofrimento da madeira, e a paciencia do artifice: de sorte, que ouve votos que se naõ cobrisse de ouro, por se naõ encobrir de algum modo a perfeiçaõ de taõ delicado feitio; mas naõ era conveniente ficar assi, visto ser morada de tal Senhor; e assi se chamaraõ os mais insignes officiais, que com variedade de ouro, mate, e burnido, o fizeraõ parecer huma rica peça de ouro fino.

Temos relatado as obras, que fez o Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, comessadas em 1624. e aperfeiçoadas com o ultimo remate em 1632. em que se disse a primeira Missa na Igreja nova em quinta feira de Endoenças: dissea o mesmo Padre Mestre, e prégou o Padre Frey Joseph da Conceiçaõ. Se ouveramos de relatar as muitas cousas, que mandou fazer pera o culto Divino, de vasos, e vestiduras sagradas, e de todas as cousas concernentes ao culto Divino, era necessario novo livro; porque alem de serem muitas, saõ todas com particular perfeiçaõ: assi se trata de entaõ até o presente neste Convento o culto Divino, com o aseyo, limpeza, e perfeiçaõ, que na terra se póde fazer.

Mas naõ he rezaõ deixar em silencio huma capelinha, que despois se fez por industria do Padre Frey Luis Garcês, merece sua vida, e observancia esta memoria. Este Religioso já bem velho, buscou esmolas com que fez huma capelinha no canto do Cruseiro, da parte da Epistola, azulejada com sombrio conforme a Capela, fechase com sua porta: o intento, com que a fez, foy pera encerrar o Senhor, despois que o tiraõ do Sepulchro em sesta feira Mayor: fez nella seu Altar, fechado com balaustres ornados de ouro, e preto, por entre elles se vê huma Imagem do Senhor morto, e deitado, cuja vista á primeira vista faz pavor; mas o pavor, que nasce da vista de cousas divinas, logo se troca em consolaçaõ de nossas Almas: assi acontece com a vista deste Senhor: fechase o cerco de balaustres com duas portas, que estando abertas, mostraõ dous Anjos pintados de joelhos, com postura de quem adora com sentimento: sobre o Altar está hum quadro, que contém o enterro de Christo Senhor Nosso, obra da primeira maõ deste Reyno, com que fica esta Capella muito acommodada pera todos os exercicios religiosos: e porque naõ fique o Leytor com dezejo de saber que se fez

das

das reliquias do Beato Arnao, e do Meſtre Frey Vicente de Lisboa, e ſeu companheiro. Deoſelhe lugar na parede do Cruſeiro, de huma, e outra parte do Choro, com rotolos abertos em pedra, que aſſi o moſtraõ.

Vida do Biſpo Inquiſidor geral, D. Franciſco de Caſtro.

Pertence tambem a fabrica do Convento de Bemfica, como parte naõ pequena da religioſa grandeza, que hoje logra a Capella, que nelle lavrou de novo o Biſpo Inquiſidor geral Dom Franciſco de Caſtro, e em que eſcolheo, pera deſcanſo deſpois de morto, a companhia dos meſmos Religioſos, que com vivos affectos ſempre acompanhara vivo: ultimo, mas ſingular argumento de quaõ bem lhes havia merecido ſua memoria, pois os deixava com a obrigaçaõ de que entre ſy a conſervaſſem taõ perenne como grata. E pois eſta he a occaſiaõ primeira em que ella ſe nos offerece á eſcritura, falta de acordo fora naõ ſaber moſtrar, que a temos na meſma conta, em que a aceitamos, e nota de ingratidaõ conſentir, que fallem, ou appareçaõ neſte papel agradecidas primeiro as pedras de hum edificio, que muitas vontades obrigadas; ſendo certo, que tanto mais vivamente executaõ neſtas, que naquellas, os beneficios, quanto vay de conhecellos a ignorallos, e que ſe delles ſe deixa liſongear até nas pedras a dureza mayor, o ficará parecendo a de vontades, que naõ moſtraõ, que ſe deixaraõ lavrar delles. Sirvanos pois de deſculpa á breve digreſſaõ deſta memoria a meſma cauſa, que a neceſſita; porque ſe vejaõ nella de algum modo reconhecidas obrigaçoens, que no deſcuido nos puderaõ arguir, tanto como offendidas, queixoſas.

Foy o Biſpo Dom Franciſco de Caſtro, filho de Dom Alvaro de Caſtro, unico Védor da fazenda d'elRey Dom Sebaſtiaõ, ſeu particular aceito, do Conſelho de Eſtado, Embaixador a Roma, Caſtella, França, e Saboya, lugares, que ſendo na ſua qualidade taõ proprios, pareceraõ curto premio aos merecimentos da peſſoa, glorioſamente qualificados nos empenhos em que no Oriente o puzeraõ ſeu ſangue, ſeu zelo, ſeu valor; e de Dona Anna de Atayde, filha de Dom Luis de Caſtro, Senhor da Caſa de Monſanto. Teve por Avô paterno ao ſempre grande Dom Joaõ de Caſtro, Quarto Viſo Rey da India, mayor que ſua meſma fama; que em fé de que ſe vio vencida de ſuas obras, por mais que o deſſe a conhecer ao mundo, ainda o nomea hoje com temor, ou com reſpeito.

Naſceo em Agoſto de 1574. e á poucos annos, pois naõ paſſavaõ de quatro, pagou com dura pençaõ a ventura de haver naſcido bem, perdendo com os Pays, de quem no illuſtre do ſangue a recebera, a primeira, e mais opportuna liſonja com que ao entrar no mundo nos engana, e nos ſoccorre a natureza. Se bem em Dom Franciſco de Caſtro, póde parecer eſta infelicidade preſagio naõ infeliz dos acertos a que naſcia, como que delles, mais que do abrigo dos Pays, ouveſſem de reſultar de juſtiça ſeus augmentos, quando nos mais ſe naõ logra ſem negociaçoens do favor. Naõ lhe faltou com tudo naquelles primeiros annos o de ſua Irmam Dona Violante de Caſtro Con-

dessa de Odemira, viuva do Conde Dom Affonso de Noronha, que com elRey Dom Sebastiaõ se perdera; da qual recebendo no ensino, e criaçaõ, melhor, e segunda vida, logrou juatamente affectos, e demonstraçoens naõ menos officiosas de Mãy, titulo com que sempre a reconheceo despois em credito do grande amor, e cuidado, com que ella lho substituira, e merecera.

Entrando na idade competente, foy enviado a Coimbra pera ser alli instruido nos primeiros Rudimentos, de que como disposiçoens necessita o conhecimento das Sciencias: estudou a de Theologia Porcionista primeiro, Collegial despois do Collegio de S. Pedro. Mas apenas se havia desembaraçado da trabalhosa fadiga de discipulo nos Cursos, e nas Escholas, quando se vio chamado, ou prevenido de outra, por anticipada a seus annos, muito do tempo de seus merecimentos: foy nomeado Reytor da Universidade de Coimbra, com geral aceitaçaõ; singularidade, que por naõ favorecida, ou originada em algum anterior exemplo, nem succedida, ou imitada despois em outros, foy tambem já naquella idade hum singular testemunho de seus ajustados procedimentos, que toda aquella confiança lhe haviaõ grangeado, e merecido com quem lhe fiava o governo daquelles mesmos, de que ainda naõ acabara de receber a doutrina. Intentar acertos a persuasoens do brio, ou da obrigaçaõ, louvavel emprego he, até naquelles, que de todo os naõ conseguem, lograllos a custo de desvellos felicidade, que respeita ao merecimento; mas segurallos nas esperanças, he superior qualidade da virtude, que só póde segurar o que promete, e em quem só os fruitos anticipados sempre foraõ de sezaõ, que como izenta da jurisdiçaõ do tempo, em nenhum póde faltarse asy mesma; e de todos he taõ natural nos progressos, como desenganada nas certezas. Nesta devia fundarse a confiança, que singularizou a Dom Francisco de Castro pera o lugar de Reytor da Universidade, e delle pera o de Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens: em ambos correspondida, ou desempenhava, com tal cuidado, e vigilancia, que passou naquelle tempo a ser proverbio authorisado na aceitaçaõ, ainda dos menos, e contentes, e mais escrupulosos, que quem ouvesse de ser bom Presidente, ou bom Reytor da Universidade, pollos dictames de Dom Francisco de Castro havia de regular as acçoens.

De Presidente da Mesa da Consciencia, foy nomeado Bispo da Guarda: entaõ como quem entendia de quanto pezo fosse a nova dignidade, assi lhe applicou as forças de seu talento grande, que sem que se vissem estas em occasiaõ alguma cansadas, ou opprimidas, aquella se vio em todas bem servida, nunca queixosa, e sobre tudo favorecida de hum vivo, e naõ menos efficaz exemplo, que a seus successores facilitasse, imitado, ou de suas obrigaçoens, ou desempenho, ou o conhecimento dellas.

He aquella Regiaõ da Guarda, por excessivamente fria, destemperada; e por esta causa de

taõ

taõ roim vezinhança nos invernos aos que a habitaõ, que a costumavaõ desemperar sem nota os Bispos seus antecessores, trocandoa por outra menos desabrida, e mais acommodada pera a defensa de que a natureza humana contra as inclemencias daquelle tempo necessita. Por tal escolheraõ a Villa de Castello-branco do mesmo Bispado, na qual pera aquella breve, mas opportuna mansaõ lavrou a necessidade, acompanhada do decoro, e do respeito, particulares aposentos; porem o Bispo Dom Francisco de Castro, em cujo generoso, e religioso brio, até as taõ particulares praticadas, e vulgares conveniencias da humanidade, chegavaõ a parecer culpaveis desatençoens ao officio, julgou primorosamente, que no de Pastor eraõ primeiras, e mais nobres qualidades aquellas mesmas de que nascera; e que se em servir a commodidade das ovelhas consistia juntamente toda a honra, e obrigaçaõ de Pastor, até o nome na semelhança offendia quem vendo expostas as suas ás inclemencias do tempo, já que lhas naõ escusava, lhes naõ fazia nellas companhia. Achava que com obrigaçaõ de dar a vida por ellas, lhas encomendara Christo em fé do amor, com que as queria tratadas, e que pera tanto valor, e amor tanto, eraõ contrarias disposiçoens as de hum taõ frio, e desalentado affecto, que até o temor do frio se rendia. Que mal saberia arrostrar confiadamente em sy mesmos os perigos, quem na mais leve semelhança delles, ou desmayava covarde, ou se retirava cauteloso: que naõ era a sua vida despois que o fora do officio, e das ovelhas; e que no resguardo della defendia ingratamente aquillo mesmo, que offendia, tratandoa nas conveniencias como sua, nos perigos como alheya: finalmente, que se naõ ensaya bem nas auzencias o cuidado, nos retiros a vigilancia, nos desvios a affeiçaõ; e que achandose a todos estes encargos devedor, todos interpretava mal, só com huma apparente representaçaõ, que até no dissimular os desmentia. Assi se deixava ficar todos os invernos na mesma Cidade da Guarda; e na noite, em que a Igreja celebra o Nascimento de Christo, fazia todos os annos Pontifical na Sé.

Quem com tanto despego de sy mesmo se dava a suas ovelhas, naõ lhes podia faltar em os favores, que naquelle cargo costuma, ou deve dispensar a piedade aconselhada da justiça. Gastava das rendas do Bispado em cada anno consigo, e sua casa, o que precisamente era necessario, uzando da moderaçaõ, que em todo o discurso da vida inviolavelmente observou; o mais se despendia com pobres, e nos encargos do Bispado. Maxima foy de sua grandeza, ou de seu zelo, tanto nas obras, como nas palavras praticada: que era cousa indigna de hum Prelado fazer morgados das rendas da Igreja: com exemplo a confirmou em sy mesmo, mas com singulares exemplos; pois quando largou o Bispado, por conta que mandou ajustar com protesto, que fez diante do Cabido, tirou só o que havia juntado da renda, que tinha antes que entrasse nelle; mas porque lhe foraõ reservados por Bul-

las Apostolicas sinco mil cruzados nas rendas do mesmo Bispado, mandava todos os annos distribuir quinhentos cruzados com pobres, repartidos pollas casas da Misericordia dos lugares donde as havia, mostrando na circunstancia desta, de cujo uzo se privava, que estimava em mais o fruito, que o gosto della. Com igual grandeza, e mais claro testemunho de amor grande a sua esposa a Igreja da Guarda já desobrigado della, a proveo de lampadas, e outras peças de preço; instituindo juntamente duas Capellanias perpetuas, com obrigaçaõ a seus Capellaens, que ajudassem ao serviço da Sé, pera os quais, e outros encargos, que o Cabido tomou á sua conta, lhe deixou cento, e vinte mil reis de juro perpetuo assentado nas rendas da Camara da Cidade de Lisboa. Pera a morte reservou a mais viva, e desenganada prova da maxima que praticava, quando já, nem a aceitaçaõ nem o applauso a podiaõ fazer menos firme, por bem vista; e foy ordenar, que o que sobrasse de sua fazenda, despois de comprido seu testamento, se applicasse a casamentos de orfãas, e resgate de cativos; e naõ foy taõ pouco, que naõ chegasse a doze mil cruzados.

Com acertos muy proprios de taõ desenteressado animo governou o Bispado da Guarda, do Anno de 1616. até o de 1629. em que foy nomeado Inquisidor geral: visitou logo a Inquisiçaõ de Coimbra, e de Evora, donde se recolheo a Lisboa.

Naõ cresceo no Bispo Dom Francisco de Castro a capacidade com a obrigaçaõ do cargo, deuse a conhecer melhor no exercicio delle, luzio, naõ se augmentou; que havendo nascido pera todos grande, a cada hum se ajustava, em cada qual se igualava a sy mesmo taõ conforme, que só lhe faltou dividirse juntamente em todos pera que fosse a mayor. Aquelle talento he com propriedade eminente, cujas forças, em cada emprego argumentadas, de nenhum foraõ comprehendidas: tal foy o do Bispo Dom Francisco de Castro, sempre superior, nunca inferior a sy mesmo.

No cargo de Inquisidor geral, que exercitou até o anno de 1652. em que falleceo, se portou com tal inteireza, zelo, e prudencia, que póde deixar de sy, á imitaçaõ avisos, credito á opiniaõ, dezejos, e saudades á lembrança. Taõ cuidadoso no resguardo da authoridade, e preheminencias do officio, que costumava dizer, daria primeiro a vida, que consentir nelles a menor quebra; e naõ lhe faltaraõ occasioens em que mostrou bem o valor de que esta resoluçaõ nascia.

Em todos os estados procurou com muita vigilancia, que os de sua familia (grande sempre) vivessem de sorte, que nem com o exemplo offendessem, nem merecessem nota indigna de criados de Prelado, animavaos, e quasi efficazmente constrangia como exemplar vivo, que em seus costumes, gravidade, e compostura, lhes offerecia á consideraçaõ, e aos olhos: e pagoulhe Deos este virtuoso zelo, vendoo logrado nos effeitos, e na fama, pois pera a conservarem boa, era merecimento em seus criados saberse, que o serviaõ. Observou inviolavelmente naõ

gastar

gastar mais, que o que permitiaõ suas rendas; e desta prudente moderaçaõ resultou, que viveo, e morreo sem dividas, circunstancia que tanto costuma favorecer o credito das qualidades, quanto a falta della occasionar tropessos.

Demonstraçoens no exterior taõ reguladas pollos dictames da virtude, naõ podiaõ nascer menos, que de hum interior affecto, ou impulso della: que se bem dissimulado no recato, se dava a conhecer em grande parte naquelles exercicios, que a pezar delle lhe costumaõ servir de piadoso alivio, e desafogo. Eraõ os do Bispo Dom Francisco em tudo semelhantes aos de hum observante Religioso: ao jejum de todos os sabbados do anno, acrescentava o das sestas feiras a paõ, e agoa; disciplina duas vezes na somana, polla quaresma com toda sua familia na Capella; trazia muy de ordinario o cilicio de que usaõ os Religiosos Cartuxos; outros de ferro, pera os braços se acharaõ por sua morte, aos quais o mesmo recato indiciava de naõ ociosos. Nunca vestio seda, e foy na composiçaõ de sua pessoa taõ honestamente grave, que nunca se lhe vio acçaõ em que se naõ conservasse o respeito. Por estas, e outras qualidades foy sujeito verdadeiramente grande, em quem se continuou de seus ascendentes a gloria, e que pera a memoria delles soube grangear com suas obras quasi igual fama com a que já tinhaõ merecido.

Acabou á sua custa no Convento da Cartuxa de Laveiras huma cella, a melhor que nelle se vê, e deixou sincoenta mil reis de juro pera sustento do Monge que a habitasse.

Descripçaõ da Capella, que fundou em Bemfica.

A Capella que lavrou no Convento de Bemfica, e nos servio de motivo á digressaõ, em que atéqui nos detivemos, de sua vida, com propriedade se póde dizer, que forma outro novo Convento; pois naõ só comprehende em sy quanto pede huma perfeita Igreja, mas acompanhada pollo lado direito, e emparada por detraz com hum dormitorio de dous lanços, que occupaõ vinte cellas, e mais officinas: compoem huma Casa de Noviços; que quer parecer novo, e distincto edificio, mayormente ajudada polla parte esquerda da mesma Capella de hum palacio com aposentos, e officinas necessarias pera hospedar hum Senhor com a familia de seu serviço; naõ sem gosto, e recreaçaõ dos sentidos, porque ao da vista, a offerece pollas janelas hum breve, mas deleitoso jardim com cerca particular, regado de hum grande tanque, que liberalmente lhe communica a agoa que bebe de hum sombreiro de jaspe vermelho; e juntamente hum fermoso, e estendido vale de hortas, e arvoredo, pollo qual se dilata sem impedimento, e com agrado sempre a vista. Aos ouvidos lisongea com brandos, e saudosos accentos a musica dos Roixinoes, e outras Aves, que naquelle retiro serve de despertar, e levantar á contemplaçaõ o pensamento.

He a obra da Capella Dorica, a proporçaõ Dupla, com quarenta palmos de largo, mais de setenta de comprimento. He de huma só nave de pedraria brunida, o lageamento de pedras de

de cores, tambem brunidas: fundase a mais architectura della em hum proporcionado pedestal, que em torno a circunda interiormente. Tem seis arcos com pilares interpostos sobre bases: capiteis, e simalhas tambem em torno, com seis luzes obradas com respeito á architectura. A porta principal tem no claustro do Convento, e sobre ella pende hum escudo relevado das armas do Fundador. O tecto, despois de coroado com a simalha, he tambem de pedraria, apainelada com artezaens, e molduras: os dous primeiros arcos de seis, que a compoem, ficaõ nos Presbiterios; no da parte do Evangelho está huma porta, que dá serventia pera a Tribuna, e aposentos do Fundador: no outro da parte da Epistola, outra pera o serviço da sacristia, os outros quatro occupaõ quatro sumptuosas sepulturas, de pedras de cores lustradas, que sobre as costas sustentaõ Elefantes de pedras negras.

No primeiro arco, que fica junto ao do Presbiterio da parte do Evangelho, está a sepultura de Dom Joaõ de Castro, com o seguinte Epitaphio.

D. Ioannes de Castro XX. Pro Religione in vtraque Mauritania stipendijs factis, nauata strenue opera Thunetano bello fælicibus armis penetrato; debellatis inter Euphratem, & Indum nationibus: Gendrosico Rege, Persis, Turcis vno prælio fusis; seruato Dio, imo Reipublicæ reddito, dormit in magnum diem, non sibi, sed Deo triumphator: publicis lachrimis compositus, publico sumptu præ paupertate funeratus: obijt Octauo Id. Iunij. Anno 1548. *Ætatis* 48.

Estaõ em o seguinte Arco, junto a este, os ossos de D. Leonor Coutinho sua mulher.

Da parte da Epistola, em o arco que responde ao da sepultura de Dom Joaõ de Castro, está a de Dom Alvaro seu filho, com o Epitaphio seguinte.

D. Aluarus de Castro, Magni Ioannis primogenitus, cui pené ab infantia discriminum socius pugnarum præcursor, triumphorum Consors, æmulus fortitudinis, hæres virtutum, non opum: Regum prostrator, & restitutor in Sinai vertice eques fæliciter inauguratus: a Re*ge Sebastiano Summis Regni auctus honoribus; bis Romæ, semel Castellæ, Galliæ, Sabaudiæ, legatione perfunctus, obijt* 4. *Kalend. Septemb. Anno.* 1575. *Ætatis suæ* 50.

Lo-

Logo no outro arco junto a este està Dona Anna de Atayde mulher do mesmo D. Alvaro.

No vaõ desta Capella se fez hum Carneiro com seis arcos de pedraria, em hum dos quais ha Altar pera se dizer Missa, e os mais tem repartimentos pera os ossos, e corpos dos defunctos.

Sobese do pavimento desta Capella por seis degráos entre dous presbiterios, nos quais estaõ as sepulturas do Fundador, e sua Irmam: a primeira da parte do Evangelho com o Epitaphio que se segue.

D. Franciscus á Castro, Episcopus olim Ægitanensis, hujusce Sanctuarij, ac interioris Cænobij fundator, hunc sibi, dum viueret, tumulum posuit, in quo & requiescet post mortem.

A segunda, com este, da parte da Epistola.

D. Violante de Castro Cometissa relicta vidua Domini Alfonsi de Noronha, Comitis Odomirensis hic quiescit, obijt XIV. Kalendis Iulij, anno Domini DC.XXXXVI. Sorori optimæ, seu verius matri, Frater amantissimus dedit, posuit.

Sobre estes degráos està o Altar de jaspes brunidos, apartado do retabolo, em forma que fica emparando a entrada do Choro, que detraz do mesmo Altar tem os Irmãos da casa de Noviços; e a que se entra por entre dous pedestaes de jaspes brunidos de treze palmos de alto, nove de largura, onze de grossura. No frontispicio delles se vem duas tarjas embutidas de jaspes brancos, cercadas de suas faxas de outros pretos, na que fica da parte do Evangelho està escrita a instituiçaõ da Capella na forma seguinte.

AD maiorem ineffabilis Eucharistiæ venerationem, peculiarem Deiparæ Virginis de Rosario honorem; indiuiduam Patriarchæ Dominici, Martyrum Nazarij, Celsi, Victoris, ac Innocentij confessoris memoriam, ædem hanc in penetralibus Sacratiorem Erexit, Condidit, Dicauit D. Franciscus á Castro Episcopus olim Ægitanensis, Regis, ad status consilia adsidens, rerum fidei moderator supremus. Anno Domini M.DC.XLVIII.

Na outra tarja, que fica da parte da Epistola, se contém as obrigagoens dos sufragios, que por sy deixou o Fundador, diz assi.

INſtituit ad altare triplex iuge ſacrificium annnuas pro defunctis vigilias, iuniorum cænobitarum adſciuit excubias, habitacula coædificauit: ſibi religioſe ante Dominum ſepultura prouiſa; maioribus ſuis poſuit monumenta, magis pie, quam magnifice, quorum poſteris ſubtus aram Conditorium fecit, legauit in hæc opera pietatis ſexcentos annuos aureos.

Sobre eſtes pedeſtais ſe levantaõ de cada parte tres colunas de folhagem até o meyo, que proſeguem em Eſtriado as dos cantos mais recolhidas, as outras duas mais ſahidas pera fóra, e corpulentas, entre ellas ſe abrem nichos de alto abaixo, que recolhem varias reliquias de Sanctos engaſtadas em cuſtodias de preço. Eſtas ſeis colunas, que todas ſaõ de lavores, vaõ receber a ſimalha do Altar, ſobre a qual ſe preſenta á viſta hum quadro da Cea do Senhor, de ſingular pintura, acompanhado de duas colunas de macenaria galantemente lavradas, que vaõ receber hum remate do meſmo quadro, unido já com a aboboda da Capella. Aos lados deſtas colunas ficaõ dous quartoens ornados com duas pyramides exteriores.

Por entre as tres colunas, de huma, e outra parte, que eſtaõ ſobre os pedeſtais, ſe fecha hum arco quaſi da meſma altura das colunas, que fica fazendo lugar ao Sacrario (em que ſempre eſtá o Sanctiſſimo Sacramento alumiado com duas alampadas de prata) Do pavimento que fica debaixo deſte arco ſe levantaõ oito colunas em eſtylo oitavado, que recebem huma charola alteroſa com ſeu zimborio, que ſe remata com hum Pelicano polla banda de fóra. Debaixo deſta charola ſe levanta hum throno em forma quadrada com quatro colunas pequenas, que fazem os cantos, com que ſe forma a primeira peça, na qual ſe abrem dous nichos, hum pera a parte do Choro, outro pera a Capella; o do Choro tem huma Imagem de noſſo Padre S. Domingos, o que fica pera a Capella occupa outra de noſſa Senhora de ſingular eſtimaçaõ por antiguidade, e feitio, he hum meyo corpo de alabaſtro, com o braço eſquerdo abraça o minino, que ſe ſuſtenta em pé ſobre huma almofada, e na maõ direita tem hum livro, tudo da meſma pedra. Dá a eſtas imagens ineſtimavel valor a antiguidade, que em outras naçoens, com mais primor, e felicidade, que na noſſa, avalia ſemelhantes obras; porque ſegundo a certeza que diſto ha, e o Biſpo tinha, eſtiveraõ eſtas imagens occultas, e ſepultadas no muro da Cidade de Tunes, deſde o tempo, que os Mouros a tomaraõ aos Chriſtãos, até que o Emperador Carlos Quinto lha ganhou, que entaõ ſe deſcobriraõ, naõ ſem myſterioſa circunſtancia, porque batendo a artilharia o muro, e arruinando parte delle, cahiraõ as imagens ſem padecer leſaõ algu-

alguma. O Infante Dom Luis, que nesta empresa se achou com o soccorro de Portugal, grandiosamente abreviado naquelle celebre galeaõ de 366. Peças, e ajudou a ganhar a victoria, por despojo della escolheo só estas imagens, que despois deu a Dom Joaõ de Castro, Avô do Bispo fundador.

Na entrada do Choro, debaixo do Sacrario, tem sepultura raza o Padre Frey Fernando da Cruz, no seculo Dom Fernando Alvarez de Castro, Irmaõ do Bispo Inquisidor geral, que tomando o habito de nosso Padre S. Domingos, entrado já na idade, e despois, que chamado de Felippe Quarto de Castella, foy naquella Corte do Conselho de Portugal, podemos com rezaõ dizer delle, que só o habito mudou, naõ o instituto da vida, por ser a sua, em quanto secular, huma continuada, e reformada observancia das constituiçoens da mesma Ordem em todo o rigor, e aspereza della; despois que as professou se vio melhor esta verdade, porque a pontualidade com que as guardava, acompanhada de huma rara humildade, naõ podia naquelles annos nascer menos, que de huma facilidade religiosamente adquirida em todos os mais de sua vida. Alguns annos dilatou a mudança de estado, naõ sem grave sentimento seu; obrigado do escrupulo que lhe faziaõ pessoas doutas, que pesavaõ bem a falta, que no mundo faria a pobres, que em suas esmollas, e piedade, tinhaõ remedio seguro. Venceo com tudo o escrupulo o dezejo de se ver por obrigaçaõ religioso, sendoo até entaõ sem ella, e do tempo que entre nós viveo nos deixou novo exemplo, e novas saudades: achouse por sua morte hum jubaõ de bicos de ferro por dentro, que mostrava haver usado bem delle, e quais eraõ os exercicios em que entretinha a velhice.

He a Capella, de que temos tratado, da Instituiçaõ do Corpus Christi, e assi se disse nella a primeira Missa o oitavo dia desta festa, prégou o Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos: e porque da Escritura das Tarjas, em que dissemos se continha instituiçaõ, e obrigaçoens della, assi polla brevidade, como por ser em lingua Latina, naõ ficara a todos taõ notoria huma, e outra cousa, nos pareceo repetilla com mayor extençaõ, e clareza na nossa lingua vulgar em beneficio dos curiosos.

Quanto ás obrigaçoens, a primeira, e principal, he conservarse nesta Capella perpetuamente o Santissimo Sacramento, com a veneraçaõ devida, e que se espera de Religiosos taõ observantes. Todos os Sabbados se renovará o Sanctissimo Sacramento, pera o que viraõ os Religiosos do Convento cantar Missa. Todos os annos no dia oitavo da festa de Corpus Christi, que he o Orago desta Capella, virá a communidade cantar a Missa conventual nella, e se porá o Senhor, antes de começada Terça, e se recolherá acabada a Missa; tudo com a dessencia declarada na instituiçaõ. No dia oitavo de Nossa Senhora do Rosario, cuja festa se celebra o primeiro Domingo de Outubro, se dirá a Missa conventual nesta Capella. O mesmo se fará no dia oitavo do Patriar-

cha S. Domingos, e no dia dos Santos Martyres, Nazario Celio, Victor Papa, e Innocencio Papa, e Confessor, que he a 28. de Julho, e no dia de S. Leonardo, que he a 6. de Novembro, satisfazendo sempre com estas Missas cantadas a huma das tres daquelle dia.

Os suffragios pollos vivos, e defunctos, saõ os seguintes. Tres Missas quotidianas pollo Instituidor, por seus Pays, Avós, e Padroeiros, que ao diante forem desta Capella, e pollos mais a que estaõ applicadas na instituiçaõ, e tençaõ do Fundador. Tres Anniversarios em cada hum anno; hum no oitavo dia dos Sanctos, outro na semana seguinte, e o terceiro no dia do fallecimento do Instituidor.

O dote pera estas obrigaçoens, saõ duzentos, e quarenta mil reis, na forma seguinte. Quarenta mil reis pera a fabrica da Capella, segundo a ordem que se declara na instituiçaõ della. Sincoenta mil reis pollas Missas cantadas, e Anniversarios. Cento, e vinte mil reis pera esmola de tres Missas quotidianas. Trinta mil reis, pera se acudir ás necessidades dos Irmãos deste noviciado, polla custodia, e limpeza da Capella.

A prata que ha, e deixou pera serviço da Capella, he a seguinte. Huma Custodia, duas alampadas, quatro piviteiros, huma sacra, huma estante, humas laminas em que estaõ oraçoens da Missa, huma coroa do minino, que está sobre o Sacrario, huma Coroa da Senhora, e outra do Minino, que tem nos braços; dous calices, tribulo, e naveta, mais huma Cruz de ouro pequena, que o Papa Urbano Oitavo lhe mandou com indulgencia plenaria, e de Altar privilegiado, pera tirar huma alma do Purgatorio o Sacerdote que disser com ella Missa, e assi a levaõ todos ao pescoço.

Alem destas peças, tem a Capella ornamentos ricos pera todas as festas duplicados, e alguns triplicados.

CAPITULO XIX.

Fundaçaõ do Convento, e Vigairaria da Cidade de Ceita, em que succedeo a que a Ordem tem de presente na Cidade de Tangere.

PORque o Convento que a Ordem fundou na Cidade de Ceita em Africa, e os Reys despois passaraõ a de Tangere onde hora está, he taõ antigo, como a conquista da mesma Cidade, conquista que elRey Dom Joaõ Primeiro fez com as armas de Portugal, e por sua pessoa, e braço: justo parece comessarmos a Historia por este successo: que pois pera elle, e pera o Reyno foy de inextimavel gloria, naõ será desagradavel ao Leytor achallo escrito neste lugar; e variar por hum pequeno espaço a liçaõ Ecclesiastica, com hum illustrissimo feito de armas. Sendo estabelecidas pazes perpetuas entre estes Reynos, e os de Castella, despois das longas, e porfiadas contendas que tiveraõ, e duraraõ até succeder na Coroa de Castella elRey Dom Joaõ o Segundo, neto que foy do que perdeo a Batalha de Aljubarrota; determinou elRey Dom Joaõ de Portugal, que foy o que a ganhou, e todavia vivia, converter em danno, e offença dos inimigos da sancta fé, as

armas,

armas, que até entaõ trouxera ás costas, e em defender sua pessoa, patria, e vassallos, exercitara. Foy a primeira cousa, que a este fim ordenou, convidar por suas Cartas ao Infante Dom Fernando, tutor que era d'elRey minino, e Regente dos Reynos de Castella, pera de maõ commum fazerem guerra aos Mouros de Granada. Refusou o Infante a proposta, apontando inconvenientes: porem o Portugues naõ só naõ esfriou na tençaõ; mas criando brios, e tirando coragem da mesma difficuldade, e desvios, que achava nos vezinhos, veyo a dar principio ao que dezejava com a occasiaõ, que agora diremos. Tinha elRey D. Joaõ sinco filhos baroens legitimos, e os tres delles com idade competente pera receberem a ordem de cavalaria, segundo costume daquelles tempos, e com gentileza de corpos, e força de membros pera bem a exercitarem. Tratou hum dia com elles de os armar cavaleiros, dizendo, que pera o tal auto publicaria, e aperceberia festas de tanta substancia, e custo, que o fizessem solemnissimo, e pera sempre memoravel, porque ordenaria justas, e torneos, proporia preços de grande valor, daria saraos Reays, e publicos, e esplendidos banquetes: o que tudo juntaria em Lisboa, o melhor de todas as Provincias da christandade, naõ só de grandes cavaleiros, mas até dos Principes. Eraõ os Infantes dotados de animo igual a seu sangue, de conformidade responderaõ, que naõ quizesse Deos, que filhos de tal Pay, aceitassem nome de Cavaleiros entre festas de banquetes, e armas ociosas, quais eraõ as de justas, e torneos, sombras de guerras, e brigas fantasticas: em verdadeiros perigos, quais elle experimentara, entre medos, sangue, e mortes, esperavaõ merecer, e aceitar a honra, e doutra maneira naõ; se quer pera em alguma cousa parecerem seus filhos. Se isto faltava em Espanha, naõ ficava muito longe Africa, e a Cidade de Ceita, recheada inda daquellas mesmas armas, que foraõ instrumento do captiveiro de Espanha, e do atrevimento com que tantos annos fora pisada de Barbaros: fossem, vingassem estas injurias, que em animos honrados sempre deviaõ estar frescas, ficasse com titulo de Cavaleiro, quem melhor as vingasse. Alegrouse elRey dentro em seu coraçaõ (que no ninho mostraõ quem saõ os filhos das Aguias) estimou o brio, reconheceo a razaõ: e aproveitou o dito; e pollo que despois se vio, tambem desde logo a empresa. Passou por entaõ sem mais se declarar, nem fazer outra cousa. Mas em cabo de poucos dias despachou por Embaixadores pera Cicilia o Prior do Hospital, D. Alvaro Gonsalves Camello, e o Capitaõ Affonso Furtado de Mendoça, com pretexto de responder sobre certo trato de casamento, que a Raynha daquella Ilha intentara neste Reyno. Este era o mandado publico; porem de secreto aportar de caminho em Ceita (pera isso lhes deu huma Galé em que foraõ) considerar a fortificaçaõ, porto e desembarcaçaõ. Eraõ ambos homens de guerra: o Prior exercitado nas de sua Religiaõ contra Mouros, e Turcos: o Furtado nas de mar, e terra de Espanha,

Chron. de maõ d'elRey D. Joaõ Primeiro.

Duarte Nunes de Liaõ Chr. d'elRey D. Fernando an 1371 f. 201. & an. 1382. f. 223.

panha, em tempo d'elRey Dom Fernando, em que já tinha titulo de Capitaõ, e Anadel mór do Reyno: e despois nas d'elRey Dom Joaõ Primeiro, sobre a successaõ do Reyno, e consta, que por valeroso era já estimado d'elRey Dom Pedro.

Entre tanto, determinado elRey já na empreza, hia com segredo, e dissimulaçaõ, entendendo nos apercebimentos, que o tempo dava lugar; juntava dinheiro, que he o nervo da guerra, por todas as vias, que podia, sem aggravo, nem prejuizo do povo. Mas sendo de volta os Embaixadores, e dando boas novas do que acharaõ em Ceita, que eraõ, pouca força em Cidade grande, muita confiança, e igual descuido nos moradores, porto limpo, facil desembarcaçaõ, porque tiveraõ lugar de sondar tudo: começou a proceder com nova, e mayor diligencia, fabricando galés, e fustas, levantar navios de alto bordo, e fretar outros: juntar mantimentos, lavrar armas, encher almazens, e ao mesmo passo escrever gente por todo o Reyno. Tal era o aparato, que soou por Espanha, e fóra della, e fez entrar em cuidado os Reynos vezinhos, e afastados, como he costume. Pareceo, que convinha cubrir a determinaçaõ, e communicandolhe inimigo certo, e sabido. Lançou primeiro voz, que era contra Olanda, de cujos moradores tinha queixa, por roubos feitos em navios Portuguezes, e logo pera se naõ duvidar da fama mandou hum valente Cavaleiro, por nome Fernaõ Fogaça, com embaixada solemne, e desafio juntamente de guerra, declarada a fogo, e sangue, ao Duque Senhor da Ilha. Foy necessario o artefício: porque segundo era grande o movimento no Reyno, e o numero das embarcaçoens, armas, e gente, que se apercebiaõ, nenhum vezinho, nem Mouro, nem Christaõ se quietara, e até os Mouros de Africa achara prevenidos, se naõ enganara todos com a publicidade do desafio.

Encarece a Historia, o numero de navios, e gente: mas nenhuma cousa aponta ao certo: salvo dos navios de remo, que diz foraõ quinze galés, e outras tantas fustas, as que elRey mandou fazer em Lisboa. No Porto fez o Infante Dom Henrique outras sete galés: nellas, e em muitos navios de alto bordo, que tinha juntos, se embarcou com a gente de entre Douro, e Minho, e da Beyra. Do restante do Reyno correo a Lisboa: e era tanto o alvoroço com que todos sahiaõ de suas casas, que se escreve de tres velhos, que cada hum delles, ou passava, ou naõ tinha menos de noventa annos, se foraõ alegremente embarcar com o Infante: eraõ robustos de membros, e disposiçaõ, e de bom nome nas guerras passadas; mas accusando os annos a neve das barbas, e cabeça, e dizendo o Infante a hum delles, que tratasse de ficar, e descançar, que bastava o bem que tinha servido nos tempos atraz; respondeo, que por nenhum caso deixaria de o acompanhar, que esta jornada, dizia, quero eu, que seja pera exequias de minha sepultura. Andava a gente exercitada de muitos annos: ninguem receava o embarcar: e na verdade

dade bem de invejar he tanta idade com tal robusteza de corpo, e espiritu: mas eu quizera, que invejaramos os meyos, porque estes bons velhos chegaraõ a ella, que naõ foraõ outros, se naõ a criaçaõ virtuoza, e austera, que nossos mayores seguiaõ na mocidade, e por toda a vida.

Juntouse todo o corpo da armada em Lisboa: nomeou elRey por General dos navios dalto bordo ao Infante Dom Pedro seu filho segundo: tomou pera sy o cargo dos do remo. Nestes embarcou o Principe Dom Duarte (Infante era o titulo, que entaõ se lhe dava, como a seus irmãos) foraõ tambem na Armada o Condestabre Dom Nuno Alvares Pereira, e seu genro, o Conde de Barcelos, filho natural d'elRey: e o Mestre de Christo Dom Lopo Dias de Souza; mas sem cargo particular: e apoz elle toda a flor da nobreza do Reyno. Ficou por Governador do Reyno, e das pessoas dos Infantes Dom Joaõ, e Dom Fernando, que pera as armas naõ tinhaõ idade, o Mestre de Avis. Sendo junto taõ grande poder, sem extorçaõ, nem dano, nem ainda queixa de ninguem, naõ faltaraõ casos, que o vulgo ignorante, e inclinado sempre a julgar o pior, torsia pera pronostico de successos avessos, e tristes. Viose quasi juntamente em vesperas da partida a morte da Rayuha Dona Felipa, e hum eclypse do sol, que por vir em tal occasiaõ, e durar grande espaço com hum assombramento da luz, ao parecer fóra do ordinario, metia grande pavor. Mas era o terceiro mais temoroso: andava na Cidade, e Comarca huma peste muy aceza, e naõ ardia menos na armada, esforçando o dano da contagiaõ o tempo calmoso, e o concurso da gente. Porem a Providencia Divina, que por seus occultos juizos mandava o açoute, que o povo padecia com a peste, e os terrores, que recebia com os prodigios, que imaginava, tinha cuidado por outras vias de animar o bom Rey a seguir sua empresa, sem receyo: e naõ eraõ os casos, com que o obrigava, menos prodigiosos. Foy hum, que tendo elle em tanto segredo o fim da jornada, que só os Infantes, e poucos do Conselho o sabiaõ, hum dia se foy a elle hum homem ordinario, e sem nome, e lhe presentou em hum papel a pranta do sitio, e assento de Ceita. Espantado elRey em seu animo, fez sembrante de naõ estimar o que via: mas reconhecendo simplicidade em quem lho offerecia, levantou os pensamentos a ter o negocio por hum genero do aviso do Ceo, pera naõ desistir do comessado. Juntavase, que sendo de sua natureza taõ sojeito a se perturbar com o ar do mar, que só de passar de Lisboa pera Couna enjoava piadosamente; despois que comessou a entender em sua embarcaçaõ, entrava nas galés, e náos, sem nenhum pejo, nem final de enjoamento, e hum mez que a jornada durou, passou da mesma maneira. Mas o que agora diremos, teve mais de maravilhoso, e de mais consolaçaõ. Hum Religioso do nosso Convento de S. Domingos do Porto vigiava huma noite em oraçaõ diante do Altar de Nossa Senhora do Rosario, e em aparelho

de prégaçaõ, que tinha á sua conta no dia seguinte: era no fervor dos aparatos da guerra: devia requerer victoria, e bom successo nella, eis que subitamente lhe fere nos olhos huma luz sobrenatural, e se lhe representa nella elRey Dom Joaõ, que bem conhecia, posto de joelhos diante da Senhora com as mãos levantadas, e vio que lhe punhaõ nellas huma fermosa espada, que de luzente lançava rayos, como o sol. E naõ comprendendo quem lha dava; todavia notava ser obra celestial. Considerava elRey os successos todos: conferia huns com outros, e como seu animo era invencivel, e juntamente muito pio, e christaõ, nem com os favoraveis recebia vangloria; nem se perturbava com os contrarios: offerecia a Deos igualmente graças por todos, e tendo aviso, que estava tudo prestes, mandou fazer sinal de partida.

Gomezeanes Chr. d'elRey D. Joaõ I. na tomada de Ceita.

Era vespera de Sanctiago Anno de 1415. foyse elRey com as galés lançar ferro em Sancta Catherina, pera que ouvesse lugar de se embarcarem todos: no dia seguinte, festa do grande Patraõ de Espanha, sahio polla barra fóra com a mais fermosa Armada em numero, e grandeza, e bom aparelho de vélas, que nunca em nenhum tempo se tinha visto em Espanha, e mandando navegar contra o Cabo de S. Vicente, foy surgir na villa de Lagos no Algarve com toda a Armada junta. Aqui sahio em terra pera fazer festa a Sanctiago. Mandou celebrar huma Missa solemne com prégaçaõ, que fez seu Confessor o Padre Frey Joaõ de Xira Dominico, e nella mandou declarar a todo o exercito a verdade da derrota, que levava, dissimulada até aquella hora por bons respeitos com o desafio de Flandres. Declarou o Prégador por extenso todas as rezoens, que o obrigavaõ: das quais eraõ as principais a exaltaçaõ do nome de Christo, e de sua sancta Fé, e vingança dos inimigos della. Sobreveyo calmaria: foy força esperar até os sete de Agosto. Neste dia se tornou a fazer à véla, e ao sabbado, que foraõ dez, dia de S. Lourenço, foy anchorar diante das Alguezirас.

1415.

Saõ as Alguezirас dous eminentes cerros na Costa de Espanha, que divididos entre sy com espaço de terra em meyo, pendem igualmente sobre as agoas de huma Bahia, que o mar abre quasi defronte de Ceita. Em tempos antigos deraõ assento a huma forte Praça, fundaçaõ de Araves, como he o nome. Conhecida a fortaleza, e commodidade do sitio, determinaraõ fazello assento, e cabeça de seu Imperio em Espanha. Cresceo com esta tençaõ, e com a vezinhança de Africa, e Ceita, e fezse Cidade taõ famosa, que sendo despois conquistada por elRey Dom Affonso de Castella Onzeno, mereceo entrar nos titulos da Coroa de Espanha, como se fora hum Reyno, nelles, e no sitio permanece o nome. A povoaçaõ acabou, sem apparecer sinal do que foy. Já neste tempo era o Estreito, que os Romanos chamaraõ Gaditano, dandolhe o nome da Ilha, e Cidade de Cadiz: nos de Gibaltar, que por lugar mais vezinho lhe fica mais proprio: porque nelle se juntaõ as terras de Euro-

Europa, e Africa com tamanha vezinhança, que ameaçaõ quereremse abraçar, e unir.

CAPITULO XX.

Prosegue a jornada de Ceita.

GRande, e naõ cuidado pavor, cahio sobre toda a Costa de Africa, e naõ menos na de Espanha, que ainda occupavaõ Mouros. De huma, e outra, se via com espanto o mar cuberto de navios, que faziaõ semelhança de hum grande bosque, movediço em meyo das agoas, que assombrava mar, e terra. Quem mais temia, eraõ as terras de Gibaltar, e seu contorno, cheyas de Mouros, e sujeitas a elRey de Granada, por se verem abertas, e mal fortificadas; mas com mais fundamento estavaõ attonitos os moradores da grande Cidade de Ceita, onde os que bem entendiaõ, faziaõ juizo, que tamanho movimento, e poder taõ crescido, naõ podia demandar, se naõ Cidade Real, e famosa, qual era a sua. Todos os Cosmografos antigos, assi Gregos, como Latinos, concordaõ, que o nome de Ceita teve principio de sete montes, que naquella paragem se deixaõ ver do mar, taõ altos, e iguais entre sy, que os Gregos lhe chamaraõ *Eptadelphos*, e os Latinos, *septem Fratres*, que he o mesmo, que sete irmãos. Abilavés Arabe, com outros Autores de sua nasçaõ escrevendo, que foy a primeira povoaçaõ, que ouve em Africa, e seu fundador hum neto de Noe, a que naõ dá nome, diz que este lhe chamou *Septa*; porque na lingoa Caldea responde ao mesmo, que principio de fermosura. E na verdade quadra bem com o sitio; porque levantou aqui a natureza, como com conselho, huma montanha de terra alta, e penhascosa no meyo do mar, que terá boa meya legoa em roda, e está, como se fora huma cabeça humana, juntou com o corpo da terra firme por meyo de huma estreita ponta, ou pescoço de terra, de tal feitio, que ficando lavado das agoas de huma, e outra parte, deu bastante assento pera huma grande, e fermosa povoaçaõ. Per maneira, que de hum, e outro lado chegaõ suas muralhas a beber quasi no mar: humas no de Ponente, e outras no de Levante: e ficando a Cidade senhora da montanha, que dissemos (chamaõlhe Almina) que lhe fica nas costas, faz rosto a toda Berberia, com huma testa taõ estreita, como he a grossura do pescoço, que dissemos. E pollo mesmo caso, he Praça fortissima, e que com rezaõ já no tempo dos Godos era havida por chave de Espanha contra os Barbaros: e andava em mãos dos que por melhores della eraõ avidos. Tal devia ser o assento da Cidade de Corintho em Grecia, que pollos respeitos ditos chamavaõ senhora de dous mares: e por sua fortaleza se meteraõ os Romanos tanto della, que por Decreto commum foy mandada assolar. Era neste tempo senhor da Cidade Salabemsala, homem poderoso, e rico, a quem obedeciaõ muitos outros lugares da Costa: persuadido pollas rezoens dos seus, que só a elle buscava o poder que viaõ, deu rebate na Comarca, apelidouse a terra

Chron. d'elRey D. Joaõ I. Isidorus Etymol. l. 4. c. 5. de Libijn.

Ptholom. Geogresb lib. 4. tub. 1. Libyæ. Mela lib. 5. c. 4. Plin. natur. Hist. l. 5. c. 11.

terra até bem longe; gente, que polla mór parte vive no campo, uso pastoril, com poucas alfayas, e pouco que mover. Naõ tardou em acudir ao mar multidaõ sem numero.

A segunda feira, que foraõ doze do mez, poz elRey as proas das galés sobre a Cidade da banda do Ponente, pera começar a desembarcar o exercito: deixou de o fazer; porque acalmando o vento, foy a corrente, e peso das agoas, levando os navios dalto bordo pera dentro do Estreito, e afastandoos demasiadamente da companhia. Entre tanto quiz elRey ver se teria melhor desembarcaçaõ da parte de Levante, onde chamaõ Barbacote: levouse com as galés, e foyse a ella em quanto a frota tornava. Junta toda a Armada em Barbacote, deu elRey ordem pera a desembarcaçaõ: começavaõ alguns mais atrevidos a saltar na praya, e envolverse com os inimigos, que animosamente a defendiaõ: eis que se levanta hum temporal de Ponente, que sem remedio fez escorrer de novo as náos grossas contra Malaga: e as galés com muito trabalho puderaõ vencer a ponta da Almina, e em fim se tornaraõ a ajuntar no primeiro porto das Algezerias: daqui sahio elRey em terra de espasso em hum cabo, que fica perto, que chamaõ punta del Carnero. Teve conselho, em que ouve grande differença de pareceres; affirmando muitos, que era temeridade tentar terceira vez a desembarcaçaõ, que duas vezes, como por ordem do Ceo, estorvara o vento; mas dado, que desembarcassem muito a seu salvo, como se haviaõ de atrever a assentar arrayaes com gente enferma, fraca, e necessitada de mezinha, e descanso: quando pera levantar vallos, e formar trincheiras convinhaõ animos, e forças dobradas, pois juntamente se havia de trabalhar, e peleijar, e isto em terra de sua natureza calidissima, que estava certo havia de ascender de novo o mal, que traziaõ. Que o certo era recolher pera o Reyno com boa ordem, antes que a peste os consumisse de todo, e se todavia por reputaçaõ queriaõ tingir as mãos em sangue inimigo, ahi tinhaõ Gibaltar, que custaria menos, que Ceita, e naõ faltaria aos valentes em que mostrar esforço, nem ao povo em que satisfazer a cobiça. Neste ultimo ponto se affirmavaõ muitos; mas elRey, que sofria mal conselhos pouco animosos, ajudado dos Infantes, resolveo, que em todo o caso se acometesse a Cidade, com esperança em Deos, que lhe daria victoria, e bom successo. Era isto aos 20. do mez; mandou apregoar, que toda a armada se abalasse logo pera o mesmo lugar onde primeiro o surgira, da parte de Ponente, e no dia seguinte todo o homem estivesse com suas armas prestes, pera seguir suas bandeiras com a primeira luz. A ordem havia de levar o Infante Dom Henrique com os seus a dianteira, que assi o tinha pedido, e alcançado d' elRey seu Pay, inda antes, que fossem de Lisboa. Ganhada a desembarcaçaõ assentaraõ arrayal na montanha de Almina, e fortificaraõ, pera della combaterem a Cidade.

Entre tanto o Mouro, ou de pouco practico nas cousas do mar,

ou

ou porque todo o homem facilmente dá credito ao que dezeja, se anda favorecido da fortuna, attribuhia a medo as duas retiradas dos nossos, e julgava de os ver afastados, e ao parecer quietos no primeiro posto das Algeziras, que desconfiavaõ da empreza; e cheyo de alegria, e confiança, tratou primeiro de se desobrigar dos hospedes amigos, que o vinhaõ soccorrer, que já lhe pareciaõ mais pesados, que contrarios, ou por sobejos, e desmandados (dizem que eraõ cem mil Alarves) ou o que he mais certo da avareza Mourisca, por medo de fazer com elles alguma despeza, como era justo, se mais os detivesse; mas naõ eraõ bem despedidos os Alarves, quando aos 20. do mez sobre tarde, se comessou a mover toda a armada contra a Cidade, como estava assentado. Vivia Salabemsala taõ descuidado em seu pensamento do mal, que o esperava, e davase por taõ seguro de todo o perigo, que vendo tornar os nossos, mandou encher a Cidade de luminarias com desprezo, e fonfarrice: como acendendolhe faroes, pera que naõ errassem o porto. A Cidade grande, e allumiada, fazia famosa vista no mar, respondendo no fundo, e quietaçaõ das agoas, e escuridade da noite, outros tantos lumes, como em terra ardiaõ. Mas acontece muitas vezes fazerem os homens por suas mãos, e sem o cuidar, agouro triste contra sy mesmos. Visto como he cousa natural revestirse de nova luz a candea, que vay acabando; assi foy sinal este fogo demasiado, de haver de fenecer depressa o de Mafamede, que alli durava havia já setecentos annos. Amanheceo o dia de 21. de Agosto (era huma quarta feira) mais claro, e fermoso ao parecer de todos, e mais quieto do costumado. Meteose elRey em huma fusta, vestido em huma cota d'armas, rosto, e cabeça descuberta, dava sua boa sombra, e alegria certos sinais de victoria: correo a armada, deu suas ordens aos Capitaens, e advertio cada hum do que havia de fazer com palavras, que em todos infundiaõ esforço, e confiança. Foy o primeiro a saltar em terra, e investir nos Mouros, que a cobriaõ, o Infante Dom Henrique, e junto com elle o Principe Dom Duarte seu irmaõ: que tanto, que vio a elRey seu Pay divertido no officio de General, determinou elle tomar o de soldado: e pera ser dos primeiros passouse a seu irmaõ. Fazendose ambos companhia com até cento, e cincoenta soldados, que puzeraõ em terra, fizeraõ tal impressaõ nos inimigos, que abriraõ larga carreira, pera os que seguiaõ. Foy grande o peso, que sustentaraõ, porque encontraraõ com os melhores da Cidade, mas mayor o estrago, que fizeraõ, gente desarmada, e atrevida, cortava o ferro por elles de sorte, que quasi naõ havia golpe daquelles braços vigorosos dos Infantes, e dos que os acompanhavaõ, tudo gente escolhida, que deixasse corpo com vida. Entre tanto foyse enchendo a praya da nossa soldadesca, e havia já nella trezentos homens dos melhores; e os barbaros escarmentados de taõ duro acometimento hiaõ largando o campo, e recolhendose pera a porta da Cidade. Reconheceraõ

cerão os Infantes desconfiança nos Mouros: e fazendo conta que se succedia fazeremse senhores da porta, ou entrarem de mistura com os que se retiravão, podião naquelle dia dar fim á empresa, lançarão mão da occasião, que o caso offerecia, apertão as espadas, e apellidando S. Jorge, e victoria, dão de novo rijamente sobre elles, e fazemnos apinhar todos sobre as portas. Aqui ouve muitas mortes, resistindo alguns Mouros com grande valor, e procurando outros ser primeiro a entrar, e salvarse na Cidade, foy grande o aperto, grande a grita, e tal a matança, que era tudo cheyo de corpos espedaçados, e corriaõ rios de sangue: em fim por muito, que os defensores trabalharaõ, nem puderaõ serrar as portas, nem tolher entrarem os nossos de volta com elles.

Neste tempo Salabemsala arrependido tarde de ter despedido os que o vinhaõ soccorrer, e desesperado, com a primeira nova das portas ganhadas, de poder sustentar a cidade contra tamanho poder, tratou de se pôr em salvo com seu thesouro, e mulheres: e sem tentar outro genero de resistencia, ou defençaõ, poz-se a cavallo, e desemparou a terra. Naõ o faziaõ assi muitos dos moradores antigos, que sem embargo de se verem entrados, animavaõse huns aos outros a morrer pollas cazas, em que foraõ nascidos, e criados, e tomando forças da desesperaçaõ, peleijavaõ como leões. Mas os Infantes vendose senhores da porta, e tendo já consigo hum corpo de quinhentos homens, deixada nella bastante guarniçaõ, quizeraõ proceder com prudencia na entrada da cidade: tomaraõ hum teso, que acharaõ entrando; e feitos fortes nelle, foraõ dando lugar a que acudissem mais companheiros: era já com elles o Conde de Barcellos seu irmaõ, e recrescia por momentos a soldadesca. Dividiraõse entaõ, e o Principe foy subindo aos lugares mais altos, e fazendose senhor de todos até chegar ao mais eminente da cidade, que chamavaõ o Cesto: o que naõ foy sem grande trabalho, e muito sangue; porque achavaõ tudo cheyo de inimigos, e sobre a fadiga de peleijar, ferir, e matar, era insoportavel a força do sol, e da sede, que huma, e outra cousa abrasava os membros abafados do peso das armas. O Infante Dom Henrique, e o Conde de Barcellos tomaraõ pollas ruas debaixo, fazendo conta, que o Principe, como naõ tivesse que fazer no alto, desceria a juntarse com elles. Mas succedeo differentemente; porque seguindo o Infante polla rua direita adiante, foy dar em outro muro, que fazia divisaõ do resto da cidade: e parecendolhe, que convinha passar além, achou huma pequena porta junto aonde era a Aduana, a qual defendiaõ tanto numero de Mouros, e taõ inteiros, que por muitas vezes fizeraõ retirar os nossos, sem bastar a prezença do Infante para os ter. Mas elle fazendo só por seu braço mais, que muitos homens juntos, era espanto o que sofria, e trabalhava. Era este Infante filho terceiro d'elRey, e em idade de 21. annos, robusto, e membrudo; e taõ parecido com elle em tudo, que

que de roſto, e coraçaõ, era hum retrato do Pay; do que naſcia ſerlhe grandemente affeiçoado. Conta a Hiſtoria, que foy a briga taõ porfiada, largando ora os noſſos a rua, ora tornando a levar diante de ſy os Mouros, e matando muitos, que em fim, deraõ com elles polla porta dentro, e entraraõ de miſtura o Infante, e os ſeus, que já a eſte tempo naõ eraõ mais, que 17. do que era cauſa ſerem as ruas taõ eſtreitas, que naõ podiaõ peleijar ſenaõ muy poucos em fileira: e com tal occaſiaõ davaõſe huns a roubar, outros a buſcar remedio contra o fogo da ſede, e do ſol, e das armas. Mas parece, que eſtava guardado todo o peſo deſte dia para o Infante Dom Henrique. Franqueada a porta que diſſemos, encontrou logo outra, e naõ menos numero, e esforço, e força de teymoſos defenſores. Peleijou com todos, e recebeo algumas feridas, até ſe fazer ſenhor della: o que foy cauſa de ſe publicar, que era morto, aſſi polla braveza com que ſe empenhou neſte feito, como polla tardança, que ouve em apparecer, e por ſerem mortos alguns homens de grandes pedras, que os inimigos ſoltavaõ dos muros.

ElRey entre tanto, tendo poſto em terra todo o poder de ſua gente, ſentouſe na porta da cidade, e mandou fazer alto, até ſaber ſe eſtava a cidade de todo ganhada; porque naõ havendo nella reſiſtencia, queria entrar a combater o Caſtello. Era já ſobre tarde, quando teve aviſo, que ſó o Caſtello reſtava por conquiſtar: entrou entaõ até huma Meſquita, que deſpois mandou ſagrar, e quiz que tiveſſe o nome do Martyr de ſua devaçaõ S. Jorge. Aqui o vieraõ demandar, e darlhe os parabens da victoria o Principe, e Infante, e Conde de Barcellos, quanto podia ſer gentiſhomens do pó, e ſuor os cobriia; e de muito ſangue, que os tingia, em eſpecial ao Infante Dom Henrique, que de mais de ſangue inimigo, vinha banhado em muito proprio de algumas feridas, que trazia, de que as mais eraõ nas pernas. Começava elRey a dar ordem no que ſe havia de fazer para o dia ſeguinte no acometimento do Caſtello, quando ſoube, que eſtava ſem defenſa, e deſpejado. Mandou logo arvorar ſobre a mais alta Torre o eſtendarte Real, e deu o cargo de guardar a Praça ao Alferes delle, chamalhe o Chroniſta a bandeira de S. Vicente. Devia ſer por trazer pintado eſte Sancto, de que elRey era muito devoto, ou por ventura por ſer a bandeira da gente de Lisboa, e querer fazer eſta honra á Cidade. E com eſte ultimo feitio ficou elRey Dom Joaõ Primeiro de Portugal ſenhor da mais inſigne povoaçaõ de todas as Provincias de Africa; deſpois de ſe contarem ſetecentos annos, que os Mouros a tinhaõ ganhado ao ultimo Rey Godo, Dom Rodrigo.

Da Chronica de maõ c. 28.

CAPITULO XXI.

Purificaõse as Mesquitas: sagrase huma com nome de S. Jorge para Mosteiro de S. Domingos: ficaõ nelle os Frades da Ordem, que hiaõ na armada. Dasse conta de dous bravos cercos, que os Mouros poseraõ á Cidade, e do glorioso fim, que tiveraõ.

Tinhase mostrado elRey D. Joaõ taõ agradecido de animo, e obra, às grandes boas venturas, que Deos lhe tinha dado nos tempos atraz, fazendoo Rey, e Senhor pacifico de hum Reyno, que primeiro procurava, e defendia para outrem, e despois teve quasi todo contra sy, que em paga, e premio desta virtude, que muito estimava, lhe quiz de prezente dar huma Praça nas mãos, que era terror de Espanha, e gloria de Africa: e para mostrar, que só de sua Divina maõ vinha tal dadiva, deulha com tanta facilidade, e taõ sem sangue, que acometendoa huma manham, foy senhor della antes da noite, e sendo o combate taõ arriscado, naõ ouve nelle de nossa parte mais, que sete mortos. Foy tambem circunstancia, que elRey muito estimou, succederlhe tal favor no Oitavario da gloriosa Assumpçaõ da Virgem Mãy de Deos, a cujos meritos, e intercessaõ referia os melhores successos de sua vida. Na vespera de seu dia nascera, em sua vespera ganhara a preciosa batalha de Aljubarrota: emfim em sua vespera veyo despois a fallecer, contando de vida cheya de prosperidades setenta, e seis annos, e quarenta, e oito de Reyno. Mas naõ tardou com o devido agradecimento a esta ultima victoria, da maneira, que entaõ podia, que foy no Domingo seguinte fazer sagrar a Mesquita mayor á honra, e nome da Sagrada Virgem, e de sua soberana Assumpçaõ: ouvir Missa nella, e do nosso Padre Frey Joaõ de Xira a prégaçaõ. Nella em nome d' elRey, e de todo o exercito, deu o Prégador as graças ao Senhor dos exercitos, trocando christaõ, e avisadamente o dito taõ sabido de Julio Cesar, *Veni, vidi, vici*, e dizendo, *Veni, vidi, vicit Deus.* Vim, vi, e Deos venceo: e logo armou cavaleiros o Principe, e Infantes, e Conde de Barcellos.

Foy primeiro cuidado despois da victoria, consultar, que se havia de fazer da cidade. Se seria bem deixalla abrasada, e posta por terra, ou meterlhe presidio, e sustentalla. Ouve no caso varios, e muy encontrados pareceres. Requeria a mayor parte constantemente, que se assolasse, provando com urgentes rezoens, que nem a Portugal convinha manter tal Praça, nem o Reyno tinha bastantes forças para a sustentar: e como estava dividida delle com tanta terra, e mar em meyo, impossibilitava a distancia o soccorro em huma necessidade: de sorte, que o mesmo era ficar nella guarniçaõ, que entregalla sabidamente ao cutello dos infieis: porque ninguem duvidava, que na hora, que desaparecesse a Armada, havia de vir sobre ella toda Berberia. E dado, que ouvesse tempo de ser soccorrida, era mayor a difficuldade: porque em tal caso naõ devia, nem poderia ser menos poder, que o que

o que alli eſtava junto, nem com menos deſpeza, que a daquella Armada, que todos ſabiaõ deixara o Reyno exhauſto de gente, de dinheiro, de mantimentos: que para o brio, e cavalaria dos Infantes, e honra de Portugal, ſe tinha feito aſſaz naquelle acometimento: que pois Deos os ajudara com taõ manifeſto favor ſeu, o certo, e acertado era cortar todos os caminhos de tentar mais a fortuna em tal lugar: quanto mais, que naõ cabia em regras de prudencia tomar Portugal á ſua conta defender hum lugar, onde havia de ſer ſeu todo o trabalho, e deſpeſa, e riſco, e o proveito ſó das terras de Andaluzia, e Caſtella, que com elle confinavaõ: que olhaſſem para o exemplo, que a meſma Africa lhes offerecia na grande cidade de Cartago. De a naõ aſſolarem os Romanos da primeira vez, que a conquiſtaraõ, naſcera terem com ella ſegunda, e muy perigoſa guerra; e ſer neceſſario naſcer outro Scipiaõ para a domar: e porque a experiencia lhes moſtrou o engano do primeiro conſelho, naõ ſe quizeraõ enganar na ſegunda guerra, e ficou entaõ abraſada, e deſtruida: em fim affirmavaõ, que em quanto Ceita eſtiveſſe em pé, e por conta de Portuguezes, eſtava aberta para elles huma fonte perenne de gaſto, de trabalhos, de ſangue, e viva, e certa huma occaſiaõ para algum ſucceſſor ſeu, que foſſe, ou ſobejamente zeloſo, ou demaſiado atrevido, ſepultar algum dia naquelles campos a ſy, e a todos os ſeus. Naõ eraõ bem ouvidas eſtas rezoens dos Infantes; que como tinhaõ por ſua a môr parte da honra, que alli ſe ganhara, e viaõ, que ficava enterrada, e perdida, ſe ſenaõ ſuſtentavaõ aquellas torres, e muros, que lha deraõ: e viaſelhes nos ſembrantes, que ſe dezagradavaõ muito dellas. Alegrouos o Pay, acudindo com a reſoluçaõ de defender a Cidade em breves palavras, que a Deos tomava por teſtemunha, que o naõ trouxera áquelle lugar o goſto de ſeus filhos, nem nenhum apetite de gloria humana; ſenaõ ſó dezejo de empregar ſeu braço, e os de ſeus filhos, e vaſſallos, em ſerviço do meſmo Deos, e exaltaçaõ de ſua fé; que aſſi como elle conhecendo ſua tençaõ lhe dera taõ fermoſa victoria: aſſi confiava de ſua miſericordia lhe daria outras muitas, pollo tempo adiante a elle, e a ſeus ſucceſſores: e tanto mais aventejadas, quanto conhecia, como bem lhe diziaõ, que ſe obrigava a gaſtos, e perigos, para ſegurança, e remedio alheyo, mais que proprio; mas que tambem ſe vencia muito de huma rezaõ, que lhe fazia lembrar o que alli ouvira de ſucceſſos da antiguidade; porque lera entre elles, que hum Cidadaõ dos mais ſizudos de Roma encontrara a deſtruiçaõ da meſma Cidadade de Cartago, affirmando, que na hora, que faltaſſem inimigos áquella Republica, ou ſe perderia por ocioſidade, ou converteria contra ſy meſma o valor de ſuas armas. E porque o tempo moſtrou, que fora genero de prophecia aquella boa conſideraçaõ, determinava conſervar a Praça de Ceita, para eſcolla de exercicio da nobreza, e povo de ſeus Reynos; e aſſi o aſſentava, e queria.

Tratouse logo em segundo lugar de quem ficaria com o governo da Cidade. Acompanhava a elRey Martym Affonso de Mello, fidalgo velho, que nas guerras passadas tinha procedido em semelhantes cargos com tanta prudencia, e esforço, que na opiniaõ commum, ninguem lhe fazia ventagem pera o presente. Declaroulhe elRey, que o tinha eleyto pera elle; mas o bom velho, receoso de perder em hum dia o credito em muitos annos ganhado: com a confiança, que lhe davaõ suas obras, e vida passada, chammente se escusou. He fama, que soando isto entre os fidalgos, com encarecimento do risco, que correria quem ficasse, Dom Pedro de Menezes, que se achava a caso com outros mancebos em hum jogo de campo, e de exercicio, levantando hum troço de páo, com que acodia ao jogo (chamavaõlhe os que jugavaõ Alco) disse alto, que com aquelle Alco, sem mais armas, se atrevia elle a defender Ceita. Esta he a fama, e tradiçaõ, que hoje dura. Mas o que achamos escrito he, que tanto que soube, que Martym Affonso refusava o trabalho, procurou elle por meyo do Mestre de Christo, que lhe fosse encomendado, e elRey o ouve por bem: e deixandolhe dous mil, e setecentos soldados, se fez à véla para o Reyno em dous de Setembro.

Gomezeanes de Zurara p. 3. da Chr. de maõ d' elRey D. Joaõ I.

Assi vay cerrando a relaçaõ desta jornada o Chronista, sem nos deixar memoria de muita gente Ecclesiastica, e religiosa, que se embarcou nella; nem de hum auto, que precedeo a partida d' elRey, o qual sem authoridade sua naõ podia ter effeito: que foy a fundaçaõ do Convento de S. Domingos, que entaõ ficou começado, aceitando a residencia delle os mais dos nossos Frades, que hiaõ na Armada, excepto o Prégador Frey Joaõ de Xira, que voltou com elRey, como era rezaõ. Queixa tenho geral de quasi todos os Chronistas seculares antigos, e modernos, que gastando muita tinta, e papel, em qualquer expediçaõ, ou successo de guerra, ou outra materia de estado temporal dos Reys, facilmente deixaõ cubertas de silencio as obras, que pertencem à Fé, e à Religiaõ, que na verdade saõ as mais heroicas de todas, e que mais louvor grangeaõ aos Principes diante de Deos, e dos homens, como já em outra parte apontamos. Colligese da Chronica, como por adevinhaçaõ (pudera ser relaçaõ clara, e distincta) que elRey foy o que escolheo para Igreja de S. Domingos a Mesquita, em que quando primeiro entrou na Cidade, foy buscar reparo do fervor da calma. Diz a Chronica, que temos de maõ, começada por Fernaõ Lopes, e proseguida por Gomezeanes de Zurara, e acabada por outro Autor sem nome, fallando d' elRey palavras formais: O qual estava em outra Mesquita, donde agora he o Mosteiro de S. Jorge: e como em Ceita, nem entaõ, nem grandes annos despois ouve outro Mosteiro, bem provado fica, que este foy o nome, e sitio do nosso. As memorias, que temos na Provincia, apontaõ entre os religiosos, que logo ficaraõ em forma de communidade, quatro principaes,

cipaes, dos quais diz, que tinhaõ servido cargos de importancia na Ordem; e eraõ pessoas de muita conta: a saber, Frey Affonso d'Alfama, Frey Pedro Pinto, Frey Gil Mendes, Frey Roget Ingres de naçaõ, mas filho desta Provincia, e outros.

Sabemos destes Padres, que padeceraõ nesta primeira assistencia grandes trabalhos, grandes medos, e sobresaltos, servindo aquelle presidio com charidade, e continuaçaõ corporal, e espiritualmente, a muitos de enfermeiros, a todos de medicos das almas: e isto em longo discurso de annos, e em dous apertados cercos de Mouros. Foy o primeiro tres annos despois d'elRey hido: juntaraõse cento, e vinte mil Barbaros por terra, e muitas galés, e outros navios por mar: deraõ sobre a cidade com furia de gente, que se tinha por afrontada. Mas acharaõ em D. Pedro, e seus companheiros tal resistencia, que se levantaraõ com perda de mais de tres mil, e estes dos melhores, como he ordinario em semelhantes assaltos. Naõ tardou muito segundo acometimento: deuse por obrigado elRey de Granada a ser valedor a seus amigos, e parentes: e tambem havia por sospeitosa, e mal segura pera sy a vezinhança dos Portuguezes por esta parte: determinou fazer ultimo esforço pollos lançar fóra: e desprezando Alarves mal providos de armas, e menos de animo, e constancia, juntou tudo o que havia de bom em seu Reyno, gente exercitada nas guerras de Espanha, homens de honra, e bem armados, tiradores déstros, e valentes: e postos em setenta, e quatro galés, com Muley çayde seu sobrinho por General, tomaraõ terra, e fortificaraõ o mesmo sitio da Almina, que elRey Dom Joaõ dezenhara, quando alli chegou, para assento, e alojamento de seu campo. Assentado o Arrayal, foy estranho o animo, e pertinacia, com que apertaraõ a cidade. Amiudaraõ os combates, hora da parte da Almina, hora da banda contraria da terra firme, hora de ambas juntamente, e tanta era a pressa, tanta a força, e esforço, que naõ davaõ hora de repouso aos cercados: e naõ faltando ao valor boa ordem militar, refrescavaõ por momentos a briga com gente nova, e descançada: com o que chegaraõ os nossos a grande extremo: porque ainda que dos cercadores era infinito o numero, que morriaõ assi por sua braveza, como pollo cuidado grande, com que Dom Pedro acudia a tudo, sendo sempre o primeiro a defender, e offender, e pollo numero excessivo de instrumentos de defençaõ com que tinha provido muros, e torres; todavia a multidaõ, com que os inimigos sobrepojavaõ, tinha em peso, e igualdade a balança deste feito. Morriaõ os Granadinos por mostrar a ventagem, que faziaõ seus braços aos Africanos: abalançavaõse a todo perigo temerariamente, e tendo por certo: que se tardavaõ em ganhar a Praça, naõ tardaria de Portugal soccorro aos cercados, sem nenhum cuidado de se poupar, recebiaõ a morte: entre os nossos naõ era o perigo tamanho, como o mal, e cansaço de estarem sempre com as armas nas mãos:

e com

e com tudo morriaõ muitos, e quasi todos eraõ feridos. E conta a Historia, que ouve dias, em que as mulheres vestiraõ as armas, e subiraõ ao muro, naõ só pera representaçaõ de corpo de gente, mas tambem pera jugarem dellas, e pera ferirem, e matarem.

Donde fica bem provado, que naõ estariaõ os Religiosos em tal tempo escondidos pollos cantos das celas; mas tambem sobre as muralhas animando, e lembrando a todos a honra de Deos, e do Rey, por quem derramavaõ o sangue: ao modo, que noutro tempo fazia nosso Sancto Patriarca, contra os herejes Albigenses. Daqui me persuado, que tinha sua origem o grande amor, e respeito, com que os successores deste famoso Capitaõ, que saõ os Marquezes de Villa-Real, honraraõ sempre a nossa Ordem. Despois de varios, e perigosos trances, teve o cerco glorioso fim: porque descubrio huma manham de parte do Ponente hum fermoso numero de vélas, que logo foy entendido ser soccorro de Portugal. Eraõ os Infantes Dom Henrique, e Dom Joaõ, que o capitaneavaõ: e foy tal o animo dos cercados, só com a vista do mar, que o tiveraõ pera cometer hum temerario feito, e que lhes pudera ser muy custoso. Abrem as portas, sahem de tropel, assaltaõ os Granadinos dentro em seus alojamentos: pareceo obra de rayva mais, que de valor. Acodem os inimigos, travase furiosa batalha, e ainda que os fazia desmayar o mesmo, que animava os nossos, que era a vista do soccorro, foy brava, e desesperada a resistencia, que fizeraõ. Foraõ em fim entrados, vencidos, e desbaratados, sem escapar Mouro, de morto, ou captivo. O mesmo Sayde acabou peleijando, como valente cavaleiro, sem querer salvar a vida, como pudera, seguido na resoluçaõ de muitos Alcaides, e da flor da Corte de Granada. Assi foy espectaculo cheyo de horror, o que os Infantes acharaõ desembarcando; montes de armas, e corpos de inimigos mortos. Os nossos desfigurados todos, parte do trabalho passado no cerco, parte do fervor, e aperto da briga presente, que ainda lhes tinha os rostos inchados, e os corpos, e armas cubertas de sangue, muito delle proprio, porque naõ foy pouco o que lhes custou a victoria; mas muito mais dos Mouros: e tal foy o principio, que teve o nosso Convento de S. Jorge de Ceita.

CAPITULO XXII.

Do tempo, que os Religiosos de S. Domingos residiraõ em Ceita, & como se tresladou o Convento pera a Cidade de Tangere.

CEnto, e trinta annos havia, que os nossos Frades residiaõ em Ceita, quando á petiçaõ d'elRey Dom Joaõ Terceiro de Portugal foy assentado em hum Capitulo Geral da Ordem, celebrado em Roma, Anno de 1546. que se paçasse pera Tangere. Está situada a Cidade de Tangere na mesma Costa do Estreito, no mar Oceano, junto a hum famoso Cabo, que os Geographos antigos chamaraõ Ampelusia, pollas muitas vinhas que tinha, e hoje se chama

1546.

ma Cabo de Espartel, em distancia de nove legoas de Ceita. Foy chamada dos Romanos primeiro Tingi Cæsarea, despois Julia Traducta, lugar taõ antigo, e nobre, que na repartiçaõ das Provincias de Africa, tomou delle nome a Mauritania Tingitana. Daõlhe por Fundador hum Anthæo, taõ rico de forças, e valentia, que lhe achou sitio a antiguidade pera fundar nelle muitas fabulas. Custou muito sangue a Portugal de duas vezes, que foy cometida por nossas armadas, e de nenhuma ganhada. Em fim conquistando elRey Dom Affonso Quinto Arzilla, terra da mesma Costa, fizeraõ conta os Mouros, que a naõ poderiaõ sustentar. Desemparada por elles veyo a nossas mãos. Mas naõ foy possivel executarse logo a mudança do Convento: porque os moradores de Ceita naõ acabavaõ consigo consentir nella, e requeriaõ efficazmente a elRey, que era dura cousa desfazerse huma irmandade taõ antiga, como a conquista da mesma terra. Alegavaõ, que os tinhaõ por mestres na doutrina, companheiros nos trabalhos, por enfermeiros, e alivio nas doenças; e os Padres correspondendo a esta boa vontade, foraõ dissimulando com a transmigraçaõ, até que elRey Dom Sebastiaõ passou a primeira vez a Africa, que foy no Anno de 1575. quasi trinta annos despois da aceitaçaõ do Capitulo: entaõ mandou elRey a nossos Prelados, que sem dilaçaõ fizessem despejar o Convento de S. Jorge de Ceita; e passassem os Frades para o que em Tangere possuhiaõ os Religiosos da Sanctissima Trindade: porque como estes Padres por particular instituto exercitaõ a redempçaõ dos cativos, ficavalhes atraz maõ a residencia de Tangere; e muito acomodada pera o Comercio de toda Berberia a Cidade de Ceita, polla vezinhança, que tem com a Villa de Tithuaõ, e polla mesma via com os mayores lugares de Africa. Caminharaõ os Frades de S. Domingos pera Tangere, e os da Trindade pera Ceita, com trocadas casas: chegados os nossos a Tangere, a primeira cousa, em que entenderaõ, foy assentar com muita devaçaõ, e concerto a Confraria de Nossa Senhora do Rosario, que sendo recebida com grande vontade de toda a nobreza, e povo da Cidade, com mais particularidade tomaraõ á sua conta o serviço do seu Altar, e irmandade os Atalayas, e Almocadens, e homens do Campo, que como saõ os que sempre andaõ na dianteira, e na boca dos mayores perigos, folgaõ tambem de se adiantar neste exercicio, e tem experimentado nelle notaveis mercês da Senhora, e casos milagrosos. He o campo de Tangere muito sego, e dobrado, e pollo mesmo caso muito sujeito a siladas, e enganos dos Mouros. Acode a gente pia aos remedios do Ceo. Saõ de ver os Rosarios lançados sobre os arnezes, como precioso Arreyo: e no meyo das brigas, que neste lugar saõ mais continuas, que em todos os mais da Costa, soa o nome da Virgem gloriosa entre o fogo dos pilouros, e a furia das lançadas. Mas naõ he menos de ver, quando na entrada dos mezes acode a cidade toda aos cileiros Reays, a receber sua porçaõ, e soldo, que

1575.

que se lhe paga em trigo; a liberalidade, e gosto com que todos os estados de gente, assi Cavaleiros, como piaens, repartem do seu paõ com a Confraria da Senhora, que he o mesmo, que tirallo da boca, pera que no seu Altar haja continuaçaõ de sacrificios, e dessencia, e concerto nos ornamentos.

He consignaçaõ, e ordinaria perpetua dos Reys pera os Religiosos, que aqui mandaraõ assistir, dezoito moyos de trigo de Alemtejo, ou anafil de Castella, pera cada hum anno: e oito botas de vinho, de trinta almudes a bota; huma pipa, e meya de azeite, e outro tanto de vinagre, e cento, e sincoenta mil reis em dinheiro, e de mais a cada hum quatro mil reis de viatico pera quando vaõ do Reyno.

Esta Casa de Tangere, he fama, que em tempo muito antigos foy Palacio Real: e deixase ver na curiosidade, e policia, que em muitas partes tem a fabrica, que naõ edificavaõ os Arabes naquella idade sem regras, e sciencia de architectura, em hum angulo da Crasta se vê sumido na parede hum pedaço de marmore de sete palmos de comprido, e dous, e meyo de largo, em que ha 18. regras ao comprimento da pedra, de letras Aravigas, cortadas de relevo com tanta delicadeza, e primor, que senaõ póde mais dezejar. Enxergase nellas, que foraõ antigamente douradas, e os campos inda hoje se mostraõ tintos de verde, e azul. Em roda guarnecem o Marmore lavores de gesso Mouriscos em relevo, como por credito, e honra delle, e do que contém. Como entraraõ Padres letrados, e bem entendidos, espertouse a curiosidade, procuraraõ saber o que continha. Custou todavia trabalho; porque visto por Mouros, e Judeos, que foraõ buscados pera a interpretaçaõ, acharaõ cifrada nas poucas regras huma taõ comprida leytura, que tomada em papel, encheo huma grande folha. Affirmavaõ, que em cada letra havia particular conceito, e significaçaõ de cousas varias. A substancia he parte louvores da falsa Ceita, e de seu Autor Mafamede, parte patranhas da antiguidade, contrarias à verdade sabida das Historias Catholicas. Por isso deixamos de a lançar aqui, e tomamos só della o que pertence à Cidade, e obra do Convento, que he o seguinte.

DEspois deste tempo veyo o nosso convertedor, e Profeta Mafoma, filho de Abdelá, e começou de converter em Meca os filhos de Abraham, e veyo a vencer todas as terras dos Romanos, e assi a terra de sua Mesquita: e a ultima terra, que se converteo, foy esta Cidade de Tangere. O Rey mouro, que tomou estas terras, he Rey, filho de Rey, e neto de Rey, he Rey dos Reynos, e naõ ha sobre elle, senaõ Deos. Seu nome he Jacob Almançor, senhor de Levante até Ponente, e hum pouco abaixo. O qual

qual nos mandou fazer eſte letreiro em Aravigo. E mais abaixo. E o dito Rey Almançor nos mandou fazer noventa, e ſeis pedras da meſma maneira deſta, pera mandar por todo o ſeu Reyno aſſentar em caſas como eſta, por memoria. Serraſe a letra com os nomes dos meſtres de pedraria, e carpinteria da caza, e até dos azulejos, e do ſalario que cada hum levava por ſeu trabalho, e em fim acaba com as palavras, que ſe ſeguem. Aſſinaraõ neſte letreiro o Regedor, e Governador deſtas povoaçoens. E eu Hamete filho de Abdelá o fiz o derradeiro de Agoſto, quatro centos quarenta, e tres annos deſpois da vinda do noſſo Mafoma: (*reſponde aos annos de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto* 1069.) *e aſſi vem a ter eſte edificio, do dia em que ſe acabou até o prezente, em que contamos* (1627.) 558. *annos.*

Fim do Livro ſegundo.

SEGUNDA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.

LIVRO TERCEIRO.

CAPITULO I.

Como foraõ com effeito desmembrados os Conventos de S. Domingos de Portugal da Provincia de Castella, e fizeraõ Provincia particular por sy. Apontaõse os Provinciaes, que a governaraõ até o Anno de 1513. com o tempo da Presidencia de cada hum.

SE os dous primeiros Livros desta Segunda Parte de nosso trabalho tem alegrado os animos religiosos com os principios, que nos mostraraõ do desterro da Claustra: e se nelles deleitou os affeiçoados à patria, vella conquistadora de Mouros dentro em Africa, e em suas proprias terras, e acrescentado o Rey, e Reyno, em novos titulos: creyo, que naõ será menos agradavel a huns, e outros a Historia deste terceiro: porque veremos nelle nossa Madre a Sancta Igreja Romana, livre dos trabalhos, que por tantos annos padeceo com a discordia, e Cisma de seus filhos, e logo com os bens da paz universal, veremos comessar a particular dos nossos Conventos de S. Domingos de Portugal, fazendo corpo, e Provincia por sy, e governandose sem dependencia de Reyno estranho. Assi nos iremos desempenhando pouco a pouco das promessas, que deixamos feitas no fim da Primeira Parte.

Foy felicissimo Anno o de 1415. pera a Igreja Catholica, como vimos que o foy tambem pera este Reyno. Cá deunos victoria de inimigos de fóra, lá dos Domesticos, que muitas vezes saõ mais crueis, e muito piores de domar. Foy meyo principal deste bem o Christianissimo Emperador Sigismundo, que procurou, e alcançou o effeito da

1415.

da grande, e sancta junta do Concilio Constanciense: e ouvese por instromento de muita importancia nelle o nosso Sancto Valenciano S. Vicente Ferrer. Possuhiaõ tres o nome, que sô a hum pertencia de successor legitimo de S. Pedro. Renunciou voluntariamente o que mais justamente presidia, que era Gregorio Duodecimo: foraõ depostos os dous por acordo do Sancto Concilio: eleyto, e recebido por toda a Igreja Martinho Quinto. Acabada a divisaõ na parte principal, e suprema, cessou tambem a que havia nos membros, e nas Religioens. Juntouse logo no anno seguinte de 1416. em Agripina a Ordem de S. Domingos, e Capitulo geral, e nomeou por Mestre Geral o Padre Frey Leonardo Estaço, natural da mesma cidade, que por essa rezaõ he chamado de muitos Autores Leonardo de Florença. Este Padre foy o primeiro, que comessou a usar o estylo, que hoje seguem seus successores, de se nomearem por Geraes de toda a Ordem dos Prégadores, acenando nisto a dezejada uniaõ, que em sua pessoa se fez della: porque dantes se chamavaõ em suas letras singellamente Mestres Geraes da Ordem, e daqui teve principio huma temerosa excomunhaõ, que he costume fulminarse em todos os Capitulos geraes, desde entaõ pera cá, contra os que de alguma maneira procurarem, ou intentarem, que a Ordem se divida em duas, ou mais cabeças. Seguiose tambem por entaõ nova uniaõ de todos os Conventos de Castella, e Portugal, debaixo de hum só Provincial, e passou o negocio assi. Tinhaõ os Conventos de Portugal pedido em dous Capitulos geraes, celebrados em Italia, no tempo da Cisma da Igreja, e das guerras entre Portugal, e Castella, que lhes fosse licito terem seu Provincial separado, e fazerem Provincia por sy. Davaõ bastantes rezoens: diziaõ, que naõ permittia a largueza das terras de Espanha, e a grande distancia, que havia entre os Conventos, serem visitados todos por hum só Provincial: porque havendo de ser a visita sempre a pé, como era costume, vinha a ser insoportavel o trabalho; e por essa rezaõ se absolviaõ muitos Prelados muito dignos de governarem sempre. Juntavase a difficuldade dos caminhos, e da passagem de Reyno a Reyno, pollas guerras, e discordias dos Reys; e constava sobre tudo ter Portugal Frades, e Conventos tantos, e tais em numero, e qualidade, que bem podiaõ fazer familia per sy; e como filha que era mais velha da Ordem em Espanha, emanciparse, e saberse governar sem dependencia doutra. Ajudava os requerimentos elRey Dom Joaõ, que como metia muito cabedal na fabrica do Convento da Batalha, que tinha dado á Ordem, como temos escrito, naõ approvava ficar subdito a gente estrangeira, e considerava no caso muitos inconvenientes. Naõ ouve nestes dous Capitulos contradiçaõ; porque como naquelle tempo naõ acodiaõ a Italia os Frades de Castella, por seguirem (como atraz tocamos) com seu Rey, ao Antipapa, que residia em França, e só Portuguezes se achavaõ nelles; todos os Capitulares favoreciaõ a separa-

çaõ,

çaõ, sem haver quem a encontrasse. E puderaõ os Portuguezes entaõ proceder ao effeito della, se naõ foraõ desviados por alguns bons espiritus de entre os mesmos, que propuzeraõ, que visto como cada hora se esperava a uniaõ da Igreja universal, pollas grandes diligencias, que por toda a christandade se faziaõ, mais fermoso seria tratarem de sua causa particular, despois, que a geral tivesse quietaçaõ, e ainda entaõ seria acertado, e decente esperar outra circunstancia, qual era juntaremse todos os Frades de Espanha, crearem seu Provincial, que a governasse toda, como nos tempos antigos, e antes da guerra: e a poz isto com paz, e amizade, pedir a terra de Portugal, como boa filha, apartamento de casa, e fato. Ajudou Deos os bons intentos, e para facilitar o fim, deulhes Prelado de casa: juntos em Capitulo todos os Vogaes de Castella, e Portugal, cahio a sorte em hum Portuguez, sujeito bem digno da honra, e filho, pollo que se póde entender, se valem conjecturas (que outra certeza naõ ha) do Convento de Coimbra, e natural da mesma cidade. Este foy o Mestre Frey Joaõ de Sancta Justa; e naõ ouve mais dilaçaõ em separar, que quanto tardou a licença do novo Mestre Geral Frey Leonardo, que como foy eleyto no Anno de 1416. segundo fica dito, faço conta, que o primeiro acto de separaçaõ entre os Conventos de Castella, e Portugal, succedeo no seguinte de 1417. e que foy com eleyçaõ feita já em Portugal, em Capitulo particular nosso, e de Provincial nosso particular.

1416.

1417.

Saõ as memorias, que destes tempos ficaraõ na Provincia, curtas, e cegas, e tays, que quasi senaõ póde por ellas alcançar certeza de nenhuma cousa precisamente: digo curtas, porque saõ pergaminhos, e lembranças de poucas, e mal declaradas regras: digo cegas, porque quasi todas nos daõ os nomes dos Provinciaes, e outras pessoas notaveis por huma só letra: como dizer, o Provincial, ou Vigairo Geral, P. ou A. e quando muito por hum só nome, como dizer, Francisco, ou Gonçalo: sem advertirem, que por hum P. ha Pedro, e Paulo, e Payo; e pera hum A, Affonso, e Antonio, e Alvaro: e pera hum Francisco, ou Gonçalo singello, e desacompanhado de Patronimico, ou de outra distinçaõ, se podem applicar povos inteiros de nomes. Mas deixando queixas, que naõ tem remedio, nem fim, sabemos ao certo, que succedeo por este tempo a separaçaõ: porque o escreve Susato Autor antigo das cousas da Ordem: e o mesmo se declara na Chronica abreviada, que anda no fim do livro das nossas Constituiçoens: apontando, que foy despois de eleyto em Geral o Mestre Frey Leonardo. E porque separaçaõ de Provincias naõ he outra cousa, senaõ entrar em cada huma Prelado, e governo particular seu; bem podemos assentar, que no Anno, que temos dito de 1417. se juntaraõ os Conventos de Portugal, e nomearaõ seu Provincial. Foy o nomeado o Mestre Frey Gonçalo. Do lugar da eleyçaõ, e dia em que começou seu cargo, naõ ha certeza. O anno

Susato I. das Constituiçoens ad finem.

anno que temos dito, se alcança claramente polla pedra de sua sepultura, que temos no Convento de Sanctarem: noutra parte a tresladamos, e aqui irá tambem pera mais clareza da Historia. He a letra.

P. 1. l. 2. c. 39. desta Hist.

AQui jaz Mestre Gonçallo, que foy Provincial da Ordem de S. Domingos por dezoito annos, e Prior do Mosteiro da Victoria por dez annos. Alma sua folga em paz, e finou era Domini. Mcccc xxxxbiij aos dezoito dias de Outubro.

A conta responde bem ao justo: porque juntos 18. annos de Provincial, e dez mais de Prior, sobre o de quatro centos, e dezasete em que a Provincia se separou, fazem quatro centos quarenta, e sinco, e restaõ só tres pera comprimento dos que o letreiro aponta, que naõ teve mais o bom velho de descanso em Sanctarem, despois de forro da longa occupaçaõ de Prelado.

Pera boa ordem do que daqui em diante havemos de escrever, pareceome importante, e que naõ será trabalho perdido, lançar neste lugar huma lysta dos Provinciaes, que nos governaraõ, despois, que esta Provincia Portugueza começou a fazer cabeça por sy, e fiarse de governo proprio dentro dos lemites do Reyno. Será luz pera todos os successos, e fundaçoens dos Conventos: e taõ acertada diligencia, que se a acharmos feita pollos que antes de nós escreveraõ, desdo primeiro dia, que a Ordem entrou em Espanha, correrá toda esta escritura com mais clareza, que he parte principal de toda boa Historia. Daremos logo Provinciaes pera tantos annos, quantos faço conjectura, que nos levará esta Segunda Parte de nosso trabalho. E assi como na Primeira tomamos por rays, e tronco della a vida, e annos de nosso Padre S. Domingos, em quanto o tivemos na terra: assi daqui em diante levaremos por guia o governo, e pessoas dos Provinciaes. E ainda que em alguns nos ha de faltar noticia precisa do tempo, que governaraõ, porque o naõ pudemos descobrir em todos; contentarnosemos com que naõ falte das pessoas, que procede polla ordem seguinte.

No Anno de 1417. começando governo particular, e separado na Provincia Dominicana de Portugal, foy eleyto em primeiro Provincial o Mestre Frey Gonçalo, governou dezoito annos, absolveose no de 1435.

Succedeolhe, e foy segundo Provincial Frey Gonçalo Mendes Prior da Batalha: teve o cargo quinze annos até o de 1450.

Neste Anno foy eleyto em Provincial Fr. Joaõ Martins Mestre em Theologia. Renunciouse no sexto anno, que foy por fim do de 1456.

Por sua auzencia foy eleyto o Mestre Frey Diogo do Porto,

ſendo actualmente Prior da meſma Cidade, e dizem que natural della. Governou a Provincia dezaſeis annos até o de 1472.

Fezſe eleyçaõ no anno ſeguinte do Padre Frey Alvaro Correa, que algumas memorias chamaõ Correano. Eſteve no cargo ſeis annos até entrada do de 1479.

Succedeolhe o Padre Frey Joaõ Martins, ſegundo em Capitulo de eleyçaõ, celebrado no Real Convento da Batalha, de que era Prior. Governou de 479. em que foy eleyto, até o de 485. que foraõ ſete annos.

Seu immediato ſucceſſor foy o Meſtre Frey Bras de Evora, e tirado do Convento de Villa-Real, onde era Prior. Apontaõ as lembranças deſte tempo, que em quanto tardou a confirmaçaõ do Padre Geral, ſervio de Vigairo Geral o Padre Frey Joaõ de Guimaraens, Confeſſor d' el-Rey Dom Joaõ Segundo, e da Princeſa Dona Joanna. Naõ conſta ao juſto do tempo, que Frey Bras ſervio; mas ſabemos, que entre elle, e o que por ſua morte ſe nomeou, que foy o Padre Frey Gil Magro, graduado de lecenciado em Theologia, e Prior do Convento de Sanctarem, ouve quinze annos: e aſſi ſervio Frey Gil até principio de 1501. ſobre os annos, que tinha ſervido Frey Bras.

Foy noveno Provincial o Padre Frey Thomas Borges Doutor graduado em Theologia: cumprio quatro annos, até fim de 1504. porque já neſte tempo eſtava provido, e decretado em muitos Capitulos gerais, que foſſe o cargo temporario, e naõ perpetuo. Parece, que nelle ſe começou a cumprir a ley dos quatro annos. Soſpeitas ha, que tambem ſe cumprira já no anteceſſor Frey Gil Magro.

Em decimo Provincial achamos eleyto o Padre Frey Alvaro Dias famoſo Theologo, e graduado de Doutor polla Univerſidade de Parys. Por excellencia era nomeado na Religiaõ, e fóra della, por Meſtre Alvaro, e em algumas eſcrituras, o Doutor Meſtre Alvaro. Governou ſeus quatro annos, até cumprido o de 1508.

Da entrada do Anno de 1509. ſuccedeo por eleyçaõ o Padre Frey Mendo d'Abreu, teve o cargo até principio do de 1513. no qual Anno aos 3. de Janeiro em Capitulo de eleyçaõ, celebrado em Lisboa, ouve nova uniaõ dos Conventos reformados com a Provincia: ſendo prezente o Padre Meſtre Frey Joaõ Furtado reformador.

1513.

CAPITULO II.

Do nome, e lugar com que ficou a Provincia Dominicana de Portugal, deſpois de ſeperada de Caſtella: Daſſe conta do numero, e nomes dos Vigairos, que preſidiraõ nos Conventos reformados.

Aſſentado o eſtado da Provincia de Portugal, quanto ao que tocava das portas adentro, ficava em duvida, que lugar havia de poſſuir de aſſento, e honra nos Capitulos Gerais, entre as Provincias, que entaõ ſe contavaõ na Ordem, que eraõ dezoito. Succedeo apartarſe no meſmo tempo Sicilia, que fazia corpo com Napoles, deuſelhe lugar decimo nono, e a Portugal vigeſſimo, e ultimo, ficando

do por todas vinte Provincias. Aconteceo aqui o que he ordinario a quem tarda nos requerimentos, que paga a tardança com seu dano. Deu a terra de Portugal os primeiros dous Provinciaes, e primeiros Conventos a Espanha, tinha direito de filha primogenita nella, e na Ordem, pollas razoens, que largamente ficaõ referidas na primeira parte desta Chronica: ao separar, ficou em ultimo, e infimo lugar, e sendo assi, que por antiguidade merecia ao menos assento igual com Aragaõ; quando naõ fosse melhorado. Ganhou Aragaõ em dignidade quanto se anticipou em diligencia: perdeo Portugal pollo que tardou, naõ só com Aragaõ nos primeiros tempos, mas tambem agora nos derradeiros com Sicilia. Tratouse conseguintemente de nomes: pareceo ao Padre Geral, que a nossa ficasse com o nome do Reyno, e a de Castella com o de Sanctiago. Assi anda declarado na Chronica abreviada, que acompanha o livro de nossas Constituiçoens: mas pegaõse melhor nomes faustosos. Ficava Castella em primeiro lugar, como era rezaõ, por Patria do Fundador, quiz tambem o nome mayor, usurpando o todo polla parte, chamouse Provincia de Espanha: consta pollo que atraz deixamos escrito, que Aragaõ desfez companhia quasi aos cem annos despois de entrada a Ordem em Espanha; porque se apartou no de 1301. e Portugal aos duzentos justamente: porque entrando a Ordem no de 217. viemos nós a separarnos em 1417. e he curiosidade digna de se saber, que da mesma maneira, que Aragaõ, quando se soltou, teve hum Provincial de toda Espanha Aragones, que foy Frey Domingos de Alquezar: assi alcançou Portugal na sua divisaõ outro Provincial de toda Espanha Portuguez, que foy Frey Joaõ de Sancta Justa, como temos referido.

Despois que deixamos dado numero, e nomes dos Provinciaes, que em Portugal tivemos, des que constituimos Provincia, até a vinda do primeiro reformador Frey Joaõ Furtado: tenho por conveniente ajuntarmos neste segundo Capitulo semelhante diligencia, no que toca aos Vigairos, que governaraõ a Observancia até o mesmo tempo, e nelle tiveraõ fim; pera que os curiosos achem tambem todos juntos, quando delles quizerem saber; e forrem o trabalho de os buscar pollo discurso da Historia; que às vezes cansa demasiado. He de saber, que estes Vigairos eraõ no principio perpetuos, como os Provinciaes, e viviaõ sujeitos aos Provinciaes. O nome que uzavaõ era Vigairos dos Conventos reformados, ou Vigairos do Mestre Geral da Ordem.

O primeiro Vigairo dos dous Conventos reformados, a saber, Bemfica de Frades, e Salvador de Freiras, constituido pollo Mestre Geral Frey Raymundo de Capua, foy o Mestre Frey Vicente de Lisboa, que mais trabalhou por chegarem a ter nome, e effeito de reformaçaõ. Durou no cargo pouco mais de hum anno: porque foy mandado por elRey Dom Joaõ fóra do Reyno, como em sua vida dissemos.

Entrou em seu lugar Frey Vicen-

Vicente de Portugal, que achamos com este titulo no Capitulo Geral de Odena, como atraz fica dito: mas como naquelle tempo se servia o cargo em vida, e naõ sabemos ao certo os annos, que presidio, he força, que os conjecturemos pollo succesor.

Sabemos, que veyo apoz elle Frey Mendo de Sanctarem: porque o achamos aceitando o Convento de Nossa Senhora da Misericordia de Aveiro no Anno de 1423. fundado pollo Infante D. Pedro: e tambem deste Vigairo naõ temos tempo certo: mas alcançalloemos a pouco mais, ou menos pollo que lhe succedeo.

1423.

Este foy em quarto lugar o Mestre Frey Joaõ de Sancto Estevaõ, que recebeo à Ordem o Convento de Nossa Senhora da Piedade de Azeitaõ, com elRey Dom Duarte, e a Raynha Dona Leonor sua mulher no Anno de 1434. e porque consta, que este Padre fez auzencia do Reyno, partindo pera Castella, em serviço, e companhia da Raynha Dona Leonor, cujo confessor era, quando no Anno de 1437. ficou viuva d'elRey Dom Duarte; e por desgosto, que ouve com os Infantes, se determinou a deixar filhos, e Reyno, ficamos com quatro Vigairos sabidos nestes trinta, e oito annos.

1434.

38.

Eraõ já neste tempo os Conventos da Observancia quatro: A saber, Bemfica, Salvador, Aveiro, e Azeitaõ: e o Mestre Fr. Joaõ escreveo ao Padre Geral, que vista sua forçosa auzencia, devia prover no cargo o Padre Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva. Era este Padre filho do Convento de Aveiro; e pessoa de grandes partes: foy logo provido pollo Geral, e governou quasi dezanove annos: e por duvidas, que se levantaraõ entre elle, e os Padres da Provincia, depoz o cargo no Anno de 1457.

1457.

Acudiraõ os religiosos ao Nuncio da Sé Apostolica, que proveo em lugar de Frey Antaõ, ao Mestre Frey Joaõ Martins, de quem se diz, que acabando de ser Provincial, se tinha recolhido à Observancia: este Padre governou a Vigairaria até fim do Anno de 1460.

Em septimo lugar tornou a entrar por fim do Anno de 1460. o Mestre Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva, provido pollo Mestre Geral Marcial Auribelli: cumprio desta segunda vez sinco annos.

Entrada do Anno de 1466. entraraõ duas novidades nos Conventos da Observancia. Foy huma izentallos o Mestre Geral da jurisdiçaõ dos Provinciaes: outra darlhes licença pera cada tres annos, se lhes estivesse bem, elegerem, ou postularem novo Vigairo: e foy o primeiro dos izentos, e assi eleytos, o Padre Frey Bertholameu de S. Domingos, que naõ aceitou sua eleyçaõ; e governou por elle o Prior de Bemfica tres annos inteiros até fim 468.

Passados os tres annos, foy eleyto em noveno Vigairo, e segundo dos izentos da Provincia, Frey Joaõ de Guimaraens, cumprio seu tempo até 472.

Succedeo o Padre Frey Pedro Dias, graduado de Bacharel em Theologia; servio até fim de 478.

Seguiose o Padre Frey Joaõ de

de Braga, que acabava de ser Prior de Aveiro, cumprio seus tres annos até 481.

Entrou traz Frey Joaõ de Braga, o velho Frey Joaõ Lopes; que servio muitos annos, opprimido sempre de grandes infirmidades, e todavia nunca os Gerais lhe quizeraõ conceder hora de absolviçaõ, e descanso, pollo grande conceito, que tinhaõ de sua virtude, e bom governo: e veyo a morrer no cargo, tendo servido (segundo parece) dezaseis annos continuos até 497.

Seguio por eleyçaõ Frey Ayres de Azevedo, e cumprido seus tres annos, deulhes fim na entrada do Anno secular de 1500.

Com o Anno secular entrou Frey Thomas Rabello Doutor em Theologia: e porque succedeo ser chamado a Castella do Padre Geral Frey Vicente Bandelli, ficou em seu lugar Frey Affonso de Seor Prior de Aveiro, e fizeraõ entre ambos seus tres annos.

Succederaõ Frey Mendo de Estremos até 1506. e logo Frey Jorge Vogado até 1509. e em fim Frey Lopo Soares, que foy ultimo Vigairo da Observancia, que a governou até fim de 1512, e primeiros mezes de 1513. no qual anno cessou a divisaõ, e governo de Vigairos, e cessou tambem o nome de reformados, e naõ reformados, nome odioso, despois que se acabou de desterrar das religioens o da Claustra: e ficou toda a Provincia unida debaixo de hum só Prelado.

Por esta conta, que tiramos com o mayor cuidado, que em cousas taõ antigas, e escurecidas do tempo se podia fazer, temos nestes cento, e treze annos, contando nelles o em que começou a Observancia no Convento de Bemfica, que foy o de 1399. dezoito Vigairos distinctos: dos quais os primeiros sete foraõ sujeitos aos Provinciaes; e os onze presidiraõ com izençaõ delles, e immediatos ao Mestre Geral: e porque na entrada do Anno de 1513. acabou toda a divisaõ de nomes, e differenças do governo, que havia na Provincia: faremos, que tenha entaõ fim a Segunda Parte desta Chronica, e dahi em diante, como a Provincia começa com uniaõ em todos seus membros, e Conventos, e em sogeiçaõ de hum só Prelado, entrará Terceira Parte: e entaõ teremos cuidado de dar novo aranzel de Prelados.

1399.

CAPITULO III.

Fundaçaõ do Convento de Nossa Senhora da Misericordia da Villa de Aveiro.

NO Anno do Redemptor de 1423. que foy principio do septimo do Mestre Frey Gonçalo, primeiro Provincial de Portugal despois da separaçaõ, teve seu principio o primeiro Convento de S. Domingos de Aveiro, polla maneira seguinte. Procedia a reformaçaõ dos Frades de Bemfica com tanta pontualidade, e concerto, que se fazia amar por todo o Reyno; e juntandose huma graça particular, que a casa sobre outras tem do Ceo, que he ser bem vista dos Reys, e Principes: obrigava todos os filhos d'elRey Dom Joaõ a lhe mos-

trarem huma notavel affeiçaõ. Mas avantejavase o Infante Dom Pedro, que era o segundo com tanta inclinaçaõ a toda a Ordem, que quando fallava nos Religiosos della, naõ se, contentava com lhes chamar os seus Frades, que assaz honra fora, mas uzava de termo, pera Principe, mais humilde, e pera nós de mais favor: dizendo, os nossos Frades. Confirmava com isto publicar grandes dezejos, que a observancia de Bemfica se dilatasse, e cresceſſe em numero de Casas, como a via crescida em ponto; e vindo à sua noticia, que o Prior della Fr. Mendo de Sanctarem, que juntamente era Vigairo da reformaçaõ pollo Padre Geral, pretendia povoar huma Casa nova; porque tinha bastante numero de sojeitos, como quem tira enxame de colmea rica; declaroulhe, que queria, que fosse em huma de suas terras. Tinhao feito elRey seu pay Duque de Coimbra, e Senhor de muitas Villas grandes, como Aveiro, e Montemór o Velho, e outras. Determinado de dar huma dellas, naõ se resolvia em qual estaria melhor á Ordem, ou por divertido, em muitos cuidados, como Principe: ou por pouca agencia dos Frades; cousa em que nenhuma idade nos tem melhorado. Valem muito com Deos tençaõ, e dezejos firmes no bem: como eraõ tays os do Infante, assi os agasalhou, uzando com elle hum termo de misericordia grande: e quasi semelhante ao antigo, com que honrou a Joaõ Patricio Romano, polla vontade, que tinha de empregar em seu serviço à fazenda, que possuhia. Vivia na Villa de Aveiro hum Affonso Domingues, velho de annos, e de perseguiçaõ de doenças, que de longos tempos o tinhaõ tolhido de pés, e mãos, e como com pregos cravado em huma cama, homem conhecido na terra pollo mal, que padecia, e por bom christaõ, e devoto de Nossa Senhora, antes da doença. Eis que hum dia, era por Agosto do Anno de 1422. amanhece saõ, e salvo, e em pé á porta do Infante, que a caso se achava entaõ na Villa. Sóbe as escadas taõ solto, e taõ senhor de sy, como quando era de 25. annos: pasmando todos os que o conheciaõ, como se viraõ fantasma. Pede audiencia, levaõno ao Infante, corre toda a casa traz elle: posto em sua presença, foy contando, que na mesma noite se ouvira chamar por seu nome, e abrindo os olhos, vira arder a pobre casa em resplandores muito aventejados ao sol do meyo dia, e no meyo delles se lhe representara huma Senhora cercada de tamanha gloria, e fermosura, que naõ pudera duvidar ser a Virgem Mãy de Deos; e adorandoa por tal, entre perturbaçaõ, e alegria, ella lhe mandara, que tomasse huma enxada, e a seguisse. Tal era a minha torvaçaõ, dizia o bom velho, que sem me lembrar a prisaõ de membros, que tantos annos ha naõ mandava, nem eraõ meus, tive mãos pera tomar a enxada, e pés pera andar, sem saber o que fazia, nem como o fazia. Fuyme traz a bemdita Mãy de Piedade, que encaminhou pera a porta do Sol (he nome de huma das portas da Villa) e chegando a ella, notei, que se sentou

tou na escada, que sobe pera o muro, e daqui me mandou, que fosse sinelando com a enxada (como fiz) hum bom pedaço daquelle descampado. Isto feito, disseme, que logo da sua parte vos avizasse, senhor Infante, que lavrasseis aqui hum Mosteiro da Ordem de S. Domingos, e que fosse do seu nome della. Até este ponto, como se tudo fora sonho, que na verdade assi mo parecia, naõ tinha eu reparado em nada: mas quando me vi feito embaixador, comessei a duvidar comigo, e dizialhe, que ninguem me daria credito, homemzinho, e coitado, e em negocio tamanho: e a Senhora tornou: Vay, naõ duvides; que bastará, pera seres crido, verte o Infante posto em pé, e saõ, e valente, como estás, quando sabia, que estavas entrevado: entaõ parece, que acabei de entrar em mim, e cobrei luz pera ver, e entender, que tinha cobrado milagrosa saude, qual nunca esperei, nem mereci. Foy o caso celebrado na Villa por todos os naturais com espiritual contentamento, como grande mercê do Ceo, e por tal ficou nas memorias della, e do Cartorio do Convento, pera honra da terra, e da Ordem: e he a cousa mais sabida de quantas se contaõ em Aveiro. O Infante ficou cheyo de consolaçaõ, e alegria, dando graças sem fim á Virgem, por ver que lhe era grato hum serviço, que até aquella hora naõ tinha passado de traça, e dezejos: mas pera naõ haver mais tardança na execuçaõ, chamou por huma parte o Vigairo da reformaçaõ, pera assistir na obra da casa, que logo queria, que começasse: e por outra foy procurando licença de Roma pera ella, que impetrou por hum Breve, que temos passado pollo Papa Martinho Quinto em dezanove de Fevereiro de 1423. e deste tempo lhe contamos sua antiguidade. Quando veyo aos vinte, e tres de Mayo, tendo juntos grande copia de materiaes pera a fabrica, lançou o Infante por suas mãos a primeira pedra: e fazendo logo levantar hum Altar no mesmo sitio, onde ora he o da Capella mór, celebrou nelle primeira Missa o Padre Frey Mendo de Sanctarem Vigairo dos Conventos reformados. Concedeo a Villa de boa vontade todo o sitio, que por mandado da Virgem, e mãos de Affonso Domingues se achou dezenhado: e o Infante comprou outro chaõ vezinho pera mais largueza, acudindo de suas rendas com todo o necessario: de sorte, que brevemente ouve gasalhado pera alguns Frades, e começou na terra o edificio espiritual igualmente com o material: porque vieraõ Religiosos de Bemfica, que ficaraõ logo prégando, e confessando: e do que tocava á pedra, e cal se entregou a superintendencia ao Padre Frey Nicoláo de S. Domingos.

1423.

Tratouse da invocaçaõ da Casa, e como havia de ser da Senhora, escolheo o Infante a daquelle passo, em que mais dores, e mais merecimento juntamente teve sua bendita Alma, que foy quando vio em seus braços ao pé da Cruz a fonte de Vida sem vida: e o Autor da luz cuberto de sombras, e escuridade mortal, passo, em que o Infante tinha particular devaçaõ: e ficouse chamando com lin-

lingoagem, e consideraçaõ pia daquelle tempo, Nossa Senhora do Pranto, que nós agora dizemos milhor da Piedade: porque pranto suppoem dôr publicada com effeitos, e mostras exteriores, que muitas vezes servem de alivio: e estas naõ consente aqui o bom discurso, conformandose com as palavras do Sancto Simeon, que na alma lhe puzeraõ a espada, por mayor, e mais encarecido sentimento, que significamos com termo, que todo se refere ao espiritu, qual he piedade. Mas nem este nome lhe durou muito tempo, pera que o successo da fundaçaõ ficasse em mais partes semelhante ao de Roma, com quem o temos comparado. Se em Roma ouve o milagre de cahir neve em tempo que o sol com mais fervor abrasava a terra, e sinelar a Senhora com ella o templo que queria: cá o ouve tambem em dar calor a hum corpo humano, que por frio, e desemparado da natureza estava meyo morto: e por seu meyo, e maõ dezenhar o circuito do Mosteiro, que mandava fazer. A Igreja de Roma teve varios nomes: já Basilica de Liberio, porque se levantou em seu Pontificado: já Sancta Maria do Presepio: e em fim Sancta Maria Mayor, que he o que hoje dura. Assi aconteceo a este Mosteiro: foy do Pranto o primeiro nome, segundo da Piedade, terceiro da Misericordia, e este terceiro lhe ficou como em sorte. Foy a occasiaõ, que elRey Dom Duarte, edificando poucos annos despois o Convento de Azeitaõ, quiz que se chamasse da Piedade: e ficando na Provincia dous de hum mesmo titulo, mandouse alguns annos adiante em hum Capitulo Provincial, que pera evitar confusaõ, se lançassem sortes em qual das Casas havia de ficar com a vocaçaõ da Piedade; e cahio a sorte sobre Azeitaõ. E os Padres de Aveiro contentaraõse com o da Misericordia. E porque a mayor misericordia, que a Senhora, e o mundo receberaõ do Ceo, foy a vinda do filho de Deos à terra, he a festa mais solemne deste Mosteiro, sua sanctissima Encarnaçaõ aos 25 de Março, solemnizada sempre com notavel concurso dos lugares vezinhos, em memoria dos mysteriosos principios da Casa. Soube elRey Dom Duarte da devaçaõ, folgou de lhe dar augmento, com conceder à Villa huma feira franca, e geral, que começa aos vinte do mez, e dura oito dias.

E o Infante fundador, que sempre teve olho nos bens espirituais do Convento, despois de lhe dar todos os temporais, que pode, alcançou do Papa Eugenio Quarto no Anno de 1439. huma indulgencia plenaria pera todos os Religiosos, que nelle acabassem seus dias. O que era causa de nenhum velho soffrer auzencia da casa, tanto que acabava Priorado, ou Vigairaria, ou qualquer serviço da Ordem em outra parte. Assi estava sempre acompanhada de gente veneravel por cans, e virtude. E na verdade criaraõ aquelles claustros abalizados Espiritos, que por elles jazem sepultados, e podemos dizer, que foy terra fertil de sanctidade, e virtude da celestial bençaõ de quem a mandou edificar. De alguns iremos dizendo, de todos naõ póde ser: porque, como eraõ San-

1439.

Sanctos, ouve entre elles mais cuidado de trabalhar, que de notar trabalhos: de exercitar virtudes, que de fazer livros dellas.

A Igreja veyo a ſagrarſe muitos annos deſpois no Anno de 1464. por Dom Jorge de Almeida Biſpo de Coimbra, particular devoto do Convento, e grande pregoeiro das virtudes delle.

CAPITULO IV.

Do Padre Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva, primeiro filho deſte Convento.

POr filho inſigne entre os primeiros deſte Convento nos contaõ os Antigos ao Padre Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva, inſigne em virtudes, e na eſtimaçaõ dos Gerais da Ordem, e dos Principes, que em ſeu tempo concorreraõ no Reyno. Pollo que parece dos cargos que ſervio, e dos annos em que nelles entrou, e perſeverou, devia ſer homem feito, quando veyo ao habito: porque nos conſta, que começou a governar os Conventos reformados, tanto que elRey Dom Duarte falleceo, e a Raynha Dona Leonor ſua mulher levou deſte Reyno comſigo ao Meſtre Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ, que era Vigairo delles pollo Reverendiſſimo Geral. E ſendo iſto, como foy, no Anno de 1438. quinze annos deſpois de fundado o Convento de Aveiro, bem ſe deixa ver que, ſe tomara o habito moço, era a idade muy verde pera tamanho cargo. Mas deſte particular naõ ha clareza, ſó ſabemos, e torna em grande louvor ſeu, que o Meſtre Frey Joaõ, que era peſſoa graviſſima, havendo de fazer auzencia, e deixar o cargo, aviſou ao Padre Geral, que nelle eſtaria bem empregado: e por tal informaçaõ foy logo provido. Do tempo, que o poſſuhio, que foraõ dezanove annos, deſta primeira vez, podemos fazer juizo, qual era ſua prudencia. De tal arte ſe ſabia haver com os ſubditos, que à fama, que elles davaõ, roubava os coraçoens aos Religioſos, que viviaõ fóra da Obſervancia, pera ſe virem a ella, e deixarem as commodidades corporais, que a outros tinhaõ preſos na Provincia, pera gozarem do muito, que agrada hum bom governo: que na verdade hum mandar temperado, e ſiſudo, he a mayor felicidade, que na vida póde haver pera mandados, e mandadores. Mas noſſa natureza tem mal as redeas à proſperidade: e he grande ſiſo naõ largar todas as vélas ao vento dos bons ſucceſſos. Vioſe Frey Antaõ naõ ſó amado, e eſtimado dos de ſua obediencia: mas ſeguido dos mais doutos, e mais graves Religioſos da Provincia, que a ſua conta ſe vinhaõ paſſando pera a Obſervancia. Dezejou fazer ſerviço a Deos em unir a ella o Convento de Evora: ſabia que era couſa de ſatisfaçaõ d'elRey (que os Reys pios ſempre querem o que eſtá milhor á Religiaõ) e juntamente ao Nuncio do Summo Pontifice, que reſidia na Corte. Ajuntavaſe ter por ſy a mayor, e melhor parte da Communidade: apertou as diligencias pera conſeguir o effeito; mas achouſe enganado: porque os que eraõ menos em numero, e em bondade,

dade, resentidos da pretençaõ alheya, e determinados em naõ mudar costumes velhos, nem largar caza, em que estavaõ a seu sabor, trataraõ naõ só de se defender, mas de offender, naõ só reparar; mas fazer guerra tambem. Como havia tantos annos, que Frey Antaõ era Prelado, levantaraõlhe, que naõ era, nem nunca fora Prelado legitimo da Congregaçaõ, e menos tinha poder pera lhe aggregar novos Conventos: e disto souberaõ dizer tanto, porque naõ faltava quem assoprasse o fogo da desavença: que o bom Vigairo amigo de sua paz, e quietaçaõ, naõ sómente largou o negocio, pera quando Deos, cujo era, lhe desse melhor ensejo; mas tambem a dignidade, por naõ litigar no que a sua pessoa tocava: e alegremente, como quem nada tinha de ambicioso, se tornou pera o antigo repouso, e estado de subdito. Proveo em seu lugar o Nuncio do Summo Pontifice aõ Mestre Frey Joaõ Martins, que acabando de servir seis annos de Provincial da Claustra despois do Padre Frey Gonçalo Mendes, como atraz fica referido, estava de fresco recolhido na Observancia. Vivia entre tanto Frey Antaõ livre de cuidados, e sem nenhum de acudir per sy, na confiança, e bom testemunho, que lhe dava sua consciencia: mas o Reverendissimo, que neste tempo era o Mestre Frey Marcial Auribelli, tornou por elle, mandoulhe huma honrada Patente, que aqui poremos em vulgar, pera que sirva de historia, e de se ver a reputaçaõ em que estava diante delle; porque além de o restituir na honra de Prelacia, e no ponto de que os adversarios o calumniavaõ, de naõ ser verdadeiro Prelado, deulhe superioridade sobre os Conventos reformados da Provincia de Espanha: e approvou a uniaõ tentada do Convento de Evora pera os seus. Diz a Patente assi.

AO muito amado em Christo Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva, Vigairo Geral dos Conventos reformados da Provincia de Espanha, e Provincia de Portugal da Ordem dos Prégadores: Frey Marcial Auribelli, natural de Avinhaõ, Mestre em Sancta Theologia, e humilde Geral de toda a dita Ordem, e servo: saude, e cumprimento de todas as virtudes. Sendo vós já outra vez instituido em Vigairo Geral dos Conventos reformados da Provincia de Portugal, alguns Frades dessa mesma Provincia dizem, que eu vos absolvi do tal officio: por tanto, porque da verdade disto conste, e naõ alguma má sospeita, declaro, que vós fostes, e ainda agora sois verdadeiro Vigairo Geral dos Conventos reformados da Provincia de Portugal; a quem eu nunca absolvi do tal officio, nem na verdade delle estais absolto; naõ obstante qualquer

Carta minha, ou Patente, que diga o contrario: a qual declaro, se a ouve, que naõ procedeo de minha deliberada determinaçaõ, antes foy subrepticiamente impetrada. E a mayor cautella eu de novo vos instituo, e faço Vigairo Geral dos ditos Conventos reformados, e dos que daqui em diante nella se reformarem, com plenario poder, assi no espiritual, como no temporal, sobre os Prelados, e mais Religiosos della. E sobre os ditos Conventos, e Frades delles, vos dou authoridade, pera os poderdes visitar, castigar, e pórlhes preceitos, e mandallos chamar, assinar, e desassinar, receber, e deitar fóra, sentenciar, determinar, premiar, fazer concertos, e pôr silencio; absolver Priores, e confirmar os eleytos: instituir Vigairos, e tirar os que estaõ postos. E isto assi nos Conventos já reformados, e que ao diante se reformarem na Provincia de Portugal, como tambem na de Espanha: e pera poderdes fazer todas as mais cousas, e cada huma dellas, que eu mesmo podera fazer, se ay presente fora. E notefico a todos, e a cada hum dos Religiosos, que em tudo estarey pollo que me mandardes avisar, ou escrever, como pessoa, de quem summamente confio. E além de tudo isto approvo, ratifico, e confirmo terdes aceitado o Convento de Evora, e a reformaçaõ, que nelle fizerdes. E quero, que fique debaixo da vossa obediencia, e de vossos successores. E naõ consinto, que Prelado algum outro a mim inferior, vos possa estorvar, por qualquer via, que seja, em todo, ou em parte no que asima dito tenho: sem embargo de tudo o que em contrario haver possa. E em testemunho desta declaraçaõ, corroboraçaõ, e instituiçaõ de novo, mandei aqui pôr o sello de meu officio. Tende saude, e encomendaime a Deos em vossas oraçoens, e nas desses Religiosos. Dada em Sena aos nove de Julho do Anno do Senhor 1460.

Ainda que nesta Patente se trata da aceitaçaõ do Convento de Evora, naõ teve effeito, senaõ seis annos adiante, como em seu lugar se dirá; porque Frey Antaõ pera ficarem cortadas semelhantes controversias pera o diante, como escarmentado das passadas, quiz primeiro confirmar a Patente por authoridade Apostolica, como fez: confirmoulha o Papa Pio Segundo por huma Bulla, que começa. *Ad supremum Patrem familias, &c.*

To-

Todas as memorias antigas, que trataõ deste Padre, fallaõ delle com veneraçaõ. Em huma da nossa Ordem achamos as palavras seguintes: Era varaõ poderoso em obras, e palavras, em tudo digno de louvor, muy douto, mas de mais virtuosos costumes, e excellentes virtudes. Assi lhe passaraõ polla maõ os negocios mais importantes, que em seu tempo se offereceraõ no Reyno: e elRey Dom Affonso Quinto, e seu tyo, e Regente, o Infante Dom Pedro, o respeitavaõ de maneira, que se tem por certo, que só elle pudera concertar suas desavenças, que por falta de bons terceiros vieraõ em fim a romper em campos formados, e guerras civis. Declarase o Chronista deste Rey por estas palavras.

Ruy de Pina na Chr. d'elRey D. Affonso V.

Entre muitos Religiosos, que ao Infante Dom Pedro, que governava este Reyno, aconselharaõ o que importava pera conservar sua vida, cujo conselho elle cuidava, que vinha mandado por Deos; e por isso determinava de lhes obedecer, e pôr seus negocios em suas mãos. Dentre todos, escolheo elle, e apartou ao Padre Frey Antaõ de Sancta Maria, que era Prior de Aveiro; e Frey Dinis, que despois foy confessor d'elRey, pessoas de muy sancta vida, e grande doutrina: e porque os inimigos do Infante, conheciaõ este Religioso, e a muita authoridade, que com elRey tinha: naõ consentiraõ, que lhe fallasse; mas o ameaçavaõ, que se naõ tornasse pera o Infante com a reposta; e por isso se foy triste pera o Mosteiro de Bemfica.

Passadas estas alteraçoens, foy escolhido por elRey Dom Affonso, pera seu confessor: e tambem o foy do Principe Dom Joaõ seu filho em vida d'elRey, e despois de seu fallecimento: e juntamente da Infanta Dona Joanna, aconselhada pera isso do mesmo Principe. E em taõ boa hora foy o conselho, que de Frey Antaõ se affirma, sahio a traça, e ordem de se recolher esta Senhora no nosso Mosteiro de Jesu de Aveiro, como se dirá, quando a elle chegarmos: e naõ só lhe devemos esta Sancta; mas boa parte da fundaçaõ do mesmo Mosteiro.

Por testemunho do rigor com que fazia correr a Observancia nas Casas, que governava, he de ver hum Alvará d'elRey D. Affonso Quinto, passado em seu tempo, e à sua instancia, pera se poder tirar esmolla pera ellas pollas Igrejas do Reyno, que naõ póde ser mais claro argumento de estreita pobreza. Seguese o Alvará.

NOs ElRey Dom Affonso faço saber a qualquer que isto pertencer, que nossa mercê he, que os Frades da Observancia da Ordem de S. Domingos em estes nossos Reynos, possaõ por pessoas interpostas, devotas de sua Ordem, demandar, e receber esmolas dos fieis christãos em as Igrejas, e lugares, que som nas comarcas dos seus Mosteiros: e que contra isto lhes naõ seja posto algum embargo. Cá nos pra zos ditos Religiosos serem assi ajudados

com as ditas esmollas pera soportarem sua prove, e devota Religiaõ: sem embargante á nossa defeza, que fizemos a cerca das bacias, que se nom tirem, senom polla redençaõ dos Cativos: porque nossa vontade he, nom se entender nossa defesa, a cerca destes ditos Religiosos. Feita em Evora a dez de Dezembro, Era de Christo de 1456. annos.

1456.

Chron. geral da Ord. fol. 207.

Concluiremos com este Padre, acrescentando só o que delle diz o Mestre Frey Antonio de Sena, e he, que lhe constou por hum livro muito antigo, escrito de maõ, e guardado entre as Freiras do Mosteiro de Jesu de Aveiro, que o Senhor tivera cuidado de honrar as virtudes deste seu Servo com milagres em vida. O que a meu parecer se collige manifestamente do que refere a memoria, que atraz apontamos, que lhe dá nome de poderoso em obras, e palavras. Falleceo cheyo de dias na mesma Casa de que era filho, que foy acabar suavemente entre os braços da boa mãy: está sepultado no Capitulo.

CAPITULO V.

Vida, e morte do Padre Frey Bertholameu de S. Domingos.

LIdo tenho de hum Sancto Anachoreta, que se arriscou a fugir do seu Mosteiro, e hir viver entre féras, por escapar a ser eleyto em Prelado. Atreviase antes com a guerra de Leoens, e Tigres, que com a paz de subditos modestos, e bem disciplinados. Que se póde dizer a isto, senaõ, que o levava hum profundo ponto de humildade, e verdadeiro conhecimento proprio. Retrato temos bem natural de tal Sancto no presente Capitulo. Criarase o Padre Frey Bertholameu de S. Domingos neste Convento de muito moço, nunca seus pensamentos se estenderaõ a mais, que cultivar sua Alma com exercicios sanctos, e toda pureza devida. Assi começou, assi cresceo, e chegou a idade madura. E com viver entre Sanctos, de que este Convento em todas as idades teve muito, resplandecia entre elles, como a estrella da Alva entre as menores. Espantava entre as mais virtudes huma estranha paciencia, com que levava gravissimas doenças, que de contino o perseguiaõ. No meyo dellas se lhe abrio em huma perna huma chaga taõ rebelde, e de má qualidade, que era martyrio perpetuo de dores, e assi lhe durou toda a vida; e com tudo pera seguir as Communidades, e rigores da Regra, naõ havia Frade mais saõ, nem mais valente. Na primeira eleyçaõ, que ouve de Vigairo izento nos Conventos da Observancia, que foy pollos annos do Senhor de 1466. foy nomeado Frey Bertholameu com todos os votos, e recebida sua eleyçaõ com applauso de Religiosos, e seculares. Pareceo áquelles Frades, que os cuidados do governo lhe seriaõ, senaõ alivio das dores, ao menos diversaõ dellas (que

1466.

(que succede muitas vezes ser huma peçonha medicamento doutra) mas de maneira ouvio a nova, que naõ pudera ser com mais sentimento, se lha deraõ de huma morte arrebatada, ou afrontosa, e pera se executar com exquisitos tormentos: chorou, affligiose, encheose de malencolia; em resoluçaõ respondeo, que a toda pena estaria antes, que a huma só hora de Prelado. Naõ curaraõ os Eleytores de estar por tal parecer, como sabiaõ o muito, que ganhavaõ em seu governo. Acudiraõ ao Geral por confirmaçaõ: mandoua de boa vontade, polla noticia, que era publica do sujeito. Tornaraõ os Frades a batalhar com elle; mas foy de balde: porque determinado a viver, e morrer, sem experimentar os perigos, a que offerece sua alma, quem por sua vontade toma sobre sy administraçaõ das alheyas; deu traça (naõ pudemos alcançar qual foy; nem porque via) pera se auzentar da Provincia: e o que naõ tinha pés pera andar fóra do Mosteiro, nem pera governar subditos, teve huma cousa, e outra, pera fugir ao mundo, e governo; e porque vio, que todavia esperavaõ os Frades por elle, com a mesma constancia, que elle se sabia deffender, deixouse estar fóra todo o tempo, que lhe ouvera de durar o cargo, padecendo grandes trabalhos, e descommodidades, e naõ tornou senaõ despois que lhe constou de nova eleyçaõ, e successor. Taõ amado, e dezejado era dos Frades, que nem desesperaraõ de sua vinda, até o ultimo dia dos tres annos; nem o Padre Geral quiz prover o lugar. E achamos, que presidio entre tanto o Prior de Bemfica, onde fora o Capitulo da eleyçaõ.

Tornado á cella, naõ se fartava de dar graças a Deos, polla liberdade em que se via, e risco em que se vira; e como homem, que escapou de naufragio, que traz vivas na imaginaçaõ as especies do perigo, e do medo, a furia dos ventos, a braveza das ondas: e até a agoa leyte prateada do Rio lhe faz pavor: assi queixandoselhe os amigos que os desemparara, entrava em novas desconsolaçoens: e affirmava, que toda a vida lhe duraria a memoria do desgosto, que com capa de honra, e amor lhe queriaõ dar: e affervorandose, dizia: Padres, Padres, quem aceita cargo dalmas, por sanctas, e puras que sejaõ, ou senaõ entende, ou naõ entende o que aceita: porque a sciencia de governar homens he a mayor sciencia de todas as sciencias: e a de governar almas he tanto mais alta, quanto a alma tem mais de nobre, que o corpo. E he sinal claro de fraqueza de entendimento, presumir de sy hum pobre fradinho, criado na simplicidade da Religiaõ, desde minino, que escassamente saberá dar conta de sua alma, de que he inteiro dono, que poderá dalla boa de muitas, que sem estar em sua maõ toma em administraçaõ. Ser Prelado he obra sancta, e boa; mas só pera gente perfeita: e só pollo mesmo caso, quem se vir longe de perfeiçaõ, sayba, que abre grande porta pera se perder, atrevendose a mandar. Persuadido desta verdade, e conhecido de minhas

Greg. Naz.

nhas faltas, e miserias, naõ me dobrey, nem dobrarey nunca, em quanto siso tiver, a isso, que chamais honra, e que eu sey, que he caminho de perdiçaõ. Tornou o bom Padre a suas occupaçoens antigas, e a entender só consigo, e com Deos; e como se no mundo outra cousa naõ ouvera mais, que elle, e Deos, assi se recolhia com elle o dia todo em oraçaõ, e uniaõ continua.

Sendo velho, foyselhe corrompendo a chaga da perna, e era intoleravel o tormento, que lhe causavaõ as dores, e juntamente o asco, e máo cheiro da corrupçaõ. Mas acudialhe o Senhor com huma paciencia tanto mayor, que o trabalho, que já naõ parecia paciencia, senaõ alegria, e triumpho: chegavaõ os Religiosos a consollalo com lastima: tays repostas lhes dava, que tornavaõ compungidos, e confusos. Dores saõ, dizia, do Inferno, as que me cercaõ; mas eu tomara ter muitos corpos, e em cada hum muitos mais membros dos ordinarios, e em cada membro outra tal chaga, e muito mayores dores das que padeceo neste: porque tudo fora ganho pera mim, e mercê de meu Senhor Jesu Christo, pera lhe satisfazer por meus grandes peccados, e alguma parte do muito, que elle fez por mim: eraõ dezejos de coraçaõ. Parece que foraõ ouvidos no Ceo. Naõ se póde crer a tempestade de males, que vieraõ de novo sobre elle, que a longa idade fazia mais pesados. Veyo a ficar tolhido de todos os membros, e sem movimento natural em nenhum mais, que na lingoa, e olhos. Mas neste estado a lingoa, como a de outro Job, pregoava louvores de Deos, e os olhos, pregados em hum Crucifixo, davaõ testemunho com abundancia de lagrimas, que tudo havia por pouco pera o que se sentia obrigado a padecer por taõ bom Senhor. Saõ Inferno novo pera Satanas semelhantes espiritus; rayvava de ira, abrasavase de inveja pollo que via em Frey Bertholameu. He a terra de Aveiro, por muito humida, e cercada de esteiros do mar, que a retalhaõ, e penetraõ por muitas partes, sujeita a hum genero de bicho taõ nojento, que até o nomeallo causa asco (chamaõlhe persobejo) bicho taõ natural, e familiar em todas as casas da Villa, que por mais diligencia, e curiosidade que haja, naõ ha nenhuma, que baste a desterrallo, e vencello. Parece que o mesmo ar o cria, e com tal importunaçaõ, que tirado, e desbaratado à noite, quando vem polla manham, já as paredes, os sobrados, os forros das casas, e qualquer taboa o brotaõ, e chovem: porque por sy se cria, e nasce sem haver mister semente, como os outros animays; e sobre bellicoso, e bebedor do sangue humano, tem outras partes, que o fazem sobre maneira asqueroso, e aborrecido. He a primeira hum cheiro pestilencial, segunda amar, e buscar os leytos, e conversaçaõ humana, fazendo guerra sem remedio ao sono, e à limpeza, porque tem muitos pés pera correr, e dentes pera morder; sendo tal pera os seculares, que tem, e sabem procurar suas commodidades, entendido fica qual será pera os pobres Frades, onde cada

da hum ſe ſerve a ſy ; e pollas muitas occupaçoens, de que vivem ſercados dia, e noite, eſcaſſamente tem hora ſua : e ſe iſto he em todos, faça agora juizo quem iſto ler, qual ſeria pera hum entrévado, corpo vivo, e com valor pera criar, e alimentar o bicho, defunćto pera ſe defender. Parece, que eſpertaraõ a praga os miniſtros do Inferno ; porque eraõ infinitos ſobre elle, e acreſcentavaõ o martyrio das outras dores, com as picadas, ou dentadas, com o nojo, e com o máo cheiro, afferrados na carne, que naõ reſiſtia, e bebendo como ſangueſugas ſem ceſſar aquelle ſangue ſanćto, e pacientiſſimo. Muitos annos dizem, que lhe deu o Senhor de vida, e merecimento neſte eſtado, que ſofria alegre ſempre, e bem aſſombrado. Mas ſendo tantos os generos de pena ; ſó o do bicho moſtrava ſentir ſobre todas: porque ſe notou algumas vezes, que fallando com Deos, ſem pedir pera ſy mais, que paciencia, pedialhe ſempre com eſficacia, que livraſſe a ſeus irmãos de taõ cruel inimigo ; chegou em fim o termo dos trabalos, e a hora do premio: entendendo, que o tinha perto, naõ era em ſua maõ o diſſimular o alvoroço com que a eſperava. Notaraõ a novidade os Religioſos ; e elle fazendo eſcrupulo, ſe por ventura a attribuiriaõ a goſto do fim da guerra, e limite de ſeus tormentos, declarouſe com elles, affirmando, que naõ era a cauſa de ſeu contentamento acharſe no cabo de tantos, e taõ importunos, e prolongados males, que eſſes tivera ſempre por neceſſarios pera pagar, e merecer : ſenaõ ver já os principios dos bens da gloria, cujos orizontes comeſſava a deſcubrir com a viſta beatiſſima do bom Jeſu, que ſobre tudo dezejava Aſſi acabou, e acabou na meſma hora, e juntamente com elle a praga dos perſobejos no Convento : de ſorte, que ſenaõ viraõ mais nelle : e ſe acontecia vir roupa de fóra com alguns, entrando das portas pera dentro morriaõ logo. Semelhante favor he o que alcançou Sanćta Thereſa pera as ſuas Deſcalças contra os piolhos. Mas ſendo aſſi, que conhecemos Padres, e naõ dos mais velhos, que alcançaraõ o Moſteiro limpo deſta miſeria, he couſa certa, que de alguns annos a eſta parte tem ceſſado nelle a maravilha ; e continuaõ como de antes da morte do bom velho. Bom aviſo pera que trabalhemos de conformar noſſas vidas com a ſua : e que temamos, ſe nos falta o milagre por ſobejarem defeitos nellas. Deu o Céo ſegundo teſtemunho em honra do Sanćto aos quinze annos deſpois de ſeu bemdito tranſito. Abrioſe a cova pera outro defunćto (eſtivera até entaõ reſpeitada por quem nella jazia) eis que apparece eſtranha maravilha : topaõ os coveiros debaixo da terra com capa preta, e habitos brancos, taõ ſãos, e puros, como ſe daquella hora foraõ alli lançados. Paſſaraõ adiante : achaõ o corpo inteiro, e taõ longe de corrupçaõ pera mais eſpantar, que alegrava, recreava, e conſolava hum halito, que daquella terra fria eſpirava: terra taõ poderoſa em virtude do Senhor, a quem ſervira, que baſtou a communicar ſua incorrupçaõ, e fragrancia, até a lam

dos

dos animais, de que era composto o vestido. Dignissimo caso pera se illustrar com mais, que escritura ordinaria, se nos naõ fizera pusillanimes em todo tempo, recearmos, que nos lance cores ao rosto, celebrar cousas, que por serem de nossos irmãos, ficaõ em lugar de proprias. Huma, e outra ficou a beneficio de tradiçaõ, e memoria dos successores; mas sabidas com tanta certeza, que naõ ha nenhuma na Provincia mais averiguada.

CAPITULO VI.

Dos Padres Frey Estevaõ da grande memoria, Frey Payo, Frey Palladio, e Frey Joaõ Dias primeiro, e segundo.

COm o titulo da grande memoria, e sem outro nenhum sobrenome, nos deraõ a conhecer os Religiosos antigos o Padre Frey Estevaõ. A razaõ dizem, que naõ foy só tella felicissima, mas merecella tambem por obras de grande virtude, que por serem tays, foy muy aceito a elRey Dom Affonso Quinto. Contaõ delle, que tinha huma notavel candideza, e simplicidade natural, acompanhada de alto saber, com que representava ao justo em sy o que Christo queria nos seus, prudencia de Serpente, singeleza de Pomba. Estas partes empregadas nos officios, que a obediencia lhe encomendava, rendiaõlhe fazer todos com grande perfeiçaõ, e fiar delle muitos juntos, que elle por brando, e alegre de condiçaõ, aceitava sem replica, e por muito entendido dava de todos boa conta, acudindo a todos, inda que lhe custavaõ muito trabalho, como senaõ tivera mais que hum só. Alegremse os bem occupados, e activos: envergonhemse os preguiçosos. Trabalhando sempre Frey Estevaõ viveo vida muy larga, e acabou sanctamente.

Dous Padres ambos de hum nome, que quasi juntos concorreraõ nesta Casa, celebraraõ as memorias della com louvores de Sanctos: e escondendonos particularidades, só apontaõ, que hum se chamava Frey Payo de Lyra, e o outro pera distinçaõ se nomeava em algumas Escrituras por Frey Palladio. De ambos affirmaõ, que foy a vida de raro exemplo, e a morte sancta: mas na de Frey Palladio ouve hum prodigio, que faz medo, por extraordinario. Entrando em artigo de morte appareceo sobre o Campanario do Convento huma coluna de fogo, que sendo vista, e notada com espanto, naõ ardeo mais, que em quanto durou a candea da vida do Religioso. No ponto, que se apagou o fogo desta, desappareceo o da Coluna.

Sigaõ a dous Religiosos de hum mesmo nome, e de huma mesma sanctidade outros dous, que em ambas estas partes lhes foraõ bem parecidos. Ambos eraõ de nome Joannes, e de sobrenome Dias, só com esta differença, que o mais antigo era Mestre em Theologia, o outro Bacharel, que agora chamamos Presentado. O Mestre foy Reformador em nome, e obras fóra da Provincia: o Presentado entre os naturais, era chamado por excellencia o Reformador, e juntamente Reedificador: porque em toda a Casa, em que entra-

trava, naõ cessava de reformar costumes a todo seu poder, e reedificar o que estava necessitado de obra de mãos: e tudo lhe succedia bem, obrigando seu grande exemplo aos de Casa pera o imitarem de boa vontade; e aos de fóra pera lhe acudirem liberalmente com esmollas. Mas o Mestre, além destas partes, era famoso letrado, e prégador insigne: e por ser tal, pedindo elRey Dom Fernando o Catholico Reformadores pera a Provincia de Castella, e passando o Padre Geral sua commissaõ confirmada com Breve Apostolico pera o Vigairo Geral da Observancia deste Reyno, que era Frey Pedro Dias, que escolhesse em sua Congregaçaõ pessoas idoneas pera o negocio, o primeiro, que chamou, foy o Mestre Frey Joaõ Dias: e dandolhe companheiros de grande conta, e respeito a ella, fez cabeça de todos, com titulo, e poderes de Vigairo Geral do Reverendissimo, pera visitar, e reformar como lhe parecesse. Os Frades, que levou, será razaõ ficarem aqui juntamente nomeados por huma vez, ainda que de cada hum per sy, será possivel fazermos mençaõ no discurso da Historia, porque pera clareza della, e honra dos sujeitos, naõ se escusa em algumas occasioens repetiçaõ de cousas: pollo pedir, ou antes forçar muitas vezes a qualidade desta Escritura. Os que ficaraõ em lembrança, filhos deste Convento, foraõ Frey Joaõ de Aveiro, e Frey Diogo Velho. Levou mais do Convento de Bemfica Frey Fernando de Braga, e outros tres. O primeiro Convento, em que comessou a usar de seus poderes, foy Sancto Estevaõ de Salamanca: logo passou a Sancta Cruz de Segovia, e a Sancto Thomas de Avila: despois vio S. Domingos de Piedrahita, e outros, mas poucos: porque nestes foy tomando conhecimento de toda a Provincia: e como tinha grande juizo natural, e experiencia acquirida de governo, ficou largamente inteirado de tudo, o que cumpria remediar. Era a tençaõ d'elRey nesta visita reduzir as cousas da Religiaõ em tudo o que pudesse ser, a seus primeiros principios: e pera este fim desfazer parcialidades, e extinguir ambiçoens, que saõ a peste, com que o inimigo commum corrompe os bens da Religiaõ, desbarata as leys, afroxa o rigor; e em fim assola as Provincias inteiras; porque quem folga de mandar, logo arma traças pera continuar o mando em sy, ou nos alliados: e saõ as ordinarias fazer gente, e criar obedientes pera vir a alcançar por numero, e vozes, o que senaõ merecer por virtude, e justiça. Aqui entra a perdiçaõ, porque sustentar estes, naõ se faz senaõ à custa da honra de Deos, sofrendo descompostturas, naõ castigando, nem reprehendendo devassidoens, que he o primeiro mal, que faz contra a Religiaõ, e contra sy, quem sem grandes merecimentos quer, e procura ser Prelado. He o segundo dano, que como naõ ha pena pera culpados, vem o vicio a presumir tanto de sy, ou fiar tanto de quem assi manda, que depressa se atreve a pretender, e pedir o premio devido à virtude; e nunca deixa de alcançar: porque a maõ do dispenseiro, como he guiada de interesse, e res-

peito proprio, ſabe que ſua vida, e poder conſiſte em o ter contente. Aſſi reynaõ os que menos merecem: e morrem pollos cantos deſconfiados, e deſprezados os que deviaõ eſtar nos primeiros lugares. E às vezes póde tanto o deſprezo, e a deſconfiança (como noſſa natureza he taõ fragil) que perde a virtude os eſtribos da fé, e dezemparando os muros da inteireza, lançaſe com ſeus contrarios; e ouzaria eu affirmar, que ſe o monſtro antigo da Clauſtra naõ entrou por eſtes meyos, ao menos com elles ſe ſuſtentou. Mas tornando aonde nos deviamos, tanto que o Viſitador alcançou o eſtado das couſas, e conheceo os humores, e qualidades dos ſujeitos, que havia na Provincia, foy grangeando, e ganhando os animos de todos, com tanta brandura, e prudencia, e encaminhando os fins de ſua commiſſaõ com tal deſtreza, que muito ſuavemente, e ſem lhe diſcrepar homem, levou toda a Provincia a conſentir em muitas couſas, que por entaõ lhe pareceraõ neceſſarias. Como a vio neſte eſtado, publicou Capitulo Provincial. Juntos os Vogais, era imaginaçaõ, e diſcurſo dos mais, naõ mal fundado, que pera conſervaçaõ da paz, e deſentabolar parcialidades, ſe faria eleger em Provincial a ſy, ou algum dos companheiros. Mas Portuguez limpo de mãos, e de todo o raſto de ambiçaõ, tendo ſó diante dos olhos o ſerviço de Deos, e o bem, e honra da Provincia, propozlhe o mais digno ſujeito, que nella achou; e inſtou com admiraçaõ de todo o Capitulo, porque ſahiſſe eleyto, como ſahio, com grande conformidade. Chamavaſe Frey Diogo Madanelo, conhecido por grandes letras, e partes, quais convinhaõ na occaſiaõ preſente. Feita eleyçaõ, e confirmada por elle, paſſou a outro Auto, que naõ eſpantou menos, mas edificou mais. Como tinha a Provincia junta, fez huma practica aos religioſos, na qual lhes declarou, que por iſſo lhes dera Provincial, pera elle pôr termo à ſua viſita, e commiſſaõ: porque ſua tençaõ era deixar o proceſſo da reforma nas mãos de tantos Varoens taõ prudentes, taõ letrados, e taõ religioſos, como na Provincia havia; que ſe elles, que eraõ tays, naõ reduziſſem por ſy o eſtado das couſas a mayor pureza antiga, em vaõ ſe canſariaõ niſſo os eſtranhos: e affirmava, que ao credito de todos cumpria governaremſe com paz, e tanto amor da Obſervancia, que a elles, naõ a elle ficaſſem devendo o Rey, e o Reyno, e o Reverendiſſimo todos os bens, que dalli em diante ſe contaſſem da Provincia; que tinha por certo haviaõ de ſer muitos, em virtude da grande bondade, e fervor de eſpiritu, que nella achava. E por tanto deſde aquella hora ſe deſpedia do cargo, e delles, e lhes pedia o encomendaſſem a Deos: e logo havendoſe já por ſubdito, tomou com humildade a bençaõ ao Provincial. A cabo de poucos dias, deu volta pera a patria com muita ſatisfaçaõ d'elRey: mas com louvores nunca ouvidos dos Frades Caſtelhanos, que ficaraõ paſmados da facilidade, e boa ſombra, com que ſe deſpegou de tamanho, e taõ honrado lugar, que pudera lograr annos inteiros, ſe fora ambicioſo. De todos ſó

Frey

Frey Fernando de Braga se atreveo a ficar, mas subdito, e em Casa das mais reformadas.

O Mestre Frey Joaõ despois de vindo pera o Reyno, foy escolhido por elRey Dom Joaõ Segundo por seu confessor: e tambem o foy da Infanta Dona Joanna sua irmam; e se achou em sua morte: e a ambos era muy aceito seu trato, e sua doutrina. Neste Convento foy Prelado algumas vezes, e nelle veyo a fallecer em boa, e sancta velhice, e sendo actualmente Prior. Resta declararmos huma divida em que estamos a este Padre, e naõ he pequena a meu ver. Tambem fundada deixou a reformaçaõ com sua doutrina, exemplo, e trabalho, naquella Provincia, que dentro de poucos annos nos veyo a pagar na mesma moeda, e semelhante officio, mandandonos o muy religioso Padre Frey Joaõ Furtado pera reformador dos Conventos de Lisboa, e Batalha, à petiçaõ d'elRey Dom Manoel, e despois em tempo d'elRey Dom Joaõ Terceiro outros Varoens gravissimos, que com suas virtudes, e prudencia, fizeraõ mais illustre a memoria do nosso Portuguez: e naõ na honra hoje menos o Padre Mestae Frey Domingos Pimentel irmaõ do Conde de Benavente, que actualmente nos está visitando no tempo, que isto vamos escrevendo, por commissaõ do nosso Reverendissimo Frey Serafino Sicco: e saõ suas qualidades taõ raras no que toca ao ponto da Religiaõ, e bom governo, que sempre faraõ sua memoria louvada, e celebre neste Reyno.

CAPITULO VII.

Do Padre Frey Pedro Dias Vigairo da Congregaçaõ reformada.

O Padre Frey Pedro Dias foy aquelle, que sendo Vigairo dos Conventos Observantes, escolheo, e despachou pera Castella os Visitadores, de que acabamos de escrever. Antes de entrar na Religiaõ tinha tomado gráo de Bacharel formado em Theologia: e nunca despois teve outro; porque os Prelados da Congregaçaõ naõ consentiaõ, que ouvesse entre elles, quem grangeasse, nem aceitasse gráos de mercê, que saõ materias de ostentaçaõ, naõ de justiça: juntava este Padre com grandes letras maravilhosa eloquencia no Pulpito. Huma, e outra cousa lhe rendeo chamallo elRey Dom Joaõ Segundo pera seu Prégador: e valerse de seu conselho, e partes, em negocios de grande peso: como foraõ o assento das pazes entre elle, e elRey Dom Fernando Catholico: e do casamento do Principe Dom Affonso seu filho com a Infanta Dona Isabel filha do Catholico: e nestes procedeo com grande satisfaçaõ de ambos os Reys, segundo o achamos pollas memorias da Ordem. Dos Chronistas seculares naõ ha que fazer caso: sempre ficaõ curtos em dar louvor, e memoria aos Religiosos, por grandes que sejaõ as cousas, que passaõ por suas mãos. Estas tiveraõ muitos encontros, e difficuldades, mas todas venceo a industria, e prudencia de Frey Pedro: porque em aviso, e agudeza de engenho, naõ ti-

nha igual; e particularmente era notado de huma facilidade, e presteza natural pera descubrir meyos em negocios difficultosos, e até pera os desesperados tinha maõ, e confiança, com que os fazia chegar a bom fim. Estas partes juntas com grandes virtudes, e religiaõ, pollas quais era conhecido, e com huma presença natural de grande authoridade, o faziaõ em todo lugar veneravel, e amado, assi na Ordem, como fóra della. O que se deixa bem entender de huma commissaõ, que elRey Dom Joaõ fiou delle, naõ menos importante à Coroa Real, que ao bem do povo. Lançaremos aqui a propria Provisaõ, que pera exercitar lhe mandou elRey passar: ficarnosha servindo de historia, e testemunho mais verdadeiro da grande opiniaõ em que estava na terra: e diz assi.

DOm Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, da quem, e dalem, mar em Africa Senhor de Guiné, &c. A quantos esta nossa Carta virem fazemos saber, que nós damos, e outorgamos ao Doutor Frey Pedro Dias, Frade da Ordem de S. Domingos em esta Villa de Sanctarem, toda nossa authoridade, e inteiro, e cumprido poder, pera elle em nosso nome, e por suas Cartas assinadas por elle, e feitas por Gonçalo Gil nosso Escudeiro mór na dita Villa, que lhe por nosso Escrivaõ por esta apropriamos, poder dar livramento, e perdaõ dentro no termo de nove mezes primeiros seguintes, contados da feitura deste em diante, e mais naõ, a toda a pessoa, que atégora for culpada em as culpas abaixo declaradas, naõ sendo nosso official, nem nosso Capitaõ, ou Escrivaõ de navio, ou trato, e resgate de Guinea. E esto satisfazendo a dita pessoa culpada, por cada huma das ditas culpas, na maneira, que se adiante segue. Se ouve desembargos d' elRey meu Senhor, e Padre, que Deos tem, ou nossos duplicados: ou tem em sy por qualquer maneira alguns dinheiros seus, ou nossos, ou outras quaesquer cousas, como nom devia, e nos tornar as tres partes delles, seja perdoado da quarta parte, e de toda outra pena crime, e civel, que por ello merecia. E se tem havidos, ou sonegados dinheiros, ou cousas dos culpados nas treiçoens passadas, que a nós pertençaõ, e pagar ametade, seja perdoado da outra metade, e de toda a pena, em que por ello encorreo; e se deu dinheiro a cambios pera Guinea, ou levou cousas defezas, ou resgatou, sem nossa licença,

naõ ſendo já por ello demandado por noſſa parte: nem ſendo noſſo Capitaõ, ou Eſcrivaõ: pagará ametade do que por noſſas Ordenaçoens haviamos de haver, e ſeja perdoado da outra metade, e das outras penas, que por ello merecia. E ſe meteo de fóra do Reyno couſas defezas, pague a ſiza, e a dizima do que nellas montar, e ſeja perdoado das outras penas, em que por ello encorreo. E ſe meteo couſas naõ defezas, e nom pagou dellas noſſos direitos, pague ametade, do que ouvera de pagar; e ſeja perdoado da outra metade, e de toda a outra pena, que por ello merecia. E ſe paſſou para fóra do Reyno ouro, prata, e quaeſquer outras couſas defezas, ſem noſſa licença, e pagar as dizimas do que as ditas couſas valiaõ, ſeja perdoado do mais, e de toda a outra pena, em que por ello encorreo: e ſe paſſou gados pera fóra do Reyno, pague o quinto delles, e ſeja perdoado do mais, e aſſi das penas crimes, e civeis, que por ello merecia: e queremos, e mandamos, que os perdoens, que o dito Frey Pedro a cada hum dos ditos culpados aſſi der, das culpas, e couſas, que em elles forem eſpecificadas, e declaradas, ſejaõ firmes, e valioſas pera todo ſempre; aſſi como ſe por nós, e noſſas Cartas aſſinadas de noſſo ſinal, e ſelladas de noſſo ſello pendente foſſem dados. E em teſtemunho dello mandamos paſſar eſta noſſa Carta, aſſinada por nós, e ſellada do dito noſſo ſello pendente. Dada em noſſa Villa de Sanctarem a 8. dias de Novembro. Antonio Dorta a fez, Anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1487. e os officiaes, que neſte perdaõ naõ haõ de entrar, alem dos que aſſima ſaõ nomeados, ſaõ os de noſſa fazenda, e outras peſſoas, que tiverem carrego de eſcrever, receber, e deſpender dinheiros, e couſas noſſas, que em ſeus officios, e carregos erraſſem. ElRey.

1487.

Lancei aqui de melhor vontade eſta honrada commiſſaõ de Frey Pedro, porque, dandolhe elRey a honra, julgo que deu elle a elRey a traça. Era ſeu confeſſor, julgou que lhe convinha procurar, por todas as vias poſſiveis, que os vaſſallos eſtiveſſem em boa conſciencia. Grande, e ſancto documento pera todos os que tem ſemelhante lugar com os Principes. Advirto, que naõ faça duvida nomearſe na Proviſaõ Doutor, ſaõ honras, que os Reys fazem a muitos eſcrevendo, e fallando. E poſ-

posto está em uso valeremse os homens dellas: porque naõ tem os Reys menos authoridade pera dar grão em seu Reyno, e a seus vassallos, que a sua Academia por elle instituida: mas Frey Pedro naõ usou nunca desta na Ordem, nem quiz mais, que a que por seu estudo, e trabalho tinha alcançado. Por naõ deixarmos nada do que os Antigos louvaraõ neste Religioso, diremos duas partes, que na Religiaõ lustraõ muito; e pera bem servir saõ muy convenientes. Era huma, ser muito déstro, e bom musico, de que resulta concerto, e decoro nos officios Divinos: outra ser excellente Escrivaõ. Que na verdade parece, que faz contradiçaõ ser hum homem douto em sciencia, da qual naõ sabe com perfeiçaõ formar os caracteres. Por isso gabo, e he de louvar o costume de huma Religiaõ, que a primeira cousa, em que exercita seus noviços sem faltar nas do espiritu, he esta mecanica: e daqui vem ser muy raro entre elles o que naõ escreve bem.

CAPITULO VIII.

Do Padre Frey Balthesar de Guimaraens.

NO Anno de 1501. vestio o habito de Irmaõ Leygo, ou Converso, Frey Balthesar de Guimaraens em idade de 24. annos, pouco mais, ou menos: e tal conta deu logo de sy nas materias do espiritu, e nas outras de sua obrigaçaõ, mostrando nestas diligencias, e bom juizo, e nas mais muito amor de Deos, e da Religiaõ: que succedendo certo negocio na Congregaçaõ, em que pareceo ao Vigairo Geral della, que convinha mandarse homem proprio a Roma, foy elle escolhido pera a jornada. Era Frey Balthesar muito pequeno de corpo, e por essa rezaõ naõ conhecido por outro nome, senaõ de Frey Balthesarinho: tomando o caminho Apostolicamente a pé, presentouse diante do Reverendissimo, assi fraco de pessoa, e gesto, e sobre tudo empoado, e mal tratado; mas val tanto a virtude, que naõ só lhe pareceo gentil homem, mas hum verdadeiro filho de S. Domingos; e ouvidas suas rezoens, e a sustancia do negocio, que levava, ouveo por digno de tornar com honra, além do bom despacho, e de sua maõ lhe vestio o habito de Frade do Choro: e lhe deu licença pera receber todas as Ordens; porque tinha de latinidade o que bastava pera ellas. Era Frey Balthesar antes de Sacerdote muito dado à Oraçaõ: tal sabor sentia nella, tantos favores communicava Deos a seu espiritu, que, se naõ ouvera de permeyo acudir às occupaçoens em que a Communidade o trazia empregado, nunca a deixara. Mas despois que foy continuando a communicaçaõ quotidiana do Altar, abrasavase em fogo do Divino Amor. Cerrandose o dia, e com elle tomando termo as obrigaçoens do serviço da Casa, aproveitavase da noite pera dar a môr parte della às delicias, que sua alma achava no trato, e contemplaçaõ do Ceo. Crescia o fogo com a continuaçaõ, a experiencia sevava o gosto: horas havia, que naõ trocara por todos os bens da terra juntos. Porém o Inferno, que todo nosso

bem

bem aborrece, despois que com lanços secretos lhe naõ pode fazer dano na consciencia, que com tentaçoens, e varias siladas intentou: resolvese em guerra campal. Juntase a inquietalo no mayor fervor da Oraçaõ, com medos, e fantasmas. Bem sabia Frey Balthesar, que lhe naõ podia empesser em nada sem licença do Senhor do Ceo, e da terra, a quem tudo obedece: todavia perturbavase a humanidade, com a fealdade infernal. Pera se valer costumava pedir a algum Religioso, que o acompanhasse, ao menos ficando sentado nos degráos da Capella. Bastava isto pera lhe darem os inimigos menos guerra, mas naõ pera o deixarem de todo. E elle pera que o Frade naõ temesse, dizialhe, que se ouvisse rumor, soubesse que naõ era cousa de importancia, que o faziaõ hum proviços ociosos, que continuavaõ na Igreja, e assi passava. A estes fervores ajudava huma inflammada charidade pera com os pobres, nascida de grande compaixaõ, que lhe fazia toda a gente necessitada, e affligida. Alguns casos ficaraõ entre os Religiosos, que descobrem disto muito: e será rezaõ naõ callarmos nenhum: porque, inda que poucos, saõ como humas balizas, que nos estaõ provando, e affirmando, que ouve muitos mais, que a nós naõ chegaraõ.

Era Refeitoreiro (e a tradiçaõ he, que fazia este officio no Convento do Porto) entraraõ huma manham muitos Frades juntos, huns da Batalha, outros de Coimbra, outros de Aveiro, e todos caminho pera Braga a tomar Ordens: naõ querendo esperar pollo jantar, por naõ perderem jornada, deulhes de almorçar com charidade, e despois encheolhes as mangas do paõ que havia, e pediolhes que levassem de mais humas pescadas secas pera se valerem onde chegassem ao meyo dia, e à noite, visto naõ haver Convento nosso no caminho, nem em Braga. Fez conta o charidoso Refeitoreiro, que por muito que gastasse com os hospedes, naõ faltaria o paõ ordinario na Amassadeira, nem o peixe fresco na ribeira, que sempre acode. Mas porque as horas corriaõ, e almassadeira tardava com o paõ: mandoua avisar da necessidade, e da rezaõ della. Foy a reposta, que ouvera successo, que estorvara cozer o forno, e naõ seria possivel acudir com paõ menos das duas horas despois do meyo dia. Sobresaltado ficou, temendo fazer defeito, mas naõ desconfiado das misericordias do Altissimo, que cada hora experimentava. Foyse diante do Sanctissimo Sacramento propor a falta com lagrimas; allegando, que fora a causa della charidade naõ intempestiva, e discurso naõ mal fundado. Tornouse a aparelhar o refeitorio cheyo de confiança, que o Senhor lhe acudiria: senaõ quando a caso, abrindo a arca do paõ pera tirar della huma toalha, descobre, soberana maravilha! vê a arca cheya de paõ até boca; paõ mimoso, e fermoso, e em fim dado do Ceo. Reconheceo a misericordia, e logo alli com os joelhos em terra, mãos, e olhos ao Ceo, rendeo as graças ao Senhor delle, e alegremente fez sinal à sua hora. Mas o Senhor, que nunca faz mercês de meyas, e sempre exce-

excede as medidas curtas de nossos dezejos, quiz tambem dar premio á charidade do peixe, e foy assi, que hindo sobre tarde receber o paõ á portaria, achou nella dous mancebos com huma copia de pescadas frescas: que sem esperar, que se tratasse de preço, nem outra palavra, lhas deixaraõ diante, e feita sua reverencia viraraõ as costas. Naõ ignorou Frey Balthesar quem eraõ os portadores: porque a presença, o geito, e a cortezia o obrigava a julgar naõ ser gente do mar, nem da terra. Assi o affirmou, sendo já muito velho, a hum Religioso amigo, pera honra de Deos: mas ainda entaõ pedindo segredo pera em sua vida, contava, que tal resplandor vira no sembrante, e olhos de ambos, que nunca lhes pudera ter o rosto direito.

Conhecemse de longe, e juntaõse facilmente, e de boa vontade os servos de Deos. Vinha de Castella, chamado d' elRey Dom Manoel, o Padre Frey Joaõ Furtado pera effeito de reformar os dous Conventos de Lisboa, e Batalha: entrou por entre Douro, e Minho: pagouse tanto do que sentio, e soube de Frey Balthesar (naõ nos consta onde se encontraraõ) que tendoo por gigante de espiritu, se bem de corpo Pigmeo, folgou de se acompanhar com elle. Bem he possivel, que como era sobre maneira humilde em todas suas acçoens, senaõ descuidasse em tomar companheiro, pessoa em quem reluzia humildade por tantas vias, como eraõ, alem da fama de virtude, e a representaçaõ corporal, e o haver sido pouco antes Frade Leygo. De qualquer maneira, que fosse, sabemos, que fizeraõ juntos alguns caminhos, e o modo era caminhar a pé sem alforje, nem bolsa: capa às costas, breviarios nas mãos, ou nas mangas, entrando nos lugares, se eraõ horas de comer, mendigar alguma cousa por esmolla pera passar, de porta em porta. Succedeo sahirem huma manham de Guimaraens pera Braga hum pouco tarde, e sem comer. Deviaos deter a Missa, e ser dia de jejum. Descubrio o sol, comessou a cahir calma: cresceo a fraqueza com a quentura, e cansaço, nos corpos por sy debilitados de jejum, e penitencias. Sentaraõse a huma sombra pera descansar hum pouco, tomando por alivio louvar a Deos, e rezar suas horas. Tinhaõ rezado té Noa: mas desfalecia o alento pera subir os montes igualmente em ambos: estava à vista huma casa, que por só, e mal composta, prometia pouco remedio pera seu dono, quanto mais pera hospedes. Disse Frey Joaõ ao companheiro, que fosse a ella pedir esmolla, foy confiança de Sanctos o ir, e o mandar. Pedio esmolla Frey Balthesar, e acudio á porta huma pobre mulher, que pondo os olhos nelle, segundo despois contava, ficou como espantada: e devia ser ou de ver Frade pedir a tal porta; ou de ver tal pessoa de Frade: e recolhendose, tornou logo com hum paõ alvo, e hum vaso de vinho, que lhe poz nas mãos. Causou espanto a ambos acharse tal paõ em lugar taõ ermo, e maravilhou mais a qualidade do vinho bom, e fino pera descançados, quanto mais pera necessitados: e huma cousa, e outra, contra o costume daquella

quella terra, onde o paõ ordinario, até em mezas grandes, he de milho, que chamaõ boroa, e o vinho verde, e tal, que na arvore, a que se arrima, nasce já vinagre; com tudo foy caso, que podia bem succeder sem mysterio. Mas o que succedeo, e aconteceo outra véz a ambos, teve muito de milagroso. Caminhando huma manhã, encontraraõ com huma Igreja na estrada, que levavaõ: dispuzeraõse a dizer Missa, fizeraõ muita detença, e tornaraõ a seguir seu caminho, e muito cansados, e já tarde chegaraõ a huma venda; naõ eraõ bem chegados, quando sahe à rua a vendeira, e recebeos com estas palavras. Acabay de chegar Padres, que ha boas duas horas, que espero por vós com o jantar prestes. Esta mulher naõ vira nunca a nenhum delles, e dizem alguns, que chamou por seu nome ao Padre Frey Joaõ.

Viveo Frey Balthesar longos annos, e veyo a cegar de velhice, mas espertou a vista dos olhos da alma a falta dos corporaes. Ditosa cegueira pera quem naõ sabia, nem queria mais, que estar sempre com Deos: dantes tomavaõlhe muitas horas os officios da Communidade: despois de cego naõ havia nenhuma, que deixasse de ser toda de Deos, e sua. E porque tinha longa experiencia dos ganhos, que se achaõ na oraçaõ, e reza da Communidade: assi cego acudia ao Choro a todas as horas do dia, e noite, como quando era muito moço, e bem visto: e porque sabia tudo de cór, naõ perdia verso. Pareceo todavia a hum Provincial, que era crueza soffrer hum velho tanto trabalho; mandoulhe por obediencia que deixasse a continuaçaõ do Choro. Assi o sentio, como se fora huma grande affronta. Queixouse, chorou, allegou, que era muito peccador, e naõ tinha já outro meyo de satisfazer senaõ aquella pequena occupaçaõ; que o naõ livrassem della, se lhe queriaõ dar alguns dias de vida, e consolaçaõ. Em fim venceo, tornou a sua assistencia, e nella perseverou, até que desemparada do vigor natural com a força dos annos aquella humanidade, cahio em cama, contando muitos annos, além dos oitenta. Assi cego, e entrévado viveo ainda, como em purgatorio algum tempo, até que hum dia do Anno de 1564. passando hum Irmaõ Leygo por junto da enfermaria, sentio que se tocava dentro hum instrumento musico. Estranhou a novidade; e muito mais a suavidade da armonia, que lhe parecia cousa muy peregrina; e acudindo aonde soava, achou Frey Balthesar em estado, que entrava em agonias de morte. Estranho caso, e de grande louvor do Altissimo. He ordinario no mundo, por bem que haja servido o soldado, tanto que chega a perder as forças, e o brio com a velhice, pagarselhe o valor passado com desprezo, naõ só com pouco favor. Naõ acontece assi na vossa milicia meu bom Deos. Faltava lembrança, e vigia nos enfermeiros da terra do vosso Velho Sancto: mandastesslhe Anjo enfermeiro, e taboas do Ceo, que foy a musica, que o Leygo ouvio, e tanto a tempo, que o naõ ouve pera mais, que tocar as do Convento, juntarse a Communidade, e despenar

1564.

nar o Velho, vividos 88. annos. Sinalouselhe a sepultura, que tem na Crasta com huns azulejos na cabeceira, que naõ saõ mais vistosos os Mausoleos, com que a Religiaõ honra neste mundo seus bons filhos.

CAPITULO IX.

De alguns filhos deste Convento, que foraõ insignes em letras, e Pulpito.

HAvendo de ser este Capitulo de Letrados, e Prégadores eminentes, he força tornarmos a nomear alguns Religiosos, de que por outros titulos deixamos atraz feita mençaõ: e devemos primeiro lugar por estas partes ao Padre Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva; porque todos os Antigos lho deraõ nellas: e (o que he mais de espantar) sem ter, nem procurar gráo de nenhuma Universidade.

Deste Convento era filho o Padre Frey Dinis, de cujas partes nos dá bastante testemuho o Chronista d'elRey Dom Affonso Quinto Ruy de Pina nas palavras, que delle diz, e do Padre Frey Antaõ, que atraz referimos, dizendo d'ambos, que eraõ pessoas de muy grande doutrina, e muy sancta vida; e de Frey Dinis, que foy Confessor d'elRey D. Affonso Quinto.

Cap. 4. deste l. 3. na vida de Fr. Antaõ.

Ao Mestre Frey Joaõ Dias Visitador de Castella, suas letras, e prégaçaõ lhe deraõ aquelle grande cargo, e o honraraõ despois toda a vida: e as mesmas, que elle conhecia em Frey Diogo Velho filho deste Convento, o obrigaraõ a que o levasse consigo a Castella, quando foy por Visitador.

Dous Irmãos gemeos fez verdadeiramente irmãos o habito, que neste Convento receberaõ juntos, e a profissaõ, que juntamente fizeraõ, igual habilidade no estudo, e igual graça em se declarar no pulpito. Foy hum o Padre Frey Joaõ Lopes, de quem deixamos escrito, que foy muitos annos Vigairo da Congregaçaõ. Tal era a fama de suas letras, que o Padre Geral o mandou apparecer em hum Capitulo geral em Roma, e vendo nelle obras, que excediaõ à fama, lhe deu de sua maõ o gráo de Mestre. Falleceo no Convento de Evora, sendo de muita idade: foy o outro Padre Frey Lopo Rodrigues em tudo igual ao irmaõ, senaõ no gráo. Foy Prior de alguns Conventos, e governando o da Serra de Almeirim, acabou nelle a vida, e ahi se enterrou.

Bastantemente ficou acreditado o Padre Frey Joaõ de Aveiro, sendo (como foy) escolhido pollo Mestre Frey Joaõ Dias, pera ser hum dos companheiros da visita, e reformaçaõ, que foy fazer a Castella, como atraz fica dito; porque se determinou em levar gente, que por todas as qualidades lustrasse muito, e tais eraõ todos os que o foraõ acompanhando na jornada. Este Padre antes de entrar na Ordem foy graduado de Lecenciado em Theologia: e contase delle, que com ser nella muito douto: tanto que entrou na Religiaõ, se deu todo à mistica: e a exercitava com grande deleytaçaõ do espiritu.

Contaõse por de hum mesmo tempo, e de huma mesma classe dous Padres de muito no-

me,

me, nas partes dos que atraz ficaõ, que saõ o Padre Fr. Joaõ de Guimaraens, e Frey Domingos de Tavilla, ambos foraõ Priores nos Conventos reformados, ambos Vigairos da mesma reformaçaõ. E bastava naquelle tempo pera credito, e como gráo eminente de letras, e eloquencia, e bom espiritu, chegar hum Religioso a ser Prelado de qualquer daquelles Conventos, inda que nenhum gráo tivessem de Escollas. De Frey Joaõ se faz relaçaõ na vida da sancta Infante Dona Joanna, irmam d'elRey Dom Joaõ Segundo, que aquella idade chamou Princesa, e nós lhe daremos hum, e outro nome sem escrupulo de cometermos erro. Era elle entaõ Prior do Convento. Do Padre Frey Domingos se conta sobre grandes virtudes, huma muito particular de conservador, e augmentador dos bens dos Conventos, onde assistia, e acquiridor de novas esmollas pera bom governo das Communidades.

Tambem careceo de gráo das Escollas o Padre Frey Joaõ de Braga com ser insigne em reputaçaõ de sciencia; como se deixa entender do muito caso, que toda a Religiaõ fazia delle, occupandoo nos cargos de mais confiança: o que naõ podia ser sem grandes fundamentos. Acabando de ser Prior neste seu Convento, foy chamado pera Vigairo Geral da Congregaçaõ; e governandoa, fez acabar o Mosteiro de Sancta Anna de Leyria, sendo Confessor, e Testamenteiro da Fundadora Condeça de Loulé, filha do Duque de Bragança, e mulher do Conde de Marialva, como adiante se verá. Despois no Anno de 1513. quando se unio toda a Provincia á instancia do Padre Frey Joaõ Furtado, e tiveraõ fim as distinçoens dos Conventos reformados, e naõ reformados, em sua cabeça se fez a uniaõ de todos, e foy o primeiro Provincial delles: e tal foy seu governo, que na primeira occasiaõ, que pollo tempo adiante se offereceo, tornou a ser buscado pera o mesmo cargo, como veremos na terceira Parte desta Historia.

1513.

P. 3. l. 1.

Tambem aconteceo ao Padre Frey Aires de Azevedo, sem ser graduado, ter tanto nome de sabio, e tanta authoridade com os Frades, que o fizeraõ Prelado da Congregaçaõ despois de ter governado alguns Conventos em particular: e tal sujeito achou nelle o Padre Fr. Joaõ Furtado, que o ouve por bastante, e como outro elle pera reformar o Convento da Batalha, pera que fora chamado de Castella por elRey Dom Manoel, segundo acharemos adiante. Ultimamente foy eleyto em Prior de Lisboa, e nesta Provincia acabou a vida, no Anno do Senhor de 1518.

1518.

Frey Alvaro de Insoa, e Fr. Estevaõ Soutello, tiveraõ gráo de Mestres, ambos famosos letrados, famosos, e utilissimos prégadores: neste Convento acabaraõ cheyos de dias; mas consta naõ serem filhos delle: damos-lhes o lugar pollo direito da sepultura, e porque lhes naõ pudemos alcançar Convento proprio.

Frey Sebastiaõ de Aveiro por suas letras, e pulpito, foy muitas vezes Prior de Lisboa, e da Batalha, e deste de que era fi-

lho: e sem nunca ser Provincial, foy mandado visitar muitos Conventos em particular, e de huma vez toda a Provincia: falleceo no Convento de Villa-Real, sendo Prior delle.

Por grande Escriturario foy nomeado em seu tempo o Padre Frey Affonso de Seor. Estudou as letras na insigne Universidade de Salamanca, e os bens da Religiaõ neste Convento. E quanto se levantava sobre todos por engenho, e sciencia, tanto descia por humildade, e se havia por inferior aos mais pequenos, com huma sancta disciplina, digo displicencia, que de sy tinha: a qual era causa, que só dos officios, que outros tinhaõ por abatidos, se satisfazia, e nenhum engeitou nunca por indigno, nem por trabalhoso deixou de o servir com grande espiritu, e contentamento. Succedendo vir a Espanha o Geral Frey Vicente Bandelli, e chamando a sy os Padres, Provincial, e Vigairo da Observancia, a elle encomendou por sua Patente ambos os cargos.

Frey Thomas Rabello graduado de Doutor, antes, e despois de ser Vigairo da Congregaçaõ, governou particularmente todos o Conventos della.

Frey Alvaro de Aveiro, antes de receber o habito foy muitos annos estudante de Theologia na Universidade de Alcalá de Henares.

Frey Affonso de Madayl, por habilidade rara, foy admittido entre os primeiros Collegiais do novo Collegio, que elRey Dom Manoel instituhio no Convento de S. Domingos de Lisboa, e nelle veyo despois a ser Prior.

De Frey Martinho de Aveiro, que foy graduado de Doutor em Theologia, e a leo muitos annos na Ordem: e de Frey Gonçalo de Oliveira Bacharel formado nella polla Universidade de Pariz: digamos juntamente pera contarmos de ambos huma sancta, e humilde devaçaõ. Eraõ letrados, prégadores, graduados, e velhos: e quando aos sabbados se dizia a Missa de Nossa Senhora, cantavaõ ambos as suas prosas, que na Ordem se costumaõ; e era tanto o gosto, com que o faziaõ, que hum delles, porque tinha a vista curta (era o Padre Frey Gonçalo) apontouas todas em caderno particular, e por elle as cantava.

Frey Pedro de Abreu estudou em Paris, e despois em Salamanca: e podendo adiantar muito mundo por esta via, e polla da prégaçaõ, em que era unico, animosamente sacrificou a Deos as esperanças de valer, e querendo só valer com elle, buscouo neste Convento: onde sendo Prior, despois de o ser em outros, falleceo sanctamente no Anno de 1518.

1518.

De Frey Lopo Soares fica somado tudo o que se póde dizer de grandes partes, com sabermos, como adiante largamente o contará a Historia, que foy eleyto pollo Padre Frey Joaõ Furtado, quando veyo a Lisboa no Anno de 1513. em Vigairo Geral da Provincia: e juntamente da Congregaçaõ Observante em quanto se esperava do Reverendissimo a confirmaçaõ da uniaõ, que estava tratada, e assentada de todos os Conventos da Provincia, e Congregaçaõ, na pessoa, e cabeça do Padre Frey Joaõ de Braga: chegada a confirmaçaõ, foy eleyto

Prior

Prior de Lisboa na vagante do Meſtre Frey Joaõ da Povoa : e veyo a fallecer no Convento de Azeitaõ.

Frey Thomas de Quadros Preſentado em Theologia , era taõ eſtimado polla prégaçaõ, que o tiveraõ conſigo o Biſpo, e Cabido da Sé de Coimbra, ſem conſentir faltarlhe ſua preſença, e companhia em muitos annos.

Doze annos continuos aturou a Univerſidade de Pariz eſtudando Theologia o Padre Frey Pedro Bom , que em algumas partes achamos nomeados por Frey Pedro de Aveiro. Nella tomou o gráo de Doutor, e tornando à patria , foy publico Leytor nas Eſcollas Gerais da Cidade de Lisboa onde naquelle tempo reſidia a Univerſidade , que havia no Reyno, que elRey Dom Joaõ Terceiro deſpois transferio pera Coimbra : como em ſeu lugar ſe verá. Deſpois de muito velho, e canſado , retirouſe ao Convento de Sanctarem ; e ahi falleceo ; ſendo naſcido por rezaõ de profiſſaõ neſte de Aveiro.

Demos fim a eſte Capitulo com hum filho mais moderno de todos, o Doutor Frey Antonio de Sena. Eſte Padre ſendo naſcido em Guimaraens , e recebendo o habito em Aveiro , ſe chamou da Conceiçaõ. Deſpois por devaçaõ da Seraphica Sancta Catherina de Sena, devaçaõ muito propria , e muito antiga da terra de ſeu naſcimento , como em ſeu lugar deixamos contado, trocou o appelido da Conceiçaõ em Sena, (que naõ ſe offende a Raynha dos Ceos, de mudanças naſcidas de boa tençaõ.) Acabou ſeu eſtudo no Collegio de Sancto Thomas de Coimbra ; e logo leo hum Curſo de Artes no Convento de Lisboa : dezejando conſumarſe nas letras, alcançou licença do Geral Juſtiniano pera paſſar à Univerſidade de Lovayna nos Eſtados de Frandes. Nella reſidio quaſi onze annos , recebeo o gráo de Doutor, e foy aceitado por Meſtre na Ordem , e conſeguintemente inſtituido em primeiro Regente do noſſo Convento da meſma Cidade. Aqui ſe deu a eſcrever em ſerviço da Ordem, e compoz muitos livros com que a obrigou aſſaz. Principalmente com o que chamou Bibliotheca geral ; porque com grande trabalho , e curioſidade fez huma liſta, e aranzel de tdos os Religioſos Dominicos , que alguma couſa eſcreveraõ, apontando particularmente as qualidades dos eſcritos , e numero dos livros. Obra digna de muita eſtima nos tempos preſentes , em que os inimigos da Fé tem por ocio infructifero a clauſura, e trabalho dos Religioſos ; e tambem pera os ultimos , quando com o revolver dos annos , que tudo deſtruem, vierem a faltar os livros : pera que naõ falte entaõ huma lembrança do muito que por todas as idades trabalharaõ os noſſos Frades. Dos mais que compoz fez tambem ſua memoria: e ſaõ tantos, que naõ gaſta pouco papel em nos dar noticia delles.

P. 1. l. 4. c. 19. & 20.

Litera A. f. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34.

CAPI-

CAPITULO X.

Do Bispo de Laodicea D. Frey Duarte Nunes filho deste Convento.

AGora he tempo de dizermos alguma cousa dos filhos desta Casa, que subiraõ a dignidades mayores. No Anno de 1489. achamos, que fez profissaõ neste Convento o Mestre Frey Duarte Nunes, foy natural da mesma Villa: e correndo o tempo polla opiniaõ, que elRey Dom Manoel tinha de suas letras, e virtude, quiz que fosse consagrado em Bispo titular de Laodicea, e o mandou à India no tempo, que aquella conquista Oriental andava no mayor fervor. Devia ser o fim pera acudir com o poder, e authoridade Episcopal a muitas cousas, que já o pediriaõ nas praças, que se hiaõ povoando, em quanto naõ estavaõ capazes de Prelados proprios, e legitimos, que andando o tempo se mandaraõ. Assi foy o primeiro Bispo, que esta longa peregrinaçaõ acometeo, e entre os primeiros semeadores da palavra, e doutrina Evangelica Portuguesses, o que com Mitra ouvio a India. Mas naõ parece, que foraõ muitos annos os que neste seu ministerio se occupou, visto como nenhum Chronista do Reyno, nem Escritor nosso das cousas da India fazem mençaõ delle. Podemos cuidar, que o naõ levar lugar destinado de sua Prelacia, e a occupaçaõ continua da guerra, em que os nossos andavaõ envoltos, tolheria darse perfeita attençaõ a brandura, e mansidaõ das cousas sagradas: que naõ acordaõ bem preceitos de amor, e charidade com estrondo de bombardas, e furia de ferro, e fogo: e acontece os mesmos Escritores, quando trataõ semelhantes materias, transformaremse quasi nellas, e como se vestiraõ Arneses, e seguiraõ o som dos pifaros, e atambores, perderem a lembrança do que toca ao sossego, e partes da paz. E todavia naõ posso deixar de lhes estranhar (queixas já naõ servem) que sendo Portugal terra taõ limitada, e estando a sepultura deste Baraõ publica, e sabida, e em lugar, naõ dos ultimos, do Reyno, e sobre tudo ornada de versos, que declaraõ a jornada, que fez a Oriente, lhes passasse por alto fazer caso de tal Baraõ. Pollo que ficando esta nossa verdade, como fica, por testemunho singular, será necessario darmoslhe tanta luz, que qualquer bom juizo, que isto ler, ma julgue por livre de escrupulo, e sem sospeita. O certo he, que elle foy o primeiro Sacerdote Portuguez, que com Mitra passou à India por mandado d'elRey Dom Manoel, e achando as searas verdes, e tudo sem sazaõ, pera o que hia fazer, por ordem do mesmo Rey se tornou pera o Reyno; e pera o romanso da Villa em que nascera, e Convento em que se criara. Do tempo, e annos precisos, em que foy, e veyo, naõ ficou entre nós memoria, só sabemos, que falleceo no Anno de 1528. e o Mestre Frey Lopo de Aveiro fez gravar em sua sepultura huns versos latinos, que nos daõ bastante noticia de sua pessoa, e jornada: os quais tresladaremos aqui; porque, inda que faltos de

1489.

1528.

de policia, acreditaõ o que temos dito, por serem feitos no tempo de seu fallecimento, e por pessoa que sabia todo o discurso de sua vida. Seguemse os versos.

Virtutum specimen iacet hic, & Præsul Eous,
Qui primum sacris initiavit eos
Indorum populos, quos Lusitania vicit.
Hic Eduardus erat relligione sacra.
Infractos Mauros postquam non vincere posse
Vidit, ad imperium Principis ipse redit.
Quem domus hæc genuit, busto hunc suscepit auito:
Relligio hic peperit, relligio hic tumulat.

Quasi dizendo. Aqui jaz Frey Duarte Religioso, espelho de virtudes, e Prelado do Oriente, que foy o primeiro, que deu ordens aos povos da India pollos Portuguezes conquistados. Mas vendo, que naõ podia vencer a infidelidade, e dureza Mahometica, tornouse por ordem d'elRey a sua patria. Nella foy recebido nesta casa, que o gerou, e na sepultura de seus avôs. Aqui o gerou a Religiaõ, aqui a mesma o tem sepultado. Pera gente de boa rezaõ, bastante prova deve fazer esta pedra com sua letra, e antiguidade: mas pera demasiado escrupulosos ajuntaremos confirmaçaõ de authoridade Real. He huma Carta d'elRey Dom Joaõ Terceiro pera hum Ouvidor da Villa de Aveiro, escrita no mesmo Anno, que o Bispo falleceo, à petiçaõ do Prior do Convento, pera o effeito, que nella se declara: e diz assi.

OUvidor Antonio Dias, Eu ElRey vos envio muito saudar. Frey Sebastiaõ Prior do Mosteiro de S. Domingos desta Villa, me enviou dizer, que Dom Duarte Bispo, Frade da dita Ordem, que veyo da India, fallecera na dita Villa, e deixara a dita Casa, por herdeira de sua fazenda. E por elle fallecer em casa de Joaõ de Couros seu cunhado, donde se escondera, e sonegara muita della, me pedia, que pollo Corregedor da Comarca, ou por vós, mandasse tirar inquiriçaõ sobre a dita fazenda, e a entregassem ao dito Convento, sendo elle Prior, e Convento ouvidos com quem a tivesse. E visto por mim seu requerimento, hey por bem, e vos mando, que tanto que esta minha Carta virdes tireis inquiriçaõ sobre o dito caso, e ouçais sobre isso o dito Prior, e Convento com

as

as partes a que tocar, e o despacheis, como for justiça, dando appellaçaõ, e aggravo nos casos em que couber, e pera quem pertencer; e posto que naõ possais conhecer por auçaõ nova. O que assi compri, como de vós confio. Antonio Godinho a fez em Lisboa a 9. de Setembro de 1528.

1528.

Assi como tomamos mal enganaremse neste ponto os Escritores nossos naturais: assi damos por bastantemente desculpados os forasteiros, que se foraõ traz o que acharaõ em nossas Historias, e huns, e outros daõ por primeiro Bispo embarcado pera a India o Padre Dom Fernando Vaqueiro da Serafica Ordem dos Menores; havendo já muitos, que era vindo de lá Dom Frey Duarte Nunes: e passando de tres, que estava enterrado.

CAPITULO XI.

Do Bispo de Malaca Dom Frey Jorge de Sancta Luzia.

No mesmo Anno, que os Padres deste Convento enterraraõ o Bispo de que acabamos de escrever, trouxe Deos a fazer profissaõ nelle, outro Religioso pera Bispo tambem da India: ordenando o Senhor, que assi como esta Ordem, e este Convento deraõ o primeiro Bispo, que despois do descobrimento da India, passou o Cabo de Boa Esperança sem determinada Diocesi, dessem tambem o primeiro à grande, e opulenta Cidade de Malaca. Este foy o Padre Frey Jorge de Sancta Luzia, que aqui professou por Julho do Anno de 1528. Estudou este Padre Philosophia, e Theologia, com fama de habil, mas mayor de bom Religioso: e esta conservou por todas as Casas, em que morava; agradando aos Prelados com humildade, e sujeiçaõ, e aos subditos seus iguais com mansidaõ, e prudencia. Como era conhecido por estas qualidades; succedendo hir por Bispo das Ilhas dos Açores Dom Frey Jorge de Sanctiago Religioso da mesma Ordem, pediolhe encarecidamente, quizesse ser seu companheiro, e aceitar a mayor, e milhor parte do Bispado, que desde logo lhe offerecia, só á conta do muito, que esperava adiantar no serviço de Deos, ajudado de suas letras, e exemplo. Naõ se fez de rogar, porque vio, que havia muito, que merecer com Deos na jornada, nada com o mundo. Embarcouse animosamente com o amigo, e achouse com elle em muitos trabalhos, e perigos, que em outra parte já contamos: ultimamente parecendo ao Bispo, que convinha dar conta a elRey, e aos Ministros da Sé Apostolica, residentes em Lisboa, de algumas cousas tocantes ao bem da Igreja, naõ achou pessoa a quem com mais confiança as encomendasse, que Frey Jorge. Era entrada do Anno de 1557. quando Frey Jorge de Sancta Luzia aportou em Lisboa. Naõ falta quem affirme que, dizendose a elRey Dom Joaõ que estava o Religioso na antecamara pera lhe fallar, chegado daquella hora das Ilhas, dissera aos circunstantes, já temos Bispo pera

P. 1. l. 3. c. 36.

1557.

1528.

pera Malaca. Era o caso, que dezejava elRey honrar aquella Cidade com a fazer Episcopal: e ou senaõ satisfazia dos sujeitos, que lhe propunhaõ; ou por ventura tinha escrito ao Bispo, que lhe mandasse este Padre (tanta noticia tinha o bom Rey dos vassallos, que o mereciaõ, e principalmente dos Religiosos): na hora, que o vio, lhe declarou a mercê, que em seu peito lhe tinha feito, de o escolher pera aquella Dignidade. Foraõse logo procurando as letras da Sé Apostolica; e quando chegou a Dominga de Ramos do Anno seguinte de 1558. foy sagrado em S. Domingos de Lisboa logo á quinta feira: fez o primeiro Pontifical na mesma Igreja; e porque as Naos estavaõ a ponto de partir, foy o fim do Pontifical, principio de sua embarcaçaõ. Chegou a Goa; e porque aquella Igreja estava sem Pastor, entrou no governo della, por ordem, que pera isso levava d'elRey: e nella assistio quasi quatorze mezes, até que chegou do Reyno o Arcebispo Dom Gaspar de Sancta Maria, que foy o primeiro que levou titulo de Primás da India. E entregue a Igreja alheya a quem tocava, naõ tardou em se embarcar pera a propria.

Muitas cousas se contaõ deste Varaõ, que lhe daõ glorioso testemunho, naõ só de sanctidade, mas tambem de espiritu Profetico. Puderase fazer huma fermosa Chronica dellas, pera honra da Ordem, que o criou, se nos Religiosos da Congregaçaõ da India daquelle tempo ouvera cuidado pera notarem, e apontarem as particularidades, e tempos de cada huma. Mas das poucas, que ficaraõ em lembrança, que todas diremos, se poderá conjecturar quais, e quantas seriaõ as mais. Jaz Malaca debaixo da linha Equinocial, que he o meyo, e mais afogueado sitio da torrida Zona, na parte do Oriente, que chamamos India alem do Ganges: chamaraõlhe os Antigos, pollo que ouviaõ della, Aureo chersonesso: nós pollo que sabemos de experiencia, lhe podemos dar nome de hum torraõ d'ouro, polla grossura do trato, riqueza dos moradores, e abundancia de tudo o que a cubria, e o gosto podem dezejar na vida. Tudo achou o Bispo, e ainda em mais copia do que imaginava. Porem achou juntamente huma matta de vicios, fruita, que segue as delicias: acarrea a demasia dos bens temporais, fomenta a prosperidade: com estes começou a entrar em guerra no pulpito, no confessionario, e nas visitas, trabalhando incansavelmente por lhes dar remedio: e mostroulhe o Senhor, que se agradava de seu serviço com hum caso admiravel. He a terra de Malaca por rezaõ da situaçaõ, que lhe temos dado, sujeita a continuas agoas do Ceo, e humidades da terra, com tanto excesso, que cria espesso, e fresquissimo arvoredo, cuja verdura naõ he menos, que de huma esmeralda fina, e muito deleitosa pera os olhos. Quem persuadira isto aos Antigos, que por abrasada do sol a faziaõ inhabitavel? Mas desconta os bens da frescura com criar nella infinitas féras. Entre outras ha hum genero, que chamaõ Reymoens, feyas, e temerosas na catadura, de corpulencia como Tigres, mas na con-

condiçaõ mais carniceiras: e eraõ tantos, que naõ só se entrava com perigo no matto, mas dentro na Cidade se vivia com medo, e cautella, porque se vinhaõ a ella no silencio da noite, e arrebatavaõ o moço, ou escravo, que encontravaõ pollas ruas. Que faria o bom Pastor, vendose cercado de monstros de Inferno contra as almas, e monstros da terra contra os corpos? Despois de ter negociado com Deos, por meyo de oraçaõ, e jejuns, junta hum dia o Clero, vestese em Pontifical, arvora cruzes, vayse ao matto vezinho com huma devota procissaõ. Alli em nome de Deos, e de seus Sanctos, amaldiçoou particularmente os Reymoens com as oraçoens, e exorcismos, que uza a Igreja: e foy o effeito, que desdaquella hora desappareceraõ daquelles contornos pera taõ longe, que ficou a terra, e matto seguro.

Porem obedecendo os animaes feros, e irracionais á virtude das palavras sagradas, mostravaõse os racionais mais indomitos. Havia no lugar algumas taõ perdidas, e entregues ao máo costume da vida devassa, que naõ bastavaõ amoestaçoens de hum Prelado a quem as salvagens se humilhavaõ, nem aproveitavaõ rogos, nem em fim castigos pera tornarem à estrada. Era o Bispo inteiro, e constante, procurava a toda força o remedio de todas: mas resistialhe o Inferno com pertinacia, e maldade sua: e particularmente se armou todo contra o sancto Prelado, persuadindo a huma descomposta femea, que naõ tinha outro meyo pera ficar senhora de sy, e de seu danado trato, senaõ tirando a vida a quem lho tirava. Propozlhe o meyo ordinario nas terras do Oriente, de veneno, meyo facil, e secreto (quantos males estorva o receyo da publicidade, e a tantos faz abalançar a confiança do segredo) compoem a miseravel hum prato de certo manjar muito aceito aos golosos da Cidade (chamaõlhe com o nome da terra Sericaya) disfarçado com tantas composturas, que ficou fermosa, e cubiçada a morte, que dentro levava: busca terceiros, faz que se presente ao Bispo em nome alheyo a hora de comer. Pareceo a quem tinha cuidado de sua meza, meza sempre religiosa, sem delicias, nem superfluidade, que lhe dava aquelle dia banquete. Mas o Sancto pondo os olhos no prato, que a todos enganava com a belleza da representaçaõ, naõ só naõ quiz tocar nelle, mas mandou, que o lançassem no mar, e ninguem comesse delle. Levantou o Védor, e levando já boa parte comida em gosto da vista, e da boa sorte, que se fingia em o haver de lograr só, fez que lho guardassem, sem obedecer a seu amo, de quem julgava, que por abstinente o largara, e por mortificado o condenara ao mar. Assi de sofrego se fechou com elle, como deixou o Bispo. Mas duroulhe pouco o gosto da golodice. Inda o naõ tinha acabado, quando sentio a peçonha, que era taõ fina, que naõ teve remedio com nenhum antidoto, e morreo logo.

Foy este caso havido por revelaçaõ Divina, assi no successo do criado, como na efficacia com que o Sancto o mandava lançar no mar. Mas logo se vio outro, que

que o confirmou com aventagem. Tem a Cidade de Malaca inimigos perpetuos, e como de casa, que a cercaõ na terra firme, e em grandes Ilhas, que naõ ficaõ longe. Sobre todos saõ mais perniciosos, e em odio nosso mais encarniçados os que chamaõ Achens: gente sem fé, sem honra, nem palavra, e taõ atreiçoados, que com serem muito bellicosos, saõ mais de temer no socego da paz, que na furia da guerra. Assi como quem vive em fronteira, está sempre a terra provida de soldadesca, armas, muniçoens, artilharia, baluartes, e fortaleza. Havia tempos, que naõ faziaõ movimento, viviase no lugar com algum descuido. Neste estado manda o Bispo hum dia avisar ao Capitaõ, que sobre a Cidade vinha huma grossa armada; e porque naõ duvidasse, e estivesse apercebido, lhe fazia a saber, que das suas janellas a estava vendo. Pareceo graça ver só o Bispo o que ninguem via: e pior que graça desvelarse o povo todo aquella noite à conta do aviso: e quando amanheceo o dia seguinte, naõ apparecer véla, nem sinal de inimigo no mar. He toda a gente de guerra geralmente livre de animos, e solta de lingoa. Cada soldado sabia dizer seu mote, e inventar huma sutileza, ou derivaçaõ, já contra os olhos, que sem vidraças viaõ taõ longe: já contra o coraçaõ, que de fraco, e fradesco affigurava à vista fantasmas de exercitos, e navios armados. Todavia o Capitaõ, que das virtudes, e verdades do Prelado tinha conhecimento, e por juizo militar naõ havia por danosa nenhuma cautella, mandou reforçar as guardas, dobrar, e espertar a vigia, e pôr a Cidade toda em som de guerra: era passado o dia, e entrada a noite, sem sombra de medo; senaõ quando sobre o quarto da Alva, comessa a luz da lua a descobrir o mar coalhado de embarcaçoens de remo de todo genero, que a boga arrancada, e como gente, que se persuadia naõ ser sentida, sem medo, nem ordem demandaõ a terra, a toda furia saltaõ na praya huns sobre outros, e a qual primeiro: fere nas nuvens o estrondo da grita, e vozes, e instrumentos barbaros. Entaõ louvaraõ os nossos a Deos, e reconheceraõ a sanctidade, e prophecia, que lhes valeo ficarem as prayas juncadas de corpos, e armas de inimigos mortos: e os que escaparaõ do ferro, recolheremse com perda, e vergonha: sendo assi, que se naõ precedera o aviso, fora facil, perderse a Cidade, segundo o segredo, e força com que foy acometida.

CAPITULO XII.

Prosegue a vida, e outros maravilhosos successos do Bispo Dom Frey Jorge: e como foy eleyto Bispo outro filho deste Convento.

Quasi dez annos achamos, que residio o Sancto Bispo Dom Frey Jorge em Malaca: no cabo dos quais fazendoselhe intoleravel o peso do governo, ou por infirmidades, ou por dezejar de tratar só de sua alma sem mistura das alheyas, veyo a renunciar a Dignidade, e povoar de novo huma cella entre os seus Frades na Cidade de Goa: que ninguem sabe co-

nhecer a verdade, fermosura, e riquezas do deserto da Religiaõ, senaõ despois de experimentadas as tormentas, e tormentos, em que vivem, ou em que morrem, os que folgaõ de mandar no mar do mundo. Mas será bem, que digamos brevemente o successo de sua embarcaçaõ, e viagem; que em tudo ha muito, que espantar, e muito que louvar a Deos. Estavaõ no porto de Malaca duas náos à carga pera Cochim. Huma nova, a que concorria todo o peso de passageiros, e mercadores, e riqueza de mercadorias: outra velha, e mal reparada, em que ninguem punha os olhos. Nesta mandou o Bispo fazer seu gasalhado, e embarcar sua pobre recamara. Acodiraõ a elle os amigos, que ficavaõ em terra, e os que haviaõ por boa ventura terem já suas fazendas na Náo nova: e pediaõlhe naõ fizesse tamanha temeridade, como era em viagem de quinhentas legoas (que tantas se contaõ até Cochim (cheya de contrastes, já por muitos baixos, e restingas perigosas, já por tempestades, e força de ventos, escolher huma embarcaçaõ podre, e estroncada. Nada movia o Sancto constante em sua determinaçaõ, ou no que seu espiritu lhe revelava: porem a gente honrada, e virtuosa da terra sentida de seu perigo, e naõ menos do em que ficava a terra, sem tal Prelado em tempo, que todos os Reys vezinhos ardiaõ em guerra contra ella, despois que viraõ, que naõ bastavaõ rogos, nem requerimentos, queixaraõse ao Capitaõ mór do mar, que entaõ era Mathias de Albuquerque, de huma cousa, e outra. Procurou quietallo, ou pollo menos, que se embarcasse na milhor Náo: vendo, que naõ acabava nada, determinou fazerlhe força com diversaõ, que he meyo de guerra mais poderoso de todos. Manda soldados à Náo velha, que lhe prendaõ os marinheiros, como que os havia mister pera serviço d'el-Rey: e deixandoa sem marinhagem, fez conta que por necessidade, senaõ fosse por vontade, ficaria o Bispo em terra, ou se passaria a outra embarcaçaõ. Porem elle, como estava já embarcado, e naõ cuidava em fazer mudança, nem menos litigar contra poder Real, e militar, que cada hum per sy se deixa mal vencer, quanto mais juntos, tomou huma resoluçaõ, que a todo juizo pareceo naõ só temeraria, mas desasizada. Manda chamar à Cidade os irmãos da Confraria do Rosario naturaes Malayos: faz com elles levantar as vergas à força de Cabrestante, e logo as anchoras, e despedidos pera terra com sua bençaõ, larga as vélas ao vento, em Náo velha, e mal julgada, e quasi sem marinheiros. Foy devaçaõ sua, e bem de notar, que fizessem esta obra as mãos, que andavaõ empregadas no serviço da Senhora do Rosario; e teve tal devaçaõ poder, pera em quanto a viagem durou, senaõ amaynar mais véla: cousa quasi milagrosa, respeito de muitos baixos, que a cada passo se achaõ, e ventos, que cursaõ contrarios: assi espantou a obra, e o successo a quantos delle, e della souberaõ: e muito mais, quando despois se vio faltar a Náo gabada de nova, e forte, e bem marinhada, que com todas estas addiçoens navegando no

meſmo tempo, e mar, ſe perdeo com quantos, e quanto levava.

De Cochim ſe paſſou o Biſpo a Goa: eſcolheo huma cella no noſſo Convento, alegre de ſe ver na pobreza, e quietaçaõ antiga: quietaçaõ, que ſempre dezejou, pobreza, que ſempre ſeguio: porque ſem embargo, que o rendimento do Biſpado, e a liberalidade dos amigos ricos, e honrados lhe valia muito: elle pera ſy em particular nada queria. Ao Convento de Aveiro, como Caſa, que reſpeitava, e reconhecia por mãy, acudia com groſſas eſmollas: e ao Meſtre Frey Franciſco Foreiro fez fundador de hum Moſteiro da Ordem, que foy o de Almada, como diremos quando Deos for ſervido chegarmos aos annos de ſua fundaçaõ. Por maneira, que tomando ſobre ſy todo o peſo da fabrica, e cuſto da renda, que lhe comprou, que importou mais de doze mil cruzados: deu ao amigo o nome, e a honra. Aſſi ſabem os Sanctos fugir à vamgloria do mundo, e merecer em ſecreto pera com Deos. Eſtando em Goa, como quiz eſtar, conventual, nunca ſe valeo do privilegio da dignidade, nem da authoridade das cans, pera deixar de ajudar os Religioſos nos officios de humildade. Dizem delle, que como ſe renunciar Biſpado fora ſahir das Eſcollas; e aſſi aceitou lerlhes Theologia.

Neſte tempo ſuccedeo o famoſo cerco da Cidade de Goa: em que o Hidalcaõ poderoſiſſimo inimigo conjurado com outros Reys da India faziaõ conta, que deſta vez a libertavaõ das mãos dos Portuguezes. Tal foy a força com que nos apertaraõ, acometendo o Eſtado todos juntamente a hum tempo por differentes partes, e todos com o extremo de ſeu poder, que ſe temeo muito mal. Aqui tambem reſplandeceraõ as oraçoens, e os merecimentos do noſſo Biſpo: e juntamente aquelle gracioſo dom do Ceo, de antever os ſucceſſos das couſas. Pedia ao Senhor com vozes da alma continuas victoria pera os ſeus, confuſaõ, e conhecimento do poder Divino pera os Infieis. Publicouſe entre tanto, que o exercito contrario tinha nomeado dia pera com todas ſuas forças juntas acometer hum paſſo dos que com pouca agoa dividem a Ilha da terra firme: do qual ſe acertava fazerſe ſenhor, ficava a Cidade em manifeſto perigo polla grandeza, e diſcommodidade do ſitio mal defenſavel; tanto polla capacidade delle, como pollo pouco numero de defenſores, que havia. Soube o Sancto juntamente, que o Viſo-Rey, e Capitaõ geral, que era Dom Luis de Attayde, que até entaõ tinha governado a guerra com grande animo, e prudencia, eſtava com a nova poſto em grande cuidado: porque via, que o neceſſitava o eſtado das couſas a entregar tudo à ſorte de huma batalha, a qual ſe perdia (como os ſucceſſos da guerra ſaõ cheyos de riſco, e variedade) perdia juntamente toda a India. Nas ondas deſtas perplexidades vacillava, ſem acabar de reſolver o que faria, quando lhe entra pollas portas o Sancto Biſpo ſem ſer chamado: e lhe diz com palavras claras, e deſembuçadas, que poſto de parte todo receyo, que

como

como a bom Capitaõ lhe representaõ as consideraçoens militares, vá, peleije, e vença; que sem duvida vencerá. Affirmase, que se encheo de alegria o valeroso peito: que como he de prudentes temer, assi he de valerosos vencer o medo com bom espiritu, e acometer os perigos com confiança no braço daquelle Senhor, que se chama Deos dos exercitos, e he só o que dá, e tira as victorias. Mostrou o dia seguinte a verdade da profecia: porque foy huma das mais bem feridas, e porfiadas batalhas campais, que se deraõ na India, e peleijada de poder a poder com tanto esforço, e valentia de ambas as partes, e por tanto tempo, que esteve em grande duvida o successo, inclinando a fortuna já a huma parte, já a outra, tudo pera mayor gloria do nome Portuguez, e do Viso-Rey, que em fim ficou ganhando a mais insigne victoria, que em muitos annos se alcançou de infieis. Viveo o Bispo alguns annos despois: e chegandolhe o fim dos trabalhos da vida com huma morte sancta, repartio como Sancto, o que ainda possuhia. Lembrado do seu Convento, aventajouo, como a boa mãy nos legados, deixandolhe tres mil cruzados pera hum ornamento, que chegaraõ a salvamento, e se empregaraõ como mandou, e he peça muito rica. Em seu enterro naõ tratou mais, que de imitar nosso Sancto Patriarcha: encomendouse ao lugar commum dos mais Religiosos, e nelle ficou.

Sem fazermos Capitulos distinctos, siga logo a hum Bispo antigo outro moderno, e filho do mesmo Convento, que bem merece a companhia por letras, e pulpito, em que foy insigne: e naõ duvidamos, que a merecera por todas as mais qualidades, se o naõ atalhara a morte. Chamavase Frey Sebastiaõ da Ascensaõ. Era Mestre em Theologia, e Lente de Prima della em Lisboa, Regente dos estudos, aceito a todos os Grandes, e de pequenos, e grandes bem ouvido. Sua eleyçaõ nos renovou huma magoa, e queixa geral da Ordem; que he criar os filhos com muito trabalho, e cuidado; e quando os havia de lograr, roubarlhos o mundo. E neste sogeito foy a dor dobrada; porque foy mandado pera hum desterro alongado da Patria, naõ só em distancia de clima, mas em qualidades de sitio: sitio enfermo, e afogueado do sol, de ares grossos, e pestiferos, onde os estrangeiros vivem mais por milagre, que naturalmente: e todavia das terras, em que a força do sol abrasa, e torna em carvaõ os naturaes, fazendo a todos negros: esta he a menos prejudicial pera a saude dos estranhos, e mais vezinha do Reyno. Foy já conhecida dos Antigos, e apontada pollos Geografos com nome de Promontorio Prasso: nós lho damos de Cabo-Verde. A Igreja, e habitaçaõ he na Ilha de Sanctiago vezinha ao Cabo, o titulo foy de honra, a merce cheya de perigo. Assi o chegar à Prelacia foy hum nascer, e morrer, quasi tudo junto. Todavia sabemos, que no pouco tempo, que viveo, tinha dado mostras de singular Prelado. O que se deixou bem crer de todos os que de seu entendimento, e trato tinhaõ noticia: partes de grande

de estima, todas mal logradas. Lembrame que o dia, em que o vimos consagrar no Anno de 1611. disse hum secular pera outros: Rezemos hum Pater Noster polla alma deste Padre: e acrescentou, porque o mesmo he hir ser Bispo em Guiné, que hir a enterrar.

1611.

CAPITULO XIII.

De outros Religiosos de bom espiritu filhos deste Convento, Sacerdotes, e Conversos.

NAõ será rezaõ, despois que apontamos todos os filhos deste Convento, que por letras, ou cargos, ou dignidades, ou heroicas virtudes gozaraõ esclarecido nome, deixarmos esquecidos huns filhinhos humildes, que vivendo no povo da Religiaõ, sem subir a cousas grandes, todavia mereceraõ ficar apontados nas memorias do Convento entre os que muito valeraõ: porque os fez dignos huma virtude solida, continuada por muitos annos; que naõ tendo singularidades, era singularmente estimada. E pera que de melhor vontade se lea o que delles dissermos, saiba o Leytor, que em criar semelhante gente teve este Convento tal dom, e graça do Ceo, que como se tomar aqui o habito fora o mesmo, que criarse pera Sancto, quem o tomava, assi pollo que deste ponto entenderaõ dous Gerais, que visitaraõ pessoalmente esta Provincia, honraraõ o Convento com hum singular privilegio a nenhum outro de toda a Provincia communicado. E foy deixarem commissaõ, e faculdade aos Priores, que pudessem dar o habito, e fazer professaõ a qualquer sujeito, que por merecedor tivesse, sem mais authoridade, que sua vontade, e conformidade dos votos do Capitulo, como passassem da metade. Durou o privilegio até o Capitulo de Roma de 1612. em que foy revogado, naõ por demeritos, ou máo uzo dos Prelados, senaõ por tirar invejas, e differenças entre os mais Priores, que sentiaõ ser Aveiro o Josef da toga polimita: e tambem por acrescentar authoridade aos Provinciaes, a quem principalmente toca a primeira aceitaçaõ dos Noviços. Entre os que dissemos se contaõ dous Fernandos, hum de Sancta Maria, outro Appaaricio. Do Frey Fernando de Sancta Maria dizem, que pera o officio de Suprior, que muitos annos servio, tinha hum natural muy proprio, ajuntava tanta benignidade, e prudencia, que trazia os Frades naõ só obrigados, mas cativos. Entre outras virtudes, era devotissimo da Senhora do seu nome, e nunca fallava nella, que naõ fosse estranhando muito haver Frade de S. Domingos, que deixasse de lhe jejuar os sabbados. O Frey Fernando Apparicio sobre o trabalho de Suprior, em que muitas vezes era occupado, tinha outro quasi perpetuo de Confessor das Freiras: trabalho, que os Prelados mayores lhe davaõ por ser por huma purissima alma conhecido. O mesmo, e pollas mesmas palavras se refere do Padre Frey Alvaro de Monte mór.

1612.

Naõ foy menos estimado, nem de menos serviço, e virtudes, o Padre Frey Bras de Besteiros, que as memorias nos daõ a conhecer por filho de hum Alva-

Alvaro Fernandes de Formentellos: este Padre sendo Prior deste Convento, recebeo ao habito ao Padre Frey Jorge de S. Domingos, que conhecemos, porque lhe estendeo Deos a vida até quasi cem annos, que por sua virtude, e bom exemplo de toda a vida mereceo fazermos de suas partes honrada memoria. Em Lisboa foy muitos annos Sancristaõ acquiridor de esmolas pera ornamento do Culto Divino, nada pera sy, nem pera os seus: livre deste cargo pollo peso dos annos, naõ se atreveo a viver sem trabalhar. Sendo instituida de novo em Recolleta por mandado do Reverendissimo a casa de S. Paulo de Almada, e Prior della o bom Padre Frey Cosmo da Costa, se foy acompanhallo, e servio nella todo o tempo que durou, igualando os mancebos no rigor, e gosto de trabalhar. Era Frey Joseph por Frade antigo muito conhecido de todos os fidalgos, e senhores da Cidade; e dos mesmos por sua virtude, e bondade grandemente amado. Daqui nascia, que todas as vezes, que dava huma volta polla terra, levava pera casa provimento largo de tudo o que queria. Acabada a Recolleta de Almada, e passados muitos annos, prantandose de novo no Convento de Bemfica, teve animo, tentou, e pedio ser hum dos sogeitos della: mas andava já sobre hum bordaõ, e taõ vezinho dos noventa annos, que naõ pareceo justo deixallo trabalhar de novo Mandaraõ os Prelados, que se ficasse no Convento de Lisboa; e pera ter em que merecer, entregaraõlhe a capellania de Nossa Senhora da Escada, prebenda de merecimentos, e premio dos velhos virtuosos. Aqui residio alguns annos vencendo com a força do animo a fraqueza da muita idade: até que desfalleceo de todo aquelle vigor robusto; e durando todavia o pavio da vida, viemos a ver nelle aquelle circulo natural da vida humana, que aos que vivem demasiado, torna aos termos da idade pueril, e infantil. Assi lhe aconteceo tornaremno á casa de Noviços, alimentaremno, e curarem delle, como minino. Nestes ultimos annos, porque naõ nos faça inveja o numero estendido delles, foy muy apertado de escrupulos, que lhe deraõ trabalho, e merecimento: e em fim, como candea, que acaba por falta de nutrimento, acabou velhissimo entre mininos.

Agora digamos de alguns Irmãos Leygos, que aqui tiveraõ sua criaçaõ, e trabalharaõ por imitar os Sacerdotes com tanto cuidado, que deu este Convento muitos muy dignos de louvor. Contase entre todos por espelho, e como Capitaõ o sancto Irmaõ Frey Pedro de Evora, que sendo filho de habito, e profissaõ desta Casa, subio a taõ alto gráo de virtude, que pollo muito, que delle se honra a de Evora, e até a mesma Cidade, naõ nos atrevemos a deixallo de contar por seu, como na verdade o he pollo direito da sepultura, e longos annos de bom serviço: naõ da criaçaõ primeira. Deixounos Frey Pedro outro Leygo de seu nome filho de huma sua irmam, que aqui veyo tomar o habito, e aqui viveo, e morreo, homem de grande serviço; mas naõ nos deixa-

deixaraõ os Antigos especificado nada delle : salvo se ouveraõ, que diziaõ muito com as novas de seu enterro : porque contaõ, que está enterrado na Crasta em huma sepultura de pedra : cousa naõ conhecida a muita gente de mais authoridade no estado.

Ajuntaremos outros dous Leygos : e naõ diremos de mais, porque seria estendermos a Historia mais do necessario, se ouveramos de tratar de todos os que mereceraõ nome, e memoria nesta Casa. Seja o primeiro Frey Martinho de Sancta Maria, que estando com a doença triste, e carregado, porque lhe estorvava o merecimento de servir a Communidade, e do costume antigo, e continuo de gastar muitas horas na Igreja em Oraçaõ : no momento, que o medico lhe disse, que estava às portas da morte, e convinha aparelharse pera entrar por ellas : foy taõ extraordinaria a alegria de seu espiritu, que tresbordou no rosto, revestindolho de hum geito, e graça, que o fazia, naõ só bem assombrado, mas fermoso : assi esperou, e recebeo a morte, e affirmase, que assi ficou despois della.

Frey Fernando de Esgueira havia nome o outro Leygo, enfermeiro de longos annos, charidoso, e compassivo (partes principais pera o officio) e outras, que muito faz ao caso pera entre gente desemparada do mundo, como saõ os Frades, que era hum cuidado particular, e extraordinario de limpeza.

Contase deste Convento caso semelhante ao que deixamos atraz escrito de Bemfica. Sentiase a tempos no Dormitorio hum rumor com pancadas notaveis de maõ invisivel, que sendo ouvidas, polla experiencia que tinhaõ de muitos annos, eraõ final certo, naõ só pronostico de morte de algum Conventual. Era hum Memento homo, que buscando a hum só, citava a todos, espertava a todos : e como nenhum se tinha por seguro, todos se temiaõ, todos se aparelhavaõ, e era grande beneficio do Ceo tal aviso. Cessou com a mudança do Dormitorio, que he o mesmo, que deixamos contado do de Bemfica : com tudo naõ ha muitos annos, que nesta Casa se vio hum successo, taõ mysterioso em favor de hum enfermo, que mostra bem naõ estar esquecida diante do Senhor, inda que por seus occultos juizos nos haja faltado com o outro beneficio. Estava doente, e fraco hum Religioso : era o mal acudiremlhe a espaços huns desmayos, que sendo soccorridos, com remedios, que os medicos tinhaõ receitado, tornava facilmente; mas com tudo hyase consumindo a passos contados, sem o entenderem os enfermeiros. Entraraõ hum dia a visitallo dous Religiosos juntos : assentaraõse; senaõ quando fica todo esmorecido, trespassado, e sem cor. Acudiraõlhe com borrifos, e agoa, havendo, que seria algum dos desmayos ordinarios : mas o enfermo naõ tornava, e os saõs com a novidade do mal, que naõ entendiaõ, estavaõ perplexos sem saberem o que se havia de fazer, nem se resolverem em nada. Neste estado, eis que acode o Ceo a suprir a falta dos homens por hum meyo nunca já mais ouvido. Soltase do

forro do Dormitorio, junto da porta do enfermo huma meya taboa, e sem despegar de todo comessa a moverse, e aballarse, e abanar com tanta força, e ruido, quà abrio os olhos, e entendimento aos que o viraõ pera julgarem, que o doente tinha mayor mal do ordinario: e que o abalo mysterioso daquella taboa, era hum sinal de entrar em paroxismos de morte, e de ser tempo de se tocarem por elle as taboas do Convento. Cahiraõ em fim na conta com grande consolaçaõ de espiritu, e louvando a Deos polla lembrança, que mostrava de seu Servo, deraõ sinal na Communidade, que se juntou logo a ajudar a alma, que partia com as oraçoens, e suffragios costumados, soccorro celestial da Igreja.

Ha neste Convento huma fermosa reliquia do sancto Lenho da Cruz de Christo. Pera argumento de muito approvado, sabese, que foy dadiva do Convento da Batalha: mas hum desastre, que succedeo na sacristia velha, que foy queimarse a casa com toda a prata, e ornamentos, deu mayor prova; porque ardendo tudo, só a santa Reliquia ficou intacta, e sem lezaõ, e pera sinal do respeito, e de que o fogo a cercara de perto, ficou o Christal, em que está recolhida, arrebentando, e assi se conserva por memoria: o reliquiario de prata dourado, em que hoje se vê dessentemente guardada, achamos que foy curiosidade, e obra do Padre Frey Gonçalo de Oliveira, quando no Anno de 1541. foy segunda vez confirmado em Prior. Este mesmo Padre, e por este mesmo tempo alcançou do Senhor Dom Jorge, Mestre de Sanctiago hum Padraõ de dous moyos de trigo, e sincoenta galinhas, que muito ajudavaõ a pobreza do Convento: e de prezente lhe fazem muita falta; porque de poucos annos a esta parte tem os Duques mandado suspender esta esmolla: e a casa he taõ pobre, que com o que lhe val a sacristia, e humas marinhas, e quintas que tem, sustenta mal, e com trabalho trinta Religiosos, que de ordinario nella residem. E pois tratamos de renda, justo he que por obra de agradecimento digamos, que entre os bens, que possuem, saõ a quinta de Casellas, e huma marinha, que lhe deixou Joaõ de Albuquerque, cuja he a Capella, que primeiro se chamou da Annunciaçaõ, e agora de Jesu: e nella jaz em hum grande tumulo de marmore. Este tumulo teve em seus principios por sitio o meyo da Capella: veyo hum Prelado, que à custa do tumulo, que era grande, quiz fazer largueza de serviço na Capella, que era estreita, tirouo de seu lugar, e arrimouo a huma parede com tanto descuido, que a face, em que estava hum letreiro, que nos pudera agora servir de Chronica de hum Fidalgo muyto illustre, e muito cavaleiro, ficou abraçada com a parede. Eu se aceitey escrever, foy pera fallar verdade, e naõ pallear defeitos onde os ouver. Assi ficará este culpado em publico, ou pera se remediar por algum Prelado zeloso, ou pera ser occasiaõ de se naõ cometer outro semelhante.

1541.

A Capella mór se deu no Anno de 1551. pera enterro de Dona

1551.

Dona Catherina de Atayde filha de Alvaro de Sousa, e logo juntamente fez o Prior Fr. Diogo de Victoria contracto com este Alvaro de Souza, presente o Padre Frey Aleixo de Solier Vigairo geral da Provincia, pollo qual lhe deu a mesma Capella pera jazigo seu, e de seus descendentes com Missa quotidiana, e sem acrescentar mais esmolla aos vinte mil reis de juro, que a filha Dona Catherina tinha em seu testamento deixado, pera huma cousa, e outra. Respeito foy da qualidade da gente, mais que de bom negocear.

CAPITULO XIV.

Do Padre Mestre Frey Jeronymo de Padilha, e do Padre Presentado Frey Christovaõ de Valbuena.

Restanos pera concluir com esta Casa dizer alguma cousa de dous Religiosos estranhos, que nella achamos sepultados: pessoas de tanta qualidade, e merecimentos, que se naõ deve honrar menos de suas cinzas o Convento de Aveiro, que dos bons filhos, que gerou. Que se o outro Romano valeroso ouve por bastante vingança de huma ingratidaõ de sua patria, negarlhe a companhia de seus ossos morrendo: bem podemos contar entre as boas venturas deste Convento, agasalhar algum tempo em vida, e possuir pera sempre na morte, dous taõ insignes sujeitos, como foraõ o Mestre Frey Jeronymo de Padilha, e o Presentado Frey Christovaõ de Valbuena, ambos filhos da Provincia de Castella, que commummente chamamos de Espanha, pera distinçaõ da de Andaluzia: ambos chamados a esta pera Reformadores della. E naõ carece de mysterio, que assi como em tempos antigos deu Aveiro Reformadores a Castella, que lá foraõ tam bem vistos, e taõ estimados, como atraz deixamos contado: achassem tambem os que de Castella nos vinhaõ trazer reformaçaõ a mesma correspondencia de amor, e igual paga, e tratamento em Aveiro. E sendo esta bastante rezaõ pera fazermos delles memoria neste lugar; outra nos faz mais força, que he constarnos, que foraõ encorporados ambos nesta Provincia por hum Capitulo geral (como ao diante veremos) sem particular perfilhaçaõ de Convento, segundo a tiveraõ os Padres Frey Luis de Granada no de Evora, e Frey Francisco de Bovadilha no de Bemfica. Seja primeiro na Historia, quem foy primeiro nas honras da terra: e primeiro em receber os premios do Ceo. Digo o Padre Frey Jeronymo de Padilha.

Dezejava elRey Dom Joaõ com aquelle seu zelo, nunca bastantemente louvado, do serviço de Deos, que tornassem as Religoens ao antigo, e mais subido ponto, em que foraõ fundadas: porque tinha consigo assentado, que tanto crescem os Reynos em prosperidades temporais, quanto adiantaõ em virtude, e bens espirituais: e como estes dependem principalmente do bom concerto das casas de Religaõ, e da boa vida dos moradores dellas: por isso hia entendendo com todas. E pera tratar da nossa, alcançou

çou huma commissaõ do Reverendissimo Geral Frey Joaõ de Fenario, pera poder trazer pera esta Provincia os Religiosos, que lhe parecesse das Provincias de Espanha, ou Andaluzia, providos de todos os Poderes necessarios pera effeito da reformaçaõ. Nesta conformidade, e com este titulo appareceo em Lisboa, e entrou pollo Convento de S. Domingos principio do Anno de 1538. aos 25. de Janeiro o Mestre Frey Jeronymo de Padilha, filho do Convento reformado de S Ginez de Talaveira, acompanhado de Frey Mattheus de Ogeda, de quem temos escrito na Primeira Parte desta Chronica no Convento de Lisboa onde falleceo. As partes de virtudes, e religiaõ do Mestre Frey Jeronymo ficaõ bastantemente delaradas, com sabermos, que foy escolhido por elRey, e entre milhares de Religiosos. Os poderes foraõ todos os do Geral com authoridade, e titulo de Vigairo seu sobre os Conventos deste Reyno, e Visitador, e Reformador delles. Naõ ouve duvida em ser admittido, e obedecido: porque alem de lhe assistir a authoridade Real, enxergouselhe logo tanta prudencia, e bom termo pera com todos; e tanto rigor, e austeridade pera consigo, que nem os mais mal contentes das pessoas, e governo de Estrangeiros achavaõ, que tachar nelles. Mas porque instava Capitulo de eleyçaõ de Provincial, pera Setembro do mesmo Anno, em que acabava seu quadriennio o Padre Fr. Amador Henriques; determinou o Visitador sobrestar na execuçaõ principal de seu cargo, até a conjunçaõ do Capitulo: tomando este tempo pera hir espiando, e considerando as naturezas dos sujeitos, que havia de governar, as faltas, e defeitos, que havia de emendar. Chegado o Capitulo, foy eleyto Frey Mendo de Estremoz em Provincial, e o Visitador em Prior de Lisboa: porem como elRey estava resoluto, que pera bem da reformaçaõ convinha, naõ haver na Provincia mais, que huma só Cabeça, de maneira negoceou, que foy assolto Fr. Mendo no Capitulo geral de 1539. e celebrandose Capitulo Provincial de eleyçaõ em Lisboa no Anno seguinte de 1540. sahio eleyto o Padre Frey Jeronymo de Padilha em Provincial, e ficou juntando mais este cargo aos que tinha despois de exercitado dezaseis mezes o de Prior de Lisboa.

1538.

1540.

Começou o novo Provincial sua visita com grande admiraçaõ dos subditos, e do Reyno todo; porque correo a Provincia ao modo dos primeiros Padres antigos, caminhando a pé, e sem alforje, capa às costas, bordaõ na maõ, breviario debaixo do braço, e sabemos, que era nascido de pays muito illustres; que tal he o appellido dos Padilhas em Castella, e em Casas grandes, de que he huma a dos Adiantados de Castella, Condes de Sancta Gadéa. Fez este Padre verdadeiro o que disse hum avisado a quem se queixava das poucas forças dos homens do tempo presente. Naõ culpe ninguem, dizia, a natureza de estar hoje enfraquecida, e debil. Haja espiritu, logo sobejaráõ forças. A este modo procedeo Frey Jeronymo nas mais particula-

cularidades do officio; mãos limpiſſimas, naõ querendo dos ſubditos mais, que adiantamento na virtude: pureza dalma, negoceando com Deos, como outro Moyſes, primeiro que com os homens por meyo da Oraçaõ, e ſacrificios da Miſſa, que nunca perdia: exemplo perpetuo, e conſtante em fugir de mimos, e differenças na meſa, na cama, e em todo trato. Em fim naõ era Prelado mais, que pera entender em ſerviço de todos: e pera trabalhar, e canſar mais, que todos. No proceſſo da reformaçaõ ordenou muitas couſas ſábia, e acertadamente: e porque lhe naõ ficaſſe nada por fazer pera perfeiçaõ della, procurou, e alcançou do Summo Pontifice alguns Breves importantes, em que geralmente foy louvado ſeu juizo. Havia neſte Reyno muitos Frades, que com privilegios da Sé Apoſtolica viviaõ fóra da Ordem veſtidos no habito della: Frades na roupa; leygos na vida, e liberdade. Foy o primeiro Breve revocatorio de tays graças: acreditou a Religiaõ fazendo recolher a todos, ou deſpir o habito: apoz eſte impetrou outro de naõ menos importancia, em que o Papa com apertadas clauſulas revogou, e annullou todas as Bullas, e Confeſſionarios com que muitas peſſoas de Eſtado, mais por genero de recreaçaõ, e grandeza, que por outro bom fim, entravaõ nos Moſteiros de Freiras: e pera que de todo ficaſſem atalhadas as tays entradas, fez que comprendeſſem as letras Apoſtolicas no eſtado Eccleſiaſtico Biſpos, e Arcebiſpos, e no ſecular Condes, Marquezes, Duques, e ſuas mulheres.

No meyo deſtes cuidados entrou o Provincial em outros mayores: porque teve aviſo de ſer fallecido o Padre Geral Frey Agoſtinho Recuperato, e era obrigaçaõ acharſe em Roma onde ſe havia de celebrar Capitulo de eleyçaõ. Sahio de Portugal na entrada do Anno de 1542. foraõ com elle Frey Mattheus de Ogeda ſeu companheiro, e o Meſtre Frey Jorge de Sanctiago eleyto Difinidor polla Provincia, que deſpois foy Biſpo de Angra, e Ilhas dos Açores. Foy a jornada em hida, e eſtada muito proſpera: porque no caminho naõ ouve deſgraça, nem moleſtia: e em Roma, como hia muito favorecido d'elRey, e com ſua peſſoa, e partes acreditava os favores, negoceou quanto levava traçado, e lhe pareceo conveniente pera o intento da reformaçaõ. Mas naõ foy igual o ſucceſſo à volta: quiz fazer o caminho por França, naõ ſe temendo dos males da guerra, que ardia entre Carlos Quinto Emperador, e elRey Franciſco, como era guerra entre Principes Catholicos: porem naõ tinhaõ bem poſto os pés da Raya pera dentro os tres companheiros, quando ſe viraõ falteados de gente de armas, e aſperamente tratados, naõ menos, que com titulo, e nome de Eſpias: e com elle foraõ logo levados onde elRey Franciſco eſtava. Ameaçavaos grande trabalho, e quando menos hum riguroſo exame: porque os dous eraõ manifeſtamente Caſtelhanos; e o habito, e ſingeleza de religiaõ, em que fiavaõ, fazia contra todos por ſer ſuccedido, poucos dias havia, colherem os Franceſes huma Eſpia do

do Emperador disfraçada em habito, e tonsura Monastica, inda que de Ordem differente. Valeolhes neste medo, e livrouos de toda a affronta a presença, e authoridade de Dom Francisco de Noronha filho segundo de Dom Antonio primeiro Conde de Linhares, que assistia em França por Embaixador de Portugal. Procedia este Fidalgo naquella Corte com hum termo taõ extraordinario de virtude, liberalidade, e prudencia, que em muitos tempos naõ ouve Embaixador nella tam bem visto, nem taõ estimado: e tudo foy necessario pera remediar os nossos Frades: porque os Franceses estavaõ escandalizados do disfraz, que dissemos da Espia, em tanto grao, que nenhum Frade era innocente diante de sua paixaõ. E affirmava o Embaixador, quando despois contava este successo em Lisboa, que com elRey lhos ter mandado entregar sobre sua fé, senaõ podia ver livre de gente atrevida do povo, que a deshoras lhe vigiavaõ, e cercavaõ a casa: porque o nome de Espias, e a conjunçaõ da guerra atiçava o rancor, e contradiçaõ natural daquella Naçaõ com Espanha. E em fim foy forçado, pera lhes poder dar liberdade despois de alguns mezes de requerimento, pagar huma escolta de soldados, gente confidente, que os poz em terra de Espanha. Feito, que com ter muito de valor, e confiança, e que só o animo de Dom Francisco se pudera atrever a tomalo sobre sy; lhe custou de despeza mais de sinco mil cruzados, com que se pagaraõ as guardas, e se venceraõ muitas difficuldades, que a cada passo encontravaõ nos caminhos. Da fortaleza de animo, com que o Provincial se portou nesta adversidade, de sua modestia, e grande humildade no discurso della, contava Dom Francisco muito, e dizia, que até aos mesmos Franceses causava admiraçaõ: porque de ordinario tinha por convidados os mais principais Senhores da Corte: e entre elles por honra da Religiaõ, que já entaõ comessava a descahir muito em França, assentava sempre o Provincial na cabeceira da meza.

CAPITULO XV.

Prosegue a vida do Padre Mestre Frey Jeronymo de Padilha.

NAõ me atrevo passar daqui sem dizer alguma cousa mais deste Fidalgo: se quer por obra de gratidaõ: que pois isto he Historia de S. Domingos, e o beneficio, que foy em favor de sua Ordem, se alguma cousa valerem estes escritos, já fica immortal nelles, justo, e devido he, que perpetuemos tambem com o beneficio a memoria de quem o fez. Tornou Dom Francisco pera a patria, acabado o tempo de sua embaixada: succedeo no estado, e titulo de seu Pay. Como tinha visto muito do mundo, e notado o pouco, que montaõ suas grandezas pera o fim principal do Christaõ, que he a salvaçaõ: determinouse a huma vida quieta, e retirada: digo retirada; porque com assistir sempre em Lisboa, e servir, como servio, muitos annos á Raynha Dona Catherina de seu Mordomo mór: soube fazer deserto da Corte, e viver

viver no corpo, como izento delle, entregandose todo a Deos, com hum animo taõ resoluto, que naõ fez mudança até a ultima hora, que teve de vida. Rendeulhe esta constancia deixarnos na morte grandes sinais de sua bemaventurança. Foy o primeiro visto logo, e em parte onde naõ teve lugar carne, nem sangue, nem genero algum de adulaçaõ. Governara a casa da Misericordia de Lisboa, buscado pera Provedor della duas vezes sem ser irmaõ. Deuse a Irmandade por obrigada a lhe fazer exequias com particular, e solemne pompa. Sendo acabadas, como naquella Casa corre tudo com grande conta, averiguaraõ os Ministros, que quando se pezou a cera pera se pagar a gastada, naõ ouve em muita copia de tochas, e brandoens, que grande espaço arderaõ, nem huma só onça de falta. Assi o fizeraõ logo saber à Meza; e a Meza à Condeça sua mulher. Caso he de grande maravilha; e em que a piedade christam, costuma com rezaõ fundar prova efficaz de bom estado das Almas. Mas outro nos mostraraõ neste defuncto os annos adiante, em muitas partes mais espantoso, e por ventura de mayor significaçaõ do mesmo, que attribuimos à cera ardida, e naõ mingoada. Falleceo o Conde no Anno de 1573. sepultouse em deposito entre os Padres Eremitas de Sancto Agostinho. Passados quatro annos, quizeraõ os seus passallo pera jazigo proprio, á Capella mór de S. Bento de Emxabregas, Mosteiro de Religiosos de S. Joaõ Evangelista, mais conhecidos no povo polla Casa mayor, que na Cidade possuem de Sancto Eloy, que pollo nome do Evangelista. Ao desenterrar achouse o corpo inteiro sem sinal de corrupçaõ, nem na vista, nem no cheiro; sendo assi, que na sepultura, como se fazia conta, que havia de ser brevemente tresladado, fora cuberto de cal viva segundo costume pera effeito de se comer mais depressa. Pasmaraõ os Ministros da obra, e com tudo foraõ taõ mal considerados, que em lugar de sobrestarem nella, e fazerem publicar, e celebrar a estranheza do caso, pera edificaçaõ dos fieis, e consolaçaõ dos que sabiaõ sua vida passada, dobraraõ, e apertaraõ os membros todos à força, e fizeraõ, que fosse capaz de hum corpo inteiro, e que quasi nenhuma differença fazia de vivo, mais que na falta da alma, hum pequeno caixaõ, que fora lavrado com fim de servir passa ossada desarmada, e seca. Mas persuadome, que permittio Deos esta indeffencia pera tirar della mais honra pera o defuncto; como se vio longos annos despois. Quarenta, e seis havia, que era fallecido, e quarenta, que fora mudado do primeiro enterro, quando no de 1619. tendo Dona Joanna de Noronha sua filha, fabricada de novo, e acabada a mesma Capella: e ordenando de o passar a hum tumulo, que lhe tinha prestes, se achou, que estava no mesmo estado, e taõ inteiro, como no primeiro dia, que alli fora trazido. Acudiraõ os Religiosos todos com o Padre Geral, que se achava em casa, e atonitos do que seus olhos viaõ, deraõ graças de devaçaõ, e alegria ao Senhor, que he maravilhoso em suas obras, e em seus San-

1573.

1619.

Sanctos; entaõ ſe notou, e eſtranhou a ignorancia dos que aſſiſtiraõ na primeira treslada-çaõ: e logo com gente pya, e politica, quizeraõ tentar ſe tornaria eſtenderſe, inda que parecia naõ ſer poſſivel, viſta a longa poſſe de eſtar encurvado. Aqui foy o paſmar de novo, e o levantar mãos, e olhos ao Ceo com louvores da Omnipotencia Divina: porque acharaõ taõ brandos, e meneaveis aquelles membros, ſenhoreados quarenta, e ſeis annos do feyo da morte, e de ſeus effeitos, que ſe deixaraõ eſtender, e indereitar com a meſma facilidade, que ſe vivos eſtiveraõ. E o que foy mais ſem ficar quebra, nem ſinal da força, e poſtura torcida. De tudo ſe mandou fazer aſſento, que vimos aſſinado pollo Geral, e por muitos Religioſos. Deuſe aviſo a Dona Joanna: ordenou-lhe outro tumulo, e outro ſitio pera elle. Foy o tumulo huma caixa de marmore capaz de toda a eſtatura do corpo: foy o ſitio o vaõ do Altar mór; como premio já de ſanctidade.

Mas tornando ao ponto donde nos divertimos, entrado o Provincial no Reyno, pollos meyos que temos dito, tornou a ſuas primeiras occupaçoens, empregandoſe todo no adiantamento da Religiaõ: e foy Deos ſervido honrar eſte ſeu cuidado, naõ ſó com o eſſencial que mais procurava: mas com acreſcentar a Provincia em numero de Caſas. Quatro achamos, que aceitou em ſeu tempo: duas de Frades, que foraõ Amarante, e a Vigairaria das Alcacevas: e duas de Freiras em Elvas, e Abrantes. Todavia o trabalho continuado, que Frey Jeronymo tomava ſem deſcançar, nem admittir alivio, foylhe fazendo força a natureza, e veyo açoçobrar com o peſo. Viſitando a Provincia chegou a Aveiro na força das calmas de Julho: aqui foy ſalteado de huma febre ardente, que lhe veyo a tirar a vida aos 8. de Agoſto, Anno de 1544. conheceo, que morria, e eſteve tanto Senhor de ſy, até o ultimo ſuſpiro, que pouco antes de acabar, notou huma Carta pera elRey Dom Joaõ, em que lhe dava conta de ſua morte, e do eſtado em que deixava a Provincia, e do que convinha fazerſe pera o fim, que elRey pretendia.

1544.

O Preſentado Frey Chriſtovaõ de Valbuena filho do Convento de Sancto Eſtevaõ de Salamanca, foy immediato ſucceſſor do Meſtre Frey Jeronymo de Padilha em todos ſeus cargos: porque quando o Meſtre largou o Priorado de Lisboa, pera governar a Provincia, foy eleyto nelle o Preſentado: quando foy ao Capitulo geral de Roma ficou por Vigairo geral o Preſentado, e na hora que ſe ſoube da morte do Meſtre, teve o Preſentado em Lisboa huma Patente do Reverendiſſimo, em que lhe cometia o meſmo cuidado de ſeu Vigairo Viſitador, e Reformador, e logo começou a exercitar o officio: ſem embargo, que a Vigairaria da Provincia, ſegundo o theor de noſſas Conſtituiçoens, tocava ao D. Frey Antonio Freyre, Prior do Convento de Evora, pera onde eſtava lançado o futuro Capitulo Provincial. Foy o caſo, que como elRey tinha determinado, que o noſſo governo naõ ſahiſſe por entaõ dos Padres Eſtran-

trangeiros, estava prevenido, e apercebido da Patente, que dissemos pera os accidentes, que o tempo trouxesse. Tivemos no Padre Presentado hum retrato da vida, e todo procedimento de seu antecessor; e com esta só palavra damos por dito tudo o que puderamos dizer, e encarecer de suas partes: porem assi como foy dita sua imitar nas virtudes hum tal sujeito, assi foy desgraça nossa, parecerse tambem com elle na brevidade da vida. Eleyto em Provincial á instancia d'elRey por Junho do Anno de 1545. e comessando a governar a Provincia, naõ durou mais, que até Setembro do seguinte de 1546. e veyo a acabar de sua doença no mesmo lugar, e Convento de Aveiro pera tambem nisto serem ambos iguais: e estaõ sepultados juntos no Capitulo, o primeiro com o Padre Frey Antaõ: e o segundo com o Padre Frey Joaõ de Braga na sepultura mais chegada ao Altar.

1545.

CAPITULO XVI.

Fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Villa-Real.

OIto annos havia, que o Mestre Frey Gonçalo governava esta Provincia, primeiro Provincial eleyto despois de desmembrada de Castella: e corria o de Christo de 1524. quando teve principio nella mais hum Convento da Ordem, que foy o de Villa-Real: e damoslhe neste Anno seu nascimento, porque sem embargo, que tres antes tinha o povo alcançado licença d'elRey pera se fundar, como logo veremos: e havia dous, que a Camara, e governo da Villa nos tinha feito doaçaõ do sitio: neste de vinte quatro se juntou a terra toda, e de acordo commum aceitaraõ o Convento, e no mesmo, aos oito de Mayo dia sinelado do aparecimento do Anjo S. Miguel tinha levantado Altar o Padre Frey Vasco de Guimaraens em huma pequena casa, e começado a celebrar os Officios Divinos, segundo parece de hum acordo, que desde tal tempo ficou escrito, e guardado nos livros da Camara, e he o seguinte tirado de seu original.

1524.

AOs sete dias de Julho do Anno do Senhor de 1424. sendo chamados por pregaõ publico todos os juizes, e Vereadores, Procuradores, e homens bons da Villa de Villa-Real. E estando todos juntos diante da porta do Mosteiro de S. Domingos, a todos fez em alta voz pergunta o Juiz de fóra, se lhes aprazia, de se edificar este Mosteiro no lugar demarcado por Martim Affonso contador d'elRey: e meteo de posse ao Padre Frey Vasco de

1424.

Guimaraens em nome de toda a Ordem: o qual começou em dia de S. Miguel, de Mayo do sobre dito anno, a dizer missas, e horas rezadas, e cantadas, e de prégar: e continuou até o dia presente, naõ sò elle, mas outros Frades da sua Ordem. E elles todos juntamente, quantos alli estavaõ a huma voz, nenhum naõ o contradizendo, responderaõ que grande tempo havia, que lhes aprouvera; e agora de prezente aprazia de bons coraçoens, e vontades de se o Mosteiro edificar no dito lugar: e das doaçoens, que som feitas pollo Convento: porque era bem convinhavel pera os Frades, e pera o povo ouvir as prégaçoens: e essomedezlhes aprazia, que os Frades, que em elle vivessem, ouvessem os privilegios, e liberdades, que haõ em os outros logares, e de direito devem daver, e que eraõ muito teudos, e obrigados a dar graças a Deos por lhe aprazer de lhes dar guiadores, que os encaminhassem pera o seu Reyno. E esso medez a nosso Senhor elRey; porque lhe aprouve de os honrar, e igualar aos outros bons logares de seu Reyno: e quasi todos assinaraõ.

Mas pera que em tudo proceda a narraçaõ com a ordem devida, he de saber, que sendo, como he, o commum desta nobre Villa, gente devota, e amiga da virtude, dezejavaõ havia muitos annos, terem entre sy hum Convento nosso, e ouvirem cada dia a doutrina de nosso Padre S. Domingos. Pera este fim tinhaõ feito suas diligencias nos nossos Capitulos gerais, e alcançado huma Bulla do Papa Martinho Quinto, e as licenças necessarias do Arcebispo Primás de Braga, e do seu Cabido: e ultimamente valendose da authoridade, que o Mestre Frey Francisco de Lima filho do Convento de Guimaraens tinha com elRey Dom Joaõ, que era muita por suas letras, e virtude, alcançaraõ huma Carta sua pera o Contador de Trallos-Montes do theor que se segue.

POr elRey, a Martim Affonso seu Contador em a Comarca de Trallos-Montes. Martym Affonso, nós ElRey vos fazemos saber, que nós ordenamos hora de fazer hum Mosteiro em Villa-Real à honra de S. Domingos: e demos disto carrego a Frey Francisco Mestre em Theologia, Frade da dita Ordem. Por onde vos mandamos, que vós com o dito Frey Francisco vejades o logar que mais honesto, e melhor póde ser, pera se o dito Mosteiro

edificar, e aby ordenai que se faça: hora seja dentro da Villa, ou no arravalde; onde quer que a ambos milhor parecer: e al naõ façades. Dada em Lisboa, &c.

Em virtude desta Carta, fez Martym Affonso a diligencia; e em falta do Mestre Frey Francisco, que pouco despois adoeceo, e morreo, assistio com elle o Prior de Guimaraens, Frey Vasco de Guimaraens: e da reposta, que ambos deraõ, emanou a licença d'elRey, que mandou dar por huma muy ampla Provisaõ, cujo theor he.

DOm Joaõ polla graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, senhor de Ceita: em sombra com o Infante Duarte meu filho primogenito herdeiro nos ditos Reynos, e senhorios: A quantos esta Carta virem fazemos saber, que Mestre Francisco Freyre da Ordem dos Prégadores em sendo vivo nos disse, que os Frades da Ordem de S. Domingos de Guimaraens por serviço de Deos, e honra da Virgem Maria sua Madre, e de S. Domingos Fundador da dita Ordem, queriaõ fazer hum Mosteiro da dita Ordem em a nossa Villa de Villa-Real: pera o qual já tinha letras do Padre Sancto Martinho Quinto, pera o poder fazer, e de Dom Fernando Arcebispo de Braga, e authoridade, e consentimento do Conselho, e homens bons da dita Villa: e como quer que a dita licença tinhaõ, o que naõ podia fundar, nem edificar sem nossa authoridade, porque a dita Villa, e terras darredor della, he toda nossa Reguenga: por quanto elRey Dom Dinis, que a edificou, e a povoou de certos moradores: e mandou, que cada hum delles lhe pague certo foro, e pençaõ em cada hum Anno: e que nos pediaõ por merce, e esmolla, que lhe dessemos nossa licença, e authoridade pera o poderem fazer, e nós visto seu dizer, e pedir: e porque entendemos, que isto era boa cousa, e serviço de Deos, aproguenos dello: e mandamos nossa Carta a Martym Affonso nosso Contador em a Comarca de Trallos-Montes, que com o dito Mestre Francisco devisassem, e demarcassem o logar, onde se o dito Mosteiro, e Casa delle fizessem. O qual assi o fez com acordo, e conselho dos Juizes, e Vereadores, e Procurador, e homens bons da dita Villa, e

do Doutor Frey Vasco de Guimaraens Prior do dito Mosteiro de S. Domingos do dito logo, que pera esto foy chamado: os quais demarcaraõ, e assinaraõ o logar onde se ouvesse de fazer, que he fóra dos muros da dita Villa, em sima de todo o arravalde, em herdades destas pessoas que se seguem. A saber: em parte do Ressio da dita Villa, e em casas, e chãos de Diego Gomez de Azevedo, e hum chaõ de Diego Affonso, e hum chaõ de Vasco Affonso Moutinho, e hum chaõ de Vasco Martins Caõ, e de Affonso Martins seu irmaõ, e em hum chaõ de Vasco Pires mercador, e de Maria Salvador; e em hum chaõ de Alvaro Vasques, e de seus criados. Os quais todos juntamente disseraõ que davaõ os ditos chãos, e casas pera em elles se haver de fazer o dito Mosteiro, livres, e desembargados, sem o dito Mosteiro por elles a nós haver de pagar nenhum foro. E que se obrigavaõ per sy, e por seus successores de pagarem a nós, e a nossos successores, todolos nossos direitos livremente, e sem nenhuma briga inteiramente, assi, e por a guiza, que os pagavaõ antes, que dotassem as ditas herdades ao dito Mosteiro. E pera sabermos quanto era de grande o dito chaõ das ditas herdades, em que se o dito Mosteiro com suas Crastas, e casarias, e hortas ha de edificar, mandamos a Pay Rodrigues nosso Escrivaõ dos Coutos em a dita Comarca, que soubesse quantas braças de craveira havia de ancho, e de longo nas ditas herdades; o qual nos enviou dizer por sua Carta, que o mediraõ, e achara em longo sincoenta braças, e de ancho vinte nove braças de craveira, de dez palmos cada huma das ditas braças. E ora querendo nós fazer graça, e merce aos ditos frayres por esmolla de nosso motu proprio, certa sciencia, poder absoluto, temos por bem, e outorgamos, que elles possaõ fazer, e edificar o dito Mosteiro nas sobreditas herdades, e chãos, naõ tomando mór chaõ, que o sobredito, que assi foy medido. E que as hajaõ livremente, e desembargadameate, deste dia pera todo sempre, sem dellas pagarem foro nenhum a nòs, nem a nossos successores: com tanto que façaõ em ellas o dito Mosteiro: e naõ o fazendo, que entom as ditas herdades se tornem aos sobreditos, que lhas deraõ, ou a seus

her-

herdeiros, pera as terem, e haverem como antes faziaõ, e pagarem os nossos direitos: e fazendo assi o Mosteiro; que o naõ possaõ vender, nem dar, nem doar, nem trocar, nem escaimbar, nem por outra guiza emalhear. E sendo der ribado, ou destroido todo por terra, em algum tempo, que senaõ celebre em elle o Officio Divino, que entom se tornem a nós, e a nossos successores as herdades, e terras em que o dito Mosteiro foy edificado: e que as tenhaõ aquelles que antes tinhaõ, ou seus herdeiros. E mandamos, e defendemos, que naõ sejaõ nenhum taõ ousado, que lhes faça mal, nem desaguisado aos frayres do dito Mosteiro, e às cousas suas delle; porque nós a tomamos sob nossa guarda, e defensom. Senaõ sejaõ certos os que o fizerem, que nos pagaraõ os nossos encoutos, e mais lho estranharemos nos corpos, e haveres, como aquelles, que passaõ mandado de seu Rey, e Senhor. Dada em os nossos Paços de Almeirim, vinte dias do mez de Novembro, Era do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo 1421. annos.

1421.

CAPITULO XVII.

Fazem os moradores de Villa-Real alguns bons officios pera se abreviar a vinda dos Frades, e começar a obra. Dasse conta da reformaçaõ com que se vivia no Convento: e das grossas esmollas com que os Marquezes lhe acudiraõ, tanto que foraõ Senhores da Villa.

ESTando prestes, como vemos, tudo o que havia, que negociar de fóra, e muito promtas as vontades dos naturais da Villa pera se poder dar principio á fabrica, parece que foy causa de alguma suspençaõ fallecer neste tempo o Mestre Frey Francisco de Lyma, que por parte da Ordem, e dos mesmos era principal Promotor della. E como naõ procedia com o calor, que a terra pretendia, e dezejava, quiz a Camara obrigar de novo a Ordem com hum grande beneficio; que foy partir a agoa, que vem á Villa, e dar hum anel della pera se meter dentro no Convento. E porque na parte, onde se traçava o assento da Igreja, havia hum pedaço de terra pertencente ao Ressio do Conselho, que muito cumpria aos Frades, pera commodidade do edificio, determinou tambem fazerlhe della doaçaõ: e esta lhe mandaraõ os da governança, feita, e assinada por todos ao Convento de Guimaraens: porque só com estes Padres corriaõ entaõ: e ajuntaraõ mais huma licença pera os Padres mandarem tapar certo caminho, em que a Camara primeiro duvidava. He de ver a Doaçaõ polla boa vontade, que nella mostraõ á Religiaõ. Diz assi.

Nos

NOs os assima nomeados com firme devaçaõ, e esperança, que temos em o glorioso Padre S. Domingos, que será rogador a Deos por nós, e por nossos padres, e avós, e parentes, e por aquelles, cujas almas nós somos teudos, de nossas proprias, puras, e espontaneas vontades, removido todo máo engano, opressaõ, forças, conspiraçaõ, e vicio, damos, outorgamos, e fazemos pura, e duravel doaçaõ valedeira pera todo sempre ao dito Senhor S. Domingos, e á sua Ordem dos Frades Prégadores, pera se fazer hum Mosteiro da dita Ordem, na dita Villa, hum pedaço de Campo do Ressio, que está à porta da adega de Diogo Gomes de Azevedo, que seraõ oito, ou dez passadas, pera fazerem a cerca da Igreja do dito Mosteiro, que se ha de fazer onde está a dita adega. E mais hum anel dagoa do Cano que vem do Seixo, pera a dita Villa, que que possa hir dentro pera o dito Mosteiro, por o dito Ressio. *Outro sy do caminho da Barroca, que vay do dito Ressio pera a fonte do Chaõ, que o tapem, e possaõ fazer em elle o que quizerem, e por bem tiverem. E esta doaçaõ prometemos por nós, e por nossos herdeiros, e successores nunca contradizer, nem revogar de feito, nem de direito, em juizo, nem fóra delle por nós, nem por outrem, em parte, nem em todo; e posto que queiramos, naõ sejamos a ello recebidos, e fazendoo, ou attendendoo de fazer, que peitemos de pena, e em nome de pena, e interesse, estimado á dita Ordem, e Frades della, trezentas coroas douro. E a tal pena levada, ou naõ, tadavia esta doaçaõ seja firme, e valiosa, e dure pera sempre como em ella he conteudo, e por esta expressamente renunciamos todolos direitos, leys, ordenaçoens, foros, costumes, e posturas, e geralmente todo outro remedio, e ajuda, que pudesse desfazer, ou quebrar esta doaçaõ, &c. A 9. de Dezembro do Anno do Senhor* 1422.

1422.

Com todas estas diligencias, e offertas anticipadas, que os Padres sabiaõ estimar, e agradecer, quanto era rezaõ, como penhores de amor, e dezejo de sua vezinhança, tem qualquer negocio de Communidades tantos contrastes que vencer, que naõ podia acudir o Doutor Frey Vasco de Guimaraens, a dar principio à obra, senaõ hum Anno, e meyo despois desta doa-

çaõ,

ção, que ſe cumprio no tempo, que atraz diſſemos de 8. de Mayo de 1424. no qual dia celebrou elle a primeira Miſſa, e fez juntamente comeſſar a abrir os aliceſſes do Convento.

Naõ foraõ os Religioſos, que eſta Caſa povoaraõ, de melhor condiçaõ, que todos os das outras antigas, de que ſempre nos queixamos, em nos deixarem memorias particulares dos bons filhos, que nella criaraõ: ſendo aſſi, que ſabemos de certo, e naõ conſta menos, que por letras Reays, ſerem tais, que honravaõ o Reyno com ſuas virtudes: aſſi o diz elRey Dom Affonſo Quinto nos Prologos de duas Proviſoens de certa merce de dinheiro, que lhes fez no Anno do Senhor de 1450. e 1451. pera ajuda de ſuſtentaçaõ, os quais comeſſaõ com as rezoens ſeguintes, formalmente tomadas dos Originais.

1450.
1451.

COnſirando nós o grande ſerviço de Deos, e proveito das Almas, e honra de noſſos Reynos, e o officio Divino, que ſe faz no Moſteiro de Villa-Real na Comarça de Trallos-montes, ſegundo ſomos certificados, mandamos, &c.

Eſcuſamos tresladar aqui as Proviſoens, porque ſaõ largas em leytura, e muito curtas nas merces, ſegundo os tempos. Polla primeira lhes manda dar duzentos, e oitenta, e ſeis reis brancos, aſſentados no Almoxarifado da Villa, polla ſegunda quatro centos reays: e eſtes declara, que ſeraõ de ſinco livras o real. Mas eſta pouquidade, aſſi como foy dada por reſpeito de virtude aos Frades; aſſi moſtra tambem, que ſe vivia com eſtremos de pobreza (que por ſy he outra grande virtude) onde huma merce taõ fraca ficava ſendo remedio de vida. E naõ diz mal com eſte eſtado, antes he grande prova delle, outra doaçaõ, que eſtes Padres aceitaraõ dos de Guimaraens, de poucos livros pera o Choro, e huns ornamentos pobres pera o Altar, acompanhados de huma Cruz, Turibulo, e Naveta de cobre, aos dous annos, deſpois de fundada a Caſa. Por couſa notavel a lançaremos aqui: diz deſta maneira.

VNiuerſis Fratribus, & Patribus Ordinis Prædicatorum præſentes literas inſpecturis pateat euidenter, quod nos Frater Uelaſcus Uimarenſis Doctor, & Prior Conuentus Uimarecenſis, Magiſter Franciſcus, Fr. Stephanus Rangel Bachalaureus, Fr. Ioannes de Baſto Bachalaureus, Fr. Stephanus Ualaſci Doctor, Fr. Ioannes Bracharenſis Doctor, Fr. Ioannes de Freitas Doctor, exterique Patres, & fratres dicti conuentus, domum villæ Re-

Regalis tanquam filiam nobis vnigenitam dotare, & ornare atque promouere cupientes, eidem donauimus vnum Breuiarium in duo volumina distinctum manu Fratris Aluari de Sancta Iusta scriptum: quasdam Legendas Sanctorum. Unum Psalterium cum apparatu, quoddam testamentum nouum, triabaldoaria, vnum vestimentum antiquum de serico, vnam cappam sericam, & albam pro mortuis, vnum frontale ex excarlato, & serico mistum, duo vestimenta de panno lineo, vnam crucem, & vnum thuribulum cum vase thuris de cupro, vnum missale ad celebrandum Missas sine nota, & quoddam graduale, atque alia jocalia, quibus jam dicta filia, tanquam monilibus, decoretur. Quam donationem, ac concessionem perpetuis temporibus irreuocabiliter volumus permanere. Insuper concedimus, & donamus in perpetuum, vnum Missale completum, punctuatum, ad celebrandum Missas cum nota in Conventu: sub tali conditione, quod dictum Missale maneat apud nos, quoad vsque consimile, quod est in fieri, ducatur ad complementum, quo completo, & ligato, vt oportet, tunc Præsidens dictæ domus Villæ Regalis libere possit dictum Missale repetere, et habere, tanquam sibi donatum, et appropriatum sine quacunque conditione. In quorum omnium testimonium hanc literam donationis, et perpetuæ concessionis ad perpetuam rei memoriam nostris manibus signatam, & sigillo nostri Conventus munitam supra dictæ domui, & Conventui Villæ Regalis gratanter, & sponte dedimus. Septima die mensis Ianuarij Anno Domini 1426.

1426.

Naõ damos a traduçaõ, porque já deixamos declaradas as peças, que contém. Os mesmos Religiosos desculpaõ a dadiva, lembrando, que a sua Casa, como mãy amorosa, parte com a de Villa-Real de sua pobreza, ao modo que fazem no mundo as boas mãys com as filhas que dotaõ: dandolhe dos bens, que possue esta pequena parte, como brincos pera se enfeitar em sua primeira idade.

Andando o tempo veyo esta Villa a cahir em mãos de hum senhor particular: o que sendo geralmente havido por caso de menos valer, nella foy principio de grandeza, e boas venturas. Deua elRey Dom Joaõ o Primeiro a Dom Pedro de Menezes filho de Dom Fernando de Noronha com titulo de Marquez. Saõ estes senhores muito grandiosos de animo, e dotados de condiçoens taõ Reays, que naõ só se fazem conhecer por verdadeiros successores do tron-

tronco de que procedem, que foraõ dous Reys, hum Dom Henrique de Castella, e outro Dom Fernando de Portugal. Mas vencem a muitos Principes da christandade nos espiritus de magnificencia, e liberalidade: e o que mais se louva, e estima nelles, he que sendo natural a variedade nas cousas humanas, até hoje senaõ tem visto quebrar este fio em nenhum herdeiro desta Casa. Assi levaõ traz sy o amor, naõ só dos vassallos desta Villa, e doutras grandes, que possuem, que todas tem por dita serem suas; mas de todo o Reyno em geral: sendo tays pera com os seus, e pera com o commum da terra, facil fica de crer, que naõ seraõ menos benigna com os Religiosos. A todos honraõ, e amaõ; porem a os de S. Domingos com mais particular inclinaçaõ, e favor. Aqui cabe bem o que diz o Proverbio Portuguez, que o sangue naõ se roga: pois sabemos, que pollo que tem de tantos Reys, participaõ do illustrissimo de nosso Sancto Patriarcha. Mas quem com attençaõ ler o que fica atraz escrito, entenderá, que outro titulo obriga a estes Senhores quasi igualmente, com o da geraçaõ, e sangue. He virtude muy irmam da nobreza o agradecimento entre os animais, achase nos Leoens: entre os homens he mais natural dos Reys: que conta deraõ de sy, senaõ tiveraõ impressa em seus coraçoens, e como em diamantes gravada, aquella animosa resoluçaõ, com que imitando o valor do grande Capitaõ Dom Pedro de Menezes, se offereceraõ a ficar com elle em Ceita os mais dos Religiosos Dominicos, que tinhaõ atély acompanhado seu Rey. Assi, tanto que foy senhor da Villa o primeiro Marques Dom Pedro de Menezes, de tal maneira se ouve com este Convento, como se quizera mostrar, que o naõ estimava menos, que outro grande senhorio. Senhores ha que fazem grandezas, e merces, só pera acreditar novas entradas; e estas como saõ accidentes, e pollo mesmo caso de pouca dura, servem mais a quem as faz, pollo que grangea, que a quem as recebe, pollo mal que permanecem. O Marquez deu muito de boa entrada: e quanto deu no primeiro dia, tanto ficou perpetuo até hoje, sem diminuiçaõ, antes acrescentado com muitas graças, e beneficios extravagantes todas as vezes, que no Convento ouve necessidade. Foy o que deu cem alqueires de trigo, cento de milho, trezentos de centeyo, cem almudes de vinho, e dez mil reis em dinheiro. Esmolla Real em todo tempo, quanto mais em era, que todas as rendas de Portugal eraõ muito fracas.

Passados alguns annos, no 1509. dezejaraõ os Frades fabricar certa officina necessaria dentro da cerca do Convento, e pretenderaõ haver pera isso hum chaõ, que partia com ella. Tentaraõ o dono se o queria vender; e ou fosse sua tençaõ arrancar mais dinheiro, fazendose de rogar: ou que na verdade tivesse amor à fazenda de seus mayores, naõ havia cousa, que o dobrasse. Chegou à noticia do Marquez, que tinha o estado; mandou dissimuladamente comprallo pera sy; e na mesma hora o deu graciosamente aos Frades.

des. Como estes Senhores fizeraõ o Convento rico, comessou a Provincia a carregarlhe Religiosos, e sustenta de ordinario quatorze. Pollo mesmo caso, andando os annos, pareceo a hum Prior, que seria bem alargar o aposento do Convento, comprando humas casas vezinhas. Buscou dinheiro, offereceo a quem as possuhia mais do que valiaõ, naõ bastava nada: acudionos o Marquez, comprouas pera sy, e mandouas entregar ao Convento por esmolla. He de advertir, que nenhuma destas, e outras esmollas, nem polla principal, e mais grossa puzeraõ nunca, nem pediraõ suffragios de obrigaçaõ. Porem pollo mesmo caso tem capellaens, e mercieyros continuos, naõ só nos moradores desta Casa, mas nos de toda a Provincia inteira.

Foy natural desta Villa o Padre Frey Joaõ da Cruz, duas vezes Provincial desta Provincia, e polla mesma rezaõ grande bemfeitor do Convento. Elle foy o que fez a obra nova de dez celas, que vemos no Dormitorio: e com sua industria sem nenhum custo da Casa lhe fez hum ornamento de téla de ouro roxa taõ perfeito, que póde servir em exequias de qualquer Principe.

De poucos annos pera cá se levantou nesta Igreja, e Convento huma muito frequentada confraria de Nossa Senhora do Rosario, em que concorrem com devaçaõ cento, e sincoenta irmãos seculares, e quinze sacerdotes, e setenta, e tres mulheres; e tendo nestes numeros pyas consideraçoens, tem feito hum fermoso retabolo no Altar da Senhora, que acompanhaõ com quatro castiçays de prata, e sua alampada, e frontais de seda, e vay a irmandade em grande augmento.

Ao mesmo passo vay correndo a confraria de S. Gonçalo, que com, ser fundada de pouco, tem já seu retabolo de boa pintura na mesma Igreja; e favorece o Senhor a devaçaõ do seu servo, como vimos por hum notavel milagre, que foy authenticado pollo Lecenciado Manoel Dias de Morais Vigairo geral da Villa: e foy o caso, que hum Fernaõ Gonçalves morador no lugar de Auta guiava hum carro, e hindo em sima, entraraõ os boys em furia, que foy causa de cahir de maneira, que lhe ficaraõ as pernas metidas pollas aberturas de huma das rodas, e ambas miseravelmente quebradas, era pobre, e sobre pobre tinha setenta annos: pera boa cura faltavalhe fazenda, e pera a natureza ajudar sobejavalhe a idade: assi vinha à Villa encomendarse ao Sancto milagroso, e havia quinze mezes, que o fazia, arrastando os joelhos por terra, e ajudandose das mãos por ella. Neste estado lhe acudio o Sancto, e sua devaçaõ. Era primeiro dia de Agosto do Anno de 1617. huma terça feira, quando ao tempo de querer deixar a pobre cama, em que jazia, se sentio aliviado de todo o mal, e espantado de sy mesmo, pedio hum bordaõ, pera ver se se podia levantar, e uzando do arrimo, mais por velho, que por enfermo, foy com addmiraçaõ de toda a terra dar graças ao Senhor diante do Altar do Sancto, a quem se encomendara.

1617.

Naõ temos que dizer de filhos

lhos deste Convento; porque como nelle naõ ouve nunca Casa, nem criaçaõ de Noviços, respeito da aspereza do sitio, polla mesma rezaõ naõ ouve filhos, que nos possaõ dar materia de historia, salvo algum, que sendo recebido em outra Casa, lhe deraõ titulo, e filiaçaõ por esta, e tal devia ser o Padre Frey Gil de Leyria, que achamos contado por filho della, e merece memoria por homem de grande habilidade, e de grande virtude. Polla habilidade mereceo ser hum dos primeiros Collegiaes do Collegio de Sancto Thomas de Coimbra: e polla virtude alcançar titulo de Sancto. Veyo a fallecer na Vigairaria das Alcacevas: onde se lhe fizeraõ suas exequias com solemnidade, e aconteceo, que pesandose a cera, como he costume no principio, e no cabo, naõ faltou nella cousa nenhuma, com arder grande espaço: era particular devoto de Nossa Senhora do Rosario; e tinha por gosto, e costume em todos seus sermoens ser pregoeiro de suas grandezas.

Fim do Livro terceiro.

SEGUNDA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.

LIVRO QUARTO.

CAPITULO I.

Do estado em que estavaõ os Conventos da Congregaçaõ reformada, e como corriaõ entre sy, e com a Provincia, quando se aceitou na Observancia o de Azeitaõ. Dasse conta como o Principe Dom Duarte passou Carta de seu Padroeiro.

1435.

ENtramos no Anno de 1435. com quarto Mosteiro da Observancia, que he o de Azeitaõ, e ficamos com tres de Frades, e hum de Freiras. A saber, Bemfica, Aveiro, Azeitaõ, e o do Salvador: será bem vermos agora como se governavaõ nesta conjunçaõ. Era Vigairo geral delles o Mestre Frey Joaõ de Sancto Estevaõ, que as memorias chamaõ Doutor, que juntamente era confessor da Raynha Dona Leonor. A Provincia governava já o Padre Frey Gonçalo Mendes; porque na entrada do mesmo Anno se tinha absolto o Mestre Frey Gonçalo. A reformaçaõ estava taõ bem recebida do Rey, e Principes, e até do Povo, que crescia com grandes augmentos. Entrava nella cada dia gente nobre; e muitos Religiosos, que na Claustra tinhaõ nome de letras, se passavaõ aos Observantes. Do que nasciaõ manifestos desgostos, que os Padres da Provincia naõ dissimulavaõ, e ou por mostrarem superioridade, ou porque a muita estima, em que os Observantes estavaõ (como nossa natureza sofre mal desigualdades) lhes causava nos animos alguma desconfiança, e exercitavaõ sobre elles duro Imperio; já os fazem acudir aos Capitulos da Provincia, davaõlhes ley, perturbavaõlhes o governo: já lançavaõ a miude os mesmos seus Capitulos em Bemfica: com que a Casa pobre, e quieta se havia por avexada. Com tudo sofriaõ, e pairavaõ,

ravaõ, por mostrar, que naõ possuhiaõ de balde o nome de Reformados: mas ganhaõ pouco com amos injustos, criados sofridos: azedavaõse com sofrimento, indignavaos o silencio: e o que era pura virtude, e modestia, torsiaõ a pensamentos, e traças de mais izençaõ; chamavaõlhe soberba, e vamgloria, que com capa de virtude, palavras humildes, pescoços torsidos se refinava. Em fim veyo de apertada a rebentar a paciencia. Foraõse os Reformados a elRey, propuseraõ suas queixas diante delle, e dos Infantes. Como eraõ Principes pyos, e sanctos, naõ se contentaraõ com menos, que tomar toda a causa á sua conta: e o Principe D. Duarte se adiantou em hum extraordinario favor, que foy darse, e nomearse por Padroeiro da Observancia: e disso lhe mandou passar suas letras Reays, cujo treslado guardamos pera este lugar pera acompanharem o novo Convento reformado de Azeitaõ, em que este Senhor, e a Raynha Dona Leonor sua mulher tiveraõ grande parte. Segue o Alvará do Principe, que ainda entaõ naõ uzava mayor titulo, que o de Infante, como qualquer de seus irmãos.

NOs o Infante fazemos saber a vós Provincial, ou Vigairo, e qualquer, que hoje tem carrego de reger a Ordem de S. Domingos em esta Provincia de Portugal, e tever daqui em diante. E isso mesmo aos Diffinidores dos Capitulos Provinciais, quando os fizerdes: que nós considerando em como por elRey meu senhor, foraõ dados os Paços de Bemfica, a vossa predicta Ordem, pera se em elles edificar Mosteiro da Observancia. E visto outro sy em como os Padres, que o começaraõ, e outros Padres, e Frades, que despois vieraõ viverom, e vivem atâ hora, sempre viverom, e haõ fama, que vivem aguisadamente, por guisa, que as gentes desta terra tem boa informaçaõ, e devaçom de sua fama, e vida. E visto outro sy em como elles atáqui nom tiverom nenhum Padroeiro, que delles tivesse carrego especial. Por todas estas rezoens, e por nós esperarmos ser ajudados pollas suas oraçoens: nossa merce he de tomarmos, e tomamos carrego delles, e do seu Mosteiro em todas cousas, assi como seu Padroeiro especial: e por tanto vos rogamos, e encomendamos, quanto podemos, e em nós he, que elles sejaõ essomedez por vós fovorados, e ajudados em todo, por guisa, que de vossa parte naõ seja feita cousa nenhuma, porque elles sejaõ torvados de viverem segundo os costumes, com que atá aqui viverom.

verom. E logo em especial vos rogamos, que os naõ constranjades, que vaõ a Cabidos, nem assineis Cabido no dito Mosteiro, nem disponhais del, nem delles alguma cousa, a menos de nolo primeiramente fazerdes a saber. E se o assi fizerdes, sede certos, que nos fares com ello prazer, e serviço. Feito em Lisboa primeiro dia de Julho. Alvareannes o fez, Era do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo M.ccccix. annos. Infante.

Suspendeo taõ grande valedor os desgostos, que a Provincia dava aos reformados: mas brotaraõ por outra parte, e ao longe, vendose os que nella mandavaõ, com as mãos atadas pera impedirem os augmentos com que a Observancia a olhos vistos crescia, queixaraõse agramente ao Reverendissimo Geral, que os reformados à conta do nome, mais que da sustancia, se faziaõ respeitar, e seguir de maneira, que cedo ficaria nelles a Provincia: porque pouco a pouco lhe roubaraõ os melhores, e mais doutos sujeitos della, alargavaõ seus Conventos, e povoavaõ outros de novo, e pollo muito favor, que tinhaõ dos Principes, naõ valia com elles a authoridade do cargo dos Provinciais pera se deixarem governar della, como era rezaõ. Assi arrezoavaõ juntando tudo o que lhes parecia podia indignar o Reverendissimo. Mas acabaraõ de cahir tarde, que era occasiaõ de gosto pera elle o que pretendiaõ, que fosse de ira, e paixaõ: porque se alegrava em sua alma de ver, que enfraquecia a Claustra com estas contradiçoens, e que por sy se hiria desfazendo, e mingoando, quanto a Observancia fosse adiantando. Dissimulava, e contemporizava com as queixas; e tanto dissimulou, que os Padres da Provincia, desconfiados delle, deraõ com ellas na suprema cabeça da Igreja, que era o Papa Martinho Quinto; e pera que tivessem mais força por multiplicadas, juntaraõse por Cartas com outras Provincias, que tinhaõ semelhante controversia; e tanto apertaraõ, que alcançaraõ delle mandasse juntar hum Capitulo geral da Ordem de S. Domingos com apercebimento, que acudissem a elle naõ só os Vigairos gerais dos Observantes, mas todos os Frades mais graves, e mais doutos dellas, pera com isso tomar o assento, que parecesse mais conveniente. Grande foy o medo em que esta determinaçaõ poz aos pobres da Observancia, porque davaõ por certo haviaõ de ganhar seus adversarios por numero, e vozes, quanto quizessem: e a essa conta cantavaõ já victoria: mas acudio Deos a desviar a junta com guerras, que se levantaraõ em Italia, pera onde estava aprazada: e porque se visse, como se havia por bem servido da Observancia; acudiolhe com a consolaçaõ de mais outro Mosteiro de seu instituto, que foy o de Azeitaõ, polla maneira seguinte.

Tinha elRey Dom Duarte antes de succeder na Coroa destes

tes Reynos mostrado tanta devaçaõ, e affeiçaõ à Ordem de S. Domingos, como pouco ha acabamos de contar. Tanto que tomou o setro, naõ perdeo a boa vontade; antes foy mayor: porque a companhia da Raynha Dona Leonor sua mulher deulhe occasioens de crescer: era filha d'elRey D. Fernando de Aragaõ, que antes de ser chamado à successaõ daquella Coroa fora Infante de Castella, com titulo de Infante de Antequera: e por esta já tinha parte no sangue do P. S. Domingos, e polla de Rey Aragones a devaçaõ, que todos à sua Ordem sempre tiveraõ. Ajudava esta inclinaçaõ de ambos o P. Fr. Joaõ de S. Estevaõ Confessor da Raynha. Fora este Padre estudante em Pariz, e graduado em Doutor por aquella Universidade: e sendo filho de habito, e profissaõ de S. Domingos de Lisboa, tanto que tornou ao Reyno, deixara tudo pollo rigor da Observancia. Tratavaõ os tres a miude, e com grande gosto d'elRey, do augmento da Congregaçaõ; o que foy meyo de se applicarem os Reys com muita vontade a procurar acrescentala com huma Casa nova. Andando com este cuidado, pareceolhes muito a proposito a serra de Azeitaõ pera huma companhia de Anachoretas, e gente de espiritu, terra sádia, graciosa, e de bons áres, afastada do povoado pera viverem com quietaçaõ os Religiosos, e pera terem provimento de peixe, e esmollas, acompanhada naõ longe das pescarias de Setuval, e Sezimbra. Só duvidavaõ em que lugar da serra ficariaõ milhor, pera mandar pôr mãos na obra.

Publicada pollos lugares da serra a determinaçaõ d'elRey, abbreviou Deos a fabrica por hum meyo assaz estranho, mas todo seu, pera lha devermos só a elle. Poz no coraçaõ de hum homem rico, e honrado da mesma serra, naõ só dar sitio acommodado pera o Convento, mas pera se lhe entregar tambem a sy mesmo, e o melhor de sua fazenda por meyo delle: chamavase Estevaõ Estevens, e tinha titulo de vassallo d'elRey, que entaõ se dava só a homens de boa qualidade. Foyse hum dia a elRey, deulhe conta de seus pensamentos, mostroulhe, que naõ eraõ só traças na imaginaçaõ fantesiadas, senaõ assento tomado com madureza entre elle, e sua mulher, filhos, e filhas, e até criados, de se consagrarem todos a Deos. E dizia, que pois sua Alteza tinha gosto, como lhe affirmavaõ, de edificar Convento naquella serra, elle lhe offerecia lugar, e sitio assaz conveniente, que era huma quinta sua, com pumares, e hortas, e boas agoas, e aposento bastante pera desde logo se poderem agasalhar alguns Religiosos. De presente naõ se alargava a mais, inda que mais determinava fazer: porque queria primeiro dar assento nas cousas de sua vida, e alma: pera que havia mister o uzo de suas rendas, e fazenda por algum tempo. Agradecido elRey aceitou a offerta: e tanto a estimou, que logo mandou avisar o Vigairo da Observancia lhe buscasse Frades pera virem assistir na Quinta, e entender na fabrica, que logo queria se começasse.

CAPI-

CAPITULO II.

Toma o Vigairo da Observancia posse da Quinta por virtude do Testamento de Estevaõ Esteves.

TOdavia pareceo, que se procedesse na Doaçaõ da Quinta com ordem, e solemnidade juridica, fazendo Estevaõ Esteves de maõ commum com sua mulher seu Testamento; e nelle declarassem o que davaõ aos Frades, pera em virtude da declaraçaõ poderem tomar posse do sitio, e comessarem a Casa. Vivo está hoje no Cartorio do Convento hum treslado authentico do testamento, que lançaremos aqui na forma em que originalmente o achamos, e diz assi.

DEzejando eu Estevaõ Esteves, e Maria Lourenço minha mulher, de nos partir dos negocios do mundo, e de nos pôr em ordem de Religiaõ, e nossos filhos comnosco, se ao Senhor aprouguer de nolo assi ordenar: de todos nossos bens fazemos morgado, dos havidos, como dos por haver; e mandamos, que nossos bens, nem parte delles, nunca se vendaõ, nem possaõ vender, despois de nossas mortes a nenhumas pessoas, que sejaõ, nem se possaõ dar, nem escaymbar huns por outros, nem apenhar: e que andem sempre juntamente em poder, e vedoria dos que forem nossos testamenteiros; e fazemos cabeça de nosso morgado a nossa quinta de Azeitaõ, em que nós hora moramos: a qual quinta, e casarias della, a nós praz de a entregarmos, e metermos em ella de posse, e assi de todos os outros nossos bens, que pertencerem ao dito testamento, a Fr. Mendo Doutor, Frade antigo da Ordem de S. Domingos, Prior do Mosteiro de S. Domingos de Bemfica.

E mandamos, que todolos outros nossos bens, e herdamentos, que nós havemos, e todos escreveremos ao diante, e rendas, e novidades delles, que saõ fóra das heranças, e pertenças da dita nossa quintam: e assi as da dita quintam, que os ditos Frades tem, e quizerem haver: que todas as hajaõ pera sempre em esmolla, despois de nossas mortes, e nós partidos dos negocios do mundo, as Freiras da dita Ordem de S. Domingos, que estaõ em Lisboa no Mosteiro do Salvador: por quanto saõ monjas pobres, e encerradas, que naõ comem carne, e vivem em Communidade de Observancia; e porem nós mandamos, e

outorgamos, que as ditas Freiras, e Frades, como o ouverem em ſy eſte noſſo teſtamento, e nós ambos formos partidos dos negocios do mundo, e poſtos em Religiaõ, como nós dezejamos, que elles, e ellas, desbi em diante, hajaõ em ſy pera ſempre a miniſtraçaõ, e regimento, e ſenhorio, e proveito, e todo uzo, e fruito de todolos ditos noſſos bens, e rendas delles, cada hum Moſteiro; aſſi como lhe forem repartidos, e diviſados; e que nunca os vendaõ, nem poſſaõ vender.

E mandamos que o Prior, e Frades conventuais, que eſtiverem em o dito Moſteiro de Azeitaõ; e a Prioreſſa, e Freiras conventuais, que eſtiverem no Moſteiro de S. Salvador de Lisboa; aſſi os que hora ſaõ preſentes, como todolos outros, e outras, que pollos tempos forem moradores, e conventuais em os ditos Moſteiros, que elles, e ellas ſejaõ pera ſempre noſſos teſtamenteiros, e regedores dos noſſos bens, e teſtamento.

Item ordenamos, que na dita noſſa quintam façaõ os Frades, que nella morarem, hum Moſteiro da ſua Ordem de S. Domingos, que ſeja de Frades da Obſervancia de bom viver em louvor do ſerviço do Senhor Deos: e todos em Communidade, e ſempre ſob a obediencia da ſancta Igreja de Roma: o qual Moſteiro nós mandamos, e outorgamos, que ſe faça em o dito noſſo lugar, e quintam à honra, e louvor de S. Domingos, e da Senhora Virgem Maria. E a vocaçaõ, e nome do dito Moſteiro, a nós praz que elle ſeja chamado, e nomeado pera ſempre: Sancta Maria da Piedade.

E dizemos, que os Frades, que eſtiverem no Moſteiro de Bemfica, que todos ſe hajaõ pera ſempre birmammente, em huma Communidade, e Obſervancia, como ſe todos eſtiveſſem em hum Moſteiro, e aſſi ſe requeiraõ, e ajudem huns aos outros pera ſempre. E com tal propoſito ordenamos nós, que ſe faça o dito Moſteiro, e no dito noſſo lugar por Frades da Obſervancia do Moſteiro de Bemfica.

E com tal declaraçaõ, que os Frades naõ albeem, vendaõ, nem empreſtem, nem enpenhem couſas da ſacriſtia, ſenaõ com licença do Provincial, por acordo, e prazimen-

to

to de todos os Frades Conventuais, que no dito Mosteiro estiverem. E que cada hum Anno se faça livro de tombo em que ponhaõ as cousas da Sacristia: o qual se mostre ao Provincial, quando vier visitar.

E que nom façaõ os Priores das esmollas, e offrendas presentes, nem convites baldiamente a pessoas ricas, e honradas, a louvaminhas do mundo; senaõ que quando succeder caso, e necessidade de se fazerem, se faça por bom acordo, e aprazimento de todos os Frades, que no dito Mosteiro estiverem. E que senaõ dê acolheita no dito Mosteiro a omiziados, pollo dano que se disso segue.

Esta he a nota do Testamento, que se mostra ser feito, e approvado aos quinze dias de Setembro do Anno de 1434. e consta, que logo por virtude delle tomou posse de todo o assento de casas, quinta, e pumares, o Prior de Bemfica Frey Mendo, que devia ser o mesmo Frey Mendo de Sanctarem, que tambem foy tomar posse do sitio de Aveiro, como atraz fica escrito. Mas he de saber, que passado este auto entrou no cargo de Vigairo geral da Observancia o Doutor Frey Joaõ de Sancto Estevaõ Confessor da Raynha, pedido pollo mesmo Rey ao Geral da Ordem Frey Bertholameu Teixerio; porque queria ter junto de sy quem a todo tempo lhe desse aviso de como procedia a Reformaçaõ, em sinal, e penhor do muito que a amava. Assi achamos logo no Anno seguinte de 1435. o Padre Frey Joaõ, acompanhando o Padre Provincial, e mais Frades, que se acharaõ na solemnidade, que se fez ao abrir dos Alicesses, e lançar da primeira pedra, que logo contaremos.

1434.

1435.

CAPITULO III.

Do auto, e cerimonias com que se deu principio à obra do Convento, e Igreja de Azeitaõ.

SEndo elRey Dom Duarte hum dos mais pyos, mais catholicos, e sabios Reys, que Portugal teve, foy Deos servido por seus occultos juizos, que lhe coubesse o mais calamitoso tempo de reynado, que a nenhum de seus antecessores tinha acontecido. Pareceo que todo bem acabara, e se enterrara com seu Pay. Emprendeo a jornada de Tangere em Africa, perdemos hum bom exercito, e com elle hum Infante, como deixamos contado em outro lugar: apoz esta perda entrou huma praga de peste taõ cruel, que andando elRey desviandose della de lugar em lugar, ella em fim o veyo a matar com taõ poucos annos de Rey, que naõ logrou o titulo mais, que sinco annos, morrendo em Agosto de 1438. e com todos estes trabalhos naõ se esquecia do seu Convento de Azeitaõ, em quanto a vida lhe durou. Antes sendo elles causa

P.1.l.6.c.

de se suspender a fabrica muitos mezes despois de tomada posse da quinta por Frey Mendo: em fim mandou, que se juntassem na serra o Provincial, e Vigairo geral, e naõ ouvesse mais dilaçoens. Assi se vieraõ a achar ambos com muitos Padres da Provincia, e Observancia, em companhia dos fundadores, dia sinelado da Expectaçaõ do Parto em 18. de Dezembro do Anno seguinte de 1435. e nelle se deu primeiro principio ao Convento, como he de ver de hum assento, que achamos no Cartorio, cuja liçaõ naõ será desagradavel por sua antiguidade, e cerimonias daquelle tempo: e he o que se segue.

1435.

Dia de Nossa Senhora do O, do Anno do Senhor de 1435. se ajuntaraõ na dita Quinta, que he Comarca da Villa de Sezimbra, e Freguezia sofraganha à Igreja de Sancta Maria da dita Comenda de Sezimbra, com grande devaçaõ muitas honradas companhas de homens, e de mulheres, e dos virtuosos, e honestos Religiosos Frey Gonçalo Mendes Mestre em Theologia, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores: e o Doutor Frey Joaõ de Sancto Estevaõ Confessor da Raynha Dona Leonor nossa Senhora: e o Bacharel Frey Vasco da Alagoa Prior do Mosteiro de Elvas, e Frey Martinho de Lisboa, e Frey Alvaro de Portalegre, e Frey Joaõ Vaqueiro, e Frey Joaõ de Sancta Maria, e Frey Martinho d' Azambuja, e Frey Vasco de Portalegre, e Frey Fernando de Sancta Maria da Escada, e Frey Fernando de Sancto Antonio, e Frey Estevaõ da Cruz, e Frey Gonçalo do Porto, e Frey Affonso de Chellas, e Frey Martinho de Cordova, e Frey Estaço, e outros Frades da dita Ordem, estando presentes Estevaõ Estevẽs, e sua mulher Maria Lourenço; tomaraõ os Frades posse por huma Bulla do Papa Martinho Quinto; polla qual disse o Padre Provincial, que a Ordem tinha já tomado posse do Mosteiro de Villa-Real: e lida ahy logo a dita Bulla, e o dito Frey Gonçalo Mendes Provincial revestido em vestiduras sagradas, e prestes pera dizer Missa, como de feito disse, acompanhado de Diago, e Sodiago, e acolitos, e cantores, e cruzes, e thuribulos, e agoa benta; e ordenados em procissaõ muito devota, e honesta, vieraõ todos à Igreja de S. Lourenço, que he na dita Comarca de Azeitaõ, e entra-

entraraõ no dito lugar , e quintam : e filbaraõ poſſe , como já dante haviaõ filhada do dito lugar , cantanto , e rezando louvores ao Senhor Deos , e andaraõ quadrangularmente fazendo ſuas eſtaçoens polla terra , onde havia de ſer o o dito Moſteiro , e Craſta delle edificada : e aſſi proceſſionalmente procederaõ todos , e foraõ com a dita prociſſaõ contra o lugar , onde a Igreja do dito Moſteiro havia de ſer fundada , e edificada. E feito o dito Aliceſſe da dita Igreja , e Capella della , e abrido , logo o dito Provincial deitou em elle pedras por ſua maõ pera fundamento. E eſcreveo em ellas letras com certas candeas de cera aſezas da vocaçaõ , e nome do dito Moſteiro. E aſſi reveſtido , como eſtava , ſendo ſervido pollos ditos Diago , e Sodiago , e acolitos , e cantores , e officiais da dita prociſſaõ , todos reveſtidos de veſtiduras ſagradas , como dito he ; e apoz elles o nobre Cavaleiro Diogo Mendes Comendador de Sezimbra , deitou ſuas pedras em o dito fundamento de aliceſſe : e apoz elles deitaraõ ſuas pedras o dito Eſtevaõ Eſtevẽs , e a dita ſua mulher doadores do dito lugar : e aſſi outros muitos. E acabado o dito fundamento de pedra , e cal , e eſpargida agoa benta ſobre tudo , com o reſponſo de Aſperges me , &c. com ſeu verſo , e oraçaõ logo em o dito lugar , e caſas delle , diſſeraõ ſua Miſſa cantada , muy devota , e honeſta , ſolemnemente feita. O que tudo ouveraõ por bem , firme , e valioſo os ditos Eſtevaõ Eſtevẽs , e ſua mulher. O que diziaõ que faziaõ por ſerviço de Deos Noſſo Senhor , e de Sancta Maria ſua Madre , e por ſalvaçaõ de ſuas almas , e de ſeus filhos , e parentes , e por prol communal da terra. E o Provincial , e o Doutor Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ Vigairo dos Moſteiros da Obſervancia , e Frey Martinho de Liſboa Prior do dito Moſteiro , e Frades conventuais delle , diſſeraõ em nome da dita Ordem , que lhes prazia comprirem o dito Teſtamento , e Eſcritura pera ſempre , como em ella he conteudo.

Feita a cerimonia , ficou correndo a obra por conta da fazenda d'elRey , e ajudando a Raynha com particulares eſmollas de ſuas rendas. Dura inda hoje hum Alvará deſte Rey , que foy paſſado no Anno ſeguinte ; em que dá licença pera ſe cortar nas defeſas Reays toda a madeira neceſſaria : o qual confirmou

firmou despois elRey Dom Affonso seu filho. Dura tambem a memoria de huma fermosa esmolla, que a Raynha fez a este nosso Convento, pera que lhe ficasse devendo os primeiros principios de sua sustentaçaõ. Como as Casas reformadas naõ possuhiaõ bens de rays, quiz esta Senhora por sua piedade dar traça, com que esta tivesse alguma cousa certa, e permanente, sem parecer renda formal, de que sem escrupulo se pudesse ajudar. Tinha na sua Villa de Alèmquer humas Assenhas, que eraõ quatro varas de azeite, e quatro pedras de moer paõ: fez doaçaõ dellas aos Religiosos de S. Jeronymo do Mosteiro, que chamaõ do Matto, com encargo de acudirem cada Anno aos de Azeitaõ com esmolla de sinco moyos de trigo, e dez cantaros de Azeite, e dez mil reis em dinheiro. Esta fazenda possuhe hoje redondamente o nosso Convento de Azeitaõ; porque vieraõ a fazer cessaõ della em nossos dias os Padres do Matto, em mãos da Raynha Dona Catherina mulher d'elRey Dom Joaõ Terceiro; a quem pertencia, como senhora que era do lugar. Pareceolhes pesado o foro, encamparaõ a propriedade. Aceitou a Raynha, porque era justiça, as Assenhas: mas com a mesma, maõ com que as aceitou, as trespassou logo aos Frades de Azeitaõ, com encargo, e reconhecimento de huma Missa quotidiana: encargo que a primeira doadora naõ puzera na pençaõ, ou foro.

Em quanto se hia trabalhando no que era pedra, e cal, que estava à conta do Vigairo geral Frey Joaõ, naõ se descuidava do edificio espiritual o Prior da Casa Frey Martinho de Lisboa: hia, e mandava os seus Frades pollas Aldeas vezinhas a doutrinar, e ensinar: e faziase muito serviço a Nosso Senhor; porque naõ havia menos matto nas almas, que na sua serra. Passavaõ tambem às Villas de Setuval, e Sezimbra: onde, despois de darem o pasto sancto da prégaçaõ Evangelica, se ajudavaõ tambem, como pobres de alforge, e brádo, pedindo pollas portas, como entaõ se uzava, o remedio de sustentaçaõ quotidiana, conforme ao dito de Christo Nosso Salvador. *Dignus est operarius mercede sua*: rezaõ he, que se pague seu jornal a quem trabalha. Mas eraõ moradores antigos em Setuval os Padres Menores: e como a Villa naõ estava taõ povoada, como agora, queixaraõse de quererem os nossos doutrinar onde só elles bastavaõ: e pedindo esmollas, tiraremlhes parte do paõ, que haviaõ mister, e por boa conta era seu. He triste cousa contendas entre irmãos; porque igualmente deve doer o vencer, e o ser vencido, se se lançaõ boas contas. Acudio elRey a pacificar como Pay, e fez a composiçaõ, que parece pollo Alvará seguinte, que originalmente tresladamos pera memoria de sua grande bondade, e religiaõ.

Matth. 10.

NO's ElRey fazemos ſaber a quantos eſte Alvará virem, que ouvemos informaçaõ, como entre os Religioſos, Frades Menores de S. Franciſco da Villa de Setuval, e os Frades Prégadores da Ordem de S. Domingos do Moſteiro de Sancta Maria da Piedade de Azeitaõ, era eſcandalo a cerca das eſmollas, e prégaçoens, que pediaõ, e faziaõ em Setuval. E por a eſto pormos algum modo; mandamos chamar Frey Mendo por parte dos Frades de S. Franciſco, e Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ Confeſſor da Raynha minha mulher por parte dos Frades Prègadores; e em nome, e peſſoa de todolos outros. E ſobre ello determinamos a cerca das eſmollas, que os Frades de S. Franciſco poſſaõ pedir eſmollas no dito lugar ao Domingo, e à ſeſta feira, e os Frades Prégadores poſſaõ demandar eſmolla ao ſabbado, e o outro dia da ſemana, que naõ ſeja Domingo, nem ſeſta feira: e mandamos em feito das prégaçoens, que as Domingas, e feſtas ſolemnes, que ſegundo a devaçaõ do povo, e coſtume ſoem prégar no dito lugar, que os Frades Menores, e Prégadores, ordenem entre ſy, que huns préguem huma Dominga, e outros outra: e aſſi meſmo das feſtas. E que ſe outros Domingos, e ſanctos fóra da ordenaçaõ quizerem prégar gracioſamente, e virem juntamente pera prégar dous Frades dos ditos Moſteiros, que hum Frade prégue em huma Igreja, e outro em outra. E porém mandamos a quaiſquer que eſto pertencer, que ſobrello nom ponhaõ nenhum outro embargo, e que os ditos Frades nom empachem huns aos outros, e cumpraõ o que aſſi por nós he determinado, e ordenado, por azo de tirarmos dantre elles eſcandalo a cerca das ditas eſmollas, e prégaçoens. Feito em Lisboa nove dias de Agoſto: Diogo Lopes o fez, Anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1437.

CAPI-

CAPITULO IV.

Compoem elRey outra differença entre os Frades, e huns vezinhos. Dasse conta do trabalho, que ouve no Convento até se pôr em pe feição.

LOgo apoz esta differença accommodou elRey outra em caso assaz importante pera os Frades. He de saber que a quinta, e casas, que Estevaõ Esteves deu pera o Convento, haviaõ sido longos annos possuidas com outro assento de casas, e pumares, por hum só dono, que foy hum Lourenço Dinis. Por maneira, que em tempos atraz eraõ ambas as quintas huma só cousa, e hum só corpo de aposento, casa, e fazenda. Vindo a fallecer Lourenço Dinis sem filhos, partiose a herança de por meyo entre elle, e sua mulher Catherina Mattheus, levando cada parte quinhaõ igual, assi nas casas, como em toda a mais fazenda. Partido tudo igualmente, ouve Estevaõ Esteves por compra tudo o que tocava a Catherina Mattheus, e assi o largou aos Frades. O defuncto deixou o seu quinhaõ vinculado em Capella, e carregado de obrigaçoens a hum herdeiro, que o ficou lograndо, e vivendo nelle; e polla mesma rezaõ naõ havia entre elle, e os Frades mayor divisaõ, que a de huma parede: o que era causa de grande disgosto pera os Religiosos, grande inconveniente pera a honestidade da Religiaõ; porque como casa de secular, havia mulheres, filhas, e criadas, que polla estreiteza da vezinhança, sempre se viaõ, ou ouviaõ: e ainda que a gente era virtuosa, e honrada, naõ parecia dessente tanta domestiqueza pera quem deixara o mundo, e buscara a serra por Ermo, e deserto. Propozse o caso a elRey pollo Prior, pedindolhe remedio: como se tratava de prejuizo de terceiro, naõ se deu elRey por satisfeito sem vista de olhos. Foy, e levou consigo os Infantes seus irmãos. Achando a informaçaõ verdadeira, mandou ao Infante Dom Joaõ, que era Mestre de Sanctiago, chamasse os herdeiros de Lourenço Dinis, e lhes comprasse as casas, e mais fazenda, que por alli tivessem, pera que os Frades ficassem desabafados, e livres. Naõ tinhaõ os homens gosto de vender, e a fazenda valia mais com hum Mosteiro à porta: allegaraõ em sua defeza o ponto da Capella, e obrigaçoens Ecclesiasticas. Mas por aqui perderaõ a causa: porque elRey mandou, que se lhe tomasse conta dellas com applicaçaõ logo declarada do que devessem pera as obras do Convento: e foraõ alcançados com tamanha quantia, que isso os fez descer a bom concerto, que elRey confirmou, neste mesmo Anno de 1437. ficando os Frades senhores da fazenda, e izentos da sujeiçaõ.

1437.

Mas o tempo, sempre author de novidades naõ cuidadas, trouxe neste Anno huma repentina, que foy causa, e principio de muitas outras, alterando o Reyno todo, e fazendo grande dano ao pobre Mosteirinho, que hia nascendo. Falleceo elRey apressadamente, ficaraõ filhos mininos, recresceraõ duvidas sobre a tutoria delles, e Regimento do Reyno. Procedeo dellas

lâs desgostarse a Raynha, e deixar a terra, casa, e filhos. Assi vieraõ a faltar quasi em hum dia ao Convento seus dous fundadores, e pera inteiro desemparo auzentarse tambem o Mestre Frey Joaõ, que naõ póde deixar de seguir a Raynha. Sentio logo o edificio o desfavor do tempo: porque naõ só parou no que era pedra, e cal; mas comessou alguma gente de máo zelo a maltratar os Religiosos, alegre de lhes ver faltar o mimo, que tinhaõ nos Reys. Do que alguns tomaraõ occasiaõ de deixar a casa. He grande conselho de quem segue a Deos, mudar terra pera escuzar contendas. Nenhum ficara em Azeitaõ, se naõ interviera a devaçaõ, e muita charidade de Estevaõ Estevês, e sua mulher, e filhos, que consolavaõ com a prezença, e remedeavaõ com a fazenda. E foy Deos servido, que comessavaõ a estar desembaraçados das obrigaçoens, que ainda os detinhaõ no mundo: de sorte, que sendo já mais senhores do seu, do que eraõ no tempo atraz, largaraõ ao Convento algumas boas peças de fazenda, vinhas, e olivaes: e com o que lhes ficou, tornaraõ com dobrado animo a continuar na obra: e como gente já dedicada a Deos com hum novo genero de merecimento, e muito digno de se invejar acudia polla menham à obra com seus filhos, e criados, naõ só como sobrestantes, mas como jornaleiros, alegravaõse de cubrir os vestidos, e rostos daquelle pó, e caliça da casa de Deos, ver empollar as mãos, e fazer callos no serviço. Em escrito ficou, que finco annos aturaraõ este sancto trabalho: no cabo dos quais, vendo a Casa acabada de todas suas officinas, inda que de pobre fabrica polla falta dos Reys, deu comprimento à primeira determinaçaõ, bemaventurada, e salutifera determinaçaõ, pollo Ceo dada em seus principios, por elle favorecida, e ajudada nos meyos, e por elle nos fins executada. Tomou o sancto habito no Convento, seguido de dous filhos, e hum criado. Entrou Maria Lourenço sur mulher no Salvador, e duas filhas com ella. Divisaõ de poucos annos na terra pera segurar eterno, e glorioso ajuntamento no Ceo. Fizeraõ voluntariamente o que de força havia de ser em breve, ou acabando a vida à violencia de huma febre, ou cahindo per sy com a demasia, e fraqueza dos annos. Isto he ao justo o que diz o Proverbio, fazer da necessidade virtude: e com tudo temos taõ bom Deos, que o aceita por sacrificio pera o pagar a cento por hum, e com eternos pesos da gloria. Grande maravilha! Como senaõ despovoa o Mundo se cremos, se temos fé? Antes que se apartassem, enriqueceraõ este Convento com muitas peças ricas, e importantes pera aquelle tempo. Valem muito miudezas de casas grandes, qual era a sua. Ficou em lembrança, que despois de repartirem com ambos os Mosteiros a fazenda da rays, que possuhiaõ, deraõ a este huma Cruz de prata dourada de bom feitio, e hum Caliz: a Cruz de finco marcos de peso, o Caliz de hum marco: e ajuntaraõ muita roupa do serviço pera o Dormitorio, e muita louça pera recolhimento das novidades: e em fim deraõ quanto tinhaõ.

Por genero de agradecimento particularizamos tudo, esperando tambem na bondade do Senhor, que tal animo lhes deu, que na relaçaõ presente receberáõ grande gloria accidental.

ElRey Dom Duarte, segundo a devaçaõ que tinha, muito ouvera de fazer pollo Convento, se lograra mais annos de vida: tinhalhe dado muitas peças boas pera o choro, e sacristia: e como Varaõ Religioso ajuntou huma indulgencia plenissima, que alcançou da Sé Apostolica pera todos os Frades, que nelle vivessem, e morressem.

Segnio o espiritu de taõ bom Pay, elRey Dom Affonso Quinto, tanto que tomou o Setro, mostrandose com particularidade devoto desta sua Casa, em a honrar muitas vezes com sua presença, e esmollas. E entre outras lhe fez mercê de tres moyos de trigo de renda perpetua nos fornos de Palhays, e mil reis em dinheiro, que deviaõ ser pera paga dos carretos; este trigo se paga agora nas jugadas de Sanctarem.

Succedeo na mesma devaçaõ muitos annos despois hum néto d'elRey Dom Affonso, que foy o Mestre de Sanctiago Duque de Coimbra, que sendo senhor da serra, e Comarca de Azeitaõ, com singelleza, e affabilidade Real vinha muitas vezes buscar o gazalhado de huma cella entre os Frades: a qual imitando seu filho o Duque Dom Joaõ, e os mais successores, pera serem vezinhos mais continuos, e menos pesados, pediraõ terra pera fazerem humas casas de Campo. Nunca a Religiaõ perde com os que saõ Principes na Republica: porque como sua principal obrigaçaõ he fazer crescer, e adiantar a Observancia onde assistem, ficamos ganhando na vezinhança; termos Principes per juizes da vida; e por huns perpetuos amoestadores das obrigaçoens Monasticas, no concerto do Culto Divino, na reza, nas horas, na clausura; e até nas miudezas sem nome. Assi naõ se concedera a outrem o que elles ouveraõ, que foy com pequeno reconhecimento de foro, largo sitio pera casas, jardim, pumares, e bosques; e até pera hum fermoso Pinhal, que quizeraõ prantar ao modo dos que elRey tem na Villa de Almeirim. E porque tudo isto sem agoa era como perdido, partiraõ os Frades com elles as suas fontes, e tudo foy pouco em comparaçaõ do gosto com que se deu, e com que souberaõ estimar taõ honrados foreiros. Começou a fabrica em casa de Campo: e hoje he Palacio, que póde competir com os melhores de Espanha, cujo mayor lustre, como fica arrimado ao Convento, he o mesmo Convento, e huma Tribuna sobre a Igreja, defronte do Altar mór, de que o Prelado he seu porteiro, e lha manda abrir todas as vezes, que querem gozar da Igreja, e officios Divinos, como em Oratorio proprio. Pagaraõnos os passados com perpetua correspondencia de Amor. Os que de presente vivem no Anno de 1624. que isto vamos escrevendo, passaraõ a obras; deraõnos pera o habito hum dos mais queridos penhores de seu sangue, e consequintemente, porque o Prelado tratou de redificar a Casa, que amea-

ameaçava ruina; tomaraõ primeiro à sua conta huma parte, que he propria de Principes, que foy a arquitectura de toda a obra, em que entenderaõ com grande gosto; e despois se offereceraõ a fazer o edificio da Crasta, que esperamos, pois se tem obrigado, seja o melhor de todo o Convento. Bem podemos acommodar aqui o que de tantos annos atraz estava por Deos prometido à Igreja Catholica. *Erunt Reges nutritij.* Quasi dizendo: grande, e soberana honra da Religiaõ, que viráõ os Grandes, e Senhores da terra a uzar com ella dos mimos, e amores, que faz huma ama a hum minino de peito trazello nos braços, criallo, e amallo com affecto de mãy; e a verdade he, que os Reys, que assi respeitaraõ a Igreja, e seu serviço, foraõ os que mayores prosperidades contaraõ na vida, mayores victorias ouveraõ de seus inimigos: sejaõ testemunhas nos tempos muito antigos hum Constantino Primeiro, e hum Carlo Magno: nos mais chegados a nós hum Rey Dom Manoel de Portugal, e hum Dom Felippe Segundo em Espanha.

Isai 47.

Ficaraõ feitos de obra nova dous membros principais do Convento: o corpo da Igreja na capacidade antiga, que naõ he grande, porque foy forçado acommodar com o sitio, e com parte da obra velha, que estava em estado de poder servir. A que se juntaraõ humas tres Capellas novas, que faltavaõ pera correspondencia das antigas. Ficou tambem feito hum refeitorio novo, que he huma das mais ayrosas officinas, que temos na Provincia, e bem de estimar, se naõ excedera a proporçaõ dos mais membros da Casa. O choro, e Capella mór, he fabrica moderna, e muito boa, degraos, e presbyterios de jaspe taõ lustroso, e fino, que na variedade do lavor natural, e fineza das cores, faz officio de requissima alcatifa. O retabolo bem obrado, a pintura de maõ insigne: e com ser tal esta Capella, inda hoje está sem dono. Na Igreja, como está em deserto, ha poucas cousas notaveis. Dom Pedro Dinis irmaõ do Duque Dom Jorge, netos ambos do Mestre, fallecendo na flor da idade, escolheo com humildade christam hum recanto que fica entre o choro, e sacristia pera sepultura, taõ estreito (que pouca terra basta pera quem vive, se nos queremos contentar, quanto mais pera quem morre) que hum paynel naõ grande de huma devotissima Senhora do pé da Cruz, toma toda a parede, e huma pequena campa rasa todo o pavimento.

Sustentaõse aqui de ordinario trinta, e sinco Religiosos, até quarenta, porque tem provimento de paõ, vinho, e azeite, que recolhem de propriedades, que lhes deixou Estevaõ Estevês, que basta pera os moradores ordinarios; e do que sobeja, e se vende acodem ao peixe, e mais gasto ordinario, que faz muita despesa, respeito da abegoaria, e administraçaõ, que sustentaõ, e fazem por sy de terras, vinhas, e olivais. Daqui nasceo, que o dia, que foy necessario pôr mãos na obra, que temos dito, com quanto se diminuiraõ bocas, passandose alguns Conventuais a outras Casas da Provincia, naõ se escu-

zou fazer venda de algumas peças de fazenda.

CAPITULO V.

De alguns Religiosos filhos deste Convento, que florecerao em virtude, e letras.

PArece que devemos primeiro lugar de filho nas qualidades propostas de virtude, e letras ao Doutor Frey Joaõ de Sancto Estevaõ, pois passandose, como temos visto, da Provincia pera a Observancia, foy principal Promotor da fundaçaõ desta Casa, e nella trabalhou todo o tempo, que elRey Dom Duarte viveo. Mas com que justiça se póde preferir nenhum filho desta Casa a Frey Estevaõ Estevés, que se entregou a ella com dous filhos, e toda sua fazenda; e o que aqui naõ cabia entregou ao Mosteiro do Salvador? Venceo a sciencia dos letrados, com saber dar a Deos huma familia inteira. Venceo todos os virtuosos com huma charidade taõ inflammada, que deu tudo sem reservar nada pera sy: logo, se lhe naõ dermos lugar de primeiro filho, naõ lho poderemos negar de Pay. Mas tornando ao Doutor Frey Joaõ, delle achamos escrito que, além de lhe deixar muitos, e bons livros, que as memorias declaraõ valerem muito dinheiro; poz tambem na sacristia tres calices de prata, e outros ornamentos negociados com sua industria, e diligencia por entre amigos, e conhecidos. E se por estes officios merece o titulo de filho, naõ merece menos por letras, e virtude, que lhe renderaõ ser estimado do Rey, e do Reyno; e alcançar a honra de Confessor da Raynha, a quem naõ desemparou, quando com pouco acertado conselho, e levada de paixaõ molheril se desterrou voluntariamente do Reyno. Tambem achamos referido deste Padre, nos pergaminhos antigos de Azeitaõ, que deu ao Convento de Bemfica outro numero de livros. Deviaõ ser de Theologia; porque as memorias lhe chamaõ livros de estudar: e certo ouro, e outras esmollas, que lhe ouve d'elRey Dom Duarte.

Com titulo de Doutor, e agraduado por Pariz, e de famoso Prégador, fazem memoria os papeis desta Casa do Padre Frey Francisco da Piedade. E assaz nos diz nisto a curteza daquella idade, contandoo entre os primeiros filhos della.

Tambem he contado entre os primeiros filhos Frey Duarte Sodre. Era nobre por geraçaõ, mas mais por virtude: succedeo fallecerem seus Pays sem outro herdeiro de muita fazenda, que tinhaõ no lugar da Amora, termo de Almada. Tal opiniaõ tinha ganhado de bom Religioso, que a Sé Apostolica lhe concedeo assistir com o habito na administraçaõ della. Ganhou com isto o Convento edificarlhe huma Capella, em que sepultou os Pays, e sobre outras esmollas lhe deu hum ornamento de brocado; e por sua morte huma copiosa herança: naõ se sabe se foy sacerdote; mas sabese, que podendo enterrarse com seus Pays na Capella, que lhes fez, naõ quiz ficar, senaõ na Crasta entre os seus Frades.

Frey Luis da Cunha dizem as Escrituras, donde vamos colhendo o que nesta lançamos, que

que sendo secular, era naõ só bem visto, mas valido d'elRey Dom Joaõ o Segundo, e irmaõ de quem actualmente era seu Camareiro mór. Muito he de estimar ser aceito a hum Rey sabio: mas no meyo desta gloria, foy tocado de celestial inspiraçaõ de desenganos, e verdades. Mostroulhe que ninguem he Rey sobre a terra, ninguem poderoso, ninguem sabio, senaõ só Deos: e que só servillo, he o que se deve prezar. Naõ tardou em deixar tudo, e buscallo neste Convento. Aqui, como tinha seguido no mundo vaidade, e soberba, fez empregos todos ao contrario, esmerandose em descer tanto por desprezo proprio, quanto noutro tempo dezejara levantarse por vamgloria. Foy hum espelho de humildade: contase, que andando elRey à caça no termo de Evora, notou, que alguns fidalgos, que o acompanhavaõ, corriaõ com alvoroço à estrada, e se apeavaõ. Era o tempo sospeitoso pera elle: porque começava a ter desgostos do procedimento do Duque de Viseu, e como era ardente de condiçaõ, naõ se contentou com menos, que chegar a ver com seus olhos, o que seria: senaõ quando acha hum Frade de S. Domingos todo empoado, e suado, que sentado no chaõ revolvia com rosto alegre de hum pobre fardel pedaços de paõ, e queijo, e confiadamente os repartia pollos que o cercavaõ, que como às rebatinhas faziaõ festa ao almorço, e a quem lho dava. Alegrouse elRey, quando conheceo, que era Frey Luis da Cunha, e como andava envolto em cuidados, disse alto: Ah Padre Frey Luis, e como he sem sospeita esse vosso alforge! Hora sejais vem vindo, ireis descançar, e vernosemos. Foy o caso, que succedendo certo negocio na Communidade de Azeitaõ, que convinha communicarse a elRey, encomendouo o Prior a Frey Luis, como a quem tinha parentes, e amigos em Palacio, e elle tomou logo o caminho Apostolicamente a pé; e se levava alforge, era pera recolher o que de caminho hia pedindo pollas portas pera sua sustentaçaõ. Sendo visto nesta postura pollos fidalgos da companhia d'elRey, e conhecido, correraõ a elle, como dissemos; porque de todos era amado: e a primeira cousa, que fizeraõ despois dos abraços, foy lançaremlhe maõ do fardel, pera verem a provisaõ, que trazia; porque a todos era notorio o rigor, e austeridade, com que procedia em sua pessoa; e estimavaõ aquelles bocados, como de maõ de Sancto.

Vivendo este Padre despois no Convento de Bemfica, visitava elRey a Casa a miude pollo gosto que levava em tratar com elle. Entrou hum dia, perguntou por elle: era tempo de vindimas. Disseraõlhe, que era hido a tirar esmolla de vinho; mas que naõ tardaria: mandou elRey, que quando viesse, naõ se lhe abrisse sem o chamarem primeiro. Na hora em que chegou acudio elRey à porta com todos os fidalgos, que o seguiaõ: e acha a Frey Luis com hum odre quasi cheyo sobre os hombros, taõ alegre, e prazenteiro, inda que cansado, que se edificou elRey, e admirou a todos. Só seu irmaõ, como poderoso,

roso, e rico ficou corrido, e disse algumas palavras pesadas contra elle, queixandose de se querer abater tanto, e com tanta publicidade, havendo na Ordem outros generos de merecer, e humilhar. Contase do bom Padre, que com os olhos no chaõ, e paz de Sancto lhe respondeo assi: Pois, eu meu irmaõ, prezo mais a mercê, que me Deos fez em me chegar a poder servir assi humilmente taõ sancta gente, como nesta Casa mora, do que vós podeis estimar os faustos, e grandezas, que lograis. Foy isto hum genero de demanda com seu libello, e contrariedade. Faltava sentença: quiz elRey dalla; e deua logo de palavra, e obra, dizendo pera o Frade: Padre Frey Luis, sabeis que obra he esta, que quero eu, que partais comigo do merecimento della. Chegouse logo a elle, poz as mãos Reays no odre, e foyo ajudando até as portas da adega. Dito, e feito, bem merecedor, que entre os mais celebres de sua Historia fora pollos Chronistas apontado. Honrou a Religiaõ, castigou a vaidade. Achamos este successo em hum livro de pergaminho muito velho no Convento de Bemfica, que trata de suas antiguidades.

Destes, e de outros casos, que a nós naõ chegaraõ, nascia estar em grande reputaçaõ a vida, que se fazia nas Casas reformadas. E a de Azeitaõ, ou por mais moderna (que sempre a novidade obriga muito) ou porque na verdade andava mais apontada no rigor, tinha tanto lugar diante do mesmo Rey Dom Joaõ Segundo, se practicava em materias de Religiaõ, dava notaveis louvores aos Padres, que nella viviaõ. E hum dia foy tanto o encarecimento com que se alargou, referindo particularidades, que delles sabia (que por ventura se as hoje souberamos, nos foraõ materia de copiosa escritura) que deu occasiaõ a hum successo poucas vezes acontecido, e de muita honra pera este Convento: e foy assi. Acharaõse a caso presentes a esta practica, entre outros, tres moços da Camara, moços de bom sangue, e bom entendimento; e por isso favorecidos d'elRey. Penetroulhes os coraçoens o que ouviraõ: fez força o testemunho taõ callificado: que este bem tem as conversaçoens sanctas, e mais, se saõ dos Grandes. Juntaraõse sahindo pera fóra (parece, que eraõ amigos) conferiaõ entre sy o que se tratara, acharaõse todos tres abrasados do mesmo fogo, que já era fogo do Espiritu Sancto: porque a obra era toda sua; pera bem delles, tomando Deos por Orgaõ, e instrumento a boca d'elRey. Alli logo se deraõ as mãos de buscar a Deos assi juntos, como estavaõ; e porque nas determinaçoens sanctas naõ ha dilaçaõ sem perigo, assentaraõ, que fosse no mesmo dia, e na mesma Casa d'elRey taõ gabada. Em outro tempo ouvio hum Antaõ Alexandino cantar na Igreja hum Evangelho, que quem quizesse ser perfeito vendesse a fazenda, désse o preço aos pobres, e seguisse desembaraçado a Christo. Era Evangelho, eraõ palavras de Christo: que maravilha, se fizeraõ grande effeito? Mais parece, que devemos a estes tres. Tanto se affervoraraõ no fervor alheyo, e na relaçaõ delle, que deixando tudo, naõ esperaraõ

mais,

mais, que a maré pera se embarcarem. Vaõse à praya. Tardava em se despachar a barca da passagem de Couna; os momentos lhes pareciaõ annos. Julgou hum delles, que teria horas pera haviar certo negocio, que deixara indeciso, toma licença, prometendo naõ tardar. Entre tanto faz o barqueiro sinal de partida. Naõ quizeraõ os dous perder a occasiaõ, inda que faltava o companheiro. Embarcaõse, vaõ a Azeitaõ; e vestiraõ na mesma noite o sancto habito, hum com nome de Frey Jorge Vogado, outro de Frey Mendo de Estremoz. De ambos faremos aqui, e ao diante larga mençaõ; porque ambos foraõ homens de muita conta na Ordem. Naõ he pera esquecer o sentimento, e fineza do companheiro, tornando à praya, e vendose sem remedio de poder seguir no mesmo dia os que hiaõ diante, determinou alcançallos por outra via. Da praya donde estava, seguindo com estremos de sentimento a barca, que fogia ajudada do vento, e maré: caminhou pera S. Francisco, pedio, e recebeo o habito. E se bem faltou na hida de Azeitaõ, naõ faltou, nem foy vencido na parte principal do concerto, que era buscar a Deos, e naõ passar daquelle dia. Assi foy despois eminente pessoa naquella Religiaõ.

CAPITULO VI.

Dos Padres Frey Jorge Vogado, Frey Mendo de Estremoz, e Frey Lourenço da Cruz, e Frey Joaõ Pinheiro.

OS Padres Frey Jorge Vogado, e Frey Mendo de Estremoz, assi como vieraõ à Religiaõ por meyo taõ extraordinario, como temos contado, assi passaraõ muito adiante nella, e subiraõ a tudo o que podia dar a Congregaçaõ da Observancia, e a Provincia. Frey Jorge estudou formalmente, foy Mestre em Theologia, e abalizado Prégador. Despois de Prior em muitos Conventos, foy Vigairo dos Observantes, e logo Confessor d'elRey Dom Manoel, e duas vezes Provincial de toda a Provincia unida. Da primeira, que este cargo servio, succedeo ao Padre Frey Joaõ de Braga, que foy o primeiro eleyto, quando cessou a Vigairia dos Conventos reformados, como atraz fica contado; e ao diante se dirá mais largamente. Servindo este cargo, recebeo a Provincia o Mosteiro de Freiras da Annunciada de Lisboa; e acompanhou a elRey Dom Manoel em sua morte, como seu Confessor que era. Assistindo juntamente o Bispo de Evora Dom Affonso, e o de Lamego Dom Fernando de Vasconcellos Capellaõ mór. Acabado seu quadriennio de Provincial, foy eleyto Prior de Lisboa: e neste Priorado teve a boa ventura de receber ao habito dous sujeitos, que muito o honraraõ. Hum Frey Bertholameu dos Martyres, que veyo a ser Arcebispo de

Damiaõ de Goes Chr. d'el Rey D. Manoel p. 4. c. 83.

de Braga, e Primás das Espanhas; o outro Frey Jorge de Lemos Bispo do Funchal na Ilha da Madeira. E se outra cousa naõ tiveramos, que dizer do Padre Jorge Vogado, senaõ esta ultima, assaz merecedor ficava com ella deste lugar. Mas era havido em todo o Reyno por pessoa taõ grave, e digno de toda honra, que querendo el-Rey Dom Joaõ Terceiro mandar visitar a Duqueza de Saboya sua irmam, anojada polla morte de hum filho que muito amava, foy elle o escolhido pera esta jornada: levou consigo por companheiro o Padre Frey Pedro Lobato Suprior de Lisboa; e partiraõ por fim do Anno de 1536. Consolouse muito a Infante com sua vista, como de pessoa, que por religiaõ, e letras muito conhecia, e respeitava: e na despedida mandouo cheyo de honras, e mercês.

1536.

O Padre Frey Mendo de Estremoz correo quasi os mesmos passos nas dignidades da Ordem, que seu companheiro Frey Jorge Vogado. Governou o Convento de que era filho, e o de Bemfica, e foy Vigairo geral da Observancia, e ultimamente sendo Confessor do Senhor Dom Jorge Mestre de Sanctiago, e Prior de Lisboa, celebrandose Capitulo de eleyçaõ na mesma casa no Anno de 1538. foy eleyto Provincial do primeiro Banco, com applauso, e alegria nunca vista de toda a Provincia: prometendose todos de sua virtude, prudencia, e inteireza grandes cousas. E estimouse mais, porque era entrado, e estava presente o grande Mestre Frey Jeronymo de Padilha, com authoridade de Vigairo geral do Reverendissimo, e Visitador, e Reformador, como adiante se dirá mais largamente em seu lugar. E sem embargo de sua presença, e de haver contradiçaõ de parte dos Ministros Reays, foy confirmado pollo Geral, e começou a exercitar seu cargo com taõ grande authoridade, que logo no diffinitorio penitenciou ao Provincial seu antecessor Frey Amador Henriques por froxo em seu governo, como adiante veremos em seu proprio lugar. Mas naõ acabou seu tempo Frey Mendo; porque elRey Dom Joaõ Terceiro, como tinha por necessario, pera introduzir huma reformaçaõ geral, que dezejava, governarse a Provincia alguns annos por Prelados estrangeiros, e forasteiros, mandou negocear no Capitulo geral celebrado em Roma no Anno seguinte de 1539. que fosse deposto sem haver contra elle outra rezaõ.

1538.

1539.

Frey Lourenço da Cruz foy Prior neste Convento, e Confessor da Duqueza Dona Brites mulher do Mestre de Sanctiago. Era sua virtude taõ notoria, que hum lavrador vezinho do Convento, fallecendolhe hum filhinho, que muito amava, na hora, que acabou de espirar, o tomou nos braços, e se foy com elle a Frey Lourenço, que era Prior, em hora, que o estava visitando Dom Luis de Lencastre filho do Mestre; e desfazendose em lagrimas, pedialhe, que ouvesse piedade daquella criaturinha, e de seu pay, e mãy, que naõ tinhaõ outro bem, que lha desse viva, pera que todos vivessem. Estranhoulhe o Frade o requerimento, dizendo com humildade, que quem era elle pera se lhe fallar tal cousa, pobre

bre Frade, e grande peccador. Naõ baſtava nada pera o affligido Pay: inſtava, e pedia remedio com grande fé, e foy tal elle, que fazendo o Prior huma breve Oraçaõ pollo conſolar, e lançando a bençaõ ſobre o defuncto, no meſmo ponto tornou da morte à vida: e vivo o levou com grande alegria, quem o trouxera morto. Ficou Dom Luis cheyo de eſpanto, dando com o Prior graças a Deos: e elle foy o que publicou a maravilha, contandoa por honra do Senhor muitas vezes. E ſeu filho Dom Luis Comendador mór de Aviz, affirmava, que lha ouvira referir muitas vezes: e pera nos conſtar com a certeza, que a eſtes eſcritos convem; nos mandou dar diſſo huma certidaõ de ſua maõ aſſinada.

O Meſtre Frey Joaõ Pinheiro tomou o habito em Toloſa de França, eſtudou em Pariz até ſe agraduar de Doutor, e foy com tanta fama de grande habilidade, que obrigado della elRey Dom Joaõ Terceiro, o mandou chamar pera Cathedractico de Veſpera de Theologia, em Coimbra, onde comeſſava a aſſentar huma florida Univerſidade de todas as letras. Vindo ao Reyno, como ſabia da pontualidade de Obſervancia, com que ſe vivia neſte Convento, perfilhouſe nelle. Illuſtrava eſte Padre a mayor ſciencia com huma eſtranha perfeiçaõ, que tinha na lingoa latina, fallandoa, e eſcrevendoa com tanta eloquencia, que em Coimbra era chamado Pay della, de todos os que mais nome tinhaõ nas letras humanas, como ſe perfilhou por Caſa, em que florecia reformaçaõ, fazia tal vida, que naõ deſdizia em nada della. Era riguroſo na guarda della, e da Regra, e nos jejuns da Ordem taõ pontual, que naõ ſó naõ perdia nenhum, mas ajuntava muitos de paõ, e agoa. E eſpantava iſto mais, porque era homem grande, e envolto em carnes, e neceſſitado por eſta rezaõ, e polla do eſtudo, de paſto aventajado. Contavaõ os que o tratavaõ com familiaridade, que lhe acontecia comer com ſeu pay, que era nobre, e afazendado, e entre muitos convidados, e tomar à ſua conta o officio de Trinchante; e cortando galinhas, e capoens, e outras carnes, proceder com tanta diſſimulaçaõ, que no meyo dellas fazia perfeito jejum: ficando os aſſiſtentes perſuadidos, que os acompanhava em comer de tudo. Na convocaçaõ geral do ſancto Concilio Tridentino, quando a ultima vez ſe abrio, foy por Theologo d'elRey Dom Sebaſtiaõ. Pareceolhe tocar primeiro Roma, pera dar conta ao Summo Pontifice, das rezoens que ſeu tyo Dom Gonçalo Pinheiro Biſpo de Viſeu tinha, pera ſenaõ achar naquella ſancta juncta, e mandallo a elle por ſeu procurador: que eraõ carga de annos, e infirmidades. De caminho quiz ver Bolonha, e com devaçaõ de bom filho viſitar as reliquias do noſſo Sancto Patriarca. Chegou doente a Roma, e em breves dias, paſſou à melhor vida. Eſcolheo ſepultura no noſſo Convento da Minerva, fóra da Igreja, aos pés do Cardeal Cayetano, onde os amigos lhe puzeraõ ſua campa, e letra por memoria. Edificou, e admirou juntamente aos que ſe acharaõ a ſeu tranſito, a recamara de hum Catredatico de Uni-

Universidade insigne sobrinho, e procurador de hum Bispo honrado, e naõ pobre. Era huma estreita maleta, em que naõ havia mais, que tres tunicas de lam, dous cilicios, e dous ramais de disciplinas, que mostravaõ no trato, naõ andarem ociosos com seu dono.

CAPITULO VII.

De outros Religiosos filhos desta Casa, que a hourâraõ com virtuosos trabalhos: parte defunctos, e parte, que vivem de presente.

De quatro animosos peregrinos, que trocaraõ a frescura desta serra, com os medos, e perigos do mar, embarcandose pera a India, sem outro fim mais, que merecer a Deos, e servir a Ordem, que os criou: digamos agora, e seja o primeiro o Padre Fr. Antonio de Sancta Catherina, em quem pera que escuzemos longa narraçaõ, louvaremos só a pedra fundamental de todas as virtudes, que he a humildade, taõ conhecido vivia do seu nada, que só chegou este conhecimento a fazer extremos, e finezas naõ vistas, nem cuidadas. Tinha estudado bem, e trabalhado em serviço da Religiaõ annos, que pareceo aos Padres mayores, e Prelados, que cabia nelle com justiça a honra de Prégador geral, que naõ pedia muito milhor, que em muitos, que ambiciosamente a pretendiaõ. Nomearaõno nella excluidos todos os mais, quando o soube assi se affrontou com o favor, como o pudera fazer outrem com huma injuria. Considerava as partes, que as Constituiçoens querem, que concorraõ nos chamados a semelhante lugar. Tal se julgava, que nenhuma sentia em sy: e com espanto de toda a Provincia refusou a dignidade, que se affirma lhe foy por muitas vezes offerecida. Quem a sy se furtava as honras, certo estava, que naõ buscaria escusas pera os trabalhos. Estavaõ as Náos da India de vergas dalto, e taõ a pique de partirem, que naõ tardaraõ dous dias. Dezejavase huma pessoa notavel por virtude, e boas qualidades, pera acompanhar com credito huns Frades mancebos, que hiaõ: manifestoulhe o Provincial esta vontade, mostrando, que taõ bem era necessidade. Foy novo o termo da reposta, e da aceitaçaõ de huma jornada, que aos mais esforçados faz temer, e tremer. Como se de muitos mezes estivera admoestado do Prelado, e resoluto comsigo, naõ fez mais, que pedirlhe a bençaõ, tomar a capa, e sombreiro, e breviario, e embarcar. Foy liçaõ espantosa de verdadeira obediencia, ir depressa, ir sem cuidar, ir sem fazer alforje, sem pedir nada, e sem querer nada; e em fim sem dizer huma só palavra; como se tivera a vontade na maõ do Prelado; e de seu naõ tivera boca. Responderaõ a tais principios os meyos, e fins da jornada. Esteve na India alguns annos, aceitou ser Mestre de noviços em Goa, e criou muitos com singular doutrina: em fim aborrecido das dilicias Orientais, tornou pera o Reyno: e foy certo, e averiguado por toda a Provincia, que trouxe o mesmo habito, e chapeo, com que em Lisboa se embarcou: sem total-

totalmente trazer nenhum genero de peça, nem curiosidade Oriental. Soberana, e verdadeiramente christam temperança, pera envergonhar a faustosa Gentilidade nos seus Curios, e Fabricios, de que tanto se jacta. Quatro, ou sinco vezes foy occupado em Prioratos, que governou com grande espiritu: como pera sy naõ queria nada, luzia na Communidade seu cuidado. No Porto onde foy duas vezes Prelado fez a Quinta, que he o remedio, e recreaçaõ daquelles Padres. Em Sanctarem prantou hum grande pumar no Convento. Em Azeitaõ trouxe a agoa, e fez a fonte do Convento, obra custosa, e importante. Era velho, e por muito serviço jubilado. Pediraõlhe, que fosse Mestre de Noviços em Lisboa, naõ se soube negar a humildade ao serviço, nem a velhice ao trabalho, que ha mister forças, e robusteza. Em fim veyo a fallecer cheyo de dias, recebidos todos os Sacramentos, nos braços da mãy que o criara, que he toda a felicidade de hum Religioso: e successo, que hum Antigo estimava, tendo por ditoso aquelle a quem acontece nascer, criarse, e envelhecer na mesma Casa.

Vna domus puerum, quem videt ipsa senem.

Foy segundo dos quatro o Padre Frey Jeronymo das Chagas, que nesta Casa professou em primeiro de Abril de 1572. e acabado seu estudo se embarcou pera a India.

Apoz elle se embarcou o Padre Frey Pedro Usus Maris, ou Uzadamar, que adiante, quando tratarmos da Congregaçaõ da India, acharemos morto às mãos de Mouros Malabares. Tinha servido de Prior em algumas Casas com nome de Prelado zeloso. Navegava de Chaul, pera Goa, e naõ falta quem diga, que hia chamado, e eleyto Vigairo geral da Congregaçaõ. A embarcaçaõ fraca, e mal provida de defensores, deu ousadia aos inimigos pera o cometerem, e a rayva Mahometica pera fazerem o Religioso em postas.

O ultimo, que se chamou Fr. Antonio Liaõ, era dotado de taõ boas partes, de virtude, letras, e pulpito, que foy julgado por digno do cargo de Vigairo geral da Congregaçaõ. Nomeado nelle se embarcou em Lisboa, e chegou com boa viagem a Goa: mas naõ lhe succedeo assi no cargo, adoeceo a cabo de quatro mezes, e falleceo da doença.

Filho mais antigo, que os tres ultimos, era desta Casa o Padre Frey Luis Cacegas, a cujo nome, e trabalho se deve a parte mais substancial da presente escritura, e de outros dous volumes, que já temos dado na luz da impressaõ. Hum da vida do Primás Dom Frey Bertholameu dos Martyres, que imprimimos em Viana de entre Douro, e Minho, no Anno de 1619. e foy taõ bem visto pollos merecimentos do Sancto, que dentro de seis annos, se gastou a impressaõ, e he dezejada segunda. Outro, que he a primeira Parte desta Chronica, foy impresso em Lisboa, por fim do Anno

1619.

1623. no de 1623. em ambos abrimos as portas da obra com o nome deste Prdre, dandolhe o primeiro lugar nella; porque na verdade se lhe deve. Andou perto de vinte annos polla Provincia investigando antiguidades dos Conventos, pera esta Historia, e pera a vida do Primás fallou, e tratou com curiosidade muitos criados, e outros familiares seus, que entaõ viviaõ. Foy este seu trabalho meyo pera nos deixar junta a mayor parte da informaçaõ do que vamos historiando; e serviraõme os seus caminhos, pera eu poder escrever assentado, quieto, e escondido no canto da Cella. Em outras partes temos apontado, que nos deu materia, pera bom edificio, naõ edificio feito. E daqui nasceo mandarme a Ordem, que fosse eu o Architecto em lhe dar a traça, e o alvener em o levantar; e pollo mesmo caso, ouve quem affirmava, e com exemplos provava, que naõ estamos obrigados a lhe dar nome de companheiro. Pareceome tentaçaõ, ou adulaçaõ: naõ me deixei vencer, lembrandome, que se elle naõ fora primeiro no merecimento de trabalhar, naõ pudera eu ser segundo no de escrever: porque a idade crescida em que buscamos a Religiaõ, se bem nos deixou entender com esta fabrica, de todo impossibilitava o desassossego dos caminhos, e o mendigar das informaçoens.

Ao Padre Frey Luis Cacegas deve logo a Religiaõ o que elle fez; e o que eu fiz, e por grande benemerito della merece dobrado louvor, e memoria, entre os filhos desta Casa. Mas o que mais faz ao caso he, que sempre possuhio nome de essencial Religioso, como noutra parte apontamos, muito amigo dos livros, e de ter muitos, e muito bons: no Anno de 1571. foy a hum Capitulo geral por companheiro do Mestre Frey Nicolao Dias; onde espantou os Estrangeiros, com passar veraõ, e inverno sem nunca beber vinho. E o que mais he, que estendendo a vida por sima dos setenta annos, e vivendo os ultimos no Convento de Bemfica, onde por rezaõ da Recolleta se comia, e come peixe continuo, naõ bastou nada, pera lhe trocar o costume: no Anno de 1580. assistio no Convento de Lisboa por Suprior, e Vigairo in capite. Despois que se deu à occupaçaõ de escrever, foy nella taõ continuo, que a naõ deixou senaõ com a morte, que o levou despois de alguns mezes de doença no Anno de 1610. 1571. 1610.

Por Varoens illustres, e filhos bons, que com seus trabalhos, letras, e merecimentos souberaõ honrar esta Casa, e mãy sua, juntemos os nomes de tres, que hoje vivem, e polla mesma rezaõ ficamos obrigados a silencio no mais, que delles puderamos dizer. He hum Dom Frey Joaõ da Piedade Bispo da Cidade de Dachao, e da China, que agora está neste Reyno, renunciada a dignidade, por rezaõ de graves indisposiçoens, despois de ter assistido alguns annos em sua Diocesi. Outro he o Mestre Frey Jeronymo da Paixaõ, que no Anno de 1624. que isto escreviamos, he Vigairo geral da Congregaçaõ da India. He o ultimo o Mestre Frey Antonio da Resurreiçaõ, Catredatico de Prima de Theologia na Uni- 1624.

Universidade de Coimbra, e Bispo de Angra.

CAPITULO VIII.

Fundaçaõ do Mosteiro de Freiras de Jesu de Aveiro.

QUasi pollos mesmos passos, e com os mesmos successos, que deixamos fundado o Convento de Nossa Senhora da Piedade de Azeitaõ; entra o de Jesu de Aveiro, e sem mais differença, que ser este de Freiras, e o outro de Frades. Assi como o Fundador de Azeitaõ deu sitio, quinta, e renda pera a sua Casa: da mesma maneira entra a Fundadora de Aveiro, dando terra, fazenda, e bons rendimentos, como vimos na Serra hum pay de familias honrado ajudar corporalmente a obra. Assi veremos na Villa huma nobre Matrona, naõ perdoar a nenhum trabalho de suas proprias mãos por levantar a casa de Deos. Lá tomou o Fundador o habito com dous filhos, cá veremos recolherse, e professar a Fundadora, e duas filhas juntamente com ella. Mas será acertado pera fundamento da Historia tomarmoslhe os principios hum pouco atraz. Governando estes Reynos na menor idade d'elRey D. Affonso Quinto, o Infante Dom Pedro seu tyo, de quem senaõ póde fallar nunca sem proemios, e saudades de hum perfeito Governador, criavase em casa da Infante Dona Isabel sua mulher huma minina muito nobre por nome Brites Leytoa (naõ nos deixaraõ os Antigos mais noticia de suas cousas) que naquelles annos tenros, tinha hum jeito taõ grave, e assentado, que a todos os que a viaõ prometia muito de sy pera o diante: e aos Infantes obrigava a lhe quererem mais, sobre o que por seu sangue, e por servir ao seu baso merecia. Servia no mesmo tempo ao Infante hum fidalgo mancebo (chamavase Diogo de Atayde, sobrinho do Conde da Atouguia, e do Prior do Crato Dom Joaõ Gonsalves de Atayde) eralhe elle muito aceito, porque além de ter dado mostras de valente na guerra, e sizudo na paz; sabia das letras humanas, e das lingoas, Latina, Italiana, e Francesa, quanto bastava pera dar lustre a hum sujeito muito nobre. Havia o Infante, que tinha nelle pera Brites Leytoa consorte, e parelha igual: quando lhe pareceo tempo, tratou da materia, despachouo com elRey: e ainda que ella naõ tinha idade bastante pera tomar sua casa, fez o casamento, ficando ambos, como dantes no serviço, e casa da Infante. Neste estado, eis que succede hum dia faltar no Paço Diogo de Atayde: ouvese por novidade. Mandado buscar em casa naõ foy achado: buscado polla Cidade naõ parecia; nem por casa de parentes, e amigos havia quem delle desse nova. Causou sua ausencia espanto em todos os que o conheciaõ, desgosto em seus tyos, cuidado no Infante. Até que hum dia se soube, cousa, que mais admirou: e foy, que estava no Convento de Bemfica com o habito de S. Domingos vestido, e taõ contente do estado, que parecia, naõ haveria força, que lho fizesse trocar. Acudiraõ os tyos, vieraõ amigos, fizeraõlhe praticas, naõ aproveitava nada.

Em

Em fim valeraõse da força, e do poder do Infante, que mandava tudo. Notificouse logo aos Frades em nome d'elRey, que lhe despissem logo o habito, e o lançassem do Mosteiro, visto ser casado. Repostas havia, e boa defeza em direito pera em caso, como este era de matrimonio naõ consumado. Mas contra mandado Real, e força de validos, naõ basta rezaõ, nem as leys tem authoridade com magoa da Communidade, e dôr do Noviço, que fazia extremos de sentimento, despedindose com muitas lagrimas do habito, beijandoo muitas vezes, e pondoo sobre os olhos, e coraçaõ: em fim se tornou aos seus. Naõ tardaraõ elles em o prender logo com lhe darem casa, e lhe entregarem a mulher: e o Infante pollo mais obrigar deulhe cargo de Guarda mór da Infante, com quem ficaraõ vivendo em largueza, e com authoridade. Passaraõ annos: tiveraõ duas filhas, e despois dous filhos. Acabou o Infante desestradamente, perseguido d'elRey moço, e dos que andavaõ junto delle feitos senhores de sua vontade, e conselhos. Durou pouco a Infante sua mulher, consumida de desgostos, pagas, que o mundo dá a quem milhor o serve. Convidava elRey a Diogo de Atayde pera seu serviço, como sabia de suas partes: mas elle desenganado das miserias da vida em successos alheyos taõ tristes, e tragicos, como foraõ os deste Principe, determinou fugir da Corte, e entregarse todo a hum só cuidado, de criar seus filhos, e salvar sua alma em vida solitaria. Ajudavao muito achar em sua mulher Brites Leytoa animo, companhia, e conselho de annos maduros, e grande conformidade com elle em tudo. Era senhor de huma boa fazenda, a duas legoas de Aveiro: chamaõlhe Oucca. Aqui esconˀdidos, ou antes enterrados, começaraõ a fazer vida heremitica, cultivando as almas com oraçoens, e jejuns, a que juntavaõ huma continua hospedagem de pobres, e peregrinos, que faziaõ com gosto; como outro Abrahaõ, e Sara. Elle grangeava a quinta por suas proprias mãos, dandose a prantar vinhas, e olivaes, por fugir à ociosidade. Ella trabalhava de suas portas a dentro governando a familia com grande cuidado. No meyo desta vida sancta, e de verdadeira Religiaõ, inda que sem habito, nem regra Monachal, chamou Deos pera sy a Diogo de Atayde. Era pollos annos de 1453. quando falleceo, está enterrado em Leyria no Mosteiro de S. Francisco: ficou Brites Leytoa com quatro filhos, mas taõ moça, que naõ tinha mais, que vinte, e sete annos: como era havida por rica de fazenda, e muito mais de virtude; o primeiro trabalho em que se vio, antes de enxutas as lagrimas, que devia a hum marido sancto, foy ser importunada por aceitar outro. Até a Raynha, que della sabia mais, tratava do mesmo, e lhe tomou logo a filha mais velha pera Dama, com ser muito minina, pera que mais desembaraçadamente pudesse entrar em novo estado. Mas eraõ muy differentes os cuidados da Viuva; entregue toda à boa memoria do defuncto, e a naõ tratar mais, que de Deos: cerrou constantemente as orelhas a toda

da practica de casamento, e de mais mundo: e encerrada entre as paredes da sua quinta de Oucca; entendia com efficacia em cumprir o testamento do marido, e nas obras sanctas, que ambos costumavaõ; juntamente pedia a Deos com affectuosas oraçoens, lagrimas, e penitencias, lhe desse luz nalma, pera escolher hum tal genero de vida, na determinaçaõ em que estava de só a elle servir, que mais certo, e seguro fosse pera a salvaçaõ de sua alma. Pera este effeito invocava por avogada, e intercessora, e mestra sua, a Sagrada Virgem Mãy. Eraõ os dezejos da alma, a petiçaõ hum perpetuo emprego, de dias, e noites; e parecendolhe, que por seus demeritos naõ seria ouvida, buscava pessoas devotas, religiosos, e religiosas, por fama de virtude conhecidas, fazialhes largas esmollas de seus bens pera merecer, que lhas fizessem elles de suas oraçoens.

Naõ costuma o Senhor, como a todos nos quer salvos, engeitar requerimentos sanctos. Corria por quatro annos, que Brites Leytoa aturava esta vida. 1457. Era entrado o de 1457. determinou esmerarse esta quaresma nos sanctos exercicios: e pera o fazer com mais fundamento, quiz haver practica de hum religioso, por fama de virtude, letras, e pulpito, muy conhecido naquellas partes, e que no mesmo tempo era Prior do Convento de S. Domingos de Aveiro: seu nome Frey Joaõ de Guimaraens, que os pergaminhos em que esta Historia achamos escrita, chamaõ com palavras formais. Angelico Padre. Mandoulhe pedir, que a visse: veyo, confessouse com elle, deulhe larga conta de sua alma, e de seus pensamentos, e determinaçoens. Admirouse o Frade, inda que tinha ouvido muito della de quanto mais achava de valor, e espiritu, do que a fama publicava; e parecendolhe, que tinha Deos alli depositado hum thesouro de suas grandezas, pera bem de muitos: pois com annos floridos, e sangue illustre, entre liberdade, e muita riqueza sabia juntar aborrecimento do mundo, e verdadeiro amor do Ceo: tomou à sua conta ajudar a quem por sy corria com oraçoens, e bons conselhos: e proposlhe logo o que pera subir à perfeiçaõ devida, que dezejava, naõ era morada conveniente a do Campo, longe dos officios Divinos, que adoçaõ, e enlevaõ o espiritu, longe das prégaçoens, que saõ doutrina perpetua do sancto Evangelho; que pois tinha tomado por Padroeira, e Mestra de suas determinaçoens a Virgem Sagrada, o certo seria avezinhar com ella, passandose à Villa, e junto da casa onde se mandara honrar, e era servida com nome de Senhora da Misericordia: proseguio com boas rezoens, fundadas na doutrina, e exemplos dos Sanctos. Era Brites Leytoa dotada de bom entendimento, que as virtudes que seguia faziaõ milhor, e mais claro. Sentiose penetrar dellas como de vozes do Ceo: mas naõ se dando por convencida, sem mayor deliberaçaõ, pedio ao Prior, que com muito cuidado, até se tornarem a ver outra vez, encomendasse o negocio a Deos, pera que o encaminhasse a seu mayor serviço: e ella entre tanto

to faria o mesmo. Passados poucos dias resolveose em aceitar o conselho do Prior, e chamandoo de novo, pediolhe que tomasse à sua conta o trabalho de lhe escolher, e comprar sitio acommodado junto do Convento, pera edificar huma pobre Casa. Obedeceo o Prior com a singeleza daquelles tempos, e de homem sancto, levou dinheiro, e fez logo compra de hum pedaço de chaõ, que he o mesmo em que hoje vemos o Mosteiro de Jesu: taõ pegado ao nosso Convento dos Frades, que entre elle, e a nossa Igreja, naõ fica mayor distancia, que a largura de huma rua, que corre em meyo: era o lugar baixo, corriaõ a elle muitas agoas de Inverno da parte da Villa, que o faziaõ humido. Pareceo inconveniente de consideraçaõ; mas o Prior naõ desistio da compra, fazendo conta com bom juizo, que o lugar levantaria com a terra, que sahisse dos alicesses, e com a obra de pedra, e cal enxugaria qualquer humidade natural; e assi aconteceo. Comessou logo a fabrica, e naõ tardou em se acabar. Casa pequena, sobejando diligencia, e naõ faltando dinheiro, brevemente se poz em estado de agasalhar seu dono. Parece, que revelava o espiritu ao Prelado, e subditos, que edificavaõ pera a sua Ordem, e naõ pera outrem: porque com o mesmo gosto ajudavaõ a obra, já cozinhando no Convento a comida dos officiaes, já trazendolha por suas mãos: e outras vezes crescendo tanto a charidade, que naõ se contentavaõ com menos, que acarretar pedra, e cal: esteve a casa em sua perfeiçaõ no anno seguinte de 1458.

1458.

CAPITULO IX.

Descrevese a traça da nova Casa. Passaõse a ella Brites Leytoa, e suas filhas: recebe tres companheiras. Trata de fazer Mosteiro: alcança licença despois de muitas difficuldades: lança el-Rey Dom Affonso Quinto a primeira pedra.

COmo a Divina Providencia ordenava esta Casa, pera nella ser servida de grandes, e valerosos espiritus; segundo veremos ao diante, logo dispoz que fosse a fabrica por tal arte traçada, que quando esteve acabada, parecia a quantos a viaõ, e consideravaõ, hum bem entendido Mosteiro: mas humilde em architectura, e capacidade de aposentos, e muy proprio pera agasalhar gente: amadora de pobreza, e sanctidade: e que hia já em vida buscando sepultura E com tudo nesta estreiteza naõ faltava officina nenhuma de quantas se requerem em qualquer grande Mosteiro. Assi admirava, e fazia devaçaõ juntamente a quem ignorava o fim, que Deos nella tinha traçado.

Aqui se passou Brites Leytoa em 24 de Novembro de 1458. com suas filhas Dona Catherina, e Dona Maria, e com huma Dona velha, e virtuosa, despedindo, e pagando primeiro todos os mais criados, e criadas: porque a vida que determinava fazer, queria que fosse desembaraçada, e livre de todo cuidado, e ruido de gente de serviço. Mas he de notar a vida, que fazia despois, que assi se encerrou: naõ era menos, que de huma emparedada das

1458.

mais aufteras que por efta efcritura atraz temos encontrado. Portas fempre fechadas pera todo genero de gente, e trato exterior, falvo a horas de Miffa, e vefperas, e completas do noffo Covento: porque entaõ acudia com fuas filhas à Igreja: mas nella guardavaõ tal ordem, que nem entre fy, nem com nenhuma peffoa fallavaõ, mais que com feu Confeffor. Tornando a cafa, trancavaõfe de novo; e ficava fó hum eftreito poftigo aberto, por onde recebiaõ o neceffario pera a vida: que lhes trazia, e bufcava huma mulher velha, e honefta, que pera fervir das portas a fóra tinhaõ affalariada. Todo o ferviço de dentro faziaõ as quatro recluzas. A comida de todas era peixe continuo. Brites Leytoa nunca mais comeo carne: jejuava todo o Anno, naõ comendo mais, que huma vez no dia: guardava filencio, fenaõ era em cafo neceffario, e de doutrina das filhas. O feu veftido era ao caraõ da carne, hum tecido de cilicio afperiffimo, à modo de gibaõ fem mangas: fobre elle huma tuninica de burel apiloado, groffo, e forte, que de ordinario, como era muito delicada, a trazia cheya de chagas. As noites paffava inteiras no Oratorio, a mayor parte em oraçaõ, alternada com difciplinas, e muitas lagrimas, e fem conhecer outra cama, mais que o chaõ do Oratorio. A criaçaõ das filhas era coftumallas aos officios humildes, fazellas trabalhar em tudo o que podiaõ, como mininas que eraõ. Enfinavaas a ter oraçaõ, e amar a Deos: mandava, que fenaõ chamaffem irmãs, nem uzaffem de outros nomes brandos, que efpertaõ affeiçoens da terra, fenaõ os da Pia: e pera exemplo, nem ella lhes chamava filhas. A noite naõ confentia recolheremfe em feus leytos, fem terem primeiro refado o Rofario, e Coroa de Noffa Senhora: e os leytos eraõ huma cortiça cuberta com duas mantas de bruel feco, e afpero, huma que fervia de colchaõ, outra de cubertor: pera a cabeceira huma almofada embutida de lam tanto à força, que ficava como hum madeiro na dureza.

No Anno feguinte de 1459. recolheo Brites Leytoa comfigo huma moça nobre da Villa em lugar da velha, que, ou foffe naõ poder aturar a afpereza de vida, que alli via, ou faltaremlhe as forças na idade crefcida, pedio licença, e deixou a companhia. No mefmo tempo recolheo tambem huma minina de nove annos por confelho do Padre Frey Joaõ de Guimaraens: chamavaõfe Garcia Alvares a moça; Ifabel Luis a minina: ambas deraõ defpois peffoas de muita conta.

Corria o tempo, e a fama da claufura, governo, e fanctidade de Brites Leytoa, era celebre, e voava por todo o Reyno; o que era occafiaõ de lhe chegarem cada hora recados de mulheres muito nobres, e outros de differentes eftados, que lhe pediaõ lugar pera em fua companhia fervirem a Deos. Efcufavafe nos principios, lembrandolhe, que o fim daquelle recolhimento fora particular, pera falvaçaõ fua, e de fuas filhas: e que nefte cafo naõ cumpria acrefcentar companheiras; vifto como toda a multidaõ confunde, e caufa defordem: com tudo paffados

sados mais dias, ou fosse, que lhe inspirava já Deos tratar de Mosteiro: ou que a obrigasse a qualidade da pessoa, deixouse vencer de Dona Mecia Pereira, viuva tambem, e moça como ella, e irmam do Conde da Feira. Entrou esta Senhora por Mayo do Anno de 1460. com duas companheiras: ambas de muito respeito, inda que em idades differentes, huma entrada em dias, outra moça. E porque era rica, e o numero de oito pessoas, que já eraõ, requeria mais largueza da casa, poz em maõ de Brites Leytoa copia de dinheiro, com que comprou humas casas vezinhas, cercadas de hortas, e pumares.

1460.

Crescendo a companhia, naõ afrouxou em nada o rigor comessado: antes cresceo ao mesmo passo em todas as cousas: porque como se fora já huma Communidade concertada, e Mosteiro muito observante, assi na hora, que no nosso Convento soava o sino da meya noite a Matinas, era pera ellas espertador pera se levantarem todas, e até as mininas, a rezar, e tomar suas disciplinas. Dadas a Deos as horas, que parecia, entendiaõ logo no serviço de casa, sem tornar aos leytos até amanhecer. Amanhecendo caminhavaõ juntas em Communidade a ouvir Missa no nosso Convento cada dia, com o mesmo concerto, e silencio, que atraz temos dito. Aos Domingos, e dias sanctos, em que havia prégaçaõ, assistiaõ tambem a ella. Vestiaõ todas as cores de S. Domingos, sayas brancas, e mantos pretos, tudo pano vil, e grosseiro, sem differença humas das outras. E naquelles primeiros tempos, contase, que os mantos, que cubriaõ, eraõ humas mantilhas curtas, trajo, e costume de gente pobre, e humilde: tornando pera casa entendiaõ cada huma em sua costura, ou outro trabalho de mãos, até horas do meyo dia, porque de ordinario nunca comiaõ mais cedo. Na mesma havia silencio, e liçaõ de livros devotos. A colaçaõ de noite, segundo achamos escrito, naõ era mais, que beber huma pouca de agoa; que parece naõ podiaõ uzar mais rigor os antigos moradores das serras de Scythia. E com este trato se affirma, que andavaõ sãs, e alegres, e consoladas todas, e até as mininas, ajudando Deos a fraqueza natural, com soccorros celestiaes: em que Brites Leytoa era aventajada; porque a perseguia o Inimigo do genero humano com medos, e fantasmas; e quanto era mayor a perseguiçaõ, tanto com mais largueza lhe acudia o favor Divino.

Mas hyalhes mostrando o tempo, que dizia mal com o aperto, que guardavaõ das portas adentro, a liberdade, e distrahimento de sahirem duas vezes fóra de casa cada dia, inda que fosse taõ breve jornada, como a largura de huma rua. E foraõ cuidando, que com facilidade podiaõ evitar as sahidas, ordenando huma Capella dentro de casa, em que os Frades lhes fossem quotidianamente dizer Missa, recebendo por isso huma esmolla conveniente. No que ficavaõ ganhando acrescentamento de renda com pouco trabalho, vista a vezinhança: e ellas quietaçaõ, e grande commodidade. Era todavia Prior do Convento o Padre Frey Joaõ de Guimaraens:

raens : deraõlhe conta do pensamento, levantou elle os olhos, e mãos ao Ceo, dando a Deos graças, e a ellas louvores; porque via hir nascendo por sy, sem nenhum feitio humano, huma casa mais de Deos, em que tinha por certo havia de ser muy servido. Despois de lhes louvar a traça, foylhes mostrando, como aquelle termo de vida, que seguiaõ, inda que bom, e virtuoso, naõ era bem seguro pera as almas : porque onde naõ havia vinculo de Religiaõ, ficava sendo aquelle ajuntamento hum genero (foy palavra sua) de biguinaria, sujeito a perigos, já de infamia, já de erros. Por onde o que cumpria, era naõ só ter Capella dentro, como acertadamente pediaõ : mas juntar a ella obrigaçaõ de Mosteiro, e Religiaõ formada, e consagrarem a Deos corpos, e almas com solemnes votos. Foy o conselho ouvido de todas com alegria, e como vindo do Ceo aceitado : e propuzeraõ logo darlhe execuçaõ com toda a brevidade possivel. Porem he permissaõ Divina, que quasi nunca falta, terem as cousas boas, encontro, e contradiçoens neste mundo, pera merecimento, e prova da constancia de quem as procura. Que na verdade navegar com mar bonança, qualquer navio o faz : mas governar bem com força de tormenta, cortar serras de ondas, e mares cruzados, só acontece ao que he firme, e bom. Contradizia o Bispo de Coimbra, a quem pertence Aveiro, parecialhe lugar pequeno pera sustentar Mosteiro de Freiras, alem do que já tinha de Frades. Os Ministros Reays diziaõ, que era apetite de mulheres, sem fundamento, e que naõ hiria adiante. Os Clerigos da Villa faziaõ mais força, temerosos de lhes encurtarem seus benesses de enterros, suffragios, e offertas. Convinha requerer em Roma ao Summo Pontifice pera dar licença, e ao nosso Geral, e Capitulos gerais, pera ser recebido à Ordem. Tudo difficuldades, e dilaçoens, que as boas Matronas venciaõ com sofrimento; e principalmente com oraçoens, e devaçoens, que faziaõ continuas. E como guiavaõ por este caminho, nada se lhes negou. Contase de ambas, que jejuavaõ a paõ, e agoa quartas feiras, e festas, e sabbados : e de Brites Leytoa hum acto de muita edificaçaõ, que era jejuar com o mesmo rigor todos os dias, que communga va; e communga va a miude : sancto, e cortez, e generoso acto. Entre tanto dava cuidado, e naõ pequeno, em que parte da Villa edificariaõ; porque fallar em Mosteiro demandava campo, e largueza. Se se alongavaõ dos Frades, difficultavaõ o serviço, que haviaõ mister delles; se ficavaõ onde estavaõ, era o sitio apertado. Em fim tendo novas, que em Roma era concedida licença, e despachado o Breve della, resolveraõse em naõ desemparar a primeira morada, alargarem só algumas officinas, e levantarem Igreja. Foy expedido o Breve pollo Pontifice Pyo Segundo, que foy o que cannonizou a nossa Serafica Sancta Catherina de Sena. Em 16. de Mayo de 1461. deu juntamente sua licença o Reverendissimo Marcial Auribelli Mestre da Ordem pera serem recebidas à obediencia da Ordem; e lhe damos a este

1461.

a este Mosteiro o principio de sua antiguidade.

Naõ ficava que fazer mais, que levantar a Igreja: foraõ juntando materiais pera comessar a obra com o Anno novo. Nesta conjunçaõ quiz o Senhor honrar suas servas, e a casa, que havia de gozar o nome do Bemdito Jesu seu filho. Era por Janeiro do Anno de 1462. estava elRey Dom Affonso Quinto em Coimbra: alli soube da fabrica, que queriaõ comessar; parece, que foy instincto do Ceo. Determinou vella, e vellas: julgando, que o mereciaõ por seu sangue, e virtude; e pollo valor com que de novo se dispunhaõ a mayor rigor. Achouse elRey em Aveiro aos 12. do mez: visitouas com Real affabilidade: offereceolhes novas merces, e favores em geral, e hum mais particular, que era querer honrar o edificio com lhe lançar por sua maõ a primeira pedra. E succedeo virse ą fazer a ceremonia em 15. do mez; dia que toda a Corte festejava por ser o em que elRey fazia seus Annos. Assistio o Bispo de Coimbra Dom Joaõ Galvaõ, que disse a Missa em Pontifical: a qual acabada, estava prestes huma fermosa, e bem lavrada pedra, e pondolhe elRey a maõ por huma parte, e o Bispo polla outra, foy assentada no alicesse: em que elRey antes de se assentar, lançou a mayor moeda, que entaõ corria no Reyno, que era huma dobra de ouro. Ficou em memoria, que ao tempo, que elRey acabou a cerimonia, ou por mostrar satisfaçaõ do que tinha feito, ou por ventura querendo disculpar hum acto, que alguns julgariaõ por pouco Real, disse pera os que o acompanhavaõ: Possivel será, que ainda este Mosteiro venha a ter cousa minha: dito taõ profetico, que dentro de dez annos o viraõ cumprido a môr parte dos que foraõ presentes, vendo recolhida nelle a Infante Dona Joanna sua filha, que ordinariamente chamaõ os Escritores Princesa, polla rezaõ, que ao diante veremos: e aqui viveo, e morreo.

1462.

CAPITULO X.

Da diligencia com que corria a obra: dase conta de grandes estorvos, que intervieraõ até se acabar: e como a Fundadora com todas as companheiras vestiraõ o habito de noviças: e comessou a correr o Mosteiro em clausura formada.

DO grande gosto, que he pera todo homem entender em fabrica de pedra, e cal, nasceo o proverbio, que naõ ha meyo mais facil pera empobrecer, sem se sentir, que o edificar. Se isto he no mundo, onde naõ ha mais fim, que curiosidade, e passatempo, que diremos das nossas fundadoras, que só edificavaõ por devaçaõ, e por honra, e amor de Deos? Tanto era o gosto, e cuidado com que se occupavaõ em fazer correr a obra, que voava, e naõ corria. E achamos nas memorias antigas, que os mesmos officiaes quando ao amanhecer do dia tornavaõ a ella, se admiravaõ, e affirmavaõ, acharemna muito mais crescida, do que a tinhaõ deixado na tarde atraz. E como as autoras eraõ havidas por sanctas, sahio huma voz polla terra,

ra, que elles trabalhavaő de dia, e os Anjos vinhaő trabalhar de noite. Grande, e soberana honra desta Casa! mas porque se dicesse com verdade, as duas Matronas faziaő apertadas diligencias, e naő perdoavaő ao trabalho de suas proprias mãos, e pessoas, repartindo entre sy os cuidados, e o merecimento. Dona Mecia despois de ouvir Missa ante menham, acompanhada de huma filha de Brites Leytoa, já visitava os que arrancavaő pedra nas pedreiras, já acudia aos que a lavravaő, e o resto do dia continuava com officiaes da Alvenaria, como sobrestante; e taő solicita, que lhe naő lembrava comer, nem se fazia sol, ou vento, ou chuva. Brites Leytoa com outra companheira foyse assistir à quinta de Oucca com os que faziaő telha, e ladrilho. E affirmase della, que se naő contentava com menos, que fazer serviço de jornaleyro, ajudando a estender a telha, e o tijolo ao sahir das formas: e despois de enxuto a enfornallo, e cozello. E sobre tudo ella era a que negoceava a provizaő de paő, e vinho, e comida pera os officiaes, mestres, e servidores: e com tantos cuidados, e trabalhos juntos, nem ella, nem Dona Mecia aliviavaő o trato de suas pessoas, ou afrouxavaő hum ponto de suas penitencias. Assi crescia o edificio material, naő se perdendo o espiritual: mas abrasavase em ira lá nas covas infernais o inimigo Lucifer contra a obra, e contra as sobrestantes, certo final de que se agradava della, e dellas o Senhor dos Ceos. Particularmente perseguia a Brites Leytoa, continuando as tentaçoens de medo, e fantasmas, que atraz dissemos: mas despois que se vio desprezado, chegou a mostrarlhe visivelmente toda sua fealdade ameaçandoa, se naő desistia, com huma terrivel representaçaő do Inferno. Grande consolaçaő pera todas as que hoje saő moradoras deste Mosteiro, e o forem daqui até o fim do mundo: e pera todos os espiritus, que a semelhantes empresas pera mais honra, e veneraçaő do Senhor se applicarem: por mais que as encontrarem discursos humanos, sempre rasteiros, sempre enganados. Naő se póde duvidar, que antevia o maldito, como sabe muito por velhice, e por discurso, que se haviaő de povoar daqui por sanctidade, muitas daquellas cadeiras, que elle, e seus companheiros, por soberba, e maldade tinhaő perdido no Ceo. Como naő tirou proveito dos assombramentos, passou a novas traças: persuadio a hum Senhor poderoso, e rico do Reyno, que pedisse a Quinta de Oucca por demanda: e foy o requerimento taő fundado em boas apparencias de direito, que mandou a justiça apparecer na Corte, pera responder a elle, a possuidora Brites Leytoa. Naő se pudera em tal conjunçaő imaginar mayor estorvo pera tudo, e fez muito dano: mas a boa Matrona armada de paciencia, e confiança em Deos, pozse a caminho a pé, e sem mudar nada dos trajos, que uzava, acompanhada de hum criado velho, que fora de sua casa, e de huma das donzellas, que consigo tinha de mais idade. Abalou a Corte, e a Cidade toda huma mulher, que noutro tempo conhecera rica de estado, renda,

da, e lugar, e gentil presença, pobre agora, e humilde por amor de Deos, e cuberta de panos vis: espantava o rosto pallido, descarnado, e seco; os olhos somidos, e lagrimais pisados; testemunhando tudo o que a fama publicava, e pregoava de suas penitencias. As Damas de Palacio, alvoraçadas com sua vista, pediraõ a elRey (era morta a Raynha de tempo atraz) lha deixasse agasalhar comsigo: e naõ se fartavaõ de considerar, e pasmar no valor, e fortaleza do espiritu, que naquella notomia de ossos resplandecia: mas foy Deos servido, que naõ tardou em se mostrar de sua parte a justiça da causa, inda que à custa de huma grave, e cumprida doença: da qual tanto, que se vio melhorada, sem ter respeito à muita fraqueza, que o mal lhe deixou, fez volta pera sua companhia, dandolhe azas o dezejo de a ver.

Era entrada a Quaresma do Anno de 1464. quando chegou ao seu mosteiro: achou acabada a Igreja, e outras obras, que deixara começadas. Faltava só guarnecer, e aperfeiçoar: determinou entaõ à instancia de Dona Mecia receber mais companheiras, e tomou seis, que foraõ Dona Tareja Pereira, irmam de Dona Mecia, Violante Nunes, Guimar Velha, com Brites Velha sua filha, Isabel Pires, e Catherina Rodrigues, e ficaraõ por todas quatorze. Faziaõse em vesparas de Mosteiro perfeito, quando se vio de nova tribulaçaõ cercada Brites Leytoa com o fallecimento de sua grande amiga, e companheira Dona Mecia, perda pera todas, mas pera ella occasiaõ de gravissimo sentimento. Era Dona Mecia mulher delicada, fezlhe muita impressaõ a mudança da vida: foy cahindo em grandes enfermidades, que lhe renderaõ o bem da profissaõ, que fez antecipadamente com licença do seu Vigairo geral Frey Antaõ de Sancta Maria: assi foy a primeira, que desta bemdita companhia alcançou escrever seu nome no livro da vida, professando, e morrendo quasi tudo junto.

Trabalhavase com cuidado no que estava por aperfeiçoar, dezejando a fundadora, que no primeiro dia do Anno seguinte, que era o de 1465. recebessem todas o sancto habito, e com clausura perpetua começassem seu Anno de provaçaõ, pera effeito de poderem professar em dia do nome de Jesu do Anno adiante, porque delle tinhaõ assentado entre sy ella, e Dona Mecia, que havia de ter a Casa sua vocaçaõ: porém foy conselho do Padre Frey Joaõ de Guimaraens, que se repartisse a cerimonia, fazendose a do habito no dia solemnissimo do Nascimento do Salvador 25. de Dezembro do Anno, que corria, de 1464. e a da clausura no dia do nome de Jesu, dia primeiro do Anno, que entrava. Conformaraõse todas com o Padre Frey Joaõ: e elle amanheceo no Mosteiro ao dia do Natal: dissellhes a Missa da Alva no Capitulo, e commungou de sua maõ a todas as que haviaõ de receber o habito: dia, que por devaçaõ jejuaraõ todas a paõ, e agoa, como era costume da fundadora todas as vezes, que á sagrada Mesa chegava. Foy Brites Leytoa a primeira, que vestio o habito; seguiraõ

1465.

raõ ſuas filhas, e todas as mais que tinhaõ idade: quando veyo o ultimo de Dezembro eſtava levantado na Igreja dos Frades hum devotiſſimo Crucifixo, que a hora de Veſperas levaraõ os Frades em prociſſaõ à Igreja de S. Miguel Matriz da Villa. No dia ſeguinte primeiro de Janeiro de 1465. ſe juntou nella ſolemne concurſo de toda a Clerezia, e cruzes da Villa, e termo; e tanto povo, que ſe affirma acudio muito, naõ ſó da Camara, mas até das Cidades do Porto, e Coimbra: e ordenados de novo com os Frades em devota, e alegre prociſſaõ, que cerravaõ os Miniſtros reveſtidos, e acompanhados de muitos Cantores, neſta ordem caminharaõ pera o Moſteiro; e aſſi entraraõ por elle cantando: *Te Deum*, *&c.* e foraõ viſitando, e benzendo todas as officinas ſem deixar nenhuma; e até horta, e pumares. Ultimamente pararaõ nas Craſtas; onde por rezaõ da muita gente, que tudo enchia, ſe cantou a Miſſa, ficando o Sacerdote, e miniſtros a huma parte das varandas, e as Religioſas à outra. O pulpito ſe poz nas Craſtas, e prégou devotamente, e com a ſua eloquencia, que entaõ naõ havia mayor, o Bacharel Frey Pedro Dias, que as memorias chamaõ Frey Pedro Dias de Evora. Feſtejaraõ as Religioſas eſte dia com banquete de pobres; eſtendendo meſa franca a todos os que a quizeraõ. A cerimonia da Clauſura naõ teve fim, ſenaõ a hora de Veſperas. Veyo cantallas ao Capitulo o Prior com todos os noſſos Frades, com ſolemnidade de muſica, e orgãos: e acabadas com a Completa, e Salve, que tambem cantaraõ, mandou que ſe fechaſſem todas as portas, e lhe tornaſſem as chaves, as quais de ſua maõ entregou à Madre Brites Leytoa; e deſte dia comeſſou a clauſura, e encerramento perpetuo. E podemos dizer, que teve tambem principio o Moſteiro dia ſinelado do nome de Jeſu, cujo titulo tomou, dia primeiro de Janeiro do Anno de 1465. ſendo Vigairo geral da Obſervancia, em que foy fundado, o Padre Meſtre Frey Antonio de Sancta Maria de Neiva, e Provincial o Padre Meſtre Frey Diogo do Porto.

CAPITULO XI.

Do concerto, e ordem com que comeſſou o novo Moſteiro em ſeu governo. Profeſſaõ as Noviças, aſſiſtindo elRey D. Affonſo. Morrem algumas: recolheſe no Moſteiro a Princeſa Dona Joanna filha d'elRey. Sabeſe por occaſiaõ de peſte, acompanhada da Fundadora, que morre em ſua companhia.

NO dia ſeguinte tornou ao Moſteiro polla menham cedo o Padre Frey Joaõ de Guimaraens: e deſpois de cantar huma Miſſa da Cruz, que as Religioſas officiavaõ, fezlhes Capitulo, e nomeou por Regente a Madre Brites Leytoa. Logo foy repartindo officios pera adminiſtraçaõ das officinas de portas adentro. Nomearemos alguns com as proprias palavras, que achamos nos papeis antigos do Cartorio, pera exemplo da humildade, e trabalho, e ſujeiçaõ com que naquelle bom tempo ſe diſpunhaõ as Religioſas a ſervir ſuas Communidades.

Saõ

Saõ as palavras. Fez procuradeira a Madre Gracia Alvares, pera ella mandar alimpar o trigo, amaſſar, e cozer. O que ella por ſua virtude fazia, ſendo doutra ajudada. Fez ſanchriſtam a Sor Ines Alvares, criada que foy de Dona Mecia Pereira: e encomendoulhe, que tiveſſe cuidado da horta, e do linho. A Iſabel Pires fez enfermeira, e tecedeira. Paſſado o Anno de provaçaõ, e chegado o dia eſperado do nome de Jeſu, dia primeiro do Anno de 1466. acudio ao Moſteiro, acompanhado de todos os Frades de mais conta, o Padre Prior Frey Joaõ de Guimaraens, e fazendo profiſſaõ a Regente, e outras duas, naõ tratou eſte dia de mais pera que as outras irmãs pudeſſem profeſſar nas mãos da Regente, que já agora ficava com titulo de Vigaira.

1466.

Achavaſe elRey a caſo por eſte tempo na Cidade do Porto. Naõ faltou quem lhe deſſe novas do eſtado em que eſtava o Moſteiro, que pouco antes honrara com ſua preſença no edificio da Igreja. Encheoſe o bom Principe de devaçaõ, dezejou authoriſar tambem eſte acto de tantas profeſſas juntas; e mandou eſcrever à Vigaira, que ſobreeſtiveſſem até elle poder ſer preſente. E teve tam bom cuidado, que ſe achou na Villa a veſpera da primeira Dominga deſpois da Epiphania; e pera mayor ſolemnidade, como tudo eſtava preſtes pera o Domingo, mandou, que ouveſſe Pontifical, e prégaçaõ. Sendo tudo acabado, levantouſe do ſeu lugar pera ver a cerimonia de mais perto: e naõ ſe contentou com menos, que eſtar em pé arrimado às grades. Appareceo de dentro a Vigaira com as duas profeſſas novas, lançados ſeus veos ſobre os roſtos, e cirios nas mãos: e poſta em ſeu lugar, mandou a huma dellas, que trouxeſſe as Noviças, das quais as duas eraõ ſuas filhas. Chegadas diante da Prelada fizeraõ ſua profiſſaõ taõ devotamente, e com tanta gravidade, que naõ ouve coraçaõ, que deixaſſe de mandar aos olhos teſtemunhos claros de piedade chriſtam, e devaçaõ, e compunçaõ. ElRey contente do que tinha viſto, fallou à Vigaira, e honrandoa com muitas palavras, e affabilidade, prometeo fazerlhe mercê: e nos dias, que aqui ſe deteve, lhe fez algumas, como foraõ licença pera as Freiras herdarem, e poſſuirem bens de raiz; e poderem comprar outros; a que juntou alguns privilegios pera a Caſa, que entaõ eraõ de eſtimar.

Deſte dia em diante comeſſou a florecer eſte Moſteiro em todas as boas leys, e governo de perfeita Obſervancia. A Prelada prudentiſſima, as ſubditas humildes, e ſujeitas: armonia, e concerto do Ceo. Era de ver o zelo da Prelada em enſinar, e mandar; o cuidado das ſubditas em aprenper, e obedecer. Fazia Capitulo cada dia acabada a Miſſa, ſem exceptuar Domingo, nem ſancto: todas ſerviaõ, todas trabalhavaõ, ſem haver veleiras, converſas, nem moças deputadas pera ſerviço de portas adentro. Trabalho eſpiritual no choro, fóra corporal, ſem haver peſſoa, nem hora cocioſa. A cozinha faziaõ às ſemanas, acudindo a ella cada huma por ſeu termo, e ordem com alegria, e charidade: mas com

taõ

taõ pouco mimo pera a sustentaçaõ, que acho escrito, que por nenhum caso admittiaõ ovos, nem mel, nem manteiga. A nenhuma parte haviaõ de hir, que naõ fosse companheira a roca. Algumas vezes a levavaõ até à porta do Choro, e alli a deixavaõ pera tornar a entender com ella sahindo. A Vigaira, inda que cercada de occupaçoens do governo, e opprimida de achaques de suas penitencias, tambem por dar exemplo, entendia em serviço de mãos à vista de todas, ora fiando, ora torcendo fiado. E daqui ganhava confiança pera pedir conta ao sabbado do que cada huma tinha feito polla semana, que com humildade lhe apresentavaõ todas, recebendo por premio bençoens, e louvor, ou amorosa reprehençaõ, se convinha. Mas isto eraõ cousas accessorias. No essencial do officio Divino, oraçaõ, vigias, jejuns, disciplinas, havia em todas tanto cuidado, que mais requeria freyo, pera senaõ matarem, que esporas pera se adiantarem. Visitas, e practicas até dos pays evitavaõ: pera todas naõ havia mais, que huma pequena grade cuberta com hum ralo de folha de Frandes, e sobre elle pregado hum pano negro, que nunca se tirava: e esta mesma guarda fechava os confessionarios.

Mas naõ cuide ninguem, que ha de escapar de tentaçaõ, e cruz, por muito perfeito que seja: aperceber pera ella, amoesta o Sabio a quem entra pollo caminho da virtude. Trabalho ha de haver, ou pera prova, ou pera merecimento, ou pera tudo junto. No meyo de taõ sancto, e taõ religioso trato, foy o Senhor servido, que vindo peste sobre o Reyno, désse logo em Aveiro, e naõ perdoasse ao Mosteiro. Ardia a Villa em fogo de contagiaõ, e mortes. Acudiraõ as Freiras à Vigaira, lembraraõlhe, que tratasse de conservar sua vida, e saude, sahindo só pera melhores áres, pois havia quintas proprias: allegavaõ, que aquelle seu rebanho era tudo gente moça, se ella faltasse, ficaria sem cabeça, e em dezemparo certo. Mas naõ ouve cousa, que a dobrasse, nem ainda a tratar de sy com mais resguardo. Era por Julho deste mesmo Anno de 1466. amanheceraõ hum dia feridas do mesmo mal duas Madres, que foraõ as que professaraõ primeiro, que todas em companhia da Vigaira. Chamavase huma Sor Ines Alvares, e a outra Sor Isabel Rodrigues. Naturezas gastadas de penitencias, e trabalho desacostumado. Teve pouco que fazer com ellas a doença. Foy a morte abreviada, mas gloriosa: porque sendo o aparelho, que tinhaõ feito em toda a vida, só pera ganhar esta hora, nem espantou a nova da morte, nem entristeceo o desengano. Recebidos os Sacramentos com devaçaõ de quem pera premio certo caminhava, deraõ as almas a seu Criador. Adoeceraõ logo duas Noviças, que por falta de idade naõ professaraõ com as mais; e outra minina, que se criava pera Freira. As Noviças, passado muito trabalho, convaleceraõ: a minina foyse pera o Ceo. Aqui resplandeceo muito a charidade, e o valor da Madre Brites Leytoa. A todas acudia sem nenhum cuidado de sy, nem lembrança se havia peste.

Ecclef. 1.

1466.

As mortes sentia de sorte, que podemos dizer, que em cada huma era Martyr. Mas inda o Senhor quiz provar a fineza daquelle ouro com nova tribulaçaõ no mais intimo da alma. Entrando o mez de Agosto deu o mal em Sor Catherina de Atayde sua filha mais velha, arrebatoulha como tiro de bombarda. Naõ foy menos a violencia, nem menos acelerada a morte. Saõ os filhos pedaços d'alma: assi he custosa a divisaõ. Foy trago penosissimo, respeito do sangue, da companhia, e do merecimento da defuncta: porém de nenhuma Matrona antiga, das que mais celebra a fama, podemos dizer, que mais varonilmente se portasse em semelhante occasiaõ; com olhos enxutos, e animo inteiro a deu à terra, sendo a cousa, que nella mais amava; mas applacava o misericordiosissimo Senhor estes mares de afflicçaõ com extraordinarios favores de sua Divina maõ; humss vezes fazendolhe ouvir musicas de Anjos, outras dandolhe vista da gloria dos bemaventurados, com que as mayores penas se lhe trocavaõ em goso, e em dezejos vivos de padecer muito mais por taõ bom Deos.

Entre tanto foy cessando a furia do mal, e ganhando grande nome o Mosteiro, e quem o governava. De sorte, que pareceo ao Vigairo geral da Reformaçaõ, que devia fazer eleyçaõ Canonica de Prioressa: e assistindo elle pessoalmente, foy eleyta com grande uniformidape a Madre Brites Leytoa, que era Vigaira. Era isto no Anno de 1468. e desde entaõ comessou a fazer o officio de Prioressa. Como só este titulo faltava pera inteira perfeiçaõ do Mosteiro; foy logo importunada de muita gente do milhor do Reyno pera lhe darem filhas, e irmãs: e recebeo algumas, e entre outras huma sobrinha de sua grande amiga, e companheira Dona Mecia Pereira, e de seu mesmo nome, filha de sua irmãa Dona Brites Pereira; e duas Madres mais, que as memorias do Cartorio chamaõ Sor Maria Rafael, e Sor Inefeannes: e dizem, que se vieraõ a este Mosteiro despedidas do do Salvador de Lisboa; mas que eraõ tais pessoas, que logo fez Vigaira do Choro a Maria Rafael, e a outra Mestra de Noviças: grande credito da criaçaõ, que traziaõ. Mais lançou o habito a Dona Leonor de Menezes, filha do Conde de Viana Dom Duarte de Menezes, o que foy no Anno de 1471. e logo no seguinte de 1472. veyo honrar essta Casa a Serenissima Princesa Dona Joanna, vivendo elRey D. Affonso Quinto seu Pay; e cumprindose, como se fora profecia, o que o mesmo Senhor disse, quando lhe lançou a primeira pedra dez annos antes: e aqui residio, e acabou seus sanctos dias, como mais largamente contaremos adiante em seu particular titulo.

1468. 1471. 1472.

Mas já he tempo de concluirmos com a fundaçaõ, e fundadora, e he de saber, que no Anno de 1479. tornou a peste a cometer esta Villa; e como durava a memoria do estrago, que fizera no Mosteiro, foy mandado expresso d'elRey, que a Princesa se sahisse delle; e para que lhe naõ faltasse a companhia, e doutrina, que sobre tudo estimava, e alli a trouxera, da Prioressa Brites Leytoa, mandou logo as licenças necessarias dos

dos Prelados, pera que a fosse acompanhando com as madres, que a Princesa escolhesse, a quem dava licença pera fundar novo Mosteiro em qualquer lugar que achasse a proposito, e fosse de seu gosto. Obedeceo a Prioressa, mas com grandes repugnancias de sua alma, e entendimento: porque tomava este apartamento por mayor mal, que todos os que na vida experimentara: e despedindose daquellas paredes, que por sua maõ edificara, com pranto taõ funeral, que bem pronosticava naõ as haver de ver mais, sahio dellas em fim, como arrastada, e a viva força arrancada. Foyse seguindo a Princesa, e passando de huns lugares a outros, segundo apertava, ou afrouxava o mal da contagiaõ. Despois de vistos, e corridos muitos, vieraõ a parar na Villa de Aviz. He lugar de charneca, enfermo, e quente. Adoeceo de febres a Prioressa: pareceo à Princesa, que seria remedio deixar Alentejo, e buscar melhores áres; fez caminhar pera Abrantes. Era por Julho na força dos Caniculares, o tempo, e o caminho aggravaraõ o mal; e em fim deraõ remate à peregrinaçaõ da terra, e da vida juntamente huma quinta feira, tres de Agosto do Anno de 1480. Foy presente a seu transito o Vigairo geral da Congregaçaõ, que sempre acompanhou a Princesa: notaraõlhe elle, e mais Padres, que hiaõ na companhia, na ultima hora huma nunca vista alegria, e quietaçaõ, que he natural daquellas almas, a quem os bem vividos annos estaõ prometendo a posse certa do premio, porque trabalharaõ. Viose despois, que sendo ordinario enteirissaremse os membros defunctos com o frio da morte, nella estavaõ as mãos, e braços taõ brandos, e meneaveis, como quando viva estava. Tresladaraõse seus ossos dous annos despois, sendo Prioressa a Madre Sor Maria de Atayde sua filha: e foraõ collocados em particular sepultura no Choro debaixo, sinelada com sua campa, como se devia ao titulo de fundadora, e ao exemplo de sua vida.

1480.

CAPITULO XII.

Da Madre Dona Mecia Pereira primeira filha professa deste Mosteiro.

POr mãy, e Fundadora, naõ só por filha deste Sanctuario, he rezaõ que seja contada a Madre Dona Mecia Pereira, visto o muito, que nelle fez com sua pessoa, e fazenda. Dissemos alguma parte atraz: agora diremos o que lá naõ teve lugar. Foy esta Madre filha de Fernaõ Pereira, e irmam de Dom Rodrigo Pereira, primeiro Conde da Feira: casaraõna sendo muito moça com Martym Mendes de Berredo, pessoa de grande qualidade por sangue, e partes naturais: e pollo lugar, que tinha na graça d'el-Rey Dom Affonso, que era grande: mas ficou brevemente viuva; porque foy mandado Martym Mendes por Embaixador a França, pouco despois de recebidos, e adoeceo lá, e veyo a fallecer por fim do Anno de 1458. Costumavaõ naquelle tempo as mulheres nobres fazer tamanhos extremos de sentimento na morte dos maridos, que pareciaõ

1458.

mais reliquias de costumes gentilicos, que demonstraçaõ de verdadeira dôr. E com tudo contase de Dona Mecia, que passou muito além dos desatinos ordinarios. Juntos os merecimentos do marido, com o pouco tempo, que o lograra, desculpavaõ todo o excesso, que fazia, pranteando seu estado, tanto, como a morte alheya. Acudiaõ, Pay, irmãos, e parentes, vinhaõ religiosos sabios, e doutos: huns prégavaõ, outros consolavaõ: nem admittia rezaõ, nem consolaçaõ: nem afrouxava no pranto; e tal estava, que se lhe temia perder o juizo, e a vida. De lastima, que lhe tiveraõ huns Frades velhos do nosso Convento de Aveiro, que foraõ chamados, pera lhe fallar, pediraõ a Brites Leytoa, quando tornaraõ, que a encomendasse a Deos, e juntamente lhe escrevesse huma Carta de sua maõ. Fez ella huma cousa, e outra por piedade, e como experimentada em semelhante dôr. A oraçaõ penetrou os Ceos: a nota da Carta o coraçaõ contumaz em suas magoas, e em seu dano. Saõ feitiços divinos as palavras dos Sanctos, porque trazem consigo daquelle fogo do Senhor, de quem está escrito. *Ignitum eloquium tuum vehementer.* Foy o primeiro effeito encher de suavidade, e amor do Ceo aquellas orelhas de Aspide surda, na opiniaõ de se querer matar com tristeza: traz isto, logo achou lugar huma amorosa reprehensaõ de dar tantas lagrimas a hum homem mortal, e morto: feitio de gente sem fé, e genero de idolatria dar a hum homem o que só devia a Deos: que naõ lhe tolhia o chorar, nem o maltratarse com aspereza de vida: só lhe pedia, que trocasse os fins: chorasse embora, e a toda hora: mas isto só por Deos, e pollo tempo, que deixara passar sem chorar por elle: continuasse as penitencias, e máo tratamento; mas fosse em pago das delicias, e vaidades da vida passada, e das offensas, que com ellas lhe tinha feito. Assi tiraria interesse de huma cousa, e outra diante da Divina Magestade pera bem da sua alma, e da que tanto amava. Amolgou em fim hum peito de bronze a lingoagem, e espiritu de Brites Leytoa, inda antes de se ter obrigado á Religiaõ com voto. Pasmou a affligida viuva, como despois contava devagar no Mosteiro, da impressaõ, que a Carta lhe fez na alma, e como se sentio outra despois de lida. Affirmava, que logo se tornara a Deos, offerecendolhe suas dores, e as lagrimas, que naõ podia enxugar, à conta das que o bom Jesu chorara no mundo, e pedindolhe perdaõ do errado emprego, que até entaõ fizera dellas. Succedeo á esta boa disposiçaõ da alma, hirse levando de hum sancto pensamento de se lhe entregar de todo ponto, e naõ cuidar mais em cousa da terra.

Sossegado hum pouco o pranto com a nova imaginaçaõ, comessaraõ apertadas instancias do Pay, e irmãos, sem saberem della, porque tratasse de segundas vodas. Havia em Dona Mecia partes, que a faziaõ requestada de muitos, em pouca idade grande entendimento: com gentil parecer natural, muita virtude, e gravidade, e assento: e sobre tudo estava acrescentada

em

em dote, que eftes faõ os idolos, a que o mundo mais fe humilha: porque o marido lhe tinha deixado tudo, quanto pode teftar. Foy grande a bateria, defendeufe. Sobreftiveraõ hum pouco, fazendo conta de deixar alguma coufa ao tempo, que póde muito em túdo. Mas ella entre tanto hiafe confirmando no fancto propofito com a graça do Divino Efpiritu, que a bafejava. E entrando a Quarefma, mandou pedir ao Prior do Convento lhe enviaffe hum Frade letrado, e velho pera a confeffar. Foy a fubftancia da confiffaõ declararlhe a determinaçaõ em que eftava de deixar o mundo, e bufcar a Deos em lugar, onde ninguem, fenaõ elle, tiveffe parte nella. Era o Confeffor o Padre Frey Vafco de Guimaraens religiofo devoto, e fifudo. Occorreulhe eftando com ella, o que fabia de Brites Leytoa: e fem fazer mifterios, nem encarecimentos, deulhe conta de feu recolhimento, vida, e exercicios: e naõ foy neceffario mais pera quem fe lembrava, que o primeiro movimento bom, que tivera em feus trabalhos, nafcera de huma Carta fua. Ouvindo agora a relaçaõ do Confeffor, affentou comfigo entrar em fua companhia, fe a quizeffe admittir; e pediolhe, que tornando a Aveiro lho diceffe affi de fua parte.

Tornaraõ entre tanto as importunaçoens dos parentes, naõ deixando nenhum meyo pera a obrigarem, ora mimos, e affagos, até lhe trazerem Cartas d'elRey, que approvavaõ o cazarfe; ora com afperezas, e defcompofturas. Mas ella firme em feu propofito, e animada já com Cartas, que recebia a miude da que já tinha por Meftra, e Mãy em Aveiro; determinoufe a hum acto heroico. Chama hum dia feu Pay, e irmaõ, e dizlhe chammente, que naõ fó eftava refoluta em naõ receber outro marido, defpois do que perdera: mas em deixar o mundo de todo, e bufcar a Deos em pobreza, e humildade, na companhia de huma mulher, que tinha por fancta, que era Brites Leytoa. Val muito pera tudo huma refoluçaõ animofa. Pafmaraõ do brio, da fegurança, e da fortaleza, Eraõ chriftãos, tementes a Deos: naõ na perfeguiraõ mais: e em fim quietou tudo hum partido da fazenda, que affi fe vem a compor as mais das contendas da terra. Contentaraõfe, com que a viuva largaffe ao Pay a legitima de fua mãy, com lhe dar quitaçaõ della; o que logo fez; e confeguintemente nomeou dia pera fua partida.

Era por Mayo do Anno de 1460. quando Dona Mecia fe poz a caminho pera Aveiro. Acompanhoua o Conde feu irmaõ, com todos os de fua cafa até a embarcaçaõ em Ovar: e quando menos fe cuidava appareceo às portas do fancto Recolhimento. Tinhalhe Brites Leytoa feito apofento em huma boa cafa pegada com elle: quizera que fe agafalhara nella, e naõ nos pobres apozentinhos de fua morada. Refpondeo com humildade, que vindo, como vinha, a fer fua difcipula, e fubdita, já mais della fe apartaria. Logo lhe mandou entregar muitas caixas em que trazia todo feu movel, que era affaz rico: joyas, dinheiro, prata lavrada, e tapeçaria: e def-

1460.

despedido o mais acompanhamento, ficouse com duas criadas, que professaraõ, e perseveraraõ na Religiaõ com louvor. Desta hora em diante naõ tratou mais, que de Deos, e do serviço da pobre casinha: começou a vida por huma confissaõ geral, e cingindose hum aspero cilicio, gastou todos os dias, que se seguiraõ, até a vespara da Trindade em oraçaõ, jejuns, e disciplinas. Com esta preparaçaõ feita, quando chegou o dia da sancta festa appareceo desassombrada dos panos tristes da viudez, e vestida em saya branca, e manto, ou mantilha preta da mesma feiçaõ, e da laya de pano, que se uzava na Casa, seguio a companhia. Do rigor que uzava comsigo, e da humildade, com que vivia, temos dito alguma cousa atraz, e por escusarmos dizer muito, servirá só o que agora apontaremos. Como tinha trazido comsigo tanta fazenda, pedio que se recebessem Noviças, e por sua conta entraraõ logo algumas, que como se foraõ escolhidas por voto Angelico, e naõ humano, assi honraraõ despois a Casa, e a Ordem: e dellas fallaremos ao diante. Tratou juntamente, que se dessem officios a todas pera terem em que merecer, e em que se occupar sempre: e como a Fundadora lhe tinha grande respeito, assi por sua pessoa, e qualidade, como pollo espiritu, que em todas suas obras mostrava, pediolhe, que ella quizesse ordenar tudo a seu modo. Aceitou Dona Mecia a commissaõ, e executandoa, mostrou claro, quaõ liberal he Deos, e quaõ poderoso pera fazer votos de eleyçaõ todas as vezes, que he servido, sem pôr tempo em trocar natureza, e coraçoens. Repartidos os cargos, que havia em casa, cuidaraõ todas, que ficar ella sem tomar pera sy nenhum seria a rezaõ de assistir, como assistia, nas obras: mas logo as tirou desta duvida, dizendo, que naõ se descuidara de sy, que muy bom officio tinha escolhido, e tal, que naõ lhe tolheria o que fazia de acudir às obras: e declarou, que havia de ser levar fóra todo o cisco, e varreduras da casa. Atonitas ficaraõ ouvindo tal lingoagem: mas muito mais pasmaraõ, quando a viraõ executada com taõ boa sombra, e alegria, que nem de suas criadas consentia ser ajudada, sendo seguida de muitas lagrimas, que taõ alta humildade fazia brotar dos olhos de todos: e o que mais he, que estava tanto em sy, que nos officios de trabalho das companheiras tomava parte, e as aliviava todas as vezes, que tinha lugar. Com esta humildade ajuntava grande amor da pobreza, aconselhava, que senaõ fizesse nada das portas a fóra do que fosse necessario, e se pudesse fazer em casa: que ella remendaria até o calçado: e que pera remendar os vestidos naõ queria mais, que pedaços de sacos velhos. Da dilencia com que servia nas obras, temos dito atraz.

Agora por remate digamos pera gloria de Deos, e da Religiaõ alguns effeitos, que causava este seu genero de vida. He de saber, que os nobres da Villa, como gente ociosa, estavaõ quasi sempre sobre a fabrica. Do povo tambem acudia muito em numero; e notando, e considerando

rando todos em Dona Mecia o estado passado, e as obras de humildade presentes, se foraõ vencendo de tanto amor, e respeito pera com ella (rayos, e força invisivel da virtude) que havia homens, que só a esta conta vinhaõ servir, e trabalhar de graça, e os honrados, e suas mulheres ajudavaõ o edificio com muito de suas casas. Porem muito mayor força foy, e mais digna de se saber, a que fez a seu proprio sangue. Andava no Paço Dona Tareja Pereira sua irmam mais moça, rica de esperanças por quem era, mais que de fazenda. Sabendo do estado, que a viuva tomara, foy aconselhada, que a vizitasse, que seria occasiaõ de partir com ella do muito, que possuhia. Mas quando chegou, e a vio, tudo foy hum, vella, e ficar outra. Taõ fermoso lhe pareceo aquelle saco, em que a achou vestida, taõ engraçado aquelle pó, e caliça, de que andava cuberta, que logo aborreceo as sedas, e brocado, e vaidades do Paço: e em fim lhe aconteceo, o que diz o Proverbio: buscando caça ficar caçada. Buscando joyas pera o mundo, entregou as que trazia a Deos: e de tanto bem lhe foy meyo a vista, e practia de sua boa irmam, que alegre de a ter ganhado pera a Religiaõ, naõ cessava de dar graças ao Senhor em nome de ambas, e continuar com mais fervor em seus exercicios, e penitencias. Porem estas juntas ao máo tratamento, que voluntaria, e temerariamente padecera nos primeiros tempos de viuva, lhe vieraõ a causar huma doença incuravel de hidropezia. Era Vigairo geral dos Conventos reformados de Portugal, e Castella o Padre Frey Antaõ de Sancta Maria: vindo a Aveiro, e achandoa neste estado, fezlhe sua profissaõ; e foy o Senhor servido levalla pera sy aos tres de Outubro de 1464. assistindo com ella o Padre Frey Joaõ de Guimaraens, e a Condessa sua cunhada. Foy enterrada no Capitulo, e sua sepultura visitada por muitos dias de todo o povo, como de Sancta, levandose a terra della pera enfermos; e affirmandose, que fazia effeitos milagrosos. Trouxe esta Madre pera o Mosteiro, alem do que atraz dissemos, hum conto, e sete centos mil reis em dinheiro, e humas assenhas, e marinhas. Sua irmam Dona Tareja tomou despois o habito de Noviça com as mais; porém naõ fez profissaõ, porque quiz cumprir primeiro huma Romaria de voto a Nossa Senhora de Guadalupe: e no caminho falleceo.

1464.

CAPITULO XIII.

Das Madres Dona Catherina de Atayde, Guiomar Velha, e Brites Velha.

PRimeiro lugar démos às Madres Brites Leytoa, e Dona Mecia Pereira, sem guardar a ordem, que costumamos seguir dos annos em que cada Religioso, ou Religiosa fallecem, quando se podem alcançar: porque sendo, como foraõ, fundadoras, parece que estavaõ merecendo serem antepostas a todas; inda que algumas se lhe antepuzeraõ em passarem primeiro a gozar os premios eternos com menos annos da vida mortal. Daqui em diante seraõ primeiras

meiras as que primeiro se desataraõ da prisaõ da carne, se por alguma particular virtude merecerem tratarmos dellas: porque segundo terá notado quem com attençaõ nos lêr, naõ he nossa tençaõ darmos memoria a virtudes ordinarias da Religiaõ; que se isso ouveramos de fazer, tempo, e papel nos faltara pera escrevermos de todos os sujeitos, que por esta via a merecem. Tanta, e taõ boa gente nos tem dado neste Reyno, e suas conquistas a Religiaõ de S. Domingos: assi daquelles sómentes fazemos Historia, que em alguma particularidade da vida, ou da morte, nos deixaraõ claros sinais, e testemunhos vivos de hum abrazado amor de Deos, que he verdadeiro fundamento de sanctidade: sanctidade pera ser amada, e imitada, naõ certificada, nem canonizada por nosso dito, que isto só pertence ao juizo da sancta Madre Igreja de Roma, inda que naõ dizemos, nem diremos cousa, que naõ tenhamos averiguada por dito de gente virtuosa, e de credito, ou por fama, e tradiçaõ de grande fundamento recebida.

Por esta conta tem a primacia das filhas deste Mosteiro a Madre Dona Catherina de Atayde filha da Fundadora Brites Leytoa: porque como filha de tal mãy, naõ foy insigne em huma só virtude: mas soube retratar em sy tanto ao vivo todas aquellas em que sua mãy se esmerava, que naõ havia differença entre mãy, e filha mais que nas idades, e em mandar huma, e obedecer á outra. Contaõse della duas cousas assaz estranhas. A primeira, que nascendo trouxe sobre huma espadoa hum sinal grande preto, em forma de huma bem feita concha do mar, das que chamamos Vieyras, que toda a vida lhe durou sem se lhe saber dar mais rezaõ, que huma grande devaçaõ, que seu pay tinha ao Bemaventurado Apostolo Sanctiago Mayor, cuja insignia antiga saõ as Vieyras; senaõ quizermos filosofar, que como elle foy o primeiro dos Sanctos Apostolos, que deu seu sangue por Christo, assi seria ella a que primeiro da familia de sua mãy fosse povoar o Ceo. A outra foy, que vendoa hum peregrino em tempo, que era muito minina, affirmou, que seria Freira de S. Domingos. Pera huma, e outra cousa a foy dispondo a graça Divina logo na primeira idade: porque tirada do Paço por fallecimento da Raynha, que a pedira pera Dama, como atraz contamos, soube acommodarse á vida do encerramento, oraçaõ, e penitencias, que sua mãy começou a fazer, como se vio viuva, de sorte, que só pera Religiosa parecia que nascera, e só pera o Ceo se criara. Despois de mudadas pera a pobre casinha de Aveiro, vencia a idade com o animo de se mortificar, e trabalhar, dormir pouco, e orar muito; e porque tinha grande habilidade natural pera tudo, ordenou Dona Mecia, que ella, e sua irmam Dona Maria de Atayde aprendessem a escrever livros de Canto pera servirem no Choro. E foy logo mestra, porque juntava com a boa natureza grande gosto de servir; e com viver taõ poucos annos, como logo veremos, deixou feito hum Missal pera a Estante, e hum Psalterio meão, e tinha começado hum

Missal

Missal Santoral, quando veyo a fazer profissaõ por Janeiro de 1466. em idade de dezasete annos, e meyo naõ perfeitos; porque nascera no de 1448. em Julho. Foy estranho o alvoroço com que se entregou ao jugo sancto; parece que lhe adevinhava o coraçaõ, quaõ perto tinha o premio: porque de novo se começou a dar a mayores penitencias, e mais devações. E em fim corridos só sete mezes, e poucos dias mais despois da profissaõ a nove de Agosto do mesmo Anno de 1466. nas vesperas de S. Lourenço se sentio ferida do mal da peste, que andava muy acesa na Villa: e com tudo se fez força pera continuar até o fim das Vesperas. Sendo acabadas, chamou sua irmam, deulhe conta de sy: e foy cousa certa, que logo lhe disse, sabia de certo ser chegada sua hora, e que naõ escaparia: e foy bom indicio pedir logo os sacramentos, como pedio, e sem fazer caso de remedios, nem medicamentos, que se lhe applicaraõ, e ella por sua humildade, e obediencia consentia, tratou de morrer com sancta, e varonil resoluçaõ. Quebrou a todas o coraçaõ com magoa o colloquio, que ante todas cousas teve com sua Mãy: era Mãy, era Mestra, era companheira, e Prelada. Foraõ palavras Angelicas as com que por todos estes titulos se foy despedindo della, e com que lhe encomendou todas as Religiosas, e ella a todas. Ultimamente como filha, e subdita, e discipula pediolhe perdaõ de seus erros; e a maõ pera lha beijar, e a bençaõ pera morrer; com sua irmam, e com as companheiras teve particularidades de taõ alta doutrina, que pareciaõ já da outra vida; e assistindo com ella o Padre Frey Joaõ de Guimaraens seu Prelado, e Confessor, entregou o espiritu nas mãos de seu Esposo Jesu, no fim do ultimo verso do Benedictus, que mandou lhe rezassem: e acabando com a mesma paz, que no Verso se pede, ficou espantando a todas com huma alegria, que lhe resplandecia no rosto, e olhos, e hum riso taõ gracioso na boca, que deu occasiaõ a todas enxugarem as lagrimas, e durou tanto, que nenhuma se atrevia a cobrilhe o rosto porque de nenhuma maneira parecia já creatura morta.

1448.

1466.

Juntemos a quem em taõ verdes annos se foy lograr do Ceo, huma mãy, e huma filha, que poucos tardaraõ apoz ella em hir receber a mesma coroa: seus nomes, Guimar Velha a mãy, e Brites Velha a filha. Eraõ da obrigaçaõ de Dona Mecia: entraraõ por seu meyo, e foraõ das primeiras, que povoaraõ o Mosteiro. A mãy sobre os mais exercicios de penitencias, e devaçoens, que a todas eraõ como paõ quotidiano, tinha particular gosto na devaçaõ do Sancto Rosario; e ainda que com as obrigaçoens, e serviço da Communidade, andava sempre falta de tempo, nenhum dia se lhe havia de passar sem o rezar, acompanhandoo com amorosas consideraçoens em todos os passos de maneira, que da oraçaõ vocal passava à mental, e da mental à contemplaçaõ, com a qual levantada sua alma sobre os choros dos Anjos, fazia taõ agradavel sacrificio ao Senhor, que foy elle servido significarlho

por meyo de hum estranho mysterio: e passou assi. Havia de amassar o paõ da communidade, levantouse de noite, e começou a peneirar a farinha; mas temendo faltarlhe despois tempo pera o seu costumado exercicio, como era de noite, e estava só, pareceolhe que naõ estorvaria o trabalho de mãos, e braços a obra da lingua, e do entendimento. Estende as contas junto de sy sobre a mesma banca em que trabalhava, começa a entender com ellas, e com a farinha: rezando huma Ave Maria soltava a peneira de huma parte, estendia a maõ, corria huma conta: e tornava a trabalhar, e rezar juntamente: e assi hia revezando huma cousa, e outra. Eisque huma noite tendo continuado hum espaço a este modo com sua reza, e serviço, com grande suavidade de espiritu, que o Senhor lhe communicava, vê subitamente, que junto do seu Rosario se hiaõ amontoando verdadeiras rosas brancas, e vermelhas, e compondo outro Rosario por tal arte, que eraõ rosas brancas cada dez contas: e vermelhas os extremos. Sobresaltouse, e naõ se fiando dos olhos, julgou que se enganava: senaõ quando, chegando a correr huma conta no seu Rosario, vio claramente acrescentarse no outro outra rosa, e despois outra, e outras, assi como corriaõ as suas: e quando corria o extremo, via juntarselhe huma vermelha. Naõ sabia, que fizesse a boa Madre, mais que abrasarse em novos amores da Virgem gloriosa, e darlhe graças por taõ alta misericordia em serviço taõ pequeno, e continuavao com mais cuidado. Todavia fezlhe o Senhor esta mercê tantas vezes, que veyo a ser publica, e sabida por toda a casa, e as rosas vistas: por onde ficou em escrito o successo nos pergaminhos do Mosteiro, donde o tiramos: tomando daqui liçaõ, que naõ parece ser Deos servido de se levantarem nas religioens huns com os officios de Martha, e outros só com os de Maria, como acontece, e por ventura por forrar trabalho; senaõ que exercitemos huns, e outros juntamente, e nos façamos força, e prestemos pera tudo. Falleceo esta Madre, por minha conta, no Anno de 1471.

1471.

Sor Brites Velha sua filha foy verdadeira filha em lhe herdar as virtudes: tanto as soube imitar, que entrando nesta Casa a Princesa Dona Joanna se lhe affeiçoou com grande estremo, que he bastante testemunho de quem era, cahir em graça a hum taõ alto espiritu, que ficou mais claro quando a Princesa por mandado d'elRey se sahio della, e de Aveiro, fugindo da peste: porque huma das que escolheo pera levar consigo foy Sor Brites. Falleceo em Abrantes pouco despois da Madre Brites Leytoa no Anno de 1480. e com ella foy despois tresladada pera o seu Mosteiro â instancia da Princesa. Bem podemos dizer por estas duas Religiosas, visto o pouco tempo, que lograraõ a vida, que tiveraõ o nome de velhas por contrario sentido, que he a figura, que os Rethoricos chamaõ Antifrasi.

1480.

CAPI-

CAPITULO XIV.

Da Madre Dona Leonor de Menezes.

DOm Duarte de Menezes Conde de Viana casou segunda vez com Dona Isabel de Castro, e della ouve huma só filha, que se chamou Dona Leonor de Menezes. Foy esta Senhora criada por seus pays com esperanças de se aparentarem por seu meyo com a melhor casa das terras de Portugal. Mas foy tanto mayor ventura sua, que a quiz pera sy o mesmo Senhor do Ceo, e da terra. Foraõ os meyos hum rayo do divino Espiritu, do qual prevenida, sendo ainda de muito tenra idade, se entregou toda a elle: e taõ de verdade, que quando chegou a annos de se entender, e julgar per sy do que lhe cumpria, fazia já huma vida mais de religiosa emparedada, que de dama criada pera possuir estados do mundo, quais seus pays lhe buscavaõ. Assi continuava a mayor parte do dia em hum Oratorio: assi rezava o Officio Divino, como se já estivera obrigada a alguma Religiaõ. Tinha Missa todos os dias, e o seu mór entretenimento era rezar, e orar, e ler livros devotos. No meyo destas occupaçoens havia homens do milhor do Reyno, que a prentendiaõ, e pediaõ por esposa. Succedeo fallarselhe nisso hum dia por parte de seus Pays, que tinhaõ respeito ao grande juizo, e partes que nella viaõ. Soubeos desviar por entaõ com bom termo, mas dando claras mostras de que lhe aborrecia tal estado: e só tinha na alma o de servir a Deos. Cresceo na idade, e nas sanctas occupaçoens: e foy cobrando animo pera o que imaginava, e lhe pedia o espiritu, que era buscar a Religiaõ, e começou a fazer diligencias sem manifestar a tençaõ, por saber, que Mosteiros guardavaõ mais rigor, que Freiras estavaõ mais acreditadas no Reyno. He muy ordinario em toda a parte ser o povo grande inquiridor da vida dos nobres. Era tanto o que se sabia de Dona Leonor, que já ninguem duvidava, que caminhava polla estrada do Ceo. Chegaraõ estas novas à valerosa Infante de Portugal Dona Joanna, a quem, porque aconteceo em certa conjunçaõ ser jurada por Princesa deste Reyno, lhe daremos o mesmo titulo algumas vezes sem cometer erro. Andava ferida da mesma seta, e do mesmo Espiritu, que em fim a veyo encerrar nos claustros de hum estreito Mosteiro; como adiante veremos. Julgoua por conforme consigo na tençaõ: alegrouse, e dezejou communicarlhe a sua: foraõ os meyos Cartas. Assi se começaraõ a entender entre sy estes dous Anjos da terra, communicando materias do Ceo, que se resolveraõ em affervorados dezejos de servir a Deos, sanctos, e firmes propositos de naõ quererem nada do mundo. Choravaõ tambem os montes de difficuldades, que cada huma via levantadas contra sy. Ambas muito moças, e em poder de pays: e pays de tanta qualidade, que se representavaõ impossivel fazer cousa contra seu gosto. Mas naõ deixe ninguem por medos do mundo de agasalhar sanctos pensamentos, e esperar bons partos delles: por-

que quem dá os principios, terá cuidado dos fins. Assi aconteceo a Dona Leonor, quando o cuidava menos: porque succedeo matarem os Mouros ao Conde seu Pay em Africa, e ficar ella com inteira liberdade pera executar o que pretendia: e por rezaõ da tamanha adversidade, tratar com mais vontade de se desenganar das falsidades, e mentiras do mundo. Cessaraõ discursos, começou a entender em obras. Nos principios inclinouse á Ordem de S. Francisco, e tratava de hum dos dous Mosteiros: Sancta Clara de Lisboa, ou de Coimbra; mas estava guardado este bem pera outra parte. Chegou às orelhas da Princesa, que se abalava muita gente nobre pera entrar no mosteiro do Bom Jesu de Aveiro, com ser Mosteiro pobre, e moderno: soube que sem falta se hiaõ pera elle Dona Catherina da Sylva, e Dona Brites de Noronha, filhas do Conde de Abrantes: Dona Clara da Sylva irmam do mesmo Conde: Dona Violante de Sousa filha do grande Ruy de Sousa: Dona Leonor de Atayde filha do Conde Dom Joaõ de Vasconcellos: Dona Maria Pereira filha do Conde da Feira, e sobrinha de Dona Mecia Pereira, de quem atraz escrevemos: Dona Leonor de Berredo Condessa da Feira por casar com Ruy Pereira, primeiro Conde da Feira: Dona Catherina da Sylva sobrinha de Dona Leonor, de que vamos fallando: Dona Joanna da Sylva filha do Conde de Penella Dom Affonso de Vasconcellos: Dona Maria de Menezes filha de Dona Joanna de Castro Condessa de Monsancto. Espantouse a Princesa, pareceolhe novidade grande; mas entendendo, que naõ podia sem grande fundamento o abalo de tantos animos juntos, avizou de tudo a sua amiga pera que procurasse saber, que mysterios havia neste Mosteiro, que assi tirava pollas gentes. Naõ foy ella vagarosa na diligencia: e deparoulhe Deos em Lisboa o Vigairo geral dos Observantes, que era neste tempo o Padre Fr. Antaõ de Sancta Maria. Fallou com elle, e tal foy a informaçaõ do Mosteiro, e de quem o governava, que do ponto, que a teve, fez conta de naõ vestir outro habito, senaõ o de S. Domingos, nem em outra casa, senaõ na de Aveiro. Seguiraõ obras a resoluçaõ: declarouse com sua mãy, e com o Conde Dom Henrique seu irmaõ; e por remate pediolhe sua bençaõ pera se hir pera Aveiro: mas achouos taõ longe de lhe dar a licença, que lhe affirmaraõ naõ podiaõ faltar ao concerto, e contracto, que tinhaõ feito com o Duque de Bragança Dom Fernando, de lha darem por mulher: e só esperavaõ virem de Africa Dom Joaõ de Menezes, e de Roma Dom Garcia Bispo de Evora seus irmãos pera celebrarem as vodas. Naõ perdeo o animo a valerosa Esposa de Christo: antes cobrando forças da contrariedade, determinou tomar por sy, se fosse necessario, a licença, que se lhe negava, antes que se juntassem taõ poderosos adversarios. Mas primeiro quiz provar o poder de suas lagrimas com a Condeça sua mãy. Tantas chorou, tantas instancias lhe fez com rogos, e meiguices, que em fim a rendeo; e se puzeraõ ambas a caminho pera Aveiro. Visitou Dona

na Leonor a Princesa ao tempo da partida, e deixoua cheya de taõ conhecidas, e publicas invejas de ver, que lhe levava a dianteira, que desde esta hora ficou entre a gente do Paço assentado, que naõ tardaria em fazer outro tanto, por mais arteficios, que por outras vias fazia pera se encobrir. Achouse o Vigairo geral em Aveiro à sua chegada, foy presente ao tomar dos votos, e aos contratos; e despois ao lançar do habito, que foy por maõ da Madre Brites Leytoa Prioressa aos 6. de Dezembro de 1471.

1471.

Bem digna he de se contar esta fugida do mundo entre as muy celebres dos Sanctos antigos: raro desprezo das grandezas do mundo! admiravel constancia, e igual execuçaõ! Trouxe a Noviça pera o Mosteiro hum grande emprego de livros, e de retabolos, de paramentos pera a Igreja, e ornamentos pera os altares: e ficou taõ contente de se ver entre aquellas humildes Religiosas, e vestida no seu burel, que contava este dia pollo melhor de sua vida: assi naõ he rezaõ dispender palavras na promptidaõ, e gosto com que se applicava a tudo o que lhes via fazer. Todas vencia na vontade, e igualava na obra. Fez sua profissaõ com novo alvoroço no dia da immaculada Conceiçaõ da Virgem gloriosa do Anno seguinte, e daqui em diante foy crescendo tanto em todas as virtudes, que dezejando a Prioressa quatro annos adiante criar officio de Suprioressa, por parecer necessario, respeito de estar muito crescida a Communidade, todas puzeraõ nella os olhos, e com ser muito moça lhe deraõ os seus votos; e foy a primeira, que este cargo teve: nelle procedeo com muita prudencia, humildade, e religiaõ: e assi quando despois no Anno de 1480. tiveraõ recado de ser fallecida em Abrantes a Madre Sor Brites tes Leytoa, Fundadora, e primeira Prelada sua, a ella puzeraõ em seu lugar com toda a mayor conformidade, que podia ser. E foraõ eleyçoens ambas bem acertadas; porque nellas, e no officio de Vigaira in capite, que já servia por auzencia da Prioressa, foy seu particular cuidado mostrarse verdadeira filha de S. Domingos. Juntava, como elle, ao governo brando, e amoroso, perpetuo rigor consigo, muito trabalho, muita diligencia em acudir ao temporal, e espiritual: mas naõ eraõ as forças iguais ao espiritu. Veyo a cahir em huma trabalhoza doença, que parou em manifesta etiguidade. Vendose morta pera poder exercitar o cargo de Prelada, e viva pera o martyrio de huma morte lenta, que a hia consumindo; porque naõ ouvesse no bom governo de casa falta, pedio absolviçaõ do officio, que lhe foy concedida por Mayo de 1482. e dous annos despois por Novembro de 1484. foy gozar dos premios eternos. Trouxe esta Madre consigo pera a Religiaõ oitenta mil reis de tença em vida. Estes, como eraõ da Coroa, pedio a Princesa a elRey, que por memoria de taõ honrado sujeito ficassem de juro ao Mosteiro; e lhe foraõ concedidos.

1480.

CAPI-

CAPITULO XV.

Da Madre Dona Maria de Atayde terceira Prioressa deste Mosteiro.

DA Madre Dona Maria de Atayde podemos dizer, que nasceo na religiaõ; porque sendo de quatro annos a mandou sua mãy ao mosteiro de Sancta Clara de Villa do Conde, com occasiaõ de ser Abbadeça nelle huma tya sua, e do seu nome. Mas tanto que edificou em Aveiro o seu Recolhimento, logo a chamou pera sy, e a tornou a sua criaçaõ, que sendo taõ austera, como fica dito, podemos escusar repetir os termos com que se havia nella quem era filha, e irmam de pessoas taõ calificadas em virtude. Com tudo, porque naõ faltaráõ juizos agudos, que argumentem dos erros da natureza, que muitas vezes de boas arvores produz fruitos pedrados, e bichosos: he de saber, que foy sua vida taõ pura, e de tal exemplo, e zelo da Religiaõ, que na hora, que a Madre Dona Leonor se absolveo, foy eleyta por sua successora com todos os votos, em idade de trinta, e tres annos, e perseverou no cargo quarenta, e tres com grande satisfaçaõ da Communidade, e dos Prelados, que naõ pode ser mayor argumento de virtude, e prudencia: inda que naõ faltaraõ particulares occasioens outras, que descobriraõ nella estas, e mais partes de grande valor. Succedeo mandarem os Prelados, que se comesse no Mosteiro carne tres dias da semana, obrigados de haver nelle doenças continuas, e fallecerem muitas Religiosas. O que inda que se entendia ser causado das asperezas demaziadas da vida que faziaõ, tambem se podia attribuir à continuaçaõ do peixe sempre, danoso a compreiçoens delicadas, e à natureza das mulheres. Foy admiravel a contradiçaõ, que toda a Communidade fez a tal ley; e resistoa constantissimamente a Prioressa com todos os meyos que pode, e soube. E em fim, quando vio, que lhe naõ valiaõ forças, naõ na admittio com menos lagrimas, que se vira huma ruina na Religiaõ. Despois de admittida, foy cousa averiguada, e certa, que faziaõ aquellas Madres em geral mais abstinencia nos dias de carne, que quando comiaõ peixe: porque as mais tomavaõ da taboa sua pitança por cerimonia, e sem lhe tocarem a mandavaõ aos pobres, e ficavaõ comendo paõ, e agoa.

Taõ acreditada estava esta Casa no Reyno com o governo presente de Dona Maria de Atayde, que foraõ em seu tempo chamadas por muitas vezes religiosas della, hora pera Fundadoras, hora pera reformadoras de outras Casas, como veremos pollo discurso da Historia, e agora diremos de algumas. No Anno de 1490. foraõ sinco à Cidade de Leyria dar principio ao Mosteiro de Sancta Anna. Os nomes diremos chegando a escreyer sua fundaçaõ. He de considerar, que no Breve, que o Papa Alexandre Sexto lhe mandou passar pera hirem estas Madres, quando falla na Casa de Aveiro, donde havia de sahir, lhe dá nome de Jerusalem. Tal

fama

fama tinha dentro em Roma.

1513. No Anno de 1513. quando se tratava de acabar de extinguir os costumes velhos da Claustra, no nosso Mosteiro de Santarem, que chamaõ das Donas, mandaraõ os Prelados a elle seis Religiosas deste, que foraõ Dona Mecia Pereira, Dona Francisca de Castro, Dona Cecilia de Menezes, Isabel da Fonseca, Leanor Alvares, e Eyria Alvares: e destas foy lá eleyta em Prioressa Dona Mecia Pereira: e Eyria Alvares deu em grandes extremos de sanctidade; como se contém na primeira Parte desta Chronica, na relaçaõ daquella Casa.

Outras seis mandou elRey Dom Manoel, que viessem a Lisboa, pera fundarem o Mosteiro da Annunciada, como se verá adiante, quando chegarmos aos annos em que começou. Grande honra desta Casa, e de quem trazia o leme della, andar tanto em seu ponto a perfeiçaõ da Observancia em discurso de tantos annos, que fosse Mestra, e désse leys a todo o Reyno. Mas porque isto naõ espante muito, diremos mais alguma cousa do espiritu desta Madre Prelada. Era taõ zelosa da guarda das Constituiçoens, e Regra, que pera vencer os apertados escrupulos, que tinha em materia de dispensaçoens, ainda em cousas muito necessarias, e ordinarias; que naõ descançou até haver pera ellas hum Breve do Summo Pontifice. E teve cuidado quem nos deixou esta memoria, de fazer relaçaõ de humas palavras de quem lho negoceou em Roma, que daõ mais clara noticia da boa opiniaõ em que lá estava. Escrevialhe em companhia do Breve, e dizia assi em hum periodo.

Conheço ser V. R. taõ timida nas cousas, que tocaõ à consciencia, que em qualquer faz ponto. Vay a licença, que no tempo da necessidade, e indisposiçaõ, V. R. possa dispensar com ellas, e assi consigo mesmo de conselho de Medico.

Desentranhavase o Mosteiro por acudir aos outros, dando sempre por credito, e honra delle o melhor que tinha: porem a provida Prelada, julgando que viria a redundar em dano proprio, servir com demasia ao proveito alheyo, poz em conselho serrar as portas à largueza com que os Prelados lhe despovoavaõ a casa: e impetrou hum Breve de Roma com duas graças assaz importantes. Primeira, que sem licença sua particular, e votos da mayor parte da Communidade lhe naõ pudessem tirar nenhuma Religiosa, inda que fosse chamada pera fundadora, ou reformadora. Segunda, que da mesma maneira naõ fosse constrangida a recolher consigo nenhuma Freira doutro Mosteiro. Entre estas graças naõ se esqueceo de procurar algumas de sua particular consolaçaõ. Era muito devota do nosso Sancto Portuguez Sancto Antonio: e a essa conta fazia muita charidade aos

seus

seus Capuchos, que nesta Villa tem casa. Alcançou Breve do Papa Julio Segundo pera rezar delle nesta casa totum duplex: e foy isto muitos annos antes que na Provincia se rezasse delle sub duplici. A mesma graça impetrou pera as festas da Coroa de Christo, e Degolaçaõ do Bautista.

1525. Entrado o Anno de 1525. achavase a Madre envelhecida, e cançada dos trabalhos da vida, e tambem do governo, e a idade era já taõ crescida, como de quem nascera no Anno de 1449. Deuse por vencida a força, e robusteza natural, que todavia era grande, acudindolhe huma forte doença: mas com ser tal, nunca lhe pode diminuir o vigor do juizo; até a ultima hora o conservou inteiro. E foy bom indicio, que acontecendo enfraquecer hum dia muito notavelmente, e tratando a Suprioressa, que se juntasse a Communidade pera o officio da agonia, acudio a enferma com gravidade, e segurança de quando mais sam estava, e disse, que naõ era tempo: quando o fosse avisaria. E como se em sua maõ tivera as horas da vida, assi passadas algumas, chamou, e advertio, que começassem o officio; e no meyo delle rendeo o espiritu: quando amanheceo acudiraõ do Mosteiro dos Capuchos à perguntar pollo estado da Prioressa, que sabiaõ estava enferma, e lhe dezejavaõ saude, como a bemfeitora, e devota sua: quando ouviraõ, que era fallecida, tornaraõse depressa a casa, e o Guardiaõ fez saber às Madres, que na mesma hora, que diziaõ entrara em passamento, fora ouvida por todos os seus Frades huma Ladainha suavissimamente cantada, e respondida com ora pro ea; sem poderem atinar onde seria; e por essa rezaõ se movera a mandar perguntar em que estado estava a bemdita Prioressa. Piadosamente podemos crer, e assi o julgavaõ aquelles Religiosos, que os Sanctos de sua Ordem lhes quizeraõ mostrar em tal musica hum sinal de agradecimento das muitas charidades, que a defuncta lhes fazia.

CAPITULO XVI.

Das Madres Sor Isabel Luis, e Sor Violante Nunes.

A Madre Sor Isabel Luis foy das primeiras companheiras, que a Fundadora Brites Leytoa admittio, tanto que se fez moradora de Aveiro. Fallecera sua mãy, deixandoa de muito pouca idade: e o pay dezejoso de dar a Deos o que lhe ficava de vida, tomara o habito da nossa Ordem. Continuando no estado sancto, e conhecendo por experiencia, a suavidade do Maná, com que o Senhor apascenta seus amados na Religiaõ: Maná celestial, e ao mundo encuberto: dezejou pera a filha o mesmo bem, que possuhia. E sem embargo, que tinha dote competente pera segundo seu estado poder casar, e viver entre seus iguais: e na idade naõ passava de nove annos: procurou, que a Madre Brites Leytoa a levasse logo pera sy, e seguisse suas pisadas. O que soube fazer com tanto cuidado, que sendo nos trabalhos primeiros da casa, que foraõ muitos, e grandes, era igual a força do espiritu com que os levava, e com que acu-

acudia aos voluntarios das vegias, jejuns, e penitencias, em que sua grande Mestra a instruhia, naõ só de palavra, mas com obras, e exemplo. Entrara Sor Isabel minina, e em Mosteiro fechado pera todo trato do mundo: estava na ultima velhice, e naõ sabia tratar, nem fallar mais, que de Deos, e com Deos. Assi quando no Anno de 1518. mandou elRey Dom Manoel, que fossem religiosas desta Casa fundar a da Annunciada em Lisboa, a Prioressa Dona Maria, que entaõ era, despachou sinco pera o effeito, deu mais Sor Isabel, que fosse como Māy, e Mestra de todas, porque se criaraõ juntas, e sabia o que tinha nella.

Despois de muitos annos, que esta Madre residio em Lisboa, dezejou acabar a vida entre as paredes, que ajudara levantar, e em que se criara: tornou pera Aveiro: e com quanto parecia estar já entaõ às portas da morte, porque passava muitos annos dos setenta, pera os exercicios da Religiaõ vivia taõ inteira, que se aventajava às mais vigorosas, e que mais se esmeravaõ nelles. Era sua occupaçaõ nas horas, que lhe vagavaõ no choro, e oraçaõ, escrever livros de Canto pera a sacristia, e sabiao fazer por excellencia, porque sendo moça a empregara o ffin a Obediencia. Veyo em a desatarse da carne aquelle bom espiritu pollos annos do Senhor de 1542. tendo de idade mais de noventa, sem mais doença, que a de tanta velhice, que por sy o era bastante. Cahio em cama sem febre, nem frio pera se entregar à morte, que sentia vezinha. Hum dia, acompanhandoa muitas religiosas, deulhe nas orelhas hum grande rumor, como de gado junto, e porcos, que grunhiaõ: ficando todas inquietas, e cheyas de medo, disselhes a boa velha, que naõ tivessem pavor, que eraõ artificios, e maldades do Demonio, que pretendia espantalla naquelle trance, que esperava, taõ digno de ser temido por sy. Esforçou logo a voz, e disse com muita segurança: Andar dahy Proviso, andar maligno: que em meu Senhor Jesu Christo confio, que assi como Sam Martinho em semelhante passo a este affirmava, que naõ havias de achar nelle nada, em que fazer presa; tambem em mym, pollos merecimentos de sua sacratissima Paixaõ, naõ acharás cousa, que me condene. Na hora que espirou, soou polla casa huma suave melodia de orgãos bem tocados, que sendo ouvida de todas, e como em hora de justo sentimento reprovada, mandou a Prelada, que fossem correndo ao choro, e reprendessem o desconcerto. Foraõ depressa, porque a musica naõ cessava. Acharaõ o choro só, e a caixa dos orgãos fechada. Entaõ cahiraõ, que era obra, e maravilha do Ceo, que assi costuma receber as almas dos que bem servem ao Senhor delle; que se a hum peccador convertido sabemos, que faz festa, que seria a quem por tantas vias tinha merecido a Coroa. Falleceo em dia das onze mil Virgens, de que era particularmente devota.

1542.

Que diremos dilatarse tanto o premio a esta boa Velha, e alcançallo como polla posta huma moça, e taõ moça, que toda sua vida naõ foy mais, que de vinte, e tres annos? Chamavase

vase esta Violante Nunes. Entrou na Religiaõ de pouca idade, pera se criar nella; era de sua natureza simples, e nos costumes huma Pomba sem fel, aprazivel com todas, e de todas amada. Do mundo naõ sabia nada, e pera saber menos padecia continua perseguiçaõ de doenças: quando estas lhe davaõ tregoas, sua vida, e descanço era o choro, ou pera orar, ou pera ajudar nelle a Communidade com huma voz de Anjo, que tal a tinha; porque tudo dicesse com sua innocencia, e virtudes. Aos vinte dous annos de idade foy salteada de humas febres, que achando a natureza debil, deraõ com ella em tizica. Lançava muito sangue polla boca, e hiasse mirrando, e consumindo; mas resistia sustentada do vigor da mocidade: passados alguns mezes na enfermaria, onde era naõ só curada, mas servida com particular charidade, acordou hum dia de hum leve sono, chamou por huma religiosa, e dissellhe, que daquelle dia a sinco primeiros seguintes, que era a festa da Invençaõ da Sancta Cruz, havia de hir ver o bom Jesu: e acrescentou, que o mesmo Senhor lho prometera. Logo, como quem estava certa no que havia de ser, pedio os Sacramentos com efficacia, e os recebeo com devaçaõ, ajudando a rezar os Psalmos quando a ungiraõ, com voz taõ inteira, que ninguem se persuadia, que teria effeito taõ depressa o que tinha dito: senaõ quando chegou a vespara da Cruz anoitecendo, começa a boa enferma a despregar a lingua em louvores divinos com huma corrente de razoens celestiaes taõ altas, que naõ parecia menos, que Agostinho, ou Chrysostomo. Pasmava a Communidade, e em particular as que a costumavaõ tratar, que sabiaõ de sua simplicidade, e do pouco conhecimento, que tinha das cousas: estavaõ atonitas da soberania dos conceitos, e concerto das palavras; e naõ sabiaõ que cuidar, senaõ que os Anjos lhe moviaõ a lingua, e era já doutrina sua inspirada áquelle espiritu, que brevemente haviaõ de ter entre sy. Despois de ter dito muito, pedio que a deixassem, que queria ver se podia repousar hum pouco: pareceo cousa de graça querer dormir, quem tinha a morte aprazada pera o dia seguinte: e ouve algumas, que fingindo hirse, ficaraõ com curiosidade espreitando por detraz das cortinas o que fazia: e viraõ, que despois de rezar algumas devaçoens, que costumava, quando se recolhia de noite, todavia encostou a cabeça com a mayor quietaçaõ, e descuido que sohía, quando sam: mas a pouco espaço espertou sobresaltada, e queixosa. E parecendo ás enfermeiras, que seria mal de coraçaõ, que a miude a tomava, apercebiaõ epitimas pera lhe applicarem; mas ella afadigada, repetia muitas vezes o Verso: *Maria Mater gratiæ, &c.* e dava de maõ aos remedios. Perguntaraõlhe entaõ, que sentia; respondeo singellamente, palavras formais: Aquella Besta féra vinhase a my; mas eu fizvola fugir com *Maria Mater gratiæ, &c.* Quizeraõ todavia porlhe as epitimas, e ella lançandoas fóra por sua maõ; Tirai lá, dizia, estas miserias; que já naõ tenho dellas necessidade; nem de ne-

nenhuma cousa desse enganoso mundo. O que só quero, e desejo, he verme já com meu Senhor Jesu Christo: e em toda a noite naõ quiz levar nenhuma sustancia, nem outra cousa das com que nos dias atraz a hiaõ alimentando: e só repetia suspirando, que naõ queria mais, nem havia mister mais, que ver chegada sua hora, e cumprida a promessa, que tinha do bom Jesu. Espantava esta constancia a todas; mas muito mais de huma nova extraordinaria fermosura, que seu rosto representava. Até o dia atraz verde, como ervas, e seco, como de huma notomia, agora grosso, cheyo, e acompanhado de duas rosas encarnadas nas faces. Sem duvida parecia, que reverberavaõ já naquelle gesto os rayos do Divino Sol, porque tanto suspirava, e que no fervor, e sanctidade de suas palavras se enxergavaõ. Estas tornou a continuar com huma estranha eloquencia, e espirituada pronunciaçaõ: e onde os que assi acabaõ, se sujeitaõ aos avisos, e consolaçoens dos assistentes, ella sem dar lugar a que as religiosas a animassem, fez este officio consigo, como senaõ fora a que morria, e estivera com perfeita saude; e nelle perseverou até o praso, que lhe devia ser dado: que foy às sinco da manham. Entaõ espirou abraçada com hum Crucifixo, e repetindo o Verso: *In manus tuas Domine, &c.* Notouse, que até a hora, que a deraõ à terra, que foy no mesmo dia, por estar o tempo calmoso, naõ trocou seu rosto as rosas, e parecer, que dissemos: nem as madres perderaõ em muitos annos da memoria a doutrina, e santas amoestaçoens, que lhe ouviraõ.

CAPITULO XVII.

Das Madres Sor Isabel Rodrigues, Sor Catherina Gomez, Sor Catherina Gonçalves, Sor Maria Jusarte, Sor Catherina da Cunha, e Sor Britez de Menezes.

TEmos na Madre Sor Isabel Rodrigues huma vida sancta, rematada com huma cruel, e trabalhosa morte. Aqui cabe pera advertencia dos que vivemos com frouxidaõ, e descuido o dito do Redemptor: *Si sic in viridi ligno, quid fiet in arido?* Se assi se trata quem em virtudes era huma arvore verde, e florida, que se fará a quem for madeiro seco de todo bem? Era muito devota da Paixaõ, e das dores que o Senhor padeceo na Cruz. Hum dia de Ramos, em que a Igreja começa a celebrallas com a liçaõ da paixaõ de S. Mattheus, foy Deos servido, que se visse falteada de tantas, e taõ apertadas dores por todos os membros, e principalmente do estamago, onde qualquer se faz mais sentir, que o medico deu a doença por mortal: e sendo tal a afflicçaõ, que passava, que naõ tinha momento de alivio, cresceo com a ventagem à terça feira, na hora da segunda paixaõ: e quando veyo à quarta, naõ havia já senaõ perder o juizo: porque as ancias, as vascas, e martyrios eraõ taõ fóra de medida, que arremetia a se lançar fóra do leito, e sem saber, que conselho tomar, trosia as mãos, e arrebentava em queixas, dizendo: Ah Senhor, porque a my mais, e taõ de subito?

to? E logo parecendolhe genero de impaciencia, tornava sobre sy arrependida, e magoada, e dizia com sentimento, e as mãos ao Ceo alevantadas: Meu Senhor cumprasse em my vossa sancta vontade, façase em my tudo o que vosso sancto serviço for. Mas o Senhor queria provar em mais sua serva: e aconteceo, que olhando pera os pés do leyto vio tal fantasma, que disse alto: Oh inimigo? E voltou pera as religiosas, pedindolhes, que a ajudassem com suas oraçoens. Passado pouco espaço, estendia os braços pera o mesmo lugar, fechava as mãos ambas com figas, e dizia: Agora me diz que sou grande peccadora: e eu madres bem sey, que o sou, mas tambem sey, que a misericordia de Deos he mayor que todos os peccados do mundo juntos: e conheço, que naõ me hey de salvar por quem sou, quando bem fora a que devia, senaõ pollos merecimentos, que meu Senhor Jesu Christo me ganhou com seu sangue, e morte preciosa. Isto repetia muitas vezes, e abraçandose com huma Cruz, pedia a Deos, que a salvasse, e assi espirou. Como saõ varios os caminhos, por que Deos leva seus escolhidos: e tudo, o que de sua Divina Maõ nos vem, he pera mais bem nosso, ou na vida prezente, ou na futura, que esperamos: nem nos devem fazer medo as carrancas dos trabalhos, nem alegrarnos demasiado os mimos, e favores. No que padeceres verás como es amada, disse Deos a huma boa alma de nossos tempos. E as primeiras novas, que manda dar a hum Paulo despois de convertido, saõ do muito que lhe convinha padecer pollo nome de quem o convertera. E elle dizia. *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis*, como se dissera. Se o mimo que se faz aos soldados valentes, he quando seu Capitaõ fia delles o mór perigo; porque me naõ alegrarei, e jactarei eu do mal, que o Senhor quer, que eu padeça? Contámos de huma attribulada em corpo, e espiritu: digamos agora de algumas, cuja vida foy nadar em favores divinos, e até na morte acharem particular benignidade no Senhor: trazendoas em todo tempo, como a filhinhas pequeninas, e enfermas, em seus braços, e entre os peitos de sua Divina misericordia: por naõ faltar no que disse pollo Profeta: *Ad vbera portabimini.*

P. 1. desta Chron.

Act. Ap.

Saõ primeiras duas Catherinas: huma Gomez, e outra Gonçalves: gente conforme aos nomes pouco conhecida na terra; mas muito no Ceo. Da primeira se escreve, que era cega de nascimento: porém via tanto com os olhos d'alma, que era hum extremo de virtudes. Particularmente tinha tanto ponto em acudir ao choro, e assistir com a Communidade a todas as horas, que se desconsolava muito, se entendia, ou sabia, que se lhe anticipara alguma religiosa, despois que o sino dava segundo aviso. Começoulhe a inchar hum peito: ouve certeza de ser Cancro; trataraõ de a curar: naõ ouve quem acabasse com ella, que consentisse em tal. Respondia, que seu Pay teria cuidado de lhe dar saude. Chamava pay a hum devoto Crucifixo que tinha: este abraçava consigo, e punhao sobre o peito muitas vezes; e emfim, sem outro

reme-

remedio, desappareceo a inchaçaõ, e todo mal. Quando muitos annos despois veyo a fallecer de huma doença ordinaria, desda hora, que recebeo os Sacramentos, até que acabou, assistio sempre junto de seu leyto huma Pombinha, sem se apartar delle, senaõ quando a levaraõ à sepultura; porque entaõ foy caminhando, como a passos contados diante da Communidade, e chegando ao lugar da cova saltou sobre huma trave da varanda, onde esteve, como assistente do officio da sepultura; e tanto que foy acabado, e as Freiras recolhidas, desappareceo sem mais ser vista.

Quasi o mesmo aconteceo à segunda Catherina para se conformarem ambas nos successos, como nos nomes. Passara longos annos na Religiaõ com grande paz, e sossego d'alma, huma vida em que ninguem notava culpa, quando veyo a deixar o despojo mortal: tres dias antes de ser sepultada, appareceo defronte della huma Pomba, e naõ largou o posto até que deu a alma ao Creador. Puzeraõ as Madres antigas em memoria estes transitos: porque podendo ser cousa accidental o caso das Pombas, com tudo, vista a conjunçaõ, e circunstancias referidas do tempo em que vieraõ, e assistiraõ, naõ havendo em casa criaçaõ de Pombas, nem pombais, e junto tudo com a qualidade das defuntas, pareceo que naõ careciaõ de mysterio.

Por differente via quiz o Senhor dar sinal do muito, que se agradava da innocencia, e bondade, que outras duas religiosas deste Mosteiro conservaraõ em huma grande temporada de annos, que viveraõ. Adoecendo a primeira (era seu nome Sor Catherina da Cunha) viose alguns dias antes de seu transito huma fermosa luz no tecto da casa em que se curava, que nenhuma differença fazia das Estrellas mais luminozas do Firmamento. Pareceo a quem primeiro a notou, que naõ era outra cousa, e que no tecto haveria alguma abertura, que desse vista do Ceo: querendose satisfazer, ficou mais enleada; porque buscou o Ceo, e achou todo escuro, e toldado: e tornando pera a doente, a estrella naõ faltava onde primeiro. Assi averiguaraõ, que tinha seu assento das telhas abaixo; e no mesmo tecto, que cubria a enferma: e logo se deixou entender, que à sua conta luzia, porque perdeo a luz, e desappareceo na hora, que a enferma perdeo tambem a luz de sua vida.

Isto mesmo sem nenhuma differença foy visto por todo este Mosteiro na morte da Madre Sor Maria Jusarte. Era igual em virtudes, e no exercicio dellas, em longo discurso de annos. Naõ quiz o Senhor differençallas na honra aos olhos do mundo pera exemplo nosso, e gloria sua, quando chegava a hora do mais alto premio.

Sem prodigios do Ceo, mostrou o mesmo Senhor em outra serva sua, que sempre está perto, como o diz o Psalmista, de todos aquelles, que com elle tem justos, e sanctos requerimentos. A Madre Dona Britez de Noronha, era irmam de Dom Leaõ de Noronha, que por suas raras virtudes foy neste Reyno muy conhecido, e por Padroeiro

Ps.

ro do nosso Mosteiro do Salvador de Lisboa. Esta Madre fazia extremos de devaçaõ com huma Imagem de Christo à Columna, que as madres tem dentro. He a Imagem pequena, mas naquelle tamanho representa com perfeiçaõ tudo o que em tal passo póde mover as almas a sentimento, e magoa: o rosto cahido, e mal tratado, as cores perdidas, os olhos pisados, o cabello revolto de arrepelado, as carnes parte asperamente abertas dos açoutes, parte assineladas de vergões negros. Visitavao a toda hora, que tinha de seu: chamavalhe sempre com termo sentido, e mavioso, o seu doentinho, como quem na alma se dohia do que alli via representado; e passava tanto adiante neste affecto, que pera tomar parte nas dores do bom Senhor, jejuava a paõ, e agoa a sua quarentena da Columna, que os devotos fazem de dia de Reys até o de S. Valentim: e pera fugir vamgloria, sabiase tam bem fingir, no refeitorio, que nem as Freiras mais vezinhas deraõ fé em muitos annos de sua abstinencia. Desta Madre se sabia, e era publico na casa, que pedia sempre a Deos, que a naõ levasse de doença prolongada: e era a rezaõ, naõ por se forrar do trabalho, que os males compridos daõ a quem com elles se alarga a vida: mas porque de sua condiçaõ era taõ branda, que sentia ser penosa a qualquer pessoa, quanto mais a huma Communidade inteira. Chegou hum dia de S. Valentim, que costumava festejar por cabo de sua quarentena, com confissaõ, e communhaõ. Ao entrar no confessionario foy salteada de hum accidente taõ violento, e mortal, que lhe naõ deu mais tempo, que pera se confessar: e sem poder receber o sancto Viatico, se foy gozar delle no Ceo, com a pressa, que lhe pedia, e dezejava.

CAPITULO XVIII.

Da Madre Sor Britez das Chagas, por outro nome Ferraz.

ESta Madre fez profissaõ nas mãos da Prioressa Dona Maria de Atayde no Anno de 1519. e tal foy o cuidado com que deste dia em diante se soube applicar a todos os particulares de perfeita Observancia; que aos dez annos de professa igualava em tudo às mais aproveitadas do Mosteiro; e por isso foy huma das que a obediencia escolheo pera hirem fundar o Mosteiro de S. Joaõ de Setuval, à petiçaõ do senhor Dom Jorge Mestre de Sanctiago. Passados tres annos, que alli residio, tornouse para esta Casa, e foy eleyta em Prioressa na primeira occasiaõ, que o tempo deu. Nenhuma cousa descobre mais pera quanto he huma pessoa, que cargo de superioridade, e independencia. Vida debaixo de obediencia, he luz encuberta, de que pouco se sabe. Prelacia he luz sobre castiçal, de todos julgaõ. Naõ se póde bem dizer, quanto valor foy descobrindo Sor Britez, tanto que esteve no officio: e quanto adiantamento em todas as virtudes. Particularmente se conta, que resplandecia nella huma entranhavel compaixaõ de gente affligida. Qualquer, que fosse o trabalho, dezejava de se despen-

1519.

der toda, por remediar, por acudir, por soccorrer, e consolar, trazendo diante dos olhos aquelle Senhor, que se deu por todos: e que chama bemaventurados òs misericordiosos, e lhes promete, que alcançaràõ misericordia. Entrou hum Anno de fome, padeciase muito na Villa, assi entre o povo, como em casas mayores. Juntavase na portaria grande numero de pobres: a todos se dava esmolla: e naõ se contentava com menos a Prioressa, que repartilla por sua maõ, pollo gosto, que tinha de dar. Mas além desta repartiçaõ publica, fazia outra em segredo por casas honradas, que sabia padecerem muito. E com os Padres de Sancto Antonio, que tem seu Convento na Villa, era a liberalidade dobrada, fazendo consideraçaõ, que como a fome era geral, haviaõ de sentir muita falta no seu petitorio do alforge. E notaraõse nesta conjunçaõ duas cousas de grande gloria de Deos. Foy a primeira, que dando a Prioressa sempre, e a toda hora, e sem conta, nem ordem do mesmo paõ, que a refeitoreira recebia pera o provimento do jantar, e cea da Communidade, que ordinariamente se dá por conta de apouco mais, segundo o numero das bocas: e advertindo sempre a Refeitoreira, que andasse com cuidado, e visse se ficava bastante conta pera a Communidade, o que sabidamente era impossivel, segundo o muito, que lhe passava pollas mãos, e despendia com os pobres: nunca a Refeitoreira contando o que ficava, que sempre o contava, deixou de achar o que era necessario pera a mesa. A este crescimento claramente miraculoso, se ajuntava outra maravilha; e era, que todas as Religiosas em geral, em quanto durou a necessidade apertada da Villa, e a repartiçaõ charidosa da Prioressa achavaõ huma notoria, e conhecida ventagem no paõ, que estes dias comiaõ, em vista, e sabor, sem poderem atinar donde procedia a novidade: porque naõ acabavaõ de cahir na virtude, que lhe punha o Senhor dos Ceos, que delle participava em seus pobres: e esta entenderaõ despois de passada a furia do trabalho, que cessou tambem a largueza das esmollas, e tornou o paõ de casa a ser, e parecer o que era dantes, e no tempo da fartura. Mas entaõ obrava Deos outras misericordias com sua serva, que sem saber donde, lhe entravaõ cada hora por casa muitas cargas de trigo: e tudo era pouco em comparaçaõ dos casos, que logo diremos.

Chegou hum dia à Roda huma pobre mulher em hora, que se achava a Prioressa nella. Pedio pollas Chagas de Christo hum pouco de azeite pera huma mezinha, quando a Prioressa ouvio a necessidade, e a intercessaõ, que se lhe juntava, derreteraõselhe as entranhas: quizera dar a casa toda. Mas parece, que foy tentaçaõ do Ceo pera prova da charidade: porque havia poucas horas, que a procuradeira lhe dissera, que era necessario mandar buscar azeite fóra; porque o que tinha naõ bastava pera a cea da Communidade, que era de peixe. Chamou com tudo a Madre, pediolhe que partisse do que havia com a pobre, porque naõ fosse des-

deſconſolada. Mandou ella vir diante da Prelada o vazo em que o tinha, que era huma almotolia de folha de Frandes: e havendo nella couſa bem pouca ſatisfez a quem pedia, e a quem mandava, com lhe ficar nas mãos, quaſi vazia. E foy o caſo de notar, que a procuradeira quando hia lançando o azeite na vazilha da pobre, a affligiaſe, e hia perguntando por momentos à Prioreſſa ſe baſtava: e porque ella callava, chegou quaſi a lho dar todo; e por remate, como accuſando a liberidade, que julgava por indiſcreta. Agora, diſſe, eſtará V. R. contente, e na verdade aſſi foy: porque a Prioreſſa ficou taõ alegre, e confiada em Deos com aquella eſmolla, como a ſubdita deſconfiada, e ſentida, pollo que tocava a ſeu officio. Naõ tardou muito o ſignal da cea: e porque ella deſappareceo por naõ ſer preſente ao deffeito, a ſervidora, que a ajudava, começou a aparelhar o que convinha: e ſem ſaber o que era paſſado, lança maõ da almotolia, e começa a prover as ſalſeiras; maravilhas do poder Divino; naõ ſó ouve azeite pera a primeira, e ſegunda meza; mas averiguouſe, que ſervira pera muitos dias. Aqui temos o lecyto da velha de Elias; e naõ he de eſpantar, que taõ poderoſo he hoje Deos, como entaõ, e muito mayores miſericordias uza de prezente com ſua Igreja em virtude do ſangue precioſo de Jeſu Chriſto ſeu Filho, que nella temos.

Reg.

Andava o Senhor como em contendas de cortezia, e charidade com a boa Prioreſſa. Ella a dar de boa vontade iſſo pouco que podia; e o Senhor a pagarlhe com aventagens. Grande, e ſoberano mimo, que acreſcentava a virtude: e aſcendia o amor. Eſtava huma tarde na Roda tomando hum recado, deſpois de cantadas completas no choro. Pediolhe hum pobre eſmolla, obrigandoa com as Chagas do Bom Jeſu. Acertou de ſer preſente a Procuradeira: mandoulhe, que o conſolaſſe, eſcuſouſe, affirmando, que os ſobejos tinha já dado na porta; e de dinheiro naõ havia em ſeu poder, nem em toda a caſa, mais que tres modas de tres reis cada huma, que faziaõ nove reis. Tomoulhas a Prioreſſa, e com magoa de ſer taõ pouco, deuas ao pobre. Era junto da noite: naõ ſe tinha mudado da Roda. Eis que ſervia nas marinhas, e deixava vendido, e entregue hum pouco de ſal, e trazia o dinheiro, que logo lhe poz na Roda, com conta feita do que montava: recebeo a Prioreſſa o dinheiro; e contandoo, achou de mais nove toſtoens. Chegaraõſe Freiras, mandou que o contaſſem de novo: conformando todas no creſcimento, chamou o criado, diſſelhe o que paſſava, e que levaſſe o que vinha de mais; porque naõ queria dinheiro alheyo. Paſmado o homem; porque ſabia, que trazia certo o que ſe montava no ſal, e naõ tinha de ſeu nenhum dinheiro, que ſe pudeſſe miſturar com o do Moſteiro. Deſpois que o contou, e recontou, e vio, que todavia creſciaõ os nove toſtoens, entregou tudo outra vez à Prioreſſa, dizendo, que eſtava ſeguro, e certo, que naõ trouxera ahy mais dinheiro, do que era a valia do ſal, que vendera, que pois creſcera entrando

no

no Mosteiro, no Mosteiro ficasse, que elle tambem naõ havia mister, nem queria dinheiro alheyo. Naõ faltou quem notasse, que os nove reis, que a Prioressa mandara dar ao pobre, naõ havendo em casa outro dinheiro, lhe pagara Deos logo a cento por hum, segundo sua Divina promessa, dandolhe por nove reis, nove centos reis. E logo se vio o caso confirmado com outro de mais espanto.

Nos primeiros tempos deste Mosteiro, uzavaõ as Religiosas escapularios compridos de pano grosso: foyse trocando o costume, no que agora dura, e era já de todo acabado, quando a Madre Sor Britez entrou no cargo de Prioressa. Com tudo por honra da antiguidade, quando alguma Noviça professava fazialhe a cerimonia com hum semelhante aos do tempo antigo, que a esse fim se guardava na cella das Prioressas. Succedeo hum dia pedirlhe hum pobre hum pedaço de pano pera se remendar, e fazer chegar ao anno os farrapos, que cobria. Como ardia em charidade, foy correndo à cella a buscar que lhe dar. Revolvendo huma arca, encontrou com o Escapulario das profissoens: pareceolhe a proposito pera remediar a necessidade; porque tambem naõ achava outra cousa: e sem mais advertir, descoze huma das abas, dobraa, e metea na maõ do pobre. Passaraõ dias, offereceose huma profissaõ: pedio a Mestra das Noviças hum escapulario, a quem tinha cargo da cella da Prioressa, que ficou em lembrança, era Sor Jeronyma de Castro. Naõ sabia ella o que era passado, achou a aba dobrada, assi como a deixara a Prioressa, assi a entregou; e foy a graça, que o escapulario estava inteiro: e a Prioressa, que de suas mãos o lançou à professa, naõ cahio na maravilha, senaõ algumas semanas despois, que tornou à arca, e a caso o desenvolveo, e achou inteiro: lembrando entaõ que por sua maõ o descozera, e dera ametade ao pobre, entrou em colloquios de humildade, e conhecimento proprio com Deos, e naõ eraõ menos, que dous rios as lagrimas, que seus olhos brotavaõ, queixandose desconsoladamente; porque assi honrava a quem taõ pouco merecia. Nesta conjunçaõ acertou de entrar Sor Jeronyma, e parecendolhe cousa de importancia, a que assi a affligia, fez instancia porque lhe communicasse o que era, e tanto a importunou, que em fim lhe confessou tudo, tomandolhe a palavra, que em sua vida o naõ contasse a ninguem.

Esta Madre viveo longos annos, e enfraquecendo a natureza, deulhe hum genero de parlezia na boca, e no entendimento nunca ouvido: perdeo a falla, e juntamente a memoria de tudo o que era lingoagem Portugueza, excepto estas duas syllabas; sy, e naõ. Ficoulhe memoria, e pronunciaçaõ inteira, de tudo o que pertencia ao Officio Divino, e às cousas da Religiaõ, taõ espevitadamente rezava tudo o que huma Freira he obrigada no choro, e fóra delle, e no Refeitorio, como quando mais sam estava. Assi muda pera tudo o mais da vida (grande, e boa ventura) cumpria com todas as obrigaçoens de Freira: e reservoulhe a Misericordia Divina o sy, e o naõ pera se po-

der confeſſar, e ſer abſolta por perguntas. Parecia couſa impoſſivel ao juizo de muitos tal ſorte de infirmidade, que de meyas paraliticaſſe a lingoa, e a memoria. Quizeraõ humas madres provar huma couſa, e outra, rezando com ella: trocavaõ de propoſito huma Antifona, ou Pſalmo; e ella acudia logo com o Portuguez, que o mal lhe deixara livre: naõ, naõ, e juntamente com a Antifona, ou Pſalmo, que alli tinha ſeu lugar. O meſmo aconteceo hum dia ao Confeſſor: como lhe ouvio dizer com boa expreſſiva a confiſſaõ geral, que como parte do Officio Divino naõ perdera da memoria, fezlhe pergunta ſe cometera hum peccado grave, declarando a qualidade. Acudio ella logo com o ſeu, naõ, muitas vezes, e com efficacia repetido: e a poz o naõ ſeguiraõ os olhos com tal abundancia de lagrimas, que naõ havia couſa, que lhas enxugaſſe, como ſentindo poderſe cuidar della, pois era perguntada, que tal offença cometeſſe contra Deos.

Neſte eſtado tinha cuidado della huma ſervidora: dezejou agradecer o trabalho, e charidade com que lhe aſſiſtia. Poz em obra, porque a ſervidora naõ ſabia ler, enſinarlhe de cór as horas de Noſſa Senhora: tanto pode a continuaçaõ, e bom eſpiritu que lhas meteo na cabeça; e a poz as horas enſinoulhe tambem o Cantico grao, os Pſalmos penitenciais, e a Bençaõ da meza ſem poder nunca pronunciar huma ſó palavra em Portuguez. O meſmo ſe vio, quando Deos a quiz levar pera ſy no oficio da ſancta Unçaõ. Dizia toda a Communidade hum Verſo, e ella outro, tam bem declarado, e em tal alta voz, que de todas era ouvida com eſpanto. Poucos dias antes do fim, moſtrou Deos a duas Religioſas diſtinctamente o lugar em que havia de ſer ſepultada, e com que honra; pera que vejamos o cuidado, que em vida, e morte, tem de quem o bem ſerve. Tinha a boa velha particular lugar no choro em que aſſiſtia aos Officios Divinos ſentada em huma pequena tripeſſa. Neſte ſitio viraõ ambas huma cova aberta, e multidaõ de gente junta, homens, e mulheres, que aſſiſtiaõ ao enterramento: do que muito ſe eſpantavaõ por ſer no choro, e naõ verem Frades. Aconteceo deſpois no dia, que falleceo, haver duvidas onde ſeria bem enterrarſe. Lembrou huma ſobrinha ſua, que lhe deſſem na morte o meſmo lugar, que muitos annos occupara em vida. Pareceo juſto, e aſſi ſe fez, cumprindoſe o que as Religioſas tinhaõ notado da cova, e da Freira morta. Faltava o concurſo do povo, que tambem eſte ficou entendido, mais, que viſto: porque, ſendo como era, notorio ſer a Madre devota com extremos das onze mil Virgens, e dos ſanctos dez mil Martyres, julgavaõ deſpois de relatada a viſaõ, que elles, e ellas lhe vieraõ ſolemnizar as exequias, juntando ao que ſabiaõ de ſua devaçaõ, huma extraordinaria melodia de canto, e vozes, que por toda a caſa foy ouvida na hora que eſpirou.

CAPI-

CAPITULO XIX.

Das Madres Sor Ines Pacifica, por outro nome Lousada; e Sor Guiomar Ferreira.

1533. POr Outubro do Anno de 1533. professou a Madre Sor Ines Pacifica, taõ parecida com o nome na condiçaõ, que já mais de sua boca se ouvio palavra de ira, ou pouco sofrimento. Só consigo naõ sabia ter a paz, que guardava com outrem, fazendose guerra continua com duras penitencias. Jejuava a paõ, e agoa todas as quartas, e sestas feiras do Anno; com o mesmo rigor levava toda a quarentena da Columna, que começa, como atraz fica dito, em dia de Reys, e acaba por Saõ Valentim. Quasi todas as noites tomava disciplinas, e estas eraõ tays, que a casa fazia publico de dia o que della se fiava por segredo no alto silencio da noite: amanhecia alagada em sangue. He grande companheira da penitencia a oraçaõ: davalhe muitas horas, e com muito fervor, e via nella grandes cousas. Hum dia se lhe representaraõ algumas Freiras defunctas, que conhecera vivas: e vio, que alegre, e airosamente teciaõ entre sy huma graciosa dança, e hiaõ tirando pera ella outras, que conhecia no Mosteiro, e de presente viviaõ com boa saude, e forças; e ultimamente vio, que tambem a convidavaõ, e dandose as mãos dançavaõ todas. Naõ cahindo por entaõ no que significava a visaõ, o tempo lha foy declarando: porque notou, que foraõ morrendo todas as que vio tirar pera a dança: huma a poz outra, polla mesma ordem, com que as vira entrar nella. Donde ficou entendendo, que era aviso do Ceo, pera se aparelhar: e fazendo conta, que naõ estava sua hora longe; porque se ajuntava estar muito adiante nos annos: foyse a Enfermaria, e pedio a quem a tinha a cargo, que lhe deixasse concertar hum leyto, porque logo se queria pera elle passar. Acudiraõ as amigas, reprenderaõna de se querer agourar mal quando andava sam, e bem. Mas ella sem dar por nada, compoz o leyto por suas mãos: e logo no dia seguinte foy demandar a Prioressa, que era a Madre Sor Jeronyma de Castro, e achando no locutorio occupada com huns seculares, dissełhe todavia, que tinha cousa de importancia, que lhe communicar, e que cumpria brevidade. A Prioressa, ou que tivesse por mais importante o negocio, em que estava; ou julgando por effeitos de velhice a pressa, que lhe dava, respondeo, que levantandose dalli, a ouviria: e ella despedindose, replicou desconsoladamente, que por ventura naõ haveria despois tempo. E como quem sabia, que naõ tinha vida pera chegar às horas da collaçaõ da Communidade, pedio licença à Prioressa pera hir tomar a sua, e dalla a hum pobre: e dissełhe ultimamente, que mandasse ter advertencia, que no seu leyto deixava sobre hum escabello habito, escapulario, e véo, com tudo o mais, que pera huma mortalha era necessario. Chegou ao Refeitorio, tomou sua pobre pitança: caminhava pera a roda: eis que cahe subitamente, tomada de taõ forte accidente,

e tal, que dalli foy levada em braços pera a Enfermaria, e lançada no mesmo leyto, que por sua maõ, e pera sy concertara. Eraõ horas, que a Prioressa estava inda no locutorio. Deraõlhe recado depressa; mas cumpriose o que a sancta velha tinha dito: porque nem teve lugar de a ouvir, como convinha, nem ouve mais tempo, que pera lhe ministrarem os Sacramentos. Assi acabou no leyto, que escolheo, e foy amortalhada no fato, que tinha prestes, que se achou na forma que tinha advertido.

Succedeo passados poucos dias a huma Religiosa de authoridade, e credito, que acordando de noite, sentio fallar no leyto da Prioressa, que lhe ficava defronte; e espantada por huma parte de que naõ sentira passar ninguem pollo dormitorio; e por outra de que a falla lhe parecia taõ semelhante com a de Sor Ines, que se naõ soubera ser morta, a dera por sua: quando foy manham deu conta à Prelada do que ouvira, e pediolhe quizesse tiralla daquella duvida. Vendo ella sinais conhecidos, e em tal pessoa, confessoulhe, que naquella hora lhe apparecera a defuncta: e sem embargo, que naõ recebera muito pavor, com tudo lhe dera as costas, virandose pera a parede: e assi ouvira della algumas cousas, que tocavaõ ao Convento: e pera confirmaçaõ lhe dissera outras, que affirmava succederiaõ pollo tempo adiante. Tal foy esta Madre, que nem despois de morta quiz faltar no que devia ao bem de sua Communidade: e o que naõ pode fazer em vida, alcançou de Deos fazello despois. E assi ficou em lembrança, que as cousas, que advertira à Prioressa foraõ de muita importancia: e as que revelara que haviaõ de succeder tiveraõ pontual cumprimento.

A Madre Sor Guiomar Ferreira foy natural desta Villa, e dos melhores della. No dia, que professou, cerrou contas com tudo o que no mundo tinha; com tanta resoluçaõ, que nenhuma amizade, nem conversaçaõ tinha, nem trato admittio mais de pessoa viva das portas a fóra. E he cousa averiguada, que só com huma irmã sua a puras importunaçoens fallou algumas vezes, mais por obra de misericordia pera a consolar em trabalhos, que padecia, que por gosto seu. Era taõ dada à oraçaõ, e contemplaçaõ, que nenhum gosto tinha mayor, que assistir, dia, e noite no choro. Ajuntavalhe gravissimos rigores de penitencias, muitos jejuns de paõ, e agoa, asperos cilicios, e disciplinas. O que mais espanta he, que sendo o sujeito de sua natureza fraco, e enfermo, assi o mortificava, como se fora robustissimo. Estava ethica confirmada, e taõ perseguida de tosse, e sangue polla boca, que no choro naõ podia muitas vezes continuar os officios com as Religiosas: e com tudo faziase força, e perseverava: e se era mandada, eraõ tantas suas lagrimas, que lhe alcançavaõ da Prelada poder ficar: porque achava, que naquella companhia, e oraçaõ commua recebia grandes mimos, e favores do Ceo. Naõ tinha mais, que seis annos de professa, quando se vio chegada às portas da morte; entaõ por obediencia afrouxou hum

pou-

pouco de seus rigores; mas era tanto o gosto, que levava de ver, que se lhe abreviava a carreira da vida, que em todas as palavras, e obras se lhe enxergava huma extraordinaria alegria, que espantando a todas, tambem as forçava a alegrarse, por mais tristes, e desconsoladas que estivessem. Huma segunda feira, primeira oitava de Pentecoste, aconteceo amiudarselhe accidentes, e dores de coraçaõ, e sobrevindolhe hum desmayo grande, cuidaraõ as que a vigiavaõ, que era paroxismo de morte, e começaraõ a fazer sinal costumado com as taboas: e ella tornando alegre, e rizonha, dizia pera a Prioressa, que achou à cabeceira: Vio V. R. madre Prioressa tamanha graça, que por me verem dormir acudiaõ já com o Credo, fazendo conta, que acabava? Pois quietemse, que ainda agora naõ ha de ser, lá pera quinta feira. Quando veyo a quarta pedio de novo os Sacramentos; e fez pasmar, despois de recebidos, a graça, e fermosura de rosto com que ficou: sendo assi, que com a doença estáva toda desfigurada, inda que moça, e noutro tempo gentil mulher: e estava tanto em sy, que mandou chamar nomeadamente duas Religiosas, e lhes disse, que por entender dellas, que teriaõ animo, e forças pera lhe assistirem no penoso trance, que esperava, por isso as escolhia antes que outras, que de boa vontade se lhe offereciaõ. Entrando em artigo de morte, começou huma Religiosa o Verso, *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*: e acudiraõlhe tantas lagrimas, que naõ pode passar adiante: e ella abrindo os olhos continuou alegremente, e com hum extremo de devaçaõ: *Redemisti me Domine Deus veritatis.* Logo poz os olhos em hum retabolo de Nossa Senhora, e tendo com ella, e com o Minino Jesu hum humilde, e devoto colloquio, dormio no Senhor, ficandolhe no gesto tanta graça, e boa sombra, que enganava com representaçaõ de vida, e viva.

CAPITULO XX.

Das Madres Sor Felippa de Gouvea, Sor Maria Correa, Sor Felippa Botelha, e Sor Isabel Gomez.

DAs Madres Sor Felippa de Gouvea, e Sor Maria Correa, ficaraõ em memoria duas profecias assaz estranhas: que juntas com o muito, que se sabia da virtude de ambas, callificaõ bem seus merecimentos, pera nos naõ ficarem fóra destes escritos. Tratavaõ hum dia algumas Religiosas juntas em boa conversaçaõ, quam proveitosa fora neste mosteiro huma fonte de agoa: acudio a Madre Felippa de Gouvea, que as ouvia, dizendo: Dessa maneira muita festa faraõ quando eu morrer: porque da cova, que se abrir pera me enterrarem, ha de correr abundancia de agoa. Foy materia de riso por entaõ o dito: e naõ o foy menos passados poucos dias, adoecendo levemente a mesma Madre, pedir os Sacramentos com pressa, e resoluçaõ: e naõ vindo nisso a Prelada por conselho do Medico, que affirmava naõ ser o mal de consideraçaõ, quanto mais de morte; ella se ratificou, que no mes-

mesmo dia, e antes da meya noite havia de morrer: e ambos os ditos vio logo todo o Mosteiro cumpridos, naõ sem grande espanto: porque ella naõ durou mais horas, que as que bastaraõ, pera receber os Sacramentos, que todavia lhe foraõ ministrados, polla efficacia com que os pedio, e requereo: E da cova, que no dia seguinte se começou logo em amanhecendo a abrir, brotou huma vea de agoa taõ copiosa, que procurando o official esgotalla, se encheraõ muitos vasos, e taõ clara, que aproveitou pera ensaboados, e outros serviços de casa, e em fim, foy forçado fazerse outra cova, pera agasalhar a defuncta; e tal cumprimento teve o dito, que primeiro pareceo cousa de riso.

Mas naõ foy menos prodigioso o que logo diremos da Madre Sor Maria Correa. Começavase a trabalhar na primeira cova de Sor Felippa: sendo ouvidas as primeiras enxadadas de certas Religiosas, que estavaõ juntas, disse a Madre Sor Maria: Debalde de cansa o coveiro; porque aquella cova naõ ha de servir à defuncta pera quem se faz, senaõ a outra que hoje está viva, e sam: e porque ninguem se malencolize, eu mesma, que o digo, sou a que a hey de estrear. Naõ tardou muito, que viraõ a primeira parte cumprida por razaõ da agoa, como temos contado: nem tambem tardou muito em adoecer a Madre, e fallecer: e porque a cova da agoa, que ainda estava aberta, tinha desenganado os officiaes despois de muitas diligencias, que se fizeraõ, que naõ havia que esperar della, antes estava de todo seca: pareceo à Prioressa, que se entulhasse, sepultandose nella, quem o profetizara.

Mas caso diremos logo, que tem muito mais de maravilha, e mais de louvor do Autor da natureza. Entrou nesta casa a Madre Sor Felippa Botelha pera Freira do choro: porque por partes de habilidade, nobreza, e fazenda, o merecia. Mas era tanta sua humildade, que fez extraordinarias diligencias com hum irmaõ seu, porque lhe alcançasse licença dos Prelados mayores pera ficar no estado das conversas; e entre tanto naõ tinha mór gosto, que occuparse nos officios dellas: mas o tempo, que alcançava livre, gastava todo no choro, com tanto sabor, e deleytaçaõ do que sua alma alli sentia, que em nenhuma outra parte achava descanço. Communicavalhe o Senhor aquelle Maná celestial, e invisivel, mais suave, que tudo o que no mundo se estima por muito saboroso, com que costuma banquetear seus amados. Buscavao ella, e continuavao, e a continuaçaõ naõ só naõ enfastiava, como fazem as comidas da terra; mas accendia o gosto, e este lhe grangeava novos favores da maõ Divina, Maõ sempre liberal, e favores sempre largos com quem os sabe estimar. Hum dia, despois de ter gastado longo espaço na Oraçaõ, sahiolhe subitamente do peito hum grande gemido, pedindo misericordia, com huma voz muito alta, e ao parecer forçada. Acudiraõ algumas Religiosas, que andavaõ perto, acharaõna postrada em venia, e toda trespaçada: quizeraõ saber a cau-

a causa; mas os Sanctos saõ muy avaros de dar conta de sy: soubese de seu Confessor despois de morta. E foy o caso, que vio sahir do Sacrario hum rayo de luz immensa, e porselhe sobre a cabeça: e daqui nasceo, sentindose indigna de tanto bem, levantar a voz na forma, que se lhe ouvio. Grande cousa he servir amo rico, e bem acondicionado; vem as merces a montes. Commungava esta Religiosa huma manham com a Communidade: ministravalhe o Sacramento o mesmo Confessor, que era hum Padre de grande nome em virtudes (chamavase Frey Joaõ de Aveiro) levantando huma fórma pera lha pôr na boca: eis que subitamente se acha sem ella: sobresaltouse todo, cuidando que lhe cahira da maõ. Inquietase, revolvese, buscandoa; e querendose abaixar ao chaõ. Neste passo cortou a Religiosa pollo escrupulo, que lhe fazia sua humildade, por acudir à inquietaçaõ do Confessor: e disselhe que se podia sossegar; porque ella tinha commungado, e fallaria despois com elle. Isto bastou pera o Padre ficar desassombrado, e satisfeito: porque sabia tanto de suas virtudes, e das muitas mercês, que recebia cada hora de Deos, que ficou logo cahindo na presente: que ao sabido foy, que o Divino Sacramento por sua misericordia, e e polla devaçaõ de quem o recebia, quiz anticipar aquelle breve espaço em a consolar, e entrar na horta de seus deleytes: que tal he pera o Senhor toda a alma pura; e passouse das mãos do Ministro ao sacrario da boa serva: e o mesmo Ministro foy o que despois de morta esta Madre, deu noticia do caso, affirmando juntamente della tal pureza de consciencia, que nunca lhe achara peccado mortal.

Costumava esta Religiosa, entre outras muitas devaçoens, e penitencias, que fazia, saudar todas as noites sem vezes a Virgem Maria, à honra de sua pureza Virginal, e naõ se deitar em cama a noite antes do dia em que havia de commungar. Huma grande amiga sua, a quem descubria alguns segredos dalma, indo hum dia buscalla à cella, vio dentro taõ grande claridade, que temeo fosse algum fogo: e entrando aceleradamente com a confiança, que lhe dava a amizade, e o medo do perigo, achoua lançada por terra em vénia; e perguntandolhe polla causa da luz, e daquella postura, lhe confessou, despois de apertadas instancias, que lhe fizera mercê de se deixar ver de seus olhos peccadores a gloriosa Raynha dos Ceos com o Minino Jesu nos braços. Foy este caso pouco antes de sua morte, e como em denunciaçaõ, e aviso della; e naõ tardou muito a enfermidade que lha trouxe: que foy tal, que logo se deixou entender era a derradeira. Mas naõ lha deixava crer o gosto, que tinha de acabar contas com o mundo, e com a vida: e pedia a Deos com efficacia, e oraçaõ continua, acabasse de a livrar do desterro; e porque o muito, que se dezeja, sempre acode ao pensamento, e à lingoa: tratando hum dia com huma Religiosa, que sempre a acompanhava, e servia, por nome Sor Angela, pessoa de muita virtude, prometeolhe boas alvissaras pera o dia,

dia, que lhe deſſe novas de ſer chegada a hora de ſeu tranſito, e ſua liberdade. E porque Sor Angela ſabia bem com quem o havia; tanto que os Medicos declararaõ, que eſtava no ultimo, com a meſma confiança lho diſſe, que ſe lhe levara huma nova de muito goſto; e ella lha ſoube agradecer, e cumprir a promeſſa, dandolhe huma bolſinha de reliquias, que toda a vida muito eſtimara.

O meſmo favor, e maravilha, que acabamos de contar, que o Diviniſſimo Sacramento uzou com a Madre Sor Felippa Botelha, ficou em memoria, que alcançava a Madre Iſabel Gomez quaſi todas as vezes, que commungava: e contaſe pera prova de taõ alta mercê, e dos merecimentos, que ſuas virtudes, e devaçaõ tinhaõ com Deos, que alguns annos deſpois de fallecida, abrindoſe a ſua cova pera nella ſe enterrar a Madre Sor Margarida de Souza, affirmavaõ os Miniſtros, que a puzeraõ nella, que aſſentando dentro os pés, lhes parecia, que naõ piſavaõ terra, mas que os traziaõ no ar, naõ atinando como tal podia ſer. Mas o tempo declarou brevemente a rezaõ, e ſoltou a difficuldade do Enima. E foy aſſi, que ſobejando terra da ſepultura, deſpois de cuberta a defuncta, foy lançada junta em hum terreiro que ha dentro do Moſteiro. Deſdo meſmo dia ſe notou, que no lugar della appareciaõ huns lumes, como de candeas muito vivos, e mais reſplandecentes nas noites mais eſcuras. Viſtos muitas vezes, e por muitas Religioſas, dandoſe rebate humas às outras, e aſſentando, que era ſobre a terra, que ſahira da ſepultura, ouve curioſidade pera a revolverem de dia, como ſabiaõ donde ſahira; e acharaõ nella alguns oſſinhos miudos: os quais ſendo eſcolhidos com cuidado, e reſpeito, e levados à meſma ſepultura, ceſſaraõ de todo as luzes, e confirmaraõ, ceſſando, o que luzindo deſcubriaõ dos meritos da defuncta Iſabel Gomez.

CAPITULO XXI.

Das Madres Sor Violante da Sylva, Sor Margarida de Tavares, Sor Joanna de Andrade, Sor Joanna de Vilhena, Sor Catherina de Souza.

A Madre Sor Violante da Sylva foy muitos annos Prioreſſa com muita ſatisfaçaõ das Religioſas, que a elegiaõ, e dos Prelados, que a confirmavaõ; porque ſobre muitas virtudes, em que com excellencia ſe eſmerava, era incanſavel zeladora do rigor, e obſervancia, em que aqui ſe criara. Nunca deſpois de Matinas deixava o choro: todas as vezes, que alguma Madre, ou ſervidora entrava em artigo de morte, ſabido tinha por devaçaõ tomar huma riguroſa diſciplina, e continualla ſem ceſſar, até que eſpirava. A eſte genero de penitencia, ajuntava outras muito trabalhoſas: rezava todos os dias mil, e quarenta, e quatro vezes a oraçaõ do Pater Noſter, em honra dos Sanctos Innocentes, de que era muito devota: ſobre tudo tinha particular devaçaõ com o ſagrado Naſcimento de Chriſto, e com o ſancto Preſepio, e com cada huma das

tres Pessoas, que nelle se achavaõ, derretendoselhe a alma na grandeza do Senhor, e no extremo da pobreza, e desemparo, que quiz experimentar: e por este respeito solemnizava com grande attençaõ todo o sancto tempo do Advento, rezando de feria todos os dias, inda que interviessem Sanctos de obrigaçaõ de duplex, e totum duplex, com que fazia duas rezas: e os sabbados delle jejuava a paõ, e agoa, e rezava em cada hum mil Ave Marias; com igual promptidaõ celebrava o mysterio sagrado da Paixaõ, acompanhandoo com profundo sentimento, e abundancia de lagrimas: no meyo das quais, com a força do espiritu, rompia algumas vezes nestas palavras: Ay, ay, que este he o Minino do Presepio. Juntava os principios com os fins; accendiase a devaçaõ, crescia a dor. Vindo a fallecer, viraõse em seu transito tais cousas, que todas as Religiosas ficaraõ persuadidas, que a vieraõ consolar, e acompanhar nelle o Sancto Ayo do Salvador S. Joseph, e os sanctos Innocentes.

Sessenta annos tinha de professa a Madre Sor Margarida de Tavares, e ora segunda vez Prioressa, quando foy chamada pera a vida eterna: taõ sancta, e puramente viveo, que teve noticia da hora precisa em que havia de acabar: e se he verdade, que a bondade do dia se julga por qual he a tarde, e o fim delle, conforme ao Proverbio Italiano: *Il di loda lasera*: naõ ha pera que busquemos, qual foy o discurso, e particulares de sua vida. Tays maravilhas só em grande innocencia se achaõ. Chamou hum dia a Suprioressa, que era a Madre Sor Cecilia de Tavora: fezlhe huma larga, e devota practica, encomendandolhe a casa, de que ficava por sua morte Vigaira in capite, com muitas, e sanctas advertencias: e por fim mandou, que na manham seguinte tivessem cuidado de lhe dar recado, quando no Convento dos Frades se fizesse sinal pera a Missa de Nossa Senhora, que se diz de madrugada. Estava apercebida de todos os Sacramentos. Avizaraõna quando soou o sino: respondeo com muita paz, e inteireza, palavras formais: Pois sus he tempo: façaõme o officio; soaraõ logo as taboas, juntouse a Communidade; começaraõ o officio da Agonia; no meyo delle levantou as mãos, e olhos a huma Imagem de Nossa Senhora, e começou à rezar à antifona, que começa: *Ave Stella Matutina*, e proseguio com devaçaõ, e attençaõ; e quando acabou as ultimas palavras, que saõ: *O Sponsa Dei electa, esto nobis via recta ad æterna gaudia*: que querem dizer: O' escolhida Esposa de Deos, sedenos guia, e caminho direito pera os eternos gozos, acabou tambem a vida. Foy esta Madre filha de Simaõ de Tavares, que despois de sessenta annos de mundo se acolheo à Igreja: tomou o habito de S. Francisco em Aveiro; e lograndoo até os oitenta, morreo nelle sanctamente. Foy seu filho Francisco de Tavares, que lhe succedeo na casa, e herança.

A Madre Sor Joanna de Andrade, andando sam, e bem disposta, disse hum dia a algumas Religiosas, que estavaõ juntas, que passados quinze dias as deixaria pera sempre, e teria fim

sua peregrinação. Era huma sesta feira quando o disse: chegando a outra em que se cumpria o termo, deulhe taõ forte accidente, que no mesmo dia a poz na outra vida, sem ter mais lugar, que pera se armar das armas dos Sacramentos, e entrar logo na ultima batalha.

Naõ espantou menos o que aconteceo a outra Joanna, era o appellido Vilhena. Acabava esta Madre consumida de extrema velhice mais, que de doença; e havia dias, que naõ tinha mais de viva, que a respiraçaõ, estando em toda outra operaçaõ, como se fora hum tronco. Neste estado foy Deos servido tornarlhe tudo, o que tinha perdido, juizo, falla, e forças, como por hum lucido intervallo, e succedendo vir na mesma conjunçaõ à Villa, e publicarse hum jubileo de Roma plenissimo: valeose da mercê de Deos naõ cuidada. Confessouse, e commungou de novo por elle, e ganhadas todas as indulgencias, falleceo logo, como se outra cousa naõ esperara mais, que o beneficio daquelle Divino soccorro. Grande misericordia do Senhor, sustentarlhe a vida até que chegou: restituirlhe os sentidos tanto que se publicou: despenallá, como se aproveitou. Por isso o escrevemos pera gloria sua.

Grandes saõ as maravilhas, com que Deos honra na terra seus servos, sobre os bens da gloria infinitos. Havia muitos annos, que era fallecida a Madre Sor Catherina de Souza, e tantos, que já naõ havia memoria de suas virtudes particulares, só durava huma tradiçaõ já escura, e cega, de que fora grande, e admiravel em todas, e do lugar, que se lhe dera na morte. Succede o mandarse abrir huma cova junto delle: deraõ os officiaes com hum caixaõ muito saõ, e inteiro: do qual sem ser aberto sahia hum cheiro taõ vivo de rosas, e violas, que fazia crer naõ havia nelle outra cousa. Mandado abrir, achouse esta sancta Madre toda inteira com seus habitos, e toucados sãos, como a primeira hora, que foy sepultada. Assi costuma tratar a terra, aos amados do Ceo: e assi quer o Senhor, que senaõ perca a memoria de quem o bem serve; conforme ao que está escrito: *In memoria æterna erit justus*: traça foy sua descubrirse por meyo taõ estranho, pera chegar a ficar immortal nestes escritos.

A Madre Sor Felippa da Columna foy filha do Regedor da Casa da Supplicaçaõ Joaõ da Sylva. Era taõ humilde, que competia nos extremos desta virtude com a nobreza de seu sangue: nunca se achou, que pera officios baixos se negasse. Querendo a Communidade toda com muito gosto darlhe o cargo de Prioressa, tantas instancias fez contra a eleyçaõ, que emfim alcançou deixaremna livre, e votar em outra. Sobre muitas virtudes, de que foy dotada, deusse tanto à oraçaõ, e a huma continuada assistencia diante do Sanctissimo Sacramento, que do trabalho, que lhe custava, se lhe occasionou huma doença, que veyo a parar, em ficar tolhida de todos os membros: e viveo sinco annos neste martyrio; mostrando na humildade, e paciencia, com que o levava, altos quilates de espiritu: mas naõ sofria o inimigo do genero humano,

no vir ao mundo outro Job no sofrimento, sem o ser tambem em perseguiçaõ. Dá huma noite com ella em huma torre, que tem o Mosteiro: alli foy sobre a pobre entrevada hum exercito de corvos, e curujas, que toda a atenazaraõ com picadas, e dentadas, que no dia seguinte lhe foraõ vistas, acompanhadas de muitas nodoas negras, e foraõ causa, que a entrevada contasse o caso, apontando autores, e lugar. Vindo a fallecer, pouco antes d'acabar, estando já ungida, huma das Religiosas, que a acompanhavaõ, lançou maõ da Cruz do Mosteiro, que viera pera a Unçaõ, pera a tornar a seu lugar; e ella perguntou onde a levavaõ, e respondendolhe, que ao choro, replicou a enferma, dizendo: Tres cruzes estaõ ahy: huma pera mym, e outra pera Dona Elena: e proseguio com palavras formais, e ditas inda naquelle estado com graça, porque tinha muita. Mas quem lhe dará estas novas? E será em dia, que a Igreja, e choro estejaõ de festa. E naõ disse mais. Acontece algumas vezes fallarem ao certo das cousas futuras os que estaõ pera deixar de todo as presentes: ou porque a tristeza da morte traz consigo adivinhar: ou porque estando pera entrar na terra das verdades, começaõ já a descobrir algumas. Arist. Perguntada polla terceira cruz a quem pertencia; respondeo, que era pera Dona Anna. E viose o cumprimento tanto a ponto, que a Madre Dona Elena morreo dahy a seis mezes, e em dia de nosso Padre S. Domingos, que tudo ardia em festas, como he costume; e a outra Madre acabou por fim de Dezembro do mesmo anno.

CAPITULO XXII.

Das Madres Prioressas Sor Angela do Paraiso: Sor Cecilia da Ascençaõ, e Sor Joanna dos Sanctos.

SErá este Capitulo de tres Religiosas, que com grande honra desta Casa foraõ Preladas nella, e noutras. Seja a primeira, inda que pervertamos hum pouco a hordem dos tempos, a Madre Sor Angela do ParaySo filha de Dom Leaõ de Noronha: que veyo aqui tomar o habito, com occasiaõ de huma tya sua, que foy a Madre Dona Brites de Menezes, de quem agora escrevemos. Aprendeo esta Madre de sua tya, e herdou de seu Pay ser devota, e penitente. E passou tanto adiante nestas virtudes, que veyo a deixar atraz nellas a Mestra, e o Pay. Era incansavel a assistencia, que fazia diante do Sanctissimo Sacramento: e polla grande reverencia, que lhe tinha, guardava nos dias da communhaõ inviolavel silencio. Trouxe muito tempo huma cadea de ferro à raiz da carne, uzando tunicas de burel, e juntando a crueis disciplinas muitos jejuns de paõ, e agoa. Sobre tudo era grande o extremo com que amava os pobres, e a pobreza. A pobreza estimava tanto, que era lingoagem sua pedir a Deos a chegasse antes da morte a tamanho desemparo, e falta de tudo, que nem tivesse o que precisamente fosse necessario pera a vida: e chegasse a viver de esmollas. E isto lhe aconteceo muitas vezes;

porque veyo a estado, que senaõ cubria, nem vestia, senaõ do que as outras Freiras lhe davaõ por esmolla: e era mais de louvar esta pobreza; porque lhe naõ vinha do Ceo, nem accidentalmente, senaõ procurada por ella muito de proposito. Sobre boa tença, que possuhia, tinha pay, e irmaõ muito ricos, que a miude lhe acudiaõ: mas era tudo pouco pera a charidade, e animo liberal com que o despendia entre os pobres de Christo. Parecialhe genero de furto possuir, ou guardar pera sy cousa alguma, quando via proximos necessitados. Assi chegava muitas vezes a estado de ficar sem vásquinha, e sem cubertor na cama por lhes acudir: e dando raro exemplo às que tendo tenças grossas (que hoje ha muitas por todos os Mosteiros) inda se queixaõ de naõ terem que lhes baste: tanto cortava por sy, que sabendo de huma orfam pobre, e virtuosa, chegou a lhe fazer dote, e casalla: porém inda lhe parecia, que se estendia a mais a obrigaçaõ de verdadeira charidade. Muito acontece padecerem os que a miseria da vida tras arrastados por portas alheias. Mas tudo he pouco, e facil de passar, em comparaçaõ do que padecem as almas dos defunctos, que naõ tem na terra quem lhes valha, ou queira valer: porque nenhum estado do mundo, por triste, e miseravel que seja, se póde igualar em pena ao que tem no fogo do Purgatorio as almas desemparadas. Assi fazia por ellas continua oraçaõ, e eraõ tantas as Missas, que lhes mandava dizer, que acontecia empenharse em quantias grossas: e dizendolhe as amigas, que fazia temeridade, porque se arriscava a morrer com dividas, respondia com grande confiança, que por muito, que se despendesse em tays empregos, esperava em Deos, que quando a levasse pera sy, naõ havia de faltar dinheiro no seu deposito pera tambem se fazer bem por sua alma.

Esta Madre foy mandada por Prioressa ao nosso Mosteiro de Corpus Christi do Porto: e despois servio o mesmo cargo neste de que era filha; e em ambos procedeo com grande prudencia, e fez muitos serviços a Nosso Senhor; mas como se vio outra vez no estado de Freira particular, e sendo já entrada em dias, começou huma nova ordem de vida, com que muito espantou, e edificou a Communidade. Tinhalhe mostrado a experiencia, que só com a humildade se sóbe ao alto monte da perfeiçaõ: fez conta de entrar de novo na escolla della: e porque o respeito antigo de Prelada a fazia veneravel entre as Madres, buscava meyos que a fizessem desestimada: e succedendolhe alguns, nenhuma cousa recebia com mais gosto. Em particular, sendo dotada de bom entendimento, fazia, e dizia algumas cousas, de que se podia inferir, que o tinha ou perdido, ou muito trocado: com que hia alcançando perderselhe o respeito do tempo passado. Ajuntava a este genero de vida hum silencio quasi perpetuo, com tal esquecimento de tudo o que no mundo havia, que nada delle procurava, nem queria saber; e só de Deos, e de sua alma tratava. Vida celestial, e qual deve ser a de toda creatura,

tura, que busca os bens da Religiaõ. Assi se fez odiosa ao inimigo de toda bondade: e era delle perseguida quanto adiantava com Deos. Veyo a cahir em cama, e esteve alguns mezes entrevada, no cabo da idade, que nisto pára de ordinario quando se estende demasiado. Mas nem neste estado lhe dava paz Lucifer: entroulhe huma manham na cella em figura de hum homem robusto, e fero, e naõ cessou de a moer com pancadas, até que entrou huma Religiosa, que a servia: entaõ desappareceo, e deixou claro desengano de quem era. Ficou a pobre entrevada sentida, e queixosa: mas Deos, que tal licença dava ao inimigo, davalhe com amiudados favores do Ceo, e com huma continua uniaõ em que tinha consigo seu espiritu.

Achouse hum dia sem o seu Rosario, tinhalhe amor por instrumento de suas devaçoens, sentio a perda: occupou todas as amigas em lhe revolverem o leyto, e buscarem tudo. Mas foy tempo perdido, porque pollo successo se vio que fora furto, e treiçaõ do inimigo infernal, sentido do bem que ganhava com elle aquella alma pera sy, e pera muitos. Quando amanheceo o dia seguinte, achouse com o seu Rosario nas mãos: e perguntada como o achara, respondeo, que hum Fradinho de Sancto Antonio (he Convento vezinho da Villa) lho trouxera: e todas entenderaõ, que fora o mesmo Sancto, de que era muito devota. Outra vez veyo a ella huma Religiosa que a servia, queixandose com desconsolaçaõ de naõ achar emprestado em toda a casa hum pouco de dinheiro pera acudir a certa necessidade precisa de pessoa de fóra, que muito lhe tocava: e encarregoulhe apertadamente, que pedisse a Deos lho deparasse por alguma via. A entrevada animandoa com muita fé, e segurança, respondeo, que esperasse em Deos, e cresse, que sem duvida lhe acudiria, e acrescentou, que estivesse certa, que do Ceo lhe viria o remedio. Quando a necessitada ouvio fallar em Ceo desconsolouse de novo: como se lhe dissera, que havia de cahir do Ceo o dinheiro, que havia mister. Mas a boa velha replicou, reprehendendoa, e mandandolhe, que pedisse a Deos muitos perdoens da pouca fé: e foy a sua taõ grande despois da Oraçaõ que fez, que caminhando a Religiosa pera a Roda a ver se acharia fóra de casa remedio, que naõ achara dentro; quando chegou lhe fallou de fóra huma pessoa, que naõ conheceo, que pedindolhe hum doce pera hum doente, lhe deixou nella o dinheiro, que buscava. Mas chegavase o remate da vida à sancta velha: entraraõ hum dia as amigas a visitalla, e achaõ, que estava triste, e fallando só consigo, dizia com voz chorosa estas palavras: Coitadinha da Freira, que ha de morrer só sem ninguem. Como todas tinhaõ grande conceito della em tudo o que dizia, e fazia, procuraraõ muito saber quem seria a que tal fim havia de ter. Parece, que lhe foy tolhido declararse por palavra: porque acabo de poucos dias o fez por obra, sendo ella a propria de quem fallava: que foy acha-

achada morta huma manham? Grandes, e impenetraveis ſaõ os juizos Divinos: mas ſe o paſſado, e prezente faz acertados juizos no futuro, naõ ſe deve aqui julgar, ſenaõ que quiz o Senhor dar a eſta alma o premio de ſuas grandes virtudes ſem o tormento, e agonias de huma morte conhecida, e prolongada.

Das outras duas Prioreſſas diremos juntamente, porque ambas conformaraõ tanto em todas as virtudes, que fazem huma boa Religioſa, e ſingular Prelada, que lhe faremos aggravo ſe as dividirmos. Ambas, ſobre outras qualidades de muita eſtima, foraõ louvadas de grande ſofrimento, parte principal de quem governa, de grande animo nos trabalhos, de grande brandura com as ſubditas. A Madre Sor Cecilia da Aſcençaõ, de que diremos primeiro, governou eſta Caſa em tempo de grandes apertos, qual foy o das alteraçoens do Reyno, Anno de 1580. em que eſteve a ponto de ſer ſaqueada, e afrontada, e lhe valeraõ muito a virtude, e oraçoens da Prelada. Acabado ſeu tempo foy mandada polla obediencia com o meſmo cargo pera o Moſteiro da Annunciada de Lisboa, e lá acabou.

A Madre Sor Joanna dos Sanctos, foy primeiro levada por Prioreſſa a Sancta Anna de Leyria; e deſpois a Sancta Catherina de Evora. O exemplo, e Religiaõ com que ſe governou em ambos eſtes cargos, lhe grangeou elegeremna duas vezes pera o deſta Caſa, tanto que a ella tornou: e ſe fora em tempo de Preladas perpetuas, nunca deixara de governar. Todas a tinhaõ por mãy mais, que por Prelada: e neſta parte era hum retrato de S. Domingos, do qual era em tanto extremo devota, que lhe fazia antes do ſeu dia hum advento, que jejuava: e deixou exemplo pera fazerem inda hoje em dia o meſmo muitas Religioſas. Tambem alcançou do Padre Geral, celebrarlhe o dia oitavo da feſta, como totum duplex, e aſſi as terças feiras de todo o Anno. E teve o Sancto cuidado de ſe moſtrar com ella agradecido em muitas couſas por todo o diſcurſo da vida: e principalmente na hora da morte, em que foy opiniaõ conſtante das que com ella ſe acharaõ, que lhe apparecera veſtido de roupas de gloria, como quem pera ella a vinha acompanhar.

CAPITULO XXIII.

De algumas couſas notaveis, que ha neſte Moſteiro.

NO Altar do Capitulo deſta Caſa ha huma Imagem de Noſſa Senhora ſem particular invocaçaõ: e por iſſo lhe chamaõ a Senhora do Capitulo, com quem todas as Religioſas tem affectuoſiſſima devaçaõ; naõ ſó polla geral obrigaçaõ de filhas de S. Domingos; mas por muitas, e quotidianas mercês, que por ſeu meyo recebem do Senhor em todo genero de neceſſidades. E he ordinaria lingoagem entre todas, que eſta Senhora he ſeu Medico nas enfermidades, e ſeu remedio nos trabalhos. Arde diante della huma alampada perpetua: ſaõ infinitos os milagres, que tem feito

feito o ſeu azeite até em males incuraveis: e por ſerem tantos, deixamos de os referir.

Tem eſtas Madres por particular avogado deſta Caſa, de muitos annos atraz, o Apoſtolo S. Simaõ: e foy a occaſiaõ a que agora diremos. Ouve neſte Reyno pollos annos de 1506. huma terribel contagiaõ de peſte, que chegando a Aveiro fez cruel ſeſtrago. Terra baixa, retalhada de eſteiros do mar, affogada de humidades, e vapores, he verdadeira iſca pera receber, e fomentar o mal. Era Prioreſſa Sor Iſabel de Caſtro. Aſſombrouſe com medo: determinou valerſe dos remedios do Ceo: manda fazer hum rolo de cera de tantos palmos, quantos o Moſteiro tem de circuito: parteo em doze partes iguais, e feitas doze candeas, offereceas aos doze Apoſtolos, com o nome de cada hum em ſua candea: e precedendo humildes oraçoens de toda a Communidade junta no choro, manda dar fogo a todas doze juntamente, declarando que aquelle eſcolhiaõ por Padroeiro diante de Deos, no trabalho, e perigos preſentes, cuja candea ſe gaſtaſſe menos, e ſuſtentaſſe mais o fogo no eſpaço, que alli ſe detiveſſem. Detiveraõſe largamente, continuando de joelhos, e naõ ſem lagrimas. Foy o Senhor ſervido, que a que ardia em nome de S. Simaõ, ſe gaſtaſſe notavelmente menos, que todas: e pareceo que naõ viera eſta ſorte ſem myſterio; porque ſó deſte Apoſtolo havia na Igreja hum retabolo, e taõ antigo, que o era mais, que a clauſura do Moſteiro. Fez logo voto a Prioreſſa em nome de todas as Religioſas preſentes, e futuras, de celebrarem o dia do Sancto todos os annos com huma grande feſta, e prociſſaõ ſolemne, e jejuaremlhe as veſparas a paõ, e agoa, e lavraremlhe Capella: ſeguiraõ obras as palavras: levantouſe a Capella, paramentouſe ricamente: e no que toca a feſta, e jejum prometido, he grande a pontualidade, que dura entre as ſucceſſoras: e o Sancto tem moſtrado em occaſioens de muito perigo, e neceſſidade, que naõ eſtá eſquecido de ſua protecçaõ. Particularmente ficou em memoria, que no meſmo tempo, que na Villa durava a peſte, foy viſto por muitas peſſoas ſeculares rodear a Igreja todas as noites, hum homem de veneravel preſença, cuberto de hum manto vermelho, e hum grande bordaõ nas mãos: e outras vezes entrava no alpendre, onde ſe agaſalhavaõ os pobres, e com o bordaõ fazia afaſtar os feridos dos ſãos. E vindo eſta viſta a cauſar eſcandalo, em fim ſe veyo a entender pollos ſinais, que conformavaõ com a pintura, que diſſemos, que queria o Sancto publicar ſeu agradecimento, e cuidado guardando o Moſteiro. Ajuntavaſe, que naõ havia em toda a Villa peſſoa, de quem ſe pudeſſe eſperar ſemelhante occupaçaõ, e mais em tempos de tanto medo.

Mas muito mais ao claro, e em occaſiaõ naõ menos arriſcada, moſtrou o Sancto muitos annos deſpois ſua aſſiſtencia, e vigilancia ſobre eſta Caſa, e em favor de toda a villa. Eſtava o Reyno todo alterado com a morte d'elRey Dom Henrique, e com a duvida, que eſtava

tava em pé, da succeſſaõ, que muitos pretendiaõ; ſuccedeo juntarſe neſta Villa hum groſſo numero de ſoldados de fóra contrarios em opiniaõ ao pouco: e como em tempos ſemelhantes anda ſolta de todo a licença dos revoltoſos, ſem reſpeito à virtude, nem chriſtandade, determinaraõ dar ſaco ao Moſteiro, ſabendo, que nelle tinhaõ junto tudo o que havia de preço na villa. Juntaõ inſtrumentos pera arrombarem as portas, poemlhe ferro, e forças: porém aſſi lhes ſuccedeo o intento, como ſe foraõ mininos, ou trabalharaõ contra portas de bronze: e contavaõ deſpois os que mais cabedal meteraõ no inſulto, que ſem ſaberem como, ſentiaõ huma certa força, que os encontrava, e lhes cortava os braços: o que tudo foy com muita rezaõ attribuido ao ſancto Protector.

Aconteceo tambem ſentirſe huma Religioſa ſalteada do mal (naõ nos conſtou em que tempo: mas ficou em lembrança o nome, chamavaſe Sor Joanna dos Sanctos) eraõ os accidentes mortais, e pera naõ duvidar da cauſa, tinha já hum braço cativo de temeroſa naſcida. Animouſe, caminha pera a Capella do Sancto, pedelhe remedio, toca o braço com a borda do ſeu manto, e cheya de ſancta confiança do muito, que os Sanctos podem diante de Deos, dizlhe que dalli ſenaõ ha de apartar, ſenaõ com ſaude perfeita; foy couſa certa, e averiguada, que ſe levantou ſam, e livre totalmente do mal.

Ha no Moſteiro huma reliquia do Martyr S. Pantaliaõ, que nelle tem obrado grandes maravilhas: he hum dedo polegar. Diremos algumas por honra de Deos, e do Sancto. Havia ſinco annos, que era doente a Madre Sor Iſabel dos Reys de hum mal taõ extraordinario, que nem mitigava com remedios, nem os Medicos podiaõ entender a rayz delle. Era todo ſeu tormento no eſtamago. No cabo dos ſinco annos começaraõlhe huns deſmayos, que lhe tolhiaõ dar hum paſſo: e logo a paſſaraõ a outro genero de infirmidade nunca viſto: a qualquer pequeno rumor, que ſentia de perto, inda que naõ foſſe mais, que correr hum ferrolho, ou cerrar huma janella, tamanho tremor lhe acudia ao eſtamago, que aballava o leyto, e apoz iſto perdia a falla, e ficava ſem pulſo: eſte trabalho a poz no extremo dentro de hum mez: porque creſceo tanto tanto, que chegou a ter na cabeça os meſmos tremores, que no eſtamago, tomarſelhe o folego, e com agonia do coraçaõ, quaſi naõ poder fallar, e parecer que morria: por rezaõ do que lhe foy miniſtrado o ſancto Viatico, e ſe tratou de a vigiarem com cuidado. Havia na caſa outra Religioſa, que lhe queria muito, e naõ ſofria vella acabar entre tantos males: requereo que lhe trouxeſſem a reliquia de S. Pantaliaõ; veyo, puzeraõlha na cabeça, e ſobre o eſtamago; e deraõlhe a beber agoa tocada nella. Eſtava junta toda a Communidade, pedindo de joelhos a Deos o remedio. Foy caſo nunca viſto, nem ouvido: diante de todas parou de ſubito, e deſappareceo juntamente todo o mal: ceſſaraõ os tremores, reſtituhioſelhe

lhe

lhe a respiraçaõ, fallou desembaraçadamente, quietou, e assentou o pulso. Em fim ficou sam; e tanto outra do que estava, que pedio seus vestidos, e se vestio, e levantou logo. E pera que se visse claramente, que o Sancto lhe alcançara a saude, succedeo, que pondose hum paynel seu no leyto da doente, subitamente se soltou do prego, e veyo ao chaõ com tamanho estrondo, que fez estremecer todas as presentes: e só ella, que com menos rumor ficava sem falla, nem pulso, nenhum movimento sentio em sy. Era isto sobre tarde, pedio de cear, comeo alegremente, e sem fastio, a que dantes, nem huma colher de caldo esforçado podia passar, e se o levava, logo era vomitado. No dia seguinte ordenou a Prelada huma solemne procissaõ de graças polla Crasta; levou ella a sancta reliquia, e a que fora doente hum retabolo do Martyr: e o mesmo Prior, que no dia de antes lhe dera o Sanctissimo Sacramento por viatico, e em principio de caminho pera a outra vida, lhe veyo cantar a Missa do Sancto, e a vio no choro com perfeita saude. Succedeo esta maravilha por Agosto do anno de 1568. e viveo a Madre despois della vinte oito annos: e foy ser Prioressa no Mosteiro de Sancta Anna de Leyria, onde acabou em boa velhice. Muito antes deste caso tinha o Sancto dado saude em hum peçonhento Cancro, mal que ordinariamente he incuravel, à Madre Sor Isabel Gomes, de quem fallamos atraz no Capitulo 20.

1568.

Mas naõ quiz o Sancto hum só, nem dous testemunhos do muito, que val com Deos. Estava quasi entrevada de huma ciatica huma mulher secular, que por certa occasiaõ se recolhera no Mosteiro, e era mal de muitos dias. Deraõlhe a beber da mesma agoa, que dissemos se deu à Madre Sor Joanna, repentinamente se achou sam, e sem nenhum mal: e o mesmo succedeo despois a algumas Religiosas em varias indisposiçoens. E he muito de notar pera gloria de Deos, e da religiaõ desta Casa, que saõ grandes as maravilhas, que a intercessaõ dos Sanctos tem obrado em favor das moradoras della: com que puderamos encher muito papel, se naõ fora divertirmonos com demasia de nosso intento. Com tudo naõ he pera esquecer o que se conta de huma Laranja, que no anno de 1465. foy mandada de Roma à Fundadora Brites Leytoa. Era de huma larangeira, que dizem prantou por sua maõ nosso Padre S. Domingos no Convento de Sancta Sabina: e durou sem corrupçaõ cento, e doze annos, até o de 1579. no qual por desastre se quebrou.

1465.

Sustenta este Mosteiro de ordinario, a fóra conversas, e servidoras, sessenta Religiosas, entre professas, e noviças; e mantém muitas servidoras leygas; porque sem ellas senaõ poderáõ bem servir. E como he muito antigo, e foy sempre favorecido dos Principes; possuhe boas rendas em dinheiro, e algumas peças de fazenda bem importantes. A Capella mór he dos de Tavares: tomoua pera sy, e pera sua mulher Dona Joanna de Tavora, Francisco

de Tavares: pessoas que por sua virtude, e qualidades nos daõ occasiaõ de estendermos este Livro com mais hum Capitulo.

CAPITULO XXIV.

Daõ as Religiosas a Capella mór a Francisco de Tavares. Contase hum mysterioso caso, que se vio na tresladaçaõ, que a ella se fez do corpo de sua mulher Dona Joanna fallecida fóra do Reyno.

NO anno de 1500. entrou em Aveiro a casa dos de Tavares. Foy a rezaõ de sua vinda a esta Villa, que possuindo de tempos antigos as Alcaidarias móres de Portalegre, e Alegrete, e Assumar em Alentejo, com as rendas Reays, veyo elRey Dom Joaõ Segundo a entrar no Senhorio destas terras, com a occasiaõ das guerras de Castella, e de estarem junto à Raya: era ultimo herdeiro dellas Pedro de Tavares, requeria a elRey com efficacia, e continuaçaõ. Naõ lhe deferindo em mezes, e annos, abalançouse, como velho que era, e confiado em bons serviços, a hum auto de valor, e liberdade Portugueza antiga. Estava elRey pera commungar em hum dia solemne, chegouse o Vassalo à sagrada Mesa, e com palavras claras, e distinctas, requereo ao Capellaõ naõ admittisse a ella a elRey, sem primeiro responder com effeito, e justiça à sua queixa. Era elRey grande Christaõ, e muito valeroso: com o valor tolerou, e digerio o que parecia, e era descomedimento: com a christandade, e amor de Deos, fallou sossegadamente a Pedro de Tavares, dizendo; que desistisse de tal termo; e fiasse delle lhe mandaria responder com brevidade. Este caso pollos mesmos termos attribue o Padre Antonio de Vasconcellos da Companhia de Jesus, sem lhe dar Autor, a elRey Dom Joaõ Terceiro, nos seus elogios latinos: mas foy engano; porque já nesse tempo, nem havia vassallos taõ livres, nem Reys taõ sofridos. Daqui nasceo (porque os Reys soltaõ mal lugares, e vassallos em que huma vez empolgaõ) daremselhe despois em satisfaçaõ humas terras junto a Aveiro, e os direitos Reays do peixe, que entra na Villa, satisfaçaõ pouco equivalente por entaõ: mas que o discurso do tempo levantou a huma grossa, e honrada renda. Foy o primeiro que a começou a lograr Gonçalo de Tavares, filho do mesmo, que a soube com tanta vehemencia requerer, e passouse de Portalegre, onde tinha sua morada, pera Aveiro no anno, que atraz dissemos: vindo a fallecer, como se adevinhara o que despois havia de ser, mandouse sepultar na Capella mór deste Mosteiro. Eraõ os tempos singellos, o Mosteiro pouco necessitado, foy recebido nella por honra da pessoa sem obrigaçaõ, nem contrato algum de parte a parte. Vindo a succeder na casa, e na renda Francisco de Tavares seu neto, e recolhendose à villa no cabo da idade com sua mulher, e familia, contratou com as Freiras daremlhe a mesma Capella mór pera seu jazigo, e de sua successaõ, e huma Missa quotidiana,

na, com obrigaçaõ de quando faltaſſe ficar em ſeu lugar a mayor. Eſta pagou com hum Padraõ de juro de vinte ſinco mil reis, que logo deu ao Moſteiro; e de mais reparou de novo edificio a Capella, pozlhe ſuas armas, e letreiro, e carneiro, em que jaz deſpois de longos, e pacificos annos, que gozou de vida. Naõ foy aſſi a de Dona Joanna ſua mulher, querendo Deos afinar huma virtude mociſſa com montes de trabalhos, anguſtias, e deſconſolaçoens; e em fim permittindo, que acabaſſe ſeus dias por terras alheyas. Ficara acompanhada de ſeu ultimo filho Antonio de Tavares Conego da Sé de Lisboa, que a ſervia, como bom filho. Succedeo vir elle a ſer prezo em Caſtella, ouvefe a boa Senhora por obrigada fazer officio de requerente por tal filho. Pozſe a caminho, deſpois de muitas lagrimas, ſobreſaltos, e affliçcoens, que o negocio lhe tinha cuſtado: appareceo a Valhedolid no anno de 1604. diante d'elRey. Fez laſtima a toda a Corte huma Matrona graviſſima, deſterrada no cabo da vida. Liaõſelhe no roſto as dores com que de novo paria o filho, e creſceraõ tanto, que em breves dias lhe tiraraõ a vida. Falleceo dentro de hum mez deſpois de chegada: receberaõna em depoſito os Padres de S. Franciſco no ſeu Capitulo, que he dos Duques de Seſſa. Convem dizermos, como foy enterrada pera clareza do que adiante ſe ha de contar. Fezſe hum caixaõ grande, nelle a puzeraõ veſtida no habito Franciſcano; e porque acertou de faltar cal (que tudo falta a hum deſterrado) ateſtaraõno de terra. Foy graõ caſo, que acabou Dona Jonna morta, o que por ventura naõ acabaria viva. Bom ſinal de quais eraõ ſuas virtudes, qual ſeu eſpiritu. Aſſi pertendia noſſo Sancto Patriarcha enxugar as lagrimas dos filhos em ſeu tranſito, afirmando, que mais lhes havia de valer morta, do que fazia vivendo. Iſto experimentou bem Antonio de Tavares na morte de ſua mãy, tendo na terra tudo contra ſy: em fim ſahio com honrada ſentença, ſolto, e livre. Paſſados dez annos, porque antes naõ pode ſer, tratou de ſe moſtrar agradecido a tal mãy, ordenando, que vieſſem ſeus oſſos deſcançar em terra de Portugal. Mandou criados, dezenterrouſe o caixaõ com hum ſolemne officio de defunctos. Deſcuberto, onde eſperavaõ achar oſſos ſecos, e mirrados de dez annos, achouſe hum corpo inteiro, naõ gaſtado, nem comido em parte nenhuma: ſem apparecer raſto, nem ſinal do habito, e mortalhas em que fora enterrada, que tudo eſtava conſumido. Chamaraõſe por honeſtidade duas Freiras terceiras, que a portas fechadas alimparaõ da terra, e veſtiraõ de camiza, e habito, e o paſſaraõ a hum Baul, em que havia de caminhar. Neſte eſtado o vio a Communidade dos Frades, dando graças ao Senhor por taõ grande maravilha. Notavaſe, que palpado por ſima do habito, ſe ſentia a carne muy cheya, e ſolida, e dura: e da meſma ſórte eſtava a que ſe deſcobria em mãos, e pés, e naõ eſpantava menos, que eſtava taõ mociſſo, e forte, que ſe mudava, como

como ſe foſſe de madeira, e de huma ſó peça: e juntamente taõ leve, que naõ deixava fazer juizo ſe havia alli carne, e oſſo: porque totalmente parecia de pena, ou de cana, e com eſtas qualidades lançava de ſy hum agradavel cheiro. Eſtava neſta conjunçaõ o Conego ſeu filho em Madrid: e alegre de ſe ver filho de mãy ſancta; mas temeroſo de algum vento de vamgloria, fez ſegredo do que fora rezaõ ſe publicara, e authorizara com eſcrituras, e teſtemunhos de muitos olhos: contentouſe com lhe fazer novo caixaõ, forrado por dentro de ſetim branco, e cuberto de veludo azul, atraveſſado de cruz branca, cravaſaõ, e fechaduras douradas, pera o trazer à ſua Capella com toda a veneraçaõ devida. Ao trocar dos caixoens, quiz o Senhor moſtrar nova maravilha: permittio que ouveſſe engano na medida do ultimo; de que naſceo, que ao recolher do corpo ſe lhe quebraraõ alguns dedos dos pés, nos quais ſe enxergava huma côr vermelha de carne, ou ſangue deſcorado. Mas porque naõ ouveſſe duvida, em ſer ſangue puro, e liquido, ſuccedendo com as mudanças dividirſe a cabeça do corpo, ficou junto do peito tinta a camiſa de muitas manchas de hum ſangue deslavado, mas claro, e com huma viveza de grande eſpanto. Neſta fórma, e eſtado, foy levado a Aveiro por ſeu filho, que de caminho o moſtrou em Cabeça de Vide a Dona Joanna de Tavora, néta da Sancta, e mulher de Luis de Miranda Henriques Eſtribeiro mór d'elRey em Portugal, e a toda ſua familia, e em Coimbra a muitas parentas, que tinha no Moſteiro de Cellas. E ultimamente foy viſto, e conſiderado com muito vagar, e admiraçaõ, por toda a Communidade das Religioſas de Jeſu de Aveiro, e muitas peſſoas ſeculares, que ſe juntaraõ. E porque naõ era rezaõ juntarſe com outros corpos hum, em que Deos tinha feito tamanha differença, ficou com bom conſelho collocado dentro do preſbiterio da parte do Evangelho. Quando o Ceo teſtemunha, offenſa fará a terra em querer tambem dar ſeu voto. Muito pudeſſemos dizer da rara bondade, e vida inculpavel deſta Matrona. De tudo nos deſobriga o prodigio referido.

Fim do Livro quarto.

SEGUN-

SEGUNDA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS, PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.

LIVRO QUINTO.

CAPITULO I.

Do nascimento, e criaçaõ, e principios de vida da Princesa Dona Joanna.

PErtence ao Mosteiro de Jesu de Aveiro a Princesa Dona Joanna, como qualquer filha de profissaõ delle: porque ainda, que naõ chegou a professar solemnemente, impedida primeiro por seu Pay, e Irmaõ, e por todo o Reyno: e despois por escrupulo proprio de se ver cercada de muitas enfermidades: com tudo em seu animo, e obras, foy verdadeira Religiosa. E como nos honrou a casa com sua pessoa, rezaõ será, que honremos tambem estes escritos com a relaçaõ de sua vida. Tardava elRey Dom Affonso Quinto em alegrar o Reyno com successaõ, sendo cazado de muitos dias: buscou os meyos do Ceo. Visitou com devaçaõ huma hermida de nosso Sancto Patriarcha, que chamaõ S. Domingos da Queimada no Bispado de Lamego. Tem toda aquella Comarca fé, e experiencia, que por intercessaõ do Sancto alcançaõ remedio os casados, que se temem de esterilidade. Assi o alcançou elRey; porque aos nove mezes despois da romaria, pario a Raynha huma filha, cuja vida, e costumes foraõ tais, que bem mostrou Deos nella, que fora dadiva sua. Nasceo esta Senhora no anno de 1452. e foy logo jurada por Princesa por todos os Estados do Reyno, que acertaraõ a acharse juntos na conjunçaõ de seu nascimento. Quiz Deos, que só este titulo tivesse o mundo della, tudo o mais fosse seu: e assi se vio, tanto que foy crescendo na idade, e lume da rezaõ. Aos sete annos, notavel inclinaçaõ, e affeiçaõ pera as cousas de Deos.

1452.

Aos

Aos dez recolhimento; estudo, e devaçaõ. Aos doze, o que de antes só parecia inclinaçaõ, era já fervor, e fogo do Ceo, que a ensinava a desprezar o mundo, e conhecer por falso, e sem substancia tudo o que nelle se estima: já se recolhia em hum Oratorio, lia, e considerava as vidas, e martyrios das Virgens: e tanto se agradava da liçaõ, que naõ queria fallar, nem ouvir fallar doutra cousa: sendo estas partes só per sy bastantes pera lhe darem nome, e reputaçaõ, juntou a natureza as suas, dandolhe gentileza no rosto, grande ar, e graça na disposiçaõ, e meneyo; prudencia, e discriçaõ nas palavras: qualidades, que espalhavaõ sua fama até por Reynos estranhos: de sorte, que se affirma vieraõ pintores famosos a vella, e retratalla. E contaõ de Ludovico Undecimo Rey de França, que vendo hum retrato destes, com os joelhos em terra, deu graças a Deos por criar no mundo cousa taõ bella: e este foy o mesmo, que poucos annos despois a pedio com efficacia pera mulher do Delfim seu filho, como logo diremos. Era já de quinze annos quando falleceo a Raynha sua máy. Como elRey conhecia seu grande talento, mandou, que nenhuma alteraçaõ ouvesse no trato, e governo da casa Real; e toda lhe ficasse entregue assi como a tinha a Raynha. Esta confiança, e liberdade lhe acrescentou a que muito dezejava ter no serviço de Deos. Havia no Paço duas Donas da criaçaõ da Raynha, de cujo serviço, e partes tinha satisfaçaõ: estas fez secretarias da nova vida, que com o mayor estado determinou seguir: e foy o principio, mandarlhes que lhe fizessem humas tunicas de estamenha grossa, e aspera. Estas foy logo uzando debaixo das de Olanda fina, e das roupas Reays, e pomposas: e porque lhe pareceo pouco esquiva a lam, acompanhouas com hum duro, e aspero cilicio de sedas de cavallo. Bem se nos representa já esta Senhora outra Sancta Cecilia: podemos dizer, que lhe naõ faltava mais, que o martyrio pera ficarem iguais; mas este foy logo procurando com hum firme proposito de viver, e morrer em Religiaõ: martyrio verdadeiro de vontade, senaõ de sangue. Assi assistia nos Saraos com elRey seu pay, e com o Principe seu irmaõ, e seus tyos os Infantes. Dançava com elles, cobrindo com joyas, e panos de ouro, os instrumentos de penitencia: e quando a deixávaõ buscava o seu Oratorio: e alli pedia a Deos com larga oraçaõ, e lagrimas lhe abrisse caminho pera o servir em pobreza, e humildade, livre daquellas pompas, e obrigaçoens, que já tinha por captiveiro. Deitavase despois em seu leyto à vista das senhoras, que a serviaõ. Mas como crescia em fervor de espiritu, tanto que a deixavaõ só, tornavase ao Oratorio, e alli passava a noite, parte de joelhos em oraçaõ, parte deitada em terra, só com a cabeça em huma almofada, e muitas vezes tomando crueis disciplinas, e algumas de sangue: esta era sua vida ordinaria. Porem entendendo com sua muita prudencia, que a continuaçaõ do dormir no chaõ, e vestida, de força lhe havia

via de prejudicar à ſaude por ſer, como era, de muy fraca, e delicada compreiçaõ; e por eſſa via ſe lhe viriaõ a deſcobrir, e eſtorvar as mais penitencias, a que todavia queria hirſe acoſtumando: ordenou nova fórma de cama por eſte modo. Havia debaixo da camara em que dormia huma boa caſa como entreſolho: a eſta mandou tapar de fóra, portas, e janellas, e abrirlhe emſima hum alçapaõ com ſua eſcada: e ordenou às ſuas ſecretarias, que nella lhe puzeſſem huma cortiça com ſeu colchaõ emſima, que melhor diriamos enxergaõ; porque era cheyo de eſtopa groſſa, e com ſuas aréſtas vivas, mais pera dar tormentos, que alivio, e ſono: por lençois duas mantas de ſaco, e hum cobertor do meſmo: e com tal cama julgava, que fazia favor à fraqueza de ſua indiſpoſiçaõ. Soubeſe largamente della ao entrar do Moſteiro: porque entregando ſe entaõ às Freiras huma grande arca com mais cautella, e ſegredo, que outras partes de ſua recamara, fez parecer a diligencia, que ſeria theſouro, e peças ricas: e aberta, acharaõſe as que temos dito, com as tunicas de eſtamenha, e outras alfayas de verdadeira penitente, que muito eſpantaraõ. A tays noites ajuntava a Princeſa muitos dias de jejum a paõ, e agoa; e particularmente todas as ſeſtas feiras: e porque naõ foſſe entendida a abſtinencia, humas vezes comia com tal diſſimulaçaõ, que fazia parecer, que comia de tudo o que lhe punhaõ diante, e na realidade ficava ſó com paõ, e agoa: outras fingiaſe indiſpoſta, e naõ comia publico. He verdadeiro meſtre de boas almas o Eſpiritu Sancto: delle aprendeo, que tambem lhe era agradavel, e precioſo jejum o da falla, como o da comida, e o dos penſamentos, como o das obras: tal temperança guardava no fallar, que ſe naõ era muito neceſſario, outra couſa ſe lhe naõ ouvia, em todo o dia. O penſamento entaõ applicava todo a conſiderar os paſſos da ſagrada Paixaõ, e em particular às penas da Virgem bemditiſſima, quando, deſcido da arvore da Cruz o ſagrado Fruito do ſeu vente Jeſu, o teve em ſeus braços defuncto. Neſtas meditaçoens acontecia accenderſe tanto, que muitas vezes naõ podendo reprimir o impeto do eſpiritu, ſoavaõ por fóra os gemidos, e ſolluços, que lhe cauſavaõ. Ficou em memoria, que deſde muito tenra idade ſe coſtumara a tomar cada dia huma hora, em que ſe recolhia a meditar o paſſo do Horto: e fazendo conta, que ſe achava nelle, e diante do Senhor, já ſe proſtrava em terra com o roſto pegado nella: já ſe levantava, e tornava a debruçar, repetindo com dor, e lagrimas as palavras, que o Senhor diſſe ao Pay Eterno. Eſtes paſſos tinha pintados em hum paynel, que por iſſo trazia ſempre conſigo, porque a viſta continua ajudaſſe a lembrança, que nunca queria perder delles; e polla meſma rezaõ eſcolheo huma empreſa, que ſempre lhos eſtiveſſe repreſentamdo. Sempre foy coſtume dos Principes, e inda hoje naõ eſtá eſquecido, declararem ao mundo ſeus penſamentos por meyo de diviſas, que cada hum toma. Aqui ſe referem as Aguias,

os

os Grifos, as Fenix, os Leoens rompentes, os Tigres, as Panteras, as Columnas, os Diamantes, as Piramides, e todas as mais que vemos acompanhar as armas dos Reys, e Reynos. A Princesa naõ se quiz desobrigar deste uzo commum: mas no costume do mundo buscou empreza do Ceo, que foy huma coroa de espinhos. Esta mandou pintar em todos seus aposentos sobre as portas, e esmaltar em suas joyas, e gravar em sua prata.

He sancta companheira do jejum a esmolla: que jejuar sem fazer bom emprego do que se deixa de comer jejuando, avareza he, naõ abstinencia, poupar he, mais que fazer penitencia. Andava no Paço hum bom velho virtuoso, e sesudo, que servia a Princesa, do que hoje chamaõ guarda joyas. Deste fiava ella suas esmollas secretas, que eraõ muitas, e feitas com grande ordem. Havia livro que continha os nomes dos necessitados, as qualidades de cada hum, as quantias, e os tempos do provimento. Juntamente mandava acudir às cadeas, e hospitaes: e naõ se esquecia dos Mosteiros dos Frades, e Freiras. Mas quando vinha a semana Sancta, este criado lhe trazia doze mulheres pobres, e polla mór parte estrangeiras (que assi o mandava ella) e das mais desemparadas, e com grande segredo, e sem ellas, nem outras o entenderem, lhes lavava os pés à quinta feira, e lhos beijava, e as despedia vestidas de novo, e sua esmolla de dinheiro na maõ. E deste dia até o de Pascoa, nem se despia, nem fallava, nem se deitava, nem deixava de acompanhar o Sanctissimo Sacramento. Estas virtudes juntas a outro genero de grande charidade, que era procurar, que ouvesse paz, e amizade, naõ só entre os criados, que a serviaõ, mas em todo o Reyno, e entre alguns Grandes, que se desgostavaõ com elRey, a faziaõ amada geralmente do povo; mas muito mais d'elRey seu pay, que pollo mesmo caso lhe naõ punha limite em nada do que queria: só em huma materia teve muito desabrimento com ella; porque nunca a póde dobrar à sua vontade. Será pera o Capitulo seguinte.

CAPITULO II.

Pede elRey de França a Princesa pera esposa do Delfim seu filho. Desvia a Princesa a practica: resolvese em buscar a Deos na Religiaõ. Pede licença a elRey: vay pera o Mosteiro de Odivellas.

ENtraraõ nesta conjunçaõ em Lisboa Embaixadores d'elRey de França Ludovico Undecimo. Era a sustancia da embaixada, que elRey ouvesse por bem, que pera mais firmeza de amor, e paz, que entre as duas Coroas havia, interviesse novo vinculo de sangue, contrahindose matrimonio entre a Princesa Dona Joanna, e o Delfim de França (tal he o titulo dos Principes daquelle Reyno.) Naõ havia quem duvidasse em estar bem o negocio a elRey Dom Affonso seu pay, e ao Reyno, e à mesma Princesa: só ella, quando seu pay lho communicou pera saber sua vontade, fi-

cou dentro em ſua alma com ſobreſalto, e deſconſolaçaõ. Mas ſem dar a entender o que ſentia, deſviou o trato com rezoens taõ ſabias, que elRey ficou ſatisfeito dellas, e de ſua tençaõ, naõ deſcontente. Diſſe, que o Principe Dom Joaõ ſeu irmaõ era moço, e enfermo: e parecia temeridade em quanto naõ tinha idade pera caſar, nem diſpoſiçaõ, e saude firme, deſterraremna a ella pera taõ longe, ſendo, como era herdeira, e ſucceſſora do Reyno: que ſe podia reſponder aos Franceſes com palavras gerays de boa amizade, e goſto do parenteſco: porém differindo a reſoluçaõ, e dando por cauſa os poucos annos do Delfim, que naõ eraõ mais de quinze, e tambem os della: que havia miſter ſer mais creſcida, e ter mais practica do que lhe convinha ſaber pera tal eſtado, e pera em terras eſtranhas. Inſtou elRey todavia, e aporſiou, porque naõ tinha por acertado perder tal occaſiaõ. Mas emfim, conſiderando de vagar a repoſta da Princeſa, foy julgada por mais conveniente, e ſeguida por todos os do Conſelho.

Por eſte meyo ſe livrou a Princeſa deſta vez. Mas ficando cheya de medo, que naõ tardaria ſegundo combate, pollo amor, que ſeu pay lhe tinha: e favor, que imaginava lhe fazia no caſamento, ſeguindo os eſtylos do mundo: recorria com efficacia à oraçaõ. Pedia a Deos lhe eſtorvaſſe todo eſtado mundano, e foſſe ſervido abrirlhe caminho pera o da Religiaõ, que ſó dezejava. Acudio o Senhor miſericordioſo a favorecer taõ ſanctas petiçoens com hum principio de grande conſolaçaõ, que foy darlhe noticia de hum raro eſpiritu, que com ſemelhante inſpiraçaõ à ſua, tratava tambem de renunciar grandes bens da terra, e quietar ſua alma em deſerto, e pobreza. Era Dona Leonor de Menezes filha do Conde Dom Duarte de Menezes: da qual temos eſcrito atraz, e he forçado continuarmos agora alguma couſa. Anima muito huma boa companhia pera a obra, e pera o bem, como acontece inclinarem, e levarem as más pera o mal. Tanto que a Princeſa ſe certificou de ſua ſancta determinaçaõ, logo ſe carteou com ella, communicandolhe a ſua, e pedindolhe, que fizeſſe diligencia por averiguar, que Moſteiros eraõ os que mais reformaçaõ ſeguiaõ no Reyno; e que com todo ſegredo, porque temia muito ſer entendida, lhe déſſe aviſo. Entre tanto quiz viſitar o Moſteiro de Odivellas, pera ver como nelle ſe vivia: e ainda que achou muita Religiaõ, naõ ſe lhe inclinou: porque como buſcava grande rigor, e aperto, parecialhe que poderia achar mais; e tanto que por cartas de Dona Leonor teve informaçaõ de como ſe vivia no novo Moſteiro de Jeſu de Aveiro, humas eſcritas quando ſe reſolveo em hir pera elle, outras deſpois de viſto, e experimentado o que lá paſſava, abraſouſe em ſancta enveja da boa amiga, que lhe hia diante, e fez propoſito conſtante, e determinado de naõ buſcar pera em vida, e morte outra caſa. Naõ deixava de entender, que havia de ter montes de contraſtes, e difficuldades: porém, como fazia conta

que a causa era de Deos, offerecialha, e punhaa em suas Divinas mãos esperando, que elle lhe daria prospero fim; e com esta confiança, começou a dispor da familia, e de todos os que a serviaõ, como se já estivera de caminho pera o Mosteiro. Casou as Damas com bons dotes, e repartio entre ellas seus vestidos, e joyas: despachou com elRey os fidalgos, e officiais com a mayor aventagem, e favor, que pode.

Assi hia a sancta Princesa pondo suas cousas em ordem pera ficar livre, e desembaraçada de tudo o da terra, e se entregar toda ao Senhor, que a chamava, quando o mesmo Senhor lhe trouxe occasiaõ, qual se podia dezejar pera se declarar com seu Pay, e alcançar com sua bençaõ bom fim no que dezejava. Era no anno de 1471. quando elRey Dom Affonso passou em Africa com huma poderosa armada; navegou presperamente; tomou por força de armas Arzilla; fezse Senhor de Tangere: tornou a Lisboa brevemente alegre, e vencedor, e ganhado o titulo de Africano. Ficara a Princesa governando o Reyno por sua ausencia: porque o Principe, que era hum Rayo de valor, naõ quiz deixar de acompanhar a seu Pay na jornada. Quando soube, que os tinha no Porto: determinou festejar a vinda, e a victoria com todo o mayor aparato: e porque queria pedir como outra Esther, e vencer como Judith: pedir contra o inimigo das almas, vencer seus capitaens, e exercitos: despois de larga oraçaõ, cubrio os cilicios, e tunicas de saco com os atavios mais ricos, e que mais graça lhe davaõ em cores, e feitio: acompanhouos da melhor pedraria, e mais ricas joyas, que havia no thesouro d'elRey: e sobre tudo de sua graça, e ar natural, que parece acrescentou Deos nesta hora, pera que nada se lhe negasse. Assi sahio a receber os vencedores, e beijando a maõ a elRey seu pay, despois de lhe abraçar com humildade os pés, começou a propor assi. Ficaraõ suspensos todos os prezentes, esperando quais seriaõ as palavras de quem já com a vista, e gesto os encantava. Tenho lido, que foy costume dos grandes Reys, e Capitaens antigos quando, acabada alguma famosa empresa, tornavaõ a sua casa, offerecerem ao Deos, que veneravaõ, as melhores, e mais estimadas cousas, que em seus Reynos havia: e no dia, que entravaõ, à honra do triunfo faziaõ mercês, e concediaõ liberalmente tudo quanto se lhes pedia. Empresa foy sobre maneira arriscada a que Vossa Alteza cometeo: gloriosissimo o fim, que por sua maõ lhe deu. Conquistou duas cidades em Reyno estranho, e muito longe do seu, matou infinitos inimigos da Fé, tudo à custa de muito perigo, e trabalho seu; mas de pouco sangue dos seus (que he o mayor louvor de bom, e sabio Capitaõ:) obrigado fica, como Principe taõ sancto, e taõ Catholico, mostrarse agradecido por alguma nova maneira ao Senhor dos exercitos: obrigado a alegrar hoje seus vassallos, enchendoos de mercês a todos: e naõ negando nenhuma a quem lhe souber pedir cousas justas. Di-

1471.

zia eu, Senhor, que se o agradecimento ha de ser igual ao risco, que se passou; e à honra, que a jornada tem rendido pera Vossa Alteza, e pera todo este Reyno: naõ póde, nem deve ser outro, senaõ offerecer Vossa Alteza a Deos huma filha, que muito ama. Se lha der, só nisto se enxergará verdadeiro reconhecimento da mercê, que tem recebido: e eu, que sou essa unica, e amada filha, e aquella, a quem mais custou a jornada, de lagrimas, e medos, sou a mesma, que peço a Vossa Alteza por mercê, e dom singular, que a cumpra. O que será, dandome licença, pera escolher hum Mosteiro em que dedique a Deos a vida, a liberdade, e o gosto. Naõ póde Vossa Alteza em tal victoria escusarse de dar a Deos graças com huma obra grande: nem em dia taõ alegre, negar a huma só filha, que tem, huma mercê, que lhe pede. Concluindo a Princesa, viose logo nos sembrantes dos circunstantes, que a nenhum aprazia tal petiçaõ. E com tudo, elRey, como amava tenramente a filha, naõ se atreveo a desgostalla em tal tempo, e em acto taõ publico: deuse por vencido das boas rezoens, e do geito, e pronunciaçaõ, com que foraõ representadas, e lançandolhe os braços sobre o pescoço, deixando juntamente correr algumas lagrimas em testemunho do que sentia tal determinaçaõ, disse que lhe outorgava a licença. Naõ esperavaõ tal reposta os Senhores, que acompanhavaõ a elRey, e todos juntamente acudiraõ a reclamalla; protestando em nome do Reyno, que em tal cousa naõ consentiriaõ nunca. Mas ella em final, que aceitava a mercê, inclinouse de novo, e beijou a maõ a elRey cheya de contentamento, e dando em sua alma graças sem fim ao Senhor.

Passaraõ alguns mezes, porque naõ quiz a Princesa aguar as festas, e alegrias da victoria com seus requerimentos, que já via serem odiosos a todo genero de gente; e achando hum dia boa conjunçaõ, lembrou a elRey a palavra que lhe tinha dado, e ella aceitado. Sobresaltouse elle; deulhe muitas rezoens por onde naõ convinha fallarse em tal materia: que era o Principe enfermo, ella despois delle unica herdeira, e huma só esperança do Reyno. Mas ella soube replicar a tudo com tanto aviso, que elRey emfim lhe disse, que naõ era sua tençaõ encontrar os movimentos do Ceo: nem menos a palavra, que tinha dado: e só queria saber, que Mosteiro era o que tinha na vontade. A Princesa vendo, que tratava negocio em que naõ tinha ninguem por sy na terra: e que convinha levallo com muito arteficio, e prudencia; respondeo, que de presente naõ faria mais aballo, que até Odivellas: e que pera poder hir mais livre de cuidados, pedia a Sua Alteza, pois lhe fazia a mayor mercê, que no mundo podia esperar, mandasse dar cargo de tudo, o que havia no Paço, a huma pessoa que lhe parecesse: porque ella nesta mudança naõ fazia conta de se acompanhar, senaõ de poucas pessoas, e essas tais, que se atrevessem a seguilla na mesma fórma de vida, que pera sy tomasse. Mas naõ ha bem lingoagem,

que possa bem declarar as queixas, as desconsolaçoens, as lagrimas, que ouve em todo genero de gente, tanto que esta nova foy publica no Paço. Naõ fizeraõ mais extremos, se viraõ enterrar a Princesa: porém ella cheya de alegria em sua alma, naõ deixava de sentir a pena de suas criadas, pollo muito que as amava, e como era de natureza benignissima, pagava com lagrimas de amor as que nellas via de dor. A todos, e todas consolava com huma só rezaõ: que se choravaõ desemparo proprio, naõ tinhaõ que temer; porque elRey seu pay lhe tinha prometido de os remediar como a filhos, e ella naõ ficava longe pera o requerer: se sentiaõ sua hida della, faziaõ aggravo ao muito amor que lhe deviaõ: pois parecia hum genero de enveja do seu mayor bem, que com muito gosto hia buscar em Christo. E por atalhar mais lastima, fez sua partida de noite, e com pouca companhia, que foy só de sinco mulheres, que com ella ficaraõ, duas, que de longos tempos sabiaõ sua vida, e determinaçoens; e as tres pera a servirem. E pera se despegar de huma vez de tudo, o que no mundo lhe podia dar gosto, ou espertar affeiçaõ, e ficar de todo em deserto, deixou ordem, que nenhuma das que ficavaõ procurasse mais vella, nem buscalla.

CAPITULO III.

Sabe a Princesa de Odivellas, caminha elRey com ella pera Coimbra: deixaa recolhida no Mosteiro de Jesu de Aveiro. Dasse conta de hum prodigioso sinal, que sobre o Mosteiro appareceo; e do fim que teve.

HIa a Princesa fazendo seu negocio com passos vagarosos, e prudentes; e assi obrigava a seu Pay a concederlhe tudo o que queria. Despois de estar dous mezes em Odivellas, onde d'elRey, e do Principe, era a miude visitada: disse hum dia a elRey, que bem sabia Sua Alteza, que sua vinda pera aquella casa, naõ fora pera effeito de ficar nella, senaõ pera della mais a seu sabor buscar morada, e consolaçaõ perpetua: e por tanto fosse servido de a deixar hir pera outra parte. Naõ fez elRey duvida, nem lhe perguntou em que Casa tinha vontade. Só lhe disse, que seria bem hir pera Coimbra, que tambem era Mosteiro Real, e morada de muita gente da mais illustre do Reyno. Com esta palavra, e consentimento de poder fazer mudança, naõ quiz a Princeza por entaõ replicar, nem contradizer no ponto de Coimbra, guardandoo pera melhor conjunçaõ. Mas nomeou logo dia pera a partida, escrevendo primeiro à Madre Brites Leytoa, que seu animo era hir ser sua subdita: porém, que convinha valherlhe diante de Deos com muita oraçaõ; porque seu Pay fazia differente conta. E assi succedeo escrever elRey no mesmo tempo à Abbadeça de San-

Sancta Clara de Coimbra, que se a percebesse pera receber no Mosteiro a Princesa. Era por 1472. Junho do Anno de 1472. quando a Princesa deixou Odivellas, acompanhada d'elRey, e do Principe; ella com pensamentos, e olhos em Aveiro: elles em Coimbra. Faziaõ jornadas curtas, e paravaõ dias em alguns lugares, respeito do tempo calmoso. Mas chegando a Pombal, como alli se apartavaõ as estradas, foy força declararse d'alguma maneira com seu Pay. E procedendo com seu costumado artificio, disselhe, que estimara muito, pois estavaõ em caminho, poder ver hum Mosteiro taõ gabado de observante, e religioso, como era o de Jesu de Aveiro: e correndo a practica, foylhe dando a entender com boas rezoens, que por nenhum caso diria bem com sua pessoa, e authoridade ficar em Sancta Clara, onde havia mulheres, que viviaõ com estado: e ella naõ pretendia a Religiaõ, senaõ pera viver em toda pobreza, e humildade. Sap. Bem se diz, que os coraçoens dos Reys estaõ na maõ de Deos. Obrou elle de maneira, que com muita facilidade veyo elRey em a levar a Aveiro; sendo cousa totalmente encontrada com seu entendimento, e de todos os da companhia, ficar ella em tal lugar: e trasluzindose já, que em nenhum outro tinha vontade. Emfim, mandou elRey guiar per Aveiro.

Neste tempo, conta a Historia antiga, que temos desta Senhora escrita de maõ, e guardada como thesouro no Cartorio do Mosteiro, que apparecia sobre elle hum estranho sinal do Ceo. Era huma exalaçaõ, que representando ser estrella, que lançava de sy hum claro, e resplandecente rayo, grande em largura, e taõ estendido, que aos olhos de quem estava na Crasta tomava todo o ceo della. Na primeira vista ameaçava ser Cometa, e como tal fazia medo; mas considerado bem o apparecimento, e mudanças de cada dia, mostrava ser outra cousa: porque apparecia todos os dias acabada Completa sobre o Mosteiro, e permanecia toda a noite até polla manham, sem fazer mais differença, que inclinarse humas noites contra a casa, que agora he sacristia, e outras sobre o sitio, em que despois se edificou aposento pera a Princesa: e tinha outra novidade espantosa, que ainda que o Ceo estivesse toldado de nuvens, ou nevoas, e escuro, e sem estrellas, ou chovendo, sempre se deixava ver da mesma maneira. E tinhase começado a notar desde entrada de Março deste, e durava por fim de Julho, que foy quando elRey chegou a Aveiro.

Recreouse a Princesa com se ver no lugar, que tanto dezejava, e tanto lhe tinha custado chegar a ver: e vendo, que tinha taõ perto a festa de nosso Sancto Patriarcha, quiz esperar pera entrar em sua vespera. Na vespera polla menham fez solemne entrada: acompanhoua elRey, e o Principe, e a senhora Dona Felippa sua tya, irmam de sua mãy, e huma Religiosa que consigo trouxe de Odivellas, pessoa de grande virtude, e espiritu (chamavase Dona Mecia de Alvarenga.) Era de ver a differença de affectos, que se

ſe enxergavaõ nos ſemblantes de todo eſte ajuntamento. Em cada huma das Freiras, e principalmente na ſancta Prelada Sor Brites Leytoa, brotava o gozo por roſto, e olhos, ſem baſtar ſua grande modeſtia pera o diſſimular; polla honra que ganhavaõ com tal hoſpeda. ElRey eſtimando ter dado conſolaçaõ, e goſto a huma filha, que tanto merecia, ſentia todavia graviſſima pena de ſe ver ſem ella: e a eſte modo ſe via em toda a Corte huma profunda triſteza: mas por naõ offenderem a ſeu Rey, ſem vozes, nem lagrimas, ſó o Principe, como ardente, que era de condiçaõ, naõ diſſimulava o deſgoſto, que tinha deſta entrada; e por mais branduras, que a Princeza lhe dizia, ſe declarou com ella, julgando pollo paſſado, que era genero de engano quanto lhe ouvia: que ſe intentaſſe mudar eſtado, ſoubeſſe de certo, que elle em peſſoa a havia de vir tirar do Moſteiro. Entre eſtas ondas de triſtezas, e alegria, eſpantava a compoſiçaõ, e aviſo, com que a Princeſa ſe governava, naõ ſe moſtrando alegre aos triſtes, nem triſte a quem com ſua companhia ſe alegrava. Deixou elRey aſſentamento à Princeſa pera ſeu prato, e gaſto, que o Principe ſeu irmaõ, deſpois que foy Rey, accreſcentou, dandolhe o Senhorio, e rendas da Villa, e quaſi de toda a Comarca: e tambem lhe dava a juriſdicçaõ; mas eſta naõ quiz nunca aceitar: ficando aſſi rica das portas a fóra do Moſteiro: dentro nenhuma Freira era mais pobre: porque naõ meteo conſigo nenhum genero de ſerviço, e ſó ficou em ſua companhia a Madre Dona Mecia de Alvarenga. As ſinco mulheres, que tinha em Odivellas, mandou ficar na villa, mais por amor, e pera lhes fazer bem, e mercê, que por neceſſidade, nem goſto de ſeu ſerviço. Ficou tambem a ſenhora Dona Felippa ſua tya em humas caſas junto do Moſteiro; porque ſenaõ atrevia viver longe della. Era o Moſteiro muy eſtreito pera apoſentar huma Princeſa; mas ella entrou taõ humilde, que tudo lhe parecia grande: concertaraõlhe huma caſa, que ficava junto à Capella mór: aqui fez logo armar hum Oratorio, e na parede abrir huma pequena freſta, que lhe ſervia de tribuna pera ouvir os officios Divinos. E pouco tempo deſpois comprou hum pumar, que partia com o Dormitorio, e nelle mandou lavrar hum moderado apoſento pera ſy; e no ſitio, que ſobejou, ganhou largueza, e recreaçaõ pera as Freiras. Seu trajo era já Dominico quando entrou, váſquinha branca, e ſayo preto, de pano pouco cuſtoſo; os cabellos ennaſtrados, recolhidos em coifa de lenço, e toalha lançada: como tudo era taõ honeſto, naõ mudou nada. Nas feſtas deſcia muitas vezes ao Choro, e tomava aſſento no eſquerdo, entre as Noviças, e nas ultimas cadeiras. Era eſta Senhora de ſua natureza muito amavel, juntandoſelhe tamanha humildade, cativava os coraçoens de todas as Religioſas: e muito mais deſpois que viraõ, que deſdo dia, que por ſuas portas entrou, ceſſaraõ os medos do Cometa, que atraz diſſemos: porque continuando até a noite antes da veſpara de noſſo Padre, logo na ſeguin-

feguinte defappareceo, e naõ foy mais vifto; com que fe acabou de verificar, que naõ fora Cometa, fenaõ fó huma luz myfteriofa, e fignificadora da que a Princefa havia de dar a efta Cafa com fuas virtudes, como lemos, que fe viraõ muitas femelhantes no nafcimento de alguns Sanctos.

CAPITULO IV.

Toma a Princefa habito de Noviça. Daffe conta da vida que fazia.

SEndo a Princefa verdadeira Religiofa, no recolhimento, e em todo rigor, vida, e obras, que fazia, davalhe grande afflicçaõ de animo, faltar na folemnidade do habito, e profiffaõ. E vendo paffados dous annos, e meyo defpois de fua entrada, e fabendo, que andava em practica cafamentos do Principe, julgava, que pera o que de fy quizeffe ordenar, naõ haveria já as contradiçoens do tempo paffado. Pollo que entrado o anno de 1475. publicou o que até entaõ com grande cuidado diffimulara: e diffe à Prioreffa diante de toda a Communidade, que fua determinaçaõ nunca fora outra, nem a outro fim viera áquella Cafa, fenaõ pera viver, e morrer nella, e no habito de S. Domingos, que por iffo queria logo tomallo, e começar feu anno de provaçaõ: e finalou dia, o da Converfaõ de S. Paulo a vinte finco de Janeiro do mefmo anno. Chegou o dia, e bem podemos dizer, que foy o mais fermofo, e o mais alegre, que nunca aquella Cafa teve. Viofe nelle huma Princefa jurada de hum Reyno; fendo encontrada de pay Rey, e irmaõ Principe, tyos Infantes, e a defpeito de toda huma Provincia, bufcar a pobreza, e humildade de Chrifto: lançarfe por terra, e aos pés de huma pobre mulher, pedirlhe por mifericordia huma mortalha. Começoufe a cerimonia defpois de huma devota practica da Prioreffa, com fe chegar a ella a Princefa, e offerecerlhe a cabeça pera dar os cabellos d'ouro em penhor, e premicias do facrificio, que de fy fazia a Deos. Cortoulhos a Prioreffa; mas com tantas lagrimas, que quafi nem os olhos viaõ, nem as mãos acertavaõ o que faziaõ. Naõ eraõ menos as de toda a Communidade, nem as da Noviça: porém com efta differença, que as da Noviça eraõ de confolaçaõ, e alegria; as da Prelada, e fubditas de devaçaõ, de efpanto, de compunçaõ. Com as mefmas lhe foy veftido o habito; e por remate, abraçando, e dando paz com humildade a todas, fe foy com ellas em prociffaõ ao Altar: onde com os joelhos em terra, batia com grande força nos peitos, offerecendofe ao Divino Efpofo, naõ fó por efpofa, pois tanta mercê lhe chegara a fazer, mas por verdadeira efcrava.

Começou a Princefa defde efte dia hum muy auftero, e efquivo genero de vida, naõ fó pera qualidade taõ alta, e compreiçaõ taõ delicada, como era a fua: mas pera quem no nafcimento tivera humilde forte, e nas forças muita robufteza. Efpelho, em que fe deviaõ ver, e a elle compor vidas, e coftumes todos os fogeitos que buf-

caõ

caõ a Religiaõ: Os que nasceraõ grandes pera se saberem humilhar; e os pequenos pera se lembrarem sempre da pobreza de seu pô, e naõ pretenderem incharse, onde os mayores se abatem. Que os grandes do mundo, estando nelle, queiraõ viver de brio, e respeito, e estima, seja embora; que esse he o estylo da terra, que os faz conhecer, e differençar do commum da outra gente. Mas que esses mesmos vindo buscar a humildade de Christo naõ queiraõ sujeitarse a todas as leys della no trato, no vestido, na comida, na clausura, no trabalho, no abatimento! Desenganemse; que isto he manter no hermo os fumos de Babilonia: he ser profanadores da Religiaõ, naõ Religiosos: porque a verdadeira nobreza, quando busca a Deos, tanto desce, e tanto se deixa sumir debaixo dos pés de todos por vontade, quanto por sangue, por riqueza, e potencia sobre todos se levanta antes de o buscar. Famoso exemplo nos deixou esta Princesa: do dia que vestio o sancto habito, nunca mais se deixou visitar, nem tratar de nenhum senhor, nem outro secular do Reyno: nunca mais trouxe peça de ouro, nem de prata: e até o titulo de Infante quizera deixar (porque o de Princesa muito tempo havia, que o tinha deixado) se a Prioresa lho naõ tolhera. No habito, nas tunicas, na cama, e em todo o trajo; no serviço do Choro, e Communidade nenhuma differença fazia da mais pequena, e humilde Noviça. Habito curto, e sem fralda, tunicas de sarja, cama sem nenhum genero de lenço, pantufos baixos de inverno, çapatas de sola no veraõ (quem crera isto hoje, ainda em huma mulher ordinaria?) No Choro fazia todos os officios das mais Noviças, assi como lhe cabia por seu turno: dizia Versos, e Antifonas, registrava os livros, cantava kalendas, accendia as vélas, levava os ciriais, e cruz, e agoa benta: no Refeitorio servia quando lhe tocava, ajudando a companheira quanto suas forças, que eraõ muy poucas, abrangiaõ. Ao comer tomava sua pitança, como cada huma das outras Noviças: se lhe punhaõ diante mais alguma cousa, como era fazer differença em respeito de sua pessoa, ou a dava à Freira mais vezinha, ou a deixava sem lhe tocar. Por naõ faltar em nenhuma occupaçaõ da Communidade, aprendeo a fiar, e a cozer, e lavrar. E como o sangue nobre pera tudo he mais habil, se se applica, sahio grande mestra; e do seu fiado se faziaõ corporais pera os altares. Tambem tecia cilicios, e dava traças pera disciplinas de sangue com rosetas de asso, e prata, em que estava experimentada, porque as costumava tomar, e com seu exemplo faziaõ muitas Freiras o mesmo: as quais ella curava por suas mãos com segredo, e com huma charidade Angelica. Mas naõ parava aqui: chegou a amassar o paõ, lavar a roupa, varrer as casas, pera que corresse o trabalho igualmente por todas; e se acontecia meterse lenha em casa, ou trigo, e ainda que fosse tijolo, telha, e barro, que as Religiosas, por naõ entrarem dentro seculares, e porque naõ uzavaõ inda entaõ servidoras,

nem

nem de efcravas, coftumavaõ por fuas mãos acarretar, acudia com alegre rofto a ajudar, e levar fua parte, louvando humas, e animando outras, e dando exemplo de humildade a todas. A fogeiçaõ, que tinha à Meftra de Noviças, era tanto da alma, que à fua conta naõ havia nenhuma, que deixaffe de fer fogeitiffima. Na confiffaõ, e communhaõ nunca deixava de acompanhar as irmãs: fó lhes ganhava em mais devaçaõ, e mais lagrimas naquelle acto, e no aparelho de oraçaõ, e filencio, com que fe defpunha pera elle. Mas nas horas que dava a Prelada de recreaçaõ, a mayor que tinhaõ todas, era o amor, brandura, e affabilidade com que as tratava: efta mefma uzava com qualquer que adoecia, ou tinha alguma occafiaõ de defgofto, aconfelhava, confolava, e animava: e fe fentia em alguma Religiofa afflicçaõ interior, ou trabalho efpiritual, naõ lhe acudia fó com laftima, e compaixaõ de feu mal diante dos olhos; mas tambem com lagrimas diante de Deos. E eraõ tais os effeitos dellas, que muitas Religiofas fe viraõ livres por feu meyo de grandes defconfolaçoens, quafi milagrofamente. E naõ ficavaõ fó encerradas nos clauftros do Mofteiro as virtudes defta Senhora, paffavaõ fóra, e chegava o zelo, em que que ardia da honra de Deos, a procurar com efficacia que naõ ouveffe na Villa quem viveffe com efcandalo, ou em máo eftado: e tendo noticia de algum, davalhe remedio com feu poder, e cuidado. E porque tinhaõ nome de feus alguns Mouros, e Mouras, que elRey feu pay lhe trouxe, vindo da tomada de Arzilla: e naõ lhe fofria o fogo da charidade haveremfe de perder aquellas almas, tanto mandou trabalhar com elles com prégaçoens continuas, e com mimos, e até com oraçoens fuas, e com facrificios, que emfim os livrou da infidelidade. E como foube ferem bautizados, mandoulhes dar fuas cartas de liberdade, e cafandoos, deulhes com que viveffem. Porém foraõ grandes as tempeftades, que levantou contra fy com efta mudança de vida; vellashemos no Capitulo feguinte.

CAPITULO V.

Do grande defcontentamento que ouve no Reyno por efta determinaçaõ da Princefa: e do que fizeraõ os povos, e o Principe por rezaõ della.

ESteve muitos dias em fegredo o novo eftado da Princefa: porque era tal o aperto do Mofteiro, que nenhuma peffoa de fóra a via: os locutorios, em que fallava a fuas criadas, eraõ cubertos de pano preto; e até pera a fenhora Dona Felippa fua tya, naõ havia outros. Mas que coufa ha, que o tempo naõ ponha na praça, por occulta que feja? Veyofe a faber na Villa, e logo por todo o Reyno, que eftava Noviça, com cabellos cortados, e habito veftido. Foy eftranho, e nunca vifto o fentimento, que por toda parte caufou. Entre os moradores da Villa ouve pranto geral. Os criados, e criadas fe encerraraõ, e veftiraõ de panos de dó, como fe a viraõ enterrar. A fenhora Dona Felip-

pa naõ quiz mais visitalla, ou de sentida do feitio, ou de recear ser havida por consentidora nelle: e poucos dias despois se foy da Villa; e deu ordem com a Prelada de Odivellas, que lhe tirasse a amiga Dona Mecia de Alvarenga. Paixaõ, e vingança contra ambas: e tal foy o primeiro golpe, e primeiro golpe desta perseguiçaõ. Foy o segundo juntaremse em Aveiro, e despois nas portas do Mosteiro, Procuradores das cidades, e villas principais de todo o Reyno, e mostrandose zelosos do bem publico, chamarem a Prioresa, queixaremse agramente della, e com palavras pesadas estranharemlhe atreverse a admittir ao habito, sem licença d'elRey, e sem consentimento da Republica, huma Princesa, que era unica esperança della. Seguiraõ logo requerimentos, que lhe despisse o habito, e lha entregasse: e porque a Prelada respondia a tudo com muita brandura: mas defendendo, e abonando a tençaõ, e obra da Princesa: e deixandose entender, que nenhuma cousa a faria tornar atraz no começado: ouve vozes de alguns atrevidos, que poriaõ fogo ao Mosteiro: e os mais reportados chamaraõ officiais de justiça, e protestaraõ em fórma de Direito, que a todo tempo, que a Princesa fosse necessaria pera continuar a succeссaõ do Reyno, a tirariaõ do Mosteiro, sem embargo de qualquer acto Monastico, que por ella ouvesse passado por mais grave que fosse, que desde logo davaõ por nullo, e de nenhum vigor. E de tudo pediraõ fé, e autos juridicos pera levarem ás Camaras, de que eraõ enviados.

Muita torvaçaõ receberaõ as Religiosas (como em mulheres, onde he natural o medo, basta pouco pera fazer grande abalo) com esta descompostura dos povos. Mas pouco tardou outra, que as poz em mayor aperto, e mais desconsolaçaõ. Entrou o Principe pollo Mosteiro cuberto de dó, com a barba, e cabello crescido, testemunhando, nesta, e noutras mostras de dôr, a muita que trazia na alma. Sahio a recebello a Princesa, fazendose força por mostrar alegria com sua vinda: parou elle, pondo os olhos nella; e quando lhe vio o rosto seco, pallido, e infiado, effeitos do rigor com que vivia: e notou a pobreza do vestido, a novidade do toucado (que nenhuma mudança quiz fazer o animo constante da serva de Christo) naõ póde ter as lagrimas: e trocada a paixaõ de ira, com que vinha, em huma naõ cuidada brandura: falloulhe amorosamente, pedindolhe quizesse deixar aquelle genero de vida, e trajo, com que tinha desgostado a seu Pay, e a elle, inquietado, e alterado todos os Estados do Reyno: que lhe lembrasse a necessidade, que havia de sua pessoa pera em falta delle Principe: caso, em que estava obrigada, naõ só a cortar por seu gosto, pollo dar a tantos, mais inda a sacrificarse. Que folgasse de agradar em obedecer a hum Pay velho, que muito lhe queria; fazer a vontade a hum irmaõ enfermo, e sem filhos, e naõ desprezar os requerimentos de hum Reyno inteiro. Respondeo a Princesa com poucas, e humildes palavras,

como

como a Principe, que reconhecia por Senhor, e como a irmam, que muito amava: que bem sabiaõ elRey seu Pay, e elle, que era taõ antigo nella o amor da vida religiosa, como o uzo da razaõ: que a esta conta de beneplacito de ambos, e com sua boa licença, de longo tempo requerida, viera pera aquella Casa. E sendo assi, bem deveraõ entender, que naõ podia estar bem a sua pessoa, entrando em companhia de professoras de estado austero, e rigurosо estar à vista de seus trabalhos, sem tomar parte nelles; e viver em casa de religiaõ, izenta das obrigaçoens della: que fazendo conta, que ambos disso eraõ contentes, começara aquella vida, vida que buscara com vontade, e proseguia com gosto; e ajudandoa Deos levaria ao cabo, com a firmeza, e constancia, que devia a seu sangue: e assi pedia a Sua Alteza fosse servido parecerlhe bem. Estas rezoens, e humas lagrimas piedozas, com que as acompanhava, atalharaõ o Principe de sórte, que naõ fez mais instancia. Mas tomando a Princesa polla maõ levoua pera huma varanda. Alli chamou o Bispo de Evora Dom Gracia de Menezes, que com outros Senhores o viera acompanhando, e queixouselhe da dureza, que achara nella. Tomou entaõ o Bispo a maõ: e como era dotado de singular eloquencia, de que até nossa idade chegaraõ vestigios (devia cuidar, que esperava o Principe delle désse fim a esta empresa) começou a proporlhe com elegantes, e bem assentadas palavras toda a substancia das que o Principe tinha dito, e ajuntando outras rezoens, de vivo, e esperto engenho: e emfim resolvendo com termo demasiado livre, que se todavia insistisse em proseguir hum genero de vida, que tinha mais de appetite, e mininice, que de prudencia de Princesa, e em querer passar os termos da obediencia, que devia a elRey, como filha a seu Pay, e como qualquer vassallo a seu Rey, e Senhor natural, que pera isso estava alli o Principe pera lhe naõ sofrer, que tivesse mais habito, nem Religiaõ, nem Mosteiro. Viose neste passo o que tanto de antemaõ avisou Christo a seus Discipulos no sancto Evangelho; quando por causa sua se achassem diante dos Reys, e Grandes do mundo, naõ se matassem por estudar repostas a seus ditos, que elle se obrigava a darlhas feitas, e postas nas lingoas. Revestiose a Princesa de hum brio Real, e valor senhoril, que bem pareceo communicado do Ceo, e respondeolhe assi: Bispo reverendo, tudo o que me tendes dito, devo, e quero crer por obrigaçaõ de christam, que volo faz dizer o zelo que tendes do serviço d'elRey meu Senhor, e Pay, e do bem de seus povos, e por esta parte naõ mereceis reprehençaõ: mas que conta haveis de dar a Deos, sendo successor de Christo Jesu seu filho no habito de Sacerdote, e proffissaõ de Prelado, atreverdesvos a persuadirme huma cousa taõ encontrada com as obrigaçoens, que prometestes, que jurastes? Como havieis de desculpar com vossa consciencia atiçardes o fogo da ira do Principe meu Senhor, e irmaõ, com rezoens mais

Matth.

mais apparentes, que verdadeiras, mais artificiosas, que bem fundadas, só porque vos parece, que o agradais nisso? Vós, que tinheis obrigaçaõ, como Padre espiritual, de o mitigar, e trabalhar, que naõ chegasse a colera a inficionarlhe a alma, e cometer culpa contra Deos: vós, que como outro Ambrosio devereis aconselhallo, que temesse entrar por estes Claustros sagrados, se naõ fosse a honrallos, e venerallos: e fazeilo tanto ao revés, que em sua presença, e minha, tendes boca pera fallar em tirar habito, e religiaõ: e naõ tendes consideraçaõ pera ver, que o haveis com hum Deos, que a vós póde castigar (e temeyo muito) só pollo que dizeis: e a elRey meu Senhor só por me conservar neste Estado, que com sua licença busquey, havieys de ter por fé (se sentis bem della) que dará vida, e honra, e novas victorias: e ao Principe muitos filhos, e nétos, e saude, e vida pera os ver, e lograr. Se os Ecclesiasticos naõ discursaõ, como Ecclesiasticos, naõ fallaõ como Ecclesiasticos, que se ha de esperar do vulgo? Se a vossa Theologia vos ensina, que nem nas cousas humanas se move a folha de huma arvore sem vontade de Deos, como nas Divinas, e no que foy inspiraçaõ do Ceo, e quasi nascida comigo, haveis de pôr nome de appetite? Estando escrito, que nem o nome de Jesus podemos pronunciar, nem vós, nem eu, sem especial movimento do Espiritu Sancto. Se isto ignoraveis, naõ merecieis de mym reposta: e se o sabieys, como sey, que sabeis: mereceis nome de adulador pera com o Principe, e de enganador pera comigo. E qualquer que seja vossa tençaõ, e entendimento, sabei de certo (e com isto concluo) que a causa he de Deos, que se naõ sogeita a poderes humanos: e polla mesma rezaõ naõ haverá nenhum na terra, que me tire o proseguilla: e se elle for servido, que me custe a vida tal demanda, isso terey por ventura, por Reyno, e por Imperio. Assi concluhio a Princesa, e com a ultima palavra fez sinal de se querer recolher, porque enxergava no gesto do irmaõ inchado ondas de nova paixaõ. Parece que ouve por dito contra sy tudo o que a Princesa respondeo ao Bispo; sentiose, e desconfiou de ver sua inteireza, e liberdade; e ver juntamente ficar o Bispo corrido, e pouco ayroso com o que ouvira. Dizem, que soltou contra ella muitas palavras pesadas; e foy huma, que em pedaços lhe havia de tirar o habito: e assi a deixou.

CAPITULO VI.

Adoece a Princesa antes de acabar o anno de provaçaõ. Poem em consulta de Theologos se professará. Sahe do Mosteiro por medo da peste da Villa. Torna a elle passados alguns mezes.

Desbarataõ muito a saude corporal desgostos da alma, e se estes cabem sobre vida acossada de trabalhos, como achaõ materia disposta, saõ os effeitos mayores, e mais nocivos. Tinha esta Senhora passados alguns mezes de noviça com taõ rigoroso tratamento de sua pessoa, que toda a Communida-

nidade havia por impoſſivel chegarem ao cabo do anno membros taõ fracos, e compreiçaõ taõ delicada. E com tudo a força do eſpiritu, e goſto, que tinha de ſe dar a Deos, fazia, que levaſſe alegremente tudo, e ſe venceſſe a ſy meſma. Mas como ſe juntou o ſobreſalto dos povos, e deſemparalla ſua tya, e a indignaçaõ do Principe, rendeoſe, e acurvou a natureza, opprimida de tantos males juntos: como acontece ſoçobrar o navio com demaſiado peſo, e arrebentar a peça de Bronze, ſe lhe lançaõ mais carga daquella com que póde. A poucos dias, deſpois de hido o Principe, adoeceo gravemente. Foy o principio cubrirſe toda de huns inchaços, e poſtemas de má qualidade, acompanhadas de febre ardente, que ſe veyo a fazer continua, e deſcobrio outros achaques, e complicaçaõ de males, que os Medicos averiguavaõ teremlhe corrompido toda a maſſa ſanguinaria, e que ſe com tempo naõ largava de todo a comida de peixe, o jejuar, e veſtir lam, daria, quando bem livraſſe, em huma lepra, ou outra infirmidade incuravel. Recorreraõ as Religioſas a Deos com oraçoens, e penitencias; ſobre grande vigilancia na cura. Foy couſa, que pareceo milagre: porque a peſar das Filoſias, e juizos da medicina, guareceo de todos os achaques, e ceſſou a febre: ſó ficou cativa de huma extrema fraqueza, que todavia lhe dava muito cuidado: porque ſendo acabado o anno de provaçaõ, e dezejando de todo coraçaõ profeſſar, fazialhe contradiçaõ a neceſſidade em que ſe achava de continuar com o trato de doente, contrario em tudo à Regra, e Conſtituiçoens da Ordem. Acudialhe por huma parte o eſcrupulo de emprender vida, que ſua diſpoſiçaõ lhe eſtava claramente moſtrando ſer impoſſivel levalla avante: que era tornar ao peixe, e à força dos jejuns, e vigias. Por outra parte tornou elRey a entender na teima antiga, com a occaſiaõ da doença, mandando Prelados, que lhe fallaſſem, e aconſelhaſſem, e deſviaſſem de fazer profiſſaõ: no que muitos ſe moſtraraõ zeloſos, fazendolhe cargo de conſciencia entrar voluntariamente em manifeſto perigo de vida. Cercada de duvidas, e perplexidades, como chriſtam, e prudente, chamou o Padre Frey Antaõ de Sancta Maria, Vigairo geral da Obſervancia, de cujas raras virtudes dizem grandes encarecimentos as eſcrituras, que temos daquelle tempo: e fiando delle ſua alma, como de Varaõ, que tinha por ſancto, pediolhe que fizeſſe huma junta de'outros, que julgaſſe por tais em letras, e eſpiritu, e izençaõ de reſpeitos, e conſultaſſem o que ſeria rezaõ fizeſſe. Sendo aſſi, que nenhuma couſa mais dezejava, que viver, e morrer religioſa. Teve elRey noticia do que ſe tratava, quiz que foſſe a junta em ſua prezença. Acharaõſe com o Vigairo geral os melhores ſujeitos, que havia na Obſervancia, e na Provincia. Decretouſe, que viſto eſtar taõ debilitada por doença, e ſer taõ fraca de natureza, que manifeſtamente ſe via, naõ poderia cumprir com os encargos, e auſteridades da Ordem, ficava em conſciencia obrigada a dei-

deixar a pretençaõ, que tinha de professar nella; e esta resoluçaõ lhe levou o Vigairo geral. Ouvioa ella com muita dôr de sua alma: mas com grande animo lhe affirmou logo, que se bem a lançavaõ da profissaõ de Freira, esperava em Nosso Senhor de ser Freira sem profissaõ naquella Casa, e nella viver, e morrer, sem sahir nunca pera outro estado; e porque se visse, que nem suas determinaçoens antigas foraõ levemente tomadas, e por isso as mantivera até cahir com a carga, nem repugnava ao Decreto presente, que tinha por ordem mandada por Deos, pois sahira do entendimento, e acordo de servos seus: fez hum Auto publido de desistencia da pretendida profissaõ; e foy na fórma seguinte. Chamou a Prioressa ao seu Oratorio, e diante della despio o habito, dobrouo por suas mãos, beijouo, e collocouo sobre o Altar, tudo com hum termo, e respeito taõ devoto, que declarava bem lhe custava muito deixallo. Apoz isto cubrio huma mantilha, e envolta nella, deu vista à Communidade: andando hum espaço pollo Mosteiro, pera que geralmente constasse, que já naõ era noviça, nem pretendia professar, em cumprimento da determinaçaõ do Vigairo geral. Passadas algumas horas, que assi esteve, e lhe pareceraõ bastantes pera perfeiçaõ daquella cerimonia, de que se havia de dar conta a elRey, e aos Prelados, tornou ao Oratorio, seguida de todas as Religiosas: entaõ repetindo, e ratificando diante dellas, as mesmas palavras, que tinha dito ao Vigairo geral, lançou de novo maõ do habito, abraçouse com elle, e pondoo nos olhos com tanto gosto, e alvoroço, como se entaõ o recebera a primeira vez, vestiose nelle, e dizia com devaçaõ: Bem conheço, habito sancto, que naõ merecia eu trazervos, nem por cerimonia, quanto mais acompanhado dos ganhos, e riquezas espirituais de professa: mas eu prometo nesta pobreza em que fico, naõ vos deixar já mais, senaõ for na sepultura. E dizia pera as Religiosas: Ao menos, Madres, já que meu Senhor Jesus Christo senaõ quiz servir de mym, naõ me tirará servirvos eu a vós, em quanto esta alma governar estes membros taõ fracos, e taõ pera pouco. Assi o farey, e terey por favor, e mercê sua, que sirva suas servas. Se fico forra de obrigaçoens, às vezes servem tam bem escravas forras, como as cativas. Como o disse a Princesa, assi o cumprio logo: porque como se com aquella liberdade ficara obrigada a trabalhar mais, tornou a correr com todos os rigores antigos, salvo no que era comida, que foy sempre carne; por naõ encontrar a prohibiçaõ dos medicos, e por acudir a sua fraqueza, que nem assi tornava a cobrar as primeiras forças.

Contentouse elRey, e mitigouse o Principe, quando souberaõ, que acabara a força da doença, o que as suas Reays naõ puderaõ: e assentaraõ darlhe de novo Casa, Estado, e criados, que de fóra estivessem a seu mandar, e rendas pera os governar. Estas foraõ todas as da mesma Villa, com a jurisdicçaõ della. Mas aceitando as rendas pera poder fazer bem a mui-

muitos, e em particular ao Mosteiro, a jurisdicçaõ só refusou por fugir a todo respeito, e mais authoridade. Com esta renda mantinha Capellaens, que procurava fossem de boa vida, e exemplares: sustentava Capella, provida de prata, e ornamentos, que se guardavaõ no Mosteiro, onde os Capellaens vinhaõ rezar, e celebrar os officios Divinos, como em Capella Real.

Mas nova tribulaçaõ estava guardada à sancta Princesa pera nova coroa de gloria. Passaraõ tempos, entrou o anno de 1479. e com elle huma furiosa peste no Reyno, que chegando a Aveiro, ateou grande fogo. Era esta Villa entaõ cousa taõ pobre em povo, e substancia, que havia elRey por genero de abatimento da authoridade Real, viver nella a Princesa: e naõ foy esta a ultima das rezoens; porque tomava mal em tempos atraz recolherse ella aqui. Sabendo agora, que estava inficionada da contagiaõ, escreveolhe, que sem alegar escusa nenhuma, se sahisse logo pera qualquer outro lugar: e o mesmo fez o Principe, avisando aos Bispos de Coimbra, e do Porto, e alguns Senhores principais, e vezinhos, que a fossem acompanhar. Nenhuma cousa pudera entaõ succeder mais encontrada com o gosto da Princesa que esta; porque como sabia o pouco que elRey sempre tivera daquelle seu recolhimento, persuadiase que se huma vez o deixasse, nunca mais tornaria a elle. Replicou huma vez, e outra, hora rogango, hora dissimulando: porém como o mal naõ cessava, teve carta d'elRey com mandado expresso, que sem mais replica despejasse o Mosteiro, e a Villa: e porque naõ cuidasse que era artificio pera a tirar da Religiaõ, ajuntava elRey, que escolhesse ella qualquer outra terra do Reyno, que fosse de mais qualidade, e logo lhe edificaria Mosteiro nella: e se quizesse estar em Lisboa, lhe fazia a saber, que só à sua conta tinha impetrado licença da Sé Apostolica pera povoar de Freiras o Mosteiro de S. Vicente de fóra. Foy força obedecer, porque se juntou fazerlhe apertada instancia o Prelado da Observancia: e rogaremlhe todos os Conventos della, que senaõ detivesse mais onde sua saude, que a todos importava, corria tanto risco: e emfim veyo a sahir do Mosteiro em vinte sete de Setembro deste anno de 1479. acompanhada da Prioressa Brites Leytoa, que amava como a máy, e venerava como a Prelada, e de outras seis Religiosas, e duas mininas, que se criavaõ no Mosteiro. Com as que ficavaõ fez na partida extremos de saudades, abraçando a cada huma com tanto affecto, como se foraõ irmans, e sangue seu. Meteose em humas andas cubertas, com a Prioressa: e as oito companheiras em huma grande carreta, toldada, e cercada de pano por fóra, e de couro por dentro. Começou seu caminho contra Alentejo, seguindoa os Bispos, e Senhores, que dissemos, e com elles o Vigairo geral da Observancia. A ordem que levava era, em qualquer lugar que paravaõ, como fosse pera mais de hum dia, separarse logo a casa, e concertarse pera Oratorio. Nella rezava

1479.

1479.

zava suas horas com a Prioresſa, e mais Religioſas em Communidade, e ſem faltar em nenhuma cerimonia do Moſteiro. Foy a peregrinaçaõ comprida, e por muitos lugares: chamavalhe a Princeſa o ſeu deſterro, pollo muito que a ſentia; e porque lhe naõ faltaſſem novas magoas, foy o Senhor ſervido tirarlhe todo o alivio da jornada, que era a Prioreſſa, levandoa pera ſy de huma forte doença, que lhe deu em Aviz, e a foy enterrar em Abrantes, com outra Religioſa, que tambem falleceo na meſma Villa. Aſſi perſeguida de nojo, e desgoſtos, fez a Princeſa volta pera Aveiro, onde entrou no anno ſeguinte de 1480. paſſados onze mezes, que deixara o Moſteiro.

1480.

CAPITULO VII.

Aceita a Princeſa criar no Moſteiro hum filho baſtardo do Principe ſeu irmaõ. Faz voto ſimples. Daſſe conta como foy de novo pedida de dous grandes Principes por mulher: e dos trabalhos, que por iſſo padeceo: e dos meyos, porque ficou livre.

HE noſſa vida taõ mizeravel, que poucas vezes ſuccede hum trabalho, ou desgoſto nella, que naõ ſeja logo ſeguido de outro; donde naſceo o coſtume, que paſſa já em proverbio, de darmos graças ao mal quando vem ſó. Entrou o anno de 1481. falleceo nelle elRey D. Affonſo com graviſſimo ſentimento da Princeſa, pollo muito que della era amado, e pollo deſemparo em que ſe via com ſua falta, lembrandolhe, que perdia hum pay, em quem ſempre achara humanidade, e brandura; e entrava por Rey, e Senhor abſoluto hum irmaõ, que do que tomava em vontade, era executor azedo. Aſſi aggravavaõ o nojo, receyos, e imaginaçoens triſtes, quando ſuccedeo couſa, que d'alguma maneira lhe deu eſperança de alivio: e foy, que no meſmo tempo da morte de ſeu Pay, lhe naſceo ao Principe hum filho baſtardo, ao qual por eſcuſar deſgoſtos cazeiros, determinou tirar diante dos olhos; e havendo, que em nenhuma parte teria criaçaõ mais acommodada, e authorizada, que em poder de ſua irmam, pediolhe quizeſſe tomar cargo delle, e tello comſigo, ſem mais companhia, que da ama, que o criava: porque aſſi ſe eſcuſaria dar pena, ou pejo às Religioſas. Aceitou a Princeſa o cuidado de boa vontade, conſiderando, que fazia ſerviço a elRey ſeu irmaõ, de que moſtrava goſto; e que juntamente tinha já alli hum herdeiro do Reyno, viſta a grande qualidade da mãy pera o dar por ſy, quando ſuccedeſſe tornarem ſobre ella as importunaçoens da ſucceſſaõ, que tanta guerra lhe tinhaõ dado noutro tempo. Era o minino de taõ pouco tempo naſcido, que quando chegou a Aveiro, naõ paſſava de tres mezes: chamavaſe Dom Jorge, e foy deſpois Meſtre de Santiago, e Duque de Coimbra, e fundador da grande Caſa de Aveiro.

1481.

Havia já neſte tempo herdeiro legitimo do Reyno, que era o Principe Dom Affonſo filho d'elRey Dom Joaõ; havendo

do mais o minino Dom Jorge. Julgava a Princesa, que podia já tratar de sy com inteira liberdade, e consagrarse ao Eterno Esposo, se naõ com o voto solemne das Religiosas, entre quem vivia, ao menos com o simples. He cousa taõ natural, e propria, e obrigatoria no sangue illustre a virtude da castidade, que parece nasce a promessa della com a nobreza: em tanto gráo, que podia qualquer mulher nobre ter, em certo modo, por genero de afronta, darselhe louvor de honesta, visto ser gabo, a que como juro está obrigada por quem he. Esta rezaõ corre com mais força nos animos Reays pera sua mayor alteza: e com tudo a fé, que professamos, nos ensina que tem aventejado preço diante de Deos qualquer virtude, que com vinculo de voto, e obrigaçaõ lhe offerecemos. Sabia isto a Princesa, e dezejava fazer tal sacrificio a Deos, porque ficava juntamente por esta via, renunciando por elle todos os Reynos, e Estados do mundo. Assi era continua petiçaõ sua, que fosse servido darlhe hum espiritu taõ abrasado no Divino Amor, que a offerta, que dezejava fazer de perpetua pureza, fosse aceita no Ceo, e lá se ordenassem as cousas da terra de maneira, que a pudesse conservar em paz, e livre dos combates antigos da succesaõ entre os naturais, e das pretençoens dos Reys estrangeiros. Com tal animo despendeo muitos dias em fervorosas oraçoens: e emfim hum dia de Sancta Catherina Martyr, a quem tinha particular devaçaõ, despois da Missa conventual dita, e despejado o Choro, prostrouse diante do Altar, e fez seu voto, acrescentando, que prometia guardallo, como se solemnemente, e com profissaõ de verdadeira Religiosa o fizera. Desta hora em diante, como se a revestira hum novo espiritu do Senhor, assi eraõ suas practicas cheyas de fogo do Ceo, que o pegava a todas com tudo o que dizia, e fazia: e em todo genero de virtude cresceo com tanta ventagem, como se com o voto entrara em novas obrigaçoens.

Mas escrito está, que convem aperceberse pera a tentaçaõ, quem busca os caminhos de Deos; que esta nunca falta, nem na mayor perfeiçaõ. Cessara a perseguiçaõ de casa, entrou a de fóra. Foy a primeira de Alemanha. Era Rey de Romanos Maximiliano filho do Emperador Federico, e da Infante Dona Leonor, irmam d'elRey Dom Affonso: como nascido de Portugueza, e affeiçoado ao Reyno, dezejou casar nelle. Ouve de sua parte muitas instancias, que a Princesa rebateo com seu valor; e emfim as desviou outro casamento, que se offereceo ao Pretensor, e teve effeito com herança do Senhorio de Borgonha, e Frandes: porém naõ tardaraõ outras, que lhe deraõ mais cuidado. Estava herdado elRey Carlos Oitavo de França, pera quem fora pedida em vida de seu Pay Luis Undecimo, como atraz escrevemos; pedioa agora de novo. Pareceo a elRey, que armava muito a seu Reyno a liança com taõ poderoso Principe pera continuaçaõ da paz antiga, e segurança das navegaçoens Portuguezas. Escreveo apertadamente

Sap.

mente à Princesa, encarecendolhe a importancia, e bom acerto do casamento. Estava ella firme em seu antigo proposito, e mais constante com a obrigaçaõ do voto: foyse escusando com muita brandura, e rodeyos de boas rezoens. Mas quando vio, que nenhuma lhe valia em hidas, e vindas, que faziaõ correyos, respondeo resolutamente, que inda, que suas indisposiçoens lhe tinhaõ tolhido a profissaõ, nenhuma fora poderosa pera lhe tirar a firme determinaçaõ em que vivia de servir a Deos naquelle canto da religiaõ, que naõ trocaria por nenhum grande Estado do mundo. Naõ se pôde bem declarar a força de paixaõ, que levantou no peito d'elRey esta reposta: passou à ira, e escandalo, e como de seu natural era acelerado, e colerico, escreveolhe pesadamente, dizendo, que encontrava a paz, e bem do Reyno, e daria occasiaõ a se romper guerra entre elle, e o de França: e que se tal se atrevia a tomar sobre sua consciencia, nem era Religiosa, nem sabia em que consiste a religiaõ: e pois o amor do Mosteiro lhe tirava o respeito, que devia a seu irmaõ, e a obediencia a seu Rey, elle tambem faria no caso o que entendesse, que seria, naõ lhe consentir mais estar em Mosteiro, nem fallar com Freiras. Ficou cheya de medo, e confusaõ a mansa cordeirinha; porque naõ duvidava, que seriaõ obras as palavras de seu irmaõ. E como o outro Rey, que tomou a carta afrontosa do Assirio infiel, e apresentou no templo pera que Deos acudisse por sua honra, e por seu povo, encerrouse em seu Oratorio, lançouse por terra, e com lagrimas e gemidos poz diante do Senhor sua tribulaçaõ, e a força com que era combatida, e pedialhe remedio pera se conservar em seu voto; e juntamente palavras pera responder à dura resoluçaõ, e ameaças de seu irmaõ. Esperavaõ os messageiros, e requeriaõ com efficacia, naõ ser detidos. Eis caso novo, e espantoso: a que dantes como despavorida cerva entre os sabujos, temia, e tremia, sahe do Oratorio cheya de animo, e confiança, e mandalhes, que digaõ a seu irmaõ, que está prestes pera obedecer a seus mandados, e consente no trato do matrimonio, se naquelle dia, e hora, que tal consentimento dava, estivesse elRey Carlos vivo: mas em caso, que fosse morto, ouvesse Sua Alteza por bem deixalla livre pera em nenhum tempo mais se lhe fallar em mudanças de estado. Da segurança, e boa sombra com que a Princesa respondeo, e do que apoz a reposta succedeo, se vio claramente, que tivera revelaçaõ do Ceo. Louvemvos os Anjos, Rey da gloria, que se tentais os que vos servem com tribulaçoens, he pera provar, e naõ desemparar: e ao mesmo passo acudis, naõ só a consolar, mas a fazer mimos. Deuse elRey por satisfeito, contentou o Embaixador com palavra do matrimonio, como quem ignorava o que a sua irmam fora manifestado. Mas naõ passaraõ muitos dias, que lhe veyo nova de ser morto o que ja tinha por cunhado: e que acabara de morte subita, e antes do termo em que a Sancta dera seu consentimento.

Reg.

CAPI-

CAPITULO VIII.

Da nova, e grande tribulação, que a Princesa padeceo sendo requerida pera casar com elRey de Inglaterra.

DAva a Princesa graças sem fim ao amorosissimo Esposo Jesus, pollo que tinha visto em caso, que parecia desesperado: e polla mesma rezaõ fazia juizo, que estava livre pera o diante de semelhantes apertos: porém inda o Senhor quiz fazer experiencia, como peleijava em terceiro campo. Tinhase feito Rey, e Senhor de Inglaterra o Conde Henrique de Rixemont, vencendo em batalha ao Duque de Clocestra Ricardo, que contra elle injustamente se levantara. Prezavase de Portuguez, porque trazia sua descendencia da casa Real de Portugal. Tanto que se vio Rey pacifico, dezejou renovar o parentesco; e juntamente a paz, e amizade, que seus antecessores tinhaõ com este Reyno. Despacha Embaixadores, offerece pazes com particularidades de importancia, e pera firmeza, pede a Princesa D. Joanna por mulher. Pareceo no Conselho de Portugal, que nenhuma cousa por entaõ armava mais ao Reyno, e ao Rey: o Rey mal havindo com muitos vassallos poderosos; o Reyno pollo mesmo caso alterado, e temoroso de poderem ser favorecidos de Castella os mal contentes. Assentouse, que pera cortar toda duvida, e dilaçaõ, partisse elRey pera Alcobaça, mandasse alli vir a Princesa, e lhe tomasse logo palavra do casamento. Succedeo o acharse ella na cidade do Porto, aonde se fora fugindo de Aveiro por se tornar a inficionar de peste; e elRey lhe ter mandado deixasse a Villa, e Mosteiro. Chegaraõlhe as cartas; dizia nellas elRey, que se offerecia negocio de importancia pera lhe communicar; que seria bem, pera escusar dilaçoens, partirem o caminho pollo meyo, e juntaremse em Alcobaça; e pera que tomasse o trabalho de melhor vontade, levaria consigo a senhora Dona Felippa sua tya. Pozse a innocente senhora a caminho, taõ enganada em seu pensamento, que nenhuma cousa temia menos, que materias de casamento: assi foy tamanho o sobresalto, que sua alma recebeo, quando ouvio fallar em terceiras vodas, e em Inglaterra, que foy muito naõ perder o juizo. Achou seu irmaõ, e sua tya feitos num corpo, e ambos procuradores do Ingres: viase assi posta em seu poder, e fóra do castello do seu Mosteiro: abafava com dôr, e naõ sabia que conselho tomasse. Com tudo, levantando alma, e olhos ao Senhor, que sempre fora em seu favor, pedio tempo a elRey pera respirar, e pera deliberar: e a primeira cousa, que fez, foy despachar cartas pera o seu Mosteiro, pedindo à Prioressa lhe acudisse com oraçoens de toda a Communidade, porque ficava na mais perigosa, e apertada necessidade, que nunca já mais exprimentara; e sendo despois requerida d'elRey por reposta, e resoluçaõ, tirou forças de fraqueza, e disse animosamente, que ella estava livre pollo partido,

tido, que com elle assentara no negocio de França; que Sua Alteza tinha obrigaçaõ de o cumprir: e se o naõ quizesse fazer, cumpriria ella o que com Jesus Christo tinha assentado de o naõ deixar, inda que fosse à custa de mil vidas. Offendeose el-Rey sobre maneira, ouvindo reposta taõ livre, e determinada; agastouse, queixouse, e dizia, que já naõ era muito achar desamor nos vassallos, quando o achava no proprio sangue; e até huma só irmam, que tinha, era inimiga de sua vida, e se lançava de parte de seus inimigos; porque o mesmo era ajudallos, que naõ querer aparentallo com hum Rey de quem esperava ajuda contra elles: que pois assi era, elle se faria obedecer sem lhe ficar devendo nada, e a entregaria aos Embaixadores, que a pediaõ: e logo pera lhe fazer mais medo, e mostrar braveza, mandou a duas Religiosas, que com ella assistiaõ, que a deixassem, e a naõ vissem mais, pois sua companhia era causa de senaõ sujeitar ao que lhe pedia: e naõ foy só ameaçar; fez que despejassem a casa, e a deixassem só: e elle se foy tambem pera seu aposento, e levou comsigo a senhora Dona Felippa. Mas já era tempo, que acudisse o soccorro Divino; pois o mundo de todo a tinha desemparado. Ficou a Sancta só; porém nunca melhor acompanhada: porque, se bem a cercavaõ mares de angustias, e penas, naõ estava longe aquelle Senhor, que diz ao justo affligido: *Cum ipso sum in tribulatione*: Com elle estou tomando parte em seu trabalho. Vendose a Sancta só, recolheose toda com o Divino Esposo, que sempre trazia diante dos olhos d'alma; e soltando dos corporais dous rios de lagrimas, dizia desconsoladamente: Contra mym, Senhor, se tem armado o mundo todo, Rey, vassallos, parentes, e amigos; até as irmãs do habito me tem tirado, pera que toda consolaçaõ me falte: mas se vós bom Jesus por mym estiverdes, que posso eu temer? Vós dizeis, que amais tanto vossas Esposas, que até no monte as andais espreitando por detraz das sebes, e cancellas pastoris. Se me esperaveis attribulada, já as agoas da afflicçaõ chegaõ ao centro d'alma. Pois como vós alongais de mym? e se estais perto, como me naõ valeis? Fóra estou dos vossos muros, e da fortaleza religiosa, aonde me chamastes. Enganada vim a estes campos: nelles sou combatida de todos, e de tudo, sem haver quem seja por mym. Pois, Senhor, aonde estaõ vossos olhos, porque dormis Senhor, quando os vossos correm tormenta? Acudime vós, que só podeis. Assi se queixava com outras muitas palavras, que rematava offerecendo a Deos sua alma, e ratificando seu voto com promessa de dar por elle o sangue, e a vida. Mas o Senhor, que se deleytava no valor da sancta Esposa, naõ tardou em lhe acudir com o cumprimento de suas sanctas palavras. Deulhe hum leve sono, que às vezes o provocaõ tristezas; nelle fez que visse hum fermoso Mancebo, que no resplandor do rosto excedia à luz do Sol, e na alvura do vestido à neve: e com alegre, e risonho semblante lhe dizia: Naõ temas, naõ

Ps.

Cantic. Cant.

naõ estejas triste, que morto he quem te foy causa de tanta fadiga: e de hoje em diante naõ haverá mais quem teus sanctos propositos encontre. Foraõ palavras de virtude celestial nos effeitos: porque subitamente lhe desterraraõ toda a malencolia do coraçaõ, e deixaraõ em seu lugar huma taõ extraordinaria segurança, e consolaçaõ, que nenhuma duvida lhe ficou de que fora o aviso do Ceo. No dia seguinte quiz elRey desassombralla dos medos, que lhe fizera; foya visitar todo trocado de gesto, e palavras: e com muita brandura começou a pedirlhe, que só por seu amor, sem outra consideraçaõ, quizesse fazer o que estava bem a todos, e conformarse com seu parecer: ella o recebea com taõ differente graça dos dias atraz, que se lhe affigurou a elRey, que a tinha trocado, e rendida: e esperando com alvoroço a reposta, que imaginava, de consentimento, e conclusaõ dos desposorios, ouvio com espanto ser morto, e enterrado o mesmo pera quem os buscava: e accrescentou a Princesa, que tivesse por certo, que o mesmo aconteceria a todo outro, que a pretendesse. A boa sombra, sossego, e segurança destas palavras, obrigou muito a elRey, pera cuidar, que poderia ser o que dizia, lembrado de caso semelhante na pretençaõ do Rey Frances, que atraz fica escrito. E naõ tardou mais que seis dias em se verificar por cartas dos mesmos Embaixadores, que estavaõ em Lisboa. Deste dia em diante ficou a Princesa correndo com sua vida, e exercicios sanctos, sem mais padecer nenhum desassossego nelles.

CAPITULO IX.

Da origem, e causas, que se davaõ da doença da Princesa: e do muito que no discurso della padeceo: e como se despedio do senhor Dom Jorge.

TOdos os que escrevem a morte da Princesa, attribuem a causa original della à peçonha, que lhe foy dada, e contaõ desta maneira. Nos primeiros annos, que esta Senhora se recolheo em Aveiro, e seu Pay lhe deu a Villa, e rendas della, como atraz contamos, inda que naõ aceitou a jurisdicçaõ, estendeo sempre os cuidados a procurar boa, e virtuosa vivenda nos moradores. E tendo noticia, que certa Dona, que em poder de fazenda, era do melhor do lugar, vivia com soltura indigna de quem era, tratou reduzilla por todas as vias possiveis: primeiro com secretos avisos, despois com publicas, e apertadas lembranças: e ultimamente vendo, que nada montava, mandou que se sahisse da Villa; e executouse o mandado. Passaraõ annos, succedeo sua hida a Alcobaça: querendo fazer volta pera Aveiro, soube que durava inda o fogo da contagiaõ em lugares vezinhos, foyse a Coimbra pera esperar alli, que melhorassem. Como teve novas, que havia saude, naõ quiz dilatar verse no seu Mosteiro. Neste caminho, passando por certo lugar em hora de calma, mandou parar, e pedio de beber. Naõ era o tempo de cerimonias, nem de buscar apparatos, quem por gosto professava estreita pobreza. Entraraõ os

os criados na primeira casa, de que pareceo poderia ser milhor servida: pedirao hum pucaro de agoa: bebeo a Sancta; mas a bebida foy tal, que na mesma hora se sentio revolver, e penetrar toda de grande mal; e quando veyo a noite, passoua inteira em huma corrente continua de vomitos, e camaras, com vascas, e apertos no coraçaõ, que abafava. Como o accidente foy subito, e novo, e se soube logo, que a agoa sahira de casa, e mãos da desterrada, que atraz dissemos, da qual era publico, que naõ tendo animo pera se emendar, como devera, sempre o teve de se vingar, se o tempo lhe deparasse occasiaõ: ninguem ouve, que duvidasse, que se juntariaõ, ella, e o Diabo a mexer aquella bebida. Seguiraõ logo outros effeitos, que foraõ confirmando as sospeitas do veneno: porque lhe começou a inchar o estamago, emmagrecia, e mirravase, e juntamente perdia a vontade de comer, e com o fastio as forças. Porém alegre de se ver na sua Villa, que chamava sua pequena Lisboa, e no seu Mosteiro, a que chamava sua alma, mostrava tanto animo, e assi se entregava a todos os rigores Monasticos, como se nenhum mal tivera. Vencia, e sobrepujava o vigor do espiritu, onde o dos membros faltava. Obra he da natureza esforçarse nos fins: e na verdade bem se enxergava nella, que tinha sabido, e como contado pollos dedos o numero de seus dias: quero dizer revelaçaõ certa, que seriaõ breves: porque ardia em dezejos da eternidade, e de se ver livre do peso da carne: e hum dia estando na casa, que agora chamaõ de lavor, disse contra a Madre Clara da Sylva, que trouxera consigo de Sancta Clara de Coimbra, pessoa de grande espiritu: *Clara, hæc requies mea in sæculum sæculi.* Como se dissera: Irmam Clara, aqui será meu descanço pera sempre. E cumpriose este dito taõ pontualmente, que na mesma casa, e lugar veyo a fallecer.

Mostra o Senhor, que faz grande caso de qualquer bom servo, que tem na terra. Naõ só quiz avisar esta Sancta de seu bem, antes do termo: mas deu o mesmo aviso por differentes modos a tres Religiosas das primeiras, que tinhaõ tomado o habito neste Mosteiro, pessoas todas de provada virtude. Naõ proseguimos as particularidades, porque andaõ já em varios livros: só diremos, que foy huma das tres a Prioressa Sor Maria de Atayde, a quem o Senhor, entre sinais de morte da Princesa, mostrou juntamente muitos da gloria, que a esperava: recompensando assi a perda, e o desgosto.

Passados alguns annos, que a Princesa andou sempre cahindo, e alevantando sem nunca convalecer de todo, abrio principio à ultima doença, que a levou, hum temeroso eclypse da lua, succedido aos 8. de Dezembro de 1489. que começando às duas horas despois de meya noite, durou até às sinco. Como este Planeta faz naturalmente muita impressaõ nos corpos elementares, e o da Princesa trazia tantos achaques dentro em sy, vieraõ a arrebentar todos com a malignidade do eclyp-

1489.

eclypse. Começou o mal por huma grande febre, acompanhada de vomitos, e camaras, que foy renovaçaõ formada do accidente antigo: e deste dia em diante, até que Deos a levou, naõ teve mais hora de melhoria. Inchou muito, cresceo o fastio, e com elle huma sede insaciavel, a febre acesa, e continua, sinais certos de muitos males juntos, e infirmidade mortal. Com todo o trabalho, quando foy vespera de Natal, levantouse, e assistio nas Matinas, kalenda, e Capitulo com grande gosto, e com a sua devaçaõ: e com a mesma se achou na Missa, e commungou em companhia das irmãs. Obrigoua este exercicio, e sua fraqueza a se tornar à cama: mas naõ lhe pode tirar, acudir despois às Matinas da noite Sancta, em que esteve ajudando o Choro, e cantando com tanta viveza, e attençaõ, que naõ parecia doente mais, que em estar assentada; porque o extremo da fraqueza a impossibilitava a terse em pé. Assi continuou todo o dia com o Officio Divino; e podemos dizer, que foy o ultimo de sua vida, inda que viveo despois alguns mezes; porque senaõ pode mais levantar, nem acudir à Missa conventual, que era toda sua recreaçaõ. Cresceo o mal com tanta força, que os medicos o naõ entendiaõ, nem se entendiaõ com elle. Applicavaõ remedios interiores, e exteriores: nenhum refusava, e nenhum aproveitava: vieraõ a tolherlhe a agoa, que era só o em que tinha deleitaçaõ. Obedecia com paciencia, e humildade: e de sofrida se lhe vieraõ a fazer chagas na boca; de que procediaõ tais dores, que quanto comia, e bebia, era misturado com lagrimas: mas sem mais queixas, que chamar por Deos, darlhe graças, e offerecerlhe por suas culpas o que padecia. Entre as Religiosas naõ havia nenhuma, que deixasse de estar occupada em a servir, ou assistindolhe na cura, ou orando por ella no Choro, e em todo lugar. A Prioressa mandava dizer muitas Missas fóra; e fazer procissoens em casa, com muitas penitencias, e jejuns. Assi se passou o mez de Janeiro de 1490.

1490.

Entrando Fevereiro, aggravouse a doença com crescimento notavel em todas as circunstancias do que padecia. Fezse mayor a inchaçaõ do estamago, subindo até os peitos, os dezejos de agoa, como se ardera em fogo: e igual o aborrecimento da comida, espanto fazia, como podia viver com tanto martyrio, e com tudo ainda o mal achou por onde crescer nos dous mezes seguintes, de Março, e Abril: como naõ comia quasi nada, assi era tambem o dormir, pera ficar sem nenhum genero de alivio. Ajuntouse tornaremlhe os vomitos antigos, que lhe davaõ tormento grande; porque naõ havendo no estamago, que lançar, paravaõ em angustias, e em fazer forças, sem mayor effeito, que debilitarse mais. Seguio a estes trabalhos huma chaga de grandes dores, que se lhe fez em hum quadril do jazer continuo, e de estar de todo descarnada. Mas era de ver como se havia em tal purgatorio hum corpo de tantas maneiras atormentado. Estava qual outro Job, levantando

tando mãos, e olhos ao Ceo, e soltando a lingoa em louvores Divinos. Hora pedia perdaõ de peccados, hora brádava por misericordia pera as dores, que venciaõ a paciencia: e como apertavaõ muito, tomava por antidoto de todas o Verso: *Sit nomen Domini benedictum.* Pronunciando com hum affecto da alma taõ sentido, que naõ havia olhos, que senaõ desfizessem em lagrimas. Nunca se ouvio de sua boca palavra de agastamento: edificava com o sofrimento, confundia com a humildade, taõ leve com as enfermeiras, taõ affabel com as que a visitavaõ, e consolavaõ, taõ obediente a tudo o que lhe mandavaõ tomar, ou fazer, como se com inteira saude se achara.

Chegou a semana Sancta, e como senaõ podia levantar, nem tinha forças pera nenhuma das obras de sanctidade, e penitencia, que costumava fazer nella, e todavia dezejava ouvir os officios da quinta feira, mandou abrir todas as portas, pera que ao menos lhe chegassem os eccos daquella musica sancta. No meyo delles brádava a espaços, chamando pollo nome de Jesus, e offerecendolhe com as dores de todo o corpo, a que sentia no coraçaõ de o naõ poder acompanhar em tal solemnidade. Mas naõ pode acabar consigo faltarlhe no dia seguinte: pedio, que em todo caso a vestissem, e levassem ao Choro. Assentouse na sua cadeira, adorou a Cruz com rios de lagrimas, ajudou a cantar os Hymnos da adoraçaõ, e todo o mais officio, suspendendose a graveza das dores com o fervor do espiritu. Ao dia de Paschoa armaraõlhe hum Altar no Choro, dicesse Missa, e commungoua nella o Prior do Convento: quando a quizeraõ tornar à cama, passou os olhos por todo o Choro: e como quem sabia, que o naõ havia de ver mais, disse banhada em lagrimas. Ficaivos com o Senhor, assentos dos Anjos, que já naõ serey digna de me achar mais em taõ sancto lugar.

Como esta doença foy taõ prolongada, e sempre a deraõ os medicos por mortal, mostrou todo o Reyno o grande amor, que a suas virtudes, e merecimentos tinha: fazendose por humas partes devotas procissoens; porque Deos lhe desse saude; acudindo de outras visitalla muitas pessoas de grande qualidade. Veyo primeiro a senhora Dona Felippa sua tya, acompanhada de sua antiga amiga, e companheira, a Madre Dona Mecia de Alvarenga de Odivellas, e de outras tres Religiosas do mesmo Mosteiro. Visita de gosto, se o naõ tivera já perdido pera tudo o da terra. Acudiraõ tambem o Arcebispo de Braga Dom Jorge da Costa, e o de Coimbra Dom Jorge de Almeida, e o do Porto Dom Joaõ de Azevedo. Da vista destes Prelados, porque tinhaõ licença pera entrar na Clausura, mostrou agradarse muito. Fallavaõlhe de Deos, e ella, como se sentia acabar, naõ consentia, que de outra cousa se tratasse em sua presença. Assi foy passando até entrada de Mayo: entaõ mandou, que lhe trouxessem diante o senhor Dom Jorge: e despois de lhe encommendar o amor, e temor de Deos com huma devota practica. Filho, disse, peçovos muito, que vos lembre sem-

ſempre, que vieſtes pera eſta Caſa de tres mezes, e nella vos criey, chorando, e cantando, e veſtida de burel, tende ſempre della lembrança; porque ella he a minha alma, e tambem o ſaõ eſtas Madres, que vos ajudaraõ a criar, como ſe cada huma fora voſſa mãy. Dito iſto, mandou que o levaſſem, e naõ tornaſſe mais a vella.

CAPITULO X.

Como a Princeſa foy ungida, e de ſeu ſancto tranſito, e teſtamento: e de hum prodigioſo caſo, que ſe vio em ſeu enterro.

AOs ſeis dias de Mayo, dia em que a Igreja celebra a feſta de S. Joaõ Evangeliſta, Anteportam latinam, mandou a Princeſa, que ſe lhe diceſſe Miſſa na meſma caſa; porque tinha particular devaçaõ ao Sancto. Confeſſouſe geralmente, e commungou: e naõ eſpantando o grande eſpiritu, e attençaõ, com que em tudo aſſiſtio; ſó fazia paſmar o impeto, e força, com que batia nos peitos, pedindo miſericordia, hum corpo de todo ponto exhauſto do vigor natural. Parecia neſte effeito, que eſtava inteiramente ſaõ, com eſtar tanto no cabo, que no meſmo dia pedio o Sacramento da Unçaõ. Tambem eſpantou, e compungio muito o esforço, e alegria, com que moſtrou, que eſperava o fim da vida, de que era aviſo, e embaixada certa, aquelle ultimo ſoccorro da ſancta Igreja. Mandou, que lhe lavaſſem mãos, e roſto, e lhe puzeſſem na cama outra roupa, e na cabeça outro toucado, como por feſta: e quando fez ſinal o ſino do Moſteiro pera a ſancta Unçaõ, levantou as mãos, dando com notavel contentamento graças, e louvores a Deos. Eſtava em todo ſeu perfeito juizo, e com todos os ſentidos muy eſpertos, e aſſi os teve até o ultimo ſuſpiro. Fez a confiſſaõ com huma voz viva, e clara, e batendo nos peitos com aquellas mãos meyo mortas, a quem o fervor da alma communicava a força, que já naõ tinhaõ: dizia ſua culpa primeiro à Prelada, que eſtava junto della, e deſpois a toda a Communidade, que pedio ſe juntaſſe, dizendo huma, e muitas vezes: minha culpa irmãs, perdoaime. Começou o officio da Unçaõ, dezejava acompanhallo com lagrimas: mas naõ havia já humor naquelles membros mirrados, e aſſados do fogo da febre: ou lhas enxugava o Ar, que já lhe dava nos olhos, dos montes da eternidade. Queixouſe à Prioreſſa, dizendo: Madre noſſa, que he iſto, que naõ poſſo chorar por meus peccados? Acabado o officio, pedio ao Prior, que o miniſtrara, que no ſermaõ, que havia de fazer ao Domingo ao povo, lhe pediſſe em ſeu nome perdaõ geralmente: e declaraſſe, que havendo quem della, como Senhora, que era da terra, ou de ſeus miniſtros, algum aggravo tiveſſe, acudiſſe logo ao Moſteiro, e ſem falta ſeria ſatisfeito; e o meſmo mandou advertir ao Vigairo da Villa, que publicaſſe na ſua eſtaçaõ. Era iſto à quinta feira, e durou ainda até a terça, que foraõ onze do mez. Foraõ ſeis dias de purgatorio continuo: porque em tudo padecia, e tudo lhe dava pena: o jazer, o vol-

voltarse, o tomar hum pouco de apisto, ou agoa, em que se sustentava: só o coraçaõ estava quieto em Deos, empregando a lingoa em lhe dar louvores, ou em consolar as Madres com palavras, e doutrina do Ceo. A terça feira, entrando os medicos polla menham, disse, que já naõ havia mister mais medicina, que a espiritual; e mandou, que se désse aviso aos seus Capellaens, e aos nossos Frades, e a todos os mais sacerdotes da Villa, que celebrassem por ella. Juntamente pedio à Prioressa, que ouvesse por bem darselhe sepultura no Choro debaixo; porque quando a vissem as Madres, se lembrassem de a encommendar a Deos: como ella prometia fazer por todas diante da Divina presença, se na hora temerosa, que esperava (foraõ palavras suas) se achasse bem. Passado o jantar, acudio a Communidade a visitalla, fez signal, que se alegrava; mas disse, que se fossem repousar, porque aquella noite havia de ter muita necessidade, e pera entaõ as queria espertas, e descançadas. Tornaraõ os medicos sobre tarde, agradeceolhes com boa sombra o trabalho, que com ella tinhaõ levado: e acrescentou, que bem sabia, inda que elles outra cousa cuidavaõ, que no dia seguinte já naõ estaria naquelle lugar: por onde naõ havia pera que tratassem mais della. Despedidos os medicos, lembrou que se désse recado ao Prior do Convento, e ao ourro Padre, que tambem a confessava algumas vezes, que pera aquella noite estivessem advertidos, que os havia de haver mister: e aos Bispos de Coimbra, e Porto, que lhe naõ faltassem nella com suas oraçoens. Como foy anoitecendo, perguntava a miude, que horas eraõ: quando soube, que eraõ as dez, disse à Prioressa, que chamassem os Padres: entraraõ logo, porque estavaõ já no Oratorio: entrando, pedio que a absolvessem por Bullas, e confessionarios, que tinha dos Summos Pontifices. Apoz a absolviçaõ tomou nas mãos hum Crucifixo, e beijandoo, disse com hum alto gemido: ó Senhor Deos meu, Deos de misericordia, *Averte faciem tuam à peccatis meis.* Era oraçaõ, que fazia todas as vezes, que via algum Crucifixo. Neste passo começou a sentir huma nova tempestade de dores, que abrandando a cabo de duas horas, foraõ seguidas de grandes suores. Pedio entaõ, que lhe lessem a Paixaõ, por S. Joaõ; e quando ouvio o passo da bofetada, que se deu ao Redemptor, acenou que lhe levantassem o braço, e deu em sy huma taõ grande, que soou por toda a casa, e esforçando a voz, que nunca lhe faltou viva, e clara, continuava palavras de contriçaõ, e amor de Deos, ou rezava Psalmos, e Hymnos. Foy ultima cousa o Credo, que foy dizendo com os Padres: o qual acabado, disse com muito repouzo, que era tempo de tangerem as taboas, porque queria tornar a ver a Communidade junta, antes de acabar. Quando vio a casa cheya, despediose de todas com muito amor: dizia, que tomava a Deos por testemunha, que nunca na vida tivera melhor hora, nem de mais gosto, que quando as via juntas, e a sy entre ellas: e pollo

pollo meſmo caſo, levava de prezente grande conſolaçaõ; porque ſe via morrer em ſua companhia, e em ſeus braços. Sem mais dizer, começou a proteſtaçaõ da Fé do *Quicunque vult, &c.* & acabandoa com boa pronunciaçaõ, e diſtinçaõ, diſſe ao Prior, que começaſſe o officio da Agonia, e juntamente eſtendeo o braço, e tomou da maõ do Padre companheiro a candeya. Eſtavaõ as Religioſas lançadas ao redor da cama, ajudando a Sancta com ſuas oraçoens: mas muito mais com lagrimas vivas no coraçaõ, e diſſimuladas quanto podiaõ no roſto, polla naõ perturbarem. Alli notavaõ duas couſas com admiraçaõ, e naõ ouve nenhuma, que deixaſſe de cahir nellas. Primeira, que ſendo a hora de medo, e confuſaõ, certa, e no tempo muito incerta, aſſi mandava, e governava tudo, como ſe tivera em ſua maõ os termos, e momentos da vida: e taõ deſaſſombradamente o fazia, como ſe negoceara mortalha d'outrem. Foy a ſegunda, que deſdaquella tarde ſe reveſtiraõ ſeu roſto, e olhos de huma nova côr, e luz, em fórma, que parecia tornada aos primeiros annos de ſua mocidade, e de quando alli entrara. A côr, que era pallida, e de muito atereciada, tirava a hum verde eſcuro, tornouſe de criſtal: os olhos, que ſuas penitencias, e a doença tinhaõ ſumidos, e piſados, e eſcurecidos de ſombras de morte, eraõ eſtrellas no reſplandor, e duas eſmeraldas na côr, que tal era a ſua natural. Todas paſmavaõ, e os Frades arrebatados em admiraçaõ de tal novidade, naõ ſabiaõ que cuidar, ſenaõ que ſe communicavaõ já rayos de gloria, àquella alma, e della reverberavaõ nos ſanctos membros, como fazem os do ſol em luzentes eſpelhos. Chegavaſe a derradeira hora, e eraõ quaſi duas deſpois de meya noite. Diſſe entaõ baixo, digaõ a Ladaynha: começou o Prior em voz alta, reſpondiaõ as Madres, e ſeu companeiro: quando chegaraõ a dizer: *Omnes ſancti Innocentes*: abrio os olhos, e levantandoos por hum pequeno eſpaço ao Ceo, deſpedio a innocente alma em companhia dos ſanctos Innocentes. Cerraraõſelhe os olhos logo, e deſappareceo com a luz da vida, e da viſta a que lhe reſplandecia no roſto, e niſſo ſe entendeo ſer fallecida; porque no roſto parecia mais adormecida, que defuncta: e as mãos, e braços ficaraõ taõ brandos, e meneaveis, como de peſſoa viva. Tinha eſſa Senhora de idade trinta, e oito annos, e tres mezes: era grande de corpo, roſto redondo, olhos verdes, naris proporcionado, boca groſſa, a côr muito alva, e roſada, aſpeito ſenhoril, muito ar, e graça na diſpoſiçaõ, e em todo o meneyo.

O ſentimento, que ſe fez no Moſteiro, e na Villa, excedeo todo encarecimento. Só ouve nelle huma differença, que na Villa era por todas as caſas pranto popular em gritos, e alarida; porque naõ havia nenhuma, que por alguma via, ou titulo naõ eſtiveſſe obrigada à Princeſa. No Moſteiro o emmudeceo a dôr a todas; ſó lagrimas ſe viaõ; ſuſpiros, e oraçoens ſe ouviaõ: e durou tanto eſte magoado ſilencio, que dizia

dizia a Prioressa, que receava, naõ soubessem já fallar, nem rir as suas Freiras. Abriose o testamento, e deu nova occasiaõ de magoa, pollo amor, e palavras com que nomeou por herdeiro de todos seus bens o Mosteiro: e polla humildade com que se resignava na vontade da Prelada, quanto à su sepultura, e suffragios. Juntaraõse sendo manham os dous Bispos no Mosteiro, com tudo o que havia na Villa de Clerigos, e Frades, a celebrar as exequias, que se fizeraõ com toda solemnidade, e decencia, que a tal pessoa era devida: e succedeo nellas hum dos mais portentosos, e extraordinarios casos, que de memoria de homens se contaõ. Revestiraõse quatro Religiosos dos mais velhos do Convento; e posto o sancto corpo em hum caixaõ cerrado, e pregado, começaraõ a caminhar com elle pera o Choro debaixo onde havia de ser sepultado: hiaõ diante em procissaõ os Frades, e Freiras, ficaraõ os Bispos no couce. Com esta ordem foraõ pollo jardim da Sancta pera entrarem polas Crastas no Choro. Na hora, que o ataude tocou o jardim da Sancta, e comessou a passar, subitamente, à vista, e olhos de todo o acompanhamento, começaraõ a murchar todas as arvores, prantas, ervas, e flores. Estavaõ como em primeiros de Mayo, que aquella manham se contavaõ doze, humas cubertas de flores, outras já com fruito, todas vestidas da mais graciosa verdura de todo o anno: seguio ao murchar, hir cahindo, como em Outono, folha, e fruitos; e foy mais, que secaraõ até os troncos de sorte, que por muitas diligencias, que despois se fizeraõ, nenhuma tornou em sy. Ficou em memoria, que as arvores mais chegadas à passagem, eraõ marmeleiros, e sidreiras muito crescidas, muito frescas, e verdes.

CAPITULO XI.

De alguns sinais que ouve entre pessoas virtuosas da gloria da sancta Princesa.

HE taõ peregrino o successo, que acabamos de contar, e está taõ authentico neste Mosteiro por escritura antiga, que logo entaõ se fez por maõ de huma Religiosa, que se achou presente, e se guarda no Cartorio commum como hum thesouro, que de força o devemos confessar por miraculoso, e permittido da Omnipotencia Divina pera honra de sua serva; e pera mostrar ao mundo quanto se estima no Ceo, e se deve estimar na terra huma verdadeira virtude; pois até as plantas insensiveis, se se lhes dá licença, fazem, e declaraõ sentimento na maneira que pódem, quando falta. De tempos antigos achamos posto em memoria, que ouve alguns animais, que a natureza, como com nenhum he madrasta, fez taõ lembrados de beneficios recebidos, ou taõ agradecidos da criaçaõ, e companhia, ou taõ levados de estimaçaõ propria, que deraõ claros indicios de conhecimento muy semelhante ao animo humano. Hum Leaõ faminto reconheceo no Amphyteatro, e nos olhos de toda Roma hum homem condenado a ser pasto seu;

Aul. Gell. citado por D. Antonio de Guevara Bispo de Mondonhedo.

seu; de sorte, que em lugar de lhe lançar as unhas, e beber o sangue, o agasalhou com affagos, e mostras de alegria. Soubese logo, que fora a rezaõ, memoria, e agredecimento de certo beneficio em tempos passados recebido do mesmo. Este pode com a Féra mais, que a fome: e rendeo ao condenado alcançar tambem perdaõ dos homens, e ficar livre. De outros animais se escreve, que naõ quizeraõ viver, vendo que morriaõ seus senhores. E de hum Elefante sabemos, que sendo reprendido de fraqueza em certa occasiaõ de trabalho, fez tanta força, estimulado do ponto da honra, que perdeo a vida por vencer o que lhe foy mandado. Mas naõ lemos de nenhuma arvore, nem outra pranta, semelhante caso, senaõ nestas da Princesa, que com se despojarem de folha, e fruito, e flor, na passagem da sua tumba, mostraraõ, ou querer reverencialla com tudo o que tinhaõ de seu, em memoria do favor, e honra, que lhes costumava fazer, regandoas, e cultivandoas com mãos sanctas: ou deixarem aquella vida vegetativa, que viviaõ, secandose, pois ella deixava a sua, e as desemparava. Maravilha foy sobrenatural, mas logo ouve outras em claro testemunho da gloria da Sancta, com sinais do Ceo, que fizeraõ espantar menos os da terra.

Fr. Joaõ dos Santos Etiopia Oriental l. 3. c. 15.

De muitas maneiras quiz o Senhor manifestar os altos gráos de bemaventurança, a que levantou sua serva por honra de suas grandes virtudes, e pera consolaçaõ das pobres, e muy religiosas irmãs, de quem era sem fim amada. Diremos só tres: as mais se acharáõ nos livros, que andaõ de sua vida. Era seu Capellaõ hum Pedro Lourenço, de vida taõ exemplar e differente da commum, que por isso fazia delle muita conta, e lhe tinha encarregado, que tanto, que Deos a levasse, fosse por ella em romaria a Nossa Senhora de Guadelupe. Na noite de seu transito, e na mesma hora delle, succedeo estar o bom Sacerdote em oraçaõ por conta da mesma Senhora: e subitamente se lhe poz diante dos olhos huma coroa de espinhos resplandecente, e fermosa, borrifada toda de sangue muito fresco, e vermelho, e com huma gota grande nas pontas de cada espinho. Sobresaltouse na primeira vista; mas sentindo deleytaçaõ na fermosura, e luz, que de sy lançava, que era tanta, que lhe naõ podia ter os olhos direitos, estava cheyo de espanto, e dezejos de entender o que queria significar a visaõ: quando a cabo de hum quarto de hora, vio que se levantava, e desaparecia, deixando no aposento hum suave cheiro: e seguia huma voz, que brandamente dizia: Já falleceo: acabado he. Ficando entaõ com grande pavor, soou no Mosteiro o primeiro sinal do sino, ao espirar da Sancta: prostruse logo por terra, dando infinitas graças a Deos, que polla coroa de espinhos, amada divisa da Princesa, banhada de sangue, e resplandecente luz do Ceo, lhe quizera significar a que ella hia gozar, e possuir. Este Padre naõ tardou em cumprir a romaria encomendada: e à vinda falleceo sanctamente no caminho. Testemunhava delle seu Confessor

feſſor grandes virtudes, e conſervaçaõ inteira de pureza virginal.

A Prioreſſa D. Maria de Atayde era grandemente amada, e eſtimada da Princeſa. Aſſi eraõ ſuas ſaudades ſem conſolaçaõ, e as lagrimas, com que as acompanhava, ſem fim. Huma noite deſpois de Matinas, eſtando em oraçaõ, roubados levemente os ſentidos de huma imagem de ſono (porque com a dôr tinha perdido o dormir) repreſentouſelhe a ſancta Princeſa, veſtida num habito mais alvo que neve, que amoroſamente a reprehendia de chorar por morta quem vivia vida ſegura, e bemaventurada: e acreſcentava: Naõ me chore ninguem: que cedo vereis couſas, que vos faça dizer, que fuy ditoſa em acabar. Confirmouſe eſta viſaõ, paſſados quatorze mezes, com o ſucceſſo da morte deſeſtrada do Principe Dom Affonſo em Sanctarem; que ſe achara a Princeſa viva, ſem duvida lhe ouvera de ſer cauſa de nova guerra com os povos, polla trazerem à ſucceſſaõ do Reyno.

Naõ podia deixar de acudir a charidade da Sancta às irmãs, que unicamente amava, pois ella ſe achava onde valia muito: e ellas em eſtado, que já naõ podiaõ viver com a dôr, que ſua abſencia lhes cauſava. Aos quatorze dias deſpois de ſeu tranſito, vindoſe recolhendo de Matinas pera ſeus leytos appareceo claramente a todas, e conſolou a todas; de ſorte, que cada huma contava com alegria, como a vira, e o que vira nella, e a lembrança, que lhes fizera de naõ andarem triſtes; e tratarem ſó de merecer com boas obras a gloria, que ella já tinha. Mas duas differaõ mais. Affirmaraõ, que a Sancta as aviſara em particular, que pera algumas tinha alcançado de Deos hirem cedo acompanhalla entre os bemaventurados. E a huma dellas ſe repreſentou, que a Sancta lhe moſtrara os nomes eſcritos em hum papel: e foy a revelaçaõ taõ certa, que dentro no meſmo anno de 1490. falleceraõ ſete das mais Religioſas, e mais eſpirituais.

CAPITULO XII.

De alguns caſos milagroſos, que ſe referiaõ à ſanctidade, e interceſſaõ da Princeſa.

NAõ ſe contentou eſta Sancta de remediar ſó os males da triſteza, de que era cauſa no ſeu Moſteiro. Aos outros mayores lhe acudio, com que moſtrou juntamente, e com mais eminencia o eſtado glorioſo, que poſſuhia. Saõ caſos milagroſos, e glorioſos, dignos de eſpanto, e de memoria. Diremos alguns poucos por honra de Deos, e de ſua ſerva, fazendo a ſaber a quem os ler, que ſe quizeramos apontar todos os que ſe contaõ, fora neceſſario muito tempo, e muito papel. Huma Religioſa antiga, de que naõ ficou o nome, ſentindoſe ferida de peſte, e cercada de accidentes, e dores mortais (faltavaõ de todo os remedios humanos, porque os medicos com medo tinhaõ deſemparado a terra) ſoccorreuſe a Deos, e à interceſſaõ, e poderes da ſancta Princeſa, mandou por terra de ſua ſepultura, beijoua com devaçaõ, e applicoua às poſtemas

com confiança: subitamente sentio a maynar as dores, mitigarse o ardor da febre, e a postema foy abaixando: e em fim se resolveo de todo, e sem outro remedio sarou perfeitamente.

A Madre Sor Paula de S. Jeronymo padecia humas fortes maleitas, com duas sezoens cada dia. Valeose da terra da Sancta, e teve logo saude.

Sendo Noviça Sor Anna da Presentação, padecia huns accidentes, que a privavaõ de todos os sentidos. Trouxeraõlhe hum retrato da Sancta, encommendouse a ella: desta mesma hora naõ sentio mais semelhante mal em toda a vida.

Estava na Villa apertado de sezoens dobres hum sobrinho desta Noviça, buscou a sua mezinha lançando huma reliquia da Sancta ao pescoço: isto bastou pera fugirem logo as sezoens della, e delle, e ficar saõ.

Com a mesma presteza recebeo saude a Madre Sor Francisca da Cruz, sendo gravemente opprimida de huma furiosa febre, e frenesis confirmados: só com lhe porem na cabeça hum cilicio, que fora da Sancta.

Outra Religiosa estava em cama havia tres mezes, começara o mal por hum sangue prioriz, e hiase fazendo thisica: porque perseverando a pontada, sem dar hora de alivio: e naõ sabendo a Fisica outra cura, senaõ a da lanceta; veyo a ficar exhausta da fonte da vida, que he o sangue, e consumiase sem remedio. Neste estado, ouve huma amiga, que a cingio com hum orelo, que fora das alfayas da Sancta: este fez a cura perfeita, tirou a pontada, restituhio a vida.

A Gaspar Rodrigues morador na Villa de Aveiro, estando já ungido, foy saude huma pouca de terra da sepultura da Sancta.

A Anna Barbosa moradora em Esgueira, que entrava em artigo de morte, despois de grande doença, bastou pera a livrar levaremlhe a correa, que a Sancta cingia.

A Luiz Freire de Andrade, que ardia em hum purgatorio de febres, e frios, de importunas maleitas, lançaraõ ao pescoço huma reliquia da Sancta, que no mesmo ponto lhas lançou fóra, e foy o meyo huns vomitos, que lhe acudiraõ.

Adoeceo gravemente hum pobre homem, que servia no moynho do Mosteiro; e estava chegado às portas da morte, mandaraõlhe as Madres huma reliquia da Sancta: teve saude taõ repentinamente, que pareceo resuscitar, mais que convalecer, levantouse logo.

Da Ilha da Madeira mandou hum doente de muitos dias, pedir a este Mosteiro alguma reliquia da Sancta, allegando, que lhe fora dito em sonhos, que com ella cobraria saude. Averiguouse, que chegandolhe a reliquia, sarou logo.

Deixo mais casos, porque ouve vida de tantas virtudes, e por tantos trabalhos provada, mais espanto fora faltarem milagres, que contarmos muitos, e grandes. Mas naõ será rezaõ, que nos fique por dizer, o que aconteceo à Madre Dona Jeronyma de Castro, que foy algumas vezes Prioressa desta Casa. Sendo muito enferma, e padecendo particularmente cada oito dias huma Efimera, que nunca

ca lhe faltava neste termo, e lhe dava muito tormento, e cuidado de a esperar, e muito trabalho a efficacia com que vinha só, com se encommendar à Sancta, foy livre de todo mal. Eraõ passados longos annos despois de sua morte; quiz mostrarse com ella agradecida, como nobre. Naõ vio cousa mais proxima, que cubrirlhe a sepultura com hum pano de seda de côr pera o fazer, tiroulhe o antigo, que a cubria, que era de lam, e negro. Foy caso de grande maravilha o que nelle se vio. Havia noventa annos, que alli fora lançado, estava quando se tirou, que foy no anno de 1580. taõ inteiro, e saõ, que parecia posto daquella hora. Julgavaõ as Religiosas, que lhes queria significar nisto a Sancta, que podiaõ os membros vivos daquella casa esperar muito de sua intercessaõ, quando assi conservava as partes insensiveis, e mortas.

Fim do Livro quinto.

SEGUN-

SEGUNDA PARTE
DA HISTORIA DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.

LIVRO SEXTO.

CAPITULO I.

Que contém certas graças, que o Cabido da sancta Sé de Lisboa pedio ao Mestre Geral da Ordem, & elle lhe concedeo.

PORQUE daqui em diante se nos haõ de offerecer algumas cousas, que neste Reyno succederaõ com dependencia da Provincia, e Religiosos, della, que polla mesma rezaõ parece justo naõ ficarem esquecidas nestes escritos, sem embargo de naõ pertencerem em parte alguma às fundaçoens, que vamos proseguindo dos Conventos, como intento nosso principal, e tronco, e substancia desta Historia toda; advertimos ao Leytor, que as hiremos apontando segundo os annos em que succederem, sem deixar nenhuma das que à nossa noticia chegarem. E porque nos cahe huma de importancia, e muito honrada da Ordem, entre o anno de 1461. que demos por principio da fundaçaõ do Mosteiro de Jesus de Aveiro, e o de 1472. em que teve seu principio, e origem certa o Convento de Frades de Nossa Senhora da Consolaçaõ da Villa de Abrantes, começaremos com ella este sexto Livro. He pois de saber que no anno de 1467. sendo Mestre Geral da Ordem o Padre Marcial Auribelli, da segunda vez, que tornou ao governo della, passou Carta de irmandade ao muy illustre Cabido da Sé Metropolitana de Lisboa, e com ella huma notavel graça, que foy concederlhe que pudessem escolher, naõ só nesta Provincia, mas em qualquer outra da Ordem, hum Religioso pera Prégador da sua Igreja, que sendo por elles chamado, sem mais respeito dos Prelados inferiores, Provinciaes, e Priores, ficasse logo assi-

assinado no Convento de Lisboa, e obrigado ao serviço da Sé, com outras particularidades, que constaõ da Patente, que lhes mandou; della daremos o treslado, com sua traducçãõ pera que se veja a grande opiniaõ, e credito em que estava a Provincia, quando gente de tanta qualidade, letras, e virtudes, como se junta sempre naquelle Cabido, tiveraõ por digna delle tal negoceaçaõ, e bom indicio do que estimavaõ as letras, e letrados della, quererem ver cada dia no pulpito o habito de S. Domingos. A Patente tirada do original, que se guarda no Cartorio da Sé, he a que se segue.

Honorabilibus, et in Christo sibi venerabilibus patribus, Dominis Decano, cantori, canonicis, totique capitulo Ecclesiæ Cathedralis Vlixbonensis, præsentibus, & futuris. Fr. Martialis Auribelli de Auinione, sacræ Theologiæ professor, totius Ordinis Prædicatorum Generalis magister, et seruus, salutem, & omnium virtutum plenitudinem. Vestræ deuotionis affectus, quem audiui vos habere ad nostrorum orationes, specialem, exigentia digna requirit, beneficia â copiosa clementia Redemptoris, nostro collata Ordini, vobis gratiosius impartiri. Quapropter uobis omnibus, & singulis, præsentibus, & futuris, omnium Missarum, orationum, vigiliarum, jejuniorum, abstinentiarum, prædicationum, laborum, cæterorumque bonorum, quæ per Fratres, & sorores nostri Ordinis Dominus noster Jesus Christus per mundum fieri dederit vniuersum, participationem concedo specialem in vita pariter, & in morte, vt multiplici suffragiorum præsidio, & hic augmentum gratiæ, & in futuro mereamini æternæ vitæ præmium possidere. Cæterum vestris paternitatibus eodem tenore præsentium literarum concedo, vt quandocunque judicaueritis expedire, vnum Fratrem idoneum cujuscunque Conuentus, & Prouintiæ Ordinis nostri in prædicatorem Ecclesiæ vestræ, atque collegii, vobis gratum, & placibilem eligere, & retinere: & talem mutare atque alium loco sui subrogare, absque contradictione alicujus mei inferioris, libere valeatis: mandans Præsidenti Conuentus Vlixbonensis, qui pro tempore fuerit: (in quo Conventu dictum Fratrem per vos in prædicatorem electum, ex nunc pro ex tunc assigno pariter, & deputo) sub pæna transgressoribus præ-

cepti

cepti debita, quatenus præfatum Patrem benigne recipiat, & charitatiuè pertractet, in cujus concessionis testimonium, sigillum officij mei duxi præsentibus appendendum. Valeant in Domino paternitates vestræ, quibus Ordinem mihi commissum serius recommendo. Dadum Auinione die 24. mensis Septembris. Anno Domini 1467. 1467.

Seguese a traducçaõ.

AOs honrados, e veneraveis em Christo Padres, os senhores, Deaõ, Chantre, Conegos, e todo Cabido da Igreja Catredal de Lisboa, presentes, e por vir. Frey Marcial Auribelli, natural de Avinhaõ, Mestre em sagrada Theologia, Geral, e servo de toda a Ordem dos Prégadores, saude, e cumprimento de todas as virtudes. O especial affecto, e devaçaõ, que sou informado tendes, às oraçoens de nossos Religiosos, está pedindo, que por rezaõ, e obrigaçaõ, folguemos de partir comvosco, dos beneficios, e mercês, que a misericordia do Redemptor, à nossa Ordem largamente communica. Pella qual rezaõ vos concedo a todos, e a cada hum em particular, assi aos presentes, como vindouros, especial participaçaõ pera em vida, e em morte, em todas as Missas, oraçoens, vigilias, jejuns, abstinencias, prégaçoens, trabalhos, e finalmente em todas as mais boas obras, que Nosso Senhor Jesus Christo for servido fazeremse pollos Frades, e Freiras desta Ordem universalmente em todo o mundo, pera que ajudados de multiplicados suffragios, mereçais alcançar nesta vida augmento de graça, e na outra o galardaõ da vida eterna. Além do que concedo mais a vossas Paternidades pollo theor destas mesmas letras, que todas as vezes, que entenderdes vos está bem possais escolher de qualquer Convento, e Provincia de nossa Ordem pera Prégador dessa Igreja, e Cabido, hum Padre de vosso gosto, e o mesmo reter, ou trocar, e outro em seu lugar substituir, o possais fazer livremente, sem vos ser posto embargo, nem contradiçaõ alguma por parte de nenhum meu inferior; e des-

dagora pera entaõ assino o dito Padre no Convento de Lisboa. E juntamente o nomeyo, e dou por vosso prégador: mandando a quem quer, que nelle presidir, sob a mesma pena, que encorrem os que quebraõ preceitos, que o aceite com benignidade, e o trate com charidade. Em fé da qual licença determiney corroborar estas letras com o sello pendente de nosso officio. Guarde o Senhor a vossas Paternidades, a quem encomendo encarecidamente esta Ordem, que está à minha conta. Dada em Avinhaõ a 24. de Setembro de 1467.

Foy taõ estimada do Cabido a Patente do Geral, e a licença por ella outorgada, que a foraõ confirmando pollos Gerais successores; e esta lhe deu esperança pera alcançar outra ao parecer mais difficultosa, mas muito importante pera bom serviço da sua Igreja. Havia naquelle tempo entre nós grande cuidado de trazer os Religiosos occupados, sem lhes dar hora de ociosidade, que na verdade esta he a mãy de toda a relaxaçaõ. Quem tinha letras, e bom natural pera a prégaçaõ, exercitavase nella sem ter momento de respirar: porque, como entaõ havia poucos Prégadores nas outras Religioens, e na nossa sempre ouve muitos, eraõ os nossos muito buscados: como he de ver de huma carta da Raynha Dona Catherina mulher d'elRey Dom Joaõ Terceiro, que quasi cem annos despois deste em que vamos, quando já todas floreciaõ em letras, affirma ao Summo Pontifice, que sahiaõ do Convento de S. Domingos de Lisboa pera a Cidade vinte, e tantos Prégadores. He a carta feita em nome d'elRey Dom Sebastiaõ. Em outra parte desta Chronica temos dado o treslado: e naõ faltaõ memorias, que era ordinario na mesma Casa haver nos dias sanctos tres prégaçoens: huma na Igreja, outra na Crasta, e a terceira no Rossio. Porém os que no estudo das letras aproveitavaõ pouco, eraõ constrangidos a seguir outras Artes, inda que mais humildes, tambem de louvor de Deos, e serviço da Religiaõ, escreviaõ livros de solfa pera ornamento do Choro, e dos Conventos; ou faziaõse destros em musica de tecla pera acompanhar, e descançar o nosso canto, que como he muito chaõ, recebe lustre, e viveza do orgaõ bem tocado. Daqui nascia haver pollos Conventos muitos homens famosos em tal ministerio: em tanto gráo, que cubiçaraõ os mesmos Conegos aproveitarse delles pera a sua Igreja (naõ póde ser mayor encarecimento de quaõ adiantados estavaõ na Arte) e vieraõ a pretender pera esta musica dos ouvidos, o mesmo que tinhaõ impetrado dos Padres Gerais pera a das Almas: quizeraõ tangedor de Orgãos frade, assi como o tinhaõ já Prégador: concederaõlho os Padres, e alguns annos adiante

P. 1. l. 3. c. 40.

te ao em que vamos, o Mestre Geral Joachim Turriano com a mesma liberalidade, que seus antepassados, confirmou a graça, e ajuntou licença para que se pudesse confirmar pollo Summo Pontifice. Tudo parece da Patente, que vay sem traduçaõ: porque já fica declarada sua sustancia.

Vniuersis, & singulis venerabilibus, & circunspectis viris Dominis Decano, nec non Canonicis totius Capituli almæ Ecclesiæ Vlixbonensis, Frater Joachimus Turrianus sacræ Theologiæ professor, ac Ordinis Prædicatorum humilis magister, & seruus, salutem, & Spiritus Sancti consolationem. Cum à prædecessoribus meis Ordinis nostri Magistris Generalibus, concessum, & benignè admissum sit, vt quemcunque Fratrem nostri Ordinis idoneum assumere, & acceptare possitis ad officia prædicationis Verbi Domini, ac etiam pulsationis organorum in Ecclesia vestra, idcirco vt vestris justis rogatibus morem gererem ac consolationi, tenore præsentium ipsam concedo, quatenus Fratrem quemcunque, vt præfertur, pro talibus officijs, idoneum, libere absque alicujus mei inferioris impedimento, seu molestia acceptare, & assumere valeatis: in contrarium facientibus, non obstantibus, quibuscunque etiam reformationis nostris Conuentus vestræ ciuitatis. In quorum omnium fidem, & testimonium, sigillum officij mei duxi præsentibus apponendum. Bene valete, & Deum pro me orate. Datum Romæ die 13. mensis Februarij 1488.

Abaixo se lêm mais as regras seguintes.

Reuerendissimus Magister Ordinis, videlicet Magister Ioachimus Turrianus Venetus, & confirmauit, & de nouo concessit omnia supradicta, quantum ad omnes ejus particulas, & vult in suo semper robore permanere, ac per Summum Pontificem confirmari. In quorum fidem sigillum suum paruum, quo vtitur, jussit apponi præsentibus. Datum Romæ prima Martij 1488.

CAPI-

CAPITULO II.

Fundaçaõ do Convento de Nossa Senhora da Consolaçaõ da Villa de Abrantes.

COmo nenhuma cousa dá mais lustre nas Cidades, e lugares grandes, que os Templos, e casas dedicadas ao Culto Divino: quiz Dom Lopo de Almeyda primeiro Conde de Abrantes, tanto que teve a dignidade, edificar hum Mosteiro, que emnobrecesse a Villa com o edificio, e fosse de proveito aos moradores com a doutrina. A Ordem quiz, que fosse de S. Domingos: e o sitio a varzea, que se estende pollas raizes do Monte, em que a Villa está sentada na parte onde antigamente se chamava Rio Pombal, e despois da obra feita, Ribeiro de Frades, e agora polla rezaõ, que diremos logo, Mosteiro velho. Do anno certo, em que aqui foy começado a fabricar, naõ ha noticia: mas certeza temos, que alguns annos antes do de 1472. era já povoado de Frades: e por ser o posto pouco sadio, e adoecerem, e morrerem muitos nelle, foy mandado algumas vezes despejar pollo Provincial Frey Diogo do Porto, e passar os Religiosos a outros Conventos. Governou este Padre a Provincia dezaseis annos, como atraz fica dito: e foy quarto Provincial despois da separaçaõ de Castella, eleyto no anno de 1456. por morte do P. Fr. Joaõ Martins. Entendia o Conde, que assi como lho despejavaõ muitas vezes, respeito de annos mais enfermos, viria algum Prelado, que o mandasse despovoar pera sempre: determinou passallo pera lugar mais alto, cahindo tarde, que o dano lhe vinha de estar em lugar baixo, pollo mesmo caso era apaulado, e humido em demasia. Veyolhe a proposito mandallo elRey Dom Affonso Quinto por seu Embaixador a Roma, porque lembrandose do seu Convento, e doença dos moradores, impetrou licença pera a tresladaçaõ do Papa Xisto Quarto: e esta he a causa de tomarmos por origem, e primeira antiguidade delle o anno de 1472. em que teve licença da Sé Apostolica pera o mudar. Mandou o Conde entender logo na obra, mas naõ teve melhor successo que na primeira; porque, ou fosse culpa dos Ministros, fundada em cubiça de encurtar despesa, aproveitandose ao perto dos materiaes da que desfaziaõ; ou entenderse, que com pouca distancia ficaria livre dos inconvenientes da primeira, inda que o assento foy mais alto alguma cousa, naõ se ganhou nada, quanto à saude, que era a causa principal da mudança. Adoeciaõ, e morriaõ os Frades, tanto que entravaõ as calmas, sem nenhuma differença, de quando estavaõ no mais fundo do vale: porque a distancia naõ foy bastante pera os livrar dos máos vapores delle.

Trinta, e sinco annos aturaraõ os pobres Frades esta segunda vivenda, pagando com as vidas os erros da Avareza, ou do pouco entendimento dos edificadores: até que Deos foy servido, que tivesse principio a terceira morada dentro da Villa, que he a que hoje dura. Foy gran-

1472.

1472.

grande requerente, e autor della o Padre Frey Joaõ de S. Vicente, que com sua agencia, e diligencia a poz em sua perfeiçaõ desdo anno de 1509. até o de 1517. Ajudounos elRey D. Manoel com muitas esmollas, que na verdade os Reys de Portugal sempre foraõ os verdadeiros Padroeiros de todos os grandes Templos, e Mosteiros de seus Reynos: porque saõ muy poucos os que às suas mãos, e liberalidade, naõ devaõ o todo, ou a melhor parte, como tambem o cuidado de andar a Religiaõ em subido ponto. Pera esta ultima tresladaçaõ deu sua licença o Papa Julio Segundo: e porque os tempos eraõ de grandes esterilidades, e carestia de tudo, despachou hum Breve de grandes indulgencias pera quem ajudasse a obra com a quantia de hum grosso, moeda Italiana, que responde a meyo vintem da Portugueza; segundo a declaraçaõ, que fez o Arcebispo de Lisboa executor do Breve. Mas sendo pouco o que se juntava, acudio o Pontifice Leaõ Decimo com outra graça mayor, e esta foy a que poz o edificio em remate. Deu licença pera os pescadores exercitarem a pescaria em beneficio delle todos os Domingos, e dias sanctos do anno, excepto as quatro festas mayores. Vendiase o peixe, entregavase o rendimento aos thesoureiros da obra. Mereciaõ os pescadores no espiritual, e naõ ficavaõ de todo sem proveito no temporal.

1509.

Havia na Casa velha huma Imagem da Virgem gloriosa mãy de Deos, muito devota no feitio, e muito mais no nome, que era da Consolaçaõ. Acudiaõ a valerse della, e visitalla em suas necessidades os vezinhos, e muita gente de longe, e todos com offertas de suas esmollas, em graça dos beneficios, que esperavaõ, e já levavaõ. Esta Imagem veyo pera a Casa nova: e he a que dá titulo ao Mosteiro, e temos testemunho da devaçaõ antiga nas letras do Papa Xisto IV. quando foy a segunda tresladaçaõ, que dizem assi em huma clausula: *Ad quam habitantes dictæ villæ, atque alij regni incolæ de diuersis partibus, ad ecclesiam, & domum præfatas deuotionis causa concurrunt, & Diuinus Cultus inibi viget.* Querem dizer: A' conta da qual Imagem concorrem a esta dita Igreja, e Convento por devaçaõ os moradores da Villa, e outros naturais do Reyno de varias partes, e he muy frequentado o Culto Divino.

Sobre a porta da Igreja teve o Prior cuidado de nos deixar memoria de seu trabalho, e do tempo delle, entalhada em marmore, que he a seguinte.

ElRey D. Manoel o Primeiro ouve por bem mudarse este Mosteiro donde estava longe da Villa, edificado pollo Conde D. Lopo de Almeyda, por ser lugar doentio: e isto a requerimento de Fr. Joaõ de S. Vicente Prior delle; o qual com esmollas do dito Senhor Rey, e poderes pera outras pedir, o fez na Villa. Começouse o derradeiro dia de Janeiro de 1509. e acabouse a vinte de Março de 1517.

Acrescentouse este Convento em renda, despois que a Villa tornou à Coroa, e sendo

dada

dada por elRey D. Manoel ao Infante Dom Fernando seu terceiro filho, tinha o Infante aqui sua casa, despois que cazou com a senhora D. Guiomar, filha, e herdeira do Conde de Marialva Dom Francisco Coutinho, Casa tamanha em renda, terras, e sangue, que se ouve por bem empregado nella hum Principe de tais partes, que o faziaõ digno de Reynos. Vindo a fallecer na mesma Villa por Novembro de 1534. foy enterrado na Capella mór deste Mosteiro, e a Infante Condeça com animo Real offereceo de esmolla em suas exequias duzentos mil reis de juro perpetuo, assentado, e pago na mesma Villa, sem nenhum encargo de Missa, nem suffragio, nem outra obrigaçaõ: e he a parte melhor, e mais grossa da sustentaçaõ dos Frades, que quasi de ordinario saõ continuos moradores até quatorze. Tardou pouco em seguir o marido a viuva Infante, fazendo officio de apressado, e mortal veneno a dôr de tal perda: e como o seguio na morte, que foy dentro de hum mez, fez o mesmo na sepultura: mandouse enterrar junto delle.

1534.

Ficou viva por seu fallecimento a Condeça Dona Britez de Menezes sua mãy Condeça de Loulé, e propriedade, e de Marialva em titulo. Esta Senhora em memoria de tal genro, e tal filha, enriqueceo a Sacristia do Convento com muita prata lavrada, parte dourada, e parte branca, de que servia na Capella do Infante, que chegou a noventa marcos. Entraraõ nella duas cruzes, huma de dezaseis marcos, e outra mais pequena, dous calices, thuribulo, naveta, portapaz, caixas de hostias, dous pares de galhetas, quatro castiçais de pé alto, caldeira, e hysope, pera agoa benta, e hum frontal, e vestimenta de brocado. Naõ foraõ descuidados os religiosos em mostrarem agradecimento a tantos beneficios. Fizeraõ assento com licença do Provincial, que era o Padre Frey Amador Henriques, que fosse perpetua destes Senhores a Missa Conventual cantada, com responso por suas almas no fim, e na semana dos Sanctos hum officio de nove liçoens.

CAPITULO III.

Do que aconteceo na morte deste Infante, e sua mulher, e filhos; e como foy tresladado pera o enterro Real de Belem: referemse alguns milagres, que ouve nesta Villa na festa de S. Jacinto.

HUm estranho caso se conta que aconteceo na morte destes Infantes, e por ser tal naõ indigno de ficar nesta Historia. Achavase a caso o Infante na Villa da Azinhaga. Da occasiaõ naõ consta. Levantandose huma manham, referio aos fidalgos, que o vestiaõ, que sonhara aquella noite, que vira sahir de sua casa em Abrantes tres tumbas juntas, e cubertas de negro. Era o Infante de animo grande, bom christaõ, e nada agourento: nenhum caso fez do sonho. Ao segundo dia chegoulhe recado de ser fallecida a Senhora Dona Luiza sua unica filha, que já naõ tinha outra. Era por Outubro do anno de 1534: foy correndo a con-

consolar a Infante, que amava com grandes extremos. Adoeceo logo: e falleceo aos sete do mez de Novembro seguinte; e a Condessa sua mulher foy apoz elle, sem se meter mais tempo em meyo, que quanto ouve de sete de Novembro, até nove de Dezembro. De sorte, que no espaço de pouco mais de dous mezes; se vio cumprido o sonho das tres tumbas: porque a primeira sahio a tres de Outubro, que foy a da filha; e a ultima, que foy a da mãy, em nove de Dezembro, como temos dito. Casos muy prodigiosos nos deixou a antiguidade escritos nesta materia. Sonhou Artorio Medico, que lhe diziaõ advertisse a Augusto Cesar, que ainda que estava gravemente indisposto, naõ deixasse de entrar na batalha, que no dia seguinte se havia de dar a Bruto, e Cassio. Obedeceo Augusto, e mandouse levar em huma cadeira: e valeolhe a vida, que sem duvida perdera, se ficara nos Arrayaes, porque foraõ ganhados, saqueados, e destruidos por Bruto. Dizem que obedeceo, lembrado, que Calfurnia mulher de Julio Cesar, na noite antes, que o matassem, sonhou, que o via em seu regaço atraveçado de punhaladas, e rogandolhe polla manham, que naõ sahisse de casa aquelle dia, todavia se foy ao Senado porque senaõ dicesse, que o deixava de fazer por medo do sonho. Indigna cousa he de homem christaõ dar credito a sonhos, como a certezas infalliveis: porém naõ approvo deixar de fazer caso delles totalmente, na parte, que podem aproveitar pera remedio, ou beneficio da alma. Sonha hum homem, que morre, ou que o mataõ; póde ser cousa natural, e effeito de humores malencolicos; mas obra será de prudencia porse bem com Deos, concertar a vida, e o que toca a sua alma. Se o Infante temera o seu sonho, pudera tirar delle proveito com fazer testamento, que naõ fez.

Val.Max. lib. 1. c. 7.

Possuhio o Infante este jazigo até o anno de 1582. no qual elRey Dom Felippe Primeiro deste nome em Portugal, e Segundo em Castella, estando em Lisboa, e querendo reduzir ao enterro Real de Belem, Convento de Monges de S. Jeronymo, todos os filhos, e successaõ defuncta d'elRey Dom Manoel, escreveo em trinta de Novembro ao Doutor Martim Pinheiro, que governava o Bispado da Guarda por ausencia do Bispo Dom Joaõ de Portugal, e ao nosso Provincial, que era o Padre Frey Antonio de Lacerda, que pera certo dia se achassem neste Convento, e tirassem delle os ossos do Infante, e os entregassem a certos fidalgos, que mandaria pera os levarem aonde tinha ordenado, visto como naõ havia testamento, nem codicillo, nem outra lembrança, polla qual se colligisse, que o Infante escolhera aquella sepultura: e naõ se bolisse com a Condessa sua mulher, que constava estar por sua vontade ultima alli enterrada com seus filhos. Entraraõ pouco despois no Convento de mandado d'elRey huma moderada companhia de Fidalgos, e Capellaens de sua Capella, e receberaõ a ossada em hum caixaõ forrado de veludo roxo, e a leva-

1582.

a levaraõ pollo rio abaixo até Almeirim. Alli tomaraõ de caminho a de elRey Dom Henrique, que naquella Villa fallecera por fim de Janeiro do anno de 1580. e foraõ entregar ambas no Convento de Belem. Entre os Fidalgos, que neste serviço se acharaõ, foraõ de Lisboa Joaõ Gonçalves de Atayde, Conde que agora he da Atougia; e de Sanctarem Dom Manoel Mascarenhas, e Ruy Lopes Coutinho irmaõ mais velho de Frey Luis de Souza, que isto escrevia. Parece que se teve respeito a que elRey Dom Henrique, pouco antes de fallecer, tinha dado cargo a estes tres Fidalgos de lhe fazerem guarda naquella Villa cada hum com sua companhia de soldados.

1580.

Naõ costuma este Convento a ter criaçaõ de noviços, porque lhe tiraõ o trabalho duas casas taõ grandes, e naõ muito distantes, como saõ a da Batalha, e Sanctarem. Assi naõ ha filhos della, de que possamos fazer relaçaõ; mas em lugar delles, faremos outra, que tambem resulta em louvor da Ordem, e da Casa, e da Villa.

1595.

No anno de 1595. festejou o Convento a canonizaçaõ do nosso grande, e antigo Religioso Pollaco S. Jacinto. Ajudou a terra à festa com tudo o bom que possuhiaõ de alfayas em suas casas, e com devaçaõ, e affecto das almas, que os Sanctos mais estimaõ. Aconteceo o mesmo em todos os lugares do Reyno, em que havia Conventos da Ordem: e assi foraõ grandes os sinais, que o Sancto deu de agradecimento por toda a parte. Nesta Villa, e seu Bispado, que he o da Guarda, se viraõ muitos milagres logo. Diremos de alguns da Villa pera honra de Deos, e do seu Sancto; pois, sendo Dominico, deu a elles occasiaõ o Convento de S. Domingos.

Levavaõ os Religiosos huma devota Imagem do Sancto na procissaõ da festa. Ao passar della estava em huma janella huma mulher com hum filhinho nos braços, o qual era quebrado de ambas as virilhas, e taõ perseguido de accidentes mortais nas conjunçoens da lua, que, com naõ ter outro filho, pedia a Deos o levasse pera se ver livre a sy, e a elle do martyrio, que ambos padeciaõ com seu mal. Quando a Imagem chegou a emparelhar com a janella offereceolhe o minino: e pediolhe de todo o coraçaõ se apiedasse delle, e fosse intercessor diante de Deos pera que tivesse remedio. Mas succedeo, que na mesma semana, sem haver conjunçaõ de lua, lhe sobrevieraõ dous fortes accidentes. Era a mulher prudente, considerou o caso; disse alegre, e confiada: hora Sancto bem vos entendo, isto he quererdes provar minha fé. Pois volo hey de levar ao vosso Altar: levouo, estendeo nelle, trouxeo pera casa perfeitamente saõ da quebradura, e sem mais sentir nenhum mal della.

Outra mulher tinha tambem hum filhinho quebrado: era de quatro annos. Moveo Deos a lingoa innocente pera dizer à mãy, que o levasse ao altar do Sancto: levouo, e delle tornou saõ.

Mecia Dias se chamava huma mulher da mesma Villa, taõ atormentada de mal de pedra, e das

e das intoleraveis dores, que lhe causava, que toda a rua, e vezinhança padecia trabalho com ella, polla continuaçaõ dos gritos, que dia, e noite dava. Sentindo, e ouvindo na cama, em que jazia, o alvoroço, que hia na Villa com a festa do Sancto, encomendouse a elle com devaçaõ; e porque lhe naõ sabia o nome, chamava em gritos pollo Sancto novo de S. Domingos; e naõ foy de balde: lançou duas pedras do feitio, e tamanho de duas grandes amendoas, quando estaõ verdes, e cubertas de casca. Ficou logo de todo sam, e sem nunca mais sentir nenhum mal. E he cousa sabida, que quando buscou a intercessaõ do Sancto, estava já ungida, e sem esperança de vida.

Duas mulheres, que viviaõ juntas em huma casa, foraõ ambas feridas de peste. Havia na Villa bom governo, e rigor em lançar fóra della os inficionados, que he só o remedio, com que se atalha este fogo. Temeraõ as pobres, veremse fóra de seu lár: quizeraõ arriscarse a morrer sem cura antes, que manifestarse, e deixallo: e tomaraõ por valedor do segredo, e do mal, o Sancto de quem se contavaõ maravilhas. Encomendavaõse a elle, e untavaõ as postemas com azeite, que mandavaõ buscar de sua alampada; sem outro beneficio sararaõ ambas.

CAPITULO IV.

Fundaçaõ do Convento de Nossa Senhora da Luz do Pedrogaõ Grande.

GOvernava a Provincia o Padre Frey Alvaro Correa, que em algumas escrituras achamos com o nome estirado à Correano, eleyto em Provincial por fallecimento do Padre Frey Diogo do Porto, quando se deu principio ao Convento, que a Ordem tem na Villa do Pedrogaõ Grande do Bispado de Coimbra, polla maneira seguinte. Era natural della Fr. Joaõ Domingues Frade nosso, quiz empregar em serviço dos seus huma Quaresma, as letras, e espiritu, que alcançara na Ordem: sem duvida foy mais devaçaõ, e verdadeira charidade, que ostentaçaõ, ou dezejo de se mostrar Profeta na Patria. Viose nos effeitos, que resultaraõ do trabalho: porque deixou nos animos de todos taõ impresso o gosto, e sabor da doutrina Dominicana, e por meyo della o amor do habito, que passada a Quaresma, se juntou o melhor do povo, e ordenaraõ huma supplica ao Padre Sancto, cuja sustancia foy pedirlhe licença pera edificarem à sua custa hum templo da invocaçaõ de Nossa Senhora da Luz, que juntamente fosse Mosteiro da Religiaõ de S. Domingos; allegando a falta, que padeciaõ do mantimento espiritual; e o dezejo, que todos tinhaõ de se consolarem com a prégaçaõ dos Religiosos. Era Pontifice Xisto Quarto. Mandoulhes dar hum Breve, passado em 28. de Dezem-

zembro de 1475. com commissaõ ao Arcebispo de Lisboa, e ao Bispo de Evora, e ao Abbade de Ceiça da Ordem de S. Bernardo, no Bispado de Coimbra; pera que vendo o lugar, que os moradores apontassem, e achando ser conveniente, e honesto, passassem a licença em nome da Sé Apostolica. Presentadas as letras aos Commissarios, hia Frey Joaõ negoceando a passo igual a aceitaçaõ do Provincial, e considerando sitios, e o que mais convinha pera a fabrica. He a Villa de tempos muito antigos sujeita em propriedade ao apellido dos de Vasconcellos, apellido illustre no Reyno; e chamavase Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, o que nesta conjunçaõ a possuhia juntamente com a Villa de Figueiró. Tendo este Fidalgo noticia do que se tratava, chamou o Frade, offereceolhe humas herdades suas por baixo do lugar, e naõ muito longe delle, onde chamavaõ as Mayas, de assento, e capacidade bastante pera hum bom Convento, com seus pumares, regados de huma fermosa fonte de muita, e boa agoa. Naõ se pudera dezejar posto mais acommodado por todas suas qualidades em tal terra. Passouse a Doaçaõ em nome dos senhores da terra, Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, e Dona Branca da Sylva sua mulher por escritura publica, com huma condiçaõ muito justa: que foy, que se por algum caso succedesse mudarse, ou extinguirse o Convento, tornassem as herdades no estado, em que estivessem, à linha dos Doadores. Em virtude desta Escritura tomou posse o Padre Frey Joaõ Domingues a doze de Setembro de 1476. e este he o anno, e antiguidade, que damos a este Convento.

1476.

Corria nesta Villa por tradiçaõ muito antiga, recebida de pays, e avós, que huma boa velha dizia muitas vezes, vindo a este sitio, e fonte, hum genero de profecia, que o successo veyo a confirmar, e fazer estimada, e verdadeira. Eraõ as palavras della: Fonte das Mayas, quem viver, verá as maravilhas, que Deos em ty ha de obrar. Estas estavaõ guardadas pera o tempo, em que a Ordem de S. Domingos viesse beberlhe a agoa, e povoar a terra: porque foy assi, que tanto, que Frey Joaõ levantou a Igreja, que foy a primeira cousa em que poz a maõ, e collocou no Altar mór huma Imagem de Nossa Senhora com o titulo da Luz, que foy em conformidade da narrativa do Breve Apostolico, sahio a Imagem taõ devota em feitio, e com tal graça nos olhos de todos, que arrebatava, e enlevava os olhos, e animos; e estendendose a fama della, começou a ser visitada de muita gente de perto, e de longe: e como a esta Senhora, segundo o dito de seu devoto Bernardo, nem falta poder, nem póde faltar vontade pera remediar peccadores, que seu Filho no testamento da Cruz lhe deixou por filhos, foy respondendo ao affecto piadoso dos que a buscavaõ com tantos milagres, que se vio com espanto cumprida a profecia da Velha. Continuou a Romaria por muitos annos, e de muitas partes do Reyno, em especial das

S. Bern.

terras

terras do Alemtejo, donde ainda hoje acodem muitos devotos, que com suas esmollas, e offertas ajudaõ a viver os Religiosos.

Dos milagres, como foraõ crescendo, ouve cuidado nos Religiosos de fazer livro pera honra, e gloria de Deos, e da Senhora, foraõse apontando nelle muitos; e deranos materia, se permanecera pera honrarmos esta Casa com boa leytura: mas naõ foy Deos servido, que chegasse ao tempo presente. Perdeose, como de ordinario acontece a muitas cousas boas, inda onde a gente he muito cuidadosa. Assi diremos sómente alguns, que em nossos dias succederaõ, que fazem boa fé aos antigos.

Huma mulher do termo da Villa de Ansiaõ em cabo de boa doença veyo a perder a vista: como corria a fama dos muitos milagres desta Senhora, e o seu nome da Luz convidava a quem tinha falta della, encomendouselhe de coraçaõ, e fez promessa de hir ter huma novena em sua casa, se lhe tornava a vista. Acudiolhe a Senhora com seu poder, e deulha perfeita. Naõ se esqueceo ella do agradecimento, quanto à hida; mas encurtou tanto a novena, como se a prometera de momentos, e naõ de dias. Naõ fez mais, que visitar a sancta Casa, e logo fazer volta pera a sua. Mas permittio o Senhor pera ensino seu, e nosso, que na hora, que chegou à sua morada, tornou a ficar de todo cega: cahio entaõ na falta que fizera: fezse levar ao Mosteiro, cumprio seus nove dias diante da Senhora, cobrou luz nos olhos, e tornou sem guia.

Da mesma Villa de Ansiaõ era hum velho, que vindo a perder os olhos, perdia tambem a vida, porque naõ podia sem elles grangear o remedio pera ella. Juntavaõse contra o cego, doença forte, e natureza enfraquecida com os annos. A tudo acudio a Senhora, chegando o pobre a vallerse della nesta sua casa. Veyo, vio; e vencido o mal da doença, e da idade, tornou saõ.

Pedrafonso lavrador no termo de Elvas, da Freguezia de Villaboim, sentia muito ver cega huma filha, que amava: como sabia dos milagres desta Senhora, que por Alentejo tem muito nome, encommendoulha com devaçaõ, e alcançoulhe vista perfeita.

No anno de 1569. entou nesta Igreja Dona Isabel Boccarra, natural de Coimbra, e mãy do Padre Frey Antonio de Alpoem Frade nosso, a cumprir huma novena, e pesar a trigo huma filha minina por voto; porque nascendo com huma bellida em hum olho, que lhe tolhia a vista, e fazia desar, que igualmente sentia: com a encomendar, e prometer a esta Senhora, lhe cahio, ou desappareceo de sorte, que lhe ficaraõ os olhos ambos limpos, e claros.

Estranho, e poucas vezes ouvido foy o caso de huma mulher nobre da Villa de Thomar. Sahiolhe huma tripa de duas varas de comprido, que parecia feya cobra; naõ andava nos livros da Fisica tal genero de enfermidade: desemparada de remedios humanos, naõ tratou de mais, que encommendarse com devotas lagrimas à Virgem

da

da Luz, que lhe valeo, recolhendose a tripa por sy. Em graças, foy em pessoa offerecerlhe em seu altar hum cirio de duas varas.

Na mesma Villa do Pedrogaõ tinha Domingos Thomas hum filho moço apertado de grande doença: aggravouse o mal, entrou em paroxismos de morte, meteraõlhe a candeya na maõ pera acabar. Vendo a mãy em tal estado quem era o lume de seus olhos, bordaõ de sua velhice, esperança de sua succeſſaõ, deu hum grito sahido do centro da alma, que chegou às nuvens, chamando por Nossa Senhora da Luz: grito foy, que subio ao Ceo, naõ só às nuvens, e nelle taõ bem ouvido, que no mesmo momento tornou o moço da morte à vida, e acompanhou a mãy a dar graças à Virgem, e offerecerlhe saõ a candeya, que tivera nas mãos pera morrer; e a mortalha, que lhe tinhaõ prestes pera o enterrar.

Mas tornando à fabrica do Mosteiro, foy a Igreja no principio muito pequena, como obra de povo, e povo de montanha, naõ grande, nem rico. Juntoulhe Frey Joaõ hum estreito aposento pera sy, e pera mais dous, ou tres companheiros que o ajudavaõ: vivendo todos das esmollas dos fieis, e trabalhando no ministerio da prégaçaõ, com exemplo, e cuidado de bons filhos de S. Domingos: mas nunca chegaraõ a ver o edificio muito adiantado; porque succederaõ annos de fome, e peste, grandes esterilidades, e carestia de tudo: e assi acabaraõ primeiro, que tivesse forma de Convento. Valeonos pera se acabar hum successor do mesmo Fidalgo, que tinha dado o sitio; impetrando hum Breve do Papa Leaõ Decimo pera que assistisse nelle hum Vigairo perpetuo, que naõ pudesse ser mudado até o Convento ficar em perfeiçaõ. Importa muito em casa de obras assistencia continua de hum só; porque he cousa rara haver quem folgue de proseguir principios de mãos alheyas. Frey Nuno Galvaõ se chamava o Vigairo, que aceitou a empresa pollas letras de Roma: e foy o conselho acertado; porque entrando no cargo pollos annos de 1515. quando o deixou, deixou tambem a casa de todo acabada; e achamos escrituras do anno de 1518. pera diante, que nomeaõ por Priores Frey Mattheus da Vitoria, e Frey Bertholameu de S. Domingos, e Frey André Pinheiro; e no anno de 1540. Frey Simaõ de Sanctarem; e no de 1554. ao Doutor Frey Diogo da Barreira. Mas como isto saõ escrituras de tabaliaens seculares, e de terras pequenas, que ordinariamente saõ gente idiota, e pouco practicos nos estylos da Religiaõ, e até nos de seu officio, seguramente podemos crer que por inadvertencia davaõ titulo de Priores, aos que naõ eraõ mais que Vigairos. Confirmase esta verdade com o que dispoem as Actas do Capitulo da Batalha, em que foy eleyto o Mestre Frey Luis de Granada, anno de 1557. as quais entre as Ordenaçoens levantaõ esta Casa a Priorato (final que nunca o fora até entaõ) e dandolhe por primeiro ao Padre Frey Antonio de Caria, encomen-

1515.

1557.

mendaõ ao Provincial, que sendo acabadas certas officinas que ainda naõ tinhaõ perfeiçaõ, proveja a casa de bastante numero de Frades: por onde parece, que pois inda entaõ havia officinas imperfeitas, menos capaz estaria nos annos atraz, do titulo, e authoridade de Priorado.

CAPITULO V.

Compoemse o Convento pera correr em fórma, e titulo de Priorado; e ter criaçaõ de Noviços. Dasse conta de huma estranha tempestade, que succedeo na Villa.

COmo o Padre Provincial Frey Luiz de Granada estava obrigado pollas Actas do Capitulo, que atraz apontamos, a compor esta Casa pera Priorado, quiz vella por seus olhos, tanto que lhe deraõ lugar occupaçoens mayores. He o assento da Villa coroa de huma alta, e descomposta serra, e fica o Mosteiro em meyo de huma ladeira, que della desce pera o Rio Zezere, acompanhada de penedia, e arvoredo sylvestre, e taõ ingreme, e dependurada, que de qualquer parte, que se olhe pera baixo, faz tremor nos joelhos, e medo na vista: e cresce o pavor com a corrente de dous Rios, que no fundo se ajuntaõ, que saõ o Zezere muito poderoso de agoas, e o Pera que aqui, como he mais pequeno em tudo, entra, e perde o nome nelle, e deixaõ feito hum angulo de pedra viva por baixo do Mosteiro: de sorte que fica como cercado de ambos, tendo da maõ direita o Pera, e da esquerda o Zezere. E como cada hum traz grande impeto, e se vem furiosamente quebrando por entre penhas, e lageas, levantaõ hum medonho roído, que se faz ouvir de muito longe; quem de fóra considera a postura do Mosteiro, os penedos, e mattos que o cercaõ, a profundeza, e escuridade com que nas raizes dos montes se apertaõ os Rios, o estrondo continuo que de ambos resulta, fazendo consonancia triste, o grosso, e grave do mais caudaloso, com o agudo, ou menos grave, do pequeno: quem olha pera as serras, de que vem cercados, humas ao longe, que sobem a se esconder nas nuvens, outras ao perto mais baixas, que com brenhas espessas saõ morada de Javalis, e Lobos, e outros animais bravos que até junto da Villa chegaõ a fazer suas presas, representa tudo junto aquelle vasto horror, que os Sanctos antigos nos deixaraõ em seus escritos debuxado, dos desertos de Scythia de Thebayda: horror, que recolhe o entendimento, provoca devaçaõ, e convida o espiritu a desprezar a terra, buscar, e penetrar as estrellas, de que se acha vezinho, e naõ descançar, senaõ com o Senhor dellas. Assi o julgou o Provincial, quando aqui se vio: e como era Varaõ taõ espiritual, como sabemos, naõ tratou só do que nas Actas lhe fora encarregado, mas julgando no sitio propriedade pera fazer gente sancta, propoz comsigo de assentar nelle Casa, e criaçaõ de Noviços, e povoallo dos melhores sujeitos da Provincia. Em quanto aqui se deteve, escondiase

diaſe muitas vezes com grande recreaçaõ da alma, entre huns penedos que ficaõ por baixo do Convento, orava, e meditava com goſto, e naõ havia quem o tiraſſe delles; e tal ſabor lhe ficou das horas deſte emprego, que todas as vezes que deſpois fallava no Pedrogaõ, ſempre os nomeava com ſaudade. Daqui naſceo conſervarem inda hoje o ſeu nome. Chamaõlhe os penedos do Granada. Logo foy provendo, e mandando Frades: e antes que Frey Antonio de Caria acabaſſe ſeu tempo, deu ordem que foſſe eleyto em Prior Frey Jeronymo Borges, peſſoa de grandes partes, e que por ſer tal, era Meſtre dos Noviços no Convento de Lisboa, e deſpois de acabar aqui, foy continuar as obras de Sancta Cruz de Viana, em lugar do Padre Frey Eſtevaõ Leytaõ, com que fica bem provada a opiniaõ de ſuas virtudes, e eſpiritu. Com elle mandou o Provincial Noviços, e tambem alguns irmãos profeſſos de pouco. Foraõ os profeſſes, porque ſe viſſe o goſto que tinha da caſa nova, moços que já davaõ de ſy grandes eſperanças; entre elles Fr. Antonio de Souza, que deſpois foy Provincial deſta Provincia, e Vigairo geral da Ordem, e morreo Biſpo de Viſeu: com elle foy Frey Ignacio de S. Domingos, que pollo tempo em diante deu eminente prégador, e nas letras famoſo Meſtre. Pareceo digno de ſe pôr em lembrança aos que deſpois vieraõ eſte favor, e achamolo notado em hum livro com as palavras ſeguintes.

ANno Domini 1557. menſe Octobris celebrato Prouinciali Capitulo in Conuentu de Bello, cum jam á centum viginti annis, & vltra domus hæc Dominæ noſtræ de Luce do Pedrogaõ á Summo Pontifice Ordini eſſet conceſſa: ſed ob ſummam inopiam, & circunſtantis loci aſperitatem, adjacentiſque regionis tenuitatem competenti fratrum numero careret, tandem opera, & induſtria Reu. P. Fratris Ludouici Granatenſis, qui tunc forté Prouintiæ præerat, tam ædificijs, copijs, quam Fratrum multitudine aucta, inter Prouintiæ Conuentus ſolemniter eſt recepta, & annumerata. Perfecto vero opere 21. Maij 1560. anni, completo Religioſorum numero adornata Priorem juxta formam Canonicam elegerunt, cujus ſolicitudine non pigra ad arctiorem viuendi normam in breui redacta, jam modo cum totius prouinciæ celeberrimis conuentibus, moribus, religione, regulæ, ac conſtitutionum obſeruantia, prædicationum frequentia, animarum zelo, exemplo, nouitiorumque educatione audeat decertare.

Como

Como isto he relaçaõ do que o Provincial fez na Casa, que já vay distinctamente apontado, escusamos traduzilla. Advertindo sómentes que os Padres, que escreveraõ a memoria, se enganaraõ no ponto dos cento, e vinte annos, que daõ de antiguidade à Casa até a eleyçaõ do Padre Frey Luis de Granada: deveraõ pôr oitenta, e dous; porque naõ se contaõ mais da concessaõ do primeiro Breve até o anno do Capitulo.

Tambem advertimos que nos annos, que correraõ atégora, se tem trocado, e está muy differente a face deste sitio, do que tinha de bravio, e selvatico, foraõse roçando os mattos, arroteando a terra por entre os penedos, prantando arvores fructiferas, que respondem com notavel fertilidade: e os nossos Frades tem aproveitado a ladeira com arte, compondoa com taboleiros que regaõ com as agoas de hum Ribeiro de todo o anno, que desce da Villa, e como a queda he tanta, segue as mãos curiosas, e vay torcendo o passo, e servindo, como, e onde querem. A mesma differença se vê de prezente no edificio da Casa. Foy Prior della o Padre Frey Simaõ de Sancta Maria, Varaõ muito religioso, e igualmente curioso. Determinouse em fazer a Igreja de novo: seguio o effeito a determinaçaõ. Sahio de suas mãos acabada com seu choro, e cadeiras, obra pequena, e proporcionada com a terra, mas em seu tanto polida.

Seja ultima advertencia pera os que lem, que este he o Convento, que o Senhor Bispo de Monopoli chama Petragoria na sua Quinta Centuria, e diz, que he hum dos honrados Conventos da Provincia: e diz bem, se teve respeito, a que entre os Religiosos a mayor honra se acha, onde ha mais trabalhos, menos commodidades, mais faltas, e menos pompa. Porém na reputaçaõ ordinaria da Provincia, he o infimo della. A casa de Noviços lhe durou taõ pouco, que naõ temos sujeito, de que fazer Historia: e a renda he taõ curta, que sustenta mal dez Religiosos, e de ordinario naõ residem nelle mais de sete, e poucas vezes oito. Estes poucos pera poderem viver se ajudaõ de hum grande fato de cabras, que se sustentaõ dos espinhos, e mattos que nascem entre aquelles penedos, e ao redor do Convento que recebem da vezinhança da Senhora tal virtude, que affirmaõ todos os Padres que alli residiraõ, que párem duas vezes no anno, e sempre fruito dobrado.

Cerraremos este Capitulo com relaçaõ de huma prodigiosa tempestade, que se vio nesta Villa, e Convento no anno de 1590. que naõ he indigna desta Historia; pera que nos ensinemos a temer a Deos, que he principio da verdadeira Sabedoria, e o fim principal de tudo o que escrevem as pennas religiosas. Ultimo dia de Agosto sobre tarde, correndo tempo claro, e sereno, se toldou subitamente o Ceo, escureceo o ar, começaraõ a cahir rayos, soar trovoens, com força, e continuaçaõ taõ desuzada, que faziaõ representaçaõ quererse desatar a maquina do mundo: porque o afusilar dos relampagos, parecia rasgar o Ceo até o Fir-

o Firmamento; o estrondo, e bombardadas dos trovoens asseguravaõ abrirse a terra até o centro. Com isto viase arder o ar todo com brasas vivas; e assopraraõ ventos taõ furiosos, e nunca vistos, que arrebatavaõ da terra, e levavaõ pollos ares homens, e animais; arrancavaõ de raiz arvores de fruito, e sylvestres, e tudo o que encontràvaõ. Seguiaõ a miude chuveiros com pedra de grandeza extraordinaria, e soavaõ por entre elles vozes medonhas, como de gente que se animava a destruir, e assollar: e pera o dizermos em huma palavra, tal foy a tormenta, que naõ havia memoria de homens, que de outra semelhante se lembrasse, e segundo a circunstancias, e successos que por algumas partes a seguiraõ, por certo podemos ter, que naõ foy cousa natural. Quiz Deos mostrarnos em termo de tres horas (que naõ durou mais) hum retrato do fim do Mundo, ou do horror sempiterno das moradas infernais. E na verdade, se durara mayor espaço, fora hum genero de diluvio sem agoa, que acabara tudo. Isto foy em geral, o que se vio, e sentio nas tres horas que temos dito. Os casos particulares passaraõ muito adiante em estranheza.

Começou a tempestade junto da Villa de Dornes, foy subindo pollo Zezere assima, e costeando pollo fundo, e gargantas dos montes, em que vay entalado, chegou com a mesma força até a Villa da Covilham, que he grande numero de legoas; mas naõ se alargou mais das margens do Rio, que até legoa, e meya por banda. Junto à Villa de Dornes affirmou hum Sacerdote, ou fosse força de medo, ou verdadeira visaõ, que vira no ar hum esquadraõ de gente armada, disforme, e horrenda, em corpos, visagens, armas; e fez o dito certo, com que sem poder pronunciar mais palavra, de atonito, e confuzo, espirou, na menham do dia seguinte. Mayor caso foy, que junto ao Pedrogaõ se ouviraõ vozes pollo alto, que diziaõ em grita, palavras formais: Fazei lá por vossa parte, que cá faremos polla nossa, e lembraivos de vosso comprade Foaõ: e foy ouvido o nome, e era pessoa conhecida, e de quem corria fama publica ter taõ pouca conta com sua alma, e particularmente em materia de juramento (por aqui se julgue o mais) que qualquer, que fosse o caso, sendo chamado por testemunha, assinava tudo, sem fazer duvida. A lembrança que as vozes pretendiaõ, se vio no dia seguinte, que achandose todas as vinhas, que a tempestade tocou por este destricto sem fruito, e sem vara, e tais, que dous annos naõ deraõ novidade, só as deste homem ficaraõ taõ floridas, e fermosas, e carregadas de uvas, como estavaõ antes da tormenta. Mas sobre tudo espantou o assolamento de huma Aldea vezinha à Villa. Veyo sobre ella hum Rayo, deu em casas cubertas de palha, e colmo, num momento foy sorvida, e consumida do fogo, sem ficar cousa viva de gente, nem gado; senaõ foy só huma pobre mulher, que naõ querendo mais ver o lugar, em que deixava feito cinza tudo, quanto na vida

da amava, marido, filhos, parentes, fazenda, hia desesperada, correndo ao Rio pera acabar na agoa, a vida perdoada do fogo. Foy sua ventura, que encontrou com os nossos Religiosos, que acudiraõ à Aldea, passada a força da tormenta, e escapou com bom conselho, e animo que lhe deraõ. Naõ perdoou a tempestade ao Rio: do fundo delle arrancou muito peixe, que se achou pollas prayas morto, e com as bocas cheyas de arêa. No mesmo dia se vio na crasta do Convento quantidade de pedrada, que lançavaõ os chuveiros, que era do tamanho de ovos; e por ser taõ grossa, se naõ acabou de desfazer, senaõ no fim do seguinte, com ser a calma excessiva.

CAPITULO VI.

De varias jornadas, que os Religiosos de S. Domingos fizeraõ às terras de Guiné nas costas de Africa, e Ethiopia Occidental, em serviço, e honra da Fé.

COmo a Religiaõ de S. Domingos foy a primeira, que despois da restauraçaõ de Espanha, começou a prégar em Communidade pollas terras de Africa a Fé de Christo: o que foy por meyo do Convento, que elRey Dom Joaõ o Primeiro, ganhando a Cidade de Ceita, lhe deu nella, parece que ficou, como herança, ou obrigaçaõ sua, acudir a exercitar o mesmo officio em qualquer Reyno, ou Provincia, que pollas mesmas partes se fosse descobrindo de novo. Proseguia elRey Dom Joaõ Segundo com acesa vontade os descobrimentos daquella Costa contra o Sul, que o Infante Dom Henrique irmaõ de seu avô elRey Dom Duarte animosa, e vinturosamente começara: e estendia já o espiritu aventar se por esta via poderia abrir caminho pera a India Oriental. Mandava navios, huns traz outros, que lhe foraõ descubrindo della tanto adiante, que fundando povoaçoens, e fortalezas, em lugares acommodados, e sujeitandoselhe alguns Reys, e Senhores de grandes Provincias, ajuntou com muita rezaõ aos titulos antigos de sua Coroa, o titulo de Senhor de Guiné, debaixo do qual quiz comprehender toda a estendida costa de Africa, e Ethiopia Occidental, que corre desdo mar Atlantico até o Cabo da boa Esperança: e passa além da linha Equinocial, contra o Polo Antartico, poucos menos gráos dos que saõ os em que estamos desta banda do Artico, que he hum numero infinito de legoas, se as contarmos por costa, assi como a terra vay, hora cortando o mar com grandes pontas, e promontorios, hora recolhendo, e abrindose em largas, e estendidas enseadas. E naõ he grande o encarecimento; pois pollas regras da navegaçaõ, contados os gráos, que ha desdos trinta, e nove, e dous terços, em que está Lisboa da parte do Norte, até os trinta, e sinco em que jás o Cabo de boa Esperança da banda do Sul, fazem soma de setenta, e quatro gráos, e dous terços, os quais multiplicados por dezasete legoas, e dous terços, que leva cada gráo em rumo direito, quero

quero dizer, navegandose de Norte a Sul, lançaõ mil, trezentas, e vinte legoas: e tantas corria o navio, que sahe de Lisboa, até emparelhar com o rosto do Cabo, quando tais tempos tivesse, que navegasse sempre por rumo direito. Assi foy trabalho mais, que de homens o daquelles primeiros navegantes, pollo numero de legoas, quasi sem numero, que de força navegavaõ, costeando cabos, e enseadas, sem se alargarem ao mar por falta de instrumentos nauticos, que despois inventou a necessidade, e o engenho: mas inda foy de mais gloria a constancia de quem o mandava, que eraõ os nossos Principes, que com largueza nas despezas da navegaçaõ, com fazer grandes mercês aos que se arriscavaõ, com naõ desconfiar nas difficuldades, e aturandoas por longo discurso de annos, em fim venceraõ o que de seu parecia impossivel, e invencivel.

Nestes continuos, e custosos trabalhos, sempre foy a tençaõ dos Principes Portuguezes cultivar a fereza barbara, mais no espiritu, que nos corpos; ganhar almas, mais que serviço de gente torpe, em cores, salvagem nos juizos. E tanto que se offereceo occasiaõ, começaraõ a mandar Prégadores, que a instruissem, e encaminhassem pera o Ceo: e ainda que o successo da sementeira naõ respondia sempre à boa diligencia dos Agricultores, nem às esperanças de quem os enviava, naõ deixavaõ por isso de continuar, e aporfiar, juntando sempre novos jornaleiros. E porque a primeira Religiaõ, que neste serviço se empregou, quizeraõ os Reys, que fosse a do Patriarcha S. Domingos, e como foy primeira a começar, tambem segundou muitas vezes, e em varios tempos, e terras, e por mandado de differentes Reys. Faremos huma recopillaçaõ de todas as missoens, e jornadas, em que foy occupada, desda primeira mais antiga que succedeo neste anno em que entramos de 1486. até a de nossos tempos: e seguiremos nella a mesma ordem, que levamos em tratar dos Conventos, cuja historia lançamos junta, quero dizer, escrevendo sem interpolar tudo o que achamos pertencente a cada hum: e faça conta o Leytor, que acha neste passo a fundaçaõ de hum Convento, ou Vigairaria da Ethiopia Occidental, como achará nos annos adiante muitas, que temos na Oriental: só com esta differença, que as do Oriente estaõ vivas, continuadas, florentes. Esta de Guiné sendo muitas vezes começada, e por varias partes cometida por filhos de S. Domingos, naõ foy Deos servido, que permanecesse em sua Ordem.

He pois de saber, que no anno de 1486. atraz apontado continuando aquellas Costas os nossos navios, e mareantes, Joaõ Affonso de Aveiro, que era hum delles, trouxe consigo a Lisboa hum Embaixador d'elRey de Beni. He Beni grande, e dilatada Provincia, e muito abundante de gente, entre o Reyno de Congo, e terras que vizinhaõ com o Castello de S. Jorge da Mina. Era o fim da Embaixada no publico, pedir Mestres da ley Evangelica pera nella serem doutrinados, elle, e seus

1486.

Joaõ de Bairros dec. 1. l. 3. c. 3.

e seus vassallos; mas no secreto authorizarse, e fazerse temer entre seus vezinhos, e inimigos, com a companhia, e favor dos Portuguezes: que tambem entre Barbaros se practicaõ as leys, e a rezaõ de estado (porque as naõ estimemos tanto os que conhecemos, e seguimos a policia christãa) e sabem disfarçar interesses, com mascara de virtude. Reynava elRey Dom Joaõ Segundo: como era taõ christaõ, estimou o requerimento; honrou, e encheo de mercês o Embaixador: e logo se dispos a mandar com elle Prégadores. Os Escritores do Reyno, que fallaõ deste feito, naõ declaraõ de que Religiaõ: mas as memorias de nossa Ordem, dizem, que elRey escolheo nella sujeitos, que além das sagradas letras, eraõ entendidos nas Mathematicas, pera que nas horas, que lhes vagassem da prégaçaõ, fossem inquirindo alguma noticia da India pollo sertaõ daquellas Provincias, e do grande Rey do Abexim, que o vulgo chamava Preste Joaõ: e havendoa procurassem chegar a elle. Como em cousa taõ antiga, naõ ficaraõ em lembrança os nomes dos Frades: só se aponta, que era Provincial o Padre Frey Bras de Evora, que os despachou. O successo foy, que o Barbaro recebeo os Prégadores com mostras de amor, e bom gasalhado; mas quanto à doutrina, como sua tençaõ era fundada em respeito temporal; e o deixar vicios arreigados com longo tempo, e gosto, seja muy dificultoso à natureza, e mais entre Barbaros; viose logo que era tempo perdido, o que se gastava em lhe fazer lembranças do Ceo, e da salvaçaõ da alma. E todavia, sendo certo que naõ foraõ de proveito com o Rey os Religios, entre nós, que fora rezaõ naõ o ignorarmos, ficou esquecido que fim tiveraõ. O Padre Mafæo diz, que se tornaraõ pera o Reyno por mandado d'elRey por estas palavras. *Joannis demum accitu in Lusitaniam irriti rediere.* Jornada foy baldada, e perdida: mas se foy tal pera com os homens, nunca pera com Deos se perdeo o que se faz, com a tençaõ, e olhos nelle. Nem o gosto d'elRey Dom Joaõ se intibiou pera semelhantes empresas, com o successo avesso desta: antes logo no anno seguinte lançou maõ de outra, que sendo de muito mayor custo, naõ teve melhor fim, como veremos no Capitulo seguinte.

Joannes Maffæus l. 1. Hist. Indiarum.

CAPITULO VII.

Da segunda viagem, que os Religiosos de S. Domingos fizeraõ a Guiné.

SAõ famosos Rios da Ethiopia mais Occidental o Gambea, e o Çanagá, de que os Antigos já tiveraõ noticia, e lhes chamaraõ Stachiris, e Daratho. Entre elles se comprehende huma estendida Regiaõ, que com outras grandes terras, que correm contra o Caboverde, pera os Antigos Promontorio Arsinario, tem nome de Jalofo. Era senhor della, antes do anno de 1487. em que entramos, elRey Bemoy, ou Beomij, homem brando, e facil de condiçaõ: e como tal, procedia com taõ bom termo com os Por-

Maffæus l. 1. Hist. Indicarum.

1487.

Portuguezes, que em seus Portos entravaõ, que elRey Dom Joaõ Segundo, de tudo informado, dezejou, e procurou por varios meyos, de presentes, e mostras de amor, trazello ao gremio da Igreja. Mas naõ montando nada muitos officios de cortezia pera o obrigarem a buscar os remedios da alma, no tempo, que vivia prospero: huma só adversidade veyo a acabar com elle, que pedisse com rogos o que de antes naõ aceitava offerecido. Rebellouselhe hum irmaõ, e achou tanto favor no povo, que ficou Bemoy despojado do Reyno; e obrigado do aperto em que se via, a tomar por remedio acolherse a hum navio de Portuguezes que primeiro achou, e pedir, que o trouxessem a Portugal. Entrou Bemoy polla barra de Lisboa no anno de 1487. Foy grande o contentamento, que elRey teve com tal hospede, extraordinario o apparato, e honra, com que o recebeo, que naõ fizera mais a qualquer Rey da Christandade, que a Lisboa viera: consolouo de sua calamidade, e prometeolhe empregar todo seu Poder em o restituir no Reyno. Parecia a elRey, que naõ poderiaõ deixar de obrigar o Gentio tantos beneficios juntos pera entrar em sy, e ver, que sò em quem seguia o verdadeiro Deos do Ceo, e da terra, podia morar tanta piedade; e por esta consideraçaõ affeiçoarse à nossa sancta Fé: e naõ se enganou; porque mandandoo visitar por varios Religiosos, com ordem de lhe practicarem os mysterios della, em fim abrio os olhos à luz; e pedio o sancto Bautismo. E naõ foy elle só: trazia consigo até vinte sinco companheiros, gente nobre, e dos melhores de sua terra: todos se determinaraõ seguillo na conversaõ. Dado o tempo, que convinha pera se catequizarem, quiz elRey solemnizar o dia, que pera elle, como taõ pyo, foy de incomparavel gosto: e mandando fazer o auto do Bautismo pollo Bispo de Ceita, e Tangere, Dom Frey Justo Baldino Religioso Dominico, de quem atraz fallamos, foy elle o Padrinho; e com esta honra lhe deu tambem seu nome. Chamouse Dom Joaõ. Os Fidalgos mais honrados da Corte padrinharaõ aos companheiros. Seguiraõ festas Reays, de touros, e canas, e outras significaçoens de alegria: dandose até o povo os parabens de nos renderem nossas navegaçoens o ganho de sujeitarmos à Sé Apostolica hum poderoso Rey de terras taõ desviadas. Armouo elRey despois cavaleiro, e ordenoulhe hum fermoso brasaõ de Armas; porque em tudo seguisse, uzo, e costumes da Christandade: e elle em reconhecimento de tantas mercês, e honras, se fez vassallo seu, com menagem dada, e promessa de obediencia de todas suas terras, e das mais, que pollo tempo acquirisse. Fez tambem auto de Principe Catholico, que foy mandar sua obediencia ao Summo Pontifice. Entre tanto hiaõse fazendo prestes no Porto de Lisboa vinte caravellas, com muita gente, e armas, e juntamente petrechos pera fabrica de huma fortaleza, que elRey queria se fundasse na boca do Rio Çanagá. Naõ esqueceo a elRey, o que sempre foy

foy seu principal intento; que foy escolher Ministros da prégaçaõ da Fé pera allumiarem as trevas daquella gentilidade; estes quiz que fossem, como os de Beni, Dominicanos. Era seu Confessor, e Prégador, o Mestre Frey Alvaro Correa, que havia poucos annos acabara de ser Provincial da mesma Ordem, homem velho, e de grande nome, em virtude, e religiaõ, como o escreve Maffeo por estas palavras: *Euangelici quoque præcones impositi Aluaro Dominicano præfecto eximiæ virtutis ac sapientiæ viro, quo Rex ipse ad sacras confessiones vti consueuerat.* O mesmo affirmaõ outros Autores. E de crer he, que homem de tays partes naõ sahiria da sua cella, senaõ obrigado de grande fervor de espiritu, e amor de Deos, nem deixaria de levar outros semelhantes a sy. O cargo da armada levou Pedro Vaz da Cunha, Fidalgo honrado, que chamavaõ por alcunha o Obisagudo. Fezse à véla o Rey negro, alegre de ver, que achara, e levava muito mais do que seu pensamento lhe soubera pedir. Mas ha homens, cuja ventura parece, que anda atada com a terra em que se achaõ, mais que com a pessoa. Este em quanto esteve fóra da patria, tudo foraõ prosperidades: tanto que a ella tornou, logo o seguio nova tormenta de males. Aportou com bom tempo em suas terras: começavaõ os Portuguezes a entender com o edificio encommendado da Fortaleza; e elle com a pacificaçaõ, e reduçaõ dos vassallos. Nesta conjunçaõ entrou em desconfiança delle o Capitaõ mór: deulhe de punhaladas dentro do navio: do fundamento, que teve, naõ dizem nada os Escritores: possivel he, que achasse (como a fé dos Barbaros he pouco firme) que maquinava contra os nossos o mesmo, que lhe aconteceo. Recresceraõ com este successo tantas alteraçoens na terra, e tambem entre os nossos, que em fim levantaraõ anchoras, e tornaraõ pera o Reyno; sem outro bom effeito de tantas esperanças. Dos nossos Religiosos, dizem as memorias da Ordem (que as do Reyno nenhuma mençaõ fazem mais delles) que entraraõ polla terra em prosecuçaõ de seu ministerio, e lá feneceraõ. E com tudo naõ faltaraõ outros, e mais em numero pera terceira missaõ, que logo contaremos, como dermos conta de outra jornada muy differente, em que os Vereadores da Cidade de Lisboa (este he o nome dos que presidem no governo popular) occuparaõ pollo mesmo tempo a Ordem: servindose dos filhos della por terra, como faziaõ os Reys por mar. Foy o caso, que havendo alguns annos, que se padecia no Reyno cruel peste; e estando na Cidade taõ arreigada, que com nenhum remedio humano, se levantava, nem aliviava, determinaraõ acudir aos meyos Divinos; e quando entrou o anno de 1490. fizeraõ voto a Nossa Senhora de Guadalupe, se fosse servida interceder diante do Tribunal Divino polla Cidade, e alcançarlhe saude, mandariaõ em nome della a sua sancta Casa hum Romeiro, e com elle hum cirio, que ficasse na Igreja em penhor da humildade, e devaçaõ, com que

Maf. l. 1. Hist. Ind. Joaõ de Bairros dec. 1. l. 3. c. 8. Refende na Chr. d'el Rey D. Joaõ 2.

1490.

que se lhe encomendavaõ. Feito o voto, foy Nosso Senhor servido levantar o mal, quasi subitamente, e de maneira, que geralmente pareceo cousa de milagre; e a Cidade se ouve por obrigada ao cumprimento da promessa. Havendo de hir Romeiro, quiz que fosse hum filho desta Ordem; e escolheo ao Mestre Frey Antaõ de Sancta Maria, que por sua devaçaõ fazia o officio de sacristaõ de Nossa Senhora da Escada, despois de muito velho, e despois de administrados grandes cargos na Ordem. Levou este Padre consigo sinco officiaes cirieiros, que lavraraõ o Cirio em Guadalupe de cera branca, e peso de dez quintais (digna offerta de tal Cidade) no dia, que se offereceo à Senhora, prégou o Padre Frey Antaõ; e contou a grande mercê, que este povo recebera della. Ficou o Cirio arrimado a hum pilar do cruseiro, junto à porta da sacristia: e ahi permanecia no anno de 1607. em que o vio quem isto escrevia: e estava forrado de madeira: o que dizem se fez, porque os devotos, que visitavaõ a Casa, hiaõ tirando delle, como por reliquias, e memoria das mercês da Senhora: e ainda que se tirava pouco, como era cada hora, e por muitas mãos, em discurso de annos podia vir a ser o dano consideravel.

CAPITULO VIII.

Terceira missaõ dos nossos Religiosos a outras terras do mesmo clyma.

SEguimos na ordem, e tempo destas viagens a Garcia de Resende na Chronica d'elRey Dom Joaõ Segundo. Na ordem, e tempo, digo: mas naõ na relaçaõ dos que elle diz, que foraõ nesta terceira; porque se enganou, tirando aos Frades de S. Domingos, contra o que outros melhor advertidos escreveraõ com mais certeza. O successo della foy, que perseverando os nossos navegantes sem descançar no descobrimento daquella Costa barbara da Ethyopia Occidental, e passando sempre avante contra o Sul, quanto sofriaõ os tempos, deraõ na boca de hum Rio de tanto poder, e impeto de agoas que faziaõ doces as do mar em muita distancia da Costa. Entraraõ por elle, acharaõ a gente taõ domestica, e confiada, que sem nenhum medo, nem cautella subiaõ ao navio, traziaõ dos fruitos da terra, recebiaõ, e comiaõ do que se lhes dava: e só faltava pera inteira amizade, o comercio da lingoa, em que huns, e outros eraõ mudos; porque de nenhuma maneira se entendiaõ. Obrou a continuaçaõ tanta facilidade, que acabaraõ os Portuguezes com alguns, que se viessem em sua companhia a Portugal, ficando outros tantos nossos na terra. Foy alvitre de gosto pera elRey Dom Joaõ a vinda dos negros: porque tendo tomada a lingoa no dis-

discurso da viagem, davaõ novas de terem hum Senhor grande a quem obedeciaõ grandes terras, de que a cabeça era Congo, o Rio se chamava Zayre, navegavel muitas legoas polla terra dentro, acompanhado de Ilhas abundantes de gente, ferteis de mantimentos, ricas de criaçoens de todo gado. Entrou elRey em esperanças de saber por esta via alguma cousa da India, que era seu principal intento: mandou ao mesmo, que os trouxe, se aviasse com toda brevidade, e fizesse volta com elles: chegando ao Rio, entrasse por elle até ver o Rey, que diziaõ, a quem visitaria de sua parte com recados de amizade: notasse as terras, procurasse saber das do Oriente. Despachados os Negros, cheyos de mimos de comida, e vestidos; foy Deos servido darlhes taõ boa viagem, que dentro do tempo, que o Mestre do navio prometera, se acharaõ sãos, e salvos, e entre os seus. Chegou entre tanto à noticia do Rey o que era passado, dezejou ver os nossos; e o Portuguez naõ tardou em hir darlhe os recados, e visita que levava. E pollo que os Negros, que foraõ companheiros contavaõ, foy festejado mais, como conhecido, e amigo, que como estranho. Tinha o Barbaro bom juizo: deuse por obrigado à pontualidade do Capitaõ do navio, ao bom tratamento, que elRey Dom Joaõ mandara fazer aos Negros, e ao amor, que lhe significavaõ as palavras, que em seu nome, e de sua parte ouvia: tudo junto lhe fez força pera enviar outros Negros de qualidade com embaixada formal, cujo fim, além da amizade, e comercio, era pedir prégadores da ley de Christo, que pollo que della tinha ouvido aos Portuguezes, queria recebella, e morrer nella, e o mesmo procuraria, que fizessem todos seus vassallos: pera penhor desta boa vontade enviava logo huma copia de moços tenros, e de bom natural pera se criarem nas escollas de Portugal com o leyte da sancta doutrina, e tornando bem instruidos a poderem communicar a seus naturais. Vieraõ estes, e sua embaixada a Portugal, e elRey os mandou receber, agasalhar, e doutrinar com amor de Pay, e dobrado gosto por ver, que começava Deos a abrir o caminho, pera sua sancta palavra se semear por estas Provincias. Despois os fez bautizar com os Embaixadores, assistindo elle, e a Raynha Dona Leanor ao auto sancto.

Apoz o bautismo, tratou elRey de os fazer tornar, e ordenou, que fossem acompanhados de Prégadores da Fé, e juntamente de arquitecto, e officiaes de cantaria, e alvenaria pera edificarem templos ao verdadeiro Deos, fazendo conta que estes haviaõ de ser os mais seguros castellos pera defenderem os nossos, e manterem na obediencia da sancta Igreja, e sua toda a Provincia. Os Mestres da prégaçaõ pedio como das outras vezes à Ordem de S. Domingos; e ella deu dez, como nos consta das lembranças da Provincia; e naõ eraõ muitos, segundo a informaçaõ, que havia da largueza das terras. Foy por Prelado, e primeiro Vigairo da Christandade de

de Congo o Padre Frey Joaõ de Sancta Maria Mestre em Theologia, que actualmente era Prior do Convento de Nossa Senhora da Piedade de Azeitaõ, e filho delle: e porque entre os nossos Frades havia já experiencia de quaõ contrarios eraõ os ares das terras de negros à saude dos brancos, foy logo nomeado pera successor em falta do Padre Frey Joaõ, outro filho do mesmo Convento, pessoa de authoridade, e boas partes, por nome Frey Antonio da Piedade. O Padre Maffeo, que escreve esta missaõ, naõ aponta mais, que tres Frades: mas pouco faz ao caso a differença do numero, quando a naõ ha na sustancia. Saõ estas suas palavras: *Neque neophiti modò ad suos remissi, verum etiam e sanctissima Dominicana Familia viri tres probatæ virtutis atque doctrinæ delecti, qui apud eosdem Æthiopas, & docendi, & initiandi officio fungerentur.* Querendo dizer, que naõ só tornou elRey D. Joaõ mandar a Congo os Negros novamente convertidos: mas que escolheo da Ordem de S. Domingos tres Varoens de provada virtude, que ensinassem a gente, e fizessem com ella officio de Prelados. Das Historias de Joaõ de Bairros se collige, que foraõ seis Padres. Authorizou elRey a embaixada por credito, e honra da Fé com prezentes de importancia, e hum Fidalgo honrado, que os levou, por nome Gonçalo de Souza, acompanhado de muita, e boa gente de guerra; e partio no anno de 1490.

Maff. l. 1. Hist. Ind.

Joaõ de Bairros dec. 1. l. 3. c. 9.

1490. Foy a primeira terra em que apportaraõ de hum Senhor principal, tyo d'elRey de Congo, chamado Mavisono, que he o mesmo na lingoa barbara, que senhor do Destricto, e terras de Sono. Era homem de muita idade, e bom entendimento, humano, e cortez. Recebeo o Embaixador com toda a honra, e bom gasalhado, que a terra dava de sy: e como soube que vinhaõ Mestres da Fé, assi se pegou com elles, como se por outra cousa naõ esperara (força, e maravilhas da predestinaçaõ) pedio, que o ensinassem, ouvio a practica dos Mysterios, que confessamos; poz suas duvidas de homem, que dezejava entender, naõ porfiar: ficando satisfeito, naõ quiz perder a occasiaõ; e como o outro criado de Candaces com S. Felippe, fez instancia, que naõ passassem sem lhe dar o sancto bautismo. Allegava que era carregado de annos, e que se ouvesse de esperar pera quando voltassem da Corte, como prometiaõ, poderia ser atalhado da morte: deuse o Vigairo por obrigado à devaçaõ, e boas rezoens. Foyo instruindo até o dia sancto da Paschoa, que este anno de 1491. cahia a tres de Abril. Chegada a Paschoa armouse em meyo de huma estendida Varzea hum alto theatro, e nelle tres Altares cubertos de espessa ramada contra o sol. Aqui disse o Vigairo Missa, e bautizou o Velho. Foy a solemnidade juntarse da terra tanto povo, que cubria a Varzea: dizem, que passavaõ de vinte sinco mil almas. Os nossos vieraõ todos de festa, luzidos de armas, e vestidos, acompanhando o Embaixador, e seu Capitaõ Ruy de Souza, que

Act. Apost.

1491.

tinha succedido no cargo por morte de Gonçalo de Souza seu tyo, que fallecera no mar. Chamouse o bautizado Dom Manoel com boa estrea, e justa causa: pois era o primeiro, que Deos chamava pera sy de terras taõ remotas, e taõ cegas. Tinha Dom Manoel dous filhos, hum entrado em idade, outro minino. Pedia o mayor o bautismo, pediaõ o mesmo todos os nobres, que foraõ presentes. Foy Dom Manoel taõ prudente, que de todos escolheo só o filho minino, que ficou bautizado, e com o nome de D. Antonio: e dizia ao outro, e ao mais povo, que vissem que era fazer aggravo a seu Rey deter mais os Religiosos, que estava com alvoroço esperando, e pera o mesmo effeito do bautismo: que dessem primeiro lugar a quem era primeiro na terra, e Senhor de todos: e como elle recebesse as sanctas agoas, poderiaõ elles fazer outro tanto; pois tinhaõ idade, e saber, pera requerer, que aquelle minino naõ tinha, e forças pera poder esperar, que a elle Dom Monoel por muito velho já faltavaõ, e por isso acudira com pressa à impossibilidade de ambos.

Por tal modo foy celebrado pollos Religiosos de S. Domingos o primeiro Bautismo, que ouve no grande Reyno de Congo, despois que Christo o instituhio: assi o diz o Padre Maffeo por estas palavras: *Primus ex omni memoria baptismus ille in ijs terris incredibili omnium lætitia celebratus est anno post Christum natum* 1491. Seguio ao bautismo outro acto de verdadeira Christandade. Naõ se contentou Dom Manoel só com o que tinha feito; senaõ mostrasse juntamente, que abraçava a Religiaõ com toda a vontade, e bom espiritu, e naõ por cerimonia. Juntou o povo, fezlhe huma practica, mais de Prégador velho, que de convertido novo. Foy o fim, despois de os persuadir ao amor, e seguimento de todas as virtudes, que pois estimavaõ a mercê, que Deos lhes fazia com seu sancto Evangelho, que por suas portas entrava, se conformassem desde logo com elle em lançarem de sy os Idolos, com que até entaõ andaraõ enganados, que eraõ lenha do Inferno, e causa de todos os males. Duro negocio foy pera muitos, mas buscaraõse com diligencia, e vindo a publico hum grande numero, foraõ todos feitos cinza, com gloria da Ordem de S. Domingos, que até em taõ longes terras foy logo executando os dous officios, em que Deos a fundou, de Prégadores, e Inquisidores. Passado isto, chegou recado d'elRey ao Embaixador, e Vigairo, que os esperava com muita vontade, e lhes pedia, que naõ tardassem. Puzeraõse logo a caminho.

Maffeus vbi supra.

1491.

CAPITULO IX.

Passaõ o Embaixador, e Prégadores à Corte d'elRey de Congo. Dasse conta do recebimento, que lhes fez, e como foy bautizado.

TAnto que elRey foy avizado, que o Embaixador, e Vigairo caminhavaõ, despachou dous Capitaens, que os fos-

fossem receber, hum traz outro, a meyo caminho, e quando chegaraõ à Cidade de Ambasse, em que tem sua Corte, e residencia, foy cousa de ver o numero infinito de povo, que se juntou a recebellos: parecia estar todo o Reyno junto, e affirmase que eraõ mais de cem mil homens. Sahiraõ postos em armas a seu modo, partidos em tres bandos, ou esquadroens; tocando infinitos instrumentos, que a naõ serem barbaramente dezentoados, arremedavaõ na ordem que traziaõ tres procissoens nossas de muito concerto: porque marchavaõ a dous por fileira; e ao estrondo confuso dos instrumentos, ajuntavaõ vozes em louvor do Reyno, e gente de Portugal, começando huns, e seguindo outros; e despois respondendo todos em alarida, que feria no Ceo; como chegaraõ aos nossos, tomaraõnos em meyo, e fizeraõ volta pera casa d'elRey; continuando as mesmas vozes, e festas. Estava elRey em hum estrado alto, em cadeira de Marfim, a cabeça cuberta com hum modo de Mitra feita de folha de palma de obra meuda, e naõ desengraçada: nú da cinta pera sima, da cinta até os pés cuberto com hum pano de algodaõ, no braço esquerdo atochada huma manilha de lataõ; do hombro pendurado hum cabo de cavallo branco: e de muita seda, peça, e louçainha, que naquellas partes sò aos Reys pertence; como em Europa coroa de Ouro. Nesta postura esperou o Embaixador, e Vigairo, e recebendoos com honras, e gasalhados desacostumados, ouvio alegremente a proposta, e recados gerais da embaixada: e logo apoz elles quiz, que à vista, e olhos de toda aquella multidaõ lhe fosse mostrado o prezente, que elRey Dom Joaõ lhe mandava. Vinha o prezente à conta dos Frades; foraõ elles por suas mãos dezencaixando, mostrando, e entregando tudo. Eraõ muitos vestidos de sedas, e panos ricos, varios de cores, e feitios: payneis de boa pintura: baixela de ouro, e prata, e todo o apparato necessario pera ornamento da Igreja, e Altares, e officio Divino. Hia elRey notando cada peça, per sy; e tocando com as mãos as de que se agradava, e perguntava meudamente de que serviço eraõ. Foy ultima cousa huma Cruz de prata fermosissima por grandeza, e por feitio, lavrada em Roma, e benta solemnemente pollo Papa Innocencio Oitavo, e mandada de prezente a elRey Dom Joaõ. Chegouse o Vigairo à caixa, tiroua por sua maõ, e leuantandoa direita, prostraraõ se por terra os Religiosos, e todos os Portuguezes, venerando com reverencia o sinal de nossa salvaçaõ. Inclinouse elRey juntamente, e o mesmo se vio em todo aquelle povo sem numero, com tanta humildade, e respeito, que o adoravaõ com as mãos levantadas, e naõ sem lagrimas dos Portuguezes, que as derramavaõ de alegria por verem tal effeito naquella gentilidade.

Tratouse nos dias seguintes, despois de tomarem hum pouco de alivio, do trabalho do caminho o Embaixador, e seus companheiros, do como, e quando seria o bautismo d'elRey, e

da Raynha. Pareceo, que pera mais decencia do Sacramento, e mayor authoridade das pessoas Reays, se celebrasse com Igreja feita, pois traziaõ pera isso officiaes. Mas era inconveniente, e causa de muita dilaçaõ, naõ haver pedra em todo aquelle destricto, e ser forçado vir de muito longe. Esta difficuldade venceo o fervor d'elRey, e do povo: acudindo tanto numero de trabalhadores, que logo se foy pondo em ordem a fabrica; e porque estava assentado, que fosse o templo da invocaçaõ de Sancta Cruz, e entrava o mez de Mayo, veyose a lançar a primeira pedra no mesmo dia em que a Igreja celebra sua gloriosa Invençaõ. Todavia novo accidente abreviou o bautismo. Chegaraõ a elRey novas, que muito o alteraraõ de hum levantameuto de terras de sua obediencia vezinhas a Congo; e affirmavase entrar pollas de Congo fazendo muito dano; gente taõ grossa, e de tanto poder, que naõ convinha menos, que sua pessoa, e muita presteza pera o remedio: sabia elRey, que o havia com duro inimigo, tratou de acudir, antes que tomasse força, e com tudo quiz hir bautizado; que foy prevenir de armas sanctas pera todo successo. Fezse o bautismo, e em sinal de amor, e obediencia aos Reys de Portugal, chamaraõse, elle Dom Joaõ, e ella Dona Leonor, e foraõ juntamente bautizados alguns vassallos dos mais principais. Acabado o Sacramento, com a occasiaõ delle, e da guerra, mandou o Embaixador buscar hum fermoso Estendarte, que trazia de Damasco branco, franjado d'ouro, bordada nelle, de huma, e outra parte a Cruz da Ordem de Christo, assi como a trazem os Cavaleiros della, e sendo primeiro benta pollo Vigairo, entregoua de sua maõ, em nome d'elRey de Portugal, ao de Congo, e affirmoulhe, que naquelle sinal levava a victoria certa, como lhe naõ faltasse a fé, e confiança nelle. Caminhou elRey contra os rebeldes, levando diante de sy, e do exercito, o estendarte de Christo, e com elle seguio verdadeiro effeito as palavras do Embaixador, porque os desfez, e desbaratou com fermosa victoria, e tornou pera casa alegre, e contente.

Celebrouse o gosto deste successo com o bautismo do filho mais velho, herdeiro, e successor d'elRey. Naõ o recebera com elle, porque com a primeira nova do levantamento, acudio apressadamente a valer aos seus. Foy grande a festa, e solemnidade, como o Reyno estava victorioso, e alegre, e foy mayor por se fazer o Sacramento dentro na Igreja, que estava acabada. Chamouse Dom Affonso, que era nome do Principe de Portugal, seguindo a mesma consideraçaõ de seu Pay. Este sahio despois taõ Catholico, e bom Rey, que só a elle se deve o adiantamento, e conservaçaõ da Christandade, que hoje dura nesta grande Provincia, como adiante veremos. Ao revez de hum irmaõ seu, com quem naõ bastou o exemplo de pessoas taõ chegadas pera querer abrir os olhos à luz da fé.

Neste estado, e prosperida-

de estavaõ as cousas da Fé em Congo, quando Ruy de Souza se despedio, e partio pera o Reyno. Ficaraõ os Religiosos com seu Vigairo continuando em doutrinar, e bautizar, e sacrificando a Deos o amor da Patria, e as saudades, que espertava a partida do companheiro. Grande merecimento delles, e gloria da Religiaõ de S. Domingos: mas logo foy o Senhor servido darlhes mais, que offerecer, e mais que merecer; porque permittio, que cessasse no Rey aquelle fervor primeiro: e os vassallos, como he ordinario, foraõse traz seu Senhor. Assoprava o inimigo a tentaçaõ com a lembrança da largueza, e gostos da vida passada, com asco, e fastio da prezente, a que os obrigava o rigor da nova ley. Começaraõ a ter aborrecimento à prégaçaõ, e Prégadores, logo fugiremlhe o rosto, despois trataremnos mal, andavaõ desprezados, e desvalidos, e chegaraõ a padecer falta da sustentaçaõ ordinaria, onde os mantimentos valem quasi de balde, grande prova, martyrio de fome, onde tantos outros havia, o sol insoportavel, a doença, o desterro, e o desgosto do trabalho perdido. Que na verdade, prégarem os Varoens Apostolicos, nadando de sua parte em abundancias do que pertence à vida; e da parte dos doutrinados em amor, e respeito da doutrina, he huma felicidade tamanha, que ao parecer, encurta o merecimento. O que mais padeceraõ até perderem todos a vida entre os trabalhos, e o que com sua morte fructificou sua sementeira, naõ parece justo ficar fóra destes escritos, pera honra de Deos, e de sua sancta palavra, e memoria destes seus fieis Ministros: por tanto faremos mais outro Capitulo, que naõ será desagradavel neste argumento.

CAPITULO X.

Das alteraçoens, que ouve no espiritual, e temporal do Reyno de Congo, partido o Embaixador de Portugal: e da morte do Vigairo, e seus companheiros.

DIssemos atraz por mayor, a descahida, e infelicidade dos novos bautizados, com a boa ventura dos trabalhos, e afflicçaõ dos Prégadores de S. Domingos. Venhamos agora ao particular com a licença, que pedimos no fim do Capitulo passado. Tinha recebido aquella Gentilidade com devaçaõ, e gosto, quanto exteriormente se podia julgar, os mysterios da Fé, e cerimonias sanctas. Parecia aos Prégadores, que tinhaõ tudo feito, se procedesse com o mesmo animo no exercicio das virtudes, e aborrecimento dos vicios: visto como a fé desacompanhada de obras, naõ tem vida, nem valia diante de Deos. Mas foyselhes descobrindo, que quasi todo o povo era o mesmo na materia dos costumes despois de bautizado, que sohia a ser no meyo da cegueira Gentilica. Assi roubavaõ, sem cuidado de restituir, assi executavaõ a ira, e se vingavaõ, assi serviaõ a todo genero de torpeza, como faziaõ antes do bautismo. Começaraõ com zelo Apostolico estranhar, e reprehen-

hender tudo: e pollo mesmo caso, em lugar de verem emenda, começaraõ tambem a exprimentar aquella bemaventurança, de que o Redemptor tanto antes nos deixou advertidos; dizendo aos Discipulos: Matth. *Beati eritis cum exprobrauerint vos & eiecerint nomen vestrum propter me.* Cahiraõ logo em odio da mayor, e melhor parte da terra, que eraõ os poderosos, e nobres; e eraõ os que mais afferrados estavaõ aos dezatinos antigos. Naõ sentiaõ menos, que arrancaremlhes as entranhas, haverem de ficar com huma só mulher legitima, e despedir todas as mais com que estavaõ abarregados. Sendo assi, que o uzo de antes sofria terem tantas de suas portas adentro, quantas cada hum podia sustentar. O mesmo custava deixar sortes, e feitisarias, e huma desatinada, e quasi irracional destemperança em comer, e beber até perder o juizo. Por vaõ, e inutil julgavaõ a riqueza, se lhes naõ havia de servir pera satisfazer o appetite, e gosto. Foraõ achando de sua parte o Rey, que envelhecido na vida devassa, e torpe, tinha por tormento mortal, viver nos limites da ley Euangelica, e morria com saudades da liberdade gentilica. Nem era necessario desvelarse com elle o Inferno: sobejavaõlhe tentadores das portas adentro: tantos eraõ, quantas mulheres se contavaõ em hum grande bando, que lhe enchia a casa, que vendose desprezadas, ardiaõ em rayva, e furia: e por todas as vias trabalhavaõ desviar o miseravel Rey do caminho da verdade. Por esta maneira se foy perdendo a causa de Deos, e tornou a reynar o Diabo. Os Prégadores andavaõ corridos, e desgostados: porque naõ só naõ eraõ obedecidos, mas nem escutados do Rey, nem dos Grandes. Obrou nelles o desgosto interiormente, como por fóra o ar afogueado, e peçonhento. Falleceo primeiro o Vigairo Frey Joaõ; ficou em seu lugar o Padre Frey Antonio, que lhe vinha nomeado por successor; serviolhe a vida mais larga pera sentir mais afrontas, e desconsolaçoens, quanto se hia mais desenfreando a malicia no Rey, e nos seus. Chegou a padecer falta do necessario pera a vida entre ardentes febres, quando convinhaõ mimos pera as suportar. Fazia os males mayores a prezença do Gentio Panço filho mais moço d'elRey; publico inimigo do nome Christaõ; e ajudavase seu poder da ausencia de seu irmaõ Dom Affonso, que era hido às terras do Issunde, que o pay lhe tinha largado em vida. Assi acabou Frey Antonio, e a poz elle todos os mais companheiros; e como entre barbaros, e inimigos, naõ ficou memoria do tempo, que cada hum viveo, nem como acabaraõ.

Veyo despois a dividirse o Reyno em duas parcialidades. Estavaõ por Dom Affonso todos os de boa tençaõ; os viciosos, e maos, que eraõ mayor numero, como sempre acontece, seguiaõ a Panço, que favorecia suas maldades, e era peor que elles: e tanto souberaõ dizer, e fazer diante do Pay com mentiras, e calumnias contra Dom Affonso, fazendo em seu disfavor sua auzencia (que he grande

de mal pera quem he accusado, e tem inimigos, naõ apparecer) que esteve levado pera o desherdar, e sem duvida executara o pensamento, se Deos lhe naõ acudira, pondo no coraçaõ dos que favoreciaõ sua parte, que fallassem por elle ao Velho com liberdade. Estes lhe fizeraõ lembrança, do que devia aos merecimentos de Dom Affonso, e a injustiça, que fazia em lhe preferir o mais moço, e menos digno: emfim o pacificaraõ com elle. O que sabendo Dom Affonso, reconheceo da maõ de Deos o beneficio, e em graças delle, fez hum auto de verdadeiro, e fiel Christaõ, que foy mandar com pena de morte nas terras que lhe obedeciaõ, que ninguem tivesse Idolos em casa. Aqui tornou o Velho a cegarse da paixaõ contra elle, ou por lhe parecer, que tomava mais authoridade no Reyno, da que lhe pertencia, em tal mandado: ou por ventura, porque tambem amava os Idolos. Tornava colerico a tratar de vingança: mas como era muito entrado na idade, chegoulhe a hora da morte primeiro, que executasse a rayva. Ficaraõ os dous irmãos em briga: Dom Affonso auzente: Panço à cabeceira do Pay, cercado, e seguido dos Grandes, e Poderosos, e Senhor da Cidade, que era cabeça do Reyno. Foy chamado à pressa Dom Affonso polla Raynha sua mãy, que acudisse, antes que Panço tomasse mais forças. Veyo correndo, mas taõ pobre de gente, que quando chegou à vista da Cidade; naõ achou junto de sy mais que trinta, e sinco companheiros. Isto se soube despois por carta sua. Parece que o dezemparavaõ todos com medo do seu irmaõ, que tinha tudo por sy. Com estes poucos, animados com o nome de Christo, a quem com verdadeira fé seguia, esperou a Panço, que o sahio a encontrar com gente sem numero; e assi o venceo, e desbaratou, como se de sua parte tivera dobrado exercito. Milagre claro, e patente, que despois se publicou, e provou como logo veremos. Fugio Panço da batalha contra o matto, e sua maldade deu com elle desanimado em hum laço, que estava armado pera Féras do monte, e meyo affogado, foy colhido, e trazido a Dom Affonso. A poz elle, lhe trouxeraõ tambem prezo hum dos seus Capitaens, que mais nome tinha de atrevido, e valente, de quem se conta hum caso digno de memoria. Tanto que esteve diante de Dom Affonso pediolhe, que pois havia de pagar com a vida sua desobediencia, como tinha bem merecido, permittisse que recebesse primeiro o sancto bautismo: porque segundo o que vira no dia da batalha, a verdadeira Fé, e o verdadeiro Deos estava da parte delle Dom Affonso. Perguntado porque o dizia, affirmou, que no dia que por seu irmaõ fora acometido ao tempo, que deraõ sobre elle, viraõ de sua parte hum grande esquadraõ de gente armada, sinelado cada soldado com huma Cruz. Valeolhe esta confissaõ a vida: deulha Dom Affonso com obrigaçaõ de servir na Igreja de a varrer, e prover as pyas de agoa.

Ficou Dom Affonso pacifico

co senhor do Reyno, e foy Rey cincoenta annos. Contase delle que lia, e escrevia o Portugues, e tinha tomado tam bem a nossa lingoa, que quando se achava com os Frades, que doutrinavaõ o povo, fazia officio de interprete, com os seus: e despois que o Pay lhe deu as terras do Issunde, mantinha a fé nos subditos, naõ só com poder de Senhor, e Principe, mas tambem como Prégador, ensinando, e doutrinando; e despois que ficou absoluto Rey, e Senhor de todo o Estado, quando a idade florida, e liberdade senhoril o puderaõ tornar aos vicios de seu Pay, esteve taõ longe de o seguir, que antes foy occasiaõ principal, de que em seu tempo florecesse a Christandade, e ficasse com grandes raizes naquelle Reyno. De que he bom argumento, que vimos pollos annos adiante muitos naturais delle ordenados em Sacerdotes, e alguns consagrados em Bispos; por serem pessoas notaveis em virtude, e letras Divinas, e humanas. E em tempo d'el-Rey Dom Joaõ Terceiro, veyo hum a Lisboa, que sendo azeviche nas cores, e hum cristal em vida, e alma, teve escolla publica de humanidade nos Paços do Castello, com salario da fazenda Real, e fez muitos, e bons discipulos.

Seja remate deste Capitulo, darmos immortais graças a Nosso Senhor todos, os que militamos debaixo da bandeira do Patriarcha S. Domingos; porque foy servido de tomar por primeiro, e principal instrumento da salvaçaõ de tantos milhares de almas, como desde entaõ atégora teraõ subido ao Ceo de terras taõ barbaras, a nossos irmãos. Louvemolos tambem a elles, e tenhamoslhes enveja, pois domesticando a fereza, e allumiando a cegueira dellas, compraraõ com suas vidas pera esta Religiaõ a honra de serem os filhos della seus primeiros Apostolos: e naõ cuide ninguem que foraõ só trabalhos ordinarios os que padeceraõ; acerbissimo martyrio podemos com rezaõ chamar o desprezo, e a esquivança em paga do leyte da Fé, o mendigar a sustentaçaõ quotidiana, quando nenhuma ley ata a boca ao boy que trilha: o ardor das febres infernais (que tal nome se déve a todas as de Guiné) passadas sem consolaçaõ, sem emparo, sem alivio. Finalmente demos graças aos Serenissimos Senhores Reys de Portugal, que tendo em seus Reynos tanta diversidade de Religiosos, familias que todas florecem em virtudes, e letras, quizeraõ que a nossa rompesse aquelle matto bravio pera ficar o caminho mais chaõ, e facil, às que traz ella foraõ às mesmas partes. E ainda que todas, as que fizeraõ semelhante jornada, trabalharaõ louvavelmente no sancto ministerio: passados muitos annos tornaraõ os mesmos Reys a empregar nelle o espiritu, e braços dos filhos de S. Domingos, como logo veremos pera deixarmos de todo concluida esta materia de missoens Ultramarinas, segundo no principio dellas propuzemos.

CAPITULO XI.

Quarta viagem que os nossos Religiosos fizeraõ a Ethiopia, acompanhando os primeiros conquistadores de Angola.

1570. ENtrava o anno de 1570. quando elRey Dom Sebastiaõ tendo algumas justas consideraçoens pera pretender conquistar o Reyno de Angola, despachou ao effeito huma boa armada, de que fez Capitaõ mór a Paulos Diaz de Novais, que tambem o havia de ser da Conquista, por ser pessoa de partes, que tudo estava bem nelle. Mandou juntamente escrever ao Provincial de S. Domingos, que era entaõ o Mestre Frey Francisco Foreyro Prégador de sua Capella, que levaria gosto de se embarcarem nella alguns Religiosos da Ordem: assi pera consolaçaõ dos que se embarcavaõ, como pera prégarem aos Gentios; e os ensinarem, e bautizarem; porque a conquista de almas pera Deos, era a que principalmente encomendava, e queria. Propoz o Provincial à Provincia a vontade d'elRey: offereceraõse logo tres Padres, e hum Irmaõ leygo. Eraõ os Padres, Fr. Alvaro da Gram, Frey Fernando Machado, Frey Diogo dos Martyres, todos letrados, e Prégadores, e pessoas de vida exemplar (que ordinario naõ se abalançarem a semelhantes jornadas de terras já conhecidas por pestilenciaes pera a saude, senaõ gente de muito espiritu) chamavase o Irmaõ Converso Frey Gonçalo Moreira. Parte o Reyno de Angola com o de Congo, e corre tanto adiante delle contra o Sul, que a povoaçaõ, que hoje possuimos na Costa, que chamaõ Loanda, está em altura de nove gráos da banda do Sul. Como a terra estava de guerra, fizeraõ os Religiosos mais serviço aos companheiros com a prégaçaõ, e administraçaõ dos Sacramentos, que aos Gentios: mas por naõ estarem ociosos, passaraõ ao Reyno de Congo, onde tudo estava de paz, e havia bem necessidade de obreiros do Evangelho, segundo a terra he grande: e serviraõ muito a Deos. Naõ se contaõ cousas particulares, que acontecessem a estes Padres, senaõ foy huma bem notavel; e foy assi. Acertou de se achar hum delles, naõ se escreve qual foy, nas terras de hum Senhorio de gente catholica, que chamavaõ Sunde, cujo Capitaõ, ou Duque (que já vaõ introduzindo este titulo em Congo, onde as jurisdiçoens saõ grandes) estava de guerra com huns vezinhos Gentios; e succedeo, que fiados estes em poder que tinhaõ aventajado, vieraõ demandar as terras de Sunde. Naõ era covarde o Christaõ, sahiolhe animosamente ao encontro, com tudo o que havia em seu estado, e pedio ao nosso Frade que o acompanhasse. Mas quando se achou à vista delles, e reconheceo que trazia poder dobrado, ficou assombrado de medo, e duvidou vir às maõs com taõ conhecida desigualdade. Aqui acudio o nosso Padre, dizendo, que refusar a batalha, quando tinha taõ perto o inimigo, naõ podia já ser sem total perdiçaõ dos seus, na hora que fosse entendido, que

que temiaõ: que o remedio era tirar forças da fraqueza, e ser primeiro em acometer; que o fizessem todos com grande animo, e pois eraõ christaons com viva fé, e esperanças em Deos, que os ajudaria; e tivessem por certa a victoria peleijando em seu nome. Encheose o Negro de esforço com estas palavras, e toda a companhia com elle: vendoos o Frade animados, descobre hum Crucifixo, que trazia debaixo do manto, e como verdadeiro imitador das obras de seu P. S. Domingos, levantouo em alto; e com huma voz, que se ouvio por todo o campo, Eya irmaons, disse, este he o retrato de Christo Jesus crucificado, que confessais por vosso Deos: este he vosso Capitaõ, e vossa bandeira, naõ haja ninguem que deixe de o seguir: e sem dizer mais palavra, arremete sò a todo o correr contra os inimigos. Abalouse traz elle com o mesmo impeto todo o exercito: e foy tal o valor, que naquella hora lhes communicou Deos aos coraçoens, e tal a força, que lhes poz nos braços, que em pouco espaço desbarataraõ aquella multidaõ espantosa, que cubria montes, e valles, e cativaraõ tantos, que só os cativos se affirma, que em dobro eraõ mais, que os Christaons: por onde foy havida por toda a parte a victoria por milagrosa. Continuaraõ estes Padres o ministerio Evangelico, e nelle acabaraõ o Padre Frey Alvaro, e o Leygo Frey Gonçalo: os outros dous passando muito trabalho, e fortes doenças, tornaraõ à Patria gastados, e consumidos da impressaõ daquelles ares pestilenciaes da Ethyopia, do que davaõ bem testemunho seus rostos nas cores quebradas, e semelhantes a mortos; e naõ tardaraõ, inda que em melhor terra, em seguir os companheiros.

CAPITULO XII.

Quinta, e ultima hida, que os Frades de S. Domingos fizeraõ às terras de Guiné.

POllos annos de 1607. reynando em Portugal elRey Dom Felippe Segundo, e Terceiro pera o resto de Espanha, vieraõ Embaixadores a Lisboa de Dom Alvaro Rey de Congo; e entre outras propostas, que fizeraõ a Sua Magestade da parte de seu Rey, foy huma, que ouvesse por bem mandarlhe alguns Religiosos de S. Domingos pera nelle prégarem, e dilatarem a Fé pollas terras vezinhas. Era o prologo, e fundamento deste requerimento, lembrar que esta fora a Religiaõ, que allumiara aquelle Reyno em tempos antigos, e fundara nelle a primeira Igreja; e que em tempo de seu Pay delle Dom Alvaro, havia menos de quarenta annos, tornara outra vez a elle, mandada por elRey Dom Sebastiaõ; e segundo isto, era como pedir justiça, que sustentasse a Ordem de S. Domingos, e conservasse a vinha, que por suas mãos fora prantada. Era Provincial o Padre Frey Joaõ da Cruz, eleyto segunda vez por Setembro do anno seguinte de 1608. Mandoulhe elRey fazer saber a petiçaõ que tinha de Congo, e que seria bem acudirem a ella os seus Religiosos; pois eraõ cha-

1607.

chamados, Naõ estava esquecida na Provincia a morte, e trabalhos dos primeiros Prégadores em que os Embaixadores fallavaõ: e lembrava, que dos segundos só dous tornaraõ aos ares da Patria, e taõ mal parados dos effeitos da torrida Zona, que pouca differença faziaõ de mortos, quando chegaraõ, na figura dos rostos, e na debilitaçaõ dos corpos: e com tudo naõ faltaraõ outros, que pondo os olhos em Deos, e naõ ignorando as qualidades do clima, aceitaraõ alegremente a missaõ. Em 25. de Março de 1610. se embarcaraõ quatro, tres Sacerdotes Prégadores, e o quarto Irmaõ Converso. Eraõ os Prégadores Frey Lourenço da Cunha, que levava o cargo de Vigairo, Frey Fernando do Espiritu Sancto, Frey Gonçalo de Carvalho, e o Converso Frey Domingos da Annunciaçaõ; chegaraõ com boa viagem, e raras vezes taõ breve, em 3. de Julho à Cidade de S. Paulo de Loanda, porto do Reyno de Angola pera daly fazerem seu caminho a Congo por terra. Avisaraõ logo a elRey, e a seus Ministros pera seguirem as ordens que lhes mandasse. Responderaõ elRey, e elles ao Padre Vigairo: e porque as cartas saõ conceitos do entendimento, que representaõ ao vivo o animo de quem as escreve, e ficaõ suprindo em parte o officio da Historia, lançaremos aqui de verbo ad verbum humas, que nos vieraõ às mãos, pera se ver a vontade com que os Religiosos eraõ esperados: e tambem seraõ agradaveis, pollo termo com que estes negros, Rey, e vassallos procuraõ arremedar como bogios, na practica, e trato, o que nos nossos Reys, e seus grandes Ministros he cerimonia. A carta d'elRey dizia assi.

1610.

Reverendo Padre Frey Lourenço da Cunha Prior dos Padres de S. Domingos, que pera esta minha Corte vem. Eu elRey vos envio muito saudar, como quem eu dezejo ver nesta minha Corte pera dar satisfaçaõ a meus dezejos, e ao amor grande, que tenho ao habito de S. Domingos, aonde me eu criey em companhia dos Religiosos, que a este meu Reyno vieraõ em vida d'elRey meu Senhor, e Pay, que Deos tem em gloria, quando a elle veyo o Governador Francisco de Gouvea de mandado d'elRey Dom Sebastiaõ, que Deos tem em gloria. Com esta escrevo ao Duque de Bamba, e ao Capitaõ Dom Lourenço Vieira, dê ordem com toda a brevidade pera que antes das agoas sejais nesta Corte. E assi mesmo mando ao dito Capitaõ da Ilha, dê todos os carregadores necessarios, e tambem pera as despezas necessarias, o que o Duque fará com muita pontualidade. Naõ ha mais: Nosso

ſo Senhor &c. De Congo hoje 28. de Julho de 1610. Dom João Bautiſta meu Secretario mór, e Eſcrivaõ de minha Puridade a fez eſcrever. Rey Dom Alvaro.

Eſcreveo tambem o Secretario d'elRey ao Padre Vigairo, e ſua carta he a ſeguinte.

MUito Reverendo Padre, naõ ſaberey encarecer a Voſſa Reverencia o contentamento, que tive com huma Carta ſua, que recebi a 26. de Julho deſte anno preſente: porque entre as couſas graves, que elRey meu Senhor mandou pedir a Sua Mageſtade ſeu muito amado, e querido irmaõ, foy eſta vinda de Voſſa Reverencia, e dos mais reverendos Padres a eſtes ſeus Reynos, pera nelles prégarem a palavra de Deos Noſſo Senhor, e fazerem muito fruito, como nelle confiamos. Das mais particularidades, que Voſſa Reverencia me eſcreve, naõ trato mais, que dizerlhe ficaõ no meu peito eſcritas pera as communicarmos de perto, que confio em Deos Noſſo Senhor será muito cedo. Meus recados aos mais Religioſos. Deos guarde a Voſſa Reverencia, e os traga com ſaude. De Congo hoje 30. de Julho de 1610. Ao ſerviço de Voſſa Reverencia o Secretario mór Dom João Bautiſta.

As primeiras terras, em que ſe entra pera Congo, ſahindo de Angola, ſaõ as de Bamba, das quais era Senhor o que a Carta do Rey chama Duque de Bamba, que aſſi ſe vaõ honrando com os titulos arremedados, ou furtados de Eſpanha, e tambem com os apellidos della, porque ſe fazia chamar Dom Antonio da Sylva. Como o Vigairo havia de paſſar por ellas, e por ſua caſa, e ſoube logo, que além de grande eſtado que poſſuhia, tinha tambem o cargo de Capitaõ geral do Reyno, e era valido d'elRey, fezlhe ſaber ſua vinda pera ganhar ſua graça com eſte cumprimento, e reſpeito; reſpondeo elle, e ſua Carta he a que ſe ſegue.

POlla de Voſſa Reverencia, que me fez charidade eſcrever, ſoube de ſua boa chegada a eſſa Loanda de ſaude, com os mais Padres ſeus companheiros, de que me alegrey ſummamente na alma. Permitta Deos Noſſo

Se-

Senhor conservalla sempre por muy largos annos, pera seu sancto serviço, e pera consolaçaõ espiritual destes Reynos de Congo. Amen. Sua Alteza elRey meu senhor me fez mercê avisar por Carta sua, que mandasse a Vossa Reverencia alguns cofos de zimbo, que o dito Senhor lhe manda dar pera sua despeza, e erramba do caminho: os quais lhe naõ mando agora a Vossa Reverencia por entender lhe naõ servem nessa Loanda. Pollo que os tenho aqui guardados até saber o que Vossa Reverencia mandar sobre elles: o que peço me faça charidade mandarme logo aviso: porque com elle farey tudo o que Vossa Reverencia me ordenar. Novas minhas saõ ficar ao presente de saude, Deos louvado pera sempre, com grandes dezejos de querer ver a Vossa Reverencia, com os mais reverendos Padres seus companheiros, a quem Deos Nosso Senhor traga todos com muita vida, e saude, como este seu filho dalma dezeja, &c. De Bamba a 20. de Agosto de 610. annos. De Vossa Reverencia filho dalma o Duque de Bamba, Capitaõ geral, Dom Antonio da Sylva.

O zimbo que esta Carta nomeya he hum genero de buzio muito meudo, e crespinho, e de boa vista, que se pesca no porto de Loanda em Angola; o qual passa por moeda corrente por estes Reynos de Angola, e Congo: val cada cento hum tostaõ. O cofo he como medida, que leva dez milheiros, e val dez mil reis. Desta pescaria he senhor elRey de Congo, e pera a fazer, que he de grande proveito, tem hum Capitaõ na Ilha, que fica defronte de Loanda, onde he a força da pesca, e dalhe reputaçaõ naõ haver por toda esta costa semelhante buzio.

Nos dias que os Padres se detiveraõ em S. Paulo de Loanda, que he já huma grande, e nobre povoaçaõ de Portuguezes, os mais delles mercadores grossos, que tem seu trato pera Brazil, e Indias Occidentais, foraõ tambem vistos de toda a terra, e procederaõ nella com termo taõ Religioso, que os moradores se juntaraõ, e lhes pediraõ de maõ commum, que se deixassem ficar nella; se o fizessem, se offereciaõ a lhes edificar Igreja, e hum commodo recolhimento em qualquer sitio que escolhessem: respondendo o Vigairo, que naõ podiaõ sahir da ordem, que traziaõ de Sua Magestade, e obediencia de seus Prelados, que era passarem à Corte de Congo, e lá assistir, quizeraõ mostrar que offereciaõ obras, e naõ palavras; e em final de seu bom animo, lhes fizeraõ o alforge pera o caminho, que naõ foy pouco custoso; porque além do que era mantimento, e mi-

e mimos, ajuntaraõ muita roupa de linho, enxoval muito necessario contra os ardores do sol, e febres de Congo.

CAPITULO XIII.

Sahem o Vigairo, e seus companheiros de Loanda pera Congo. Dasse conta de como passaraõ o caminho: e de algumas particularidades da Cidade do Salvador Metropoli de Congo.

COmo o Vigairo recebeo as Cartas, que referimos, naõ quiz dilatar sua partida, e aos 16. de Setembro deste mesmo anno de 1610. sahio de Loanda com seus companheiros: foraõ por mar até entrar a boca do rio Dande; onde acharaõ muitos senhores, que os esperavaõ, dos que tinhaõ seus Estados perto: os nomes saõ barbaros, e grosseiros, como a terra, mas naõ he bem ficarem sem memoria, pois saõ de quem acudio a honrar os messageiros Apostolicos. O primeiro, que o Padre Vigairo nomeya em huma Carta, que escreveo à Provincia, que temos em nossa maõ he, Manibumbe, o segundo Maniloanda com dous irmãos, Dom Joaõ, e Dom Pedro. Já temos advertido, que o nome de Mani he o mesmo entre elles, que pera nós Senhor: e o que segue he o destricto, ou comarca de seu estado. Vieraõ mais Manibingo, Manidande, e Manibama; cada hum trazia seu chocalho pendente, que he insignia senhoril. Do rio fizeraõ tres dias de caminho até as terras de Bumbe, e foraõ fazer noite a huma aldea por nome Moala, onde o senhor do Estado os sahio a receber por ostentaçaõ de seu poder, com seiscentos homens armados de arcos, e frechas, cabeças emprumadas, rostos, e corpos almagrados, correndo, e saltando, com representaçaõ guerreira a seu modo. Ao entrar na aldea sahio hum povo inteiro de mulheres, e mininos, bailando, e batendo as palmas, e assi foraõ agasalhados. No dia seguinte chegaraõ ao destricto de Bamba à hum lugar grande, onde tiveraõ o mesmo recebimento; mas a gente era infinita, e o apparato como em casa de grande senhor muito aventajado. Havia hum genero de charamellas de marfim, que melhor disseramos bozinas, de disforme grandeza; porque eraõ feitas de dentes inteiros de Alifante: e huns tambores, ou atabaques, formados de huns páos occos, de grande barriga, e apertados nas boças, onde os cobrem suas pelles. Tocaõ estes com as mãos, acompanhando cada hum com tres chocalhos em lugar de pifaro, de maneira postos, que faz cada hum differente som: e de tudo resulta huma toada dissonante, e confusa que offende as orelhas costumadas à armonia fundada em Arte. Aconteceo aqui pera livrar os Religiosos desta pena, que naõ era pequena, chegarem novas na mesma hora do recebimento, de ser morto o Principe do Reyno. Cessou logo toda aquella trovoada; e polla mesma rezaõ naõ sahio de casa o Duque Manibamba; antes como pessoa Real se encerrou, e mandou receber os Padres por hum criado, que tinha nome de seu mestre; e quando os vio em sua casa,

casa, fezlhes grandes honras, ajuntando a ellas entregarlhes quantia de duzentos mil reis, que elRey lhes mandava dar de mercê, e ajuda de custo pera o caminho. A moeda em que os receberaõ he hum genero de buzio muito meudo, crespinho, e bem feito, e pardo na côr. Este se pesca junto a huma Ilheta, que fica defronte da povoaçaõ de Loanda, e lhe faz porto, e he da jurisdiçaõ d'elRey de Congo: e pollo respeito da pesca de grande proveito pera elle. Chamaõlhe zimbo, e naõ se acha outro semelhante por toda a Costa. A esta conta tem na Ilha hum Capitaõ, que assiste na pescaria. Este buzio he a moeda mais corrente que ha por estas partes: val cada milheiro hum tostaõ. Acudiraõ logo muitos presentes dos Senhores vezinhos; e o Duque em particular lhes mandou sincoenta galinhas, e seis cabras, e muita outra carne. Mas este favor, e bom gasalhado lhes foy bem descontado no resto do caminho; porque se sayba, que cousa he tratar com barbaros. Como ha grandes charnecas, e despovoados até chegar a Congo, e os negros carregadores, que os levavaõ em redes, e o fato às costas a uzo da terra, porque naõ he em cavalgaduras, como se viraõ longe de quem lhes pudesse fazer força, de criados fizeraõse senhores, e senhores insofriveis: já se auzentavaõ, e os deixavaõ sós, já se sentavaõ sem quererem dar passo adiante, surdos a rogos, a mimos, e promessas. Chegaraõ a estado de naõ poder dar hum passo adiante, o que mais sentiaõ era a sede, a falta de agoa. Abrasava o sol os corpos por fóra; assava a secura as entranhas por dentro: era tormento desesperado; e os negros que os acompanhavaõ, e sabiaõ as fontes, eraõ da condiçaõ daquelles, que o sancto Bispo, e Martyr Ignacio escreve, que eraõ os seus guardas, que com os beneficios se faziaõ peores. Em lugar de lhes buscarem, e trazerem agoa, metiaõse pollo matto, e faziaõse invisiveis, e quando tornavaõ, estavaõ já os pobres Religiosos em estado, que com a oppressaõ da secura, naõ podiaõ comer. Ajuntavaõse medos de animais feros, de que saõ povoados aquelles mattos. Tiveraõ assaz que merecer, e que offerecer a Deos, de fadigas, e perigos. Em fim arribaraõ à Corte, e à vista d'elRey Dom Alvaro, com cuja boa sombra, e gasalhado se restauraraõ. Mas muito mais com elRey pôr logo em practica fabricarlhes Igreja, e aposento, que fosse como hum bom Mosteiro.

He o assento da Corte (se este nome cabe em tal gente) na Cidade que chamamos o Salvador do Outeiro; e na lingoa da terra, Ambasse, povoaçaõ grande, e estendida, e taõ povoada de gente, que se affirma haverá nella vinte sinco mil homens de peleija: mas falta de todo genero de policia de edificios. Armaõ cebes de madeira grossa do matto, tecemnas com outra meuda, como ficaõ enredadas, e espessas, daõlhes huma maõ de barro por dentro, e por fóra. Haõse por agasalhados, ficando quasi a uzo do seu gado encurralados. Pera as cobrirem naõ se cansaõ com telhas, nem ladrilhos, do mesmo

matto

matto fazem emparo. De mantimentos ha muita abundancia, porque a terra he grandemente criadora de tudo o que della se fia. Em particular respondem com grande fertilidade em corpo, e copia todas as plantas, e sementes de Portugal: as parreiras, de que lá naõ havia noticia, antes de nos conhecerem, daõ fruito duas vezes no anno, e em pouco tempo (tal he o viço da terra) se fazem taõ grossas, e fortes como as nossas em muitos annos. O monte dá muita caça: as hortas muita hortaliça, boas fruitas, e varias: os campos saõ fructiferos de deversidades de graõ, excepto trigo, e cevada, e regados de fontes, e boas agoas. Como barbaros de todo, naõ conhecem moeda, nem uzo della, em prata, nem ouro, nem em cobre: a que uzaõ, e passa por todo o Reyno, e polla terra, he o buzio, que chamaõ zimbo, que atraz dissemos. Tem a Cidade Igreja collegiada, que lá chamaõ Sé, com doze Conegos, e suas dignidades, aos quais todos fazem prebendas os Reys de Portugal de suas rendas por honra da Igreja, e por essa causa he tambem sua a nomeaçaõ, e provizaõ de todas as Dignidades. Os Reys de Congo pagaõ só os Curas, que ha pollo Reyno, que saõ muy poucos a respeito da grandeza, e povo da Provincia, que requeria milhares. Em tempos atraz era esta Igreja da obediencia do Bispo de S. Thomé, polla vezinhança que tem com aquella Ilha. De alguns annos pera cá se tem tirado de sua jurdiçaõ, e está unida à de Angola, e he tudo hum Bispado com titulo de Congo, e Angola: os Curas que ha pollo Reyno saõ taõ poucos, que cada Senhorio, ou Comarca, naõ tem mais que hum só, como saõ as Comarcas de Bata, Bamba, Sunde, Oando, Pema, Motemo, Sonho, e outras, e até no Reyno de Ocanga, que em corpo, e nome, he Reyno, naõ ha mais que hum só. Pera suprir esta falta, entrando a Quaresma, sahe cada Cura a visitar seu destricto, em prosecuçaõ de seu officio. Assi he grande a mizeria, que por estas partes se padece no espiritual. Se nas terras politicas, onde sobejaõ Ministros, faz Satanaz continua guerra, que será onde ha tanta mingoa? Podemos dizer que saõ estas quasi em todo suas, e que naõ saõ Christãos mais que no bautismo; porque tudo o mais ignoraraõ, e saõ só ditozos os que a morte colhe no estado da innocencia: como saõ crescidos, logo cahem nos costumes gentilicos, agouros, e feitiçarias, com que o Diabo os engana, e cega. A gula, e luxuria he sem freyo. No estado do Matrimonio vay em geral grande desconcerto: huns tem das portas adentro todas quantas mulheres podem sustentar, cohabitando com cada huma, como se fora sua legitima consorte: outros quando querem cazar, naõ fazem mais que concertarse com a que escolhem, como se fora contracto de compra, e venda, e sem outra cerimonia da Igreja se haõ por casados: e em cabo de annos, se acertaõ a se descontentar della, com a mesma facilidade a despedem. A este modo enchem a casa; e se os Parochos os obrigaõ a casar legitimamente, e si-

e ficar com huma ſó, o dia que aſſi caſaõ, que devia ſer occaſiaõ de verdadeiro amor, he principio de odio, e deſavença. A lingoagem commum de todos he, que ſaõ neceſſarios muitos annos pera conhecer a condiçaõ de huma mulher; e polla meſma rezaõ naõ convem receber nenhuma com obrigaçaõ de toda a vida; ſenaõ deſpois de longa experiencia. Reprendia o noſſo Vigairo hum dos honrados da Corte, porque naõ acabava de receber a uzo da Igreja huma com quem vivia paſſava já de doze annos; e elle finandoſe de rizo, reſpondia: Pois Padre Vigairo em taõ pouco tempo quereis vós, que eu tenha alcançado ſua condiçaõ? Com tudo em meyo de tanta pobreza, naõ falta gente boa, e virtuoſa; porque em geral os homens ſaõ bem inclinados, verdadeiros, e fieys no que ſe lhes entrega; e onde ha Miniſtros, tomaõ bem a doutrina: as mulheres ſaõ muito trabalhadoras, cultivaõ a terra, cavaõ, roçaõ, ſemeaõ, ſem terem lugar de ocioſidade. Pera com os nobres, e Grandes, baſta o reſpeito d'elRey pera os fazer proceder bem; porque todos ſaõ como ſeus cativos, e até os Duques, e Senhores mayores, naõ poſſuem rendas, eſtados, e terras, mais que em quanto a elle apraz: de ſorte, que eſtá em practica tomarlhes tudo na hora, que lhe dá na vontade, e vendellos tambem ſe lhe parece.

Naõ ouve tanta diligencia no edificio da Igreja, como o Vigairo quizera: e por naõ tardar de ſua parte nos officios de devaçaõ, determinou aſſentar a confraria do Roſario, antes de ſer de todo acabada. Ordenou huma prociſſaõ: diſſe ſua Miſſa cantada com muſica, e charamellas do uzo de Portugal: prégou, e declarou ao povo os privilegios, e perdoens. Aſſiſtio elRey, e mandouſe aſſentar por confrade com vinte mil reis de eſmolla na moeda dos ſeus buzios, que atraz fica dito o que ſaõ, e ſua valia. O Duque de Bamba foy ſegundo em ſe aſſentar com eſmolla igual, e logo ſeguiraõ todos os nobres com ſuas eſmollas; porque ſaõ grandemente pontuais em ſeguir o que vem a ſeu Rey fazer, havendo que o agradaõ. Mandou elRey a hum primo ſeu, que foſſe Juis da Confraria, e o Duque de Bamba Procurador. Começavaſe a entender no apoſento dos Frades, quando o Inimigo commum envejoſo do bem eſpiritual, que ſe hia dando a conhecer na Cidade, atalhou tudo com huma traça do Inferno: era muito valido d'elRey hum Sacerdote crioulo, (aſſi chamaõ lá os que tem miſtura de dous ſangues: e como raramente eſta maſſa inclina pera a melhor parte, ſegundo o que de ordinario vemos) homem vicioſo publicamente. Eſte tanto que vio em Congo Religioſos Letrados, e Prégadores, e de virtude exemplar, e notou em elRey inclinaçaõ pera elles, deuſe por perdido, fazendo conta, que quanto creſceſſem em authoridade, deminuiria a ſua; e como era idiota, nenhum lugar lhe ficaria com elle. Tanta força teve eſte ciume avivado do meſtre de toda a maldade, que com ver já dous enterrados, e o Vigairo combatido de crueis febres, naõ lhe ſofreo o cora-

ção esperar sua morte; e tanto soube fazer, como o pobre Rey lhe era muito sujeito, e de natureza facil de enganar, que quando o Vigairo cuidava ter Mosteiro feito, foylhe faltando nos Ministros Reays a despeza pera os officiaes da obra, com ser pouco custosa. O mesmo Rey naõ apparecia nella como dantes, e a poucos lances foylhe faltando tambem a elle a porçaõ, que se lhe dava pera seu prato ordinario. Sentiose o Vigairo, fez suas diligencias, chegou a requerimentos, e por naõ parecer pesado, ou importuno em pedir, começou a viver de emprestimo, e andar por casas dos Portuguezes: e assi perseverava por naõ faltar na obrigaçaõ, que alli o trouxera. Aggravouselhe a doença com o disgosto dissimulado, determinou desabafar, mandoulhe dizer, que pois seguia conselhos perversos contra o que devia a elRey de Portugal, que alli o enviara, e contra o bem espiritual de seus vassallos, e contra sy mesmo negando a sustentaçaõ a quem de taõ longe o viera servir, elle se queria hir aonde tivesse remedio de vida. Só lhe pedia que pera ter com que passar o caminho quizesse comprarlhe os livros, que pera o servir trouxera consigo. Era o valido o que dava, e recebia os recados: alegre de ver refructificar sua traça, fez pagar os livros; e o Vigairo se passou a Angola, e daly pollo Brasil a este Reyno, onde vive, e he Vigairo das Freiras de Montemór o Novo quando isto escreviamos.

CAPITULO XIV.

Fundaçaõ do Mosteiro de Sancta Anna de Leyria: contaõse particulares virtudes de algumas Religiosas delle.

Dom Joaõ Coutinho Conde de Marialva acompanhou a elRey Dom Affonso Quinto na jornada que fez sobre Arzilla em Africa no anno de 1471. e no combate, com que foy tomada a terra, se meteo nos Mouros taõ denodadamente peleijando, que ficou atravessado, e morto de muitas, e grandes feridas. De que foy bom testemunho o termo com que elRey honrou sua memoria, que foy armar cavaleiro sobre seu corpo ao Principe Dom Joaõ seu filho, e dizerlhe por fim da cerimonia, que Deos o fizesse taõ bom cavaleiro, como o fora quem alli jazia. Era sua mulher Dona Catherina Condessa de Loulé, filha de Dom Fernando segundo Duque de Bragança. Esta Senhora ficou viuva, e sem filhos: e como se vio em tal estado, determinou consagrar a Deos todos os bens, que possuhia, fundando com elles hum Mosteiro de Freiras da Observancia de S. Domingos. Escolheo o lugar na Cidade de Leyria, e comprou junto do Rio, que a rega, todo o sitio em que hoje está, que ouve de Lopo Peixoto, e Isabel de Lemos sua mulher. Edificouse o Mosteiro de vagar, e entre tanto foy negoceando as licenças de Roma pera lhe virem dar principio sinco Religiosas do Mosteiro de Jesus de Aveiro, por meyo do

Padre Frey Joaõ de Aveiro Vigairo geral da Obfervancia. Paſſou o Breve da licença o Papa Alexandre Sexto no anno de 1494. e nelle faz tanta honra às fundadoras, que chama Hierusalem à caſa de que eraõ filhas. Foraõ eſtas Madres Sor Maria Diz, que logo foy inſtituida Prioreſſa, Sor Tareja Fernandes de Albuquerque, Sor Ines Annes, Sor Maria Peſſoa, e Sor Iſabel Vaz: e tomaraõ poſſe da caſa no anno ſeguinte de 1495. Mas porque havia algumas obras por acabar importantes, naõ comeſſou a correr em clauſura, ſenaõ tres annos deſpois, que foy por fim de Março de 1498. e deſte tempo lhe damos ſua antiguidade. Entraraõ no meſmo dia algumas Noviças, e começaraõ todas huma vida do Ceo, com tanto rigor, e auſteridade, que as Noviças deraõ em breve moſtras de ſerem mais, que diſcipulas na Religiaõ, do que foy bom teſtemunho ſerem buſcadas pera Fundadoras doutros Moſteiros, como logo veremos. Neſte principio admittiraõ as Madres na clauſura tres eſcravas por conſolaçaõ da Condeſſa, que as amava, e as deu pera que as Religioſas entendeſſem ſómente no eſſencial da Religiaõ, e ſerem ſervidas pollas eſcravas.

1494.

1495.

1498.

Deixou a Condeſſa a eſta Caſa todo ſeu patrimonio, bens de raiz, e moveis, ſem nada exceptuar, e mandouſe enterrar nella. As palavras do Teſtamento ſaõ de ver, dizem aſſi.

DEixo, e faço meus herdeiros minha alma, e o Moſteiro de Sancta Anna de Leyria, pera cuja fabrica, fazimento, e ſoportamento das Religioſas, que nelle viverem, e ſervirem a Noſſo Senhor, deixo toda minha fazenda, e bens, aſſi moveis, como raiz, ſegundo a mym pertencem, e de direito devem pertencer, e inteiramente lhe ſejaõ entregues, e hajaõ, e poſſuaõ pera ſempre pera o que dito he: porque de todo faço doaçaõ livre, e izenta à dita Caſa; porque nella haja continua obrigaçaõ, e lembrança de mym, e roguem a Deos por minha alma. Pollo qual lhes peço ſempre eſpecial memoria, e a Caſa ſeja de Freiras de S. Domingos da Obſervancia. Todo o aſſento do Moſteiro de Sancta Anna, e quanto ſe contém do cerco pera dentro, e a vinha que eſtá fóra delle, tudo he meu proprio: e eu o comprey, e paguey ametade a Lopo Peixoto, e a outra a Iſabel de Lemos ſua mulher, e a quinta da Barroſa com todo o que lhe pertence, e outras muitas terras, e olivaes. Todo o movel, todos os ornamentos, cruzes, calices, e toda a prata, que tenho ordenada pera a Capella, panos

de

de armar, tapeçaria, nada disto se venda, ou troque, nem dê, nem desbarate. Porque minha vontade he tudo assi ficar pera o dito Mosteiro, no qual me enterrarão dentro no Capitulo, ou na Capella mór, se inda naõ for feito. Peço por mercê a todos de minha geraçaõ, que pollo de Deos, e por meu respeito hajaõ sempre esta casa de Sancta Anna em sua encomenda, e no que poderem, a emparem, e ajudem, quando forem requeridos, e naõ consintaõ lhe ser feito nenhum aggravo, nem sem razaõ. E nisto faraõ o que ante Deos, e a cerca do mundo delles se espera, e a mym faraõ muita mercê, por ser cousa que mais dezejo. Deixo por meu testamenteiro ao Frey Joaõ de Braga Prior de Aveiro, e meu Confessor.

Quinze annos viveo, e governou a primeira Prioressa Sor Maria Diz, com grande louvor de estreita observancia, e com a mesma se ouveraõ duas companheiras suas, que apoz ella serviraõ o mesmo cargo, que foraõ a Madre Tareja Fernandes d'Albuquerque, e despois Sor Isabel Vaz. Assi sendo companheiras em tudo, foraõ exemplo de perfeiçaõ pera as successoras.

Entre as primeiras Noviças achamos contada Sor I sabel Lopez: fora criada em casa da Raynha D. Leonor: e trouxera da vida do Paço, conhecer quanto mais certo emprego he o que se faz no serviço de Deos, que no dos Principes da terra; sendo assi que se querem venerados, e estremecidos, naõ sendo mais que huma pouca de terra, acabando depressa, e fazendo pouco por quem melhor os servem, assi vivia com hum estranho cuidado de agradar a Deos naõ faltando até o dia, que acabou, que foy por estrema velhice em nenhuma das obrigaçoens da Regra, ajuntando apertados jejuns, aos ordinarios, e duras penitencias às quotidianas da Ordem, com huma entranhavel devaçaõ à sagrada Paixaõ. Outras muitas cousas se viaõ nella, que a faziaõ venerar, e aver por sancta: porque eraõ espantosas, e fóra do curso natural: mas ficando assi em grosso esta tradiçaõ, perdeuse a memoria das particularidades, ficando só de huma, que com ser em materia de pouca importancia, todavia faz maravilha. Quiz rezar de noite hum Psalteryo, por huma amiga defuncta, foy a prover o candieiro de azeite, e a caso lançou maõ de hum vaso em que tinha arrobe, e encheo delle o candieiro sem cahir no que fazia. E foy assi, que o licor da vide, como se fora de Oliveira, alimentou a candeya com taõ boa luz, e claridade, que sem lhe sentir differença, rezou, e fez outros serviços, e durou tanto no candieiro, que

o vi-

o viraõ no dia seguinte, e festejaraõ o descuido com riso; mas o successo com espanto. Veyo a acabar esta Madre com huma morte muito bem assombrada, e semelhante à vida, morte de sancta. Desatouse, e separouse por sy a companhia daquelle corpo, e alma, mais com força de antiguidade, e velhice, que de doença. Ella se foy rindo; Satanaz ficou chorando, quero dizer rayvando, e dando bramidos de dor; disformes, e medonhos, polla que recebe de nosso bem, que foraõ ouvidos por todas as Madres com assaz pavor, e por algumas pessoas de fóra, e julgados por infernais. Tal opiniaõ se tinha de sua sanctidade, que naõ duvidavaõ seria odiosa sua morte ao Demonio: e pollo mesmo caso quando alguma adoecia, se valia confiadamente da terra de sua sepultura: e o mesmo faziaõ os seculares da Cidade; e huns, e outros affirmavaõ, que achavaõ remedio em tal mezinha.

Doutrina he do grande Agostinho, que se alegra Lucifer quando hum Sancto cahe, ou deixa o caminho da virtude. Bem se segue logo, que arderá em novas chamas de sentimento, quando vir almas constantes em amor Divino até o ultimo termo da vida: como foraõ as Madres Sor Isabel, de que acabamos de contar, e Sor Catherina do Evangelista, de que agora diremos. Esta Religiosa, sendo subdita, e despois Prelada do Convento, procedeo sempre com grande cuidado de sua alma: e foy em toda a vida taõ verdadeira filha de S. Domingos, que naõ havia quem lhe achasse nem huma minima tacha nos costumes, nem em seu trato. Quando veyo a fallecer ouviraõse por toda a casa outros roncos temerosos, como na morte de Sor Isabel, com significaçaõ horrenda de sentimento; e as Madres cahindo bem na conta do que ouviaõ, diziaõ com alegria, que eraõ effeitos, da magoa, e despeito, com que Deos permittia serem de novo os Demonios atormentados, vendo, que huma fraca mulher em virtude do sangue de Christo alcançava com valor, e humildade, o que elles sendo taõ valentes perderaõ por soberba.

No segundo anno despois da profissaõ foy gozar o premio della a Madre Sor Isabel Ferreira. Contase, que foy das primeiras Noviças, que povoaraõ a casa, e soubese tambem aproveitar da doutrina de suas Mestras, e Fundadoras, que nos dezoito annos de idade, em que falleceo, era havida por hum espelho de toda a virtude: e com isto escusamos particularizar as excellencias, que tinha em cada huma. Deraõ testemunho dellas seus Confessores, que affirmaraõ naõ lhe ouvirem nunca culpa mortal. Deraõ testemunho os Anjos com musica de vozes, e instrumentos, que foy ouvida de muitas Religiosas, que a acompanharaõ em seu felice transito. Em fim testemunhou a terra em que foy sepultada tanto em favor da pureza, que em seu gremio recebia, que desda hora que a tocou ficou aquelle pó transformado em flores: porque naõ sahia delle menos, que se estiveraõ juntos, muitos ramalhetes

tes de boninas cheirosas, e particularmente violas. E ainda hoje ha quem affirme, que lança de sy o mesmo cheiro: e tambem se diz, que sararaõ alguns enfermos da Cidade com a terra, que mandaraõ levar da cova.

A Madre Sor Catherina Nunes fez huma vida taõ penitente, que pera homem robustissimo, e criado no deserto fora incomportavel. Naõ lhe passava dia sem tomar disciplina, e à quarta, e sesta feiras tomava tres à imitaçaõ de nosso Padre S. Domingos: e porque os cordeis só por sy por asperos, que sejaõ, passados os primeiros golpes, ficaõ pouco penosos: despois que com elles se castigava bom espaço, começava novo castigo com disciplina de rosetas, que dando sobre a carne mohida da primeira, faziaõ correr o sangue em rios. Despois de professa nunca dormio em cama, e sempre andou descalça. Assi veyo a perder a côr natural, fezselhe a tez do rosto negra, de pisado, e queimado, e naõ parecia mulher branca. Ajuntavase andar unida com Deos em perpetua oraçaõ mental, e na vocal ser taõ continua, além das horas do Choro, que todas as noites rezava hum Psalteyro, e nestes exercicios nunca interpollados acabou ditosamente a vida.

CAPITULO XV.

Das Madres Sor Brites Aranha, Sor Antonia de Teive, Sor Mecia primeira, e Sor Mecia segunda, Sor Maria de Goes, e outras.

DOus triennios achamos, que foy Prioressa a Madre Sor Brites Aranha, e muitos annos Mestra de Noviças: e tal foy a doutrina, que em todo tempo deu, que o seu exemplo era prégaçaõ viva, a sua oraçaõ, as suas penitencias fallavaõ por ella, de sorte, que naõ tinhaõ as discipulas, e subditas, pera que ouvir seus capitulos, senaõ só olhar pera ella. A primeira cousa, em que mais vigilancia mostrava, era na guarda das Constituiçoens: que de balde encomendara observancia, quem naõ for observante, e naõ só levemente, senaõ com rigor. As quaresmas levava inteiras a paõ, e agoa: e assi as sestas feiras por toda a roda do anno. Cama naõ teve nunca, tanto por se mortificar, como porque o tempo, que della se havia de servir, gastava em oraçaõ no Choro, onde era mais moradora, que no leyto, nem na cella. A oraçaõ acompanhava sempre com lagrimas, e com muitas disciplinas de sangue: que porque o naõ podia dar á Deos por via de martyrio, como eraõ seus dezejos, contentavase com lho offerecer por suas mãos derramado. Mostrou o Senhor, que lhe chegava ao Ceo o cheiro de tal sacrificio, e pagoulho com permittir, que a terra, em que foy sepultada, sendo despois a casa tomada nas

mãos,

mãos, cheirasse a rosas, e ficasse muito tempo nella esta qualidade experimentada, e provada por todas as Religiosas com espanto.

Temos na Madre Sor Antonia de Teive outra maravilha como a dos ossos de Eliseu; que despois de morto fizeraõ seus ossos effeitos de Profeta vivo. Era havida por muito sancta em vida, mostrou sello ao certo despois de morta. Succedeo a cabo de muitos annos abrirse a sua cova pera servir a outra Religiosa defuncta: ao cerrar, como he ordinario, sobejou terra; e ficou nella hum ossinho dos mais meudos do corpo humano. Era presente huma Madre velha, que conhecera a defuncta antiga, lançou maõ delle com tanto alvoroço, como se achara huma pedra preciosa: e naõ se enganou; porque mandandoo a alguns enfermos, se provou, e soube de certo, que fizera em todos obra milagrosa.

Na Madre Sor Mecia, de quem as memorias antigas nos naõ daõ sobrenome, apontando só, que era nobre, quiz mostrar o Senhor quanto o agrada em quem o serve o cuidado da oraçaõ, e contemplaçaõ. Tinha muitas virtudes; mas sobre todas, todo seu emprego, e todo seu gosto era nestas. Esqueciase de tudo o da vida na hora, que se achava diante de huma devota Senhora da Piedade, que na casa havia de vulto, sentada ao pé da Cruz com o defuncto Jesus nos braços. Dezejava sentir com ella os fios da espada, que naquelle passo atravessavaõ sua affligidissima alma. Chorava com vivas lagrimas as magoas da mãy, e as dores, e morte do filho, e os peccados do mundo, que de tudo foraõ causa; e este era seu paõ quotidiano. Hum dia estando toda embebida, e como transportada nesta consideraçaõ, acompanhandoa com entranhavel sentimento: eis que subitamente vê posto em seus braços o bom Jesus, assi ferido, e chagado, e morto, como estava nos braços da Mãy Sagrada. Grande misericordia, soberano favor. Constanos do successo com certeza; porque se verificou por via em que naõ havia engano; mas naõ ficou em memoria, como se ouve nelle a humilde, e contemplativa Madre.

Doutra Madre do mesmo nome, e tambem sem declaraçaõ de apellido, mas com certeza de que foy igualmente nobre, e Prioressa nesta Casa, nos dizem caso estranho as relaçoens antigas. Affirmaõ, que em sua morte foy ouvida celestial musica: e com isto escusamos especificar as partes de virtude, e espiritu, que tanta honra lhe renderaõ; porque todas ficaõ como cifradas nella. Nas Religiosas dobrou as saudades, vendo, que perdiaõ ellas o mesmo em que o Ceo pollos sinais mostrava ganhar muito.

Com semelhantes penhores de gloria vio este Mosteiro partir da vida a Madre Sor Maria de Goes. Foy esta Religiosa hum dos raros espiritus em pureza de consciencia, e na guarda do que tinha professado, que na Ordem de S. Domingos se criaraõ: e como era unica em tudo o que de huma essencial Religiosa se póde, e deve esperar, passaõ os que della trataõ pollo particular de suas

virtu-

virtudes, e assaz nos deixaraõ nesta generalidade. Só ajuntaõ, que era com encarecimento devota da gloriosa Sancta Anna: e que de toda a Communidade era em tanto extremo respeitada, que passava o respeito a veneraçaõ. Vindo a fallecer em grande velhice, estava cercada de todas, e todas muito sentidas de haverem de ficar privadas da que tinhaõ por mãy na idade, e emparo na virtude. Eis que lhes fora às orelhas hum som de orgãos taõ acordado, e suave, que grandemente deleytava; mas pollo mesmo caso, por ser em tal conjunçaõ, escandalizou; e ficaraõ em lembrança os nomes de duas Madres, que com sentimento se levantaraõ, e foraõ correndo ao Choro, pera reprenderem quem em ponto, que se deviaõ desconsoladas lagrimas, tinha mãos pera instrumentos de alegria. Chamavaõse Sor Madalena de Jesus, e Sor Briolanja das Chagas: porém tornaraõ mais admiradas, do que foraõ sentidas; porque acharaõ tudo só, e sem rasto de se haver aberto o Orgaõ. Assentaraõ se com as irmãs, que acompanhavaõ a sancta Velha; e naõ eraõ bem assentadas, quando torna a soar a mesma armonia, e naõ cessou até, que despedindose a bemdita alma do corpo, e voando pera o Ceo a levou consigo.

Da Madre Sor Anna Brandoa se teve por certo, e sem duvida em toda a Communidade, que foy visitada na hora da morte de nossos Padres S. Domingos, e S. Francisco. Foy sinal antecipado desta honra além de outros huma vida toda entregue a Deos, sem nunca desviar pera cousas do mundo, e grande devaçaõ com estes Sanctos. Foy o segundo o que deraõ os Demonios com terremotos, e medos, que na mesma hora fizeraõ em casa, como esbravejando com ira, e enveja, ao modo que tinhaõ feito na morte das Madres Sor Isabel Lopez, e Sor Catherina do Evangelista.

Merece memoria nestes escritos a Madre Sor Elena da Cunha por particular louvor, que teve de grande penitente, porque padecendo grandes miserias, e immenso trabalho com hum Cancro aberto, que lhe comia os peitos, naõ podia acabar consigo deixar da maõ a disciplina, e fazer penitenciae de grande aspereza. Dizia qu, o Cancro era mal da naturezas e doença forçada; e por tanto naõ desobrigava de lhe juntar penitencia voluntaria. Era devotissima da Paixaõ, considerava as dores dos pés, e mãos do Bemdito Jesus. Tudo quanto padecia, e fazia, lhe parecia pouco à vista da Cruz. Como tinha espiritu pera sofrer tanto, quiz a Communidade, que provasse tambem o trabalho de governar; deraõlhe o de Prelada, que administrou com a satisfaçaõ, que de sua virtude se tinhaõ prometido.

Muitas outras Religiosas deixaraõ fama de grande sanctidade nesta Casa: mas como naõ ouve quem dellas escrevesse, como fizeraõ as Madres de Jesus de Aveiro, foy o tempo escurecendo seus nomes, e obras: e esta he a causa, porque sendo taõ antiga, e fundada na Observancia, que com muito cuidado seguio, achamos delle pouco, que escrever: e o que

temos dito colhemos polla mór parte de algumas Madres muito velhas, que com o zelo da Religiaõ conſervavaõ com firme memoria as obras, e exemplos ſanctos, que tinhaõ viſto, e ouvido em longos annos: entre as quais devemos lembrança à Madre Sor Mecia Brandoa, que deſpois, que huma vez foy Prioreſſa, ficou logrando muito tempo vida quieta, e ſimples, com grande opiniaõ de virtude, e todas as vezes, que ſe offerecia occaſiaõ animava as moças com o muito, que neſta Caſa vira, e ouvira.

De tudo foy bom teſtemunho, que poucos annos deſpois de fundada a Caſa, mandou tres Religioſas a fundar o Moſteiro de Noſſa Senhora da Saudaçaõ de Montemór o Novo: e foy com ellas a Madre Iſabel Vaz huma das Fundadoras deſte. Foraõ as duas Sor Catherina de Goes, e Sor Catherina Soagem.

De ordinario ſe ſuſtentaõ aqui ſetenta Religioſas, numero demaſiado, porque a renda de dinheiro naõ chega a cem mil reis: de trigo, e azeite tem boa quantidade; e eſta junta com a barateza da terra, faz que poſſaõ viver; mas naõ ſem trabalho, e empenhos. Tiveraõ muitas, e boas propriedades; de que humas ſe foraõ perdendo com o tempo, que tudo deſtrue; outras alienou a liberalidade mal conſiderada das Preladas, com boa tençaõ mais que culpa.

Merecenos ficar em memoria neſtes eſcritos huma nobre Dona deſta Cidade por nome Iſabel de Lemos, taõ devota do habito de S. Domingos, que toda a vida o trouxe veſtido, e taõ affeiçoada polla meſma rezaõ a eſte Moſteiro, que ſendo muito rica, lhe deixou por ſua morte quanto poſſuhia; e mandandoſe enterrar na Capella mór, antevio com bom juizo, ou quaſi adevinhou, que podia vir tempo em que com ella deſpejada poderiaõ as Madres ganhar alguma grande herança; e ordenou a eſte reſpeito, que foſſe ſua ſepultura detraz do Altar mór. A herança he couſa ſabida, foraõ quatro caſais, tres olivais, tres moinhos, huns pinhais, e humas caſas, e muito bom movel. E com dar tanto, contentouſe com a Miſſa Conventual da ſegunda feira de cada ſemana, e hum officio de nove liçoens, com ſua Miſſa cantada no Oitavario dos Sanctos. A herança grande, que eſta boa Dona antevio, tardou muitos annos; e emfim chegou no de 1626. em que iſto eſcreviamos, e foy Deos ſervido, que foſſe de peſſoa da Caſa de Bargança, pera que os meyos ſeguiſſem ſua origem, e principios, e ſe cumpriſſem os dezejos da fundadora, e encomenda, que por teſtamento fez a herança. A Senhora Duqueza de Caminha Dona Brites mulher do Duque Marquez de Villa Real, e filha do Duque de Bargança Dom Theodoſio, fallecendo em Leyria, eſcolheo ſua ſepultura entre eſtas Madres.

CAPI-

CAPITULO XVI.

Fundaçaõ do Convento de Nossa Senhora da Serra em Almeirim.

ENtra com o primeiro anno, que começa a correr o secular de mil, e quinhentos do Nascimento do Redemptor, o Convento da Serra de Almeirim. E como de humildes principios acontece muitas vezes sahirem cousas grandes: este que naõ teve por origem mais que huma pobre hermida, situada no meyo de huma charneca herma, e seca, he hoje Casa celebre em Religiaõ, e devaçaõ do povo, em affeiçaõ dos Reys, e em amor de toda a Nobreza do Reyno. Sua origem foy assi. Continuando pastores com seu gado a charneca, e correndo tudo, acharaõ na ladeira de hum monte entre descomposta penedia huma Imagem da Virgem Nossa Senhora, como segundo o que atraz deixamos escrito, se tem descuberto outras muitas neste Reyno, e por toda Espanha. Soube a devaçaõ montanheza estimar o achado: espertoua a Senhora com milagres, e beneficios: juntaraõse os que habitavaõ nos valles vezinhos, e se aproveitavaõ dos mattos pera seus gados, e criaçoens; levantaraõlhe hum pobre gasalhado no alto do monte. Do tempo, que se achou a Imagem, e foy edificada a hermida (como entre gente rustica) naõ ficou lembrança: só consta, que reynando elRey Dom Joaõ Segundo, já a casinha tinha nome, e era visitada, como os Reys começaraõ a continuar a estancia de Almeirim; estancia deleytosa nos mezes do Inverno com a occasiaõ da caça, que he muita, huma de veaçaõ, que offerece o monte na espessura dos bosques, e mattas: outra de volateria nos campos, que se estendem a perder de vista ao longo da montanha, e do grande Rio Tejo. Acontecia visitarem tambem a hermida, humas vezes á conta do exercicio da montaria, outras por devaçaõ. Succedendo o mesmo a elRey Dom Joaõ Segundo, teve tençaõ de a fazer de novo; e em parte onde custasse menos trabalho aos devotos os passos, que dessem pera a buscar: porque o monte era muito agro, e trabalhoso de subir. Atalhou a morte os bons pensamentos: mas naõ lhe tirou deixallos declarados no testamento, e encomendados a seu primo, e successor elRey Dom Manoel, particularizando, que se edificasse junto da fonte, e com gasalhado pera hum hermitaõ. Era o legado facil, e de gosto pera quem folgou de acudir com prompta execuçaõ a outros mais pesados: naõ só mandou fazer a casa, mas tratou de a ornar por muitos modos. Foy o primeiro darlhe hum retabolo, em que se mandou retratar com a Raynha Dona Maria; e despois todos seus filhos, e filhas, que hoje dura. O segundo nasceo do crescimento, que ouve na devaçaõ, e romagem, despois, que a mudança, e concerto se publicou na Comarca. Do que sendo elRey informado, e de alguns milagres, que a Senhora de novo fazia, quiz que ouvesse nella Sacerdotes perpetuos

tuos pera mais veneraçaõ da sancta Imagem, e consolaçaõ dos que a visitassem. Com este sancto fim fez Doaçaõ da casa à Ordem, pondolhe obrigaçaõ de ter nella continuos tres Sacerdotes, e huma Missa quotidiana, como he de ver de sua Carta Real, que he a que se segue.

Dom Manoel por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, da quem, e dalém, mar em Africa, Senhor da Conquista, navegaçaõ, e Comercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c. A quantos esta nossa Carta virem fazemos saber, que consirando nós como a casa de nossa Senhora da Serra de junto de Almeirim pudesse ser melhor provida, e nella as cousas do serviço de Nosso Senhor pudessem ser melhor feitas, e a cerca dellas pudesse haver quem melhor, e mais continuadamente a fizesse, e ministrasse, determinamos fazer da dita Casa esmolla ao Mosteiro de S. Domingos da nossa Villa de Sanctarem. Porém por esta presente Carta, por fazer graça, e mercê por esmolla ao Prior, Frades, e Convento do dito Mosteiro, lhe fazemos pura, e irrevogavel Doaçaõ deste dia pera todo sempre da dita Casa de nossa Senhora da Serra, com todo seu assento, e com todas as cousas de ornamentos, e quaesquer outras, que ate o presente nella estem, e tenhamos dadas pera o serviço da dita Casa, assi, e taõ inteiramente, como ella, e todo o que a ella he dotado, e ordenado nos pertence, e por qualquer maneira ao diante nos pertencer possa: com obrigaçaõ, que o dito Prior, e Frades, e Cenvento do dito Mosteiro sejaõ obrigados pera todo sempre ter continuadamente na dita Casa pera o serviço della, e pera os officios Divinos, e cousas do serviço de Nosso Senhor tres Frades, dos quais hum ao menos seja de Missa: e nella cada dia se diga ao menos huma missa, de qualquer devaçaõ, Sancto, ou Sancta, que elles mais quiserem: porque nesta parte naõ queremos, que tenhaõ obrigaçaõ alguma sómente. E se assi na dita Casa os ditos tres Frades naõ estiverem, e a dita missa senaõ disser na maneira que dito he, por esse mesmo caso esta Doaçaõ ficarà nenhuma: e a dita Casa, e cousas della ficaráõ livremente a

nós

nós pera della provermos, e fazermos o que noſſa mercê for, e aſſi como o era antes deſta Doaçaõ lhe fazermos. Porém mandamos ao noſſo Contador da dita Comarca, e ao noſſo Almoxarife de Almeirim, e a quaeſquer outros noſſos officiaes, e peſſoas a que eſta noſſa Carta for moſtrada, e o conhecimento della pertencer, que metaõ em poſſe da dita Caſa, e de todas as couſas della ao dito Prior, Frades, e Convento do dito Moſteiro, e della, e de todo o della os leixem uzar, e o poſſuir inteiramente, e fazer como de couſa propria da ſua Ordem, ſem duvida, nem embargo algum, que lhe a ello ponhaõ, porque nós lhe fazemos, aſſi de todo doaçaõ, e eſmolla pera todo ſempre com a dita obrigaçaõ na maneira, que dito he. E o dito noſſo Contador faça regiſtar eſta noſſa Carta em o livro dos noſſos proprios da dita Comarca pera em todo tempo ſe poder ſaber como eſta Doaçaõ aſſi fizemos. Dada em a noſſa Cidade de Lisboa aos 16. dias do mez de Abril. Alvaro Fernandes a fez, Anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto de mil quinhentos, e hum. Rey.

Por virtude deſta Proviſaõ tomaraõ poſſe da Caſa os Religioſos de Sanctarem, e foraõ em conformidade della correndo com a obrigaçaõ, até que paſſados alguns annos, hindo elRey hum dia viſitalla, lhe pedio o Principe Dom Joaõ, que o acompanhava em idade, que naõ era mais de onze annos, que lhe deixaſſe fazer alli hum Moſteiro da Ordem de S. Domingos. Eſtimou o Pay a inclinaçaõ do filho em annos taõ tenros, como pronoſtico certo daquelle grande zello, com que deſpois, que ſuccedeo na Coroa foy protector, e pay verdadeiro de todas as Religioens; e alegremente lhe deu a licença. Era de ver o cuidado com que naquella puericia emprendeo o Principe a obra: inda que naquelles tempos corriaõ rios de ouro, e prata, da groſſura, e valia das eſpeciarias, e drogas da India: tambem era de ver, como conſervavaõ os animos Reays a moderaçaõ antiga no deſpender. Acudiaõ elRey, e a Raynha ao gaſto da obra, e ao goſto do Principe; mas com temperança tal, que o Principe com facilidade de moço, e dezejo de ver creſcer o edificio, inda que pouco cuſtoſo, chegava a valerſe dos fidalgos, pedindolhes parte em ſuas moradias pera que ajudaſſem as paredes, que deſpois haviaõ de ſer commodidade, e recreaçaõ de todos, como na verdade foraõ logo, e pollos annos adiante: porque continuando o monte, hora em companhia dos Reys, hora ſós, quan-

quando acontecia tornarem cansados, e mohidos (que o mór passatempo da vida humana se compra no fim com quebrantamento do corpo, e fastio da vontade) achavaõ aqui alivio de trato cortez, e sancto, com Frades bem entendidos, letrados, e curiosos. E se era tempo invernoso, tinhaõ abrigo de casas recolhidas, e bom fogo nas chaminés. Estas diligencias fizeraõ aparecer depressa o Convento feito com todas suas partes, e commodidades, de cerca, e horta, e sua nora: porque a fonte, de que faz mençaõ o testamento d'elRey Dom Joaõ, era de taõ pouca substancia em quantidade, e qualidade da agoa, que os Frades a deixaraõ perder; e pera beberem se valem da agoa do Tejo, que recolhem a tempos em grandes talhas de barro. A nora serve pera regar a horta, e pera lhe fazer huma fonte de artefício, e recreaçaõ pera os olhos; porque as agoas desta charneca geralmente saõ grossas, e pouco sádias. O Convento ficou com o nome, que lhe deu o primeiro sitio de nossa Senhora da Serra, e he o mesmo, que o Senhor Bispo de Monopoli, quando trata de Portugal chama del Salto, foy culpa de quem lhe deu a informaçaõ, que a fez latina, e latinizou o nome mais do necessario.

Dos milagres, que se contavaõ da Senhora de tempos atraz, se perdeo a memoria particular, que se conservou com a occasiaõ de hum legado, que em testamento deixou Francisco Pirez lavrador d'alcunha o Gago. Tinha perdido de todo a vista, encomendouse a esta Senhora, cobrouá; em graças offereceolhe o que tinha de seu, que era huma vinha, que hoje logtaõ os Frades.

CAPITULO XVII.

Das indulgencias, que o Principe impetrou da Sé Apostolica pera o Convento: e da devaçaõ que elle, e os mais Reys deste Reyno lhe tiveraõ sempre.

NAõ se contentou o Principe com ver acabado o seu Mosteiro no material de pedra, e cal: procuroulhe renda commoda pera viverem os Frades: e sobre a que seu Pay deu, ajuntou outra despois, que succedeo na Coroa, com que se ficaraõ sustentando vinte Frades: mas primeiro tratou de bens espirituais: no mesmo tempo que corria a obra, e sendo taõ moço, como temos dito, mandou escrever ao Embaixador, que elRey tinha em Roma, que em seu nome pedisse algumas graças, e favores ecclesiasticos pera os que visitassem a casa, ou ajudassem o edificio, e Frades com esmollas. Condedeulhas o Summo Pontifice, que era Leaõ Decimo: e he de ver a Bulla; porque com ser liberalissimo de tudo o que era temporal, no que tocava ao espiritual de indulgencias, procedia com tanta estreiteza, que lhe naõ deu mais que sincoenta annos, e outras tantas quarentenas de perdaõ: e isto sómente em quatro festas da Senhora, que saõ Purificaçaõ, Annunciaçaõ, Assumpçaõ, e Nascimento: e na Epifania, precedendo confissaõ, e esmolla pera o Convento nos que as ouve-

ouverem de ganhar. A Bulla lançaremos aqui eſtendidamente: porque por ella ſe vê, que foy agencia do Principe, e conſta de ſua idade. A traduçaõ eſcuſaremos; viſto como temos declarado o que contém.

Leo Papa Decimus vniuerſis Chriſti fidelibus præſentes literas inſpecturis ſalutem, & Apoſtolicam benedictionem. Loca ſanctorum omnium, præſertim ſub Beatæ Mariæ Virginis Dei genitricis inuocatione inſtituta, pia ſunt fidelium deuctione celebranda; vt ipſam Dei genitricem honorantes in terris, nos amabiles Deo reddat, & illius nobis quodammodo patrocinium vendicantes apud ipſum, quod noſtra merita non obtinent, ejus mereamur interceſſionibus obtinere. Cum itaque, ſicut accepimus, dilectus filius nobilis vir Joannes Princeps Portugalliæ chariſſimi in Chriſto filij noſtri Emmanuelis Portugalliæ, & Algarbiorum Regis illuſtris natus, zelo deuotionis accenſus, ac cupiens Deo ejuſque genitrici Uirgini Mariæ primitias offerre, in quodam ejuſdem Beatæ Mariæ Uirginis ſacello, de ſerra nuncupato, Vlixbonenſis Diœceſis, magnæ quidem deuotionis, ac peregrinorum eó confluentium frequentia percelebri, quandam domum pro perpetuis vſu, & habitatione Fratrum Ordinis Prædicatorum regularis obſeruantiæ amplo ædificio omni opera, & impendio conſtrui, & ædificari fecerit, illamque pro eorundem Fratrum ſuſtentatione, reditibus ſatis competentibus ditauerit: Nos cupientes, vt in dicta domo Dei deuotio, & loci celebritas frequentiori Chriſti fidelibus concurſu magis augeatur, nec non Chriſti ipſi libentius deuotionis cauſa ad domus hujuſmodi ampliationem, conſtructionem, manutentionem, conſeruationem, & reparationem, nec non Fratrum ejuſdem ſuſtentationem, manus promptius porrigant adiutrices, quò ex hoc ibidem dono cæleſtis gratiæ vberius conſpexerint ſe refertos: de Omnipotentis Dei miſericordia, ac beatorum Petri, & Pauli Apoſtolorum ejus authoritate confiſi omnibus, & ſingulis Chriſti fidelibus verè pænitentibus, & confeſſis, qui eccleſiam dictæ domus in Epiphaniæ Domini, Purificationis, Annuntiationis, Aſſumptionis, atque Natiuitatis

tis Beatæ Virginis festiuitatum diebus, à primis vesperis, vsque ad occasum Solis sequentium dierum dictarum festiuitatum respectiuè deuoté visitauerint, & ad constructionem, ampliationem, manutentionem, conseruationem, & reparationem, nec non sustentationem prædictas, manus porrexerint adjutrices, quinquaginta annos, & totidem quadragenas de injunctis eis pænitentijs misericorditer in Domino relaxamus, præsentibus perpetuis futuris temporibus duraturis. Uolumus autem quod, si visitantibus dictam Ecclesiam, & ad præmissa manus porrigentibus adjutrices, aut aliás inibi, aliqua alia in perpetuum, vel ad certum tempus nondum elapsum duratura, per nos concessa fuerit indulgentia, præsentes literæ nullius sint roboris, vel momenti. Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub annulo Piscatoris die X. Maij. M.D.XIIII. Pontificatus nostri anno secundo.

Como em todos, os que vivemos, se ache sempre muy pegada com nossa natureza aquella inclinaçaõ, que os Gregos chamaõ filaucia, em nós amor proprio, daqui nasce contentarse todo o homem das obras de suas mãos, e amallas; que he a mesma rezaõ, por onde naõ ha ninguem, a quem pareça mal o filho, que gerou, por feyo que seja, reprove o livro que escreveo, condene o verso que compoz. Amou elRey D. Joaõ esta Casa em quanto Principe, como procedida de sua traça, e devaçaõ; e naõ lhe foy desaffeiçoado despois de Rey, com quanto fez outras muito mayores em policia, despeza, e corpo. Aqui se vinha, como estava em Almeirim; e pera melhor gozar da estancia sem perturbaçaõ dos Religiosos, e officios da Religiaõ, mandou acrescentar ao edificio fradesco outro pera sy; porém moderado, e como casa de campo: e tanto que o teve feito continuava com mais gosto, e com grande consolaçaõ dos Religiosos, que estimavaõ terem por testemunha de seus trabalhos, e de taõ perto, seu proprio Rey, e Rey taõ religioso.

A mesma affeiçaõ mostrou sempre a esta Casa o Cardeal Dom Henrique seu irmaõ, que despois foy ultimo Rey deste Reyno. Achavase taõ bem disposto nella, que affirmava era o sitio muito conforme à sua natureza, e complexaõ. E foy bom indicio, que naõ se contentando de estar retratado com seu pay, e irmãos no retabolo da Capella mór em idade pueril, se mandou retratar despois de velho, diante do Crucifixo do Altar de Jesus; que he no cruzeiro, onde o vemos de joelhos, e bem ao natural. Apoz esta memoria deixou outra, dando ao Convento huma Cruz de prata dourada, com huma fermosa reliquia inclusa, que he outra

outra Cruz feita do Lenho da verdadeira Cruz de Christo.

Naõ lhe teve menos devaçaõ elRey Dom Sebastiaõ: nem tratava com menos affabilidade os Religiosos della: e pera nos ficar de huma, e outra cousa eterna memoria, e saudade, succedeo, que trazendose seus ossos de Africa por ordem d'elRey Dom Felippe Primeiro de Portugal pera se juntarem em Belem com os de seu Pay, e avós, viessem primeiro parar aqui. Acudiraõ os Frades a receber feito cinza, quem poucos annos antes agasalhavaõ vivo, saõ, e alegre; entaõ com festa, e cantos de gosto: agora com vozes funerarias. Tal foy o aballo, que esta consideraçaõ fez em todos (eraõ desasete os que se acharaõ no Convento) que naõ ouve nenhum, a quem naõ cortasse o coraçaõ, e do centro delle arrancasse desconsoladas lagrimas. Era presente Dom Affonso de Castello Branco Bispo do Algarve (despois o foy de Coimbra) que governava esta Companhia com muitos fidalgos, que cubertos de tristeza o acompanhavaõ: e os mais delles se lembravaõ, que o tinhaõ acompanhado, e trazido alli mesmo muitas vezes com grande gosto, e trajos de alegria: cahiraõ na rezaõ, que aos Frades obrigava: renovouse em cada hum a chaga propria, foy pranto geral.

ElRey Dom Felippe o Primeiro deste nome em Portugal, segundo no resto de Espanha, folgou de se parecer com seus antecessores em honrar tambem esta Casa. E ainda que o peso dos negocios do Reyno novamente acquirido, e sua idade crescida, e quebrantada de achaques de gota, quasi continuos, lhe naõ deraõ lugar no tempo, que em Portugal assistio pera buscar por gosto as recreaçoens de Almeirim, e do monte: com tudo tomou occasiaõ pera ver o sitio, e entrar no Convento com a vinda da Emperatriz Dona Maria sua irmam. Vinha esta Senhora de Alemanha viuva do Emperador Maximiliano fallecido no anno de 1576. e atreveose a estender a jornada, vindo de taõ longe até este ultimo Occidente, por ver o irmaõ velho no Reyno novo. Sahio elRey de Lisboa a recebella: e porque a Emperatriz trazia o caminho por Coruche, tomou por limite este Mosteiro, e nelle esteve tres dias esperando que chegasse, e daqui se foraõ ambos embarcar a Salvaterra. Era Prior o Padre Frey Thomas Rebello religioso sizudo, e grave: ouvese elRey por bem servido delle, no que se offereceo, e ficou taõ satisfeito do que entendeo da Casa, que vendo muitos annos despois ao Mestre Frey Joaõ de Valadares em Madrid, aonde foy por negocios da Ordem, lhe fallou nella com significaçaõ de gosto mais de huma vez. E naõ he pera esquecer em prova de como a tinha na memoria, que fallando tambem com o Duque de Aveiro, lhe contou algumas vezes por graça o que lhe acontecera nella. Foy o caso, que os Ministros de sua meza do Estado, ou enganados na conta dos dias, que a Igreja tolhe carne, ou nos que Sua Magestade se poderia alli deter, se acharaõ huma menham sem ter que dar de comer a todo aquel-

le grande acompanhamento, que o ſeguia, por ſer obrigaçaõ, e dia de peixe. Sentioſe a falta, e chegou a noticia della a elRey: como ſenaõ podia remediar de longe, advertio elle, que ſe ſoccorreſſem ao Prior, que entre Frades de S. Domingos naõ podia faltar provimento de peſcado. Foy boa ventura, que tinha metido na procuraçaõ poucos dias antes, como ſe adevinhara o ſucceſſo, muitas peſcadas ſecas, e boa copia de litoens; deu tudo, como era em deſerto, ouveraõ os Cortezaõs, que fora banquete de milagre. Aſſi o contava o bom Rey: e ſendo aſſaz favor ſó por ſy a lembrança, montou deſpois ao Convento cento, e ſincoenta cruzados mais de renda, que hoje poſſue, e ſe lhe pagaõ na caſa, e rendas dos Conegos regulares de Sancta Cruz de Coimbra. Hia Sua Mageſtade remindo com pençoens Eccleſiaſticas, algumas quantias, que os Reys paſſados tinhaõ applicado do patrimonio Real aos Moſteiros do Reyno. Paſſavalhe tudo polla maõ, e peſava tudo com aquelle ſeu entendimento, que foy rariſſimo entre todos os Reys do mundo. Chegoulhe huma conſulta de muitos Conventos juntos, que haviaõ de largar o que comiaõ da Coroa. Achando entre elles eſte da Serra, mandou, que em todos os mais procedeſſe a commutaçaõ: e ſó elle ficaſſe gozando o que tinha da Coroa, que eraõ cento, e ſincoenta cruzados, e juntamente a pençaõ que lhe vinha ſinelada de outra tanta quantia, e aſſi ſe fez.

CAPITULO XVIII.

Da vida, e morte do Padre Frey Thomas da Coſta filho deſte Convento.

OUve neſta Caſa em tempos atraz criaçaõ de noviços, que hoje naõ ha; e temos que dizer de hum inſigne filho della, e tal, que naõ ha pera que ſentirmos faltaremlhe outros; porque eſte ſó pera lhe dar nome, e honra ſupre por muitos. Foy o Padre Frey Thomas da Coſta Varaõ taõ famoſo em letras, e pulpito, que elRey Dom Joaõ o eſcolheo por ſeu Prégador em tempo, que neſtas duas qualidades havia muitos homens eminentes. Mas o que mais honra lhe grangeava, era naõ ſer a ſua ſciencia daquellas, que inchaõ, e enchem de preſunçaõ a ſeus donos. Tanta humildade morava em ſeu coraçaõ, que nunca quiz aceitar na Ordem gráo de Meſtre: nem por tal ſe nomeou; ſendo aſſi, que elRey o nomeava por Meſtre todas as vezes, que lhe eſcrevia, ou fallava. E na verdade, que os Reys graduaõ, e podem graduar os que lhe parecerem dignos, como fazem as Univerſidades, polla meſma rezaõ, que dellas ſaõ Pays, e Protectores. Era taõ pouco ambicioſo, que com ſer muito aceito a elRey, e aos Infantes ſeus irmãos, affirmaſe delle, que nunca entrou no Paço a outro effeito mais, que a prégar. Taõ pobre, que ſendo eſtimado de toda a Corte, naõ havia na ſua cella mais apparato, nem mais alfayas, que na de qualquer Frade ordina-

rio. A sua prégaçaõ tinha tudo junto o que a natureza, quando he liberal, parte por muitos, aviso, graça, elegancia, profundos conceitos, provas acertadas, muita liçaõ dos Santos, boa voz, boa expressiva: e sobre tudo huma liberdade Apostolica em amoestar, e reprender. Com estas partes, que acompanhava com religiaõ, e virtude mocissa, levava apoz sy toda a Corte, obrigava, e movia os ouvintes com facilidade a tudo o que queria: já a devaçaõ, que fazia derreter em lagrimas até os mais descompostos na vida: já a medo, que naõ havia quem naõ tremesse. E o que mais espanta, no breve espaço de hum sermaõ acontecia mover os animos a diversos, e às vezes encontrados affectos. Por onde lhe acommodavaõ com rezaõ o que se disse antigamente do outro Grego, que trazia os coraçoens dos homens dependurados da sua boca. Foy argumento de sua liberdade, dizer a elRey no rosto algumas verdades muy cruas, e pesadas. Assi diremos huma só, que foy celebrada, polla pena que lhe custou. Prégava na Capella, era dia de Cinza: propoz por thema: *Memento homo quia puluis es*, *&c.* e ajuntou: Que novas eu trago pera ser bem ouvido: e logo proseguio assi: Muito Alto, e muito Poderoso Rey, e Senhor nosso. Estas palavras querem dizer, que Vossa Alteza he pó, e cinza, e nella se ha de tornar muito brevemente. Devia haver entaõ causa, que obrigou ao Prégador a fazer particular o aviso, que a Igreja dá geral. Della naõ ficou lembrança. Só sabemos, que elRey mandou, que fosse degradado da Corte: porque ouve animos cativos, e pera pouco, que julgaraõ por atrevimento huma verdade, que dentro de poucos annos viraõ cumprida. Mas elRey era muito sabio, e juntamente brando, e humano: conhecia o zelo de Frey Thomas, esteve taõ longe de o tratar mal, que lhe assinou o desterro pera a mesma casa de que era filho, que foy conhecido mimo; e hindo hum dia a ella lhe fez honra de entrar na sua cella. Porém inda alli contaõ, que lhe naõ abateo o favor os espiritus. Fosse a caso, ou por conselho, tinha na cella huma estatua de estranho feitio, rosto seco como huma caveira, cabello crespo, e descomposto, o corpo meyo cuberto, ao parecer de hum couro cru, pernas, e braços nus, e como de huma notomia, que se lhe contavaõ os ossos, veyas, musculos, e toda envolta em cadeyas. Reparou elRey nella, e perguntou, que cousa era. Respondeo com o seu brio: Senhor, he o Bautista in vinculis por fallar verdade. Se isto foraõ indicios de animo zeloso, e livre, tambem puderamos referir muitos do aballo estranho, que faziaõ suas palavras nos ouvintes: digamos hum. Era fallecido elRey Dom Joaõ: havia tempos, que naõ prégava. Subio hum dia ao pulpito, acudiolhe a Cidade toda. Estendeo os olhos pollo auditorio, que era o mesmo, que sempre o seguia; vio que lhe faltava o mayor, e melhor ouvinte: levantou a voz, e disse. Onde está elRey Dom Joaõ?

Tal foy o tom da voz, taõ grave, taõ sentido, tal o meneyo de rosto, e olhos, que arrebentaraõ em lagrimas, gemidos, e soluços quantos havia na Igreja, e foy o pranto taõ formado, que naõ ouve lugar pera dizer mais, e ficaraõ por sermaõ aquellas quatro palavras.

Dizem deste Padre, que sobre todos os Prégadores de seu tempo, foy inclinado a buscar o verdadeiro sentido literal da sagrada Escritura; e nenhum com mais agudeza o penetrava. Tinhalhe ensinado a continuaçaõ do pulpito, que como aquella letra foy dictada pollo Espiritu Sancto, assi cada palavra encerra em sy thezouros de altos mysterios. Isto se via em seus sermoens, e despois o mostrou em hum excellente Tractado, que deixou escrito, cujo titulo era: *Tropi insignes veteris, ac noui Testamenti, ejusdemque phrases.* Nelle pera exemplo tomava entre mãos alguns passos do texto Sagrado; e declaravaos com outros do mesmo, com tanto arteficio, e engenho, que juntamente deleytava, e doutrinava, e encaminhava os que seguem o pulpito, como se devem haver no estudo, que fazem pera elle. Naõ chegou o Tratado a luz da impressaõ. Desappareceo visto de poucos; e foy, que quem teve ventura pera se fazer senhor delle, como quem acha joya de preço, escondeoo, enterrouo, e guardouo só pera sy. O Bispo Dom Antonio Pinheiro, que o foy de Miranda primeiro, e despois de Leyria, sendo famoso, e eloquentissimo Prégador, pera declarar a ventagem, que a todos os de seu tempo levava o nosso Frey Thomas, uzava de huma comparaçaõ. Nós outros, dizia, comparados com este Dominico, somos tourinhos de capas, damos cem voltas ao corro, ninguem nos teme, quando muito levamos huma capa nos cornos; rasgamos huma capa velha: Frey Thomas he touro velho, arrimado a hum canto do corro, ninguem se lhe atreve, com os olhos faz guerra, com o recacho pavor: despejaselhe a praça, e se ha quem appareça, naõ dá carreira, que naõ faça sangue. Isto foy testemunho em materia de prégaçaõ: no das letras temos hum assaz famoso, de que se lembraõ os velhos, do nosso Eminentissimo Mestre, e Lente jubilado de Coimbra, o Padre Frey Luis de Souto Mayor. Declarava hum passo difficultoso da Escritura no mayor concurso daquella Universidade, que o seguia: por remate ajuntou palavras formais: E este he o verdadeiro sentido, porque o mesmo lhe ouvi dar ao grande Padre Frey Thomas da Costa.

Causoulhe a morte o mesmo Paço, de que sempre fugia, e que nunca buscava, senaõ forçado da obrigaçaõ do officio. Accendeuse hum dia em grande fervor prégando. Como era velho, e cansado, e o trabalho excedeo de ordinario, rebentoulhe huma veya no peito, começou a lançar muito sangue polla boca, que em fim o veyo a enterrar no Convento de Lisboa. Sentindo que o chamava a ultima hora, pedio o sancto Viatico, e antes de o receber, fez diante de toda a Communidade,

dade, que se juntou, huma practica, quais eraõ todas as suas, douta, eloquente, devota. Foy o intento manifestar o intento, que sempre tivera em suas prégaçoens, que fora aproveitar, mais que deleytar, reprehender vicios em commum, a ninguem em particular perseguir, nem tambem adular. Mostrou nesta hora como com canto de Cisne, que a Rhetorica com que admirava o mundo, as palavras, e acçaõ com que ornava, e representava o que dizia, naõ tinhaõ mais tempera, nem estudo de artefício, que a graça natural, graciosamente recebida do Autor da natureza: porque na verdade a hora naõ era de enfeitar rezoens, nem querer ganhar honra. Quando quiz morrer chamou os Noviços, que lhe rodeavaõ a cama; e com a mesma segurança, e gravidade, que costumava no pulpito, fezlhes huma breve collaçaõ, cheya de bons conselhos, e sancta doutrina: lembrandolhes por remate, como Prégador Evangelico, os intentos, que deviaõ ter na prégaçaõ, quando Deos os chegasse a subir ao pulpito. Foy seu transito dia da Visitaçaõ de nossa Senhora, anno de 1570. No dia seguinte, despois de dado à terra, amanheceo na parede da cabeceira de sua sepultura huma folha de papel grudada nella, em que estavaõ escritos huns versos latinos, que os Padres mandaraõ recolher, e guardar: porque, inda que nunca constou do Autor, sabiase com certeza ser secular; e sospeitavase, que seria outro Prégador d'elRey, grande seu devoto, e naõ inferior em letras, e pulpito; e polla mesma rezaõ me pareceó juntallos aqui: e saõ os seguintes.

1570.

O Bispo Pinheiro.

Hic, quamuis properes, tantisper siste viator,
Pauca legens nosces, quis jacet in tumulo.
Quem tectum saxo tam vili, & paupere cernis,
Stratumque albenti sub cruce, veste nigra:
Non tulit hæc ætas talem, non lapsa tulerunt,
Nec forsan terris sæcla futura dabunt.
Tres diros hostes, mundum, & cum carne Sathanam,
Impia deuicit monstra, Erebique duces.
Dæmona consilijs, mundum cruce, verbere carnem:
Cœlestis Patriæ Tartara vicit amor.
Mundus, homo, Dæmon, turba inscia cedere cedunt.
Legitimo victi non sine Marte tamen.
Sacra fides, spes firma, amor igneus arma dedere,
Almaque paupertas, obsequium, atque pudor.
Doctor erat summus, vulgique per ora volabat;
Nomina sed renuit vana Magistrerij.
Exosus famam, nesciri semper amauit,
Regales semper tardus inire domos.

Vox

Vox erat: Ite procul tituli, procul este Thiaræ,
Nota solo pestis gloria, plausus vbi.
Qui toties alios, toties se vicerat ipsum,
Vincitur, vt belli præmia possideat.
Vitales carpebat adhuc pater optimus auras,
Cum lachrymas cœpit fundere turba Patrum.
Ille autem dictis mœrentia pectora mulcens
Lumine per cunctos jam moribunda tulit.
Fratres, filioli, carni nunc debita soluo
Vltima, vt Omnipotens soluat, & ipse mihi.
Omnibus ætheriæ, qui munere vescimur auræ,
Est calcanda semel mortis acerba via.
Ire domum jubeor, peregrinaque linquere tecta,
Non possum magni spernere iussa Dei.
Non vos, filioli, non fratrum turba meorum,
Chara magis vita desero, verso solum.

Naõ damos o vulgar destes versos, porque o que contém he huma relaçaõ, e louvor das boas qualidades do defuncto, que já deixamos apontadas.

CAPITULO XX.

Fundaçaõ do Mosteiro de Freiras de nossa Senhora da Saudaçaõ de Montemór o Novo.

VIviaõ juntas pollos annos de nossa redempçaõ de mil, e quinhentos na nobre Villa de Montemôr o Novo, com grande recolhimento, e vida exemplar humas devotas mulheres da mesma Villa naturais: e com forma de Communidade reconheciaõ por cabeça huma companheira, cujo nome era Joanna Diz Quadrada. Morava na mesma terra Dona Mecia de Moura Senhora illustre viuva de Dom Nuno de Castro. Era rica de bens temporais, e naõ menos de virtudes, e amor de Deos: naõ tinha filhos, nem outro herdeiro forçado. Notando o bom termo, com que procediaõ Joanna Diz, e suas companheiras, foy imaginando fazer huma obra sancta, em que achava juntas muitas outras tambem sanctas. Foy a primeira fazer de sua casa, casa de Deos, fundando nella hum Mosteiro: foraõ as mais, agasalhar nella Joanna Diz, e as que a seguiaõ; e pois eraõ gente virtuosa, fazer que de congregaçaõ solta, e pouco ordenada, tivessem regra, e clausura, empregar sua fazenda na sustentaçaõ dellas, que era o mesmo, que offerecella a Deos: e emfim negocear recolhimento honrado pera sy em vida, e morte. Tratou o pensamento com Joanna Diz, foy ouvida della, e da companhia, como quem lhe dava embaixada do Ceo; e nenhuma de quantas cousas propoz refusaraõ. Tinha Dona Mecia

1500.

cia

cia hum assento nobre de casas em que vivia no alto do lugar dentro da cerca, e muros delle, com largueza de aposento, pateo, e quintaes, sitio capaz de hum grande Mosteiro. Passouas logo a elle, capitulando, que dentro em tres annos o comporiaõ em Mosteiro Observante, com sua clausura, e constituiçoens, e as licenças necessarias da Sé Apostolica; seria o titulo da Saudaçaõ de Nossa Senhora, que he o mesmo, que sua sagrada Annunciaçaõ. Mostrou Joanna Diz o gosto com que tinha aceitado o contracto, começando na mesma hora, que se vio de posse do sitio, abrir alicesses pera Igreja, e fórma de Mosteiro: e Dona Mecia entre tanto procurandolhe mayor acrescentamento, fez offerta delle a elRey Dom Manoel, pedindolhe o quizesse honrar, com se dar por seu Padroeiro, e Protector; e lhe nomear a Religiaõ que havia de seguir, na qual despois de huma vez recebida, naõ pudesse haver nunca mudança, nem entrar na clausura della mulher homiziada, ou que alguma cousa devesse à justiça: e neste ponto nenhum Prelado pudesse dispensar. Aceitou elRey a casa por sua, e com paternal benignidade todas as condiçoens por Dona Mecia propostas. O que primeiro fez despois de aceitada, foy mandar que desse a obediencia à Ordem de S. Domingos: o segundo negocear por seu Embaixador as licenças necessarias da Sé Apostolica, e do Mestre Geral da Ordem. Seguio a estes despachos, que naõ tardaraõ, o ultimo que mais convinha pera começar o exercicio da Religiaõ. Vieraõ por mandado do mesmo Rey, e ordem do Vigairo da Congregaçaõ reformada, tres Religiosas do Mosteiro de Sancta Anna de Leyria. Foraõ estas as Madres Sor Isabal Vaz, huma das sinco, que de Aveiro vieraõ fundar alli, como atraz contamos: e Sor Catherina Soagem, e Sor Felippa de Goes. Com sua vinda naõ quiz Dona Mecia tratar mais do mundo; recolheuse com ellas, e juntamente ouve licença d'elRey pera lhes doar toda sua fazenda, e a possuhirem, sem embargo das leys em contrario. A Provisaõ lhe mandou elRey passar em 16. de Mayo de 1506. e este anno tomamos por principio de antiguidade da Casa: por quanto naõ achamos memoria das que as licenças de Roma foraõ despachadas, nem o dia certo em que chegaraõ de Leyria as Fundadoras. Por virtude das licenças d'elRey dotou Dona Mecia às Religiosas sinco herdades, que rendem dezanove moyos de trigo, e oito, e meyo de cevada, e muitas pitanças: e na mesma Escritura faz declaraçaõ das casas, que já possuhiaõ.

1506.

Dotoulhes mais vinte quatro mil reis de renda em dinheiro. Assi deu esta Senhora o casco da Casa, e a sustentaçaõ, e com tal declaraçaõ, lembro aos que lem as Historias do Reyno, que haõ de entender o que dizem os Chronistas d'elRey Dom Manoel, quando o fazem Fundador deste Mosteiro: porque o que temos dito consta de papeis vivos. Mas naõ duvidamos, que cresscia com esmollas, e mercês suas:

Damiaõ de Goes p.4. c.18.

Maris nos Dialog. da Hist. na vida d'elRey D. Manoel.

ſuas: viſto como em todo o Reyno ſaõ muy poucos os que naõ devaõ aos Reys grande parte de ſua ſuſtancia, como em outro lugar largamente moſtramos; e inda hoje dura a memoria, e o effeito de huma naõ pequena, que o meſmo Rey lhe fez, que he o hum por cento do que valem as ciſas da Cidade de Evora; paſſouſe a Proviſaõ no anno de 1514. ſaõ as palavras pyas, e ſanctas, e muito dignas de as eſtimarmos os que ſomos filhos de S. Domingos. Diz que ſe cumprirá em quanto o Moſteiro viver na obediencia, e obſervancia de S. Domingos: e pede aos Reys ſeus ſucceſſores, que a guardem; porque aſſi o ha por ſerviço de Deos, e bem delles, e deſtes Reynos; e elle a concedia por honra de Deos, e de noſſa Senhora ſua Madre, e por amor de S. Domingos.

1514.

Ouve tanto que fazer deſpois de juntas as Fundadoras de Leyria com Dona Mecia, e ſuas boas companheiras pera ſe acabar das portas adentro tudo o que cumpria de officinas, e perfeiçaõ pera perfeita clauſura, que naõ foy poſſivel darſe remate a tudo, ſenaõ ſete annos deſpois no de 1513. Neſte ficou em lembrança, que começou a proceder em todo regular concerto em 6. de Mayo, dia celebre com a feſta do Sancto Evangetiſta Joaõ: e delle em diante ſe começou a criar aqui hum jardim de flores do Ceo, que logo foy produzindo em muitos, e raros eſpiritus, fruitos de excellentes virtudes: obra da boa maõ, e ſancta doutrina de quem o plantou, que foy a Madre Iſabel Vaz filha de Jeſus de Aveiro, e aqui primeira Prioreſſa: da qual naõ diremos aqui outra couſa: porque deſpois, que o plantou, e em o cultivar ſe deteve o tempo, que aos Prelados pareceo conveniente, ſe tornou pera Leyria, como atraz fica dito.

Deſte jardim temos muito que dizer: mas naõ he poſſivel abranger a tudo; porque ſeria forçado ſahir os lemites da brevidade, que convem ſeguir em tamanha obrigaçaõ, como temos à noſſa conta. Apontaremos brevemente alguns caſos particulares; pollos quais ſe ficará entendendo a riqueza do theſouro, donde procederaõ: e quem ſouber lançar boas contas, julgando pollos que referirmos, os que ficarem em ſilencio, alcançará baſtantemente o grande valor de todos os ſujeitos com que Deos Noſſo Senhor por ſuas miſericordias quiz emnobrecer eſta Caſa naquelles bons principios, e longos annos deſpois, ſem nos obrigar a muita eſcritura. E ſe acabarmos de entender, o que he verdade infallivel, que a mayor virtude Monaſtica naõ conſiſte em viſoens, nem revelaçoens, nem em mimos, e conſolaçoens eſpirituaes, inda que ſaõ indicios, que ha bem fundamento em quem as tem: ſenaõ ſó em guardar pontualmente noſſas conſtituiçoens, e a ſubſtancia do que profeſſamos; porque ſó iſto baſta pera nos levar ao Ceo: poſſo affirmar, ſegundo o muito que neſte ponto ſe eſmeraõ eſtas Madres, que fora baſtante hiſtoria apontar ſómente ſeus nomes, ſem ajuntar feitos particulares.

Onze

Onze annos governou esta Casa com o cargo de Prioressa a Madre Sor Isabel de Quadros, com tanta satisfaçaõ de toda a Communidade, que se ella por sy naõ deixara o officio, nunca outra fora eleyta. Queixouse aos Prelados muito tempo, e com grandes encarecimentos, fez mentiroso em sy aquelle gosto de mandar, que taõ pegado he com nossa natureza: escrevialhes cartas cheyas de piadosas rezoens, retratos da verdadeira dor que lhas fazia notar. Dizia, que o cargo de almas alheyas, lhe tolhia tratar da sua: que naõ viviria quieta, nem morreria consolada em quanto entendesse com outrem, e naõ consigo só: que tinha contas de longos annos em aberto, contas de longa vida (que sempre estaõ em aberto as que em lugar de lagrimas, e penitencia, se embaraçaõ com negocios alheyos) que as queria cerrar, com se entregar toda, ainda que tarde, a hum só cuidado: e porque a soma, em que se achava alcançada, e devedora ao Divino Pay de familias, lhe parecia demasiado grande, havia mister tempo pera a pagar, ou pera lhe pedir quita, e perdaõ. Se era algum merecimento o trabalho de governar, muitos annos tinha trabalhado; quanto mais que sempre achara no governo mais laços, e mais embaraços pera a consciencia; e tantos eraõ, que nos setenta annos, que contava de vida, mayor escrupulo lhe faziaõ os que governara, que todo o resto della. Emfim à força de importunaçaõ alcançou liberdade; e tal era sua vida passada, e tal a que começou a fazer na hora que se vio assolta, que de pura, e religiosa edificava muito; mas naõ espantando com os extremos, que ao diante veremos, em outras deu o Senhor testemunho em sua morte do que lhe agrada huma pureza religiosa, e commum, com perfeita guarda da Regra. Ao tempo, que hia perdendo a luz da vida, entrou polla casa, em que jazia, huma do Ceo taõ espantosa, e sobrenatural, que ficavaõ as candeyas diante della, como as estrellas diante do Sol; e despedida a bemdita alma do corpo, desapareceo a luz traz ella.

CAPITULO XX.

De outras Religiosas, que ouve neste Mosteiro de sinelada virtude.

SOr Maria da Saudaçaõ, huma das primeiras Noviças, que nesta Casa entraraõ, sobre os exercicios gerays della, foy notavel a applicaçaõ que teve ao da oraçaõ, e contemplaçaõ: podemos dizer que toda sua vida naõ foy outra cousa, senaõ orar, e contemplar; porque em toda a hora, e em todo lugar andava enlevada no Ceo, e unida com Deos. Assi se contaõ grandes favores, que neste ditoso estado recebia do Senhor, que despois de sua morte, foraõ por seu Confessor relatados. Estando no fim da vida mandaraõ os Medicos, que se lhe acudisse com os Sacramentos. Pera receber o sancto Viatico, disse o Vigairo Missa na enfermaria, e ella por respeito, e veneraçaõ, inda que por mo-

momentos hia acabando, levantouse, e assistio a ella com attençaõ de Sancta, e devaçaõ de quem morria. Ao levantar da sagrada Hostia descobriosełhe nella o Senhor posto na Cruz: e a esta mercê ajuntou outra, que os Medicos affirmavaõ ser contra toda a rezaõ natural; que foy estenderlhe a vida oito dias inteiros; sendo assi, que naõ levava cousa nenhuma de comida, nem bebida, e estava totalmente sem pulso. No cabo delles amanheceolhe no rosto huma extraordinaria alegria, com que começou huma Antifona de Nossa Senhora, e logo disse às Madres, que a acompanhavaõ: Madres façaõ reverencia à Senhora do Jubilate (por este nome costumava significar a Virgem Raynha dos Ceos, em final dos Jubilos, e alegria da alma, com que se lhe encomendava.) Naõ duvidaraõ prostrarse todas por terra pollo que sabiaõ de quem as mandava, e foraõ proseguindo a Antifona: e assi se foy traz ella em paz.

Celebraraõ com muita rezaõ as memorias desta Casa a vida, e sancta morte da Madre Sor Elvira da Cruz: porque professando na entrada dos desaseis annos, antes de os acabar, acabou a carreira mortal: e neste pouco tempo, se deu pressa a subir ao mais alto cume de todas as virtudes, como se lhe fora revelada a brevidade com que havia de deixar o mundo; e assi dezejava deixallo, como se tivera revelaçaõ, que a hora da morte lhe havia de ser principio de gloria. Neste estado toda sua occupaçaõ, todo seu descanso era empregarse em amores do Divino Esposo das almas: e considerando, como por ellas quiz ser pregado em huma Cruz, abrazavase em dezejos de chegar a lograr sua vista. Naõ consta que o Senhor lhe désse nenhuma mostra de sy, invisivelmente, que occasionasse estes favores. Mas aquelle Espiritu de verdade, que, sem ser visto, affetêa coraçoens, quando he servido, a trazia taõ ferida, que a cada passo, e a todo proposito, e sem proposito, arrebentava, sem se poder reprimir, em ardentes jaculatorias: e a que mais repetia era: *Amor meus Crucifixus est*: como se dissera: Quem ha de recear a Cruz, quem naõ ha de amar a Cruz, se Jesus meu amor está nella? Crucificada está com elle minha vontade, meu gosto, e meu amor. Adoeceo; mas naõ imaginava, que havia tanto bem pera ella, como acabar em idade taõ verde. Aggravouse a doença, deraõlhe aviso, que a mandava o Medico ungir: entaõ, como com nova certa do que muito dezejava, foy taõ excessivo o contentamento, que sua alma recebeo, que estava morrendo, e estava rindo, e juntamente pronunciando com a boca cheya de riso: *Amor meus Crucifixus est.* Rendeo o espiritu: ficou em lembrança, que se chamava sua mãy Dona Violante Henriques, e seu pay Dom Martinho: do apellido se perdeo a memoria.

Era muy parecida com Sor Elvira em todo o trato da vida, e pureza della, a Madre Sor Joanna Bautista sua prima com irmam. Fazia semelhança nas obras a igualdade do sangue. Era devotissima do Sanctissi-

ctiſſimo Sacramento do Altar: e ſeſtejava com particularidade o dia de Quinta feira de Endoenças; porque nelle foy inſtituido: ſuccedeo andando o tempo, ficar de huma forte doença taõ cortada, e fraca de todos os membros, que naõ tinha remedio pera dar dous paſſos, ſenaõ ſobre muletas, e aſſi vivia como paraliticas. Veyo huma ſemana Sancta, encheoſe de ſaudades do tempo, que com ſaude, e alegria, feſtejava a inſtituiçaõ daquelle Maná Divino, recebendoo em companhia de toda a Communidade. Chorou o eſtado preſente, e as lembranças do paſſado: dando graças ao Senhor, de cuja maõ ſe achava preſa, e impoſſibilitada pera ſeguir os favores antigos. Mas amanhecendo o dia de Quinta feira, ſentio em ſy hum taõ vehemente dezejo de ſe achar com as irmãs na ſancta Communhaõ, que ſobre as muletas, e com ajuda das amigas, ſe fez levar à grade; e com grande conſolaçaõ da alma recebeo com ellas o Divino Paſto. Caſo peregrino, e de grande louvor do Altiſſimo. Na meſma hora, que a enferma lhe deu entrada em ſeu peito, ſentio novo alento, e novas forças, e naõ ſó lançou fóra as muletas; mas daquelle ponto em diante ficou de todo ſaõ, e como tal foy ſeguindo as Communidades. Eſta meſma Madre a cabo de alguns annos, andando rija, e valente, ſe foy à Prioreſſa, e a requereo, que logo lhe mandaſſe acudir com os Sacramentos, porque ſabia certo, que tinha a conta de ſeus dias cheya; e que naõ poderia chegar até o ſeguinte. Naõ reſiſtio a Prelada, nem ella tardou em cumprir ſeu dito. Diziaõ as que ſabiaõ muito della, que o Apoſtolo S. Pedro, de quem era devota, lhe fizera a revelaçaõ.

Tambem ſe preſumio, e naõ ſem bons fundamentos, que a Madre Sor Ines da Aſſumpçaõ tivera aviſo da hora, que havia de acabar. Fora doze annos Prioreſſa com ſatisfaçaõ univerſal das ſubditas, e com ſe eſmerar ſempre com entranhavel devaçaõ em ſerviço da Virgem do Roſario. No dia em que falleceo perguntava a meude pollas horas, como chegou à que tinha na memoria, diſſe, he tempo, chamem a Communidade. Aſſi ſe foy logo bemaventuradamente: mas naõ foy eſte ſó o argumento de ſua bemaventurança. Mandouſe enterrar com o ſeu Roſario ao peſcoço, e com hum cordaõ negro, que ſempre trazia conſigo cingido. Diziaõ as Freiras, que por devaçaõ de S. Noutel. Paſſados alguns annos, abrioſe a cova pera outro enterro, foy achado o Roſario, e o cordaõ, taõ ſaõs, e inteiros, como ſe entaõ ſe deraõ à terra.

De Sor Elena da Cruz ſe ſabia, que ſobre os exercicios ordinarios da caſa, em que naõ fazia falta, era taõ devota de Noſſa Senhora, que infallivelmente todas as noites antecedentes a qualquer feſta ſua paſſava inteiras em oraçaõ de joelhos, e ſem fazer mudança de lugar. Acreditouſe a devaçaõ na morte, porque a recebeo com alegria, e ſendo defuncta eſpantou as vivas com hum roſto fermoſo, e como de Criſtal, ſegundo ſe eſcreve do glorioſo S. Martinho.

As Madres Sor Maria da Reſurreiçaõ, e Sor Maria do Horto, como eraõ de hum meſmo nome, e ambas muito ſanctas; aſſi as honrou igualmente o Divino Eſpoſo com a meſma maravilha de hum ſuave cheiro, que em ſua morte ſe ſentio. Mas ouve huma differença, que na do Horto eſpirava o cheiro das mãos, e roſto: o da Reſurreiçaõ communicouſe a toda a roupa da cama, e a hum gibaõ, que naquella hora tinha veſtido, de tal ſórte, que durou na roupa muitos dias, e no gibaõ ſeis mezes inteiros, e da hora, que entrou em morrer até que eſpirou, ſe vio ſobre o ſitio da enfermaria huma nuvem muito clara, que o cobria, ſem haver outra no Ceo; e dentro em caſa ſe ouviraõ vozes concertadas de melodia extraordinaria. De ambas eſtas Madres ſe ſabiaõ, e conſtavaõ virtudes raras: nas de Sor Maria do Horto acreſcentavaõ, que a ſua oraçaõ eraõ continuas lagrimas, com firme opiniaõ das que as viaõ, que tinha celeſtial dom dellas.

Seguem tres Franciſcas, todas, e cada huma per ſy dignas de grande louvor: ſeja a primeira em relaçaõ Sor Franciſca de Sancta Maria; eſta Madre tomou o habito minina, e deſde entaõ ſe viraõ nella grandes ſinais de ſanctidade: era por extremo devota do Roſario; e a mayor parte de ſuas oraçoens offerecia pollas almas do fogo do Purgatorio. Eſtando huma noite dormindo, e vazandoſe em ſangue pollos narizes (mal que muitas vezes a cometia) ſentio que a eſpertavaõ, e eſperta vio huma Senhora cercada de reſplandores mais claros que o ſol, que lhe dizia que lançaſſe o Roſario ao peſcoço, que eſtancaria o ſangue, e naõ ſentiria mais tal trabalho. Eſtava Sor Franciſca em eſtado de eſvaecida, e deſemparada daquella fonte de vida, que lhe faltava pouco pera acabar. Fez o remedio, valleolhe pera logo, e deſpois pera toda a vida, como lhe fora dito.

He a ſegunda Sor Franciſca de S. Paulo, que morreo muito moça, mas nos poucos annos, que teve de vida, ſoubeſe tambem aproveitar dos bens da Religiaõ, que muitos dias antes de ſua morte diſſe às amigas o dia, e hora, que havia de ſer; e era couſa publica no Moſteiro: e aſſi a recebeo chegado o prazo, como couſa eſperada, e dezejada, com alvoroço, e contentamento.

A Madre Sor Franciſca de Jeſus, a quem damos terceiro lugar, foy grande Meſtra de Noviças, fazia tudo o que enſinava muito melhor do que o dizia. Sobre aſperas penitencias de jejuns, e diſciplinas, empregava em oraçaõ todo o tempo, que havia de Matinas, em que nunca faltava até Prima: e era publico, que pera ſe mortificar nella tinha ſempre os joelhos nus em terra. Adoçavalhe o trabalho o ſabor da oraçaõ: e era ella tal, que naõ podendo acabar conſigo deixalla, ainda em tempo que andava muito doente, aconteceo hum dia ouviremſe no lugar em que orava vozes, e inſtrumentos de muſica excellente, e acudindo muitas Madres à novidade, acharemna embebida em ſua

ora-

oraçaõ, sem dar fé do que ellas ouviaõ. Espantando a maravilha, naõ faltou quem a notou por pronostico de haver de morrer cedo, porque no mesmo tempo andava cercada de enfermidades; e assi durou pouco despois della.

Deunos esta Madre duas sobrinhas, imitadoras ambas de sua oraçaõ, e mais virtudes, e digo que as deu ella, porque foraõ filhas de sua doutrina, que de ambas foy mestra. Mas que rezaõ daremos a que sendo igualmente filhas em tudo, foy o Senhor servido tratallas com tamanha differença, que Sor Elena do Espiritu Sancto, que era huma dellas, morreo Prioressa, e taõ mimosa do Ceo, que huma vez commungando, e outra rezando no Choro, lhe vio toda a Communidade sobre a cabeça huma luz como de véla aceza: e quando falleceo foy vista por todo o Mosteiro huma claridade extraordinaria como de muitos relampagos juntos, que passando, foy parar, e apagarse sobre a casa onde jazia. A outra, que se chamava Sor Joanna de S. Jeronimo, padeceo sinco annos hum genero de gota, taõ cruel, que naõ era senhora de mover, nem hum dedo da maõ sem gravissimas dores, e assi acabou.

CAPITULO XXI.

Das Madres Sor Luisa de Sancto Antonio: Sor Elvira da Annunciaçaõ: Sor Antonia da Cruz: Sor Joanna do Espiritu Sancto: Sor Maria Madalena.

MUitas Madres ouve nesta Casa de que naõ ficou memoria, vivendo, e morrendo sanctamente: porque, como o mundo estima só o que espanta, em faltando particularidades extraordinaria, e fóra do commum: do ordinario, e do commum nenhum caso faz. Mas temos hum Deos taõ bom, que diz de sy, que saõ muy differentes seus cuidados, e suas contas, das contas, e cuidados dos homens: e que traz contados até os cabellos da cabeça de hum justo, pera que, nem hum cabello de seus merecimentos pereça diante delle. Assi haveremos de ver grandes, e estimados no Ceo muitos, que na terra nenhum lugar, nem nome tiveraõ: e apparecerá entre elles a Madre Sor Luisa de Sancto Antonio, que vivendo, e morrendo sem ruido de visoens, nem revelaçoens, e havendo dez annos, que na memoria de suas irmãs estava de todo esquecida: foy o Senhor servido de a honrar, e fazer insigne por modo estranho. Abriose a sua sepultura pera enterrarem outra Madre: viraõse nella duas cousas juntas, ambas muito espantosas. Foy huma, que sahio do pó, em que estava convertido aquelle corpo, hum suave cheiro, e taõ vivo, e penetrante, que encheo todo o Mosteiro: e foy sahir pollas

las portas mayores; de sorte, que os que estavaõ na portaria, perguntavaõ, que caçoulas eraõ as que em tal tempo temperavaõ as Madres: e o mesmo cheiro tinhaõ a caveira, e ossos. Foy a outra acharse com elles, sem sinal de corrupçaõ, nem no páo, nem na infiadura hum Rosario, que a defuncta levou ao pescoço num cordaõ de seda amarella.

A Madre Sor Elvira da Annunciaçaõ despois de servir o Mosteiro de Prioressa, veyo andando o tempo a tolherse de todos os membros, e cahir em huma cama miseravelmente entrevada. Neste estado ganhava merecimentos pera sua alma, em huma perpetua oraçaõ, junta com grande paciencia, e conformidade com a vontade Divina. E com tudo saudosa do tempo, que assistia no Choro, e officios Divinos, pedia a Deos, que antes de a levar pera sy, fosse servido darlhe saude pera se lograr delles, e delle, inda que fosse por pouco tempo, pois estava no cabo da vida. Valiase sempre, neste requerimento do meyo da Sagrada virgem do Rosario: e andando nelle muito acesa, deulhe na vontade pedir, que a fizessem mordoma da Confraria, que as Madres tem dentro, consentiraõ todas. Foy cousa publica, e vista por toda a Communidade, que na hora que lhe deraõ o officio, e tomou o cargo da Confraria, cobrou alento, e forças, levantouse, e começou a andar sem bordaõ, nem outro arrimo, e assi perseverou hum anno inteiro, acudindo ao Choro, e horas, com cordeal consolaçaõ, até fazer sua festa por Outubro. Adoeceo algum tempo despois; e conhecendo que a chamava o mesmo Senhor, que lhe dera a saude taõ pouco esperada: conformouse com elle com huma verdadeira, e humilde resignaçaõ; pedio os Sacramentos, e cheya de alegria, e boa confiança deixou a vida.

Da Madre Sor Antonia da Cruz se diz, que era taõ humilde de coraçaõ, e taõ pobre de espiritu, que quando tinha habito novo, ou outra peça semelhante, logo a trocava por outra uzada, e velha. A sua oraçaõ era sempre acompanhada de muitas lagrimas, e tantas, que o lugar em que orava, ficava sinelado, e como regado dellas. Despois de sessenta annos de habito, e grande prova de virtudes; quiz o Senhor provalla de novo com huma longa infirmidade, de que ficou entrevada; e emfim veyo a morrer della. Foraõ extremos de paciencia, os que se viraõ na boa velha, em quanto lhe tardou a morte. Chegandoselhe a hora, e tendo recebidos os Sacramentos: eys que subitamente se aballa a casa toda, como se tremera a terra: batem com estrondo portas, e janellas, como movidas de grande pé de vento. Assombraraõse as Freiras, e ella com sossego disse, que naõ temessem, que era a Mãy de Deos, que entrava, e que trazia consigo Sor Joanna de S. Jeronymo sua irmam. Alegre com tal visita naõ tardou em seguir a Senhora, e acompanhar a irmam, que havia muitos annos era fallecida nesta casa com naõ menos opiniaõ de perfeita Religiosa, que Sor Antonia.

A Ma-

A Madre Sor Joanna do Espiritu Sancto se quiz chamar assi, porque elle foy o que a trouxe à Religiaõ. Era muito rica de bens da terra; tratavaõ os parentes de a casar: mas ella considerando, que seria temeridade tomar estado pera toda a vida, sem o consultar com o Pay do Ceo primeiro, que com os parentes do mundo; mandou dizer huma Missa ao Espiritu Sancto, com tençaõ, e petiçaõ (e succedeo ser em dia do Apostolo S. Mathias) que elle lhe escolhesse, e inspirasse aquella sorte, que mais conveniente fosse pera sua salvaçaõ. Quanto melhor hiria ao mundo, quanto mais gosto haveria em todos os estados, se por estes meyos foraõ buscados? Cumprio o Senhor o que nos tem prometido, que he concedernos tudo quanto lhe pedirmos orando. Acudiolhe com hum taõ vehemente dezejo, ou instincto de deixar o mundo, e entrar em Religiaõ, que logo desenganou os parentes: e dando conta de sy ao Padre Frey Antonio Bernardes Frade nosso, que despois foy Bispo, tratou por seu meyo de tomar o habito nesta Casa. Nella viveo muitos annos com grande quietaçaõ de alma, e corpo, e com igual exemplo de humildade, e obediencia, e sendo muy continua na oraçaõ, que sempre acompanhava com lagrimas. Estas virtudes dourava por huma parte com huma rara mansidaõ, e singelleza natural, e por outra com grande charidade, e largueza de condiçaõ. Assi se fazia amar de todas; e como era rica, porque ficou logrando, com licença, parte dos bens que tinha pera casar, naõ consentia, que ouvesse das portas adentro necessidade, que por sua conta senaõ remediasse; e à Communidade ajudou muito, provendo a sacristia de peças ricas, em que hoje vive sua memoria. A S. Mathias se deu por obrigada toda a vida; e em graças de que em seu dia lhe cahio a boa sorte da Religiaõ, solemnizava sua festa todos os annos com missa, e prégaçaõ, e alegrando a Communidade com hum jantar aventejado do ordinario. Vindo a morrer, notouselhe no sembrante huma subita, e grande alegria, que obrigou as Madres, que a acompanhavaõ, a lhe perguntarem a causa; respondeo com humildade, que via muitas cousas, e muito fermosas, que naõ podia dizer. Mas do prazer, que ellas lhe causaraõ, levou o rosto morto sinais vivos até o darem à terra.

Com setenta annos de Religiaõ se foy pera o Ceo a Madre Sor Maria Madalena, Prioressa que foy desta Casa: era devotissima de todos os Mysterios da vida de Christo, e em especial de seu glorioso Nascimento. A hora da Kalenda festejava, pollas novas, que delle se daõ nella; com hum extraordinario alvoroço, e alegria da alma: e com a mesma se fingia na noite seguinte assistir ao Portal de Belem, adorando o Minino entre as palhinhas do Presepio em companhia dos ditosos Pastores, primeiras testemunhas de nosso bem. Eraõ estes dias pera ella de entranhavel consolaçaõ, e suavissimas lagrimas: e polla mesma rezaõ naõ perdia nunca em tal tempo a assistencia do Choro, nem por doen-

doenças que tivesse; nem polla carga dos longos annos. Pagoulhe o Senhor dous dias antes da ultima hora da vida pera alivio, e consolaçaõ da pena della, com se lhe representar defronte do leyto, em que jazia, na mesma idade, e postura do Presepio, mas cercado de rosas, e boninas em lugar da secura do feno, em que lá foy reclinado: ficavalhe longe, e naõ cahindo ella mesma, que fosse visaõ mysteriosa, pedia às Madres que lho trouxessem, e puzessem nas mãos. Como ellas naõ viaõ o que ella, naõ sabiaõ que fizessem; e huma, polla satisfazer, foy correndo ao Choro, e trouxelhe o de Nossa Senhora do Rosario: mas a boa Velha apontando pera defronte do leyto, dizia: Aly está o formosissimo, que vos peço: aly está, trazeimo; naõ o vedes cercado de rosas, e de mil flores? Entaõ acabaraõ de cahir, que era visaõ do Ceo. Veyo a morrer esta Madre na mesma noite da Kalenda: e porque naõ pode estar presente a ella em vida como costumava, permittio o Senhor, que lhe assistisse defuncta no Choro.

CAPITULO XXII.

Das Madres Sor Anna Bautista; Sor Juliana do Rosario; Sor Joanna do Evangelista; e Sor Maria de Jesus.

A Madre Sor Anna Bautista era conhecida entre todas por humilde, e caritativa, e grande amiga de silencio. Confessandose por dia de nosso Padre Sancto Thomas a sete de Mayo, quando foy a commungar com a Communidade, violhe huma Freira digna de fé sobre a cabeça hum lume, como de candea; e quando tornou, que vinha de rosto, tornoulhe a ver o mesmo lume em meyo do peito. Sempre o fogo foy bom pronostico visto: no fogo da çarça appareceo Deos a Moyses: lume das gentes se chamou o mesmo Senhor por boca de Simeon; e em lingoas de fogo veyo sobre os Apostolos. Aqui foy pronostico de morte; porque no mesmo dia lhe deu a doença, de que falleceo. Como concertaremos estes contrarios? Antes naõ ha nenhum: porque, se fizermos boas contas, a morte dos justos he a sua boa, e mór ventura, e dia de suas honras. E podemos crer, que veyo este fogo por luminaria anticipada dellas. Adoeceo, como fica dito, no mesmo dia; e naõ durou mais, que até os vinte quatro do mesmo mez, vespera de Nossa Senhora da Annunciaçaõ: e assi recebeo a morte, como quem sabia, que tinha nella todo seu bem. Quando se lhe deu a Unçaõ, esteve taõ animosa, que foy rezando os Psalmos com a Communidade como sam; e offerecia as mãos, olhos, e ouvidos ao sancto ministerio. Dandolhe despois hum desmayo, quando espertou delle, foy com as palavras do sancto Arcebispo Sancto Antonino. *Servire Deo, regnare est.* E até que espirou naõ deixou de louvar a Deos, com versos dos Psalmos, e encarecidos amores, que fallava a hum Crucifixo, que tinha nas mãos. Nos officios, que se fizeraõ por esta Madre, se averiguou notavel crescimento na cera. E

naõ

naõ he pera esquecer em seu louvor, que era taõ seguidora do Choro, que nunca faltava delle, senaõ por grande doença: e tendo muito boa voz, nunca se poupou, cantava, e soava sempre.

Da Madre Sor Juliana do Rosario se conta, que se soube tam bem aproveitar de quatro annos de habito, que só tinha quando a chamou a morte em idade de vinte sinco, que disse ao justo o dia em que havia de ser. Sendo quasi surda, e naõ lendo, nem escrevendo no tempo em que veyo à Ordem, tanto que entrou, assi aprendeo tudo o necessario pera servir a Religiaõ, que parecia ensino contra natural; em menos de hum anno foy huma das que milhor liaõ, na penitencia igualava às mais austeras; na oraçaõ, e contemplaçaõ às mais antigas, e mais aproveitadas. Mas à hora da morte fez passmar todas, na resoluçaõ com que sendo taõ moça, se dispoz: na humildade com que pedio perdaõ a cada Freira, até às servidoras: e finalmente na alteza de cousas, que disse até o ultimo artigo: cousas que só de hum grande Prégador se podiaõ esperar: e nella admiravaõ mais, porque por acto de virtude, e polla falta natural do sentido de ouvir, guardava quasi continuo silencio.

Em vinte, e hum annos de idade, e tres de profissaõ, se fez ethica a Madre Sor Joanna do Evangelista, serviolhe de forte purgatorio a dilaçaõ do mal, e o trabalho delle pera dar exemplo de paciencia. Foy maravilhosa a contriçaõ com que se despedio da vida. Tomando nas mãos hum Crucifixo, sobresaltouse toda, effeito natural do medo, que faz a morte. Ao sobresalto seguiraõ lagrimas, e tal compunçaõ, que pedio com efficacia a huma Religiosa, que ficava mais chegada, lhe désse huma pedra, dizendo, que queria quebrar com ella os peitos, e pedir perdaõ, como sentia, que devia áquelle Senhor. Mas foy grande testemunho de sua innocencia o que agora diremos. Curava della huma servidora por nome Cecilia Bautista, que poucos annos ha inda vivia, e contava o successo. Padecia grande mal de figado; e da força delle havia largos trinta annos que trazia o rosto, mãos, e braços, disformente cubertos de huma codea perpetua de grossas bostelas, feyas na côr, e asquerosas na vista: e padecia juntamente grandes ardores, e febres. Estimando a Ethica a charidade que recebia de quem ao parecer naõ padecia menos que ella, deixava de se doer de sy, por se doer de sua fealdade (mal que em mulheres vence todos os males) e dissélhe hum dia, que como se visse diante de Deos prometia fazer por lhe alcançar saude. Fallecida cumprio sua palavra com tanta pontualidade, que a servidora sárou em breve, e perfeitamente. Cessou o fogo das febres, alimpou a tez do rosto, mãos, e braços, e ficou de ganho, porque sendo entrada na idade, ficou com hum caraõ, naõ só de moça, mas de huma minina de sinco annos. Era a defuncta devota com particularidade de nosso Padre S. Domingos, e veyo a fallecer em seu dia no anno de 1618.

Tambem se fez ethica na flor da mocidade a Madre Sor Maria de Jesus. Naõ passava de dezoito annos de idade, sumiosselhe a carne, e secouse toda, ficando os ossos cubertos da pelle como em hum saco, que se podiaõ contar. Em todo o tempo que se lhe dilatou a morte, nunca mostrou huma hora de tristeza, nem se lhe sentio disgosto de nada, nem movimento de impaciencia. Assi viveo, e acabou nos dezoito annos com a mesma simplicidade, e innocencia, que se fora de quatro, e tal representaçaõ fazia seu rosto. Estando muito no cabo começou a apertar as mãos, e fazer figas pera huma parte, como que via algum assombramento do Inimigo. Na derradeira hora, estando já desemparada de forças, e alento, fez hum acto, que causou espanto; parece que cessava de a perseguir o tentador: encheose de espiritu, que lhe renovou, e ministrou a força, que já naõ tinha: só levantouse, e lançou maõ de hum Crucifixo, que tinha diante, abraçouse com elle; e assi deu a alma. Foy notado de toda a Communidade com edificaçaõ, mas naõ sem magoa, que ficou seu rosto espirando alegria, fermosura, e innocencia, tudo juntamente.

CAPITULO XXIII.

Das Madres Sor Elvira da Annunciaçaõ: e Sor Catherina dos Reys.

DOze annos governou esta Casa, e foy Prioressa a Madre Sor Eluira da Anunciaçaõ, e passou de sincoenta de habito. No cargo procedeo com inteireza de boa Prelada, e com brandura de mãy amorosa, e nelle, e fóra delle com muita religiaõ, e virtude. Assi foy em todo o tempo grandemente bemquista: faziase respeitar por inteira, e amar por branda. Nunca, por muito afogada que estivesse de negocios, deixou as horas, que tinha limitadas pera a oraçaõ: nunca deixou hum costume sancto de toda a vida, que era rezar todas as festas hum Psalteiro inteiro: o qual rezava diante do Sanctissimo Sacramento, e sempre de joelhos, à honra da sagrada Paixaõ de Christo, de que era devotissima. Eraõ neste dia suas lagrimas infinitas na memoria, e consideraçaõ das penas, e afrontas, que o bom Jesus nelle passou: e assi dizia sempre, que seria consolada, se fosse sua morte em tal dia; e no mesmo tinha grande resguardo, que lhe naõ escapasse nem huma só palavra ociosa. Teve huma enfermidade, de que ficou aleijada; e na aleijaõ hum duro purgatorio de dores, e trabalhos, que padeceo de muitas maneiras. Mas foy igual a paciencia com que os levava. No meyo delles tinha por costume mandarse levantar todas as manhãs às quatro horas, o que era à custa de huma tempestade de dores, e estava em oraçaõ até às seis, e sete. Era muito devota do nosso Patriarcha S Domingos: e desdo tempo que foy Prioressa, ficou em costume nesta Casa celebrarse seu dia com muita festa; porque dizia, que este dia era a nossa Paschoa. Conheceo sua morte, e soube o dia della alguns an-

tes:

antes: e como avisada ao certo de quando havia de ser, aparelhouse com cuidado, pedio os Sacramentos, e recebidos com hum extremo de devaçaõ, fez huma practica às Religiosas diante do Vigairo, e Capellaens, taõ alta, e com voz taõ esforçada, que os encantou com o modo de dizer, e com as soberanas cousas, que disse da Gloria, e da nossa Ordem, e dos Sanctos della. Em final concluhio com estas palavras: *Exultant sancti, qui appropinquant ad palmam*, como se dissera (e podiao bem dizer por sy, visto o estado em que estava) alegraõse os Sanctos, quando se vem chegados ao fim da guerra, e ao premio, e preço da victoria. Tardoulhe tres dias a hora, que esperava; e em todos naõ se ouvio de sua boca outra cousa, senaõ huma corrente de louvores Divinos, hora em Hymnos, hora em Psalmos, huns rezados, outros cantados. Emfim pronunciando em alta voz o responso de nosso Padre: *O spem miram, &c.* deu a alma ao Creador; e foy em sesta feira, como dezejava. Era esta Religiosa irmam do Illustrissimo Senhor Bispo Inquisidor geral Dom Fernaõ Martins Mascarenhas.

Da Madre Sor Catherina dos Reys, podemos dizer que foy nascida na Religiaõ; porque entrou nesta de sete annos: seu pay era Dom Joaõ de Almeyda Alcaide mór de Abrantes direito successor dos Condes daquella Villa; sua mãy Dona Leonor de Mendoça, de quem ao diante fallaremos. Por ser tal em sangue, e começar a vida religiosa em idade taõ tenra, se deu por obrigada a ser unica em tudo o que se espera de hum grande sujeito: e como se escreve de Sancta Cecilia, que sempre trazia o Evangelho no peito, nenhum gosto tinha mayor, que trazer na memoria, e pôr em execuçaõ o que a Regra, e Constituiçoens mandaõ: ajuntando aos rigores dellas, outros muitos de jejuns, e disciplinas; e outras muitas penitencias voluntarias, e secretas, que ainda que trabalhava pollas encobrir com a boa sombra do rosto, e muita gravidade da pessoa, que huma, e outra cousa era nella natural, todavia a continuaçaõ as fazia vir a publico: e emfim a morte, que he a verdadeira pedra de toque dos bons empregos da vida, as manifestou de todo: porque adoecendo de huma febre frenetica, na hora que acabou de se confessar, e commungar no Domingo da Paixaõ, que a levou em sete dias, foy o Senhor servido darlhe tanta luz no meyo das furias do humor venenoso, que se póde tornar a confessar, com grandes sinais de devaçaõ, e contriçaõ; e como por acenos pedio a sancta Unçaõ. E de tudo ser huma mysteriosa mercê, e favor de Nosso Senhor, se viraõ as Madres confirmadas, com huma estranha, e nova fermosura, que lhe investio o rosto, tanto, que da alma ficou desemparado: e porque se visse, que naõ era natural sua, veyo acompanhada de luz, e resplandor que admirava, e alegrava.

Maravilhosos saõ os effeitos, que faz o exemplo em todas as materias. Bem se prova do dito: *Cum sancto sanctus eris, &*

cum innocente innocens eris; e do que agora diremos. Obrigavaõse as servidoras leygas dos extremos de sanctidade, que viaõ na Casa, a procurarem serem sanctas em meyo do trabalho corporal perpetuo. E naõ he este o menor louvor desta Communidade. Ouve servidoras de tanta oraçaõ, e tanta penitencia, que se contaõ, e andaõ em tradiçaõ maravilhas de algumas. Mas he de sentir lembrarem as obras, e perderemse os nomes de quem as fez: sendo assi, que tambem honraõ estas a Casa, como as das mais affervoradas Religiosas. Tal ouve, que a pequeno espaço de oraçaõ naõ corriaõ de seus olhos menos, que rios de lagrimas; e davaõ final os lagrimais feitos em carne viva, e o rosto todo crestado da continuaçaõ do humor salgado. A outra appareceo a gloriosa Virgem Mãy: e tal era sua vida, que se lhe deu fé quando, vendoa com olhos corporais, pedio às Religiosas, que a acompanhavaõ, que lhe ajudassem a festejar tamanha misericordia. Fallecendo outra, se ouviraõ no ar vozes de celestial melodia.

CAPITULO XXIV.

De algumas Senhoras de grande estado, e nobreza que se recolheraõ neste Mosteiro convidadas da sanctidade delle. Dasse conta de outras particularidades da Casa.

OBrigada das cousas, que temos apontado, e de outras semelhantes, que desta Communidade sabia, como vezinha de muitos annos, Dona Elvira de Mendoça, mulher de Dom Fernaõ Martins Mascarenhas Capitaõ dos ginetes d'elRey Dom Joaõ Terceiro, e Dom Sebastiaõ seu néto, e Embaixador do néto no Concilio de Trento, determinou recolherse com ella. Como se vio viuva de tal Varaõ, e sem filhos, que lhe dessem cuidado, procurou com muito gosto a estreiteza de huma pobre cella, e com nome, e officio, que pedio, de servidora, porque seu grande espiritu a inclinava a estimar, e dezejar o gráo mais humilde da Religiaõ; e a idade crescida, e pouca saude lhe tolhiaõ fiar de sy que poderia com as obrigaçoens mayores, e mais miudas. E sendo tudo facil de crer de tal pessoa, naõ se satisfez com menos, que dar testemunhos vivos, que foraõ dar tanta fazenda, peças, e dinheiro ao Convento, que claramente se vio, que naõ ouvera de importar tanto o dote de Freira do Choro. Além do que pollo pouco serviço, que sua fraqueza prometia no estado, que escolhia de antemaõ o suprio, e pagou com dar per sy tres escravas moças pera descansarem as Madres das portas adentro; e tres escravos homens pera as servirem de fóra. Na hora que entrou era de ver huma Matrona, que no mundo mandara sempre grande familia, governara muita, e grossa fazenda, assentada entre as moças que serviaõ o Mosteiro; e aly com hum taboleiro de trigo diante; porque suas forças naõ eraõ pera mayor trabalho, escolhendo por suas mãos o que havia de ser mantimento de todas; e naõ espantava tanto a obra, como o gosto, e consolaçaõ

laçaõ com que a fazia; lembrada do que está escrito, que tem premio depositado, e certo de Profeta, quem agasalha o Profeta; e a sancta Velha inda passava adiante: porque tinha por mercê de Deos, verse naquella quietaçaõ de corpo, e alma, livre de todo o cuidado da terra, e por honra, que o mesmo Senhor lhe fazia no cargo de servir gente, que só em o servir se empregava. Com estes pensamentos hia passando pollas mãos aquelles grãos de trigo; e levantando a alma ao mais alto do Ceo, passava muitas horas em oraçaõ mental, e sancta uniaõ com o Senhor delle. Ficava o trigo escolhido, e limpo; e muitas vezes humidicido, e lentejado da agoa, que seus olhos estillavaõ com o fogo da oraçaõ pera tornar crescido ao Mosteiro, e mais facil de moer na atafona. Quando cessava esta occupaçaõ, porque naõ deixasse nunca de orar, entendia com o sancto Rosario, rezando vocalmente; e assi gastava todo o tempo com Deos; e como quem a elle só queria, e a elle só buscara, enxergavaselhe em tudo o que fazia huma profunda humildade. Sentia muito, que as Madres a tratassem com o respeito do tempo de secular, como faziaõ, dezejando que de todo se perdesse entre ellas a lembrança de seu estado, e de seu sangue. O trato do vestido era como da mais pobre, e mais humilde; e se via alguma mais necessitada, logo lhe offerecia o que trazia, e naõ descançava até lhe ser aceitado. Na meza naõ consentia fazerlhe differença do que se dava à Communidade. A pobre pitança recebia com levantar mãos, e olhos ao Ceo, em graça de que lha dava Deos de graça em sua casa, e entre sanctas, e servas suas, guisada sem cuidado seu, recebida sem estrondo de criados (miseria incomportavel dos Grandes do Mundo) e que fazendo conta, que de tanto bem naõ era digna, buscava modos de a destemperar pera que perdesse algum bom sabor, se o tinha. Dos exercicios, que usava mais espirituais, era o segredo tanto, que só os Confessores tinhaõ delles noticia. O Padre Mestre Frey Luis de Granada, que muito tempo a confessou, tinha feito hum tratado de sua vida, que nos honrara esta Historia com particularidades de grandes virtudes, e penitencias suas, e tambem com favores, e mercês que recebia do Senhor, e sobre tudo com a eloquencia de ouro do Mestre. Este desappareceo de sua cella, quando falleceo: e todavia bastante prova he do muito, que havia que dizer della, tomar este Padre o cargo de ser seu Chronista. Foy ultimo acto do grande espiritu desta Senhora, quando Deos a chamou pera sy, pedir com humildade à Prelada, que por esmolla lhe quizesse dar, como a pobre huma sepultura entre as servidoras, em algum canto da Crasta.

Seguio taõ sancto exemplo quem naõ era menos illustre no sangue, nem menos levantada no estado, que foy Dona Aldonça de Mendoça filha do Capitaõ da Ilha da Madeira, mulher de Dom Joaõ Mascarenhas irmaõ, e successor da casa, fazenda, e officio de Dom Fernaõ

naõ Martins marido de Dona Elvira, de quem agora dissemos. Acabara Dom Joaõ com elRey Dom Sebastiaõ na jornada de Africa; Rey, e jornada de sempre triste memoria. Acolheuse ella a sagrado pera cura das magoas gerais, e particulares suas: e achouse tam bem do conselho, que lhe valeo estender a vida desabafadamente trinta, e sinco annos entre aquelles claustros sagrados: que assi faz Deos com quem deixa tudo por elle; começa a paga nesta vida, como tem prometido: naõ porque esta paga temporal tenha valia, senaõ pera que seja penhor da eterna. Esta Senhora acabou consigo deixar fazenda, e estado, que pera com muita gente he genero de milagre: mas tudo he pouco em comparaçaõ de deixar filhos, que saõ pedaços d'alma, e filhos mininos, que se fazem amar mais: e ella acabou consigo cortar pollo affecto natural, e amor de mãy; por naõ faltar ao de Deos, que a chamava. Recolhida no Mosteiro, naõ se atreveo com o estado de professa do Choro, nem com o de servidora, como Dona Elvira: mas sem tomar hum, nem outro, vivia de maneira, que ambos parecia guardar perfeitamente. No Choro se achava sempre a todas as horas: no serviço do Altar, como vivia senhora de alguma renda, com que quiz ficar por naõ pedir a seus filhos, como aconselha o Sabio, e principalmente pera exercitar officios de misericordia com os pobres, despendia largamente, acudindo naõ só com o necessario de cera, e ornamentos, mas com o superfluo (que nada he superfluo no serviço de Deos) de perfumes, caçoulas, e agoas de cheiro por toda a roda do anno, e com aventagem nas festas. O mesmo animo, e liberalidade, que tinha pera o Culto Divino, mostrava com toda a Casa: acudia com largas esmollas à Communidade: acudia com particulares a cada Religiosa, e isto tanto sem cerimonia, que despois de encher de mimos a qualquer que adoecia, naõ se contentava com menos, que ficar sua enfermeira perpetua. Com as que falleciaõ continuava à cabeceira, como se fora mãy de cada huma, até acabarem: e despois que acabavaõ, tinhaõ della sinco Missas, que logo mandava dizer por cada huma; e o mesmo sem differença fazia com as servidoras. A esta charidade da terra juntava hum grande, e affervorado amor de Deos, de que ella procedia, e huma particular devaçaõ a todas as festas de Nosso Senhor, e Nossa Senhora, e de muitos Sanctos. O dia da Sancta Madalena celebrava com grande gosto; nelle, e na vespera dava taõ custoso, e esplendido jantar à Communidade, que só nisto mostrava inda espiritus seculares. Passavaõlhe de trinta, e quarenta mil reis de despesa: e o mesmo fazia no dia, que a Igreja solemniza sua Conversaõ: e nos de Santa Martha, e S. Lazaro, respeito de sua irmã, e de serem todos tres agazalhadores do Bom Jesus, em quanto peregrinou na terra. Foy a morte desta Senhora semelhante a tal vida. Por certo se tem, e o successo della o mostrou, que lhe foy revelada: por-

Eccl.

porque confessandose por hum dia de finados com o Padre Frey Fernando de Castro, que era Vigairo, lhe disse duas cousas, que logo se viraõ cumpridas. Foy a primeira, que aquella confissaõ era da morte, e que por isso queria juntamente receber o Santissimo Sacramento: e a segunda, que naquelle mesmo lugar, em que se confessava, que era o Choro debaixo, havia de ser sua sepultura. Foy a confissaõ hum sabbado, o principio da doença logo ao Domingo: o mal febre maligna; a morte à sesta feira, antes de entrar no seteno; e o enterro, e sepultura no Choro debaixo. Bem nos declara tal morte qual seria a vida de quem assi acabou; inda que della naõ souberamos outra cousa. Mas naõ quiz Deos, que ouvesse só este testemunho: com outro muito espantoso honrou sua memoria. Fabricoulhe muitos annos despois seu filho mais velho Dom Fernaõ Martins Mascarenhas nova sepultura. Ao tresladar do corpo, achandose todo desfeito, só a maõ direita estava inteira; por verdadeiro sinal de que naõ esqueciaõ no Ceo as esmollas, com que de cdntino se estendia pera os pobres.

Mas porque fallamos na sepultura, será bem dizermos o feitio della, que merece memoria, por qual he, e por quem primeiro a povoou. Contractou seu filho Dom Fernaõ Martins com o Mosteiro tomar o Choro debaixo pera jazigo seu, e dos seus; e profundouo tanto por todo, que lançandolhe huma abobada até o andar que de antes tinha, que tambem he o mesmo da Igreja, ficou formada huma grande salla subterranea, que melhor merece este nome, que o de carneiro. Correolhe em roda hum poyal alto de pedraria pera assento das Essas, ou caixoens dos defunctos. A entrada ordenou com acertado conselho, que ficasse da banda de fóra. He na Igreja em meyo de hum lageado de boa pedraria, que toma toda a largura da Igreja; onde se vê no meyo huma fermosa campa presa de quatro argollas de bronze grossas, e fortes: a qual levantada descobre huma larga, e bem lançada escada, que desce, e vay demandar huma porta, que abre na salla, porta grande, e firme, lavrada de boa madeira, e seguramente fechada. Entre as grades de hum, e outro Choro fica hum letreiro entalhado em pedra muito alva, e fina, que com caracteres dourados declara cujo he o enterro, e quem o mandou fabricar. Mas porque naõ faltasse a taõ bom edificio material o espiritual mais necessario pera as almas, ordenou, além de outros suffragios, duas Missas quotidianas, que vaõ dizer dous Padres do Convento, que temos no baixo da Villa; do que ao diante fallará a Historia.

Sustenta este Mosteiro de ordinario com a renda que possue, que pera o tempo prezente he assaz curta, sincoenta Religiosas. Tem na festa de sua invocaçaõ, que he da Annunciaçaõ de Nossa Senhora, hum jubileo plenissimo desdas primeiras vesperas até sol posto do dia seguinte, com licença pera se absolverem os penitentes de todos os casos reservados à Sé Apostolica, excepto

os

os da Bulla da Cea: e haver commutaçaõ de votos; como naõ sejaõ de Hierusalem, Roma, Sanctiago, Religiaõ, e Castidade. Foy a graça concedida pollo Papa Pio Quarto à instancia de Dom Fernaõ Martins Mascarenhas, quando assistio no Concilio de Trento por Embaixador d'elRey Dom Sebastiaõ. Digna consideraçaõ se offerece neste ponto do muito que pode em tudo a differença dos tempos, cotejando com a largueza deste jubileo dado à petiçaõ de hum vassallo, a estreiteza das graças, que pouco ha temos referido concedeo Leaõ Decimo a requerimento de hum Principe de Portugal pera o nosso Convento da Serra de Almeirim.

Concluamos o que ha desta Casa de Montemór com hum milagre de grande gloria de Deos, que nella obrou a intercessaõ de S. Hiacinto nosso Sancto, e particularmente milagroso neste Reyno, despois de sua canonizaçaõ. Havia tres annos, e meyo, que vivia entrevada a Madre Isabel do Calvario: fora o mal hum Ar de poplexia, que lhe deu no miolo, e nos olhos, e juntamente nos pés. Ficou taõ curta de vista, que lhe faltava pouco pera a cegar, taõ fraca da cabeça, que naõ era senhora de a manear, com vagados, e desmayos: aos pés se communicavaõ da cabeça, que estava tolhida delles, e naõ dava hum passo sem ajuda de duas pessoas. Chegando o dia da festa do Sancto, pedio que a levassem ao Choro; e nelle esteve até que as Freiras se foraõ pera o Refeitorio. Vindo entaõ duas Freiras pera a levarem pera o leyto, rogoulhes, que a chegassem ao Altar do Sancto, que está no Choro, ahy a lançassem, e a deixassem, que se queria encommendar de vagar a elle: deixada, reclinou a cabeça no degráo do Altar, requerendo ao Sancto com devaçaõ, e lagrimas, se compadecesse de sua aleijaõ, e lhe alcançasse de Deos saude pera o poder servir, sem dar toda a vida pejo, e trabalho às que as serviaõ. Valeo o favor da intercessaõ, ajudou a virtude, e necessidade de quem pedia; acudio o Senhor com sua misericordia: antes que despegasse do altar, se achou com vista clara, como quando a melhor tivera; e livre de todo o mal da cabeça, e com tanta força nos pés, que sem ajuda nenhuma, e espantando a quantas a viaõ, caminhou pera o leyto. Foy milagre taõ patente, que pareceo às Madres, que pera honra de Deos, e de seu Sancto seria bem authenticarse. Mandaraõ a Evora: propozse ao Ordinario, fizeraõse as diligencias, ficou aprovado pera se poder prégar.

Fim do Livro sexto,

E da Segunda Parte da Chronica de S. Domingos do Reyno de Portugal.

Quam in omnibus, & per omnia subdimus, & subjacere volumus Sanctæ Romanæ Ecclesiæ censuræ.

TABOA-

TABOADA

DOS CAPITULOS DESTA SEGUNDA PARTE da Hiſtoria de S. Domingos particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal.

LIVRO I.

LIVRO II.

LIVRO III.

LIVRO IV.

LIVRO V.

LIVRO VI.

F I M.